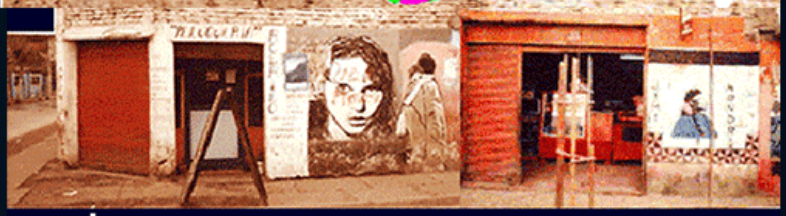
James Anhanguera

ERA UMA VEZ A REVOLUÇÃO



almanaque

revoluciomnibus.com

do maior
movimento
de juventude
da história

relato inédito
antes
durante
depois

50 DO 25

APRESENTAÇÃO

ERA UMA VEZ A REVOLUÇÃO

almanaque das ideias cores e sons

do maior movimento de juventude da história

da era do rock

& da contracultura

com relato inédito sobre Portugal antes e durante o chamado período revolucionário em curso (PREC) gerado pelo golpe militar de 25 de Abril de 1974

Enquanto crescíamos havia muita gente que acreditava que ainda iria viver num mundo totalmente diferente. Hoje em dia parece que tudo aquilo sequer existiu.

Quem ousará ainda acreditar na regeneração da humanidade?

M A I O N E S E - A C O N S C I E N C I A C O S M I C A

Com Heard, Huxley continua a estudar a teoria de sucessores do darwinismo como o filósofo francês Henri Bergson, para quem o processo evolutivo é controlado por um élan (impulso) vital através do qual a espécie humana buscaria a cada passo alcançar um grau superior de complexidade e capacidade de raciocínio e ação. Segundo Bergson, o universo seria uma máquina que cria deuses por meio de um processo de evolução mental progressiva, premissa fundamental para o super-homem nietzscheano e a teoria do psicólogo canadiano Richard Bucke que, após um processo de milhões de anos para a percepção da consciência e depois da autoconsciência, o próximo passo do homem seria a assunção da consciência cósmica.

https://revoluciomnibus.com/AFomeNoHuxley.htm

A consciência cósmica dos melhores contos dos anos 1950 e 1960 cantados por grandes trovadores parece agora uma maionese, uma mistura de ideias imagéticas e sons no mínimo desacordados e de pouco sentido prático. No seu melhor, como Aldous Huxley diz (segundo Jay Stevens) sobre a técnica de Gurdjeff, cheira a "muito nirvana e geleia de morango". Mesmo estando na gênese de múltiplas ferramentas do nosso cotidiano.

o despertar de um sonho no alvorecer da existência

Para além da chamada nova era da velha exploração da falta de espírito (dos livros de autoajuda aos falsos treinadores científico-esotéricos), todos os componentes da maionese, geleia ou o que quer que seja aparecem em inúmeras ferramentas e atitudes da chamada modernidade global , que nasceu na década de 1960

com a chegada do Boeing 707 e dos satélites de comunicação.
As forças da neurose venceram, mas muitas das ideias, imagens e sons da época são pistas ou pontes para o que é essencial na vida.

ERA UMA VEZ A REVOLUÇÃO

vagalume vagamundo na era do rock e da contracultura

BEATERATURA

Vida aventureira de um jovem no underground e no bas-fond entre os anos 1960 e 1980

Por dentro e por fora em Londres

Terra da Dama Eletroacústica

Rumo às ilhas da utopia

Medo atraso e rock no grotão

Era uma vez a revolução

Droga loucura e vagabundagem

Apêndices - ou Da Teoria à Prática ou Vice-Versa

Era uma vez as revoluções

Rumo às ilhas da utopia II

CONTRA CULTURA

Cedo se apercebeu de que o remédio era cavalgar o tigre em que montara sem pensar muito no destino, cavalgar só para não ficar parado sobre a fera que a todo o instante ameaça engoli-lo.

Somos a gente boa da nova geração abençoada. Temos de lhes mostrar como somos diferentes: novos e abençoados. Chegaremos lá, meu amor, ao topo da montanha. E então, talvez antes do que pensas, seremos livres de verdade, dentro de nós, porque essa é a única liberdade que podemos preservar e manter. Faremos deste amor uma coisa nova e construiremos ao seu redor um mundo aberto a todo mundo.

- Mas vem cá, tá tudo muito careta à nossa volta e os caretas desbundando tanto nas ondas mais vergonhosas que a gente até se retrai.

so listen to the rhythm of the gentle bossa nova

narrativas de rock estrada e assuntos ligados

ERA UMA VEZ A REVOLUÇÃO

Há mais meio século o Verão do Amor e a Revolução das Flores. O homo occidentalis atinge a consciência cósmica no que parece ter sido somente um megacarnaval psicodélico mas que poderia talvez ajudá-lo a salvar-se da extinção. Meio século depois e mais de três sobre a Revolução das Flores e o Verão do Amor portugueses, que também vivenciou em exílio voluntário na Europa, o narrador revive e faz o balanço das ideias em que se formou. Ou na visão de muita gente em que se deformou.

Wilhelm Meister? Werther? ***Bildungsroman?!***

Nada disso. Por esse prisma, ***Unbildungsroman!*** – romance de "deformação", "deseducação".

ERA UMA VEZ A REVOLUÇÃO

Descrição do álbum de retratos, da discoteca, da biblioteca e do HD de Edgar Lessa que são os da geração que viveu o maior movimento de juventude da história.

Nada de onda retrô nem superficialidade e pedantismo de uma certa nova era.

ERA UMA VEZ A REVOLUÇÃO

não é um retrovisor passadista congelado no flashback ou em busca da arca do paraíso perdido. Um passeio pelo nosso tempo a partir da gênese de maneiras de ver e pensar a vida e os caminhos do homem incorporadas à ordem do dia ao longo do século XX e sobretudo no pós-Segunda Guerra Mundial e que o próprio despautério das lideranças político-econômicas faz com que permaneçam nos horizontes contemporâneos.

O jovem repórter Edgar Lessa narra sua vivência e percepção de fenômenos estéticos e comportamentais revolucionários decorrentes de um longo período de prosperidade econômica mas também de permanentes distúrbios e injustiças que geram grande insatisfação da juventude. A juventude dos países superdesenvolvidos – e também de

alguns de seus satélites – forma pela primeira vez uma massa com acesso ao mercado e os pretendem ter voz ativa e impor os seus valores ingênuos de autenticidade e pureza a uma sociedade doente, apesar da prosperidade material de uma minoria, baseada em valores hipócritas e/ou caducos. A originalidade do fenômeno gera um permanente fascínio, patente em constantes revisões e releituras daquela breve era renascimentonta. Como se fosse imprescindível retomar daquele ponto para tentar uma saída que não seja pelo holocausto.

Do reino de todos os mitos e lendas Edgar Lessa resvala para uma recôndita província da Europa Ocidental, quase na Idade Média e muito mediana, de onde em poucos se vê projetado para uma versão tardia e aloprada da Revolução das Flores e uma condensação em estilo misto de Reader's Digest e Freak Brothers de todas as ondas vividas no mundo ocidental mais de uma década antes. A queda das ditaduras grega, portuguesa e espanhola nos anos 1970 marcou o início do triunfo da democracia liberal, segundo Francis Fukuyama em O Fim da História e o Último Homem.

Edgar Lessa está lá enquanto as últimas ditaduras do centro do mundo ocidental caem de caducas, caem literalmente da cadeira, nos casos das ditaduras ibéricas, e a Dama de Ferro e as reaganomics nos entubam no mercado global, mais selvagem que o primeiro homem. A narrativa cobre o último meio século – a idade do rock – e no início se concentra na Inglaterra mas a ação decorre em grande parte em Portugal na década de 1970, quando cai a mais longa e uma das últimas Dois capítulos do relato transcorrem no período de um ano e meio da que chegou a ser tida na época como a última revolução do século XX, a chamada Revolução dos Cravos, em certa medida ainda enquadrável no último vagido da revolução industrial (Eric Hobsbawn sobre Maio de 68), quando Portugal despertou do arcaísmo agrário neofeudal - a Quinta Salazar – para o capitalismo de consumo, na visão a quente de P.P. Pasolini.

Mais que a ela no entanto o relato reporta-se a toda a era em que o próprio conceito de revolução é posto em questão e Norman O. Brown chega a afirmar que a verdadeira revolução é a que visa acabar com a política. Uma era de profundos questionamentos e contestação radical de valores e instituições da civilização ocidental e da sua abertura a outros estilos de vida. Que desde então se vem tentando confinar num dos (para todos os efeitos) mais excitantes capítulos da história mas que tem sido e tende a ser cada vez mais o ponto de partida para todas as tentativas de melhoria das condições de vida no planeta.

Afinal, o maior movimento de juventude da história, na Era das Utopias - talvez a verdadeira protagonista do relato –, não terá sido apenas um aspecto alucinante do passado recente e fenómenos como o movimento de antipsiquiatria, por exemplo, devaneios alucinados sem (con)sequência mas a gênese de um movimento irreversível, embora hoje talvez quase imperceptível, rumo ao utópico 'revivalismo arcaico' prefigurado por Terence McKenna (1992). Se é que a humanidade pode ainda sonhar com algum tipo de convivência sadia consigo mesma e com Gaia e ainda pode sonhar com sobrevivência.

ERA UMA VEZ A REVOLUÇÃO

é um divertissement ilustrado, cronistória, docudrama em estilo de jornal-diário de viagem de uma era e de uma geração que em termos gerais se projetou das trevas do racionalismo científico careta para a possibilidade de uma nova consciência cósmica. É também monografia de referência, espécie de enciclopédia ou almanaque de uma era mas sobre temas de permanente atualidade, como o nascimento e apogeu da era do rock (300 nomes de cantores, músicos e grupos citados) e da contracultura.

Debruça-se sobre assuntos polêmicos e ainda na ordem do dia como drogas (também citadas e documentadas centenas de vezes) e loucura, psiquiatria e antipsiquiatria (comentadas e documentadas em longos trechos do digitexto). Aborda em detalhe o mundo da rádio – um dos baluartes do movimento de contestação do 'Sistema' à época do início do relato -, com 40 emissoras e programas de dez países citados, e da imprensa - mais de 80 jornais e revistas de sete países. Serve também de referência literária (duas centenas de autores e obras) e cinematográfica (centena e meia de filmes, atores e diretores citados). Elegia da utopia da liberdade individual e coletiva na vida de jovens que ao entrar na idade adulta veem sua existência sacudida por uma hipótese de revolução, mostra de passagem, sem falsos pudores, moralismo e nostalgia insípida, a trajetória de personagens que por inépcia, loucura, inadequação ou opção não se enquadraram num mundo caótico e sem ideais.

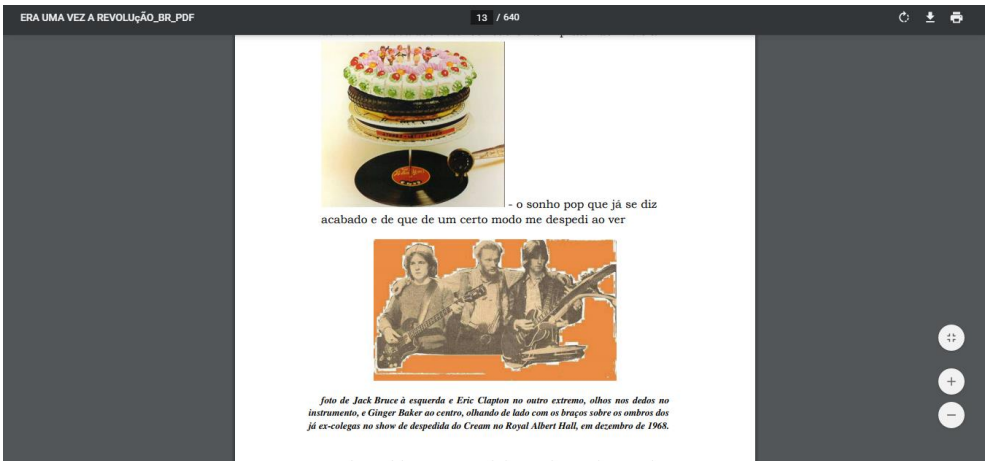
Da Teoria à Prática, Ou Vice-Versa, o livro contém dois apêndices com o background da trajetória do narrador, que é a do mundo entre os séculos XIX e XXI, entre a segunda e a terceira revolução industrial.

UMA HISTÓRIA DO ROCK

de um dos seus mananciais - bluesrock: Londres – Inglaterra

UMA HISTÓRIA DO 25 DE ABRIL EM PORTUGAL

com relato inédito sobre Portugal antes e durante o chamado período revolucionário em curso (PREC) gerado pelo golpe militar de 25 de Abril de 1974



Por dentro e por fora em Londres

Inglaterra, Lisboa e Vilar de Mouros, 1970-71

Um mergulho de cabeça numa das capitais do rock e da contracultura e na grande noite arcaica, decadente e clandestina, nos ícones, paradigmas e paradoxos dos estertores da ditadura salazarista-marcelista.

Edgar Lessa, brasileiro de 16 anos, estreia em Lisboa entre duas etapas em Londres. Vive (e revive) na Swinging London o que resta do sonho pop-rock ou de contracultura, um outro vastíssimo subterrâneo ou mundo paralelo de luta por maior liberdade no pós-guerra de prosperidade e cinismo.

Em Londres reencontra Jimi, amigo de infância no Rio de Janeiro e seu alterego, ou vice-versa. Shows/concertos, festivais e astros de rock, no estúdio e na estrada com o d.j. John Peel, de Norte a Sul da ilha, dizendo Hello Goodbye a um grande sonho.

Can´t find my way home

Gilberto Gil Back in London

John Walters by phone

Jim Morrison vivo e bem entre os wai-wai

poP! so listen to the rhythm of the gentle bossa nova

Cannabis na floresta das iniciações: as aventuras de Jimi Sawyer e Ed Finn na floresta

Éramos assim absurdos em 1967

Top Gear

Rádio Pirata

Groupie

Chelmsford além dos madrigais

Chelmsford Civic Hall

Liverpool St. Station: skinheads

Minha atitude em geral é de êxtase contido

Nos Peel Acres

After Bathing at Buxton´s

Festivais – rock festivals

Grace Slick in Wonderland

Down and out

Huxley Leary Lennon

Boom boom the british are here

Rumo a Sunderland e Northumberland

poP! so listen to the rhythm of the gentle bossa nova

"Fumar"

Para Bath

Festivais – rock festivals

The cover of Rolling Stone

morre Jimi Hendrix

Terra da Dama Eletroacústica

Lisboa, 1971

Novela epistolográfica (é o termo) sobre lendas e utopias juvenis dos trovadores e das mil e uma noites à Nação de Woodstock.

Radio on Hyndford St.

Lady D´Arbanville

Radio days

Portugal: primavera marcelista

Goin´ back

Let it be

Regresso às raízes

April Sun

Beat

Hippies

poP! so listen to the rhythm of the gentle bossa nova

Medo atraso e rock no grotão

Londres, Cambridge e Lisboa 1971-74

Entre Londres e Cambridge Ed diz *Goodbye* (?) ao grande sonho.

Em Lisboa trabalha em programas de rádio e num jornal que são baluartes da resistência à ditadura e mergulha no bas-fond da longa noite salazarista-marcelista, semiclandestina, clandestina ou decadente, tendo como pano de fundo o mundo dos jornais e do

rádio, da música, do cinema e do teatro e a 'vida de café' daqueles tempos.

A noite de 24 para 25 de Abril de 1974 e da alvorada da chamada Revolução dos Cravos encontra-o de serviço na Rádio Renascença enquanto esta transmite, sem que quase ninguém saiba, a senha de saída dos militares dos quartéis.

Rock no grotão – Vilar de Mouros 1971

Jimi Morrison morre: a síndrome J 27

Ten Years After Coliseum

Camden Town

Oval under the sun

Gong Kevin Ayers Soft Machine

Cam Bridges

Vladimir Nabokov

Pimlico Irish Coffee

Easy Rider

Clandestinidade – notas do subterrâneo

Portugal: primavera marcelista – estertores

Retrato da América Negra – Angela Davis Last Poets

República

Androginia

Cascais Jazz 1973

Boemia

Os músicos da noite

Zecafonso

Ariel ou o Anjo Azul

Era uma vez a revolução

Lisboa, Porto, 1974-75

Ed está na RR – que proíbe qualquer alusão ao golpe – e passa a manhã e a tarde no Largo do Carmo, onde constata que o putsch não redundará numa revolta popular. Em poucos dias, a rádio estará também no centro dos acontecimentos com a sua famosa 'ocupação' a 30 de Abril de 1974.

Aos 20 anos o protagonista toma parte ativa em acontecimentos cruciais dos primeiros meses de agitação, acompanhando em close sobressaltos derivados da queda de braço nos bastidores políticos pelo controle do poder.

Em poucos meses uma revista com que colabora fecha e é despedido da rádio sob a acusação de 'extremismo'.

Do centro às margens Ed entra em contato com segmentos que de uma maneira ou de outra contribuem para o alargamento do espectro político-existencial em que se desenvolvem os acontecimentos até 25 de novembro de 1975, quando acaba a 'revolução'.

Nunca é tarde: Portugal vive finalmente o seu Verão do Amor e a sua Revolução das Flores, muito embora sem pôr minimamente em causa valores, símbolos e instituições pacífica ou violentamente contestados ainda àquela época em sociedades mais avançadas.

Portugal: 25 de Abril de 1974

Rádio Renascença

Portugal: 1º de Maio de 1974

Portugal: 28 de Maio de 1974

4 de Julho

Portugal: 28 de Setembro de 1974

Eloith e o destino

Clearlight

Sintra

Portugal: 11 de Março de 1975

Drogas: dissertação

Mad e in Lisbon

Homulher

Verão quente

Angola

Droga Loucura e Vagabundagem

Lisboa, Algarve, Marselha, Paris, Vilar de Mouros, 1974-82

Um suicídio e a psiquiatrização e morte de uma personagem dão o tom de um penoso regresso à 'normalidade' após um ano e meio de psicodramas individuais e coletivos num cotidiano totalmente fora de qualquer padrão de rotina.

Portugal 'entra nos eixos' muito metamorfoseado, sem um Ultramar de pesadelos e a braços com um destino inexorável: a Europa e a 'invasão espanhola' (Eça de Queirós).

A estrada. Nomadismo e vagabundagem ontem e hoje.

Anaïs

Freak Brothers

Diamond Dogs

They drive by night

Portugal: 25 de Novembro de 1975

a lou

cura aqui

a loucura

agora

uma estação no inferno

Lisboa-Marselha-Paris

França longe de Maio de 68

And When I Die - Laura Nyro

Anaïs

Orange

Casa Nostra

Festa de arromba

U2 + Sun Ra – Vilar de Mouros 1982

Da Teoria à Prática Ou Vice-Versa

Rumo às ilhas da Utopia

Primeiro levantamento global profundo e alargado do Movimento (pop, pop art, contracultural) do gênero em português a partir da vida e obra de Aldous Huxley.

Aldous Huxley

Regresso às raízes

Cuba

Vietnã

direitos civis

Guerra às drogas

Psicodélicos

Contracultura

Era uma vez as revoluções

O maior movimento de juventude da história, na Era das Utopias, não terá sido apenas um aspecto alucinante do passado recente e fenómenos como o movimento de antipsiquiatria, por exemplo, devaneios alucinados sem (con)sequência mas a génese de um movimento irreversível – embora hoje talvez quase imperceptível – rumo ao utópico 'revivalismo arcaico' prefigurado por Terence McKenna (1992).

Se é que a humanidade pode ainda sonhar com algum tipo de convivência sadia consigo mesma e com Gaia e ainda pode sonhar com sobrevivência.

Thatcher, Reagan e o FIM DA HISTÓRIA

Wall Street

Guerra às drogas

Hunter S. Thompson

contém no final

INDICE Onomástico bibliográfico cinematográfico histórico iconográfico musical e temático

demonstrativo de temas e citações

arquitectura astronomia artes plásticas cinema contracultura esoterismo dança drogas desporto HQ/BD economia história jornais e revistas literatura locais: cafés, pastelarias, bares, restaurantes, cinemas medicina moda música: angolana, bolero, cabo-verdiana, chilena, cubana, dita clássica contemporânea, francesa, indiana, italiana, jazz, moçambicana, brasileira, portuguesa, rock, tango política rádio/rádio pirata religião e misticismo tauromaquia teatro

TV ir para INDICE

MÚSICAS a banda sonora de

ERA UMA VEZ A REVOLUÇÃO

https://www.revoluciomnibus.com/Era-Uma-Vez-A-Revolucao-playlist.html

playlists no youtube @revolucomnibus

www.youtube.com/channel/UC_vbXMhIink6E9Tznqi1hFA

Por dentro e por fora em Londres
Terra da dama electroacústica

Medo atraso e rock nas berças

Era uma vez a revolução

Droga loucura e vagabundagem

ERA UMA VEZ A REVOLUÇÃO

Mas onde está o mal, Sr. Conselheiro, se fuzilarmos alguns padres, alguns proprietários obesos e alguns marqueses caquéticos! Era uma limpezinha!... E fazia o gesto de afiar a faca.

Eça de Queirós – O Primo Basílio

Libertad! Democracy! Século vinte ao longe!
Pum! pum! pum! pum! pum!
PUM!

Álvaro de Campos

O inimigo era, e ainda é, o político, isto é, a pessoa que quer organizar a vida dos outros e pô-los na linha.

W. H. Auden

Jimi Hendrix, *If 6 Was 9* – recitativo:

Conservadores de colarinho branco relampejam rua abaixo apontando os seus dedos de plástico em minha direção. Esperam que os da minha laia morram e apodreçam, mas vou fazer a minha bandeira freak ondular bem alto...

Por dentro e por fora em Londres

O Boeing 737 da BEA desce em Lisboa sob forte turbulência em função do vento num fim de tarde de setembro de 1970. Vê-se uma favela entre hortas a dois passos do aeroporto, que de tão pequeno mais parece uma aerogare como a de *Casablanca*.

Quase um menino selvagem, com cabelos em caracóis cacheados se alongando sobre os ombros, barba rala e inculta, roupas e adereços comprados nas feiras de Portobello Road e Camden, onde Londres tem mais ar de metrópole secular, cheia de antilhanos com as suas originais toucas de lã auriverdes&rubronegras, turbantes e barbas sikhs e saris hindus, jaquetão de sarja e mochila verdeescuros, camiseta verde e preta imitando as de beisebol, com um ***4*** bem grande estampado no peito, sapatos rasos com uma presilha ao lado do peito do pé, como os de Marc Bolan do Tyrannosaurus Rex, e uma meia amarelo-ovo e outra vermelho vivo debaixo de um só em princípio sóbrio par de jeans marrom de cotelê, porque com incisões em canelado formando floreados de alto a baixo é capaz de também dar nas vistas além da conta, atravessa a cidade quase sem dar por ela, olhando pela janela do táxi sem prestar atenção a nada, o coração apertado porque não queria deixar Londres e desde que partiu do Rio de Janeiro para lá há três meses Lisboa era um espectro de destino quase inevitável a evitar a todo custo. Mas o frio mais intenso já estava chegando e não dava para sobreviver com poucos recursos numa cidade tão cara.

Só acorda dos maus pensamentos quando o Mercedes 180 passa pelo Cais do Sodré e a estreitristeza do cenário, comparado aos de amplos horizontes das margens do Tâmisa e dos parques e do Rio, mistura-se à dele, de perspectivas tão cinzentas.

Rompeu o cordão umbilical ao trocar o Rio por Londres, alegadamente para praticar inglês mas já com a ideia de ficar para se deliciar devagar com uma fatia do bolo da capa de Let it Bleed dos Stones sobre um prato de vitrola

- o sonho pop que já se diz acabado e de que de um certo modo se despediu ao ver

foto de Jack Bruce à esquerda e Eric Clapton no outro extremo, olhos nos dedos no instrumento, e Ginger Baker ao centro, a olhar de lado com os braços sobre os ombros dos já ex-colegas no concerto de despedida do Cream no Royal Albert Hall, em dezembro de 1968.

Cultura adolescente na era da juventude e música em toda a sua novíssima dimensão eletrônica. A caminho dos 15 anos, leu a notícia e recortou a fotografia ao som da eletrizante versão de Joe Cocker de *With a Little Help From My Friends*, um canto estraçalhado de sirene do rock num ano explosivo, com *Street Fighting Man*, dos Stones, *Electric Ladyland*, de Jimi Hendrix, e *Hello I Love You*, do The Doors, e o álbum branco dos Beatles, entre uma porrada de sons siderais. Nunca é tarde, para ele o sonho apenas começara. Ouvia música pop e rock o dia todo. Em menos de dois anos estava em Londres, até porque lá estão dois exilados eméritos que sobre ele exerceram influência extraordinária em termos comportamentais, Gilberto Gil e Caetano Veloso, os 'papas' da Tropicália.

O aspecto do taxista já lhe parece opressivo, boné preto que, ao parar num sinal, tira com uma mão e coça com o mindinho e o seu vizinho o alto da testa, onde começam os cabelos castanhos claros ondulados e muito curtos. Olha-o pelo retrovisor anafado na sua camisa de manga curta cingida ao corpo com ar reprovador, como se estivesse a ver um bicho e a pensar: veio de avião ou é um marciano?

Da ladra, mas roupa a brilhar de nova, jaquetão e mochila saídos do depósito do glorioso *British Army* onde só fizeram escala sem ser desembalados entre a fábrica e os mercados de Camden e de Portobello, belo, numa rua insolitamente buliçosa aos sábados de manhã num bairro dormente, mais que adormecido, junto a Notting Hill Gate.

- Hi, *Guil*!!

Um espeto igual a Ed, ar de marinheiro mediterrâneo esquálido, fauces róseo-púrpuras, o meco ultra-famoso, Stephen Georgiou, filho do dono de um restaurante grego das redondezas a que deram a alcunha de Cat - Cat Stevens, bate no ombro de Gilberto Gil, que se dá com gregos e troianos no mundo do rock, franzino também após alguns meses de macrobiótica e reflexão sobre a prisão num quartel do Rio de Janeiro a que foi parar não porque roubou ou matou e a distância a que foi projetado no exílio forçado. Reflecte horas a fio sentado sobre uma esteira de tatame e só fala quando, após longas sequências de dedilhamento e acordes, num paciente estudo do vviolão, como que a perder a paciência grita *mas eu tenho que dominar esses dois dedos!*, querendo dizer separar o mais possível o mindinho do anelar para explorar ao máximo o potencial da mão na execução do que agora, mais que um meio de vida, é uma arma de resistência aos fantasmas da dúvida que o assaltam, longe da terra em que, ao ser obrigado a abandonar, lançou o seu maior êxito popular, *Aquele Abraço* de despedida, temendo que seja a da própria carreira.

Gil acaba de lançar em vinil a necessária aposta numa carreira internacional a partir de Londres, com uma tocante versão solo de *Can't Find My Way Home*, que Steve Winwood lançou no lendário LP dos Blind Faith e de que fez a mais perfeita tradução do sentimento em relação ao difícil momento político que o seu país, sob ditadura militar, e existencial que ele, no exílio, vivem: *Desça do seu trono e esqueça o seu corpo, alguém tem de mudar*.

Um dia telefonou a John Walters, ex-trompetista do Alan Price Set, que fez muito sucesso em meados da década, e produtor de *Top Gear*, o programa de John Peel na Radio 1 da BBC.

- Hi ya John, I'm a brazilian youngster just mad about John Peel's work, I'm in London for a brief journey and would love to introduce ya both to some outrageous brazilian fellow

who plays lots of good music, like a gorgeous solo version of Can't Find My Way Home*, would ya like to hear it? Man, it's the prettiest thing that ever came out of the rock scene in Brazil!*

- Oh, yeah... Brazil, then... I'da...

- Ok, so would you like to make an appointment with me to show the stuff and see if Peel would like to play it too?

- Right, would you care to show up here at the Broadcasting House next Saturday at 2 p.m.? Tell the attendant to call me.

Segue até lá com Jimi Sawyer, que reencontrou na chegada a Londres na Bush House olhando embasbacado de uma balaustrada a plateia de um antigo teatro transformada em enorme berçário com quatro estrados longitudinais e o dobro de filas de máquinas de telex acionadas, ora uma, ora outra, aqui, ali e acolá, por correspondentes do BBC World Service de todos os pontos do Globo, algo entre o dantesco e o orwelliano, pelo cenário, com um toque de Kafka, pelo absurdo, as máquinas a produzir um matraqueado monótono, a aumentar e diminuir de intensidade consoante o fluxo de movimento mas frio, sem expressar a presumível emoção dos repórteres ao ver a fita picotada com as suas informações a entrar por um lado e sair por outro da lateral direita da máquina emissora e a impressora transcrever por automatismo o picotado a longuíssimas distâncias:

Kuala Lumpur... Cairo... Bogota - June, 21st – imagina, a mirar de longe as primeiras máquinas de telex da sua vida.

Jimi nada dissera ainda. Telefonou-lhe do aeroporto e marcaram encontro na Bush House, onde o parceiro fez amizade com pessoal da seção portuguesa da BBC através de um seu jovem colaborador que se exilou em Londres em fuga da guerra colonial portuguesa em África. Disse-lhe em carta que costuma almoçar lá porque é o único lugar onde pode fazer uma refeição completa com o pouco dinheiro que tem, *além da* disgusting student guest house *onde o senhor também terá o desprazer de se hospedar*. Marcaram encontro para dali a três horas, porque Jimi estava na *guest house*, em Chelmsford, a uns 50 km de Londres, e ele precisava comprar de imediato uma roupa mais pesada, porque faz mais frio do que previa.

Engancha um dos gambetos no seu pescoço e com a outra mão aberta aponta para o recinto, antes de levá-la à correia da sua mochila de campanha militar, longos cabelos encaracolados até as costas, magro como um Gandhi, quase à sua imagem e semelhança, um outro corpo idêntico descolado do seu, ou seu alter ego.

- *Welcome, my dear. BE welcome*

Uma coisa os distingue mais que qualquer outra. Ao contrário de Ed, Jimi é um moço extrovertido e sociável. Dispara ao amigo português que o levou até lá uma série de perguntas sobre a teia de correspondentes da BBC para pô-lo ao corrente da sua grandiosidade enquanto se dirigem à cantina da Bush House. É também um tanto mitômano este Jimi.

Na fila do self-service vêem Ivan Lessa, fundador e correspondente do *Pasquim*, primeiro e por enquanto único órgão da imprensa alternativa brasileiro, que conheceram de vista de uma incursão ao Zepelim, um bar de Ipanema. O português apresenta-os como *dois amigos brasileiros*.

- E alguém duvida? – ironiza o jornalista, cujo mau (ou, doutro ponto de vista, bom) humor é já lendário, a apontar de longe para o passaporte entalado entre o cinto e a blusa de lã de Shetland roxa que Ed acaba de comprar numa loja das imediações. – Brasil gigante, tricampeão do mundo de futebol, Sérgio *Mendez and Brazil sixty-six*, tudo bem! Mas não precisa exagerar! – alfineta, lançando-lhe à cara o estigma de um outro ex-preso político no exílio, se bem que de certo modo voluntário, e acertando-o em cheio, logo enrubescido, porque ditadura à parte, e já tinham uma base mínima de formação política, dias antes em Santa Teresa Ed jactava-se de estar em trânsito para o berço do *football* mal o capitão Carlos Alberto Torres ergueu a taça no Estádio Azteca da Cidade do México e interrogava-se sem empáfia se haveria ufanismo patriótico em sentir-se orgulho de ser do país que levara também a famosa cantora, anos antes, a sugerir: *so listen to the rhythm of the gentle bossa nova*.

Jimi veio abrir caminho sob o mesmo pretexto que usou para chegar à ilha: viagem de estudo para praticar inglês. Sem vontade de topar com uma faculdade, planearam a sortida para ficar por um bom tempo – *Pouco, dizemos; um mês, mas nem vamos pensar em quanto tempo. Talvez para sempre; quem sabe não nos casamos e ficamos por lá a comer o tal do* chicken pie*?* – galhofava ele, e os dois crentes que, melhor que o trinado dos bem-te-vis, o calor e a sombra das bananeiras, seria experimentar a sensação de sentir a umidade do *fog on the Thames*... - E *on the Tyne*! – brincava Jimi, aludindo ao título de um disco do Lindisfarne, de Newcastle, que acabara de sair. Tudo pelo sonho pop, o seu lugar para morar desde que, lá pelos nove anos, encantaram-se com os Beatles.

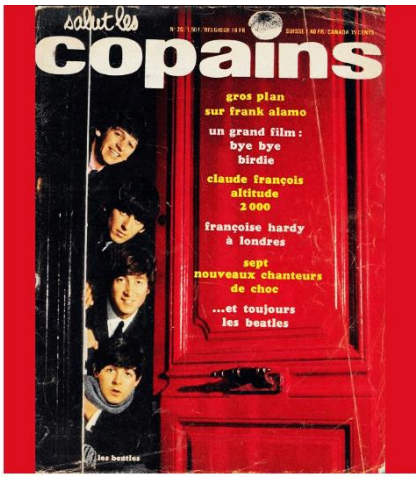
Moravam na mesma rua, uma ladeira sobre a Baía de Guanabara, com o Pão de Açúcar a dominar o panorama ao fundo. Quando não jogavam pelada à tarde, o que faziam cada vez menos, depois do almoço e de fazer os trabalhos de casa iam até a floresta atrás dos quintais e ficavam a ler, a ouvir música e a conversar sobre o que liam e ouviam.

Na segunda metade dos anos 60 acordava-se de manhã, ligava-se o rádio e raro era o dia em que não se ouvia uma coisa original, uma sonoridade, uma combinação tímbrica absolutamente nova, mesmo em faixas que mais tarde se veriam não serem grande coisa mas que os enleavam e enlevavam, fosse pelo *riff* de uma guitarra ou o estalo de um ataque de órgão à-la Bach ou de um naipe de metais, pelo estilo da canção ou pelo ritmo. Era um desbunde acordar-se quase sempre para a revelação de uma sonoridade

absolutamente original, até pela novidade dos instrumentos e aparelhagens que se começava a usar.

Na floresta, um dos lugares mais perto e mais recônditos da civilização, onde ainda não existe rádio FM para dar uma alternativa ao comercialismo da rádio AM, sobretudo os serões parecem de sessões espíritas em que tentam manter a custo, dependendo das condições climáticas, a sintonia em ondas curtas do BBC World Service, um dos seus faróis desde 1967-68.

Pouco a pouco esgotaram as pequenas bibliotecas básicas dos pais, com 'os maiores clássicos da literatura universal', para jovens e adultos, benditos e alguns até bastante malditos, como Dostoievski, que não era lá muito bem visto à sua volta, e passaram a gastar parte das suas parcas mesadas em alfarrabistas do centro da cidade. Os trocados iam-se todos em livros de segunda mão, porque não dava para novos, filmes muito bem escolhidinhos, porque só dava para dois ou três por mês, quando dava, e compras alternadas e quase sempre muito ponderadas de discos e jornais de música e da chamada imprensa underground inglesa, americana e francesa importados por algumas discotecas de Ipanema e vendidos em bancas de revista do centro da cidade, a que iam a pé, em longas caminhadas, ladeiras abaixo e acima, para poupar o dinheiro do bonde. Começaram a soletrar francês de início nas páginas de *Salut les Copains*, uma revista para adolescentes que sempre trazia reportagens ou entrevistas com astros da música pop e rock, a maior parte franceses, mas não importava – foi lá que leram pela primeira vez sobre um *meteco*, Georges Moustaki - e depois na *Rock & Folk*, *Pop Music* e *Best*, também de Paris.



Pouco antes de ir para Londres estavam a tentar entender todas as alusões dos editoriais da *Ramparts*, uma revista mensal da chamada Nova Esquerda americana em que pontificava o linguista e ativista político Noam Chomsky, os seríssimos artigos de fundo de Ralph J. Gleason e as peripécias político-existenciais de Hunter S. Thompson, ossos não menos duros de roer, nas páginas do jornal *Rolling Stone*, de San Francisco.

Revezavam-se em discotecas de Ipanema a escutar de fones as últimas novidades discográficas de Londres, Nova York e Los Angeles. Compravam um ou outro e alternavam-se em escuta constante das obras-primas seminais, para o que faziam também um stock de reserva de fitas gravadas ao microfone num gravador Geloso que andava de lá pra cá entre as duas casas, sem ligação direta com os pick-ups, o que exigia adestramento na captação de som para que as gravações não ficassem com muitos vestígios de som ambiente ou reverberações.

A duras penas, na oficina, Ed aprendia a escrever português traduzindo inglês de jornais, revistas, discos e livros. A modernidade e o espírito universalista foram-lhe transmitidos por via intravenosa pelo rock.

Georges Ohnet era motivo de piada permanente. Edgar quase foi reprovvado em Português aos 13 anos porque numa das primeiras aulas o professor pediu que escrevessem uma redação sobre o livro que estavam a ler. Escreveu sobre *O Grande Industrial*, que na verdade devorava pela terceira vez, e ficou besta com a reação do professor, um Unrat sem tirar nem pôr, embora mais jovem, sem um sorriso sob os olhos carrancudos atrás dos óculos de lentes grossas e a saliva a espumar nos cantos da boca quando discursava sobre regras gramaticais. O homem estava furioso quando lhe devolveu a folha, a bradar que aquilo não passava de subliteratura do tipo Corin Tellado, que era uma best-seller de livros de bolso de romances cor-de-rosa e, com isso, a desclassificá-lo da pior maneira. O impulso para tirar o livvro da estante entre os clássicos da mãe para o ler pela primeira vez veio de erro de interpretação que não o fez entender até à ocasião a ironia contida de Torquato Neto em *Mamãe Coragem* quando Caetano Veloso canta ... *leia O Grande Industrial.* É claro que o professor era mas é um grande careta e que, mais do que com a história lamechas de primeiro plano, talvez ficasse fulo com a que o romântico francês

desenhou no pano de fundo: um quadro muita bem parido do início da ascensão da burguesia na *campagne*.

Só anos mais tarde soube que o livro é alvo de muita polêmica entre a crítica francesa, uns assumindo a posição do professor, outros a tê-lo como de algum valor até pelo entrecho, digamos, político-sociológico, uma vingancinha a longa distância no tempo e no espaço em relação a professores e preconceitos que podem danar a vida dum gajo para sempre, porque no caso o homem passou a olhá-lo de esguelha e a não dar-lhe nenhuma folga em gramática, que sem mais nem que passou a ter de encarar como Matemática.

Jimi Sawyer é apelido, dá para ver. Um dia na floresta, não há tanto tempo assim, disse que resolvera mudar de nome. A ideia veio-lhe dias antes, quando decidiu escrever sobre rock impulsionado pela primeira audição de um disco ao vivo do The Byrds com uma versão de 8 minutos de *Eight Miles High*.

- Que se dane o (...seu verdadeiro nome)!

E decretou que a partir de então os dois amigos, Ed e Solemar, estavam proibidos de sequer lembrá-lo do verdadeiro nome.

- O Jimi parece-me óbvio... Jimi Hendrix – assentiu Ed.

- Sim, o Grande Jimi, mas há também os Jims. Você conhece aquela história do The Byrds, tá lembrado? As suas primeiras formações davam ideia de que era um grupo de garagem de dois irmãos mas em que só um deles, Jim McGuinn, que parece sobrenome de bandoleiro de western, atuava quando começou a tocar profissionalmente. O tal do Jim desapareceu e Roger, que o substituiu, diz que veio para o Brasil. Diz-se que Jim foi uma invenção dele e que o que fez foi mudar de nome. Não importa. Ontem, sem mais o que fazer, fiquei pensando em alter-egos e viagens imaginárias. A de James Douglas Morrison, dito Jim, filho de um oficial da *US Navy* ou coisa que o valha, no deserto de Nevada mais os lagartos e o xamanismo dos índios navajos da região. Fiquei a magicar também no que poderia Jim McGuinn vir fazer ao Brasil, se existisse e tivesse realmente vindo para cá. Onde poderia estar? Nem por acaso no *Repórter Esso* dão uma notícia sobre aqueles índios que os irmãos Villas Boas contactaram pela primeira vez no Amapá, os Waiãpi. O cacique chama-se Wai Wai. Tive o estalo. E se os Villas Boas vissem entre eles um americano esquisito que se tivesse embrenhado na floresta e decidido ir até onde nenhum homem branco jamais fora? E pensei numa notícia de jornal americano – e aponta no ar com um dedo: *Jim McGuinn está vivo e bem entre os wai wai* – em negrito porque enfatiza como um locutor de telejornal. - Porque cê sacumé, americano confunde tudo, poderiam perfeitamente trocar o nome da tribo pelo do cacique. Já pensou? Um branco temerário enlouquecido, sem qualquer interesse pela vida civilizada, que vai até ao fim do mundo para, quem sabe, encontrar um xamã, entusiasmado pelas lendas contadas por um jovem poeta louco que conheceu em Venice Beach, Jim Morrison.

- Que história, *Jimi*! Mas o que tem a ver o Sawyer com os Jims e Jimis?

- O Sawyer é uma homenagem à infância, à cabeça dos seres ditos selvagens, aos primitivos, aos que como nós vivem do cheiro do húmus da terra húmida e do canto dos pássaros. E depois, entre os pântanos do grande Mississipi e esta floresta há muita diferença, mas estar aqui a dois passos dos arranha-céus da grande cidade, em pleno mato que como sabemos foi replantado depois de ter sido devastado por plantadores de chá e café, mas ainda assim quase virgem, onde não se escuta uma buzina, e no sul dos Estados Unidos há um século e meio, por incrível que pareça é quase o mesmo que estar lá, naquela época, quando ainda havia mata virgem ao lado dos campos de algodão. E aqui e lá havia a mesma escravidão. É uma homenagem à criança e ao aventureiro.

Numa das tardes de Jimi Sawyer e Ed Finn na floresta, Solemar, o outro membro do trio da rua, notou uma planta com mais de metro e meio de altura atrás do muro da casa de Edgar.

- Olha só... olha só quem é ela!

- E *quem* é?

- Que bicha enorme, não sabia que crescia tanto!... É a também tida como erva maldita e que parece ser mas é das mil maravilhas, danada de boa! Como é que veio crescer logo aqui?!

A floresta na encosta atrás da rua era a sua casa na árvore. Muitas vezes, nas férias, passava todo o dia ali, a ler e a ouvir música no seu transistor Crown - a música popular brasileira de consumo e o pop no apogeu, a produzir grandes clássicos e clássicos instantâneos de plástico, que valiam pelo momento, efervescente, alucinante, a partir de 1962, 63. Desde sempre na sua vida, enfim.

Quando ficava a ler ouvia apenas o ruído de pássaros, com sabiás e bem-te-vis no domínio da orquestra, grunhidos de micos e coaxar de sapos e pererecas.

O irmão de Sol, Lucas, levou anos a juntar dinheiro para comprar um bilhete de avião e, aos 17, convenceu a dona de uma boutique em Ipanema a comprar roupas e quinquilharias da moda de Carnaby Street. Em pouquíssimo tempo estava a aviar malas king size com roupas, cintos, incenso, patchouli, medalhões e discos que vendia a amigos e a donos de lojas da Zona Sul. Era fanático por carros e pela Fórmula 1, especialmente por Jim Clark, o que o levava a fazer excursões regulares também a Brands Hatch para ver treinos. Vestia-se e comportava-se como um autêntico mod, ternos completos e camisas floridas e com golas enormes, como as gravatas, tudo bem justo ao corpo, as calças de boca-de-sino com embocaduras alargadas ou diminuídas a partir de modelos que copiava e procurava aperfeiçoar com um excelente alfaiate a quem recomendou os mais novos e com quem passaram a fazer as suas roupas. Quando começou a vender os seus produtos de importabando e uma ou outra coisa bastante curtida que já se fazia no Brasil na feira hippie da Praça General Osório, em

Ipanema, já se desleixara um pouco, mas também a moda modern passara de moda, um pouco à imagem da evolução visual do The Who.

Mas antes não passava uma semana sem ir ao alfaiate com alguma capa de disco ou foto de revista a servir de modelo das peças que mandava fazer, as calças com abertura de bolsos oblíquas em relação à cintura e a experimentar, uma após outra, aberturas e tamanhos diferentes para as bocas-de-sino. Não tinha nada na cabeça, como já se dizia à época e comentava-se no trio dos mais novos, referindo-se à sua 'alienação', ou falta de consciência política, não se preocupando minimamente com os rumos do país e do mundo. Episódios como a prisão de Gilberto Gil e Caetano Veloso, que os mais novos seguiam atentamente a cada passo, em 1969, serviam para aprofundar as suas tentativas de compreensão da sociedade brasileira e do mundo. Mas ainda assim Lu Silveira foi um modelo para eles, que até por falta de dinheiro, mas também por princípio, por não terem dúvidas de que era melhor investir as mesadas em discos, jornais, revistas e livros, desleixavam-se um pouco, com um estilo mais hippie, digamos. Mas seria impossível atingir a perfeição de alinhamento de Lu Silveira, o rei das redondezas, coroado quando tirou a carteira e comprou um Karmann Ghia descapotável em segunda mão, que mandou pintar de cor de laranja num tom atingido com misturas que também ensaiou com o pintor. Na época mod, tinha predileção especial por música soul e rhythm and blues, mais toda aquela linha pop inglesa mais próxima à rítmica negra, como os êxitos dos Foundations, que era a música que animava as festas a que ia e de que fazia relatos picantes, pela maneira como se referia às sessões de dança com os *brotinhos*.

O universo do trio era dominado por esse imaginário, do pop mais comercial, bolado e embalado pelo Sistema ao mais bizarro, do último disco, revista ou livro que lhes caía nas mãos a programas de TV como *Dois na Bossa*, de Elis Regina e Jair Rodrigues, *Ensaio Geral*, de Caetano Veloso e Gilberto Gil, e *Jovem Guarda*, de Roberto Carlos e a sua turma.

Eram assim absurdos em 1967, tinha Ed 13 anos. Certo que já não pertencia à geração que nos anos 60 dinamitou as estruturas da sociedade, mas pode-se dizer que se foi precoce nalguma coisa foi em captar no ato a expressão mais profunda do que acontecia de novo e diferente. Mesmo que não entendesse o fenômeno em toda a sua amplitude. Mas o essencial era aquilo mesmo, desde que se lembrava, aos cinco anos de idade, quando ouviu pela primeira vez *Chega de Saudade* por João Gilberto, em 1959. Em 67 copiou em si um pedaço aqui outro ali da roupa que os pálidos Rolling Stones usavam na capa do LP *Between the Buttons*, camisa verde claro com grandes colarinhos presos nas pontas por botões, espampanante gravata florida com laço do tamanho de uma dália, que espantava os pequeno-burgueses quando passava na rua de casaco do terno apertado na cintura e que ia até muito abaixo do rabo, com forro do mesmo tecido da gravata e calças com bocas-de-sino que escondiam os mocassins, os cabelos já retomando os cachos de bebê. Era o mais pop possível para o meio em que vivia, tão longe da *Swinging London*, de onde chegavam todas as manhãs sons que davam-lhe choques de vitalidade pela novidade, a plasticidade alucinógena do órgão bem para cá de Bach de Gary Brooker em *A Whiter Shade of Pale*, a voz fanhosa de Mick Jagger a atacar o estribilho de *Ruby Tuesday*, a não menos alucinoclássicobachiana *All You Need is Love* – e de recapitular agora dá para pensar em como o pop era *barrock* em 1967. Fora, do outro lado do mar, *Good Vibrations*, com aquela sonoridade tão solar, sei lá. Só de pensar: 13 anos, e quando da casa da vizinha soa uma daquelas músicas de Johnny Rivers dá até vontade de chorar, sentindo-se ele lá, naquelas jovens tardes de sábado a tomar fôlego para viver e a absorver sofregamente cada sensação trazida pelos discos através das ondas hertzianas antes ou depois de dar um mergulho na literatura clássica que formatou o seu disco rígido de romantismo *hard*, fosse Twain, Mirabeau ou Maupassant.

Até que numa noite de 1969 vê-se num concerto dos Mutantes, coisa rapidíssima, de uma hora, mas que durou tanto que parece que afinal nunca desceu daquele ácido, *ops!*, quer-se dizer, nunca mais voltou daquela viagem. Puxa daqui e puxa dali em poucas semanas estava a escrever algumas notas a propósito de um disco com uma compilação de sucessos dos Byrds, a ver se o fazia melhor que Jimi.

Mas isso de rádio é uma coisa muito estranha. Nascido com o rock and roll em 1954, no auge da influência da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, que se ouvia de uma ponta a outra do país-continente, uma das suas primeiras e mais vivas lembranças é a do pequeno rádio de mesa de baquelite azul claro e creme. Cresceu a ver a tarde a cair ao som das músicas irradiadas pelo serviço de altifalantes de uma favela num morro a umas poucas centenas de metros de casa, que também ouvia muito do radinho de pilha que passou a viver pendurado ao seu ouvido. Aos nove anos, com os Beatles, passou a tentar inventar um jeito de cantar em inglês *Twist and Shout* e *I Wanna Hold Your Hand*, quando só pensava em usar calças bem apertadas e sem vinco e botinas à-beatle. Um ano depois o Rio fez 400 anos e houve um concurso intercolegial para escolher o melhor trabalho sobre a efeméride. Nem sabia como teve a ideia de escrever uma reconstituição da fundação da cidade como se fosse uma reportagem de rádio em direto. Gravada em fita, a 'reportagem' foi escolhida para representar a escola, o que fez mal porque ninguém teve a ideia de amplificar o som do gravador que, posto no chão do salão de uma escola, com o bruá-bruá dos presentes, ninguém poderia ouvir, a não ser que encostasse o ouvido ao aparelho como eles.

Acaso? Premonição? Vocação? – Como? Nunca sonhou em ser radialista, nem músico ou cantor, e todavia...

Um dia, uma música talvez *Ponteio*, de Edu Lobo (cuja pujança do galope de repente pode arrebatar inconscientemente qualquer um), ou *Baby*, de Caetano Veloso (quem sabe alienante na sua tamanha singeleza), ou quem sabe ainda a bachiana inesperada da introdução de *Whiter Shade of Pale* fê-lo cavalgar um sonho que já à partida parecia-lhe impossível, mas ainda assim insistiu e por trocas e baldrocas foi levando aos trancos e solavancos, alucinadamente, até pensar que talvez tivesse engrenado e tomado a estrada dourada. Dali tudo passou a ser possível, mas talvez tenha errado em não se conscientizar de que, sonho por sonho, tem de ser vivido intensamente a todo o instante – para que quem entre em contato se aperceba e se maravilhe com o próprio fato de tudo ser fruto de uma invenção mirabolante - no plano da loucura, e ao se contentar com o que obtivera tenha perdido o compasso da valsa para se estatelar na própria poça em que, louco desvalido, sempre se via refletido.

Um sonho sem meta. Cedo se apercebeu de que o jeito era cavalgar o tigre em que montara sem pensar muito no destino, cavalgar só para não ficar parado sobre a fera que a todo o instante ameaça engoli-lo.

É da geração que nasce quando a bossa nova germinava nas boates de Copacabana e que recebe o fruto do trabalho dos seus mestres e dos alunos que se reuniam no apartamento de Nara Leão, também em Copa. Nasceu no ano do suicídio de Getúlio Vargas e do primeiro disco de Elvis. Sambolero, dor de cotovelo, música imprópria para menores, e depois do rockabilly o hully-gully e o twist, The Beatles e *O Barquinho*, coisas que moldam uma existência para sempre.

- Peraí. Tenho um número da *High Times* que o meu irmão trouxe de Londres com a foto dela na capa. Vou buscar para vermos se é ou não o que estou pensando – diz Solemar já a passar pelo portão de madeira do quintal de fundos da casa, que dava acesso à floresta. Aquele número da revista tinha tudo o que era preciso saber sobre marijuana, a erva que, levada pelos escravos bantos de Angola para o Brasil, de diamba, a saber por que cargas d'água, passa a ser designada ma-co-nha. Nome maldito, associado nos programas populares de rádio sobre crimes aos piores criminosos da cidade, Mineirinho, Cara de Cavalo, gente assim. Desenterraram o pé da bicha, embrulharam-na em folhas de jornal e à falta de melhor esconderijo penduraram de cabeça para baixo a uma árvore na floresta. Até que um mês depois, seguindo as instruções da revista, picotaram a parte das flores com tesoura e muito nervosos enrolaram um pedaço a uma mortalha que Solemar fanara ao irmão – que, pensando bem, não a trouxe de Londres só para vender – e fumaram.

A coisa teve um efeito diabólico sobre Ed no plano físico, causando uma espécie de terremoto, com sensações em relação às quais eles só se tranquilizavam porque dizíam uns aos outros que deviam ser normais, e em pouco tempo as esqueciam, submersos em ondas de riso ou de maravilhamento por pequenos fenômenos naturais, como um beija-flor a bicar um copo de sorvete pendurado a um gancho posto num ramo de uma mangueira com água açucarada ou uma perereca a pular de um lado ao outro de uma conduta de água das chuvas.

Horas depois estava sozinho em casa a ver um filme com Mae West na TV, ou melhor, a olhar para a tela mas a ver em transparência, além dela, um turbilhão de sobressaltos, assombrado e ensombrado pela sensação de pecado capital que aquele passo lhe dera, como se tivesse dado um salto abismal para o que pressentia como o outro lado da vida, como se a vida 'normal' tal como se lhe apresentara até então tivesse ficado para trás no quintal de casa, e as sensações que experimentava, mas sobretudo o gesto em si de fumar um baseado, o tivesse projetado muito além do muro e daquela floresta num mundo obtuso, contendo significados desconhecidos, simbolizáveis pelos mistérios que uma floresta muito mais primitiva e densa do que aquela possa esconder. Um passo para... *a marginalidade*? – *Para onde, meu*

Deus? – questionava-se, já então descrente, só pelo hábito por demais enraizado no Brasil do uso da alocução, assaltado pelos fantasmas da i-le-ga-li-da-de em que mergulhara. Foi ali, então, que atinou ou destrambelhou? Certo é que no dia seguinte, após falarem sobre tudo isso, já estavam a enrolar um outro.

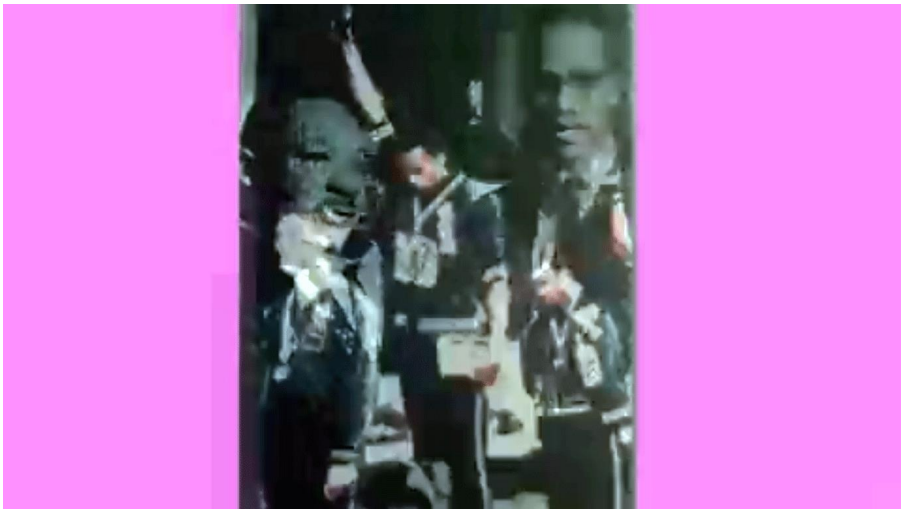
Em poucos dias já fumavam e ficavam a aplicar colírio nos olhos enquanto se divertiam a escutar música na floresta, porque os pais já os interrogavam sobre a razão de estarem sempre com eles tão vermelhos.

AS AVENTURAS DE JIMI SAWYER E ED FINN NA FLORESTA

E a floresta das iniciações permanece lá e naqueles tempos, vista do jardim, a mangueira frondosa com orquídeas a florescer no tronco e bem-te-vis a cantar sob a sua enorme copa, num país essencialmente agrícola e ainda muito selvagem, com apenas dois grandes oásis de civilização, de sociedade moderna, snobs e consumistas: Rio e São Paulo.

As próprias brincadeiras de caubois, de caubois e índios (*Cowboys and Indians*), *mocinho* e bandido, os bons e os maus da fita, era já a expressão disso, da consciência de fronteira e do que estava além dela, quando Ed chega à conclusão de que era melhor ser índio - *I decided I'd rather be an indian* -, sem ainda ter consciência do drama do extermínio dos índios brasileiros e norte-americanos a que de um certo modo o Blood Sweat & Tears pretenderam aludir na canção - e nem se sonhava ainda com *Bury My Heart at Wounded Knee*.

Ao ver todas as noites cenas de Paris, dia e noite, *boulevards* cheios de detritos, paralepípedos soltos, carros incendiados, pedras e bombas de gás lacrimogêneo e os tanques soviéticos a pavonear-se prepotentes pelas ruas de Praga, olha para os jovens arruaceiros como para os índios ou o seu clube de futebol, focando lentes simpáticas a eles e raivosas aos polícias e blindados.



Foi também profundo o gozo ao ouvir pela primeira vez os espasmos orgásmicos de *Crosstown Traffic* e *All Along The Watchtower*, de Jimi Hendrix, e a sublime versão de Joe Cocker de *With a Little Help From My Friends*, como fundo marcaram a cadência e os improvisos geniais da seleção brasileira de futebol de 1970. Ou o frémito sentido ao lado de Jimi e Solemar quando os dois atletas negros americanos que conquistaram medalhas nos Jogos Olímpicos do México em 68 ergueram os punhos fechados das mãos enluvadas de preto em inacreditáveis gestos de orgulho e coragem. Era do contra, mesmo sem saber muito bem o que isso era.

O rei da manhã na Radio One é Tony Blackburn, exuberante na voz baritonada com aquele espírito de otimismo e boa disposição de plástico tipo publicidade de dentifrício próprio dos programas radiofônicos do início da manhã, a detonar toda a espécie de droga que chega aos *Top 20*. Blackburn é da extirpe em rádio cuja função é expressa à perfeição numa etiqueta que só frequenta as listas de mais vendidos invisíveis da chamada *classical music*, a voz do seu dono, em que o cão está a ouvir o que o dono dita. No meio de muita droga, na verdadeira acepção do termo, lá entra uma ou outra música bestial, para o gosto de Ed, que nem faz a barba e portanto nem perde muito tempo a escutá-lo. John Peel sentenciou que o ano passado já foi ruinzito para o rock, mas em termos de êxitos 1970 ainda produz gandas clássicos como *Gimme Shelter*, dos Rolling Stones, os do segundo disco dos Led Zeppelin, os remanescentes do acervo de Fleetwood Mac e tanta coisa das novas ondas do folk-rock e do soft-rock, como *Your Song*, uma das suas maiores criações.

Depois de Blackburn vem Emperor Rosko, tido nos meios como o melhor animador de rádio – ou disc jockey – europeu, misto de cabeça de Peel, Blackburn e Peter Sellers.

Tony Blackburn

Peel é de uma outra cepa, a que quer tudo diferente do que é e a BBC procura ocultar, porque o rebuliço tem de ficar circunscrito ao folclore do turismo pop, que faz o tricolor de paralelas e oblíquas da *Union Jack* o sonho máximo de consumo de qualquer *teenybopper*, como a indústria apressou-se a etiquetar os adolescentes da geração da agitação, do Movimento. E é ver onde chega o raio de influência da coisa:

> ***I'm a 19-year-old Ceylonese youth working as an amateur musician and studying in school. I'm interested in writing to an English girl (preferebly from the London area). My hobbies are: music, art, sculpture, scooter riding and hunting. My favourite groups are: Rolling Stones, Procol Harum, Thunderclap Newman, Who and Scott Walker – J. K. Damian Perera, Ulhitiyawa, Wennappuwa, Ceylon.***

Ao contrário da voz petulantemente solar do boa pinta Blackburn e dos guinchos do Emperor, um mod *avant la lettre*, apesar da imagem e do estilo, Peel tem timbre e tom de aristocrata, voz mansa, e por isso mesmo com toques às vezes soturnos, que não daria para ouvir nem ali na esquina e que só graças ao milagre da eletrônica chega lá onde o sol nunca se põe, a provar como certos génios modernos, tipo Sinatra, Elvis e João Gilberto, que não é preciso urrar para se fazer ouvir.

Star à nascença, mas como muitos no meio com aversão a *star* e a sê-lo. Suéter de lã em grossas listas verdes, azuis, lilases e amarelas, tricotado à mão, vai-se a ver presente dalgum hippie ou pechincha de Portobello ou Camden, onde se abastece de gravações mais ou menos obscuras dos anos 30, 40 ou 50 em 78 rpm ou 33 de nove polegadas, ou tricotado pela *girlfriend* Pig. De Peel, os cabelos lisos, ralos nas têmporas, vão até aos ombros, atrás de uma barba igualmente castanha clara e bem aparada. Olhos de baixo

para cima, pergunta quase em surdina, a segurar a capa do disco do negro de cabelo *blackpower* e barba densa.

- *Is that really special?*

Underground e music hall Londres 3 visões 1RADIO

A aura tipo introspectiva de Peel baseia-se numa lenda ancorada ao largo das águas territoriais britânicas, Radio London, onde fez a fama.

As rádios piratas contra o monopólio da BBC

No dia 29 de Março de 1964 começa a operar de um navio ancorado ao largo de Frinton, no condado de Essex, a primeira estação de rádio 'livre', tendo por objetivo transmitir a música que a programação da conservadora BBC, única estação de rádio com potência para cobrir todo o território britânico, não permitia. Alguns meses mais tarde, Roman O'Rahilly, o responsável pela empreitada, adquiriu o Frederyka *e deslocou a emissora 'pirata' para a Costa Sul da Inglaterra, onde a Radio Caroline passa a transmitir em força, ocupando durante 18 horas a banda dos 201 metros de Onda Média. O seu mastro principal era uma antena.*

Uma rádio muito mais dinâmica do que a inglesa até então, que sacou os tiques & os toques do modelo americano de estação Top 40*, concebida para passar apenas discos que chegam às tabelas de classificação de vendas. Surge na Europa a maquineta de jingles, através da qual os disc jockeys lançam pequenos spots cantados ou instrumentais que lhes dão tempo para engolir a saliva, molhar os lábios e continuar a apresentar hits em velocidade estonteante.*

Surge entretanto uma outra estação flutuante a transmitir fora das águas territoriais britânicas, no Mar do Norte, com um programa chamado Perfumed Garden *(a partir do título de um espécie de Kama Sutra árabe), que foge ao esquema* Top 40*, transmitindo uma música menos 'instantânea', apresentada de*

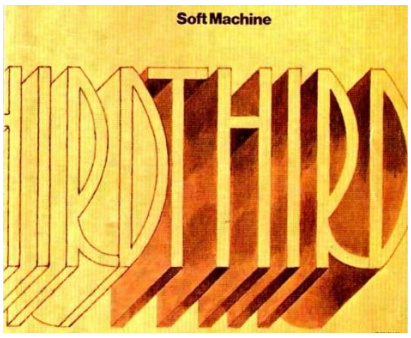
maneira completamente diferente da fórmula dos d.j.s. O seu realizador, John Peel, trouxe da América, onde trabalhou em estações Top 40*, o modelo das estações de FM que surgiram na esteira da pioneira KMPX-FM de Tom Donahue, em São Francisco. A exemplo da Caroline, em pouquíssimo tempo a Radio London virou lenda* – the Big L.

Lei da Rainha de 1967 põe os piratas definitivamente na clandestinidade e as estações fecham. Em troca a BBC oferece-lhes nove horas de emissão do seu primeiro canal, Radio 1, que passa a ser a primeira pop music radio station *europeia. Mas o monopólio da BBC continua e em 1969 surgem no Mar do Norte outras três estações piratas: Radio Nord See, com potência para cobrir toda a Europa, e Radios Veronica e Capital, que mal cobriam o território britânico. Na guerra que volta a desencadear-se o British Post passa a bombardear a banda dos 270 metros da North Sea com sinais de mil ciclos e a rádio sai do ar, para voltar com muito menos potência em 1970, quando nasce a Radio Geronimo, que transmite de Andorra com uma potência de 400 watts, oito vezes superior à da Radio London.*

O fenómeno das rádios piratas pop irá durar ainda alguns anos com a Veronica, a Nord See International e a nova Radio Caroline operando a cerca de cinco milhas da costa holandesa, por alturas de Scheveningen, com antenas de 10 KW que mal dão para atingir o sul da Inglaterra. O seu pessoal recebe salários com meses de atraso e só pode deslocar-se a terra de três em três semanas. Operando 24 horas por dia a Radio Caroline transmite em holandês (6h-18h) e inglês (18h-6h). O trabalho de estúdio é feito por quatro locutores, que também

fazem a limpeza e vigiam da torre os movimentos da polícia costeira, tal como acontece com a tripulação do Mi Amigo*, o barco da Radio Nord See.*

Piratas radiofônicos. Edgar pensa, em simultâneo com o ato ilícito de fumar erva – e ao que tudo indica aquela brotou espontaneamente (na base do que dizia Caminha na carta a El-Rei, com a diferença de que, em vez de *em se plantando*, deveria ter escrito em se lançando à terra, dá) -, que aqueles jovens aparentemente muito honestos estavam a cometer infracção penal. Crime de *pi-ra-ta-ria*, com um estilo de vida fora dos padrões, embora se saiba que a tripulação se comprometia a não usar drogas a bordo. Se gente tão diferente como Peel ou Jonathan King, *superstars avant la lettre* e superegos, não a tivessem já, saíam de lá com a cabeça virada.



O primeiro Soft Machine nunca se esquece, sobretudo quando se leva o tapão aos 16 anos. No caso, uma das obras-primas do rock, ou algo parecido. Discursos prolíficos de 15 minutos ou mais, como o de *Moon in June*, no ar em *Top Gear*, uma faixa para cada membro do quarteto num duplo LP, só uma cantada, com letra de igual extensão, pelo baterista Robert Wyatt, tudo sob o mais refinado toque de vanguarda neste como em qualquer tempo, quase contemporâneo e irmão de *In a Silent Way*, de Miles Davis.

Que diria dos primeiros de Kevin Ayers, a próxima atração de Peel, que depois de *Girl On a Swing* e *The Lady Rachel* lança *Can't Find My Way Home* no espaço hertziano.

Ouve-se a voz do dono de *Top Gear*, o gutural Captain Beefheart em *Hot Rats*, quando Peel é chamado à régie, de onde volta a pedir-lhes que dêem a Stevie Winwood, no aparelho, possíveis contactos com o já co-autor da canção. Do outro lado do aquário ouvem-no a falar com a voz mansa do cantor americano como um *extraterrestrial friend* e apresentar uma faixa do duplo LP de Beefheart com a Magic Band, *Trout Mask Replica*.

- Combinei com Stevie ir tomar um *pint* no Speakeasy para ver Juicy Lucy. Vocês se *importariam* de vir? – diz-lhes Peel no regresso. Arregalam os olhos como a dizer que não se *importariam* nada.

Underground e music hall: Londres 3 visões 2

O encontro é às dez. Com cuidado, o porteiro põe a mão no ombro e olha bem na cara de Jimi. Parece hesitar e chega a causar pânico com a ameaça de pedir-lhes os documentos e barrar-lhes a entrada.

Lá embaixo uma equipa de televisão grava cenas para um programa sobre um livro que acaba de ser publicado, *Groupie*, de que nem ouviram falar. À entrada e espalhados por toda a sala posters de publicidade do livro. 'fuzz' (penugem), 'speed' (...), 'spliffs' (?!). A sensacional história de Kathie, Groupie de 19 anos enquanto ela "pulls" (com aspas) de grupo pop em grupo pop.

- Como é? – pergunta-se a John.

Faz ar de enjôo.

- A coisa mais interessante, aparte a agilidade da heroína, é que parece que foi escrito por uma máquina.

Winwood está numa mesa com duas *gorgeous ladies*, uma loura, outra mulata, que parecem saídas da capa de *Electric Ladyland*. Peel vai até lá e limita-se a cumprimentar e trocar duas palavras com o ex-colega de Spencer Davis e Eric Clapton, a quem apresenta os brasileiros. Ficam ali por perto, no meio da confusão. Deve-se ter sabido que haveria gravação de um programa de TV e dezenas de *groupies* ocupam mais de metade da sala. Uma espécie diferente de profissionais do sexo? – pergunta Abbot a Costello, pela primeira vez face a tal aspecto da vida sócio-económica do rock. *Groupies* são galinhas que giram em torno dos astros do rock, supostamente sem nenhuma pretensão a carreira(s), mas quantas já não se casaram/se amancebaram com eles? – e quantas não vão passar a vida a girar a bolsa? Talvez as que estão com Steve também o sejam, embora pela discrição não aparentem. Tudo muito apropriado tratando-se de um *speakeasy*.

Não parece relevante que banda esteja a tocar. Se Cristo reaparecesse aqui ninguém daria por isso. Juicy Lucy é entusiasmante, mas nada justificaria os puxões e empurrões das

Lucys sumarentas à sua volta, lutando desesperadamente para aparecer na TV.

- É bom ver Glenn Campbell a readquirir a forma de quando o seu trabalho de guitarra podia transformar metal básico em ouro – comenta John ao pé do ouvido de Ed, na primeira vez que o ouve a altear o tom de voz. Claro que o Campbell da guitarra não tem nada a ver com o porta-voz das maravilhosas canções de Jimmy Webb.

Peel assiste apenas a um set e despede-se a dizer que está desorientado pelo roça-roça de veludos e ensurdecido pelos gritos estridentes das 'damas da coelheira', ao mesmo tempo em que à bulha, a dar tudo por tudo para parecerem *cool* e indiferentes nas câmaras de TV.

- Uma pena, realmente, porque o Speakeasy é um bom lugar para encontrar amigos e ouvir novas bandas.

Dá o seu número de telefone a dizer que gostaria de mostrar-lhes alguma *rough, raw, raucous music*. Música rude, crua, rouca... Notaram nos seus escritos que tem especial predileção por esses termos. E por esse tipo de música.

Ficam a pensar em apanhar o 'trem do leite' das duas da manhã porque este sempre é o primeiro concerto de rock das suas vidas, fora o dos Mutantes.

Marquee Club 1966 Michelangelo Antonioni Blow Up

Filho único, embora com quatro anos de colégio interno na instrução primária entre 60 'irmãos' nos costados e, apesar do diferencial de magreza, bem integrado ao grupo da rua que disputava um torneio de bairro de pelada e dos amigos da floresta, Edgar é tímido e introspectivo por natureza e por força de ler e ouvir música por horas e anos a fio em solidão. Aos 12 anos quase não queria mais saber de bola, a não ser pelo que faziam o seu *time*, o Flamengo, e o Santos de Coutinho, Pelé e Pepe. Até Bob Dylan eletrificou o seu som em 65, quando a bem dizer nasce o rock (sem n'roll), mas o panorama pop era dominado pela Inglaterra, boa e má música junta às vezes numa só canção, que se impunha todavia ou por uma bela melodia ou por um achado sonoro: a voz efeminada de Chris Montez, o feixe de acordes da introdução de *Hello I Love You*, do The Doors, o gogó de Eric Burdon à frente do The Animals, cujo sucesso de *The House of the Rising Sun* chegou a encher tanto o saco quanto os sucessos de Roberto Carlos. O rock assume a maturidade e passa a explorar o formato LP com *Revolver*, dos Beatles, ou *Aftermath*, dos Rolling Stones, com um som padronizado ou uma ideia de conjunto e não somente uma coleção de canções.

Roberto Carlos era a prova provada da excelência do pop brasileiro, ao lado de Erasmo. O vastíssimo potencial do mercado de disco local – aliado ao enorme poder da televisão, que num caso único, talvez só equiparável ao da RAI, na Itália, quando lhe faltou o futebol recorreu à explosiva música popular para atrair audiência, sob o efeito impulsionador do clamor internacional da bossa nova , abrindo as torneiras em programas que cobriam todo o espectro da produção comercial -, um mercado que mal falava português e quase não tinha contato com o inglês, o italiano ou o francês, foi desde sempre pródigo em versões de canções para o idioma local, chegando a produzir um fenômeno como os Brazilian Bitles, cujo nome revelava a base do projeto: verter para o português os maiores sucessos dos quatro cavaleiros de Liverpool, cuja moda era copiada paulatinamente por Roberto Carlos e chusma, das roupas apertadas e botinas de bico fino de rockers aos topetes e franjinhas. No Brasil, fundo de quintal da Amerika, desde que se conhecia usava *Gumex*, *Glustora* e tudo o que era fixador para alisar os cabelos indomáveis de judeuárabe.

Ouvia as traduções brasileiras cada vez mais ligado no original e a sua queda para o canto e a música desaguou em ter de inventar um jeito de cantar em inglês através da música e depois falá-lo e, também a partir das leituras, ver a vida e o mundo com outros olhos, ingleses, de todos os tons claros. A sua introspeção casou-se da melhor forma com o tom reservado dos ingleses, junto de quem só causa estupefação pela ingenuidade própria da idade. Desfez-se do que lhe restava do Brasil no momento em que pôs os pés no aeroporto de Heathrow.

- *You are coming from Brazil, don't you?* – pergunta-lhe o jovem agente do *Immigration Office* que o atende.

- *What do you do down there – do you study?*

- *Yes.*

- *And do you like to study?*

- *Not that much.*

- *What do you study?*

- *Well, I'm going to the university.*

- *To study what?*

- *Journalism, but for the time being I just want to practice* some *english here for a while.*

- *How long do you plan to stay in England?*

- *Actually I don't know.*

- *Indeed! So* – bate o carimbo no passaporte -, *I hope you have a nice time around, mr. Liessa.*

O governo inglês aumentou bastante as restrições à entrada de estrangeiros em 68. Pela forma como se apresenta não deveria ter tido sequer autorização para entrar. O agente foi bacana, nem lhe perguntou por dinheiro nem pela passagem de volta ao Brasil, que pretende vender de imediato. Um milagre. Corre a uma cabine para telefonar a Jimi.

- *Up to three months!* – canta-lhe quando atende.

Chega já a saber o mandamento básico para se adaptar ao *british style*: ficar na sua, não agir como um estrangeiro, pelo contrário, estar o mais atento possível e tentar estar na deles. Mas sobretudo não incorrer em gafes, proibidas na velha e pérfida Albion.

Em poucos dias perde os vestígios físicos de carioca, até porque o sol de início de Inverno no Rio não deu para manter o bronzeado. Ficou talvez apenas a ginga no andar, muito diferente da passada firme e apressada dos locais, presos a compromissos, alguns muito sérios apesar de ridículos no alto dos seus chapéus de coco e guarda-chuvas enrolados a servir de bengala. Tem quando muito um compromisso por dia, antes ou depois de visitas de reconhecimento a locais e monumentos famosos. Em quase um mês de estada na ilha antes dele Jimi procurou quarto duplo em Londres, para onde planejavam mudar uma semana depois da sua chegada, até porque ele trabalha numa pizzaria em Chelsea e dorme pouquíssimo quando vai a Chelmsford, o que evita ao máximo, dormindo em casa de um casal de portugueses em Fulham Road. Mas a coisa não lhe agrada. Diz que ambos seriam um típico jovem casal de classe média, em princípio 'quadrados' além da conta, mas ela ou é doente ou... viciada – em quê? – pergunta-se – heroína? porque vive aos encontrões às coisas e pessoas e a fazer disparates. Só se mudam para a pensão que Jimi escolheu, em Fulham, em três semanas porque o único quarto duplo existente demorou a ficar vago.

Houve um impulso suplementar à sua vinda, razão pela qual foram parar a Chelmsford. Tinham aulas de inglês e uma vez, em dezembro de 1969, sob o patrocínio do British Council, a escola recebeu a visita seguida de ensaios e duas atuações do Madrigal Ensemble do liceu da cidade, no condado de Essex. Entre um reportório seríssimo, embora quase sempre ligeiro e até brejeiro, e alguns números de variedades Ed foi atraído pela beleza e o porte da contrabaixista. Além do mais, quando no set o grupo passava os números de variedades, pouco mais ou menos no estilo do que fazem Fairport Convention e Pentangle – Richard Thompson, John Renbourn e Bert Jansch, os seus artífices, cursaram a mesma escola -, um pouco mais agitados que as peças elisabetanas, o seu traseiro imponente rebolava quase como o de uma passista de

escola de samba carioca. *With a big bass – and a big back!* – brincava Jimi à socapa quando os encontrava na orla de Ipanema, onde o amigo fez a sua introdução aos madrigais elisabetanos e à folk music inglesa, uma das raízes do rock, e que o atraiu muitíssimo logo às primeiras audições dos discos de estreia dos Fairport Convention, Pentangle, Lindisfarne e Incredible String Band.

Da BBC a Liverpool St. Station e Chelmsford

Bastou, ao sair da pequena estação, topar com o pai de Sally, um homem de feições rudes e com ar de demasiado velho para uma filha adolescente, mais o seu Vauxhall azul-bebê, para ver que tudo o que acontecera no Rio só podia ter acontecido lá e naqueles momentos sob a inspiração do sol se refletindo nas ilhas Cagarras e um estranho madrigal, mais uns quantos sorvetes de chocolate e baunilha. No final da manhã seguinte, após o almoço de boas-vindas numa moderna urbanização de vivendas para operários, concordaram que prosseguir era um equívoco. O primeiro amor juvenil esfuma-se sob um surpreendente radioso sol chelmsfordiano.

Os anos 60 – por um frágil instante – estilhaçaram a portentosa rigidez de classe britânica, diz-se, mas no mundo de Sally nada disso existe: tudo estático como no tempo de Enid Blyton.

A *guest house* é uma casa de dois andares a dois passos da High Street da cidadezinha fabril do longínquo e belo subúrbio londrino, na linha de caminhos de ferro da quase praiana Colchester e Ipswich. A casa é administrada por um casal de paquistaneses que em troca de uma diária de duas libras fornece um quarto sem casa de banho e três refeições, com um *english breakfast* deveras frugal e a insípida receita caseira inglesa – mais insípida ainda porque a cozinheira, talvez a própria *paki*, é 'de araque', como se comenta com Jimi em brasilês -, muitas vezes pedaços de um mal-ajambrado carneiro assado com hortelã e invariavelmente pudim ou gelatina instantâneos de sobremesa. Pior é que a janela do quarto duplo está emperrada e, embora na estação mais quente, é entre lençol e dois cobertores que Ed se protege da aragem fria enquanto se delicia com *A Um Deus Desconhecido*.

Nem sabe que o almoço marca a despedida de Sally, sim, *Long Tall Sally*, porque depois dele só se falam ao telefone. E pensar no que poderia ter rendido tanto roça-roça nas areias escaldantes do Posto 9, em Ipanema. A garota que só seria para compromisso 'sério', e ele só de passagem... Casamento?! Com uma potencial professora de música de escola secundária, uma montanha de filhos, uma casinha geminada com um pequeno gramado nas traseiras e toda uma vida de pasmaceira... Sally não terá nenhuma

propensão a ser uma *Mrs. Robinson with some brazilian mate* e, cabeça vazia de *nature boy*, Ed está longe de pensar em *settle down*.

Underground e music hall: Londres 3 visões 3

Circula em High Street a olhar as montras, olhos abismados para a horda de operários-ciclistas a passar de saída das fábricas. Alguns deles vê-se no pub onde toma um ou dois *pints* quando está por lá. Se os bilhetes para um show dos Faces, o The Small Faces renovado, com dois dos antigos e um cantor que se diz de estalo, Rod Stewart, que trabalhava no Jeff Beck Group, não estivessem esgotados, ainda teria ido a Londres. Vai jantar à *guest house* e, sem o que fazer, inviste 60 pfennings para ver no Civic Theatre dose tripla, como é hábito, de rock, Judy Blue Eyes (*ô,ô...*), Stackridge e Stray, um grupo do género *power trio*, tipo Free, que vai muito de moda, e que acaba de lançar pelo selo Transatlantic um LP intitulado *Suicide*, anunciado como um portento do heavy rock.

Nada imaginativos esses Blue Eyes, já pelo nome. Stackridge faz country-folk. O seu único single vendeu seis cópias *worldwide* - ao largo e à volta do mundo, diz-lhe à inglesa o baixista depois do set de 45m. O seu *highlight* chama-se *Slarck* e começa com uma jiga que faz o público levantar-se das cadeiras a bater palmas. Fala de uma moça que é raptada por extraterrestres numa praia. O cara ao seu lado acende um jointão de *hash* e, após dar três ou quatro tragadas que enchem o ar em volta de fumo, pergunta-lhe se quer. Pergunta-lhe de que se trata. Enquanto lhe responde o outro arregala os olhos entre o espanto e o susto. Não recusa. Não fuma há meses e nunca fumou haxixe e parece que é ele que vai com os ETs para Slarck, onde quer que isso seja, e nem dá pelo intervalo até que é prensado contra as costas da cadeira pelo impacto da zoeira atordoante do som de suicídio que vem do palco, a uns 30 metros, que ouviu com do auricular, no quarto, no *Kid Jensen Show* da Radio Luxembourg, e que já esperava ser pesado, mas não ***EARBLASHING rock*** – de estourar os tímpanos. Com tanto fumo de gelo seco e *hash* – porque o delinquente ao lado, que é como se afigura, acaba de acender o *rappel* -, é só excitação, têm razão os velhos gagás quando dizem que isto não é música, é o dobro do ruído suficiente para causar pânico aos ouvidos de ouvintes menos abertos a qualquer tipo de excitação, quase todo o público foi como que projetado das cadeiras para as passadeiras onde move-se como possuído pelo demo, tenta ver se batendo os

pés no chão com toda a força consegue parar a dor de cabeça, mas é impossível. Só passa quando chega ao quarto, deita-se e fica um monte de tempo a ouvir o silêncio. A melhor coisa da banda é o *lightshow*, que embala o ritmo em estilo terramoto, ainda para mais acompanhado de explosão de bombas que, para ele, é superior em qualidade ao som dos Stray, que Deus os proteja. MC5 – que dizem ser o que há de mais *pesado* - deve ser menos torturante. *Tentativa de fuga de um mundo doido e só interessado em progresso material, desligado da mente humana, em que hoje se vive?* – pergunta ao bloco de notas antes de dormir, depois de ainda piores sobressaltos.

A pé, de regresso após o show, ainda atordoado pela sessão de tortura mais as preocupações permanentes com a dureza total iminente e com a barriga a roncar depois de tanto haxe fumado e aspirado, Edgar entoa baixo *America*, de Paul Simon, uma das melhores companhias nessas horas de solidão e incertezas

Let us be lovers
we'll marry our fortunes together
I've got a real estate here in my bag...

quando ouve uma risada rouca e barulho num arbusto por que acaba de passar e três gorilas pulam para a calçada onde surgem, quais personagens macabros de um tiquetaque de laranja, a avançar para ele, agora decididamente em estado de suicídio, e por milagre consegue inventar um estratagema quando, após declarar que não é inglês, desata a falar na língua de Camões com sotaque de Jorge Ben, expediente de improviso que dá certo, porque nota que a sua primeira reação ao ouvir um idioma de que não sabem sequer a origem é de espanto, que de jato produz um curto circuito nos respectivos neurônios e logo o impasse, o vacilo, o embaraço, na dúvida tratam de se pisgar porque até aqui só lidaram com *cockney* e olhe lá. Escapa da boa, como por milagre.

Treme só de vê-los a marchar imponentes nas suas carcaças de naus almirantes, musculosos, sempre com feições de maus e tatuados, pelo hall e pelo cais da estação e a fazer ribombar o chão dos vagões com suas botas cardadas, com que se pegam de ponta algum gagá ou cabeludo solitário ou em franca minoria estouram-lhe os miolos. Covardes *skinheads*, fora as rusgas com rivais divertem-se a amedrontar pessoas sós ou em minoria, - mas quem houvera de dizer, pularem assim de trás do arbusto à meia-noite e meia, numa pacata cidade em que o maior acontecimento é o desfile diário de centenas de operários de bicicleta no ir e vir das fábricas, especialmente belo quando um sinal de trânsito obriga o bando a parar numa faixa de pedestres.

Jonathan King escreveu há um ano que a era dos *skinheads* já passou, como tantas outras modas, como a dos temíveis *rockers* mas quem pode garantir que já passou ou passará, quanto mais ele que nem anda de comboio pela periferia? Davam caça incessante aos mods até serem expulsos da cidade, franja direitista (?) do Movimento, como os não menos temíveis Hell's Angels, e que sobreviverão e irão impor-se como facção política por gerações a vir.

A que sistema e, já agora, a que cisma pertencem estes tipos tão contrastantes com os pacíficos hippies e com os mods, já passados com a integração dos seus toques de mestre vitorianos e eduardianos à moda do cidadão comum *à la page*, calças sem cós e apertadas, uma mais ou menos discreta boca-de-sino, um ou outro floreado nos punhos ou na fileira central de botões, nada de mais. Belicosos ao mero olhar, intoleráveis, intolerantes, violentos como os piores sujeitos da sociedade estabelecida, autoritária, truculenta e materialista, porque também roubam. Punks, delinquentes, *nobodies*. *Skinheads*.

Jimi está a ler enroscado no cobertor quando chega ao cubículo. Arregala os olhos ao ver o seu aspecto. Depois disso, um refresco. Vai ao Queen Elizabeth Hall assistir Taste e Cochise. Estes vêm da safra de excelentes músicos que a produção de Elton John está a gerar e surpreendem pela sabedoria na perfeita dosagem de lirismo e pancadaria sonora. Taste, liderado pelo guitarrista Rory Gallagher, e que promove o seu disco de estreia, é mais uma benção dos pródigos céus irlandeses. Desde já o melhor *power trio* da sua vida. Caminha milhas e milhas até o trem do leite e chega à cama às três e meia com a sensação de que os pesadelos da véspera foram há vários anos.

Sua atitude em geral é de êxtase contido, em contraste com a natureza expansiva de Jimi, de absoluto encantamento com Londres em 1970. Que o sonho já não mais exista, torrado pela máquina que a ela tudo molda, que esta não seja mais a *Swinging London* dos anos 60, tudo o que dela resta é já demasiado, diz. *Time Out* - um roteiro indispensável para saber o que se passa em Londres em qualquer ramo de arte -, *Melody Maker* e outros periódicos publicam listas infindáveis de concertos de música de todos os géneros para todos os gostos, na cidade e arredores, que é afinal toda a Inglaterra, um pequeno país ainda efervescente, apesar de gente como Peel dizer que o ritmo de novidades diminuiu muito e tudo não passar de um grande negócio, com milhares de iniciantes a tentar a sua vez de brilhar sob as luzes da ribalta, e só. Só folclore? Mas que folclore.

Conversam sobre isso e os reflexos disso na sua presença aqui em tempos mortos nas estações de Liverpool St. e Chelmsford e nas viagens de uma hora entre cá e lá. Tempo o mais das vezes nublado e frio, apesar da estação, e ambiente radioso, apesar das dúvidas e incertezas. Mais que diálogos, dependendo da disposição de cada um, são solilóquios em tentativas quase desesperadas de ordenar ideias geradas pelo turbilhão de manifestações tão desconexas do circo do rock and roll, como o chamaram os Stones, e que apesar da visão crepuscular de Peel parece-lhes ainda assaz efervescente. Numa delas a edição do dia do *Melody Maker* com a foto do tamanho da primeira página de um bando de guedelhudos a desembarcar em Heathrow, três deles de camisas indianas e calças brancas e sandálias e a empunhar caixas de guitarras, sob o título Mac's Back From Triunph Tour, e a última edição de uma nova revista, ***Oz***, com papel quase de jornal, ao mesmo tempo bela e bem feita mas muito underground, dão-lhes pano para mangas e colete.

- Aos 16 anos estamos no pomo da maçã. Bichada, já? Sou novo e ingénuo demais para digerir e alinhar os pensamentos contraditórios que me assaltam a cada instante a partir do que lemos e ouvimos e vemos à nossa volta. Há meses Paul McCartney convocou a imprensa pela última vez na sede da Apple Corps – não é assim que se chama agora, *Apple Corporation*?... - para anunciar o fim dos Beatles, segundo ele por sua vontade... Os outros ficaram mudos, mas tudo indica que acabaram mesmo. Harrison está no estúdio a gravar um disco solo. O anúncio foi uma manobra de Mc para vender mais cópias do seu disquinho em família, mas de qualquer modo é o fim de uma era. Imagina; já Brian Jones ter saído, ou ter sido posto fora!, dos Stones, e logo depois ser encontrado morto na piscina... É como se Erasmo e Roberto Carlos se separassem! Irmãos que, mais do que brigados, como Solemar e Lu Silveira quase sempre, só se comunicam através de advogados. Um fim de sonho, não? Pop, rock, contracultura... Três anos parece uma vida quando se tem 16, mas no fundo será só um piscar de olhos. Se aos 16, quase 17, vejo toda a vida à minha frente, três anos, como os que nos separam da ascensão da contracultura, representada pelo famoso *Verão do Amor... Summer of Love...* e a que seria, agora, a nossa estação de florescimento, não equivalem sequer à primeira infância...

- É. Ridículos ou elegantemente modernos naquela fatiota de casaco sem lapela e calças cingidas ao corpo, que depois tornaram-se uniforme oficial de Roberto Carlos e chusma e de metade dos grupos pop do planeta, logo os Beatles passam à auto-paródia na capa de *Sgt. Pepper's*, que é como que um índice de citações das suas influências na música, no cinema, na ciência e na religião, ou nas vestes, letras e sons ainda mais bizarros de *Magical Mistery Tour*. Lembra-se de que no ano passado dizíamos que os Beatles, os Stones e tantos outros tinham-se tornado figuras carnavalescas, pela forma como se vestiam e as coisas que faziam? Lennon abusou mais ainda na sua campanha pela paz, ao lado da esposa, em nus frontais na capa de *Two Virgins*, de pijama e camisa de noite no *bed-in* no Hilton de Amesterdão e no *bed-in* e no *be-in* de gravação de *Give Peace a Chance* em Toronto, em *The Ballad of John and Yoko*, no financiamento do barco que iria difundir mensagens de paz pelos portos do mundo em tempos de Vietnã e Bangla Desh, no concerto *War is Over*, os dois ridiculamente espontâneos e sinceros na luta por uma causa... perdida? Devolve a MBE, a medalha da ordem honorária do

Império, e o que vale é o gesto. Foi morar em Nova York com Yoko. Yoko... aparentemente uma visão de pesadelo em comparação com a ex-*fiancée* do ex-beatle, Cynthia, pelo próprio nome uma espécie de misto de *pin-up* com princesa – porque estamos na sede do Reino, vivemos ainda uma mistura de pesadelo pós-industrial e fantasias da corte do rei Artur, em que de repente um plebeu pode transformar-se por serviços prestados à Rainha num barão e quem sabe numa revolução impensável ascender ao trono... Um absurdo ainda maior porque o que me espanta é como, num turbilhão de pesadelos de sociedade superdesenvolvida, em que perspectivas de dias melhores estariam apenas nas propostas do movimento a que se chama de contracultura, a monarquia consiga manter-se tão estável, incontestada, à sombra ou acima de um jogo de alternância política Tories-Labour a que ninguém de bom senso deveria dar o mínimo de crédito, mas segue impávida e serena.

- A ida dos Lennon para Nova York é o sinal mais claro de que, depois das jornadas do Congresso sobre Dialética da Libertação na Roundhouse, com debates e *happenings* sobre toda a sorte de matérias alternativas que chegaram a fazer parte do currículo das universidades sublevadas, do tipo como lembra aqui o Richard Neville..., olha só esta, *Das Bandas Desenhadas à Dança de Shiva: Amnésia Espiritual e Filosofia da Auto-Alienação*... que loucura... em que os Pink Floyd deram show de som e luzes, transplantando para a Inglaterra as inovações cénicas dos grupos da Costa Oeste, em San Francisco, e com o fim do *british boom* nos EUA, em 67, o centro dos acontecimentos – embora o pólo de maior agitação política tenha sempre estado lá – deslocou-se para Oeste, onde no entanto a dramática evolução das coisas, em que cada vez mais

se vê que os EUA não conseguem sair do atoleiro do Vietnã, parece ter tornado inútil maiores mobilizações contra a guerra, no fundo, como diz aqui o Neville, o *leitmotiv* do Movimento ou objeto em que se condensou um ódio sem forma definida ao Sistema.

- Mas o rabo do cometa *british boom* deixou rastro: com as crescentes exigências de produção de concertos e equipamentos de som ninguém se sustenta só com o mercado europeu. E é ver os grupos que regressam de *tours* triunfais aos Estados Unidos, que é como que um diploma indispensável de avaliação do seu fôlego comercial. *Business, Business*! Mas agora, após ter provado o gosto para ele amargo do estrelato, Peter A. Green, um dos três guitarristas dos fabulosos Fleetwood Mac, volta a anunciar, para o meu mais profundo desgosto – porque me dá uma sensação de orfandade -, o abandono não só do grupo mas de toda a extraordinária carreira que pelos dotes *e*-méritos tinha pela frente. Como pode alguém que por anos a fio lutou consigo mesmo para saber o que sabe de música e do seu instrumento renunciar a tudo justamente quando começa a ser reconhecido? A recusa assusta e, aos meus olhos, enobrece, pela coragem e desfaçatez do gesto. É o que você quis dizer. Nós ainda a chegar e tanto ido e tantos idos e a ir.

sobre a saga de Peter A. Green e o resto dos Fleetwood Mac aceda:
https://www.revoluciomnibus.com/FleetwoodMac.htm

NOS PEEL ACRES

Cinco minutos antes da hora combinada estão à porta de Peel. Desta vez, cavanhaque bem desenhado por falta de pelos nas extremidades do lábio inferior e nada de bigode. Tem um pequeno badge redondo no peito do pulôver com um ***I'm a Super Bore*** pintado à mão.

Vive em Hampstead numa casa de dois andares numa fileira de prédios vitorianos.

- Benvindos aos *Peel Acres* – diz ao abrir a porta. - Normalmente isto aqui fervilha com grupos de visitantes e desalojados - informa, como que a estranhar que tudo esteja tão calmo. John produz cantores e grupos debutantes que lança na sua etiqueta, Dandelion - *The company that doesn't quite make it*, como a define. Um avião que não descola…

- Mal os Forest, eufóricos porque acabam de publicar o seu primeiro LP pela Harvest, se mandaram, depois de terem levantado as não negligenciáveis pilhas de pó da casa com os seus sapatos roubados e bem escambados, esta manhã pulo da cama com uma vigorosa disposição para enfrentar o dia e encontro remanescentes de três grupos espalhados pela minha *sala de pintura estilo Louis IV*: Principal Edwards Magic Theatre, Business, excelente grupo de Liverpool, do tipo de músicos bem lépidos, e o duo Medicine Head. Devem estar chegando aí de novo.

Diz que vai fazer um chá e pede que o acompanhem à cozinha.

- A casa seria enorme não fosse o constante entra e sai de gente que abanca num ou nos dois quartos de hóspedes *up in the roof*, o andar de cima, e por onde calha.

Seria suficientemente ampla, nota-se de volta à sala, não fosse o espaço estar apinhado de aparelhagens de som e os cerca de dois mil LPs, EPs, singles e 78 rpm que Peel diz colecionar há 16 anos e para que está a construir um 'sistema de encaixe bem elaborado' que calcula poder estar pronto por volta de 1980, além de 'milhas e milhas' de fitas de gravação que enchem quase todas

as paredes da casa, inclusive as dos quartos de hóspedes no 'telhado'.

- Ouçam isto. Stack Waddy, de Buxton. Vão tocar lá num festival semana que vem. Se quiserem vir, lhes dou carona. Tenho aqui uma fita deles que aliás, ao saber que vinham, pus no ponto para mostrar a vocês que vêm do Brasil, porque eles fizeram como que numa espécie de piada uma coisa que penso que acharão interessante.

Pelo ampli Akai estoura um hard rock inconcebível. 'Feroz', diz Ed só para corresponder a uma sua insistente interpelação com o olhar aos dois. Trabalham na construção civil, informa, o que os ajuda a entender a razão daquele som de britadeira.

- Todo o disco que deveremos lançar é assim, com a única diferença que, no final, por brincadeira, eles gravaram uma sua versão – adivinhem de quê?

E após um hiato entra no ar uma versão de... *Girl from Ipanema*! Qual João Gilberto... O vocalista parece ter querido seguir à letra um dos supostos pressupostos da bossa nova – desafinar, e o acompanhamento tosco dá a entender que o executante se pôs a gravar a base de violão logo após ter posto de lado a britadeira. Mas a mensagem dos Stack Waddy é clara: querem musiquinha bonitinha e bem tocada, seus burgueses de merda?!

Não dá para de primeira captar o sentido da letra da faixa que Peel põe a seguir, a pedidos, porque no Rio líam a sua coluna no *Disc and Music Echo* – que comprávamos exclusivamente por sua causa - e volta e meia ele falava nele, single que põe no prato do Goldring Lemco com uma canção chamada *1917 Revolution*, de um certo Beau. Olhos nos olhos continua-se a não se perceber se ele fala a sério ou a brincar quando confirma, entre risos, que chegou ao topo das listas de vendas de discos no Líbano.

Estão sentados no carpete da *sala de pintura Luís IV* à volta de uma grande mesa de vidro baixa onde se vê alguns livros de farmacologia de Pig, como chama à sua namorada, uma grande colecção de joaninhas magnéticas coloridas e uma gaiola com uma espécie de rato branco que diz ser uma gerba.

John Peel e Dandelion

- Apresento-lhes Uproar, assim chamada porque não deixa ninguém dormir a pular a noite inteira de um lado para o outro. O meu manual de tratamento de gerbos e hamsters diz que eles não mordem, mas não aconselho ninguém a chegar perto desta.

Num grande armário baixo encostado a uma parede circula outro animal do género, Biscuit, uma hamster. Sobre o armário, uma outra gaiola com três hamsters chineses.

Toca o telefone. John Walters na linha. Peel ri muito. O seu produtor é de Manchester e telefona para gozar com o amigo, um fanático adepto do Liverpool, que voltou a perder por goleada, desta vez para o próprio Manchester United, por 4-1. Ultimamente os *red devils* têm prodigalizado os torcedores com resultados do gênero, e Peel mostra-se perfeitamente adequado à fase de baixa, permitindo-se gozar com a situação.

- O céu aqui em cima encheu-se de raios e estranhas criaturas, bruxas velhas a voar baixo em longas, obscenas e borbulhantes cerimónias – sussurra ao aparelho, quando pára de rir e antes de convidar o interlocutor a vir à sua casa.

Ao voltar põe uma faixa de um LP dos Burnin' Red Ivanhoe, grupo que conheceu na Dinamarca e de que faz muita publicidade. Informa que tocaram antes com dois músicos de jazz que vivem lá, John Tchcai e Don Cherry. *Yeah*, diz Ed, como quem reage a um mugido de vaca. Mal sabe quem é Cherry e nunca ouviu falar de Tchcai. Como se não bastasse, Penal Reform – que Peel apresenta como réus confessos de ser influenciados por música turca e Ornette Coleman. Ei-los no mundo bizarro de Peel.

Diz que Walters deverá estar a chegar *com um bando* e os convida para comerem alguma coisa enquanto esperam. Tira do forno um carneiro assado que serve com batatas e cenouras aquecidos em banho-maria.

Choca em Peel a simplicidade e singeleza dele, da sua casa e dos utensílios, a comer de colher e a agarrar um pedaço de carneiro com a mão, sem aquela aura artificial de astro.

É noite de *Monty Python's Flying Circus* na BBC e comem entre risos. A insolência do grupo, totalmente fora dos parâmetros normais, faz pensar em como a estação oficial admite uma coisa do género, porque não respeitam a Rainha nem os hábitos mais consagrados dos seus súditos. *Spam, spam, spam...* é o bordão de um deles, num quadro de restaurante, segundo Peel a gozar com a monotonia da culinária local, em que o único tempero de todos os pratos, além da proverbial hortelã do carneiro, seria um molho de *spice* (especiarias) e *ham* (presunto) que condimenta a carne enlatada.

Ding-Dong soa a campainha. Chega Walters mais um bando de guedelhudos e a noite fervilha.

Ouve-se *Nothin' Shakin'*, de Eddie Fontaine, numa cópia toda picada que Peel diz ter comprado a um homem em Chettenham, Principal Edwards Magic Theatre, *Zoot Suit* pelos High Numbers, a primeira formação do The Who, Chuck Berry, Johnny and the Hurricanes, Little Richard, Fats Domino, *Hey Doll Baby* pelos Everly Brothers, vários membros do Principal e do Business a rolar excitados como macacos no chão do salão dos palacianos *Peel Acres* até que finalmente, para acalmar os ânimos e pôr fim à pândega, o senhor dos domínios põe a balada *Take Into Your Eyes*, de Roy Harper.

Numa das idas à cozinha Jimi topou com parte do bando a fumar um cigarrão de *hash*, em que deu umas belas tragadas. Bela farra para começar.

Mal chegado e já de tanga como Jimi que todavia lava pratos na pizzaria e de duas em duas semanas faz uma visita ao Barclay's para levantar uns cobres da mãe – e Ed não tem mãe para tanto. Precisa vender a passagem de volta quanto antes.

O pessoal da seção brasileira da BBC já está habituado aos nomes estapafúrdios existentes no seu país, pela diversidade de origem da população, mas alguns colegas portugueses fazem esgares de riso quando ouvem o Sawyer do seu nome. Ninguém teria *naturalmente* um apelido desses, chega a comentar um deles. Conheceu-os quando, enxerido como ele só, decidiu apresentar-se aos da seção brasileira, que não ligaram muito para mais este conterrâneo entre tantos que têm tomado o caminho da velha Albion em busca de um exílio forçado ou voluntário menos penoso na *Swinging City*. Alguns portugas são mais calorosos. Costumam visitá-los para almoçar na cantina, onde a comida é razoável e quase de graça, e às vezes vão até ao pub frequentado pelo pessoal da Bush House, onde tomam alguns *pints* de *lager* e jogam pingue-pongue. Os portugueses reúnem-se nas tardes de sábado para jogar bola em Kensington Gardens.

Na primeira vez que lá vai Ed é apresentado a Arlindo, um exilado refratário que joga sem uniforme no relvado em frente ao Royal Albert Hall. Ao passar por um mercado após o jogo diz que precisa comprar alguma coisa para a janta. Espera-o à porta. Nota que sai sem comprar nada. Mais adiante tira do jaquetão pesado, mesmo para o friozinho que faz à noite, uma tablete de chocolate e a estende:

- Toma. Oferta da casa. – É a primeira cena de roubo de que é cúmplice. Arlindo vive de uma xeta que os pais mandam de Lisboa, que não dá para sobreviver, e faz uns bicos cobrindo folgas ou férias do pessoal da *Portuguese Section*.

Pouso estratégico para um ou outro telefonema – inclusive ligações a cobrar para o Brasil -, vez ou outra Ed fica a assistir à emissão da seção portuguesa da BBC, que consiste num pivot a ler o noticiário entre apontamentos pré-gravados, que apresenta

num estúdio minúsculo mas hipermoderno. A pontualidade com que a emissão de um país sai e a de outro entra no ar a cada meia hora é a própria expressão da exatidão do Big Ben e dos trens ingleses.

A BBC é referência obrigatória em Portugal e no Brasil para se saber do que é proibido ou ter uma leitura além das escassas notícias da política nos dois países. Tom austero, preciso, polido e tanto quanto possível neutro, porque *after all we're british*.

capa de disco EP de José Afonso back in London com Gilberto Gil e considerações sobre a música de Gil e Caetano Veloso - 1971

João Saavedra, uma das duas notórias vozes mais encorpadas da seção portuguesa da BBC, recebe no seu apartamento de *basement* de Chelsea, com jardim condominial nos fundos, o cantor português José Afonso, em Londres para gravar um disco, e convida um pequeno grupo de amigos a que os brazucas se juntam à última hora. Até aqui não tinham sequer ouvido falar do

cantor e compositor português e ficam impressionados com a simplicidade do homem, que não parece nem de longe um artista e que ao que lhes dizem até há pouco foi professor de ginásio, mais as baladas que ouvem numa fita Ampex que trouxe debaixo do braço, que lhes fazem lembrar Bob Dylan do início da carreira, embora as músicas de um e do outro não tenham nenhum parentesco. Quando Zeca, como é tratado, fala, não para de coçar os braços cobertos pelas mangas da camisa de flanela enxadrezada. Os brasileiros o fazem lembrar de Caetano Veloso e Gilberto Gil, que conheceu há menos de um ano em Lisboa. Telefona-lhes e sugere-lhes que o acompanhem a Notting Hill Gate. Mais uma cortina que se abre em Londres, esta sobre a trupe de tropicalistas exilados compulsórios ou voluntários, entre músicos, poetas, cineastas e pintores que, entre idas e vindas, frequentam o local.

Vão de *tube* pela linha amarela. Guilherme Araújo, empresário e produtor dos dois e um dos responsáveis pelo escandal tropicalista, abre a porta e ao abraçá-lo tasca um beijo no rosto de Zeca, que congela e a custo acede em dar um passo para o interior da casa.

Ali mesmo Ed resolve o seu problema da venda da passagem de volta ao Rio, porque entre os exilados há os que como eles aqui chegaram por livre e espontânea vontade para tomar ar entre campos de morangos, longe do clima atabafante da ditadura, e que cedo ou tarde, quando a grana acaba, são obrigados a voltar. A vitória da seleção de futebol na Taça do Mundo inflou o ego da classe média reinante no bananão, como o chama Lessa, o Ivan, e que muitos convivas ingleses mal sabem onde fica, em lua de mel, essa classe média reinante no bananão, com o regime militar, pela prosperidade econômica que ele lhe proporciona graças à subida em flecha do volume de empréstimos contraídos no exterior, todos indiferentes a prisões, torturas e atitudes no mínimo discriminatórias mesmo em relação a quem usa o cabelo um pouco mais comprido, que é posto no mesmo saco dos militantes políticos na clandestinidade, vistos como desestabilizadores da boa ordem, gente que não quer é trabalhar e ver o país crescer, almoçar em casa de família dava-lhes náuseas ao ouvir as mesmas lengalengas recitadas pela televisão sobre como o Brasil em breve será uma grande potência mais os conceitos vazios e hipócritas que destilavam sobre como agir – trabalhar para o progresso do país e do mundo –, riem de barriga

cheia, que a eles dá é vontade de chorar, o que ainda os salvava é que Roberto Carlos e Caetano Veloso, que acabavam por ser queridinhos de todo mundo, a cada semana surpreendiam e abriam um pouco mais as comportas pelo que vestiam ou como usavam o cabelo, Caetano já com caracóis sobre as orelhas.

Compra-lhe a passagem um jovem diretor de cinema que veio espairecer e vive quase clandestinamente há duas semanas porque o visto de permanência caducou, tem muito pouco dinheiro e não quer vender a Super 8 que comprou para levar. Quanto rende uma passagem de volta Londres-Rio? Cinquenta libras e 150 gramas de haxe, porque o homem não tem troco.

- Você pode vendê-lo – sugere, em reação ao seu espanto: *e o que é que vou fazer com isso?!*

Combinam o encontro para duas manhãs depois em Elephant and Castle, onde mora, de onde vão à Varig fazer a troca de identidade a discutir sobre como Ed poderia se virar só com 50 libras no bolso e 150 gramas de fumo. Nada. Até que Jimi tem uma ideia: telefonar para um *roadie* do Business, que lhe pareceu ter pinta de se equilibrar não como *roadie* mas como passador, ou ambos, e que lhe deu o número de telefone para quando fosse a Liverpool. Só o encontram dois dias depois. Diz que volta a Londres em uma semana e poderia ficar com 100 gramas mas precisaria prová-*lo* primeiro. Sem lugar onde o fazer encontram-no em Kensington. Quase sem querer a primeira transa das suas vidas. Primeiro a prova, um dia depois a troca.

- Isto é que é Business! – gargalha Jimi após a transa.

Edgar fica com 230 libras no total e 50 gramas de haxe, o que daria para sobreviver dois meses em Londres apertadíssimo, mas o pagamento em dinheiro e espécie caiu do céu. Dispensa-o de ter de procurar correndo uma pizzaria para lavar prato. A brincar com a sua rotina, Jimi diz que lava *prata*.

After Bathing at Buxton's

Fica em Derbyshire, a 48 milhas de Chester, 24 de Chesterfield, 34 de Derby, 35 de Huddersfield, 12 de Macclesfield, 25 de Manchester, – ah, sim! - 28 de Sheffield, 24 de Stock-on-Trent e a 159 milhas de Londres...

... no extremo sul dos Peninos, no coração do Parque Nacional de Yorkshire do Sul.

Lay-abouts, hippies, skinheads, capitães de equipas de cricket, rockers, mods, empregados de lavandaria, Hell's Angels em crise num drama de investigação sobre doping de cavalos – tudo continua a ser alvo de sermões do vigário.

A excursão a Buxton cai em excelente hora. Dinheiro no bolso e fumo na bolsa.

- Onde fica? – pergunta-se a John.

- De brincadeira - apesar da sisudez britânica, com o não menos típico *humour* dá-lhes muito para a brincadeira infanto-juvenil -, tive a paciência de fazer os cálculos no mapa que talvez inclua na minha coluna do *Music Echo* (outra brincadeira, porque em tom de chalaça ainda mais baixo que o normal diz que de boa música, ali, só se tem ecos). Fica em Derbyshire, a 48 milhas de Chester, 24 de Chesterfield, 34 de Derby, 35 de Huddersfield, 12 de Macclesfield, 25 de Manchester, – ah, sim! - 28 de Sheffield, 24 de Stock-on-Trent e a 159 milhas de Londres... Local improvável para um fim de semana de alegrias. Serão duas noites de música da Dandelion, associada a vários pequenos produtores, e curiosamente patrocinadas pelo clube de futebol e rugby da cidade.

Vão na sua combi com a doce e gentil Pig, de longos cabelos pretos lisos e escorridos, que estuda Farmácia e costuma fazer desenhos em tinta da china no estilo dos de Lennon, e que aproveita a boleia para seguir até Bolton, além-Manchester, para passar o fim de semana com a família, e – *se tivermos sorte com o carro* – descer com eles na volta. Peel chama carinhosamente a viatura de Peelmobile. É uma Bedford *Dormobile*. Fez nos fundos um original arranjo com o banco traseiro e dois pequenos estrados de sobe e desce, fixados por rolamentos às laterais e com que compõe camas que segundo ele dão para quatro pessoas. Diz que está muito desgastada e que já nem se arrisca a sair com ela de Londres – este talvez seja o seu último passeio.

Acaba por ser uma viagem de seis horas, com paragens para almoço e chá à beira da estrada, quando os dois aproveitam para recalibrar as baterias com o *hash* do Business às escondidas de John, que não sabem se fuma ou não, mas se o faz é às escondidas deles, talvez por atenção ao fato de serem menores de idade. E por curiosidade deles o resto da manhã e a tarde decorrem sob o signo de uma das grandes invenções da década, os festivais de rock.

- Houve tão bons concertos, festivais e reuniões estes anos. Alguns atraíram centenas de milhar, outros só uma mão cheia de pessoas. Alguns gratuitos, outros caros demais. Alguns com ampla publicidade, outros a acontecer de forma quase espontânea para uns poucos amigos. Com eles houve uma vasta revolução musical e a música popular nunca mais será a mesma, mas imprensa, rádio e televisão não se dão conta disso.

Cansou, diz, e para ele nada de *big festivals*.

- Dou todo o meu apoio a qualquer tipo de manifestação de resistência ao Sistema, mas não há mais espaço para o sonho. Concertos em Fairfield Halls, Albert Halls, Free Trade Halls e coisas do género só funcionam se não forem 'estruturados' demais, e isso é impossível. Também os pequenos e aconchegantes teatros das faculdades, com a sua atmosfera formal, não parecem funcionar bem para grupos. Há duas semanas fui ao University College Theatre para ver parte de uma série de *mixed media evenings*. Desde meados dos anos 60 tem-se abusado do termo, como foi o caso, porque não houve teatro, mímica, poesia, *shows* de luzes e coisas do gênero. O problema é que desde o ano passado os festivais, que poderiam ser uma

excelente alternativa aos teatros tradicionais, inadequados para o género, passaram a ser tentativas de negócios chorudos. Todos a querer ser mais importantes que Woodstock mas, como se viu em Altamont, a história não se repete. Nem Wight em 69 foi tão bom.

- Para você Woodstock foi só *business*?

- Não, ao contrário, os tipos lá nem tinham ideia do que estavam fazendo e de quão grande e importante a coisa ia se tornar, e foi importante porque reuniu quase meio milhão de pessoas mas sobretudo pela atenção que o enorme engarrafamento que provocou e a falta de comida despertaram em todo o país, e também no mundo, sobretudo porque não houve um incidente sequer. Os 'quadrados' ficaram pasmos que se possa viver numa cidade sem polícia. O problema é quando se organiza uma coisa do gênero e, aspectos técnicos à parte, já se tem na cabeça o que será: um caça-níqueis. É claro que as pessoas devem poder aspirar a viver da música rock e usá-la também como um negócio, mas não abusar e tentar enganar os outros com um produto absolutamente novo que logo se desvirtuou.

Ed trouxe para Londres um artigo reproduzido num jornal do Rio:

> *Não sei se a 'imaginação está no poder' no seio da juventude americana mas Jean-Jacques Rousseau o está, sem dúvida. 'O bom selvagem', a não-violência, a não agressividade agressiva, a droga agradável, o homem nu e aperfeiçoável.* A radiosa utopia. *Woodstock, a cerca de 4 horas de N.Y. Dois rapazes empreendedores, um hippy sem chavo e um futuro herdeiro de milhões*

tinham dito 'Faz-se lá um festival de rock e pega-se uma grana'. Pegaram foi com 2 milhões e meio de prejuizo e 400 000 jovens em cima. Na véspera do festival os organizadores acordaram: 30 mil jovens acampam no recinto (teórico) do teatro ao ar livre em frente do estrado... John Roberts tinha gastado a sua herança em 12 horas. 'Já não tenho nada a não ser dívidas, mas os jovens foram formidáveis e isso vale por tudo.'

O médico-chefe do serviço sanitário disse: 'Nunca vi nada como isto. Os kids *foram formidáveis.' Afirmou Joan Baez: 'Foi fantástico. Na chuva, na lama, sem tecto, uma cidade gigante de jovens, a dormir por toda a parte.'* - Richard Reeves, do *N.Y. Times Sunday Magazine*

- E Wight?

- Fui lá. Bacana. Mas muita confusão e atrapalhação, com horas de espera entre uma apresentação e outra. E Bob Dylan desiludiu. Se não quer tocar, para quê cobrar 42 mil libras ou o que foi para fazer de conta que toca, de cara feia? Não ganhou já dinheiro suficiente?

Por uma vez, a abrilhantar o primeiro passeio pela Inglaterra, além da monótona viagem ida-e-volta pelos subúrbios fabris na linha de Chelmsford, quase não se vê uma nuvem no céu. Em dia excepcional a temperatura beira os 30 graus e o *Dormobile* tem problemas de radiador. Peel receia ter de deixá-lo em Buxton e pegar uma carona. Nesse caso teríamos de voltar de comboio, o que já não seria tão divertido. Duas vezes param e à segunda aumenta o fervor com que o acompanham em murmúrios de encorajamento à valiosa máquina enquanto se enche o radiador que parece a ponto de explodir.

John Peel BBC Documentary - Part 2 of 5

Fala-se – fala ele, a pedidos – de rádio.

- A coisa mais engraçada que me aconteceu na vida foi ano passado. Nas minhas primeiras férias em 14 anos fiz com Pig e o meu irmão Allen o *Grand Tour* do Continente. Estávamos com o Peelmobile e ele também teve problemas até chegarmos a Luxemburgo, onde tivemos de ficar dois dias esperando o conserto. Como bem sabem aqui não dá para ouvir Radio Luxembourg em boas condições. Aproveitamos para saber como seria ouvindo de perto. Quatro da tarde, *Teenybopper Turn-On Time* – Hora da Sintonia *Teenybopper*, não sei o que é propriamente um *teenybopper* mas deve ser um *painfully abused group* – um grupo penosamente achincalhado... Quando a sintonia é melhor Radio Luxembourg parece ainda pior do que quando se ouve entre aqueles ruídos e altos e baixos de volume da má captação.

Radio Luxembourg em inglês funciona das quatro da tarde às duas da manhã, e serve apenas para se dizer que existe uma alternativa à BBC, porque toda a programação até à meia-noite, quando entra no ar o *Kid Jensen Show*, feito por um disc jockey canadiano com muito bom gosto, a resvalar para o underground, tudo é igual ou pior que a Radio One, com puro plástico de usar e jogar fora.

Peel esteve apenas seis meses na Radio London. Em 1969, no segundo aniversário da Radio 1, *britain's only pop music station* (enquanto na América elas as há aos montes há muito tempo), foi eleito em sondagens o melhor disc jockey britânico, com o dobro de votos dos segundos colocados, gente como Kenny Everett e Emperor Rosko.

- As pessoas tendem a pensar que existia mais liberdade nas piratas que na Radio One, mas em ambas, Rádios London e Caroline, havia uma rígida grelha musical a ser seguida e era muito comum a proibição de discos. *Desdemona*, do John's Children, o segundo grupo de Marc Bolan, por exemplo, foi proibida. As piratas tinham a vantagem de dar a ilusão de liberdade e também a de haver uma genuína amizade entre os seus disc jockeys. Pudera, a viver praticamente um em cima do outro por meses a fio, não fosse assim e o barco iria a pique...

Buxton fica no extremo sul dos Peninos, no coração do Parque Nacional de Yorkshire do Sul. Ed e Jimi dormirão no... *Dormobile*, John numa casa que estava abandonada e que foi ocupada por

membros do que ele chama a reinar Principal Edwards Magical Trousers, onde poderão tomar uma ducha e comer.

- Recentemente, *Scene*, uma seção do *Disc*, descreveu o Paradiso de Amsterdam como um 'hive' (cortiço) para 'lay-abouts' (andarilhos sem eira nem beira). Ora, alguns dos meus melhores amigos são 'lay-abouts'. *Lay-abouts*, hippies, *skinheads*, capitães de equipas de cricket, rockers, mods, empregados de lavandaria, Hell's Angels em crise num drama de investigação sobre *doping* de cavalos – tudo continua a ser alvo de sermões do vigário. Vocês vão poder testemunhar em Buxton a hordas de grupos nunca vistos. Ao fim ao cabo bandos de 'lay-abouts' – promete-lhes.

– *Look serious, man, this is the blues!*

Não perguntaram e ficam surpresos – e de certo modo desiludidos, porque nunca estiveram num – ao saber que o festival não é ao ar livre mas num ginásio de esportes. Mais uma vez acorreu muito mais gente do que o previsto e uma multidão tem de ficar do lado de fora a espreitar pelas janelas ou a ouvir das colunas de som instaladas na cafeteria, sempre abarrotada. Não é propriamente um festival mas uma série de duas noites de concertos mais alargadas que o normal, que é a apresentação de três artistas por noite. Quando entram estão a tocar os Occasional Word, a que se segue Mike Hart, um ex-cantor de um grupo obscuro chamado Liverpool Scene, com os já familiares Business. Impressionante a quantidade de músicas do reportório dos Cream que o pessoal toca em 1970: *Crossroads*, *Politician*, *Sitting On The Top of the World*. Algumas Ed sequer conhece – identifica-as pelo título ou pelas letras de Pete Brown, o letrista parceiro de Jack Bruce, colega de Lennon na escola técnica de arte de Liverpool. O som é muito ruim, pouco mais se ouve além de um ritmo viril e muitos entre os de espírito mais fraco são levados a procurar alívio e conforto no bar.

A primeira noite encerra-se com Spirit of John Morgan, que é o nome do líder e organista do grupo, que usa uma capa que de longe parece uma cortina velha. Blues do melhor, mas à inglesa. Spirit não apresenta nenhum clássico do gênero. Morgan está de muito bom humor:

– *Look serious, man, this is the blues!* – grita entre duas músicas, em reação a urros da plateia. – Don (o vocalista) gostaria

de cantar sobre campos de algodão mas nunca esteve em nenhum – alfineta os cultores do estilo mais tradicionalistas.

Entrada grátis, ser parte da cena. Jimi delira enquanto se fuma num jardinzinho atrás de uma igreja em estilo neo-gótico que deve ser o monumento mais importante da cidadezinha, na fronteira da região altamente industrializada de Sheffield, Manchester, Merseyside e Liverpool e com a mítica Nottingham às costas, mantendo ares de pequena cidade de montanha com longos declives gramados que devem ser uma delícia para se deslizar de tobogã no Inverno. Quase não dormem, no paleio, a rir das cenas da noite, excitadíssimos.

Saem de manhã cedo, fecham a combi, deixam a chave pendurada num gancho ao lado da porta da cozinha e vão passear pela cidadezinha. Tomam banho e almoçam na casa das Calças Mágicas, para variar um *stew* vegetariano como o dos indianos de Londres em que comem estufado de legumes com molho de soja e muito chá preto. Ed nota no entanto que sobretudo dois membros dos Trousers, com os curiosos nomes de Root e Bindy, dão-lhe bem direto do gargalo de uma garrafa de gin. Comunidade alegre e engraçada, esses Principal, um bando que, por analogia sugerida pela sua localização, parece saído de uma aventura de Robin Hood, embelezado por três garotas muito jovens e cheias de garbo que parecem bem integradas ao grupo. Passam a tarde iboiando atrás da igreja.

- O cenário seria perfeito para a nossa estreia em LSD, ahn? Dá para imaginar quantas tocas de coelho haverá nessa encosta – põe-se Jimi a delirar. O *dolírio*, como logo é apelidado, começou quando se preparavam para a viagem em Londres e depois do banho ele pôs-se a fazer um trocadilho com o título do terceiro disco dos Jefferson Airplane, *After Bathing at Baxter's*, que

ouviam no Rio em sessões contínuas, como em mini-seminários ou cerimónias iniciáticas, à luz de velas e perfume de incenso fornecido por Lu Silveira para dar uma atmosfera mais consentânea com o clima psicadélico de que faziam alguma ideia pelas descrições em *flashback* do *Rolling Stone* das *jams* em salas como o Matrix e o Fillmore West, de San Francisco, no auge da era *flower power*.

Grace Slick in Wonderland

- Mesmo sem ácido temos a base material *e teórica* para um verdadeiro *After Bathing at Buxton's*, embora ainda também nos falte ler o monólogo de Molly Bloom, de *Ulisses*, em que Grace Slick e Paul Kantner se basearam para fazer o disco – viajava, enrolando as T-shirts e arrumá-las na mochila.

O tema entretanto é literalmente de *Surrealistic Pillow*.

- *And if you go chasing rabbits and you're going to fall, tell 'em…* ah… *a smoking…* E se daqui a gente fosse perseguir coelhos e caísse numa toca… diríamos a eles que… *a smoking caterpillar… UMA LAGARTA FUMADORA!…* – dá uma tragada mais funda e no vácuo da sua pausa Ed entra na atmosfera do travesseiro surrealista de Jefferson:

- ***A smoking caterpillar has given you the call!!*** – destoa Ed a urrar acima da sua voz fanhosa. – *E CHAMA A ALICE QUANDO ELA ESTAVA DO MESMO TAMANHO!* – após o que caem no sono, talvez a sonhar com Alice ali com eles, encosta abaixo, à procura de tocas de coelho para dar umas baforadas num narguilé bem temperado, e só acordam à hora de irem a correr para o encontro com Peel, que já entrou, e ficam horas à coca de fora à espera que alguém o chame, até que estranhe a sua ausência já é muito

tarde, e nem se apercebem de quem toca, porque mal entram e já estão de saída para o regresso.

Peel não quer arriscar-se a ficar no meio da estrada de madrugada com o *Peelmobile* avariado. Arruma uma carona para eles no caminhão do equipamento dos East of Eden, que tocaram antes de chegarem ao pavilhão, e segue no carro de John Morgan.

Mesmo uma pequena banda carrega muita tralha consigo. Um caminhão de equipamento, no mínimo um engenheiro de som para ligar as engenhocas e garantir a qualidade do show e dois *road managers*, que se revezam entre contatos sobre questões logísticas e técnicas de produção com os promotores locais e a função básica de carregar e descarregar equipamento.

Estes East of Eden já estão num escalão mais alto, com um LP no mercado com que adquiriram alguma projeção. Os três *road managers* vão na cabina. Ed e Jimi num vão livre da carroçaria onde estão um sofá velho de um lugar e um divã com colchão para *qualquer* imprevisto. Morto de cansaço, Jimi estende o seu saco-cama, mete-se dentro dele e cai em sono profundo ao cerrar os olhos. Ed enfia-se no dele e fica estirado no sofá com as pernas sobre os pés da cama. Custa-lhe pregar olho, apesar da estafa e de tanto *hash* na cabeça. O aparelho de rádio do caminhão sintonizado na Radio 2 só transmite *flashbacks* e jingles pré-gravados. Quando entram *Baby, Now That I Found You* e *Any Old Time You're Lonely And Sad*, sucessos de um e dois anos atrás dos Foundations, pretensa réplica inglesa dos Four Tops, dá por ele mais alerta que antes a dançar e bater palmas ao ritmo delas num recanto da floresta de onde se divisa o Pão de Açúcar entre as árvores, longe de sonhar em vir para a Inglaterra. Entra *Dizzy*, de Tommy Roe, que ouviu pela primeira vez em dezembro de 1968 num pacote de singles que Lu Silveira levou de Londres, juntamente com o primeiro de Joe Cocker e *Fire*, de um tal de Crazy World of Arthur Brown. No conjunto, por coincidência, a banda sonora das suas primeiras festinhas. São acordados pelo motorista ao amanhecer ao lado do parque de Battersea.

Michelangelo Antonioni Blow Up

Pouco ou nada faz pensar numa cidade suingante, além de um ou outro bando de pássaros exóticos que passa na rua, hippies alojados nas escadarias em volta da estátua de Eros em Picadilly Circus e a vagar pela *Red Zone*, as ruas dos clubes noturnos, onde costumam almoçar no Mandeer, um indiano que fica atrás de Tottenham Court Road, por uma libra, uma pechincha, com que comem curry com muito arroz e legumes, parte da ementa de quando podem comer fora em Fulham. Londres tem forte odor de pub, aqui e ali misturado a descargas de caril e patchouli, reminiscência das caixas de seda importada da Índia, em que se misturava em camadas uma folha de patchouli e uma de tecido.

Muita música para ouvir em toda a parte, mas o movimento de massas num vendaval de renovação e liberdade já não mais existe. O que há já é demais para eles e os corações palpitam – mas é inacessível. Não têm dinheiro para mais de um concerto por semana e sequer para programas extras como incursões nos *night clubs*, onde se supõe que *tudo* ainda *aconteça*, muito mais caros que os próprios concerts.

Providenciaram um fogareiro a gás de uma boca em que, para não fugir à regra, fervem a água do chá que acompanha o pão preto com *marmelade* e queijo cremoso do pequeno almoço, retardado o mais possível para que consigam chegar à hora da janta antecipada em que farão a única refeição do dia. Tudo em nome da arte, como dizem – ou seja, ir vezes sem conta alternadamente à National Gallery e ao British Museum, que estão de graça, economizar ao máximo para o *bus* ou *tube fare* e os bilhetes dos concertos absolutamente imperdíveis, entre tantos que se lhes escapam quando se consolam a tomar, no máximo,

dois *half pints* num pub ou outro a ouvir coros de *cockney* bêbados, o que já é muita sorte, sempre se diz a rir, antes de entoar com eles:

we'll drink-a drink-a drink
to Lilly-the pink-the pink-the pink
the saviour of human ra-a-ace...

e riem ainda mais ao repetir: *Remember when down in Rio we dreamed to be her'eeo...*

Ao ver-se e situar-se como trânsfuga/emigrante Ed vê-se como negro do mundo – a vê-lo de um outro ponto de vista geográfico e social, *internacional-interclassista*. Deixa de ser exclusivamente 'brasileiro' não passando a ser outra coisa. Se por um acidente nasceu no fim do mundo, num país com problemas sociais gravíssimos – de que os brasileiros em geral nem se dão conta, na luta pela pura e simples sobrevivência -, mais uma situação política *de lascar*, que inclusive oculta os outros problemas, de repente vê-se muito longe dele, como se não existisse e isso não tivesse a mínima importância. É incrível como conhecidos ainda perguntam: *Brazil... where's* that *precisely? There's a jungle and beasts there, aren't them?*

- Selva e feras?! Sim, na Amazónia... mas o Brasil é muito grande... a selva é... noutro país... e lá de onde vem só há *mosquitoes*, é... lagartos, micos...

Os de casa parecem quase sempre impassíveis face a qualquer tipo de situação, de tamanho comedimento e reserva, cada gesto saído como de um laboratório comportamental, e sobretudo Jimi, de natureza tão expansiva, a ter de conter-se o tempo todo. Pensavam que a polidez dos *policemen*, os *bobs* tão altivos e aprumados, fosse fruto de uma escola específica, e que a sua amabilidade e solicitude, bem vistas as coisas bastante cínica, fosse questão de gentileza, mas conclui-se que a 'escola' é a de todos, em termos de cada um saber até onde pode ir, mesmo nos pubs, onde as bebedeiras são vividas com uma dose de reserva impossível em qualquer outro lugar. Causa ainda maior estupor a atitude expansiva e duplamente agressiva dos *skinheads*, que é a mais presente. Há também a questão do Eire, que com a dos *skinheads* revela de chofre todas as suas idiossincrasias.

- Idio quê, seu idio...ta! – vitupera Jimi na primeira vez que Ed usa o termo. – Onde é que você aprendeu isso?!

- Se existe palavra feia essa é uma delas, mas tão sintética e objetiva que fiz questão de inculcá-la na primeira vez em que travei contato com ela.

Michelangelo Antonioni Blow Up

O que tem Londres a mais, além do dito *swing*, que o Rio não tenha? Ed nem liga muito para pedras seculares, o que significam e o que contêm de testemunhos do passado, embora saiba que têm tudo a ver, até pelo que leu em Dickens e nas irmãs Brontë, mas *não dá a mínima* para as relíquias por que passa nos museus. O que lhe interessa são as luzes que se acendem no escuro nas grandes salas de espetáculos e nos minúsculos *clubs* noturnos onde, devido à estatura e à barbicha inculta, já entraria sem problemas se tivesse grana, como provou no Speakeasy. A arquitetura impressa e marcante é a de formas incultas e inusitadas, naturais e espetaculares, esculpidas ao longo de milhões de anos no Rio, sons e cheiros naturais que deixou para trás para reencontrar... quem sabe quando?

Londres, luta do verde contra o cinza na natureza e em pessoas jovens aparentemente mais abertas e receptivas mas como se tudo passasse entre muros (e a própria cabeça): tons neutros, lilás, violeta, roxo, magenta, os neutrons enraizados na cultura quase católica e tão cínico-puritana em que se baseia a polidez e os bons modos da educação (e no fundo nada naturais), ajustam-se de um modo bizarro às cores berrantes da cultura pop e tornam-se ainda mais insólitos pela palidez das faces e expressões seráficas que se aglomeram aos magotes em frente ao Royal Albert Hall, Royal Festival Hall ou Coliseum antes e depois dos grandes *shows*.

Antonioni Blow Up

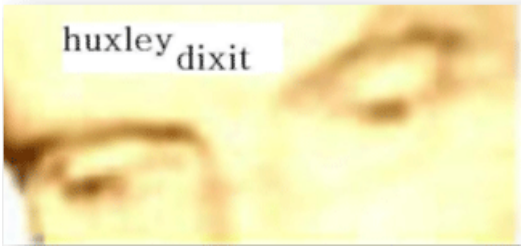
Num domingo mais triste, em que pelo planejamento feito não há dinheiro para nada e só resta ir a um parque espairecer e ler, talvez pela própria leitura, pela primeira vez sente-se *blue*, de um blues que não é o de saudade de casa ou do Rio. Pensa se vale a pena estar *Down and Out* - embaixo e por fora, traduz literalmente no seu linguajar - *in London*... ou em Paris, como diz o título do livro que tenta ler, comprado na Book Over 35 p., em Charing Cross. De repente Londres não faz sentido como continua a não fazer sentido voltar, e de momento não quer nem pensar em outro destino, porque de verdade não teria. Nada faz sentido, a não ser o que de momento não faz sentido algum: voltar para o Rio, como é suposto que faça, estudar e seguir a vidinha que se recusa a encarar. Não nasceu para isso, mas alguém nasce para isto, viver sem recursos, tão pobremente, até passar necessidade, sem um mínimo de conforto e carinho, para ter espécies de orgasmos semanais em sessões de duas ou três horas num misto de êxtase e terror pelo volume de decibeis a que se sujeita em determinados concertos a que vai e que não valeriam os pfennings investidos? O feitiço contra o feiticeiro. Tão jovem e já *Can't Find My Way Home*, agora também incorporada ao seu repertório de doces lamúrias nas andanças.

Vantagens de qualquer modo sempre existem. Quem se lança à aventura arrisca-se à boa-venturança e/ou à loucura, mas onde no Rio ou noutra capital ser-lhe-ia possível experimentar, sob efeito de *hash*, que lhe abriu os tímpanos até o limite do insuportável nos momentos de maior fragor das secções de sopro e percussão, um *Requiem* de Berlioz em estonteante execução da Royal Phillarmonic, a ressoar nas paredes megalíticas e nos vitrais da catedral de St. Paul?

Nos curtos dias de tesura quase absoluta mal há direito ao pão que molham no Darjleeng com açúcar mascavo e com que se aguentam até ao almoço na cantina da Bush House, a que vão com Samuel Lopes, um português muito simpático a que, quando Jimi recebe os cobres da mãe, se convida em contrapartida dos convites forçados quando a que lhes oferece é a única refeição do dia, Jimi está liso e não come na pizzaria nem trás uns pedaços de sobras.

Quando tínham base em Chelmsford, para evitar a rotina do esquálido carneiro com gelatina contentavam-se com o hamburguer e o café com leite de janta no Wimpy em frente à estação. Agora, as únicas alternativas ao pão & *marmalade* do quarto são os *fried fish & chips* e *hot dogs* de carrocinha na rua e nos parques. Quem se atreve a olhar para o panelão arrisca-se a perder o apetite. A água a ferver que os *brits* jogavam nos *scots* e vice-versa nos primórdios da história do reino devia ser mais limpa que a mixórdia em que boiam grossas fatias de cebola e umas dúzias de salsichas, algumas das quais nem o dono deve saber há quantos dias lá as pôs. Coisas nojentas a que se sujeita e que, por auto-sugestão de boa vontade, acaba-se por não estranhar, embora acostumados aos cachorros quentes com molho de alho, cebola, pimentão vermelho e tomate das mamãs no Rio.

Alberto Sordi Fumo di Londra



Passam metade do tempo no grande quarto duplo de Fulham, onde vivem envoltos em cobertores sob no máximo um pálido sol que em comparação com o do Rio lhes parece de tardes invernosas, à noite sempre com os pés quase a queimar junto ao aquecedor elétrico. Na dureza, lêem. A *Bucôverssârtifaiv'pi* de Charing Cross, como muitas livrarias antigas de Londres, é um misto de livraria de novidades e sebo onde investem umas poucas libras semanais em livros. Na primeira investida saem com *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley e *1984* e *Down and Out in London and Paris* de George Orwell. Leram em mais de uma publicação de rock ou afins que The Doors tiraram o seu nome de *The Doors of Perception*, um ensaio de Aldous Huxley sobre mescalina publicado no ano em que nascemos. Pode até ser que um dos seus fundadores, Jim Morrison, o *Rei Lagarto*, o tenha extraído direto da fonte huxleyana para o título do seu livro, o próprio William Blake, não importa. Jimi diz que não descansa enquanto não ler o livro mas não o encontram nem em edição recente. Devora *Island*, que o leva a sair todas as tardes à caça em bibliotecas de resumos da biografia do autor, que estuda como para um exame. A *Bucôver* fornece-lhes vários dos seus romances e alguns ensaios em exemplares de segunda mão. Entre uma coisa e outra por algumas horas abstraem-se totalmente da realidade em volta, a viver n*Outros Mundos*.

The Doors of Perception e *Heaven and Hell*, dois pequenos ensaios, foram os primeiros livros de um intelectual do século XX sobre drogas. Huxley é tido como um dos escritores mais importantes do século e os seus romances e ensaios são leituras obrigatórias mas não é por acaso que The Doors estão em sintonia com o título do seu livro. Os dois ensaios e o seu último romance, *A Ilha*, contêm quase tudo o que inspira os brazucas mas mesmo a imprensa underground nunca fala dele sobre isso. Da precursora revolta antipuritana - a primeira grande revolução moral e de costumes do século - à revolução psicodélica ele é o homem... a descobrir.

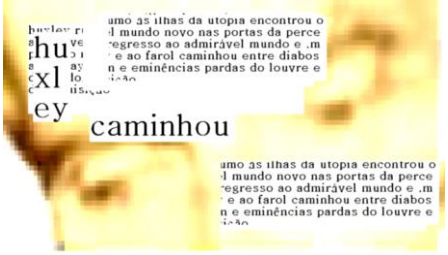
Sobre a mesa uma manhã, entre livros de Huxley e muita papelada, uma foto de Lennon com Timothy Leary recortada de um jornal.

Jimi não tem tempo para fuçar como queria nas bibliotecas e o *trabalho de campo* da pesquisa acaba por ser feito por Edgar, ao sabor do acaso e de forma aleatória, como é normal, pela falta de tempo, recursos e meios. Descortina-se um dado aqui outro ali, de uma etapa do início ou do meio ou do fim, mas encontra-se pouquíssima informação sobre a segunda parte da vida do escritor, quando estoura a Segunda Guerra, ele já nos EUA, e a sua atividade editorial, antes intensíssima, com dois a três livros por ano, entre obras inéditas e coletâneas de crônicas, cai para a metade, se tanto. Por coincidência ou não, quando envereda pela via mística e depois pela lisérgica – ou ambas. Com as poucas peças de que dispõem, Jimi apressa-se a ter uma visão geral do puzzle, embora logo à partida dê para perceber que é ultra-complicado, com milhares de componentes divergentes.

- Por associação de ideias e elementos colhidos em livros e no resto da pesquisa – explica – depreende-se que foi ao conhecer Tim Leary e o seu livro The *Psychedelic Experience*, uma adaptação para o inglês moderno do *Bardo Thödol*, o Livro

Tibetano dos Mortos, que o psicólogo fez com Ralph Metzner, de que por sua vez adaptou um trecho em *Tomorrow Never Knows*, que Lennon entra em contato com o pensamento e a obra psicodélica de Huxley. *Revolver* acaba com *Tomorrow Never Knows* e começa com *Dr. Robert*, de Harrison, que também toca sitar na faixa do colega. Diz-se que ali o guitarra-solo presta tributo ao dentista que os teria iniciado no LSD, mas não será por simples coincidência que o nome é o mesmo de um dos protagonistas de *Island*. Resumindo: "Huxley" abre e fecha *Revolver* e está na capa do LP seguinte dos camaradas. Ninguém jamais traça o paralelo mas entre 1965 e 67, quando se iniciam no ácido lisérgico, Huxley é também um dos responsáveis pela que eu traduziria como prática de uma teoria prática dos caras. Se isso faz algum sentido... – e dá uma gargalhada.

Estranham que falem tão pouco de Huxley como líder da revolta dos anos 20 e precursor do movimento psicodélico. Seguir os seus passos e a evolução dos seus pensamentos é como percorrer o itinerário e a evolução da Inglaterra e do mundo ao longo do século até à contracultura, com que ele terá muito mais a ver do que afinal *não* dizem – conclui Jimi, que antes de acabar *Island se* pôs a tirar notas e a escrever sobre o que apreende, sempre a procurar analogias entre Londres na atualidade e a cidade de Huxley do início do século e do ano 632 da Era Ford do deprimente mundo novo do seu livro mais famoso. Os livros e folhas de rascunho sempre abertos sobre a mesa dão origem a um trabalho de consulta e escrita incipiente a quatro mãos, em que um e outro rabiscam anotações e cortam ou acrescentam informações. Pelo mergulho, em que prosseguem um seminário de estudos sobre os temas em que se iniciaram muito antes de completar a primeira dentição, concluem que esse é o tema das suas vidas, em que irão trabalhar por muitos e bons anos, enquanto se constata que, não sendo isso evidente no início dos anos 70, quando o cenário é superpovoado de aves exóticas, o seu itinerário foi dos mais excêntricos de que se tem notícia. Da frieza racionalista a uma quase desesperada busca da iluminação mística e à descoberta do LSD como chave para uma nova etapa da evolução humana.


umo as ilhas da utopia encontrou o
d mundo novo nas portas da perce
egresso ao admirável mundo e .m
e ao farol caminhou entre diabos
n e eminências pardas do louvre e
hu
xl
ey
caminhou
umo as ilhas da utopia encontrou o
d mundo novo nas portas da perce
egresso ao admirável mundo e .m
e ao farol caminhou entre diabos
n e eminências pardas do louvre e

Rumo a Sunderland & Northumberland

Edgar telefona a Peel, que está subindo para Sunderland com Marc Bolan – *do you know him, don't ya?* –, e pergunta se não está disposto a ir, havendo lugar no carro.

- Sunderland?! *Where's that*?!

- A sul de Newcastle, sobre o mar, na região de Tyne e Wear.

Fog on the Tyne... fantástico! – lembra-se da brincadeira de Jimi, a bem pensar só uma dúzia de semanas antes no Rio, estranha é a obra do acaso. Hesita ao pensar no dinheiro curto:

- Tenho entrada garantida? Onde nos encontramos e a que horas?

– Aqui em casa amanhã às 10, são 250 milhas, oito horas para chegar lá devagar, porque Marc deve estar em forma para a sua *performance*. Comeremos alguma coisa na estrada.

Não há lugar para dois mas Jimi, que quase endoida por ficar em Londres a lavar *prata* enquanto o amigo se delicia com o que classifica de uma verdadeira expedição ao norte, também não poderia se ausentar por dois dias, porque perderia o emprego tão perto de casa.

Longa estirada por toda a Inglaterra até quase à Escócia, a partir da Motorway 1, muito tempo para ouvir o 'papa' da cena inglesa. A propósito dos oito anos de luta de Marc Bolan por um lugar ao sol fazendo a música que faz, Peel discorre sobre o seu ceticismo em relação ao underground:

- Dois ou três anos atrás as pessoas iam assistir bandas de que nunca tinham ouvido falar. Isto parece muito revolucionário, não? Talvez os meus ouvintes e leitores mais velhos ainda se lembrem desses dias anárquicos em que as plateias aplaudiam atuações e não reputações. É até bom que as bandas mais conhecidas estejam a cobrar tanto pelos seus serviços, porque muita gente sem dinheiro vê-se obrigada a trocá-las por outras e isso poderá pôr fim à atual onda de estagnação da cena.

- Mas aqui não houve a bem dizer uma contestação política, como nos EUA, que ao que se diz gerou-se do medo dos jovens de irem para a guerra.

- Mas havia um clima que poderia levar a algum lugar além da luta dos partidos políticos e dos sindicatos. Como, não sei, porque por aqui nunca houve movimentos espontâneos, dissociados de uma corporação. Seja como for, na nossa Bretanha o modo tradicional de lidar com a discordância é o de tolerá-la até à morte (*o que explica muita coisa em relação à maneira de ser dos ingleses*). Esta táctica, a par com uma subreptícia campanha de feroz apoquentação, deverá mais uma vez dar frutos e fazer do Underground apenas mais uma etiqueta comercial. No início um pequeno grupo quis criar uma espécie de sociedade alternativa não-egoísta. Na verdade sempre houve um underground. Os primeiros cristãos, por exemplo, difundiram a sua mensagem de alegria e amor enquanto sofriam uma violenta perseguição. Com o tempo foram desenvolvendo estruturas e preconceitos que fizeram da igreja uma das instituições menos religiosas do mundo. *Cristo teria permissão de entrar na Capela Sistina com o cabelo tão comprido? Quanto amor e alegria emanam de Ian Paisley?* O progressivo desvirtuamento do movimento de ocupação dos prédios abandonados do centro de Londres (*squatting*), que revela insensibilidade, falta de miolos e egocentrismo, é um bom exemplo. Em pouco tempo passou a ser guiado por gente que não tem o que fazer e que no primeiro momento de perigo telefona ao papá ou à mamã a pedir socorro e faria melhor se pensasse a sério naqueles que nunca tiveram oportunidade de *drop-in* (inserir-se), quanto mais de *drop-out* (abandonar o Sistema). Exemplos como esse e outras situações paralelas mostram que a melhor maneira de agir será por meios individuais ou de pequenos grupos a trabalhar numa espécie de esquema de guerrilha. Os inimigos *não* são o dinheiro, o Estado ou os mass media, porque os seus males estão bem à vista. Os inimigos são de ordem interna - o egoísmo, a preguiça, a falta de sinceridade e a aparente inevitabilidade de estruturar. Elege-se um representante e logo começa a decadência. E assim é também na música. Os indivíduos, postos na roda viva dos mecanismos da indústria parasita, se vêem cercados e prensados contra a parede por toda a sorte de jogos de interesse e, se não renunciam à causa, deixam ao menos de pô-la à frente de tudo o resto.

John Peel BBC Documentary - Part 2 of 5

Quem guia é a mulher de Bolan, Junechild, que pilota por estradas sonolentas enquanto Marc e John leem *Marvel Comics* e Ed não desprega os olhos da paisagem. Comem *rubbish* em restaurantes de beira de estrada. A viagem decorre sem incidentes. Tommy Vance debita *What's New*, que os cariocas conheceram há pouco tempo através de Maria Bethânia, e o entusiasmo cresce quando entra Joe Cocker em *Delta Lady*. Passam pelo descampado de Yorkshire, de gloriosa e sanguinolenta fama na guerra pela possessão do território entre saxões, normandos e vikings e depois entre *brits* e *scots*, quando se ouve Juicy Lucy. O rádio está sintonizado no canal de televisão da BBC e todos reagem como se o Liverpool tivesse marcado um gol, mais pela surpresa de ouvir algo do gênero na TV do que pela música em si.

- Será que nos enganamos de estação?! – admiram-se os convivas, cujo entusiasmo faz com que a música passe quase despercebida. A surpresa leva John a falar sobre a relação dos meios de comunicação de massa ingleses com a música do seu país:

- Se a gente for olhar para o lado econômico de tudo isso, todos esses grupos trazem ao país uma porrada de grana que depois é gasta de todas as formas estúpidas e assassinas em que os governos costumam usar o dinheiro, mas não têm o mínimo apoio dos media. Ninguém é profeta na própria terra...

Até aqui – pensa Ed. Lembra-se das cartas enviadas para os semanários de música dos lugares mais recônditos e inesperados e fala-lhe da do *Perera* de Sri Lanka. Ele lhe pede para procurar na sua pasta uma que recebeu há dias de Praga, que Ed pega e lê enquanto o pessoal ri com o inglês capenga:

> *I wanted ask you if you would be interested in visit of three the Prague beat festival in March. Well in the case the things are going O.K. till then. Sorry 'bout my typing. I have to admit*

they are getting worse till now as you probably see in your papers, in the case you read them. I better stop now. It makes no difference now as we are not allowed travel anyway. Please if you or any of your friends get any of U.S. valuable records, even older. Send them over here just for few fans in little club.

Queria saber se estaria interessado em visita de três o festival beat de Praga em março. Bem caso as coisas estejam indo O.K. até lá. Desculpe a datilografia. Tenho de admitir que eles estão a piorar até agora como talvez você veja nos vossos jornais, caso os leia. Melhor ficar por aqui. Não faz nenhuma diferença agora porque não temos autorização viajar. Se você ou um amigo conseguir algum disco valioso americano, mesmo antiquado. Mande para cá só para alguns fãs em pequeno clube.

- Mais uma prova de que a boa música tornou-se mais importante como fator de ligação entre os povos do que a mídia imagina – comenta John.

- E a música de qualidade dá mais dinheiro, talvez, do que o pop comercial, que só vende muitos singles e, vá, alguns LPs, mas se calhar não rende tanto dinheiro como o das tournées que as melhores bandas fazem por toda a Europa e os EUA – junta Bolan.

- Certa vez Steve Ellis, dos Love Affair, escreveu que eu era musicalmente intolerante, o que me deixou muito entristecido, porque o que procuro criar é precisamente um clima de tolerância musical.

- E de fato você parece ter um gosto bastante eclético.

- Só não passo certos hits que até acho bastante bons porque os outros já o fazem e não há tempo, num programa de apenas duas horas por semana. Infelizmente muitas pessoas erram o alvo e acham que tudo deve ser *progressive*, o que quer que isso seja – meros artifícios para dar respeitabilidade à música rock, que ela não quer nem precisa, com casamentos arranjados com o jazz, o clássico e outras coisas. *Deep Purple In Concert* com a Royal Phillarmonic Orchestra – que necessidade há disso?! Não é por acaso que Ian Gillan está também nessa produção de *Jesus Christ Supestar*, a rock-opera de Andrew Lloyd Webber e Tim Rice. Pior ainda são os exageros que se comete com essa nova mania do moog synthesiser. Led Zeppelin, por exemplo, sabem usá-lo na

dose certa. Não estou seguro de se o LP *Five Live Yardbirds* ainda está no mercado – é provável que não. Mas é um autêntico tratado. Foi gravado ao vivo no Marquee. Muito mal gravado por sinal. Mas a atmosfera é tão boa! Prefiro mil vezes um disco ruidoso e tosco que todo um balcão de bar lotado de truques de estúdio antisséticos e polidos.

Mario Monicelli La ragazza con la pistola

Charnecas acima em planícies a perder de vista, aqui e ali uma floresta, longos trechos de centros fabris, em geral sem árvores, com vegetação rasteira de musgo e relva. Quase tudo muito inóspito, longe do famoso *countryside* dos filmes, que deve ficar no sul.

Peel lembra-se de *Nothin' Shakin'* de Eddie Fontaine e Bolan ataca uma versão *a capella*. Diz que depois de Sunderland vai para um festival em Bellingham e pergunta se não queremos ir.

- Eu não posso, como te disse vou tentar conseguir uma boleia com algum colega lá em cima, porque você não vai? – rebate Peel e olha para Ed.

- O meu único problema é que tenho pouco dinheiro.

- Não é problema. Dormesno carro – convida Bolan. – Com um saco-cama, pode perfeitamente dormir aqui, não?

Nem sabe onde fica Bellingham. Em Northumberland... *Nortúmbria...* Pega no Baedeker, um dos bons investimentos que fez com o dinheiro da venda do bilhete, numa rara edição inglesa que tem trechos sobre a história de cada lugar. No sétimo século, sob a liderança dos condes Edwin, Oswald e Oswy, a região proclamou a sua autoridade sobre todos os anglo-saxões, dando início ao processo de unificação política da ilha.

Chegam a Sunderland, centro fabril sobre o Mar do Norte. O local do concerto, o Locarno, é chamado pela população de Fill-i-more North, em referência aos famosos Fillmore East e West dos EUA, porque também é um antigo salão de baile com uma atmosfera surreal. Ao seu redor há um jardim com palmeiras de cimento, que segundo Peel foram recentemente 'alvo' de Roger Chapman, vocalista dos Family, que já devia estar bem tantã.

- O Nordeste é uma das melhores regiões do país. O pessoal por aqui é tão simpático e amável. Nunca vi tantas damas assombrosas num só lugar. Qual sul de Espanha! O lugar para passar férias é Sunderland! - entusiasma-se ao ser recebido por uma relações públicas da produção, sem sombra de dúvida uma dessas *wondrous ladies* de que fala.

Marc precisa encontrar o seu parceiro, que veio de Londres na véspera com a equipa da estrada, e afasta-se rindo e abanando a cabeça abraçado a Junechild.

O primeiro grupo a tocar chama-se Stone the Crows, banda escocesa de que Ed nunca ouviu falar, e que quase o deixa louco sobretudo por conta da sua vocalista, Maggie Bell, uma espécie de Joe Cocker de saias abaixo do joelho e botas. Pensa estar ouvindo a melhor cantora de bluesrock do mundo. Faz lembrar Janis Joplin mas demonstra ter muito mais controle da sua possante voz que a rainha do Texas, que à quarta ou quinta música de *Cheap Thrills*, do Big Brother and the Holding Company, parece uma máquina de cortar aço.

Após o choque Tyrannossaurus Rex esfria o ambiente quase ao ponto do congelamento, porque a sua música pouco ou nada tem a ver com a vibração do bluesrock elétrico e eletrizante, impelindo a sonhos de ambientes diáfanos e etéreos com uma atmosfera que nos transporta aos primórdios de Eddie Fontaine, sim, Buddy Holly, Gene Vincent e Eddie Cochran. Surpreende-se ao ver Bolan/Ariel, como o idealiza, empunhando uma Fender Stratocaster, porque o clima das longas horas de viagem fez imaginá-lo um Donovan ou um Caetano Veloso que em pleno palco tiraria da caixa o seu violão e daria um recital de baladas impressionistas ou surreais. A sua música está a meio caminho entre o rock'n'roll e a balada, e só ele com um outro anjo caído sentado no chão em frente de um par de bongôs marroquinos e

uma caixa de onde tira guizos e sinetas não poderiam fazer a sala fervilhar como no set dos Stone. Mas apesar de não pretender ser nenhum Eric Clapton, Marc/Ariel faz soar uma porrada de coisas interessantes e originais nos seus solos de guitarra elétrica. Micky Finn, por seu turno, parece mal na própria pele a acompanhá-lo. O set faz-lhe lembrar Sally Robinson mais os seus *big brass and back* e madrigais, com um grande encantamento, e desilude. Parece ter sido pensado justamente para trazer o público do frenesi a um clima mais consentâneo com a música dos Pink Floyd, que no entanto fazem os ouvidos estalar pela diferença de decibeis e ao décimo compasso da atuação Edgar sente-se transportado de Sunderland - em quadrantes nórdicos inimagináveis por toda a sua vida – a Urano. Cada música, alucinatória, soa como um risco de vida - *Interstellar Overdrive* projeta a sua dose de *ecstasy* a um nível de perigo. São três da manhã quando, após quase morrer de frio a fumar um joint de *hash* atrás de uma sebe, a olhar para as palmeiras de pedra e a pensar que teria de fazer um esforço dos diachos para sentir-se no Posto 8 de Ipanema, reencontra Marc e Junechild para seguir até Bellingham, em Northumberland, a uns 80 km dali.

Tyrannossaurus Rex & Macbeth

Quem diria, Ed lá com um quase desconhecido e encaracoladíssimo jovem cantautor que conheceu em sessões obscuras, à noite, à luz de velas, para dar-lhes um ambiente mais surrealista, com Jimi e Solemar, a ouvir dois discos que encomendaram a Lu Silveira pela enorme curiosidade que a insistência de Peel em falar dele lhes despertou. Por nada deste mundo lhe passaria pela cabeça estar no banco traseiro do carro do futuro precursor do chamado cosmic rock e, pior, da glitter music do inefável Gary Glitter. Sempre pensou, até pelos longuíssimos títulos dos seus primeiros discos, com Steve Peregrine-Took no lugar de Finn, que ele sequer sonhasse com êxito de vendas - *My People Were Fair and Had Stars In Their Hair, But Now They're Content To Wear Stars On Their Brows*; *Prophets, Seers and Sages - The Angels of Ages*; *(She Was Born To Be My) Unicorn*. Está em tournée de lançamento de *A Beard of Stars*, gravado com Finn.

Ed relata-lhe baixinho as suas impressões e a rir ele fala-lhe da reacção de Hendrix nos bastidores do programa da BBC *Ready, Steady, Go*:

- *Hey, man, you've got a funny voice!*

Só engraçada?

A caminho de Bellingham passam pelos arrebaldes de Newcastle através da região entre as bacias do Tyne e do Wear, um dos berços da indústria moderna, a massa amedrontadora de galpões imensos do que resta das primeiras fábricas e chaminés do planeta a olhá-los do outro lado, antes de entrarem na mítica Northumberland, território macbethiano, como dissera Peel a reinar. Mas não se vê nem bruma sobre o Tyne...

Atravessam Northumberland antes do amanhecer, o ambiente perfeito para um filme de mistério e terror. Olmos negros parecem avançar sobre eles à medida que o casario desaparece e começa-se a ver uma ou outra pequena casa isolada como que saída da história da Branca de Neve, com paredes caiadas e sólidas portas e janelas em estilo rústico, sobre a estrada estreita e sem sinalização. Numa colina de um dos lados vê-se as ruínas de um velho castelo em cujas imediações as três *weird sisters*, as *estranhas* feiticeiras consultoras do rei, que poderiam muito bem continuar a viver ali perto numa gruta, estariam a preparar a poção em que fervem os condimentos de uma tragédia sem fim, como sussurra Marc quando se fala do alto poder sugestivo da longa brincadeira de Peel em torno das mil e uma peças de *Ol' Will Shakes*, como o chamava. *Bruxas velhas a voar baixo em longas, obscenas e borbulhantes cerimónias*, quase também o universo das viagens bolanianas, não fosse ele só mirar entes do bem.

Marc quer dar uma olhada no sítio do festival onde irá tocar à noite antes de voltar para dormir num hotel por que passaram, à saída de Bellingham. A pensar na voz metálica que entoa melopeias repetitivas e turvas, mais as bizarras letras do bardo que o guia, Edgar vê-se inesperadamente num estado próximo ao terror e, no regresso, quando dá por si sozinho estirado no banco traseiro do Range Rover, fica a pensar na estória de ódio, vingança e muito sangue de Shakespeare a que Peel se referiu em detalhe na véspera, entre risadas, a sugerir a possibilidade de *scots* e *brits* poderem de novo engalfinhar-se em lutas terríveis como as que viveram em boa parte da história, com emboscadas e chacinas do escurecer à aurora.

Para espantar fantasmas e ver se dorme abre o mapa do Baedeker. Estão num parque nacional na fronteira com a Escócia, a noroeste das terras de Humber e a dois passos de Fife, num baixio próximo à cadeia dos Cheviot. Cenário de guerras constantes por centenas de anos.

O estado entre o encantamento e o pânico não irá abandoná-lo até à madrugada, quando entra no Rover para um dia de viagem de Bellingham a Londres em que Ed e Marc passam quase todo o tempo a dormir guiados por Junechild, que quando não está ao volante deve dormir o tempo todo, porque não a viu desde que chegaram a Bellingham.

Brancas de Neve, loiras, ruivas ou de longos cabelos negros e uns poucos milhares de gnomos e duendes, *freaks*, um filme absurdo, entre o maravilhante e o aterrador, sobretudo no *site* do festival, que começou na véspera, cercado por tapumes na orla de uma floresta de urze e olmos cujas manchas negras, entre músicos e *roadies* de longos cabelos e barbas, vestidos com roupas cada qual mais bizarra que a outra, transportam Edgar a um passado remoto de que acorda para mirabolantes viagens electrónicas ao som de 'grupos nunca vistos' nem ouvidos, a começar por Blosson Toes, que fazem uma espécie de rhythm and blues bem tosco sob a impecável direção do guitarrista Jim

Creegan. Está no bar após o concerto, a comer uma gordurosa sande de carneiro com a boca a arder por causa do estranho molho de mostarda com pickles com que estragaram o pernil quando se aproxima um gajo com ar de mendigo a suar em bica, ninguém menos que o próprio guitarrista dos Toes, que pede uma Guiness e um gin puro (!) e que ao pôr os olhos no vizinho pergunta-lhe:

– Você não é inglês nem escocês, pois não?

Arregala muito os olhos ao saber de onde o outro vem, bate-lhe no ombro e agradece o cumprimento pela 'excellent gig'.

- Mas Blosson Toes (Dedos dos Pés, Biqueiras de Sapatos Florescentes) -, o que quer dizer? – engata Ed súbito em sequência.

Nada de especial – responde quase em sussurro.

– Estávamos procurando um nome sem achar nada que prestasse até que certa vez um tipo do *management office* acordou, disse 'Blosson Toes' e pôs-se a dormir de novo. Achámos ótimo e assim ficou.

Dá uma golada no gin e manda o que sobrou para o copo onde verteu parte da Guiness (!!!) e diz que Ed acaba de ver a sua última atuação com a banda, porque foi contratado para tocar com Family, de Roger Chapman. É a vez de Ed arregalar os olhos.

Estão quase ao lado do palco onde atua Chicken Shack, protagonista de um extraordinário sucesso meses atrás com o blues *I'd Rather Go Blind*, cantado pela mulher do baterista e fundador dos Fleetwood Mac, John McVie. Christine Perfect acaba de deixar a banda, que é liderada pelo guitarrista Stan Webb, que também atua como vocalista e está à frente de mais uma das inúmeras impagáveis bandas de blues britânicas. Lamentável não ouvir de novo o seu maior sucesso pela voz de Perfect McVie.

O que vem a seguir insere-se no capítulo dos momentos inenarráveis. Um trio chamado Edgar Broughton Band, com o seu homônimo na *lead guitar* e em vocais de fazer arrepiar defunto e o seu irmão Steve na bateria, mais um baixista. Creegan, que se mantém ao seu lado 'a refrescar-se', apesar de esta ser a noite mais fria da vida do conviva, ri às bandeiras despregadas

enquanto aos urros, no meio de uma trovoada constante e ensurdecedora, Edgar Broughton lança o que parece ser uma sucessão de palavras de ordem políticas, e quase não se aguenta em pé quando o 'cantor' esbraveja: *American army, wait till the Russians get hold of you!!!!* – entre um tonitruar de guitarra, baixo, pratos e tambores de deitar os olmos abaixo.

Quem já não se aguenta em pé é Edgar, e sentado no chão encostado ao balcão do bar dormita quando não é acordado pelo estrondo do grupo seguinte, Blodwyn Pig. Creegan já se foi quando se levanta e faz um esforço tremendo para não dormir enquanto Marc e Micky oferecem um esplêndido concerto, se comparado ao da véspera, talvez porque as dimensões do palco de madeira, bem mais exíguas do que as do *Fill-i-more* de Sunderland, afeiçoem-se mais ao seu estilo de música, entre o rock'n'roll mais puro e sereno e a melopeia algo tântrico-madrigalista que é a imagem de marca do T. (*ops!*) Rex. Muita gente não ficou até ao final, quase às três da manhã. Ed junta-se a Junechild no carro para, no banco traseiro, passar do sonho encantatório e/ou terrível de um dia de meio-Verão ao sono profundo entre duas paragens até Londres.

, Fumar' já é um programa em si. Ir a um parque até a um ponto em que se fica a uma distância razoável das pessoas mais próximas e atento a todos os quadrantes para ver se alguém se aproxima ou ir para uma ponte e temerariamente atravessar de um lado a outro à aproximação de alguém. O mais das vezes, no quarto, isolando as frestas debaixo da porta de entrada e das de comunicação com os aposentos anexos com cobertores, lembram-se de como 'tudo' era mais simples e natural na floresta, onde bastava cruzar o portão e ficava-se à vontade, sem temer a aproximação de alguém. 'Temer a aproximação', diz-se. E pela força da expressão pensam se esta atividade ilícita não estará por si só também a ajuda-los a conviver com a solidão, isto é, com cada um a haver-se consigo e só consigo mesmo e ver cabimento e ter prazer nisso, e se isso não lhes poderá ser... fatal, num banco em Kensington, de onde Ed fica admirado a admirar o gramado com a largura de dois campos de futebol e lá no fundo, de entre as árvores que delimitam o *park*, o Royal Albert Hall, onde na véspera assistiram a um concerto de Blood Sweat & Tears que os deixou pasmos, três dias após o regresso do norte, sempre num third stall, de binóculo, ainda bem que o som chega mais que forte lá em cima, foram para ver mais uma daquelas catarses de rock e não houve esse tipo de catarse, o que aconteceu foi uma jam quase permanente de muito rhythm & blues, quase free jazz, porque a gig não é totalmente free e só um músico tem em cada música aqueles 32, 64 ... compassos para improvisar na sucessão de peças/canções do noneto que se desenvolve como qualquer concerto de rock ou de music hall, só que por metade da longuíssima apresentação do clássico God Bless The Child, por exemplo, o conjunto, ensaiadíssimo, desata num improviso coletivo que parece totalmente anárquico, aparentemente tão free como poderia ser, com um desencadeamento em turbilhão vulcânico de sons destoantes e ensurdecedores, a produzir no entanto uma harmonia singular, percebendo-se só de vez em quando lá no fundo que todos estão atentos a não perder o fio inaudível da sequência à meada e a aguentar, ora uns, ora outros, a 'malha' subtil do tema ao mesmo tempo em que em alguns instantes vai cada um por si ao ponto do mais completo desvencilhamento/destrambelhamento – jazz de sensações inexprimíveis e que não têm nada dos estereótipos do rock, e em que os textos são longamente estudados por cada solista para compor uma espécie de caos ensaiado a partir da

estrutura de base, sem uma extrapolação ou desatino. O seu primeiro contacto com o jazz a anos-luz de entendê-lo. Também não são o que se poderia chamar de uma banda de jazz-rock, se alguém já tivesse noção do que isso possa ser. Embora o noneto não esteja de fraque nem de com roupa padronizada, como até há pouco tempo seria normal em banda do género, longos trechos do concerto, em baladas só de piano e voz ou em passagens de metais, ela ecoa diferentes tipos de música dita clássica, que inclusive só entreouviram numa ou noutra ocasião, dos madrigais a entrechos dissonantes bem modernos, muito jazzísticos. Uma salada muito variada e para Ed além da compreensão, como reclama o seu propósito de conhecer tudo o que possam apresentar em termos de som.

É de Londres a guitarra doida e doída de Hendrix, não se pensa sequer que ele possa vir precisamente de Seattle, porque em nenhum outro lugar encontraria ele uma base de sustentação a um só tempo tão sólida e dútil como a de Noel Redding e Mitch Mitchell.

É em Londres que amadurece uma das vertentes mais ricas do rock, a da fusão no melhor estilo da força e do poder de impacto do instrumental electrónico com o vigor, energia e beleza de um dos mananciais de origem do rock'n'roll, os blues, dos filhos dilectos do pai desses quase improváveis *british blues*, Alexis Korner, e sobrinhos de John Mayall, seu discípulo mais directo – Yardbirds, Led Zeppelin, Eric *O'*Clapton, Fleetwood Mac, Chicken Shack, Ten Years After, Jeff Beck e Savoy Brown Blues Band ou Stone the Crows. Daqui sai ainda o chamado *progressive sound* de Pink Floyd, Van de Graaf Generator, Nice, Yes, Curved Air, com o precioso apêndice de King Crimson e Jethro Tull, dos espampanantes e plácidos Robert Fripp e Ian Anderson, e a vertente mais jazzística da Soft Machine, Colosseum, de Dick Heckstall-Smith e Jon Hiseman, e Centipede de Keith Tippetts, com a encantantora Julie ex-Driscoll, e do baterista Ian Carr. Foi o pessoal dos EUA, dos Jefferson Airplane às Mothers of (todas as) Inventions, The Doors, Buffalo Springfield, The Byrds, Grateful Dead, Allman Brothers Band, The Band e Velvet Underground, que expandiu e consolidou a bacia estilística em que deságua o chamado rock (sem n'roll) de segunda geração, que já se fala em estagnação da cena grupal inglesa pós-Spencer Davis Group, Traffic, Who, Kinks, Small Faces e demais cambada de entre os mods e o *cockney* puro e simples, o pessoal da estiva. Mas grupos como Family ou a vertente folk-rock dos Fairport Convention, Pentangle e Lindisfarne provam que o bom e velho rock sempre se

renovará e nunca morrerá, embora os mais maduros e sapientes digam que está tudo mas é a descambar para o comércio, quem aparece em cena com mais vigor logo se rende ao comodismo e adopta a sua fórmula como uma receita após ter suspostamente conquistado um lugar ao sol; por aqui, ao menos no Verão, não há pinta de nevoeiro. Respira-se *fog* de desencanto e cansaço.

Boom, Boom the british are here, vangloria-se e queixa-se um cronista de N.Y. Deixou de ser *hip* chamá-la *psychedelic music*, ou mesmo *acid rock – a por demais intelectualizada variedade de emoções de segunda geração e pensamentos de primeira geração que fizeram de In a Gadda Da Vidda e do Vanilla Fudge rentáveis atrações de bilheteria. King Crimson: sets de longos, persistentes,* wah-wah-wahs *abstratos-ao-cúmulo-da-loucura. Tudo o que há de mais progressivo e mais pesado em matéria de rock hoje em dia vem da Bretanha. Música branca para auditórios brancos, e ignore-se as pessoas que deram vida a tudo isso, parece ser a política Americana.*

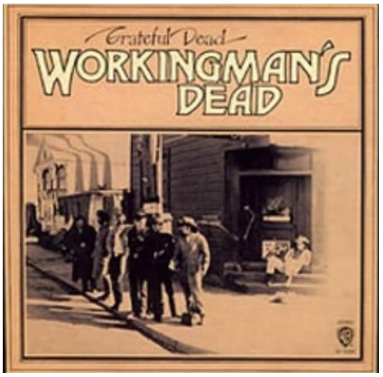
Mal passou um ano sobre Woodstock – que como se vê pelo álbum triplo que acaba de ser publicado e pelo documentário sobre o festival que estão anunciando, de um mega fracasso comercial parece se ter transformado em filão, sob os auspícios da Warner, mais um negócio de uma *holding* do dono de uma rede de parques de estacionamento americana -, e o espírito de *gotta change the world*, sim, temos de mudar o mundo, já foi desta para melhor. Entre as fotos do Verão vê-se os cavaleiros Stephen Stills, David Crosby e Graham Nash com a Guinevere Joni Mitchell em Creta, para onde foram no iate de Stills, os *Woodenships* de Crosby são afinal belos veleiros *flying dutchmen* sob o sol do Mediterrâneo com uma Musa de quatro costados... o que tem tudo isso a ver com ideologia?

Summer in the City 1970 - Wim Wenders -Complete with subtitles

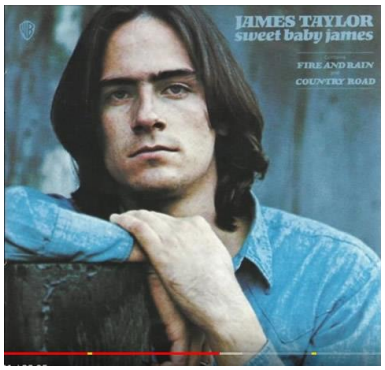
Som 70

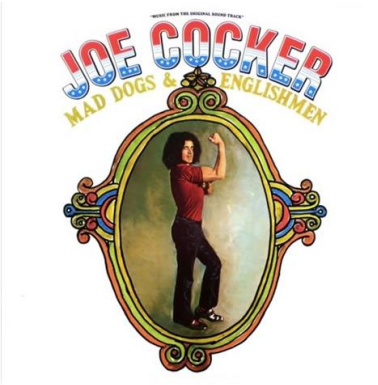
gemas de 1970 (algumas ao menos pela capa)

FAIRIES

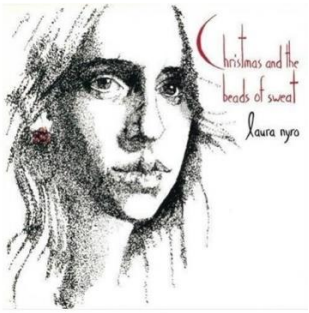

Grateful Dead
WORKINGMAN'S DEAD

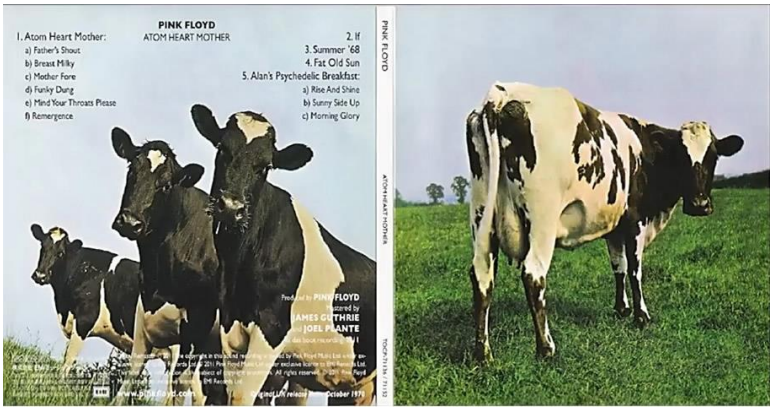
HUMBLE PIE
A&M RECORDS

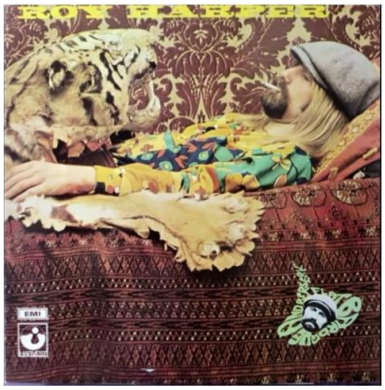

JAMES TAYLOR
sweet baby james
FIRE AND RAIN
COUNTRY ROAD


JOE COCKER
MAD DOGS & ENGLISHMEN

JONI MITCHELL
Ladies of The Canyon


Christmas and the beads of sweat
laura nyro

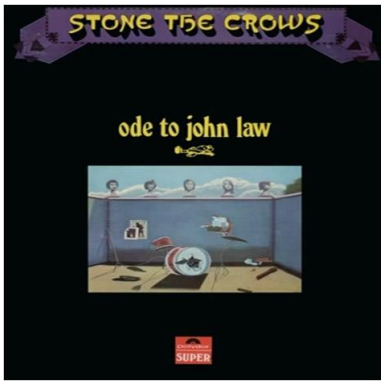

PINK FLOYD
ATOM HEART MOTHER
1. Atom Heart Mother:
a) Father's Shout
b) Breast Milky
c) Mother Fore
d) Funky Dung
e) Mind Your Throats Please
f) Remergence
2. If
3. Summer '68
4. Fat Old Sun
5. Alan's Psychedelic Breakfast:
a) Rise And Shine
b) Sunny Side Up
c) Morning Glory
PINK FLOYD
ATOM HEART MOTHER



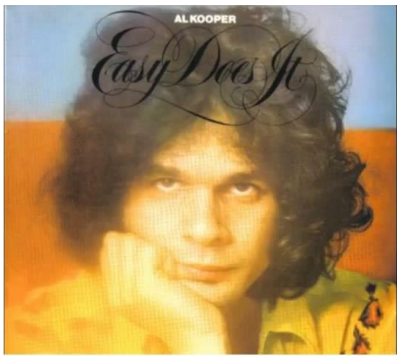
BARRETT

Crosby, Stills, Nash & Young
Dallas Taylor & Greg Reeves

SHOOTING AT THE MOON
KEVIN AYERS AND THE WHOLE WORLD


STONE THE CROWS
ode to john law
SUPER

BLOOD, SWEAT & TEARS
3



www.revoluciomnibus/1970.htm

Bath ***a 150 km de trem em linha recta para oeste através dos campos de Berkshire e Avon***

Interstellar

Overdrive ***Whole Lotta Love***

Je T'Aime... Moi Non Plus

B-52 ***durante um bombardeamento no Vietnã e num*** *<<inferninho>> de Saigon*

South Side Chicago

DOWN TO BATH / PARA BATH

Big Festivals. 1970 é o ano deles. Em Wight, Bath, Lincoln ou Reading, festivais de música e de ideais parecem esboroar-se em gigantescos empreendimentos comerciais.

Bath, a 150 km de trem em linha reta para oeste através dos campos de Berkshire e Avon, mochila e saco-cama às costas para quedar-se ao relento onde cahe e assistir a dois dias do festival pela nada módica quantia de £5, que juntamente com as viagens e as refeições é o orçamento de quase uma semana de sobrevivência mínima em Londres, mas faz parte do planeamento de despesas extras.

Jimi tem de trabalhar e trocou uma folga para estar lá no último dia do festival e ver Led Zeppelin, fulo por perder Pink Floyd e Frank Zappa, de quem Ed também não ouve ecos porque chega ao *site* uma hora após a sua exibição.

O impacto de *Interstellar Overdrive* no incomensurável descampado onde se delimitou, não se sabe como, o recinto do festival é muito maior do que no comparativamente minúsculo

Fill-i-more de Sunderland, mas já dá para ficar tonto ao chegar à estação e ver a manada de mangas que tomaram a cidade e a estrada campestre rumo a Trowbridge, onde se realiza o festival, e duas horas depois com a visão do mar de gente que se concentra no *site*.

Interstellar Overdrive de fato.

Aqui não há nem binóculo, como nos terceiros balcões dos teatros londrinos. Moído da viagem no trem cheio de *freaks* Ed decide não abrir caminho e fica onde está. Haverá no mínimo vinte mil pessoas à sua frente. O som vem de meio caminho para trás, alto e claro, mas os músicos, rodeados de uma parafernália de que se destaca um imenso gongo, parecem estar noutra galáxia.

Fog de *hashish*: pairam à sua volta nuvens de fumo durante o espectáculo da estratosférica banda, que surpreende também pelo ambiente cénico de luzes, numa sugestão de viagem espacial.

Não há música em boa parte do tempo. Diz-se que 250 mil pessoas estão presentes, mais uma vez muitíssimo mais do que os organizadores esperavam.

Hell's Angels de porte e expressões ameaçadoras impõem a ordem na imensa fila em que perde quase uma hora para se abastecer dos *hot dogs* e da Coca-Cola que compõem a sua única refeição em doze horas, e no meio da confusão quase não ouve e vê Peter Green, que pela primeira e ao que diz última vez apresenta-se com banda própria – e lá descortina o chicagoano Jeremy Spencer, seu ex-colega - num longo *set* de blues após John Mayall e os Bluebreakers, onde se revelou.

O que se fuma à sua volta dispensa-o de sacar os dois cigarrinhos muito mal enrolados que trouxe para se divertir até à chegada do reforço de Jimi. Dorme um sono profundo de quatro horas. Os seguranças não deixam sair ninguém que queira entrar de novo, um absurdo em vista da duração do festival e do caos

imperante, e só demove o jovem que interpela quando, aos gritos, ameaça arrear as calças e mijar e cagar onde está.

Quase não desfruta da belíssima paisagem da estrada rumo à cidade enquanto não se enfia por um terreno baldio para desanuviar o intestino grosso e a bexiga.

Refúgio de aposentados Bath será muito bela e rica em arquitectura georgiana e nas reparadoras águas termais que lhe deram nome e fama desde os romanos, mas os prédios estão muito sujos. Ed leu no Baedeker enquanto repousava da estirada até ao cagador, as pernas ainda a tremer, que há quase 200 anos Jane Austen escreveu: *O aspecto geral do lugar é quase só de vapor, sombra e confusão.* Imagina se visse o sítio do festival, só fumaça e confusão.

O encontro com Jimi é na ponte coberta de Tilteney. As ruas estão tomadas por hordas de jovens com aspecto de maldormidos e subalimentados como Ed. Muitos *freaks*. Entra num Wimpy e come o costumeiro hamburguer com queijo e alface com café com leite. Os únicos habitantes da cidade que se vê são os empregados do snack. Devem estar todos atrás das cortinas urubuservando os bárbaros invasores.

Jimi é pontual como o trem do leite. Estando morto de fome Ed volta ao Wimpy. Lembra-se de que no *site* vai ser quase impossível comer alguma coisa. Reforçam o desjejum e compram sanduiches e refrigerantes *to take away*.

Vão ver o conjunto da obra dos John Wood de há 300 anos, a região central do Circus – onde riem a imaginar como pai e filho divertiram-se ao planejar uma praça *tão redonda* -, e o Royal Crescent, a meia-lua complementar do grande desenho arquitetônico, de que só se apercebem com exatidão através de uma foto aérea no Baedeker.

Mario Monicelli La ragazza con la pistola

Muita confusão nas entradas do recinto do festival, onde chegam quase mortos da estirada. Os porteiros dizem que não podem deixar entrar mais ninguém. Um grupo de cinco Hell's Angels quase mata de porrada dois jovens que não queriam perder os Led Zeppelin de maneira nenhuma e ao perder as estribeiras perderam tudo, porque são evacuados num Austin 1200 de passagem pelo local para o hospital mais próximo, um deles em cuecas e aparentemente com tíbia e perónio quebrados, a grasnar de dor, uma nuvem de raiva paira entre as orelhas de Ed, seguranças piores que os polícias porque sem lei e sem ética, quando decidem abrir o portão para deixar entrar a multidão, e ao entrar, apertados, deparam-se com o que só se poderia comparar a um quadro de Bosch que viram na National Gallery, gente suja e descabelada antibritânicamente às cotoveladas e aos encontrões enquanto pula e dança ao ritmo cadenciado do grupo de Julie Driscoll, dirigido pelo marido da cantora, o pianista Keith Tippetts. Fora Pink Floyd – e talvez Zappa – um festival caótico ao som dos *british blues*, porque a seguir apresentam-se os reis do gênero e do hard rock.

A espera é longa. Um dos aspectos mais assinaláveis destes festivais será a calma e paciência das multidões. Ouve-se *Tommy* in-tei-rinho no enorme intervalo, em que Ed e Jimi, deitados sobre os sacos-cama, fumam os seus dois cigarrinhos mais um dos de Jimi antes do infernal quarteto aparecer no imenso palco, quando todos parecem esquecer-se do cansaço, da fome e da brisa fria de uma noite de Verão à inglesa.

Os amplificadores dos Zeppelin produzem um estrondo equivalente ao de uma centena de canhões em Waterloo mas com o máximo de apuro sonoro. Tecnologia de ponta, de grande qualidade e potência, é o sustentáculo de grande parte do prestígio de uma banda hoje em dia. Estampido, potência, peso. Os LZ estão em tournée de lançamento de *Led Zeppelin III*, em que

o que mais sobressai é a impactante *Imigrant Song*, *follow-up* de *Whole Lotta Love*, que não falta ao reportório e parece um *Je T'Aime... Moi Non Plus* gravado pela tripulação de um B-52 durante um bombardeamento no Vietnã e numa boîte de Saigon, mas em que todo o resto é até melhor que o seu primeiro *hit single*, como se sente aqui, entre outros sons turbilhônicos como os de *Good Times, Bad Times* ou *Living Loving Maid*, do seu primeiro LP, lançado há apenas dezoito meses – como os Fleetwood Mac ou Jethro Tull, devem ter entrado pela primeira vez no estúdio já com as obras completas ensaiadas e o sucesso do primeiro permitiu-lhes lançar dois longas-durações em menos de um ano.

Com o calor do bafo da horda pela primeira vez veem-se à noite ao ar livre de T-shirt na Inglaterra. 250 mil pessoas são duas ou três vezes a população de Bath. Um gigantesco exército como este poderia varrê-la do mapa em poucas horas.

Som pesado mas não rígido. Ao contrário, muito maleável. Metade do grupo foi durante um tempo uma asa dos Yardbirds, sigla abençoada que gerou parcela considerável do bluesrock. E o que é mais admirável é que, apesar da fama de melhor banda de hard rock do mundo, eles não se prendem a uma fórmula. Vão desde o tronco folk a um dos seus ramos, o country, o folk americano. No conjunto, talvez o som mais bem produzido no momento. Tonitruante mas de grande riqueza tímbrica graças ao inteligente jogo de alternância entre o guitarrista e o vocalista, entre as marteladas da secção rítmica claramente distinguíveis nos contratempos entre si e com o guitarrista, alternando-se nas acentuações com muito vigor e *souplesse*.

Tudo é novidade. A guitarra de dois braços com afinações diferentes de Jimmy Page. A jovialidade, o vigor e a beleza de Page e Robert Plant, a voz às vezes esganiçada mas que nunca extrapola além do que de momento definiremos como bom gosto. O balanço ondulante do mais puro rock'n'roll e do blues mais autêntico, bem urbano, muito longe dos campos de algodão, mas como se Londres pudesse ter clima do South Side de Chicago, o que está longe de ter. Led Zeppelin Blues Band - como ingleses tão brancos e sardentos conseguem vestir tão bem a pele de lobo, incorporando o *feeling* e a manemolência dos negros? Hard? Heavy? Ok. Mas sempre muito cadenciado, sensual. Led Zeppelin é único porque, leve ou pesada, é a banda mais sensual do mundo. Como apenas quatro gatos pingados produzem essa explosão sonora tão rica de timbres e tão cheia de volume? Não é só milagre da electrónica, embora este contribua em grande escala para a qualidade do conjunto, que se baseia no virtuosismo dos músicos e na potência e maleabilidade da voz do cantor mas também no apuro dos seus engenheiros. O concerto decorre sob o signo do êxtase. Qual é então a melhor banda do mundo?

O impacto da música é tanto que Plant nem precisa de inventar truques de cena, limitando-se a dar de vez em quando umas corridinhas como a fugir de um tiroteio.

O fulgor do som quase faz esquecer o de som e luz dos Floyd, que maravilham pelo encantamento mas para Ed passam definitivamente a fazer parte de um outro departamento, a anos-luz do vigor e entusiasmo do velho rock'n'roll. Um triunfo no que entra para a história como o maior festival da Inglaterra, depois de Wight.

A cabina do trem em que regressam à estação de Paddington é um excelente dormitório.

Foi-se Bath, dois ou três dias em Wight que fossem tornam-se proibitivos. Ed roe-se de inveja de centenas de milhar que foram, os jornais com páginas e mais páginas sobre o acontecimento, os sensacionalistas a denunciar e deliciando-se com tantos exemplos de *feeble* decrépitas e *scary* medonhas cenas, que escarrapacham em letras garrafais. Regresso de Hendrix? Não. As chamadas dos noticiários de rádio e dos telejornais destacam a derrubada das cercas e invasão do *site* por uma legião de anarquistas franceses. Estar em Londres ou no Rio este fim de semana é o mesmo. A cidade parece vazia de gente e de razão de ser. A capital do mundo é a ilha bem menor a sul.

Só se lê sobre o festival nos semanários, que parece como mais uma sucessão de *show-offs* como o do *set* de Hendrix com novo grupo, a Band of Gypsies, com o negro Billy Cox no lugar do baixista Noel Redding e Mitch Mitchell na bateria. Talvez porque não estivesse numa daquelas noites ou – como dizem alguns críticos – pela falta de entrosamento da nova seção rítmica, a atuação do gênio não fica na história.

Taste em Wight 70

The Cover of Rolling Stone

D*isc and Music Echo*, jornal para *teenyboppers* que tanto pode pôr na capa colorida um slide de Andy Williams como um de Peter Green, e em que se se sabe ler as entrelinhas nem tudo fica só pela rama, dedica bom espaço à chamada *underground scene* e discute as suas implicações e implicâncias, traz uma entrevista de Hendrix no regresso à cena após o eclipse, depois da explosiva primeira fase da carreira de Experience. Nela o Paganini da guitarra confessa que o seu maior sonho é comprar um sítio no sul da Inglaterra e casar-se com uma *country chicken*...

Na capa do *Rolling Stone* uma espécie de judeu americano de grande cabeleira redonda e encaracolada chamado Alan J. Webberman, que se apresenta como dylanologista e até chafurdou no lixo da casa do bardo, o recluso que desde o acidente de moto em Woodstock parece querer seguir a trilha do despite dos media de J.D. Salinger, para saber *tudo* sobre a sua vida, inclusive se se pica, como tanto especulou a imprensa nos seus anos de reclusão, quando se especulou até sobre a sua possível morte. A foto de capa interior, porque o *Rolling Stone* também é diferente no formato, dobrando-se em dois e tendo outra capa e contracapa do tamanho de meia página, é ponto de partida para uma daquelas longuíssimas reportagens em estilo revolucionário em que o semanário underground de Frisco é pródigo e o título já diz tudo, *Do we really need a dylanologist to know wich way the wind blows?* – em última análise, sim, dylanologistas ou o que for, tudo serve para manter a mitomania a pleno gás. No mínimo mais uma bela novela produzida pelo jornal a partir de um facto concreto, singelo ou estrambólico. Outro sen-sa-cio-nal vem logo a seguir, uma reportagem com mais um judeu americano da mesma laia do *Weatherman* Webberman que denuncia com o mesmo sensacionalismo que levou tempos infindos a colher dados para um livro e, não tendo encontrado editor, recorreu ao influente neo-*jew* líder do Yippie – de *Youth International Party* (YIP), Festa Internacional da Juventude, porque é justamente essa a brincadeira -, e como o livro, um guia sobre como sobreviver totalmente à borla de norte a sul e de leste a oeste dos EUA,

chamava-se muito coerentemente *Steal This Book*, foi o que ele, o líder yippie, fez, segundo o pretenso autor. Com toda a coerência roubou-o, publicando-o sob o seu nome, Abbie Hoffman, o autor de *Revolution for the hell of it* (1968).

Jimi saiu com a *girlfriend* italiana que está em Londres de férias e é filha do dono da pizzaria onde trabalha. Edgar lê no quarto azul claro com rodapés azul marinho e descansa as lunetas a olhar pela janela envidraçada lá para baixo, para o muro e o início do verdíssimo campo de treinos do Fulham, clube da Segunda Divisão do futebol inglês, numa tarde que, não fosse a composição do enquadramento com o ocre do muro, o verde da grama e os azuis das paredes, seria absolutamente cinza-chumbo, e em que se anima um pouco também com chá e *scones* e um *rolinho* de *hash* com John Player Special. Liga o rádio mas ao ouvir o som do *show* absurdesco de Dave Cash na Radio 1 – em que para não variar azucrina com o inconcebível *follow-up* de *Those Were The Days* de Mary Hopkins – logo o desliga.

Os *blues* aumentam porque o dinheiro é curto e está sem saída. Se, a arremedar a Administração Nixon, a ditadura brasileira, com a pequena-grande a vitória da selecção de futebol no campeonato do mundo, brada aos quatro ventos que quem não ama o Brasil deve deixá-lo, sua profunda vontade é a de ficar de fora, onde é mas não se sente mais estranho do que se sentiria na sua própria terra, com os mais velhos presos a mitos e chavões a que não liga a mínima, e já que se vê também *in* do lado de fora e já que está na Europa melhor será que faça uma pausa para retomar o fôlego para voltar, pois que nenhum outro destino aqui o atrai e nem teria condições de sobreviver em nenhum outro, reluta mas vê-se forçado a aceitar convite da família para estudar em Lisboa.

Vive 'apenas', *quam minimum credula postero*, na expressão do grande Orazio. Imposível ficar em Londres sem ser lavando *pratas*. Não pensa outras duas vezes, prepara-se para mais uma semana a comer os pedaços de pizza que lhe cabem dos que Jimi agora traz do trabalho, pede algum para a passagem de avião para Lisboa, porque não está disposto a ficar os três dias de viagem de trem a despedir-se de Londres, o que vai contra tudo o que queria, e a encarar uma perspectiva de vida que não leva minimamente a sério agora: estudar o que for e ficar em Portugal. Antes voltasse para o Rio. De chofre. Num dia amanhece em Londres e anoitece em Lisboa. Logo se verá. Como se verá. Por mero acaso.

Jimi chega do passeio com a *girlfriend* em Kew Gardens a dizer que estão convidados a almoçar domingo na casa de um goês que mora ali ao lado, um conhecido de Sally que decidira visitar, curioso de conhecer um lusófono oriundo de tão longe.

- Mas afinal parece um hindu como qualquer um desses com que a gente se cruza aqui, aliás é a cara do pai da Indira Gandhi, muito doce e simpático. Só que, por incrível que pareça, fala português com um forte sotaque inglês. Já sabe da novidade? – está mais excitado que o costume.

- Que novidade?

- Não escutou rádio hoje, cara?

- Liguei e desliguei. O que aconteceu?

- Cara, Jimi Hendrix morreu!

- O quê?! Quando? Morreu de quê?

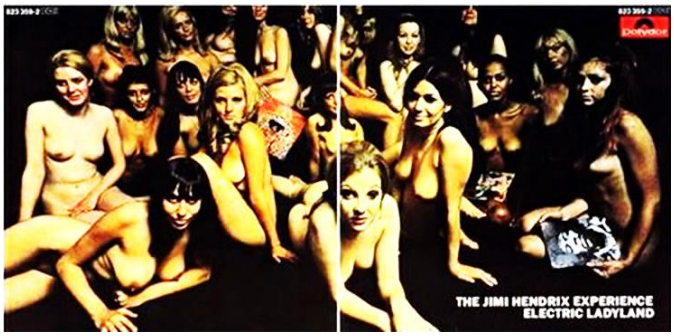
- Não sei. Diz que de overdose. Só vi títulos e primeiras linhas dos jornais da tarde, sabe como é, por eles não dá para ter noção de nada, é tudo superficial e sensacionalista. E tendencioso. Dizem que foi encontrado morto na cama ontem à noite pela namorada alemã.

A notícia deixa-o pior ainda. Saem para comer *fish & chips* no snack da esquina em clima de finados, com a sensação de perda de um ente querido. Não se fala noutra coisa. Jimi está atordoado. Compreende-se, a dizer que o 'nêgo' era seu sósia...

- Quem será capaz de fazer o que ele fez, em matéria de som? Não era só a qualidade do músico, do instrumentista e da música que ele tocava. É a sua originalidade. Ninguém – ninguém – conseguiu produzir um som tão envolvente, tão caloroso ou aterrador, tão perfeito nos climas que sugere. *Tchan-tchan-tcha-tchan-tchan-tchan prrrissst! Tchan-tchan-tcha-tchan-tchan-tchan* – tenta imitar com a boca a introdução de *All Along the Watchtower*.

Electric Ladyland é o disco preferido de ambos, que põem Hendrix acima de todos os outros, até de Peter Green e dos

Fleetwood Mac, que consideravam o melhor grupo de rock em atividade até a debandada, ao que se diz, não de um mas dos seus três guitarristas, sobretudo por causa de *Man of the World*, uma das suas maiores refrências comuns.



- Quer saber de uma coisa? Volto já – diz de repente e desaparece na esquina.

Volta com *News of the World*, *The Sun* e *Daily Mirror*, cada um com três páginas de bisbilhotices, boatos e fotos do herói da guitarra – *Guitar hero*, como arrisca um deles em parangonas azuis.

A esta hora é o que há de novidade. Jimi dorme soterrado por folhas de jornal como se a sua cama fosse um caixão ornado com grandes títulos pretos, vermelhos e azuis com fotos de um personagem bizarro, cara de quem acabou de acordar

estremunhado antes de ser surpreendido pelo fotógrafo, cabelo desgrenhado, barba inculta e roupa... o que dizer da roupa? Camisas de cores bizarras mesmo para o gosto latino mais piroso, como verde alface e lilás, com punhos folhados pré-vitorianos, cintos de dez centímetros, calças de listas de três, quatro cores que parecem não combinar – figura carnavalesca, um extra-terrestre na aparência e nos sons que produzia com a sua guitarra com que explorava de forma inimitável todos os recursos sonoros, acrescidos dos efeitos do pedal wah-wah, mais os de câmara de eco e a possibilidade de gravar e regravar em cima para multiplicar os efeitos numa era ainda de grandes limitações, com uma metodologia de montagem e superposição de sons que todos os vanguardeiros que o ouviram e foram suficientemente espertos, como The Beatles e o seu produtor George Martin e os Rolling Stones, adotaram em *Sgt. Pepper's*, *Magical Mistery Tour* e *Their Satanic Majesty's Request*.

O fim de semana da morte de Hendrix decorre sintomaticamente sob o signo dos Stones, já que ao passar em Richmond os dois deixam Renata, a namorada do 'sósia' do seu maior ídolo, a sacudir a cabeça enquanto, muito agitados, comentam em português tudo o que sabem sobre a estreia dos Rolling Stones no Crawdaddy de Giorgio Gomelsky e como aqui começou a aventura do conjunto. Renata traz um exemplar da edição da véspera do *Corriere della Sera* com uma reportagem sobre a morte de Hendrix, que lê e, o que não entendem, tenta traduzir em inglês.

Diz, a abrir, que segundo a namorada Jimi jantou em casa de Eric Burdon, onde tomou vinho e segundo rumores não confirmados também teria fumado haxixe. Que segundo ela ao chegarem a casa Jimi tomou comprimidos para dormir. Quantos? Não soube precisar.

As últimas palavras que Monika Danneman se recorda de ter trocado com Hendrix reportam-nos às sete horas da manhã de sexta-feira. Três horas e meia mais tarde Jimi dorme ainda. Monika decide então sair para fazer compras. Ao voltar vê que Jimi vomitou e não consegue acordá-lo. Telefona a Eric Burdon, que ao aperceber-se do que se passa urra-lhe para que chame uma ambulância. Alarmada com a hipótese de um possível escândalo e ainda não convencida de que se trate de coisa grave, Monika limita-se a aguardar a chegada da ambulância. Jimi é posto sentado e atado em posição ereta: errore madornale...

- Errore madornale... O que quer dizer?

- Erro monstruoso... *que quase certa... que quase certamente lhe custa a vida. Sem conseguir ver-se livre do vómito ainda bloqueado na garganta, Jimi morre sufocado.* Pudera... Ouçam isto: *FALA-SE EM SUICÍDIO E ATÉ EM HOMICÍDIO. DIZ-SE QUE O FBI AMERICANO SEGUIA HÁ TEMPOS OS SEUS MOVIMENTOS E QUE ELE PODERÁ TER SIDO ALVO DE PELO MENOS DUAS TENTATIVAS DE ASSASSINATO, UMA* ADDIRITTURA... Addirittura... como dizer?... Não importa... *DO OUTRO LADO DO OCEANO.*

- Por quê? Por causa do *Star Spangled Banner* tocado em Woodstock como se fosse um hino apocalíptico? Imagina o que se pode dizer com uma guitarra sem uma palavra, com uma torrente de sons como se fossem bombas... Por ser contra a guerra e cantar *hey Joe, where are you going with that gun in your hand*? Mas aí ele nem está a falar para um soldado ou para o pessoal

tipo Black Panthers, que optou pela violência, pela luta armada na guerra contra o sistema branco, como eles dizem, como os grupos de guerrilha no Brasil... Quero dizer, nem é um cântico pacifista, mas a história de um crime passional, de um fulano que em crise amorosa mata a mulher e foge para o México...

Em Kew, depois do almoço de chamuças e chapatis que fazem Ed arrotar como um leão, a olhar a planície quase deserta, com uma árvore ou pequeno bosque aqui e ali, que nem uma savana africana, toma a decisão de providenciar bilhete de avião para Lisboa. Antes que morra também quiçá vítima de uma fritura fatal de *fish & chips* ou de fome.

Sentiu no Rio por breves instantes uma vez ou outra. Sente agora sempre que acordado. No Rio era porque só ele, Jimi e Solemar sabiam que tínham tomado uma daquelas decisões que podem marcar toda uma vida, embora no fundo ele não acreditasse que pudesse permanecer tanto tempo fora. Lá, porém, estava a tomar uma decisão grave mas de muito bom grado, e sentia como uma espécie de frêmito de luxúria, uma sensação boa de vertigem, como quando, sofrendo dela, sente-se como que uma atracção pelo abismo para que se olha antes de... mergulhar.

O espírito era o de ter vindo ao mundo também a passeio. Cada passo pode ser decisivo e um passo errado, fatal. Ao projectar o passo decisivo para fora do casulo, no meio da jornada, sentia frissons ao mesmo tempo pavorosos e sublimes percorrer-lhe o corpo, das pontas dos cabelos às das unhas dos dedões dos pés. O prazer e o pavor decorrentes do rompimento dos laços sociais para uma suposta conquista da liberdade é superior a tudo, faz com que tudo o resto seja desprezível.

A decisão que toma agora não é assumida por vontade própria mas por falta de alternativa. Nunca pensou em morar lá. Ir para Lisboa não lhe agrada porque parece isolada de tudo. Mas tudo somado está perto de Londres, sente-a ao mesmo tempo como uma etapa necessária no rumo encetado, um rumo impreciso porém já inevitável de todo o viajante, que é o de marchar porque a estrada se faz a caminhar, e uma vez na estrada não se pode parar, breve voltará, com Jimi por aqui terá sempre outro ponto

de referência, maior impulso para voltar, quem sabe ele mesmo não arranje um gancho para o fazer mais cedo do que imagina. Em Gatwick Jimi estende-lhe um tubo de folhas enroladas com um rascunho do resumo das suas últimas pesquisas sobre Huxley, em que esteve a trabalhar enquanto Ed fazia a mochila e que desenvolverão e aperfeiçoarão pelas décadas a vir.

Terra da Dama Eletroacústica

Lisboa, 1970. Portugal é um pequeno país quase esquecido do mundo, separado do resto da Europa pela Espanha e como ela sob ditadura. Esquecido e quase totalmente isolado do mundo de onde a microcosmos isolados em ilhas da fantasia chegam ecos de novas e vibrantes experiências de vida que ali só se podem reproduzir na imaginação.

A terra da dama elécrica e a ilha envolta pelo nevoeiro imaginada pela dama eletroacústica são a ilha do visionário do Surrey, a utopia que se pode captar em sobrevoos psicodélicos, por exemplo, mas não viver em pleno, porque imaterializável – sonho de Atlântidas, Ítacas, Utopias, Lilliputs, Nações de Woodstock; fantasia da terra do nunca, talvez a maior das sonhadas pelo homem; o paraíso em vida, dentro de nós e em tudo ao redor.

Sob o sol de Parador

Barco Negro: tudo isto existe, tudo isto é triste, tudo isto é fado

À terceira saída de casa após a chegada as sabrinas à la Bolan já não saem do armário. Nos primeiros meses como que flutua sobre as ruas de gente lúgubre, velhos e novos, homens, mulheres e até crianças o insultam com olhares e expressões de escárnio pelas roupas que usa e os cabelos cacheados caindo sobre os ombros, ar angelical-endemoniado de jovem caravaggio em fuga, fora do tempo e do lugar. As radiosas auroras tropicais arquivou-as na memória em Londres mas não há meio de se adaptar às manhãs tardias. Recém-chegado, o acaso - companheiro constante do caminhante errante - volta a operar mudança. Numa manhã ensolarada de domingo de início de outono, ainda na cama ouvindo a emissão da Rádio Universidade, que transmite através da Emissora Nacional, a sua vida sofre guinada decisiva.

És estudante universitário ou pré-universitário?!

Gostas de rádio?!

Queres aprender a fazer rádio?!

Então vem inscrever-te!!

Vai de jato no dia seguinte. Uma oportunidade servida de bandeja de fazer algo em que jamais pensou: adentrar o universo mágico da rádio, que desde sempre povoa o seu imaginário. Fica espantado na primeira aula de edição e montagem, em que o professor João David Nunes passa um trecho do programa POP 3-

9-7 METROS como exemplo de como se edita e mistura sons, com a colocação de voz e a dicção, o *timing*, o ritmo e a técnica de mistura de voz e sons de um jovem disc-jóquei português, Nuno Martins, feito ali meses antes. Que parece melhor que os melhores de Londres. Como no melhor cinema.

Mergulha de cabeça na concepção, escrita, produção e sonorização de programinhas de quinze minutos, porque as emissões são muito curtas. Começa a ver Lisboa como uma interessante alternativa temporária a Londres enquanto busca uma forma de voltar com o mínimo para viver lá.

A nova e vibrante atividade alivia um pouco a angústia e os engulhos que o assaltam desde a chegada. Quem sabe Lisboa não há de ser melhor do que se pensa, dizia Jimi. Não é, escreve-lhe, e parece-lhe ainda mais incaracterística e feia vista das Avenidas Novas, como chamam a zona mais moderna e arejada, a norte das sete colinas de onde a cidade se expandiu. Soa melhor do Miradouro da Senhora do Monte, a que o levaram um dia depois da chegada para ter uma ideia de como é vista do alto, e de facto ali ao menos os horizontes são bem amplos, não atarracados e simplórios como os de lá de baixo, onde a cidade parece mais velha do que antiga e pobre. Não conhece ninguém da sua idade fora da RU. Tudo parece... fuleiro - cafona, retrógrado, atrasado. Como a quase inexistência de grandes anúncios luminosos, o que aos seus olhos quase infantis torna a noite lisboeta ainda mais soturna.

Não que o país esteja totalmente isolado do resto do mundo - ainda não chegamos à Albânia. Ao contrário, na falta de noticiário interno, porque as notícias das guerras nas colônias africanas, de que nem se apercebe, são censuradas e além dela só é dado ler sobre um famoso processo judicial que se arrasta há anos com um belo nome de policial, o Caso Sommer, e de que não percebe patavina porque já apanhou o folhetim quase no fim, ou as inaugurações de obras do presidente gagá almirante Américo Thomaz, os jornais publicam tudo o que podem de noticiário do exterior e exclusivos de jornais e revistas ingleses e franceses.

As circunstâncias o obrigam a deixar passar o tempo apesar do marasmo e deleitar-se com as perspectivas insuspeitáveis e excepcionais que a RU lhe abre, porque apesar de iniciante e amador o pessoal leva o trabalho muito a sério. A maior parte encara-o como trampolim para uma carreira que todavia poucos seguirão, porque os caminhos são muito estreitos e não compensa,

em termos financeiros... e lá se vai o *bichinho* (como é chamado o estranho vício que logo assalta quem experimenta fazer rádio) pro vinagre. Ponto assente básico e de princípio é respeitar as regras do jogo e *jamais* pisar o risco. Em termos ético-existenciais no entanto acaba por se sentir totalmente fora dos padrões. O clima de camaradagem nos estúdios e sobretudo quando aos domingos, após a emissão, se vai em grupo ao Café Tarantela tomar um mata-bicho almoçarado, é legal. Mas o ambiente em volta, embora não inamistoso, é quase sempre pesado, pelas insinuações torpes e os risinhos de troça com que frequentemente é brindado pelo seu aspecto, a refletir o clima nas ruas.

Nem sabe o que veio antes: o cabelo e as roupas que lhe dão ares de menino selvagem e que o põem à margem num país em que, por questões políticas *e morais* incrustadas no inconsciente colectivo e reforçadas pelo regime vigente, não há espaço para um mínimo de contestação de qualquer tipo de valor, ou se já era a própria cabecinha talvez insana que o empurrou para a perdição, que sem que se aperceba tenha nascido já torto, a contestar além do próprio raciocínio tudo o que cheire a *star system*, primarismo comercialóide ou alienação. E não será assim apenas porque está em Portugal. Afinal até Peter, Paul and Mary cantavam há anos que *if I really say it the radio won't play it, unless I lay it between the lines*, se ousar falar a rádio não vai tocar, a menos que o diga entre as linhas. Entre as linhas engrena num ofício. Sendo o sistema o mesmo a diferença é apenas de amplitude de controle. O ambiente é sinistro e por isso escreve em tradução de uma canção, em vez de revoltos, meus cabelos revoltados.

Só compensa - e muito - o prazer maluco, como lhe disse shakespearianamente Peel certa vez em Londres e fez questão de anotar, de estar *'twixt the turntables pulling the triggers on the forty-fives and thirty-threes and seventy-eights*, entre os pratos engatilhando os quarenta-e-cinco e trinta-e-três e setenta-e-oito.

OU COMO FAZER ROTEIROS DE PROGRAMAS DE RÁDIO

Take me back
Take me way, way, way back
where we can feel the silence
at half past eleven on long summer nights
as the wireless played Radio Luxembourg.
Hyndford Street, St. Donald's
Church, Sunday six bells.
And in between the silence there was
conversation and laughter and music
and shivers on the back of the neck.
And tuning in to Luxembourg late at night
and jazz and blues records during the day.
Also Debussy on the Third Program
early in the morning
when contemplation is best.
And reading mr. Jelly Roll
and Big Bill Broonzy
and Really the Blues
by Mezz Mezzrow
and Dharma Bums by Jack Kerouac
over and over again.
Can you feel the silence?
And it's always been night
And it's always been **NIGHT**

Van Morrison

Leva-me leva-me lá
Leva-me lá, lá, lá atrás
onde se pode sentir o silêncio
às onze e meia em longas noites estivais
e do sem-fio ouvia-se Radio Luxembourg.
Rua Hyndford, S. Donaldo, sinos
de igrejas a repicar domingos.
E entre o silêncio ficava-se
à conversa, soavam gargalhadas e ouvia-se
música com a nuca arrepiada.
Sintonizar a Radio Luxembourg na calada
e ouvir discos de jazz e blues de dia.
Também Debussy no Canal 3 à alba,
a melhor hora para a contemplação.
E ler o sr. Jelly Roll
e Big Bill Broonzy
e Really the Blues
de Mezz Mezzrow
e Vagabundos do Dharma de Jack Kerouac
uma e outra e ainda outra vez.
Pode sentir o silêncio?
E tem sido sempre noite
*E tem sido sempre **NOITE***

On Hyndford Street

Sempre que pode sintoniza o seu velho Crown que agora tem um elástico a segurar a tampa na Radio Luxembourg quando ela é captável em Lisboa, às vezes já a partir das quatro da tarde, quando a sintonia é muito melhor mas quase intolerável, porque toda a

emissão até o *Kid Jensen Show*, à meia-noite, é perfeitamente dispensável. Mas sempre fica a par do lixo pop e de alguma coisa melhorzinha que se produz. Alterna Luxemburgo com a Radio Nord See International, uma ou outra rádio portuguesa e muita onda curta. Em longas noites sombrias sintoniza as seções portuguesa e brasileira da BBC e de quando em vez as Rádios Albânia e Portugal Livre, que transmite de Argel, sempre magicando em clima de 1984 se a Pide terá de fato hipotéticas unidades móveis de que captaria os comprimentos de onda sintonizados por aparelhos domésticos, como se chega a especular.

Rádio, um meio muito quente. Quem alguma vez ouviu/viu um bom programa, mesmo só com músicas coladas umas às outras, sabe de todo o potencial, toda a carga de adrenalina que pode produzir. A única verdadeira companhia de um cão solitário, além de um bom livro. E que, como um livro quando se o lê, transmite imagens que se imagina enquanto se ouve. Com a vantagem sobre o livro de ter som, podendo ser um filme sem imagens. Cujas imagens são produzidas em conjunto por quem a faz e o ouvinte. *American Graffiti* dixit. Wolfman Jack chega a operar milagres.

Deu até para refazer em filme a montagem radiofônica de Orson Welles de *A Guerra dos Mundos* (*Invaders from Mars*) na CBS, em 1938, tão bem engendrada e realizada que causou a estrondosa repercussão do que seria um dos maiores *furos* de reportagem da história dos então nascentes mass media. Um projeto inconcebível em qualquer outro meio. Ninguém pode ser convocado para o fim do mundo, uma invasão de marcianos. *American Graffiti* mostra a influência que sons emitidos por um lobo solitário de uma saleta, rodeado de botões, sob uma luz tênue e face a um microfone pode exercer sobre toda uma comunidade. Como disse Robert Bresson,

Ao ouvir-se um ruído, recria-se uma cena. Ao ouvir um silvo de locomotiva, vê-se logo uma gare. Mas quando se vê uma locomotiva não se ouve o respectivo silvo. Creio que o ouvido é muito mais criador do que a vista. No entanto a vista também é inventiva, mas não no âmbito dos sons, ao passo que os sons podem ter um poder inventivo no âmbito da imagem. E por mim não hesito um segundo sequer. Se posso substituir um cenário por um som, prefiro o som... E daí a vantagem de dar livre curso à imaginação do público e de chegar a esse resultado tão difícil que é não mostrar as coisas mas sugeri-las. É preciso estar ciente de que as imagens que se vê no telão não são da mesma natureza que a Natureza ao passo que os

sons são da mesma natureza. Aquilo que o telão nos dá como sons é da natureza do som ao passo que a imagem não é da natureza da Natureza.

Música como rádio. Para contar um causo. Dizer e tentar ir além do que diz uma poesia, sonorizando-a, pois é a forma de escrita mais próxima da arte dos sons. Assim falou Edgar Lessa:

- Nasci com ela, conheço-a bem, agora faço-a.

Espetáculos e reportagens, depois o rock, para que foi feita, como mostra George Lucas, e os jóqueis põem-se a galopar sobre aquele ritmo estonteante em Top 40 até surgir o FM, Tom Donahue e a revolussom: ganha força também o material menos palatável, muito melhor do ponto de vista 'lírico' que é por si mesmo documental e comentário vocal e instrumental/sonoro, e bem assim o documentário, reportagem desde *A Guerra dos Mundos*, com forte influência do neo-realismo nos melhores momentos no pós-guerra. Quando trabalhava como jornalista na BBC o poeta Dylan Thomas escreveu *Under Milk Wood*, um 'drama radiofônico' com texto em prosa, poesia e canções em que evocou a vida numa cidade imaginária da sua costa galesa natal.

Ao ler e ser informado sobre isso toma melhor tino de um meio muito mais complexo e abrangente que o emissor de folhetins, programas humorísticos, noticiário e música que cresceu ouvindo. Algumas emissões são já pós-modernas, fazendo a síntese da matéria dada & dadá, como *Campus*, de Michel Lancelot, na Radio Europe 1, que passa em revista, dos mais variados ângulos e com estilo e forma claros e diretos que seria impossível empregar em Portugal, os acontecimentos mais emocionantes dos anos 50 e 60: o 'regresso às origens', a luta contra a segregação racial, o movimento estudantil, a luta armada de norte a sul das Américas. Ou as reportagens que Adelino Gomes produz no *Página 1* da Rádio Renascença: um repórter inato com um extraordinário dom de elocução mesmo quando transmite de um telefone de beira de estrada, como durante o Rallye Paris-Persépolis-Paris.

Num sentido completamente diferente não deixa de ser também impactante o estilo sofisticado do *Em Órbita*, do Rádio Clube Português, que faz escola em matéria de padrão radiofónico em FM pelo rigor e clareza dos breves textos que o actor-locutor Cândido Mota debita e, como os textos, o conteúdo musical bastante 'elitista' mas que cativa, ao mesmo passo em que até enerva, pela

depuração e o bom gosto, folk song, folk-rock e country-rock; rock barulhento, rock mesmo, nenhum. O cada vez mais obscuro e obscurantista Bob Dylan como papa.

Alan D. Pennebaker

O seu pretoguês causa assombro, não raro perguntam-lhe *mas o que é que estás praí a dizer* quando carrega no sotaque de pivete carioca tipo *é mêmo* e fala com erres de brônquios acatarrados e ésses arrastados em chiados. Logo se apercebe que se a dele é a de ser disc-jóquei tem de aprender a roçar a língua na das alfacinhas. E é difícil. Não s'rá m'lhorrr desistir de vez, ou s'rá m'lhor insistire? Chiados de têS e dês somem, ficam o tê e o dê 'à inglesa' ou 'à francesa' numa salganhada em que pululam expressões mal pronunciadas por vício de uma vida a falar o português coloquial errado de todo brasileiro médio, como quando diz 'compania'.

Não tem a voz colocada e empostada mas isso aprende-se. O tom de voz é meloso e suave, mas ainda não perdeu a mania de emiti-la em falsete, e precisa pensar duas vezes antes de empostá-la. Mas a pronúncia abrasileirada de português forçado e o nervosismo são decisivos e é reprovado na prova de voz, um duro golpe em sua repentina pretensão de se tornar disc-jóquei, ou *deejei*, e que o força a ter de optar por um curso de sonoplastia. Três pratos de pickup para treinar, primeiro firmeza na mão e nos dedos para segurar as bolachinhas de 45, as bolachas maiores de 78 e os bolachões de 33 rpm enquanto o prato gira, para não alterar a velocidade, com especial cuidado pelo fato de, em função do uso, os orifícios centrais das bolachas poderem estar arreganhados e não as fazer tremer, produzindo ruídos quando o volume está no máximo, pronto para o acetato ser disparado com o som a toda. Aprender a fazer *fade-ins* e *fade-outs*. Misturar sons jogando com tonalidades similares ou antagônicas ou os compassos de uma ou outra música. Passa com louvor na prova final e não tarda é chefe dos Serviços Musicais e de Montagem, com direito à realização de programas diários e semanais. *'Twixt the turntables pulling the triggers on the forty-fives and thirty-threes and seventy-eights*.

O ambiente do dia-a-dia, entre técnicos, locutores e sonorizadores, estudantes e ex-estudantes, é de escola de adolescentes com tutor, o diplomata Álvaro Gonçalves Pereira, Diretor de Produção que faz os papéis de manter ordem na casa e de censor. Só se improvisa na apresentação de discos. Tudo o mais é escrito e submetido à censura prévia interna. Como programador musical Edgar tem também a missão de escrever a apresentação

de uma canção recém-lançada como uma das atrações de um programa dominical. Num domingo escolhe *Lady D'Arbanville*, com que Cat Stevens surpreende ao se relançar no showbiz como baladeiro-trovador, após uma primeira fase pop. O novel bardo derrama-se sobre um caso amoroso com uma jovem filha da bela nobreza francesa candidata a atriz, ou vice-versa. Tudo muito insípido, como a própria musiquinha que o futuro muçulmano Yusuf Islam irá por certo colocar no rol dos seus êxitos condenáveis - não pela má qualidade, o que até seria lógico, mas por desrespeitar os preceitos do Corão. Capricha no texto de apresentação sobre o entrecho e os bastidores da canção do anglo-grego de voz fanhosa, cujo *affair* pode também ser interpretado como mais uma prova da possibilidade de rompimento de barreiras sociais por que a nova geração luta, ou vice-versa. Finda a emissão é chamado ao telefone, de onde uma jovem ouvinte fala da sua emoção pelo que acaba de ouvir, num monólogo tão envolvente que só termina seis horas depois, com Ed deitado no carpete da sala de casa marcando um encontro para irem assistir *Let it Be* dos Beatles.

Going Back Gerry Goffin-Carole King The Byrds

I think I'm returning to	*Parece que estou de volta*
those days when I was young	*aos dias em que era jovem*
enough to know the truth	*o bastante para saber a verdade*
I think I'm returning to when	*Parece que estou a voltar*
I wasn't afraid to reach out	*ao tempo em que não temia*
to a friend	*estender a mão a um amigo*

O encontro é no ponto final do ônibus de Alfavila, na Rotunda. Desce esbaforida, o rosto banhado em lágrimas – Edgar, Edgar, Janis Joplin morreu, centelha para um súbito enleio.

O Grande Hendrix foi-se há poucas semanas. Agora é a vez da feia, arrepiante mas enternecedora Janis de 'emoções baratas'.

De mãos dadas a suar também pelo calor de veranico, sobem a Fontes Pereira de Melo até o Saldanha.

Fora talvez a performance final de *One After 909*, *Let it Be* não é propriamente um filme para pôr os espíritos em alta, com aquele clima de cerimónia fúnebre de final de um sonho em que embarcou a juventude de meio mundo, porque Leonid Brejnev e Mao Tsé-

Tung mantêm a outra metade sob mão-de-ferro. Passam todo o tempo de mãos dadas e em dois dias lá está ele de novo à espera do ônibus que a traz de onde mora com o pai viúvo e um irmãozinho temporão.

Sobem o Parque Eduardo VII até o café ao ar livre, onde mal prestam atenção ao vasto panorama até o rio Tejo, banhado por um magnífico sol de meio da tarde enquanto tomam chá preto, os olhos em *close* um no outro.

- Acho que nunca gostei tanto assim de um momento e de um lugar – diz ela num instante de maior ternura, inclinando o tronco do encosto da cadeira de ferro a descerrar os incisivos encavalitados e abrindo descomunalmente os olhos atrás das grossíssimas lentes dos óculos que uma miopia abissal a obriga a portar, o todo a produzir uma expressão que poderia ser aterradora não fosse a ternura que evola dos olhos castanhos e o clima de encantamento produzido pelo seu discurso envolvente.

O sistema colonial no Brasil fez com que escultores mulatos copiassem à risca o modelo estético europeu, de modo que até os querubins de altares e púlpitos das igrejas barrocas têm as caras rechonchudas e os cabelos louros encaracolados dos originais do Velho Continente, um modelo de gente que a própria terra quase não (re)produzia à época, por falta de homens e mulheres com esse tipo físico, e por demais contrastante com a fisionomia dos curumins e pardos de patente local. A magreza do então astro nascente Caetano Veloso, modelo de mulato pele-e-osso de fome, deu-lhe cobertura na adolescência esquelética, em que volta e meia seus longos gambitos eram motivo de chacota. Talvez essa diferença substancial tenha influído também na atitude de carregar nas tintas da diferenciação, deixando crescer barba e cabelo e a vestir-se à teddy-boy e hippie de boutique, um *dandy* de pré-fim-de-século. Caetano deu a cara a tapa para defender a irmã, alvo de chacotas mais ou menos veladas por não ser o modelo de beleza à medida dos padrões estabelecidos para as misses, modelo ainda e sempre prevalecente no seu país, que juntamente com o futebol também no campo dos concursos internacionais de beleza está sempre a dois centímetros de mais um título 'universal'. Propondo-se então a fincar o pé por uma revolução do regime de vida vigente, que esse seja também para ele um novo anti(porque tudo tem de ser anti)paradigma de quem não se importa com as aparências,

estando também ligado à dita beleza interior. Há uma associação entre esse tipo de 'amor novo', diferente ou diferenciado do da *velha geração*, e a atitude ingênua e sã em que baseia um posicionamento diferente no discurso amoroso. Afinal um sonho velho também esse – reinventar o amor, o de todo poeta, mas as motivações dos anos 60 ainda valem e nelas continua também a beber para reforçar o ideal de um homem aberto/novo, embora certas estroinices do Women's Lib lhe pareçam puro carnaval.

À primeira vista nada a diferencia de uma estudante secundária qualquer, a não ser talvez seu profundo envolvimento com o rock. Garotas que gostam de rock há por aí aos montes, mas ela fala como um *connaisseur* que se interessa não só pela música mas pelo que sons e atitudes de quem a faz representam. À sua imagem de leitor de hebdomadários ingleses, americanos e franceses, que o mantêm ao corrente de *tudo* o que se passa. A propósito da sua barba inculta e do seu biotipo põe-se a falar com grande intimidade de Peter Green, um dos músicos preferidos do comparsa.

Mãos dadas entre e sobre os braços das cadeiras logo combinam ser amigos e que, além de se encontrar, falar-se-ão sempre por telefone e se escreverão – em inglês, impõe ela.

- Vamos vincar a nossa diferença e a diferença da nossa relação. Somos diferentes, por enquanto parte de uma minoria que quer construir um mundo novo, onde reine a paz e a harmonia entre todos os seres humanos – proclama, antes de propor que mudem de nome.

- E que nome você teria?

- April. April Sun.

- April Sun – bonito nome.

- E tu vais te chamar Eric.

- Eric?! E por quê Eric?!

- Porque é um nome viking, do tempo e dos lugares de onde vêm todas aquelas histórias maravilhosas de duendes e gnomos, de druidas e duendes da floresta, de um imaginário mágico, cósmico, e que se adapta bem à tua figura e aos teus ideais de pureza. E depois é o nome de Clapton, que amamos muito, não é verdade?

Eric Sun. April e Eric Sun! Vamos construir um mundo maravilhoso à nossa volta!

Ao chegar a casa corre para o quarto, acende duas velas sobre a escrivaninha e escreve a primeira carta, em que diz que, se bem que inspirado nas lendas e em Clapton, aquele Eric não lhe saiu tão espontâneo: era o nome de um personagem que inventou para ser seu 'imaginary lover', que foi preso por se recusar a ir para a guerra 'matar os seus irmãos'. Eric Bohannan.

É a sua vez de pegar o ônibus e ir ao encontro dela em Alfavila, no ponto em frente a um pequeno shopping que serve de eixo entre o dormitório de mamarrachos que começa a crescer do outro lado da estrada e o pequeno bairro de modernas vivendas geminadas que parece reproduzir o ideal do sonho americano de confortáveis refúgios suburbanos de classe média, mas que tende a dar origem a uma franja do vasto emaranhado de prédios uniformizados, drugstores e shoppings em que começa a transformar-se a periferia de Lisboa que, embora em aparência fechada a todo tipo de influências externas, está já sendo ocupada por pequenos templos de consumo acelerado, quais *supermarkets*, snack-bares, drugstores e cinemas de bolso.

Alfavila é ainda recanto quase bucólico, porque as colinas em volta e sobranceiras à estrada Lisboa-Sintra quase não têm vestígios de civilização, além de dois moinhos em ruínas, refúgios dos poucos jovens 'bem' da localidade. Ali passam tardes inteiras a namorar e falar de sonhos. Ela tem uma guitarra em que entre uma coisa e outra ele dedilha uma das poucas coisas que sabe tocar, porque toda baseada num *riff* de quatro notas, *Love Like a Man*, de Alvin Lee. Um cobertor, às vezes um livro que ela também leva, nenhum barulho além do vento e dos carros que passam ao longe, April divaga:

Pensa na nossa estrada larga, cheia de canções, guitarras, sorrisos, crianças e muito amor, com um veleiro de madeira cheio de amor.

E como o preceptor a Emílio:

Somos a gente boa da nova geração abençoada. Temos de mostrar-lhes como somos diferentes: novos e abençoados. Chegaremos lá, meu amor, ao topo da montanha. E então, talvez antes do que pensas, seremos livres de verdade, dentro de nós, porque essa é a única liberdade que podemos preservar e manter. Faremos deste amor uma coisa nova e construiremos à sua volta um mundo aberto a todo mundo.

Entre os programinhas que faz na RU em pouco tempo decide dar uma de Eric e lança um mais à sua imagem e semelhança – *Écloga*, de início para transmitir o sentimento de bonomia e bucolismo em que baseia a atitude de partida para cada dia (o resto se verá), com o apoio bibliográfico de April e música apropriada, 'clássica' ou rock tipo acid, folk ou country. Num 'apontamento' um naco de prosa de Kerouac, em outro trecho do *Cântico dos Cânticos*, em mais outro um protesto manso contra a reação das pessoas ao seu cabelo 'revoltado', enfim, até Samuel Usque em *Saudações às Atribulações de Israel*.

Daí parte para o sociologismo e desata a tentar difundir ideias da contracultura. O passo é mais longo que as pernas, sobretudo pelas limitações *do meio*.

Liberdade de reunião - zero, mas nos nichos giza-se a contestação em uma ou outra faculdade e célula clandestina. Não tem nem perfeita consciência do que se deve ou não dizer, calar ou insinuar nas entrelinhas. E como que inconscientemente começa a chutar ideias.

Numa tarde um técnico lembra-se, vai ao arquivo e mostra uma gravação de uma das raríssimas transmissões ao vivo durante as breves emissões da RU, em que se me revela em pleno até onde pode chegar o poder da metáfora. Trata-se de um jogo de rugby CDUL-Direito em plena campanha grevista Direito 69 e Adelino Gomes faz o relato como se fosse uma extensão do prélio político-estudantil entre a Reitoria da Universidade de Lisboa (o regime, representado pelo Centro Desportivo Universitário de Lisboa) e a associação de estudantes da sua Faculdade de Direito (a oposição).

Écloga permite-lhe sentir pela primeira vez na carne os limites do exercício da profissão. Álvaro Gonçalves Pereira, com toda a jactância e sem lápis azul mas com uma Bic ponta fina da mesma cor que lhe estendeu, inclinando-se sobre o pequeno maço de folhas de emissão pautadas com o símbolo das quinas da bufa ao alto à esquerda e descerrando a cortina para abrir a grande e alva dentadura:

- Isto, convenhamos, não tem lógica, não pode ser dito assim.

Tem toda a lógica, associada à subversão, num campo mais vasto e perigoso, porque em princípio apolítico e – pior – também político.

O texto – ingênuo, patético? Delírios? Devaneios? Seja como for, cortam porque querem afastar qualquer hipótese de uma ideia do gênero ganhar força.

Écloga 18-3-71 – a evolução do homem e, agora, a sua busca incansável; a pesquisa do que há a fazer para que o Homem possa acompanhar as rotações que ele mesmo imprimiu à vida dos que nesta era vivem, a partir de recém-editado *The Human Zoo* e de *The Naked Ape* de Desmond Morris – *as comunidades pseudo primitivas; o retrocesso do Homem às suas origens; a busca incessante da resposta à incógnita que se lhe apresenta ao olhar para o seu futuro.*

O que ele corta com riscos em círculo para borrar:

Pergunta:

Qual a diferença entre um grupo de nativos negros a esquartejar um missionário branco e uma turba de brancos a linchar um negro indefeso?

Com uma grande cruz:

Os feriados pagos, o trabalho, o seguro no desemprego, nada disso lhe diz respeito. Ele é de outro mundo, vai mais além do que nós, simplesmente para afirmar que a nossa vida não lhe interessa.

Ao fazê-lo exprime a sua oposição constante a um modo de vida, uma civilização que a todos os níveis lhe inspira náuseas.

Prossegue logo, mas aí acaba a cruz em X e há um traço até o fim do trecho antes da música:

Ele tem a constante preocupação de exprimir o seu profundo desacordo com uma civilização que apenas considera o indivíduo em função do seu poder de compra, e portanto de consumo.

O beatnik, puro produto de uma sociedade super-desenvolvida, não gosta desta civilização ao ponto de querer modificá-la radicalmente e de fazer tremer as bases do novo continente. A sua ambição limita-se a

exigir uma sensível modificação das estruturas sociais, com o único objetivo de permitir a expressão dos seus próprios valores no quadro de uma civilização industrial.

E mais adiante, com um risco mais fraco a circundar:

Organizados segundo uma forma tribal copiada dos Índios em 'comunas rurais', os hippies reaprendem a viver em sociedade, mas fora das leis que regem a sociedade oficial americana. Assim nasceram quarenta aldeias do Canadá ao México, ao longo dos Estados Unidos; os membros da tribo cultivam as hortas, trabalham a madeira, entregam-se à serigrafia, fabricam objetos, redigem e compõem magazines.

Os diggers fornecem alojamento gratuito e alimentação aos adeptos desindinheirados de São Francisco, Los Angeles, Greenwich Village e Boston. Na Costa Oeste, a cooperativa ***Hip Job****, onde estão inscritos 6 000 hippies desempregados, esforça-se por não competir com o* ***Halb*** *(serviços jurídicos de Haight-Ashbury) que se propõe ir em socorro dos drogados.*

Tem a sensação de que está a cortar-lhe um pedaço da pele e dá ainda mais raiva porque ri. O primeiro corte. Poderia fazê-lo longe, numa sala da direção ou em outro lugar qualquer, não ao seu lado, com a sua caneta, pondo a mão no seu ombro...

O seu *affair* é selado num magusto de sábado à noite no espaço condominial de um dos primeiros prédios da urbanização que brota do outro lado da estrada, abaixo do centro comercial, entre esqueletos de futuros mamarrachos que se erguem à sua volta como assombrações: castanhas assadas, água-pé, fogueira, Neil

Young, sobretudo muito Neil Young, entre os jovens, num canto, há quem 'puxe um fumo', mas não quer dar nas vistas logo à chegada, nem sabe como April reagiria, porque enquanto o grupo fuma ela se mantém agarrada a ele a sorrir sorriso cúmplice mas a dar a entender que não quer nada com aquilo e nem liga por deixar de 'tirar um sarro' após semanas de jejum.

No moinho de April, envoltos em cobertores sob o pálido sol das tardes invernosas, ou cada um em sua casa, ele sempre com os pés quase a queimar junto ao aquecedor elétrico, por umas duas semanas envoltos no *trip* de *When The Music Is Over*, de Jim Morrison, prosseguem os estudos agora a seis mãos sobre Aldous Huxley e o Movimento a folhear tudo o que ela encontra em casa dele e sobre eles em quilos de material de *pesquisa do que há a fazer para que o Homem possa acompanhar as rotações que ele mesmo imprimiu à vida dos que nesta era vivem*, por quase todos os campos do pensamento, porque o autor a isso obriga. Entre uma coisa e outra por vários meses abstrai-se ainda mais da realidade em volta. Vive n*Outros Mundos*. Os rascunhos de uns e outros são intercambiados, emendados e colados, por carta, de Alfavila a Lisboa e Londres, de onde Jimi manda exemplar de nova edição conjunta de bolso de *The Doors of Perception* e *Heaven and Hell*.

Lêem sofregamente, fascinados pela escrita cristalina do autor e aturdidos pela catadupa de informações sobre matérias com que não têm nenhuma intimidade, salvo as questões relacionadas a Bergson, de que captou os princípios básicos em bibliotecas londrinas com Jimi em frenéticas pesquisas direcionadas para os assuntos que Huxley aborda. Jimi comenta numa carta de Londres em que manda notas a partir de *The Devils of Loudon*: *Por aqui verás que aquelas poucas aulas sobre os clássicos não foram em vão*.

Na sua primeira conversa sobre o assunto April diz que nunca experimentou nenhuma droga e, em princípio e, ao que conclui ele, por princípio, não pretende experimentar. Ed abre o jogo e diz que já fumou bastante marijuana e haxixe mas de outras drogas só sabe do que leu em tudo o que lhe caiu no colo nos últimos três anos e sobretudo nas últimas três semanas em Londres, em que passou tardes inteiras sozinho e com Jimi em bibliotecas a folhear jornais, revistas e livros ingleses e americanos sobre o assunto, o

que não é muito mas já deu para entender mais ou menos do que se trata.

Rola um clima de encantamento erótico, transe místico e sofisticação decorrente das confabulações de April, do Cabochard que usa em ocasiões especiais e da violeta murcha que depõe entre as páginas do *Opium* de Cocteau, que também exalam a finíssima essência do perfume de madame Grès, equilíbrio perfeito, por mistura paciente e depurada, de essência da madeira e aroma e néctar da flor.

Aos 17 anos exercita sua cota de expectativa e esperança com intensidade inaudita, que se poderia pensar até em loucura, não fosse uma adolescente eventualmente em crise com o pai mas tudo somado normal até de mais, aplicada nos estudos mas com ideias tresloucadas

Qualquer Brooks, Minelli ou Kazan faria destas cenas um esplendor na relva, um *Some Came Running* ou um doce pássaro da juventude sem golpes mortais ou cortes fatais, só a parte da ingenuidade, da ambição por outras glórias, singelas e pessoais, como ver uma novela publicada na *Atlantic Monthly*, saber de cor um ou dois poemas de Shelley ou viver em paz e sossego numa comunidade a fundar em Santa Bárbara, Califórnia.

O ônibus, mais antigo e menor que o Greyhound da abertura do épico de Minelli, deixa o cenário aberto aos pés do Parque Eduardo VII, sobe a Rua Castilho e alcança a autoestrada da Parede e é inundado pelas sombras da Serra de Monsanto até chegar a Alfavila, onde ela o espera em frente ao drugstore e dali, de mãos dadas ou a abraçar-se, vão até à sua casa, quando o pai está fora, e ficam no jardim a tomar chá, ou até ao moinho, para sessões de lirismo, fantasia e acessos de paixão, enquanto miram do alto sobre o descampado os carros que circulam na estrada de Sintra.

April descola desses arrebatamentos para longos discursos sobre os seus projetos para os dois:

- Imagina. Vai ser o lugar de April e Eric. O nosso amigo Jimi vai se sentar na sua cama e dizer: 'Ôpa, tou tão angustiado. Por que é que essas coisas me vêm à cabeça? Por que é que estou tão só? Bem, acho que vou até a casa de April. Eles haverão de ajudar-me.' Ele guiará até a nossa floresta e depois seguirá a pé 'porque tudo aqui é tão bonito e agradável'. E eu irei dar-lhe as boas-vindas beijando-o e irei chamar-te: 'Aôô, Eric Sun, desce daí, Jimi está aqui.' Deixarás os teus discos de lado e irás sentar-te na relva de pernas cruzadas com o teu cabelo muito comprido a ondular ao vento e os teus olhos muito puros e volúveis e o teu peito acariciado pelo sol. Irei também com minha túnica bem comprida e sentados na relva falaremos sobre a mensagem que o vento traz, sobre os mistérios da nossa mente e eventualmente sobre o último disco de P.A. Green ou sobre o concerto dos Steppenwolf que vimos. Para o almoço teremos vegetais, leite e torta de maçã e pela tardinha mais amigos virão (os que moram perto e costumam vir todas as tardes) e juntos faremos uma jam session com música ou teatro. Lá pelas seis todos se despedirão até o dia seguinte, dirigirás até a cidade para preparar o teu programa e irei caminhar com Jimi e as crianças ou irei contigo ou farei outra coisa qualquer. E na manhã seguinte não te esqueças de me avisar que é dia de lavar o cabelo. Lavarei o teu se em troca lavares o meu.

No sétimo céu, nas nuvens, em êxtase pelo clima excepcional que lhe provoca o enlace com April Sun, logo crispa com cenas de ter...rir. Baldeando-se do ônibus que o traz de Alfavila para a Estefânia, à aproximação do auto o chofer finge que vai parar para

o deixar subir e acelera. Alça a mão e põe só o dedo médio em riste, o primeiro gesto que aprendeu em Lisboa.

April não aprova as reações iradas e a atitude irriquieta de Eric face ao mundo hostil: *somos parte de uma nova geração, com uma nova atitude, novas maneiras, que conquistará o mundo pela ternura, o convencimento, por meios pacíficos, não violentos.*

I understand more than never your personal hell but we have to fight our war with a flower in one hand and a flute in the other... and only if you win this war you're gonna be a real man, a pure and gentle hippy.

Que entende mais que nunca o seu inferno pessoal... mas temos de lutar nossa guerra com uma flor numa mão e a flauta na outra... e só se vencer esta guerra ele será um verdadeiro homem, um puro e doce - Hippy, eu?!

Esquizóide, talvez, é muito melhor do que neurótica ou paranoica. Menina bem, de muito bem, entre lençóis macios, de luvas para ler revistas e jornais internacionais de grande informação (*L'Express*, *Time*, *Newsweek*...) e não sujar as mãos, lençóis, travesseiro e camisa de noite, banhos de sais e coisas que tais, com um universo tão expandido mas até que ponto ainda atracada ao mundo dos pais, num mero acesso de rebeldia juvenil, embora na melhor era e de posse de todos os dados para idealizá-la da forma mais envolvente, graças à bela biblioteca do pai, com todos os clássicos e contemporâneos necessários para dar lastro e asas aos sonhos e à imaginação além deles.

A maior parte da música que ouve – e que a arrebata para o hemisfério dos sonhos, devaneios, delírios – após os deveres e antes de dormir brota do *Em Órbita*: *it's a brand new day, there's something in the air, I can feel it growing every minute* – Al Kooper; *we are stardust, we are golden and we got to get ourselves back to the garden* – Joni Mitchell; *the river flows, it flows to the sea, wherever that river goes, that's where I wanna be* – the Byrds; *you know who I am, I follow the sun, well I am the one who loves changing from nothing to one* ou *the sun poors down in our lady of the harbour* – Leonard Cohen; *thinking is the best way to travel* – The Moody Blues; *People are dancin' on the streets, that's the revolution, our revolution. Our generation got new, our generation got soul. This generation got nothing to hold* – Jefferson Airplane; *lay down, lay down, lay it all down, let your white bird smile up at the one who stands around* –

Melanie; *Guinevere* genebrina virgem, virginal *had blue eyes, like yours, m'lady, like yours* – Crosby, Stills & Nash.

Eric Galahad, o mais puro dos cavaleiros do rei Artur, encontrará o cálice do Graal? Ilhas mais ou menos distantes, míticas terras do Norte e Arábia das mil e uma noites, romances de cavalaria – o seu *coté* celta *láaa* do fundo, dos pais de toda a ficção, com uns quantos mitos gregos e contos árabes à mistura. Bebe afinal nas fontes da origem da raça, de que mal se ouve falar talvez porque a prosápia do regime relegou-as às calendas para exaltar apenas os capítulos em que já somos donos de meio mundo e de História estão este e o outro cheios.

Atrás dos envelopes das cartas que lhe envia quase todos os dias, quer se encontrem ou não, símbolos da paz, dizeres como *Make love, not war, because war is ugly and love is lovely* e trechos de poemas e canções:

I can't stand guns anymore
I can't stand screams anymore
I can't stand pain anymore
It's gotta stop, it's gotta change
it can't go on
find a way, I know you can
I give you my hand
Sail Away, sail away home

Não suporto mais tantas armas e tantos gritos
não suporto mais a dor
Há que parar, há que mudar
assim não dá mais
busca um caminho, tente
dou-lhe a minha mão
Veleje, veleje até casa

John Denver

Isn't it a pity, isn´t it a shame
how we break each other's heart
and cause each other pain

Não é uma pena, uma vergonha
que se viva a partir corações
e a machucar-se um ao outro

George Harrison

But next time will be a	**Mas da próxima vez será**
Different day	**diferente**
and I'll walk down my road	**e seguirei caminho**
somewhere	**algures entre**
between the unseen green	**o verde imprevisto**
and the jet blank plain	**e negrume incontornável**
and I'll sing my song	**e cantarei minha**
canção	
like a rebel wild	**como um rebelde selvagem**
for it's what I am and	**porque é isso que sou**
I can't deny	**e não posso negar**
but at at least I know now	**mas sei ao menos agora**
not to hurt, not to push,	**não magoar, empurrar,**
not to ache and God knows...	**não sofrer sabe Deus...**
not to cry	**não chorar**

Bob Dylan

Where art thou, beloved	**O que engendras, terno**
To-morrow?	**A-manhã?**
When young and old, and	**Enquanto jovem e velho,**
strong and weak,	**e forte e fraco,**
Rich and poor, through joy	**Rico e teso, por dor**
and sorrow,	**e manha,**
Thy sweet smiles we ever	**Vive no teu doce**
seek, -	**embalo, -**
In thy place – ah!	**A sonhar que – ah!**
Well-a-day!	**Um belo dia!**
We find the thing we fled	**Irá viver a**
To-day.	**a u-**
topia	

Percy B. Shelley em 1821

As moradas de onde April assina as cartas são bases de devaneios e delírios: *April Sun, Celtic Rock's House, Market of Joy; April Sun, Happiness Road, Market of Joy, St. Barbara, California, U.S.A.*

Na cabeça também, claro, a mitologia da estrada e a saga dos chamados *easy riders*, não intuindo sequer que ele já é um: citação de excerto de *The only living boy in New York*,

introdução: *My dear easy rider* e citação de Kerouac – *On the road* como preâmbulo de mais uma viagem:

Viajei até o mundo de nossos pais, os beatniks... Dos beats aos easy riders e a Woodstock... O templo deles era um bar com whisky e garotas... um outro mundo de perdição... o nosso deus é o vento e as grandes árvores sagradas da floresta onde fundaremos a comunidade dos meus sonhos e viajaremos através dos tempos em que as pessoas eram puras e dançavam em volta da fogueira para reverenciar o seu deus.

The wind blows outside

O vento sopra lá fora

And through the open window

E pela janela aberta

I can hear the distant songs it brings

Posso ouvir as canções longevas que ele traz

Songs of peace, youth, war, death...

Canções de paz, guerra, juvenília, morte...

And the wind still calls me!...

E o vento por mim clama!...

And there I can hear holly song

E posso ouvir a canção sagrada

of some easy riders seatin' around

de alguns easy riders sentados em volta

the fire, talking about life and dreams

do fogo, a falar da vida e de sonhos

Making jokes about their past

Fazendo troça do seu passado

And drinking coffee just to warm their bones

E tomando café só para esquentar os ossos

Cause their gay talks keep their souls warm

Porque para esquentar a alma basta conversar

They are the prophets of the rivers, the saints

São os profetas dos rios

of the woods and the rains

os santos dos bosques e das chuvas

And I'd like to be with those lonesome men

E bem que eu gostaria de estar lá com eles

And I'd like to be there with you

E gostaria de lá estar com você

and hear their stories

ouvindo suas histórias

Those are the songs the wind

São essas as canções que

brings me tonight

o vento me traz esta noite

And there's another one

Mas há um'outra ainda

It's a forgotten song

Uma canção esquecida que

God has sung a long time ago

Deus cantou há muito tempo

When the world was created.

Quando o mundo foi criado.

No one ever sung it afterwards

Ninguém mais a cantou

But now here it comes.

E agora ela revém.

It's sung by millions of young voices

Cantada por milhões de vozes jovens

It's the holly song of peace and love

É a sagrada canção de paz e amor

A song that tells how man can be pure

Canção que conta que o homem pode ser puro

That talks about rivers, fountains and high hills

Que fala de rios, fontes e altos relevos

That shows how life is simple and free

Que mostra como a vida é simples e livre

The sacred song of the earth,

A sagrada canção da terra,

of its perfums and its flowers

dos seus perfumes e flores

the song of the sun and of rain

canção do sol e de chuva

De todo modo a abrir em Portugal um oásis de fantasia num deserto de mesmice. Tivesse ele disponibilidade – e imaginação – e embarcaria num veleiro furado como esse com ela, mas vive afligido pela consciência de que, mais que seu interior, o que tem de mudar é a conjuntura de vida – pés assentes na realidade porque não tem o mínimo de liberdade, de condições para voar, enquanto engendra a maneira de viver melhor do seu jeito – e então sim construir os castelos mágicos com sua dama da ilha, como Willie Nash. O vento norte traz festas a deuses pagãos e dores de tristeza milenar, o do sul sonhos de mil e uma noites, e *eles não sabem que a Oeste um novo mundo está a nascer*. April começa a não gostar do que pressente - de que não será *esse* Eric a resgatá-la da modorra aquém do seu mundo particular para o dos seus sonhos:

Nash Mitchell Sebastian

You know I'd like to stay here

Until every tear run dry

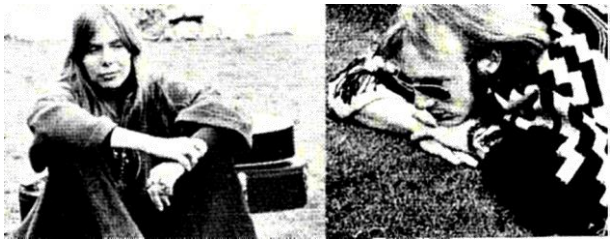
My lady of the island

Graham *Willie* Nash

Imagino estar numa ilha nua coberta de nevoeiro. Há uma floresta ao longe, posso ver o topo das árvores através dos olhos nevoentos e feridos dos meus sonhos. Mas para chegar à floresta tenho de atravessar uma ponte de velhas pedras cinzentas e tenho medo de prosseguir. Por isso, construí uma casa de madeira perto da ponte e aqui estou a esperar que uma mão me ajude a atravessá-la. A

cada manhã vou até o rio, de encarnado vestida, com uma vela na mão gelada para ver o mar a esperar uma gaivota perdida vinda de outras praias douradas. Mas há dias vi através da nevoenta manhã um veleiro... conduzido por um solitário marinheiro encantado chamado Eric Sun. Acenei-lhe e gritei o meu nome e ele gritou 'Vou tentar aproximar-me de ti, lady. Chegaremos à floresta porque somos tão jovens e bonitos. O mundo está todo lá na floresta e é onde eu quero estar. Espere mais um pouco, minha dama da ilha!...' Mas os dias passaram-se e o veleiro continua a navegar em volta da ilha em busca de um porto. Há muito vento por aqui e estou prestes a congelar, sozinha com os meus pensamentos. Há tanto nevoeiro que o marinheiro deverá levar muito tempo para vir beijar a minha solidão. E aqui estou eu numa verde e nevoenta ilha. Todo dia brota uma nova esperança e a cada dia alguma coisa morre. A cada manhã vou até à praia com uma vela na minha mão gelada e grito 'Olá-ô, o que há de novo?' ao meu doce marinheiro e a cada manhã os seus beijos longos e ternos acariciam minha face através do nevoeiro e do vento frio. A cada noite acendo uma fogueira para iluminar o seu coração distante e em cada sonho toco a liberdade do seu cabelo. Sei que um dia chegará para me levar. Até lá não há nada que eu possa fazer, além de acender uma vela e dançar no meu sonho encantado.

Joni Mitchell Stephen Stills numa ilha em 1971



Go, take a sister
and by the hand
Lead her away from
this foreign land
Far away where we
might laugh again
We are leaving
you don't need us

Tome a mão
de uma irmã
E leve-a para longe
desta terra estranha
Longe, onde se possa
rir de novo
Não temos nada
a fazer aqui

Era o que ela queria, ainda que *acordada* quase só olhe para a realidade nua e crua e assuma afinal uma atitude quadrada. Quando se fala sobre tal hipótese ela descarta sem pejo qualquer atitude de rompimento do tipo *she's leaving home*. Mas se quer reforçar o seu projeto de vida baseado num curso de psicologia na Universidade de Berkeley – pelo que ela representa como baluarte de contestação do *Establishment* universitário e do pacifismo e como prolongamento, no campus, das experiências psicadélicas iniciadas pelo papa do LSD Timothy Leary - não é decerto o que ele dá, e certa noite, após reouvir *Volunteers*, dispara: sem novos conhecimentos e informações não serei nada e nós...

... ainda não somos voluntários de nada e precisamos apressar-nos rumo à feliz terra dos espíritos livres enquanto é tempo. Temos de caminhar no 'New Morning Moment' a sorrir para as pessoas, simpáticos, diferentes, mas precisamos primeiro abrir-nos um ao outro se quisermos encontrar um verdadeiro amor.

Vem a primeira crise, em que se revela uma fera e ele não entende o motivo da rebelião. Logo se arrepende e volta atrás, após mais um chá com o seu 'deus de promessas', e a dar o máximo em imaginação, do alto da sua torre observando o mundo cá embaixo,

among the noises and neonlight gods

entre ruídos e deuses de luz néon

apontando-lhe o caminho:

A nossa viagem para encontrar o mundo... nossa bela pequena casa e nosso verde e mágico bosque. Nossos filhos, Eric. 'Amo Mamãe... É tão doce, veste-se de um modo diferente, sabe uma enormidade de belos contos, tem uma moto, caminha de mãos dadas com o Papai e ama todo mundo.' Imagina Jason ou Jethro ou Marigold ou Joanna a falar de nós aos outros putos na escola: 'Mamã e Papá são formidáveis. Papá tem um cabelão e explica tudinho e nunca diz porque eu quero. Mamã escreve belos contos e poemas e Papai toca flauta e violão e trabalha toda as noites na Radio Peace... e ri muito alto quando eles falam sobre a terra de onde vêm e quando Mamãe fala sobre uma dama chamada Lady D'Arban... alguma

coisa os faz olhar carinhosamente um para o outro.' E navegaremos até algum rio no Colorado...

I'm light and I'm glad	Sou uma luz feliz
I'm not night	por não ser noite
But my light	Mas minha luz
is my loneliness	é minha solidão
I can only accept	Só posso conceber
a dancing God	um Deus dançarino

Embora, ao que parece, só ele seja sincero no seu desprezo pelo 'espírito da quadra', por uma unha o Natal não se transforma numa cerimónia completa. Vexa-se porque mais uma vez April se revela muito mais imaginativa do que ele, que só lhe dá uma muda rosa vermelha, enquanto ela o faz arregalar os olhos com um belo cartão postal com a reprodução de Mulher com Gardénia, de Gauguin, em que depõe uma elegia:

De repente a tua voz – outras palavras crescentes

crescente lua nova - Vahine no te tiare –

as mãos a descrever voos - passagem

para gestos – a criar equilíbrios

onde de fato existe apenas vida.

Esta.

Por isso, por isto,

dizer-te que amo os teus olhos

não é bastante.

Nem exacto.

To my man - Eric Sun	Para o meu homem – Eric Sun
to warm some grey	para amornar os dias
lonesome days	de solidão
this will be my song	esta será a minha canção
when I'll finally be	*qu*ando eu finalmente estiver
in the land of mind	nas planuras da memória

Ala-ô! Meu nome é April... Temos por volta de 30... Índia! Estive lá uma vez... Tenho trabalhado com jovens viciados... Escrevo bastante, faço teatro, pinto, trabalho todas as segundas com as nossas crianças... sim, temos uma espécie de escola aqui... 20 adultos... uma casa de madeira... Sou psicóloga... 'professora-de-fadas'... Incentivamos a sua imaginação contando-lhes histórias... Eric trabalha na Nova Rádio Livre... Ele ocupa-se das manhãs de segundas, sextas e domingos. Duas vezes por semana vai à cidade para trabalhar numa discoteca... E escrevemos para o Billboard e eu também para o L.A. Free Press... pôr do sol, é um adeus sempre renovado... é o Dia da Paz... toda a comunidade... teatro ambulante... quase todos nós temos motos... Não viste Easy Rider? Nunca fiz uma viagem melhor que a da travessia da Highway 61... um autêntico happening... É um museu vivo...

A cerimónia dá-se no moinho abandonado. Encantado com as oferendas pega a guitarra que ela só tem para que os Lancelotes de passagem a façam soar, porque não pesca nada nela – ama ouvir e basta - e, para compensá-la, entoa joãogilbertianamente,

quer dizer, sem encorpar a voz, sobre as duas notas básicas, *For My Lady*, de Steve Katz, do LP *Blood Sweat & Tears II*, que David Clayton-Thomas cantou antes de uma das *jams* do Albert Hall:

I'll give you beads and rings	Te darei sementes e aneis
The earth will be your mother	A terra será a tua mãe
My lady's arms	Os braços da minha dama
Are angel's wings	São asas de anjo
The sky her only lover	O céu, seu único amante
Lover	Amante

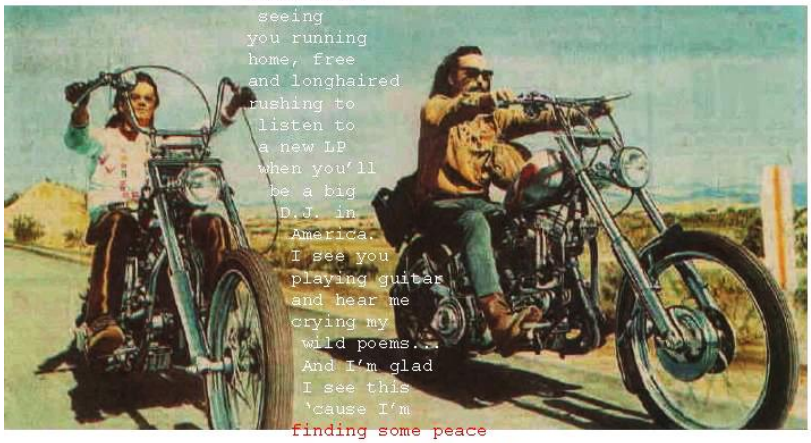
Mas logo se decepciona pois ao propor que façam um pacto de sangue Eric revela mais um lado piegas: de jeito nenhum, porque tem horror a sangue... O que não é *tão* grave, ao que tudo indica, porque a viagem continua:

Ao pegar na caneta para escrever-te e deixar os meus pensamentos se desenrolarem sinto-me como se estivesse numa cerimónia secreta. Sei que estou a um passo do Novo Mundo Livre. Sou uma Voluntária do Novo Mundo Livre. A nossa bandeira um sorriso e a nossa lei um beijo e uma canção. O nosso presidente é o segredo das noites ventosas e nosso exército um bando de guris com longos cabelos livres e caras sorridentes; nossa batalha é uma dança de pés descalços e uma margarida nossa arma. Lutamos pela felicidade, não por dinheiro ou ouro. Você sabe como para mim sangue é algo quase sagrado. Ele me fascina. Amo meu sangue e também o seu. Acho que é demasiado puro e sagrado para ser derramado por uma causa vã. O sangue deve escorrer em nossas mãos quando prometermos amar-nos um ao outro para sempre mas somente Deus pode dizer quando ele deverá escorrer, porque foi Ele quem o fez, não nós. Como podem alguns poucos imbecis sentados nos seus gabinetes decidir por algum motivo imbecil quem vai morrer, quem vai matar o seu irmão? Penso que somos de fato uma geração muito importante. De nós irá brotar um novo mundo. E o faremos se acreditarmos nisso. Sei que ainda não me entreguei a você mas ainda somos novos demais e não estou tão segura em relação a isso. Não quero fazer a revolução sem senti-la de fato no meu interior... Amo TODA a Nova Nação de Woodstock; os que lá estiveram e os que gostariam de ter estado. Amo-o de uma forma diferente da velha geração. Nossa revolução é a única verdadeira. Esta é a primeira revolução autêntica. O Momento do Grande Amor. Estou muito contente por ter nascido agora, não dez anos antes.

E imagina o futuro, quando ele será um grande d.j. na América:

I'm seeing us both riding our motorbikes; seeing you running home, free and longhaired rushing to listen to a new LP when you'll be a big D.J. in America. I see you playing guitar and hear me crying my wild poems... And I'm glad I see this 'cause I'm finding some peace of mind. Please never break the mirror mountain you raised today.

Vejo-nos a guiar nossas motos; vejo-o correndo para casa, livre e cabeludo, para ouvir um novo LP quando você for um grande D.J. na América. Vejo-o tocando guitarra e ouço-me a gritar os meus poemas selvagens... E assim alegre encontro alguma paz de espírito. Rogo-te: não destrua a montanha espelhada que ergueste hoje.



Certos delírios, partindo-se do princípio de que não provocados por substâncias alucinógenas, chegam a dar medo:

the sea of madness calls me dear. I don't belong here and they are gonna take me away... My thoughts are flying away and I promised them they would always be free.

> o mar da loucura me chama, querido. Não sou daqui e eles vão levar-me para longe... Meus pensamentos decolam e prometi-lhes que eles seriam sempre livres.

I guess there's a crowd somewhere in a deep hidden forest. I wanna go there and get light in the purity of freedom. I wanna feel those ancient trees telling stories 'bout druids, 'bout the holly blood and rivers like hair. I'm gonna leave my love. Take my hand and come with me if you want. If you don't I'll go alone.

> Penso que há um monte de gente algures numa floresta bem escondida. Quero ir lá e lá encontrar luz na pureza da liberdade. Quero ouvir aquelas árvores anciãs contarem estórias de druidas, do sangue sagrado e de rios como cabelos. Toma a minha mão e vem comigo se quiseres. Se não quiseres, irei sozinha.

I'm gonna take you in a long trip inside my magic kingdom. You're the first one to come. Listen to me 'cause I'm master here in the forest of my world.

Quero transportar-te numa longa viagem ao meu reino mágico. És o primeiro a vir. Presta-me bem atenção porque sou o senhor na floresta do meu mundo.

Something very sweet and fresh is blowing in the north wind... That nice wind brings me news of old songs burried long centuries ago... It smells of sea, wooden viking ships... I can see perfectly Enid crying at the beach, sitting on a rock, looking for the last time to the boat that took away from her forever her own fair love. The seagulls sing her song and give it as a gift to their lover, the seawind. That seawind is traveling 'till Arabia and my face is in its way. That wind 10 centuries old that brings everyday the pain of a 10 centuries sorrow. I love the wind dear I really like to travel through time and catch the songs it brings. Now, I know it's gonna refresh some young man in his road to Cairo. But there's something that the north wind doesn't know perhaps; and it's that in the West a New World is rising, the door of my magic castle is open for everyone. Come inside and let us make the most of our imagination.

Algo muito doce e novo está sendo soprado pelo vento norte... Esse belo vento traz-me novas de antigas canções enterradas há longos séculos atrás... Ele tem cheiro de mar, barcos de madeira vikings... Posso ver claramente Enid chorando na praia, sentada numa rocha, olhando pela última vez o barco que a apartou para sempre do seu fiel amor. As gaivotas entoam sua canção com que fazem uma oferenda ao seu amante, o vento do mar. Vento que segue rumo à Arábia e o meu rosto está bem no seu caminho. Esse vento velho de 10 séculos que a cada dia me traz a dor de uma tristeza de 10 séculos. Amo o vento, querido, gosto muito de viajar através do tempo e captar as canções que ele transporta. Sei que algum jovem será por ele abençoado na sua estrada para o Cairo. Mas há uma coisa que o vento norte talvez não

saiba; e é que a Oeste um Novo Mundo está a nascer, a porta do meu castelo está aberta a todos. Entra e vamos dar asas à imaginação.

... and we can mix with the god of the south wind that comes from Arabian lands. You know sometimes I dream about Arabia and it's marvellous tales. All those beautiful ladies dressed in white and their lovers in their beautiful suits, all their dream houses with interior courtyards, luxuriant trees and shrubs and their fresh sprouts.

... e podemos juntar-nos ao deus do vento sul que vem da terra das Arábias. Sabes que sonho às vezes com a Arábia e seus maravilhosos contos. Todas aquelas belas damas de branco vestidas mais os seus amantes e seus lindos paramentos, todas as suas casas de contos de fadas com pátios internos, árvores luxuriantes e arbustos e seus refrescantes repuxos.

Jimi continua na Inglaterra, de onde de todos os quadrantes manda-lhes reacções e adendas às auas e novas notas sobre os anos 60 e notícias da Velha Albion, dela totalmente míticas, dele um pouco menos, fatos reais da vida de um jovem brasileiro na capital do rock e dos pratos que lava entre gregos e italianos e Camden, onde entra em contato com um novo ritmo vindo da Jamaica chamado bluebeat e que já ressoava com estrondo em Londres a partir de grupos como The Wailers quando Ed lá estava. Numa das cartas fala de uma noite inesquecível no Royal Festival Hall. A abrir, como *support*, um conjunto desconhecido, Strawbs, em que o folk casa às vezes naturalmente com o Bach do teclista, como escreve, mais Pentangle e Fairport Convention, em que espanta-o sobretudo a potência e a beleza da voz de Sandy Denny.

Ele fica aquém porque, bem ao contrário dela, para quem o único problema é ter um pai reacionário, bota-de-elástico, embora viajado, culto e bom de conto, preso a circunstâncias de ordem prática prementes: ganhar dinheiro para viver sozinho, longe da

família a que nada o liga além do afeto de circunstância, viver à sua maneira, deixar crescer o cabelo e vestir o que quiser sem ter de ouvir apartes, numa terra estranha de gente idem, e no fundo o que mais ambiciona é ir para uma outra terra com gente idem mas não tão retardada ou metediça.

Da magreza, falta de força – mesmo no futebol, onde só a exerce no chute quando pega a bola em movimento e de pé cheio – veio a atracção e simpatia pelo diferente, pela *alteridade*, o que não é normal e parecido com os outros, o índio, o hippie, o louco, o desregrado – que no entanto ao mesmo tempo causa-lhe como que repulsa e de que mantém distância como que para evitar contágio. Insegurança igual a presunção aparente igual a suposta petulância. Nasceu para ser querido pela doçura, timidez, inibição e introversão e erra sempre que se esquece disso. Mas erra aqui por não ter como acertar. Eric nada tem a acrescentar ao delírio de April, cativante pelo universo de referências, dos beat a Cocteau, dos celtas às mil e uma noites, sem concessão à banalidade. Nem ela mesma, mas ainda não o sabe.

Eric nunca se assume plenamente. Vislumbra, curte pra caramba, mas não submerge na onda – e é esse o maior entrave: não delirar. Algo lhe diz que isso de comuna, igualitarismo tribal, não é bem assim. Na verdade, pelo que pressente mais do que sabe da triste saga dos índios da sua terra e da América do Norte – vide *Soldier Blue*, por Buffy St. Marie -, a pureza está (ou esteve) só lá, entre eles. Como é que homens nados e criados entre outros formalismos, muitos dos quais artificiais e facilmente desmistificáveis, além da corrupção, poderiam voltar à pureza original, 'rousseauniana'. Eric não raciocina bem sobre isso mas intui fortemente o que no fundo vai totalmente contra o seu ideal juvenil de garoto carioca a quem, até porque filho único de mãe viúva, a educação formal não chegou a deixar totalmente marcado.

Quando, por causa do filme de Truffaut, chamam-no menino selvagem, poder-se-á incluir nisso também esse aspecto.

Certo; também na contracultura existe a velha luta do bem contra o mal, nem o puto mais ingénuo poderia pensar na possibilidade de paraíso em vida, embora aparentemente April o faça, e Eric sabe que a por ela tão osanada Nação de Woodstock

tem também sua faceta de Altamont, Hell's Angels-gorilas que matam um jovem negro em pleno transe de *Under my thumb* dos Stones, como fixado no documentário *Gimme Shelter*, que aumentou o mito do lado satânico, diabólico do rock.

Quando, no moinho abandonado, em casa, enquanto tomam chá a ouvir no FM do Rádio Clube Português coisas como The Association, Simon & Garfunkel de *Bookends*, Dylan e quejandos, April engata os seus delírios, os olhos fixando o vazio, o sorriso de Eric manifesta encantamento mas os olhos refletem incredulidade. Estar e não estar completamente na onda, como a por-se em cima de um muro não como atitude suicida mas como num posto de observação, seria característica básica da sua verve que muitos recriminarão. Eric nada junta aos sonhos delirantes de April porque sua imaginação não o leva a tanto, ocupado também que já está em se *débrouiller* no quotidiano mas também por já pensar que, por defeito, a virtude está no meio-termo. E sabe também já por intuição que o regresso às origens é mais uma hipótese de fuga *de* do que *para* alguma coisa e que quem tenta recuar termina na loucura – ou na mera literatura. *A maior parte dos nossos males vêm de nós mesmos, e bem poderíamos evitá-los se aderíssemos ao modo de vida simples, uniforme e solitário que a natureza nos prescreve*, leio em Rousseau. Mas ele mesmo provou que isso é impossível. Em português, ela demonstra compreensão:

Um espírito puro não pode nem começar nem acabar e jamais se transforma. A queda dos anjos é pois insensata. Quero dizer que ela não tem sentido na medida em que evoca filmes rodados ao contrário. O diabo representa por assim dizer os defeitos de Deus. Sem o diabo, Deus seria desumano. – Jean Cocteau

Tenho acompanhado a tua solidão, tua fome de amor, o teu frio de desconforto e insegurança, tua dor de desencontro... Tenho visto como o rapaz que encontrei por puro acaso no cair da estação do sol iniciou o seu caminho de mãos vazias e olhos secos; tenho visto as chuvas que o têm encharcado, as tempestades que o têm derrubado, o sangue que do seu corpo sagrado tem escorrido; vi as suas mãos agarrando tremendo promessas de sol e tentando acariciar rosas cobertas de espinhos e vejo como elas se têm enchido de dor e angústia.

Tenho visto seus olhos outrora alegres ensombrarem-se pouco a pouco pela escuridão que vai descendo até o vale. Tenho visto as lágrimas quentes e magoadas que lhe vêm inundando e queimando o rosto cansado a regar a sua verde barba. Tenho visto seu cabelo crescer como crescem as árvores e os cantares dos pardais. Tenho sentido o arfar dos seus suspiros e o terno abraço dos seus braços exaustos. Tenho visto o homem nascer e erguer-se de dentro do silêncio dos gritos agrestes; e tenho olhado ternamente para a planta trepadeira do meu amor que cresce à minha volta e me envolve lentamente.

O rompimento surge implacável como todo rompimento é para que se concretize:

I promised you I'd tell you of every legend my lord tells me,

every song I learn from the wind

Every flower that grows gentle in my garden

I'm not as powerful as I may look and me too I need

a helping hand to guide me

and when I cried for your strenght

you just used to answer with your questions.

So, how can you blame me of going away?

I just go to look for help in another world

Prometi contar-te todas as lendas que meu mestre me conta,

todas as canções trazidas pelo vento

Cada flor que cresce galante no meu jardim

Não sou forte como posso parecer e também preciso de

alguém para me guiar

e quando clamei pela tua força

só me respondeste com tuas perguntas

pelo que como podes culpar-me por ir embora?

Vou só buscar ajuda em outro mundo

- O que preciso agora é de alguém maduro, *into his own thing*. O homem de que preciso é uma criança, capaz de ser forte como homem e carinhoso, doce como um menino - reverbera.

E a despedida:

To someone I loved A alguém a quem amei

It was winter and you were covered with snow

Era inverno e estavas coberto de neve

I could see your face but your soul was hidden

via tua cara mas tua alma estava escondida

you could have filled the empty space someone left

terias preenchido o vazio que alguém deixou

you got everything but you didn't say a word of new

tinhas tudo mas nada disseste de novo

you were just like a mirror

foste somente um espelho

your words weren't but the echo of my words

tuas palavras foram somente o eco das minhas

think dear, what new dream did you give me?

pensa, querido, que sonho novo me deste?

what new tale?

que lenda nova?

what new song?

que nova canção?

what new world?

que mundo novo?

I could have been your lover for the rest

Poderia ter sido tua amante pelo resto

Of my way

do meu caminho

if you knew how to tie me up

se tivesses sabido agarrar-me

you could have tied me with tales

poderias ter-me agarrado com novas lendas

of time, with poems of rivers

sobre o tempo, com poemas sobre rios

with words tender or rude, but fair and clear

com palavras ternas ou rudes, mas precisas

Nele, timidez, falta de articulação, precocidade numas coisas, primarismo noutras, tão cedo já a debater-se no imediato com questões que poderia viver no tempo devido, daqui a anos. Nela, uma acentuada ingenuidade própria da idade, e como se passasse por um surto de transe peculiar, também próprio da idade, aquela que Tennessee Williams e Richard Brooks captaram em *Sweet Bird of Youth*, de poder (nem que seja o da imaginação) a todo transe, a cabeça magicando a mil por hora. Cartas, expressão do transe, às vezes interregnos entre eles, outras delírio ou rescaldos de viagens fantásticas, sem haxe, LSD ou o que seja. Ou quem sabe o fungo do centeio do pão (acrescido das suas frequentes crises de desmaio às vezes em plena rua, em função de uma cataplexia, que ao que se diz provoca até alucinações diurnas) não produza efeitos especiais em seu organismo, capazes de extrair o máximo das doses infinitesimais de ergotina e processar a fermentação do fungo já no seu organismo. O nosso Werther nem pensa em suicidio mas claudica, até a viagem surgir pela primeira vez como um remédio, a deslocação de um lugar a outro que torna o objeto em primeiro plano distante, a deslocar o quadro e não tirando-se apenas um compósito dele. Londres outra vez. A coisa dá-se muito por acaso, de forma totalmente inesperada, como em quase todas as grandes ocasiões.

Está de passagem, não sabe o que fazer e quer voltar para Londres – pelo simples facto de que nunca lhe passou pela cabeça ir para Nova York ou São Francisco.

Mas quando ela falava em irem para Berkeley incorporava-se ao projeto como se fosse também seu – e afinal, por que não? Califórnia, terra do sol, do budismo zen e da revolução psicodélica que chegou a Londres, Amsterdam e Copenhaga... Berkeley era de qualquer modo uma quimera, coisa para no mínimo daqui a dois anos, quando ela acabasse o secundário, e eles só se conheciam havia alguns meses, pelo que se fosse rima... O que importa é o que fazer entretanto, além da rádio, para sobreviver... em Lisboa, onde não há sequer trabalho temporário de sobra como nas capitais do norte da Europa e não conhece quase ninguém. Estudar matéria formal nem pensar: estuda o que afinal de contas acaba por se lhe revelar como algo possível e fascinante de fazer 'profissionalmente', não há nada melhor – rádio, afinal, é tudo a mesma coisa, um estúdio fechado, palavras e sons e, do outro lado, ouvintes – em Lisboa, Chicago ou no Burundi.

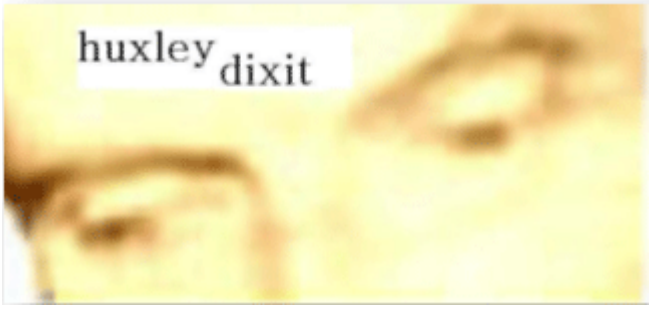
Rumo às ilhas da utopia

- Da Teoria à Prática Ou Vice-Versa

DA REVOLTA ANTIPURITANA AO PARAÍSO REENCONTRADO

Aldous Huxley

E A HISTÓRIA DA PSICODELIA



De uma das ilhas da utopia, a nossa ilha dos tesouros, qual Mr. Livingstone da mente no alvorecer da era cósmica, o infatigável Aldous Huxley partiu para uma longa jornada vida fora ao redor do mundo e dos mundos.

A terra da dama eletroacústica e a ilha envolta pelo nevoeiro imaginada pela dama eletroacústica são a ilha do visionário do Surrey, a utopia que se pode captar em sobrevoos psicodélicos, por exemplo, mas não viver em pleno, porque imaterializável – sonho de Atlântidas, Ítacas, Utopias, Lilliputs, Nações de Woodstock; fantasia da terra do nunca, talvez a maior das sonhadas pelo homem; o paraíso em vida, dentro de nós e em tudo ao redor.

A sua trajetória compõe uma das histórias mais fascinantes do século XX – do racionalismo científico e da revolta contra o espartilho moral vitoriano à consciência cósmica e à defesa da abolição da distinção entre 'alta' e 'baixa' cultura no ocidente, ou da prevalência qualitativa de uma sobre a outra, e a proposta de irrmanamento delas com outras culturas numa contracultura pro natura, ou filosofia perene. Talvez a *história do século de todas as revoluções.*

NOTA *DE* EDITOR

O editor, a este ponto, tende a mandar o capítulo para a lixeira. Quem irá querer ler hoje sobre a trajetória de um obscuro escritor do século 20 ou sobre os bastidores de uma série de eventos rockambolescos de há meio século, quarenta anos atrás?

Mas o autor, que parece mais um médium dos protagonistas, banca argumentos de peso.

Diz que até agora a segunda parte da trajetória de Huxley, muito mais polémica que a primeira, só foi contada em dois ou três compêndios com a história do uso de drogas e da sua explosão na década de 1960.

Que entre os cronistas literários há até quem limite toda essa trajetória a duas penadas críticas. Mostrou-me um recorte de jornal em que um deles afirma que *dos 47 livros que deixou cerca de metade foi escrita em Hollywood* e que *pouca coisa se salva desse período.*

Segundo o autor, tal como tantas outras, essa atitude deve-se apenas ao que chama de *parti-pris* (coisa de escritores muito lidos e viajados). Quer ele dizer que eles partem de preconceitos contra a *virada existencial* do autor inglês, porque segundo eles Huxley foi um dos grandes responsáveis pela onda insana – e para ele, o autor deste livro, insanável – do relativismo cultural.

Mandou-me e-mail que diz o seguinte:

Há entre os culturalistas da velhíssima guarda (não o são todos?), que já era velhíssima no meu tempo, quando vai-se a ver e eles ainda nem tinham nascido, quem talvez até exagere em elogios à sua enorme erudição e inteligência.

Em quem acreditar então? Nos que subestimam sua literatura sobre drogas, distinguindo o seu relacionamento com elas dos da maioria dos usuários porque sua abordagem delas tinha objectivos *sérios*, científicos, e não para se divertir, ou os que pensam que só escreveu bons livros na primeira metade da carreira? Não será então de supor que também em relação a Huxley a verdade possa estar no meio e encará-lo como um dos melhores cronistas e modelos do seu – e porque em muitos aspectos ainda é atual, do nosso – tempo? *Regresso ao Admirável Mundo Novo* chato?! Pois não. Mas talvez tão chato quanto a

grande maioria dos ensaios, a que um leitor se submete sabendo de antemão que é sobretudo para aprender alguma coisa com uma suposta autoridade num determinado assunto. Ou vários – múltiplos, como é o seu caso.

E quantas vezes um leitor não se entrega a autênticos bichos caretas só pelo seu estilo – pela graça com que escrevem esdruxulices.

Quanto a mim a trajetória de Huxley, do berço racionalista à caverna de Platão e à tresloucada utopia – que entretanto, porque não é louco, e se há uma coisa em que se destaca é a de sempre que abraça novas perspectivas nunca deixar de ter os pés bem assentes no planeta em que vive, risca do mapa conjectural com uma bela invasão bélica do seu jardim de delícias.

Bem vistas as coisas (e isso parece-me por demais evidente) não houve um volte-face, no sentido de uma ruptura abrupta, em sua vida, mas uma evolução harmônica própria de um ser altamente inteligente e culto de um tipo de visão de certas coisas fundamentais a outro sem que uma ofuscasse completamente a outra. Senão vejamos.

Escreve em sequência, primeiro - recém-chegado à América -, sobre um magnata da imprensa que à época é e o nec plus ultra do controle da informação e o *star system* de Hollywood que fora obrigado a encarar para sobreviver como guionista. Dá de bandeja a Orson Welles o guião de um dos melhores filmes da história. Durante a guerra reflete sobre o segundo grande confronto bélico mundial a que assiste à distância em duas décadas e lê e escreve sobre o que chamou de filósofos perenes. Depois sobre o belicismo e seus efeitos. Em seguida sobre a hierarquia de uma religião pecaminosa que se confunde com o sistema e seus desvios via nomeadamente supostas possessões demoníacas, o que o faz refletir também sobre a busca da transcendência através das drogas. Que encara com preconceito até experimentá-las, quando aí sim procede a um volte-face em que muda da noite pro dia mas só em relação a esse ponto, porque logo em seguida aos dois livros sobre a matéria (e que vão muito além dela, de forma esplêndida) publica *Regresso ao Admirável Mundo Novo*. Que seja o que for parece até hoje obrigatório quanto mais não seja por conter a súmula do dever de casa que a humanidade deixou de fazer neste meio século, padecendo por consequência do agravamento dos problemas que abordava há sete décadas.

Enfim, publica *A Ilha* mas pouco antes de fazer o último *trip* põe o ponto final num ensaio sobre Shakespeare, e as suas famosas últimas palavras, *Shakespeare e a Religião*, são tidas como de altíssimo nível por muito *anti-relativista* velho-padrão, nomeadamente um tal que com bom humor desconsidera os devaneios psicodélicos do intelectual, que todavia escreve em seu último trabalho publicado em vida um tratado em defesa da aplicação do uso de determinadas drogas num projeto de desenvolvimento humano, individual e colectivo.

Huxley é um – e não o – modelo do século passado e deste início de século sobretudo por ser um dos melhores espelhos refletores das nossas contradições de sempre. E seria curioso ver até onde irá esse sempre. Se nos extinguiremos já ali na esquina pelo superaquecimento global ou se sobreviveremos em guerra e paz aqui e guerra e paz acolá por mais algum tempo.

O que se depreende do discurso *anti-relativista* é que um tipo como Huxley incomoda muito porque seu dedo, ó, continua lá cutucando as feridas, que também são as mesmas, mas talvez muito maiores.

Contar sua trajetória enquadrando-a na do século 20 é importante porque ela desemboca, ele já morto, nas diatribes de há meio século, que felizmente deixaram muitas e muito boas histórias e lições.

CONSAGRADO À MEMÓRIA DOS EDUCADORES DOMUNDO. SI MONUMENTUM REQUIRIS CIRCUNSPICII

Rumo às ilhas da Utopia

Primeiro levantamento global profundo e alargado do Movimento (pop, pop art, contracultural) do género em português a partir da vida e obra de Aldous Huxley.

Trechos

Por essa altura Aldous Huxley assesta a lupa num artigo dos psiquiatras britânicos Humphrey Osmond e John Smythies, que trabalham num hospital de Saskatchewan, no Canadá.

Osmond e Smythies pesquisam o uso de mescalina no tratamento de distúrbios mentais e tentam há anos identificar as possíveis causas orgânicas da doença, que é objeto de pesquisas infrutíferas desde o final do século XIX.

Descobriram num livro sobre o peiote que a fórmula molecular da mescalina tem semelhanças com a da adrenalina. Passaram a ponderar sobre a hipótese de que em situações de stress moléculas de adrenalina transformem-se num composto químico ainda mais parecido com a mescalina. Hipótese improvável dado que quando começaram a pesquisa não havia indícios de que, a exemplo de algumas plantas, animais fossem capazes de produzir alterações no seu metabolismo. Para aprofundar o estudo Osmond tomou 400 miligramas de mescalina. O resultado das pesquisas foi resumido no artigo *Esquizofrenia: Uma Nova Abordagem*, publicado em Abril de 1952, em que afirmam que quanto maior a quantidade de adrenalina gerada em estados de ansiedade maior é a quantidade produzida pelo organismo de um alucinogénio endogâmico chamado adrenocromo. Esta substância altera a percepção e aprofunda o nível de estado psicótico do cérebro, cuja última defesa é desligar-se da realidade.

Em Fevereiro de 1953 o *Hibbert Journal* reproduz um artigo em que a mesma dupla afirma que *ninguém poderá ter verdadeira competência para tratar da esquizofrenia sem vivenciá-la,* o que se tornaria *bastante possível tomando-se mescalina.* Smythies e Osmond citam o *phantasticum lewinii* também ao arriscar uma nova teoria da mente baseada em dois pontos: o desenvolvimento de estudos comparativos do design e funcionamento dos computadores com a estrutura e o funcionamento do cérebro e os últimos avanços da parapsicologia, que para eles levaram à consolidação do princípio de que a percepção Extra-sensorial é um fato científico.

Os psiquiatras surpreendem Huxley com a sua nova chave de interpretação da doença e ao associá-la a uma droga que poderá levar um indivíduo artificialmente aos mundos descritos por William Law, Jacob Boehme e outros filósofos perenes. Escreve-lhes para cumprimentá-los pelo trabalho e comunicar-lhes o seu

empenho em testar a mescalina no âmbito das suas pesquisas sobre misticismo e a psique humana e convida-os para hospedarem-se na sua casa quando quiserem ir a Los Angeles.

Huxley e Heard perfilham a teoria de Henri Bergson e do filósofo inglês C. D. Broad pela qual o cérebro possui um mecanismo que funcionaria como um filtro de dados sensoriais considerados inúteis para o dia-a-dia e que reduziria o uso da capacidade mental. Tentam por todos os meios conhecidos encontrar formas de driblar a 'válvula redutora', que segundo Bergson seria o maior obstáculo para que o homem atinja um estágio superior de evolução. E também, creem eles, para que tenha acesso à iluminação mística.

Artistas e místicos com dotes excepcionais conseguiriam ultrapassar o obstáculo por meios naturais ou através de técnicas de exercícios físicos e mentais desenvolvidas no Oriente, que não seriam mais que ferramentas para abrir a dita válvula. Huxley busca a todo o custo operar uma profunda transformação na sua mente. O que nunca imaginou desde a época em que fazia as pesquisas para modelar o soma e até ler o artigo de Osmond e Smythies é que o atalho para uma experiência que por meios naturais só se completaria após muitos anos de auto-controle e disciplina pudesse partir da etnofarmacologia.

Huxley muniu-se de um gravador para registar a sua primeira experiência com a droga. Na manhã de 4 de Maio de 1953 Humphrey Osmond dissolve 400 miligramas de cristais de sulfato de mescalina em meio copo de água e, muito apreensivo, dá-o ao escritor. Desde a partida do Canadá Osmond não via com bons olhos *a possibilidade, ainda que remota, de ser o homem que levou Aldous Huxley à loucura.* Pensava na estranheza que lhe causara uma nota do escritor na carta de confirmação do convite sobre a sua expectativa em relação à experiência:

No atual regime de desleixo a grande maioria dos indivíduos perde no curso da sua educação toda a abertura para a inspiração, toda a capacidade de apreender a existência de outras coisas além das enumeradas no catálogo Sears-Roebuck; será esperar demais que haja um dia um sistema de educação planejado para dar resultados, em termos de desenvolvimento humano, equivalentes ao tempo, dinheiro e esforço despendidos? Em tal sistema de educação a mescalina ou outra substância química poderia ter a função de possibilitar aos jovens provar e ver o que aprenderam de segunda mão, ou diretamente mas a um nível de mais baixa intensidade, nos escritos de religiosos ou em obras de poetas, pintores e músicos.

Até receber a carta, embora já tivesse pressentido que talvez pudesse ser usada para outros fins, Osmond pensara na mescalina apenas como um mímico da demência, capaz de reproduzir *cada um dos maiores sintomas de esquizofrenia aguda*, nunca como catalisador de mudança da consciência e menos ainda como ferramenta educacional. E como que a reforçar essa perspectiva inusitada Huxley acaba de dizer-lhe que espera atingir o *mundo do*

heróico do que foi talvez o mais delirante poeta inglês, William Blake!

How absolutely incredible! - exclamou o escritor meia hora depois de ingerir a droga, quando olhou para o vaso de flores sobre a mesa e deu-se conta de uma mudança de percepção sensorial e visual. As cores das flores estavam muito mais vivas e as próprias flores pareciam vibrar. Ao focá-las, as luzes douradas do escritório pareciam ondular. Ao cerrar as pálpebras era como se o seu cérebro projetasse um filme de animação em que figuras geométricas mudavam lenta ou abruptamente de cor e forma. Até que atravessa uma tela ou algo parecido – como uma porta que se tivesse aberto na parede - e passa a ver *o que Adão viu na manhã da criação – o milagre, momento a momento, da existência nua.*

Como se nunca, mesmo antes da cegueira, tivesse tido olhos e depois óculos para *ver como deveríamos ver, como as coisas são de fato*, como repete de vez em quando ao gravador entre descrições dos objetos em volta nos contextos alterados a que irá fazer referência mais tarde - *a Eternidade numa flor, a Infinidade numa cadeira de quatro pernas e o Absoluto nas pregas de um par de calças de flanela!*

Apercebe-se também que palavras e conceitos verbais tornam-se supérfluos, porque sente as emoções perpassarem-lhe cada célula do corpo em sensações intraduzíveis por palavras, e menos ainda de maneira automática. Irá constatar entretanto o alto grau de condicionamento de uma cultura dominada pela contextualização verbal de tudo – ou quase: *devemos preservar e se necessário intensificar a nossa capacidade de olhar o mundo diretamente e não através do processo algo opaco dos conceitos.*

Ao assomar o jardim, quando a mudança de ambiente dá-lhe a súbita sensação de deslocamento, tem um surto de paranóia e de loucura. Mais tarde, ao chegarem à rua, diverte-se muito ao ver os carros que passam e com a ideia de que são o retrato falado do homem do século XX. Descem a colina a caminho de um drugstore. Os novos óculos de lentes poderosíssimas dão-lhe uma visão translúcida e mais abrangente: as palmeiras alinhadas ao lado das ruas na área de Sunset Boulevard tremem *às margens do sobrenatural* e as casas nas colinas para os lados de Hollywood lampejam ao sol de fim de tarde *como fragmentos da Nova Jerusalém.* Ao aproximar-se do drugstore apercebe-se de que a transfiguração das coisas é proporcional à distância: *quanto mais perto, mais divinamente outra* coisa. Huxley sente-se como um guri a quem tivessem dado um telescópio e, como que a seguir sugestão antiga do avô ultra-racionalista, vê-se *sentado diante dos fatos como uma criança.*

O *mystique manqué* não terá conquistado ainda o reino do misticismo mas começa a apossar-se *do domínio do facto objetivo.* Escreverá depois que o homem que volta pela *Porta na Parede* em que entrou no final da manhã nunca mais será como o que saiu.

Realiza enfim o antigo ideal de *tirar férias da realidade – de um mundo de egos, de tempo, de julgamentos morais e observações utilitárias, o mundo de auto-afirmação, presunção, palavras sobrevalorizadas e noções idolatricamente adoradas.* Ou de ver a realidade por outros prismas.

• • •

Quando se sente com forças e não lhe falta a voz, Huxley grava num ditafone os seus últimos textos, entre os quais *Shakespeare e a Religião*, que será publicado pela *Show Magazine* em 1964, e uma adaptação da sua conferência 'Experiência Visionária', que seria publicada sob o título *Hallucinogens: A Philosopher's Visionary Prediction* (Alucinógenos: A Visionária Profecia de um Filósofo) na edição de novembro de 1963 da revista *Playboy*.

Com o agravamento da doença e o escritor acamado, o casal Huxley lê o *Livro Tibetano dos Mortos* na versão de Timothy Leary e Ralph Metzner. Por volta do meio-dia de 22 de novembro Aldous escreve numa folha de papel que entrega à mulher:

LSD – tenta por
intramuscular
100 mm

Laura Huxley passa pela sala para buscar o material necessário e estranha que o médico e alguns amigos estejam a distrair-se a ver televisão sabendo que o seu marido poderá estar a morrer. Uma hora depois, dá-lhe outra injeção com mais 100 microgramas de LSD, após o que sussurra-lhe ao ouvido, repetindo mais ou menos as palavras que ele dissera quase nove anos antes a Maria e que reproduziu numa cena de *A Ilha: Leve e livre deixa-te ir, querido; para a frente e para cima, estás a ir rumo à luz. De boa vontade e conscienciosamente estás a ir, e estás a fazê-lo divinamente; estás a ir rumo à luz e a um amor maior... Estás a ir rumo ao amor de Maria com o meu amor. Estás a ir rumo a um amor maior do que qualquer outro que conheceste. Estás a ir rumo ao melhor, o maior amor, e é tão fácil. Não é a morte – estás a ir para dentro da luz.*

Só após a passagem do marido Laura é informada de que John Kennedy foi morto horas antes.

• • •

No último trabalho publicado em vida Huxley faz um resumo dos seus pontos de vista em relação à experiências mística e visionária para chegar à sua 'profecia' sobre a aplicação das drogas psicodélicas no desenvolvimento psíquico e intelectual de indivíduos com capacidade para servir de agentes de uma gradual transformação da sociedade. Segundo ele, através da experiência psicodélica os indivíduos envolvidos no processo poderão partir de um estado de 'consciência estética e visionária' para um outro, mais aprofundado, de 'consciência mística'.

'O mundo é então visto como uma diversidade infinita que é ainda uma unidade e o contemplador sente-se um com a infinita *Oneness* que se manifesta, totalmente presente, em todos os pontos do espaço, a todo o instante, no fluxo do perecimento perpétuo e da perpétua renovação. A nossa consciência normal condicionada pela palavra cria um universo de distinções acentuadas, preto ou branco, isto e isso, eu e você e aquele. Na experiência mística de ser um na *Oneness* existe uma reconciliação de opostos, uma percepção do Não-Individual nas individualidades, uma transcendência das nossas ainda problemáticas relações sujeito-objeto com coisas e pessoas.'

Para um indivíduo em estado de consciência normal a frase 'Deus é Amor' não é mais que 'um pedaço de uma racionalização positiva de um desejo', mas 'para a consciência mística é uma verdade em si mesma', considera.

'Mudanças tecnológicas e demográficas de uma rapidez sem precedentes aumentam paulatinamente os perigos que nos rodeiam', pelo que 'um treino amplo na arte de derrubar tapumes culturais é agora a mais urgente das necessidades', defende, antes de se/nos interrogar:

'Pode um treino desse tipo ser acelerado e tornar-se mais efetivo através do uso judicioso dos fisicamente inofensivos psicodélicos hoje disponíveis?

'Como deveriam ser usados os psicodélicos? Em que condições, com que tipo de preparação e acompanhamento?'

Segundo ele, 'tais questões devem ser respondidas empiricamente, através de uma experiência em larga escala.'

'[N]um mundo com um aumento populacional explosivo, em precipitado avanço tecnológico e de nacionalismo militante, o tempo à nossa disposição é muito limitado. Devemos descobrir, e descobrir muito rapidamente, novas fontes de energia para suplantar a inércia psicológica da nossa sociedade, melhores solventes para dissolver a nossa grudenta tacanhez de um estado mental anacrônico.'

Segundo ele, indivíduos envolvidos num processo de desenvolvimento do seu potencial psíquico e intelectual com a ajuda de substâncias alteradoras de consciência 'deveria[m] tornar-se apto[s] a adaptar-se melhor à sua cultura, rejeitando os seus males e o que nela haja de estúpido e irrelevante, aceitando com

gratidão todos os tesouros do aprendizado acumulado, de racionalidade, interioridade humana e sabedoria prática. Se o número de tais indivíduos for suficientemente grande, se a sua qualidade for suficientemente alta, eles poderão estar aptos a passar do estágio da perspicaz aceitação da sua cultura para o de uma perspicaz mudança e reforma.'

'Será isto um esperançoso sonho utópico?', pergunta-se/nos Aldous Huxley, para arrematar:

'A experiência poderá dar-nos uma resposta, porque o sonho é pragmático; a hipótese utópica pode ser testada empiricamente. E nestes tempos opressivos uma pequena esperança não é seguramente uma visita indesejada.'

• • •

Primeiro levantamento global profundo e alargado do Movimento (pop, pop art, contracultural) do gênero em português a partir da vida e obra de Aldous Huxley.

veja mais trechos de Rumo às ilhas da Utopia II

Da Teoria à Prática Ou Vice-Versa

em apêndice **no final desta publicação**

e mais trechos do relato em

revoluciomnibus.com/AFomeNoHuxley.htm

https://revoluciomnibus.com/AFomeNoHuxley.htm

huxley na fome do mundo

Rumo às ilhas da Utopia – Da Teoria à Prática ou Vice-Versa

DA REVOLTA ANTIPURITANA AO PARAÍSO REENCONTRADO

Aldous Huxley

E A HISTÓRIA DA **PSICODELIA**

Medo atraso e rock no grotão

POLÍCIA
FE-25-75
medo
nas berças
atraso
e rock

Bela vista da régie técnica do estúdio da Editora Valentim de Carvalho, em Paço d'Arcos, para uma pequena planície verde, mas os próprios técnicos ficam de costas para o grande vidro-aquário e de onde os músicos gravam não se vê um corno. Na Rua D. Estefânia, em Benfica, numa cidadezinha da Pensilvânia, em Memphis ou em Tóquio, dá no mesmo: palavras, sons e do outro lado ouvintes – nem isso, nada além de uma hipótese de multidão a ouvir. A solidão de The Wolfman em *American Graffiti*, na grande noite americana. Coisa interessante é como uma estaçãozinha tão limitada que nem emissores próprios tem pode projetar-se muito além da bufa, como é chamada a organização juvenil salazarista Mocidade Portuguesa, sob cuja égide vige o Centro Universitário de Lisboa onde está a R.U., em padrões não-comerciais, estilo experimental, rádio comunitária, quase pirata apesar de tudo.

A ideia de Edgar Lessa é fazer um programinha em que se explica como se grava um disco, da composição à mistura final de sons. Não tem sorte com a música, *Ode aos Beatles*, de José Cid e Tó Zé Quina, que a gravam com o Quarteto 1111. Recolhe sons com o UHER, a montagem da coisa dá um trabalhão maior que a mixagem da canção. A experiência é válida sobretudo para reflectir sobre a diferença de meios e de atitude de princípio entre rockers ingleses, por exemplo, e portugueses – mesmo da estatura do grupo de maior êxito em Portugal: o seu baterista ainda trabalha como assistente de bordo da TAP.

O recalque incrustado na população há várias gerações, só entre os mais velhos há quem ainda viveu sob democracia na primeira juventude. *O branco véu da saudade cobre o teu rosto linda princesa, olhaaaiii senhores, esta Lisboa doutras eras...* Há tempos também de que é melhor nem ter saudade. Vale a pena viver na trincheira, nos subterrâneos de um sonho de liberdade e sem poder sequer imaginar como seria, se fosse possível? Uma realidade penosa e um imaginário de sonhos. E de pesadelos. Gente que vê a vida a pastar na pasmaceira, sem meios de expressão. Quase sem forma de expressão porque a ditadura repele tudo o que parta de uma outra ideia. Ed vê a clara demarcação, que inclui também ideias da chamada contracultura de contestação já não só deste poder discricionário específico mas de todo o tipo, corporativo,

burocrático e tecnocrático, feitas substância as ideias que absorve de jornais como *Rolling Stone* e de livros que trouxe de Londres, como *The Greening of America* e *The Making of a Counter-Culture*, de dois académicos americanos, mais John Peel. Ideias do underground anglo-americano são também refutadas por princípio e sem contestação como uma nova forma de sub(no sentido de baixa)cultura de massas, embora também falem de um mundo ideal impossível, pela vacuidade mesma da(s) proposta(s). *Sagração da Primavera*, Kerouac, beat e Zoo Humano.

Écloga, pois. Compor uma écloga. O chamado movimento hippie é como que um passeio ao campo antes que a ecologia passe a ser uma questão de vida ou morte. O primeiro olhar engajado para a natureza mas ainda desengajado, o mesmo é dizer, este é o meu mundo, não ligo a mínima para o Sistema, se quiserem venham até nós se não que se estuporem por aí, como se isso fosse possível e o estuporamento da sociedade não produzisse chuva ácida a cair em cima da gente.

Rock no grotão

Ed produz e realiza também um programinha chamado *Evolução* com um estudante de Matemáticas vidrado em baladas – rock baladas, folk e country-rock, ou soft rock ou *bittersweet music*, sobretudo John Denver -, sereno e delicado, a dar ares de filho de bons burgueses, com quem segue até Vilar de Mouros, um festival de rock que ao ser anunciado já é um marco da história da vida social portuguesa destes anos bicudos, possível porta de entrada de Portugal no mapa de acontecimentos do género, que já proliferam por toda a Europa ocidental.

A primeira estrada portuguesa. No trem da noite para o Porto, de Campanhã a mudar para S. Bento e dali o primeiro *flash* dos verdíssimos e dourados campos de vinha e milho quase a entrar pela janela até Caminha, onde o carola doutor António Barges, organizador do evento, recepciona os jornalistas com uma ida de autocarro por uma estrada entre o pinhal até à sua terra natal, cujas belezas pretende divulgar no mundo através do festival, que a abrir tem como grandes atrações a recém-formada Manfred Mann's Earth Band e Elton John.

A viagem à fronteira da Galiza e ao Portugal profundo sabe a regresso às origens ou ao mundo de Asterix. Vilar de Mouros é uma aldeola perdida entre montes e vales banhados por um rio onde se poderia pensar ser menos viável a realização de um acontecimento do género. O Woodstock, a ilha de Wight portuguesa, respeitadas todas as diferenças de proporções. O recinto, demarcado por uma cerca de tábuas numa clareira, parece um Forte Apache para no máximo uns dez mil índios. Até o festival de Bellingham foi mais imponente. Contam-se pelos dedos os guedelhudos com ar de hippie. Quase todos os convivas portam roupas de marca e mochilas acabadas de estrear e cabelos da moda em 1964, mal encobrindo as orelhas, ar de pequeno-burgueses (en)quadrados.

O primeiro dia é um festival de *feedbacks*. O doutor Barges, um burguesão de cabelos brancos que parece não ter nada a ver com isto, acomoda os jornalistas em beliches instalados em divisões da casa do caseiro do solar. Na manhã seguinte, muito atencioso e ainda atormentado com as atribulações da organização de um festival com rock ao ar livre numa era de proibição de qualquer ajuntamento de mais de dez pessoas, leva um grupo de escribas até ao rio, um trecho do paraíso onde jovens parecem querer reproduzir as fotos de Woodstock que deram a volta ao mundo, a tomar banho nus em pêlo para o maior deleite do despreconceituoso anfitrião, que ao assomar o pedregulho sobre o cenário de sonho numa radiosa manhã de Verão não se furta a evocar algumas páginas de Rousseau.

- Haverá quem diga que eles compõem um quadro de perdição, mas que mal há nisto, meu Deus?! – suspira, como a tentar o reconhecimento por tantas atribulações passadas.

Fosse isso ou os problemas com o som, que prejudicaram as apresentações de todas as bandas portuguesas – em função da má qualidade do próprio equipamento caseiro - antes do *gran finale* da primeira noite com a pseudo-progressiva banda do ex-pop Manfred Mann, cujo currículo baseia-se numa sucessão de *hits* que produziu em catadupa em 1967 e no facto de se ter feito acompanhar por Klaus Voorman, fotógrafo teutão amigo dos Beatles do tempo de Hamburgo e autor da capa de *Revolver*, além do brilhante baterista Alan White, ou seja, em mais que meros mundanismos - o médico ainda não viu nada, pois o astro ascendente Elton John, um dos nomes mais respeitados da *pop song* anglo-saxônica, e que na noite de encerramento do fim de semana de rock do festival nortenho dará um espetáculo de arrasar

quarteirão, revela-se também uma bicha caprichosa daquelas de se lhes tirar o chapéu, a fazer exigências de conforto e comodidade sem cabimento num contexto tão primitivo e prosaico, em que o camarim é um barracão de madeira erguido atrás do palco sobre chão de terra.

Marco de tantas expectativas frustradas – a não ser o estupendo trio de Elton John, que aqui se revela um *showman* e não um simples baladeiro, a tirar da cartola uma insuspeitada faceta de Jerry Lee Lewis - Vilar de Mouros serve para abrir as portas da percepção de uma pequena parcela da juventude portuguesa, e dele, para o Portugal profundo e de parte da sociedade para a percepção de quão longe se está em Portugal, a vários níveis, do mundo moderno, e lá vejo o regresso a Londres cair de bandeja com o convite para escrever para o suplemento dominical do *Diário de Lisboa*.

Em menos de um mês está a bordo de um Rover 100 rumo a Southampton.

Vai à toa, uma mão atrás outra à frente, um ano depois da partida do Rio, numa boleia combinada em Vilar de Mouros com um inglês de Southampton e com uns cobres arrancados às três pancadas. Jimi cansou-se de lavar *prata*, agora trabalha numa pequena serraria em Pimlico e diz que consegue-lhe uma vaga se quiser trabalho. Segue disposto a tudo, embora a perspectiva de fazer rádio e escrever não o faça desdenhar Lisboa como antes.

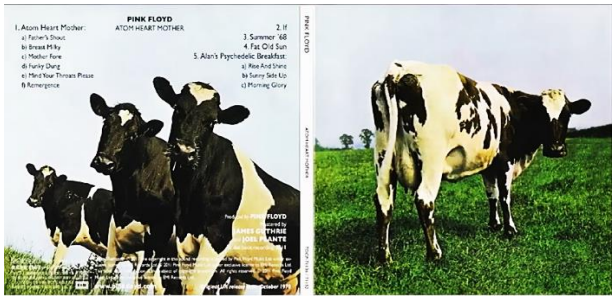
O sol desce atrás do Rover 100, a tarde avança nos quebrados de Valladolid e o carro rola manso como uma rola a 60 milhas por hora na estrada aberta na vasta planície de Castela e Leão, reta sem fim até Burgos, bom estar na estrada, sente-se pela primeira vez em plena literatura de Kerouac. Sopa de peixe e mariscos na janta em Victória, nascente iluminado pela lua a recortar as montanhas de La Rioja e na manhã seguinte uma Biarritz multicolorida como a dos *roaring twenties* de Scott Fitzgerald, embora se possa também pensá-la poluída por anúncios de Ricard e Total, versão *nouvelle vague* de carraspanas monumentais do ícone da geração perdida nos maus bofes do canastrão de *Pierrot le Fou* que ata um cacho de bananas de dinamite à volta do tronco e a detona.

Amanhece um dia depois quando chegam à Normandia. Para quem vem de uma paisagem exuberante como a do Rio, um estuário cinza, estreito, de vegetação rasteira, de onde partiram Villegaignon e os calvinistas para a conquista do Rio e o sonho de fundar uma França Antártica numa terra virgem, vasta, pujante e rica, não há nada mais triste, para mais quando passam pela interminável plantação de cruzes sobre as campas dos mortos da Segunda Guerra e pela conversa inevitável sobre as torrentes que ensanguentaram as praias do desembarque Aliado, que domina a última manhã de viagem.

Apanham o *ferry* para Southampton em Cherbourg. Nada a fazer além de tagarelar no bar. Sobressaem na mesa em frente, recortados contra a luz do mar quase sereno de início de tarde de Verão, o encanto e jovialidade de uma jovem que é a própria expressão do que há de mais belo em Albion, em animada conversa com dois britânicos mais velhos e muito formais nas suas camisas de punhos abotoados, apesar das risadas que soltam de quando em vez às suas graças. Um passo, um gesto, uma hesitação sobre

quem anda primeiro na fila do *Immigration Office*, os olhos encontram-se uma, duas vezes, ela muito alinhada numa blusa de seda de decote aberto de ombro a ombro e discreta minissaia, ele todo amassado por dois dias de estrada com apenas umas poucas horas de sono num hotel na véspera, a caminho de San Sebastian, e antes de bater os passaportes sobre o balcão trocam as primeiras informações. Chama-se Amélia. Não; *Aemília*, *Emília* Earbones, a jovem deusa, que trabalha como secretária de um corredor de automóveis português do Porto que importa carros de Inglaterra e é de Cambridge, onde mantém a sua base. Uma beleza enlevadora. Convida-os a também dividir a sua mesa e, antes da descida aos carros, depois de trocarem apenas algumas observações de circunstância a propósito da conversa, dá-lhe o seu telefone a convidá-lo: *Telefone-me e venha visitar-me em Cambridge se quiser*.

Não houve rolo com o agente da imigração. Traz uma carta-credencial em papel timbrado atestando que vai a Londres para uma série de reportagens e desta vez também não há milagre, o carimbo é só de um mês, terá de ver com Jimi como faz para renovar o seu visto se quiser ficar algum tempo mais.



Bela mulher de que se aproxima ao atravessar os magníficos campos do sul da ilha, de Southampton, pelo Hampshire, prados em todos os tons de verde e multicores, vacas malhadas a olhá-lo em *close* como da capa de *Atom Heart Mother*, Winchester, Woking e Victoria Station – *Loundon, Loundon*, Jimi espera-o para levá-lo até um quarto em Kennington, não se está mal, e confirma a vaga na serraria - topas, ou o salário de RE-POR-TER, *rock reporter* - goza - é suficiente para te manteres?

- Qual o quê! Vim por vir, mas não tenho nem como receber aqui o pouco que o jornal me paga, é só uma reportagem por semana, acabaremos por ter de escrever os artigos a quatro mãos quase de borla. Mesmo assim você está disponível?

- Escrever com você?! Até que é uma boa ideia... Quanta gentileza!...

- Uma mão lava a outra. Trouxe os artigos que publiquei e os programas que escrevi para a rádio para você ver. Apesar de parecer até insolente, autocrítica é o que não me falta, e bastaria o trabalho que tenho tido para escrever para me demover de qualquer presunção a esse propósito. Talvez por falta de prática levo uma semana para escrever um artigo de seis laudas. Uma lauda por dia! Depois, tenho muito pouca imaginação para dizer o que penso e sinto. Fica tudo muito direto e simplista ou não fica. E, é claro, se pego um trecho de um desses jornais ou revistas de rock e leio algo que expressa o que quero dizer, não hesito, o meu primeiro impulso é o de copiar de caras – para quê ficar a magicar outras maneiras de dizer a mesma coisa que de repente deu tanto trabalho ao autor decifrar e sintetizar e eu não tenho tempo nem imaginação para magicar e fantasiar? Já você é mais imaginativo, na forma como fala das coisas. Quando receber o dinheiro, divido-o com você.

- Qual o quê, cara! Não preciso do dinheiro mesmo (mentira, Jimi é um snob cuja principal diversão é surpreender com atitudes pedantes e tiradas inventadas, e inventá-las é a sua principal ocupação).

Jimi conseguiu viver clandestinamente em Londres por cinco meses, e para tanto achou melhor não se aventurar muito pelas ruas à noite. Passou a fazer uma vida duplamente regrada: pelo pouco dinheiro que tinha e para não correr mais riscos do que os normais e algum *bob* pedir-lhe a identificação. Filho de italianos do norte, embora de cabelos negros e encaracolados, não é do tipo vincadamente latino, pelo que não lhe é difícil passar despercebido na ilha. Mesmo assim ressente-se de não ter podido andar à vontade. A namorada com que o deixou vive entre Perúgia, onde mora com a avó e estuda, e Londres, onde os pais têm uma pizzaria em que Jimi trabalhou. Por sugestão dela acabaram por convencer o *pizzaiolo* a passar-lhe um documento oficial como contratado da casa sob a sua palavra de que não lhe causaria problemas trabalhistas, o que permitiu-lhe obter um visto de um ano. Nunca atinou com o pai – mas sobretudo a mãe, vinca - da rapariga, pelo que dois meses depois deixou a pizzaria e desde as férias da Páscoa só se corresponde com a filha. Mudou de quarto e de pizzarias uma meia dúzia de vezes até 'mudar de ramo' e instalar-se nas traseiras de Kennington Park para ficar mais perto da serraria. Ed instala-se num outro quarto do mesmo apartamento-pensão, com uma excelente vista a meia distância dos jardins de Kensington, o campo

de cricket de Oval e, ao fundo, a Vauxhall Bridge. O dinheiro que trouxe mal dá para pagar um mês de dormida. Em três dias vê-se a ser acordado às seis e meia da manhã para ir trabalhar na serraria.

Jimi perdeu contato com os Johns Peel e Walters. Ed telefona a Peel, mas o seu número mudou e não encontra Walters na Broadcasting House.

Tendo por credencial, mais que a carta que lhe deram em Lisboa, a própria *brazilian angel face*, vai ao encontro de Richard Williams, do *Melody Maker*, que meses atrás publicou uma crítica entusiasmada ao disco de Gilberto Gil, considerando-o uma das surpresas do ano. Pela primeira vez apercebe-se de que três dos quatro semanários de música britânicos pertencem ao mesmo grupo editorial, a IPC, o que os faz refletir, a ele e a Jimi, sobre a linha editorial de cada um e como um mesmo editor pode manter na rua – com êxito –, entre outras publicações, três jornais em princípio concorrentes mas complementares e cujas redações ficam lado a lado no mesmo andar da empresa, em Fleet Street. Williams é muito gentil e, tendo-lhe falado de Peel, Walters, Bolan, Creegan e de quem mais se lembrou e exposto o seu dilema de ter de assistir a vários concertos de rock para escrever sobre eles mas não ter dinheiro, apresenta-o a um secretário das redações do *M.M.*, *New Musical Express* e *Disc* que o aconselha a passar regularmente por lá para ver o que sobra dos bilhetes que lhes são enviados pelas produções. Passa-lhe para o agradar dois *tickets* para *Gimme Shelter*, o documentário sobre a polêmico festival de Altamont que mostra um negro a ser morto por um Hell's Angel enquanto os Rolling Stones apresentam *Under My Thumb*. Uma espécie de ritual do fim de qualquer sonho de que o rock and roll pudesse de alguma maneira ser uma faceta de um *way of life* totalmente diferente do mundo dos mais velhos.

Decidem escrever a primeira correspondência sobre isso a quatro mãos no Wimpy em frente à Liverpool Street Station, em deferência aos *white coffees* e hamburguers dos dias de Chelmsford.

- Porra, que desbunde! – diz Jimi a cada final de período escrito à mão. O amigo anda com um linguajar diferente. Logo à chegada mostrou-lhe um dossier a que juntou umas folhas em que está a fazer um glossário de uma série de novos termos de gíria no Brasil, segundo ele mais uma prova de criatividade da população do país, apesar do regime de mordaça em que vive. Jimi tira as expressões

de uma data de publicações da imprensa dita alternativa do Rio, entre elas uma admirável edição brasileira do *Rolling Stone* que pega na seção brasileira da BBC.

Passam o artigo a limpo - mas com uma das folhas manchada de café com leite - e enviam para Lisboa pelo correio.

A noite do segundo sábado de Ed em Londres passam no quarto de Jimi em estado de quase transe a folhear excelentes jornais *undigrudi* brasileiros e, à falta de melhor, a ouvir rádio entre os altos e baixos da sintonia quando surge Kid Jensen a abrir o noticiário da meia-noite da Radio Luxembourg com a notícia de que, segundo 'rumores' que circulam em Londres, Jim Morrison morreu na véspera, de causa não precisada, num hotel em Paris.

Visualiza de imediato o ambiente a meia luz de um imaginário quarto de hotel parisiense a pensar que deixou Londres quando Hendrix morreu e regresso com a morte de Morrison. É mais um dos mitológicos Jims a ir-se. O homónimo de casa pega o seu dossier e tira folhas destacáveis que entrega a dizer que tem tentado escrever uma novela baseada na antiga ideia do Rio, *Jim McGuinn está vivo e bem entre os wai wai.*

- Agora sim justifica-se pôr também o Morrison na jogada, *hein*?

São umas vinte folhas manuscritas.

Cara contra o sol, na carroça do caminhão *que desce desabrido a ribanceira que nunca deixou de ser aquele trecho da estrada aberta na floresta a caminho de... (ir procurar no mapa). Por ... quilômetros é apenas uma senda aberta, um sulco de terra a cortar a selva. O repórter...*

- Não passo daí. Consegui até arranjar na BBC um mapa do Brasil bastante detalhado que quero usar para criar a história de um repórter que sai à cata de McGuinn, embrenhando-se na floresta até ao Amapá, mas não sai nada de bom. Talvez o pudéssemos escrever a quatro mãos. Estou a precisar de alguém que me ajude a puxar pela imaginação em situações e diálogos a desenvolver.

Ed nota que a última folha é preenchida apenas por um grande título: *poP! So listen to the rhythm of the gentle bossa nova.*

- Tenho estado a magicar sobre a ideia de fazer um conjunto de histórias à volta da mitologia do pop e do rock, como a de McGuinn, e juntá-las num livro com esse título – explica.

LIVE FAST DIE YOUNG (AT 27)

- Uma delas seria à volta do que me parece ser, no mínimo, uma incrível coincidência, ou então a confirmação das estrambólicas teorias numerológicas. Há dois anos o corpo de Brian *Jones*, que tinha *27* anos e acabava de ser expulso dos Rolling Stones, é encontrado a boiar na piscina da sua casa no Sussex. Há um ano morrem um atrás do outro *Jimi* Hendrix, encontrado praticamente em coma em consequência da mistura de uma ou várias coisas com barbitúricos – ou de overdose de barbitúricos – e *Janis*, que deveria ter recebido *cachet* pela publicidade que fez do Southern Comfort, e que segundo o noticiário foi encontrada morta no quarto, como uma tal de Marylin Monroe, após ter misturado em doses excessivas whiskey com cocaína ou heroína, ou em consequência de uma overdose de heroína, nenhuma informação bate com a outra. Agora vai-se *James* Douglas Morrison. Todos com nomes com J. Todos aos 27 anos, ao que parece a idade do martírio no rock. Muito estranho, não acha?

Acorda no domingo com Jimi sentado na sua cama com um gravador de cassetes portátil Philips a tocar *Riders on the Storm*, do último e ao que parece derradeiro disco dos Doors. Pergunta se há novidades em relação à morte de Jim Morrison. Nada de novo, responde. Ouviu pouco antes na Radio 1 uma notícia parecida com a da Luxembourg, a dizer que o que há é boatos sobre a sua presumível morte e a confirmar o que os jornais de música publicaram nas últimas semanas, que depois da gravação do LP *L.A. Woman*, de que foi extraído o último êxito do grupo, o cantor decidiu abandonar os Doors e ir com a mulher para Paris. Toma banho a ouvir ecos da música que, obcecado, Jimi pôs de novo do início e a cantar *riders on the storm, there's a killer on the road – like a dog without a bome, an actor all alone...*

ASSASSINATO NO COLISEUM

SHAFTSBURY AV. rua dos teatros SOHO

DE NOTTINGHAM FLORESTA DE SHERWOOD O PISTOLEIRO MAIS RÁPIDO DO ROCK

Como o programa do dia é um concerto dos Ten Years After no Coliseum, em Shaftsbury Avenue, decidem ir calmamente a pé até ao Soho para um almoço-ajantarado de revival dos já bons velhos tempos de 1970 no Mandeer.

- *Hashish, man?* – assobia-lhes um meliante ao porem os pés fora da bilheteira do teatro. Seguem com o descabelado guedelhudo na direção de Tottenham Court Road enquanto Jimi negoceia e compra dois cigarros – *melhor comprá-los prontos que fazê-los e nem temos papel para enrolar*, diz, em resposta à pergunta sobre como pode ter a certeza de que é feito. - *Cheirei e cheira bem, senhor marquês. Ou mal, dependendo do ponto de vista...* - riposta. Voltam atrás e caminham até a ponte da Southwark, onde acendem um e se certificam de que se trata de um 'árabe legítimo'. E do bom.

Dez anos exatos de existência dos Dez Anos Depois. Estão para variar de binóculos num terceiro balcão. O primeiro support é Keith Christmas, folk singer que se apresenta por meia hora para um público desatento e em meio ao burburinho do entra-e-sai da grande sala, só chamando a atenção quando se dá a manipular como magister a sua viola acústica ao estilo de um guitarrista de

rock. Seguem-se-lhe os notórios desconhecidos Supertramp, quinteto com formação tradicional de piano/órgão, baixo, bateria e guitarra mais – como elemento-supresa - um saxofonista, que não tende a ficar na história. Alvin Lee é o pistoleiro mais rápido do faroeste do rock, capaz de fazer a sua guitarra emitir não se sabe quantas notas por minuto. É tido como um dos dez melhores guitarristas de rock, mas não é muito claro se isso se deve a dotes estilísticos, à velocidade ou ao extraordinário sucesso de *Love Like a Man*. O parceiro da empreitada desde o início é o baixista Leo Lyons, que talvez por ser fim de tarde de domingo entra no palco... de chinelos. O baterista é Ric Lee e o pianista/organista Chick Churchill. Domina o de sempre, bluesrock, e a abrir parece que foram lá em estilo informal para mostrar apenas o seu lado de T.Y.A. Blues Band numa noite de remanso. Ingleses de um cão, tocam blues como os pretos mais retintos. Alvin gosta de duelar consigo mesmo, dedos na guitarra e voz em scat. Do blues, como quem não quer a coisa, ao hard rock e daí ao rock'n'roll, e quando atacam o seu maior hit hoje em dia, pela performance celebrizada no documentário de Woodstock, *Goin' Home*, o teatro ferve a ponto de parecer que o veludo vai estourar pelas costuras. Iam (?) fechar com essa, mas o pessoal, já a suar em bica, o Coliseum – bom velho teatro inglês - nem por sonho a dar sinal de derrocada, está a fim é de *Love Like a Man*, que ainda não tocaram e, após um quarto d'ora de palmas para bis, lá voltam eles para tocar aquela, mas qual o quê, emendam com *Sweet Little Sixteen*, e está cada vez melhor, espera-se aquela para acabar mas apesar dos chinelos de quarto e do adiantado da hora Lyons não quer fazer ninguém dormir, e mandam um meddley com *Rock Around the Clock*, *Good Holly Miss Molly* e *Roll Over Beethoven*. São quase onze horas e o trajeto de volta a Kennington parece não durar cinco minutos. Uau! – riem, a apoiar-se no muro da ponte dos Blackfriars enquanto fumam o outro 'árabe' ainda afogueados como à saída do teatro.

Michelangelo Antonioni Blow Up

Escrever é o seu grande programa de fim da tarde, quando saem da serraria, enfiam-se num snack e emborcam meio litro de leite para supostamente desintoxicar da poeira e caminham de Pimlico a Elephant and Castle e dali pela margem sul até Kennington, onde abancam num pub com janela de frente para o estádio de Oval a comer sanduíche de carne assada e beber uma Guiness ou duas enquanto redigem parágrafo mais parágrafo com dificuldade de principiantes. O que ganhariam com os artigos não daria para o papel que se rasura, rasga-se e deita-se numa cesta de lixo providenciada pelo proprietário, que os olha à distância, do outro lado do balcão, enquanto seca pratos, copos e talheres, a perguntar-se o que faz aqueles jovens malucos discutir tanto.

Passam-se os dias e, segundo jornais, rádios e televisões que acompanham par e passo nenhuma fonte confirma ou desmente a suposta morte do autor de *An American Prayer*, de que, como presumível bom mitômano mas também, ao que diz, com o objetivo de juntar material de consulta, Jimi apressou-se a comprar uma cópia em cassete de uma edição pirata das gravações que teria feito antes de zarpar para a Europa, e de que passam a ouvir vezes sem conta o recitativo com o fundo instrumental de *Riders on the Storm*.

- Que morte ou suposta morte mais estranha! – comenta Jimi ao sentarem-se num desses fins de tarde para finalizar o artigo sobre os T.Y.A. no Dam's, a sua 'redação'. – Vai-se a ver e ele sequer morreu. Decidiu desaparecer e pôs a mulher, Pamela, a tratar do despite. Por mim, tá feito, *Jim McGuinn está vivo e bem entre os wai wai* já tem outro título: *McGuinn & Morrison estão vivos e bem entre os wai wai*.

Vão a Camden a pé. Uma incursão na marginália londrina para ver o *brand new trend*, que depois já não é tão novo assim, diz. Para começar, após o banho, Jimi põe uma gravação em cassete do novo disco de Caetano Veloso, o segundo que grava em Londres, que tem uma música que o vai 'pôr na onda, bicho'. O disco chama-se *Transa*, com Caetano a dar conta de também estar *na onda* do novo linguajar brasileiro.

Walk down Portobello Road
to the sound of reggae
I'm alive
The age of gold
is the age of the old
Expect the final blast
I'm alive e vivo, muito vivo
In the Electric Cinema
And in the sound of music
Banging in my belly-belly-belly
Nine out of ten movie stars

Make me cry
I'm alive

De Kennington a Camden a pé é uma boa estirada através de toda a City. O movimento de antilheses na região é crescente. Tudo rastafari, com longos cabelos entrançados e com formas estranhas, alguns tapados por grandes toucas de croché de quatro cores. Leram sobre isso nas revistas *OZ* e *Crawdaddy*, como os rastas, influenciados por um ativista negro jamaicano emigrado nos EUA na primeira metade do século, Marcus Garvey, que pregava o regresso a África como solução para o 'problema negro' nas Américas, creem ser descendentes de etíopes e, portanto, dos verdadeiros judeus, e que o ditador Haile Selassié, descendente em linha directa do rei Salomão, é o seu patriarca, numa religião sensual sem rito em que se acredita que a liamba (ganja) é um meio de aproximação a Deus/Jah. Em música isso traduz-se em reggae, resultante de um preparado longamente urdido da mistura de rhythm and blues e *soul music* com um estilo diferente de batida africana que começou a tomar forma no início dos anos 60, chegando a Londres e dela ao mundo ainda nos primórdios com o mega-sucesso *My Boy Lollypop*, de Millie, mais tarde com o ska, que tomou sobretudo a Grã-Bretanha de assalto (e através de *Ob-la-di Ob-la-da*, dos Beatles, o mundo), até surgirem diluidores pop como Johnny Nash, com *I Can See Clearly Now*, e Jimmy Cliff, com *The Harder They Come*, do bluebeat, que também está a ter o alto patrocínio de Chris Blackwell, dono da Island. que começa a fazer muita grana a produzir ou só a distribuir o seu trabalho através de seu novvo selo. Baixo ribombante e bateria como base melódica e rítmica e guitarra em contratempo ou *upbeat*, ou vice-versa, é o que se ouve entre uma e outra barraca da feira da ladra. Compram uma cassete dos Wailers e rumam de volta a casa, onde escutam *I Shot the Sheriff* até dormir.

Michelangelo Antonioni Blow Up

Impressiona deveras em todo o passeio, mas sobretudo em Camden, o à-vontade com que gente de todo o tipo de cabelo e roupa anda em Londres, uma cidade de resto marcada por um excessivo formalismo em cada gesto ou atitude que seria totalmente incompatível com a liberdade de ser e estar aparentemente dada a boa parte da população. Roupas diferentes e cabelos compridos – e nem ocorre pensar em ver nela tamanha diversidade estilística – são ainda como que um insulto em Lisboa, a ponto de quem os usa de forma um pouco diferente ter a sensação de andar fortemente armado. Sikhs, hindus, nigerianos e muçulmanos mais as suas longas túnicas e toucas de cores uniformes mas não menos exóticas e/ou bizarras, antilheses, birmaneses e gente de feições tão díspares, mais uns quantos freaks de todas as tribos multicoloridas não causam nenhum estupor, talvez porque há séculos Londres, berço de um povo tão contido, inibido, retraído – salvo algumas espantosas exceções -, é o maior entreposto de gente e ideias do mundo e para continuar a traficar e lucrar com elas os locais tiveram de se acostumar. Não como uma abertura, mas como uma adequação comedida a elas - saris ou chapeuzinho africano, tudo acabou por tornar-se quase tão britânico como o chapéu de coco e o guarda chuva, legitimados pelos rescaldos do Império.

Alberto Sordi Fumo di Londra

The Wailers os transportam ao tempo em que, crianças ainda, faziam macacadas ao som de *My Boy Lollypop* e noite fora, após a digressão a Camden, fazem como que um balanço de pouco mais de um ano de Europa.

– Em Roma, sê romano. Aqui, divirto-me e informo-me muito mais que no Rio de Janeiro no tempo em que ficava lá enfornado na floresta atento a cada toque, a correr como um louco atrás de todo o tipo de informação que me pudesse abrir os horizontes. Aqui basta sair à rua e já tenho o mundo à disposição. Por enquanto nem em sonhos passa-me pela cabeça voltar ou ir, como você, para um lugar como Lisboa. E no entanto ao mesmo tempo em que

propicia toda essa abertura ao mundo e tamanha liberdade Londres obrigou-me a cultivar a reserva, a não cometer a mínima gafe e, afinal de contas, *to act cynical* - na deles, porque é o que fazem todo o tempo. De qualquer modo, como Canta Caetano em *London, London - I came around to say yes and I say.*

Como Sally e Jimi da primeira vez, agora esse súbito encantamento por *Aemília*, que não descansa enquanto não revê, mais uma mulher no horizonte, e de novo Jimi – figura que se tornara quase mítica, por permanecer e sobreviver em Londres a duras penas, como diz, mas com as suas grandes compensações.

- Estou como que a acumular vivência e experiências sobre coisas impensáveis no Brasil para aplicar um dia nem sei em quê. Nunca pensei que pudesse haver gente tão interesseira, materialista, individualista, que só quer saber de si mesma, já no ano passado se falava disso, você se lembra?, a propósito do *bob* simpático, da solicitude dos caras, a aparente amabilidade de que o Caetano fala na canção – *a group approachs a policeman, he seems so pleased to please them* - mas eles agem assim não por bondade, por impulso natural, mas por cultura adquirida, educação. São aparentemente gentis e amáveis porque se não agem assim destoam da manada, e sabemos bem que aqui, quando se destoa, é sempre dentro de certos limites, digamos, formais. Faço um esforço tremendo mas não me adapto, uma coisa que aprendi aliás a aceitar melhor com a minha amiga italiana, que diz que seria incapaz de morar aqui. E eu preciso de morar aqui – não vou para Perúgia viver com Renata e com a *nonna*! Os ingleses me obrigam ou a estar em alerta constante ou ser surpreendido – e enrubescer – face a reações irônicas a gestos ou observações desapropriadas para a sua reserva, apesar do aparente à-vontade que estaria implícito no *way of life* 'alternativo' que alguns adotaram - resquícios de moralismo anglicano, ao fim e ao cabo tão parecido com o católico, mas com um toque de puritanismo protestante. A Inglaterra inventou a fleuma, o pragmatismo, a ironia, o livre-comércio e a economia de mercado e é curioso como até hoje eles se sentem tão superiores, tão donos de si e do mundo, como se quem não está na deles não tá com nada. Mas são incapazes de olhar para os próprios defeitos, como os expressos pelas vendas astronómicas dessa imprensa sensacionalista, moralista, preconceituosa e eurofóbica. Até guardei aí um artigo daquele escritor cubano exilado, o Cabrera Infante, publicado no suplemento dominical do *Guardian*, sobre a Inglaterra: após alguns anos aqui percebi que se trata de um país sem alma, pois tudo está condicionado ao dinheiro, escreveu. Querem tanto ser donos da

razão, e continuam cometendo erros gravíssimos como em relação à Irlanda, onde há um clima de violência crescente em consequência do descontentamento da minoria católica, e já li que estão planejando atentados até em Londres.

Edgar vive assoberbado pelo problema básico: visto por apenas mais duas semanas, ficar – como? – ou ir de volta para Lisboa, o que ainda o apavora, porque agora conhece também os seus aspectos sinistros, ao mesmo tempo em que lhe oferece a boa perspectiva de trabalhar em rádio e jornais.

Tímido mas sorridente e audaz, lá vai em início de tarde de sexta-feira para um fim de semana em Cambridge. Amelia foi calorosa ao telefone, dizendo que o convite inclui estadia na sua casa, um apartamento pequeno, porém com espaço suficiente, porque não lhe pareceu que ele fosse esquisito.

Na primeira noite dorme a sono solto num sofá de três lugares quase do tamanho da sala de estar, conjugada com a zona de refeições, que tem apenas uma mesa e seis cadeiras. Não tarda muito e está a tremer das pontas dos cabelos às unhas dos pés entre o lençol e o cobertor da sua grande cama sobre um estrado baixo enquanto Lennon canta em surdina *Norwegian Wood*, o que o conforta, porque sente de imediato haver um parentesco entre o episódio que o beatle decanta e a situação que vive numa cidade que mal entreviu, quasi virgem, na cama com uma mulher oito anos mais velha e já madura. Como lhe prova pelo jeito com que o leva docemente a uma iniciação.

Acordou-o roçando nariz e lábios no seu pescoço, depois beijou-o uma vez o rosto e outra os lábios para testar-lhe o ânimo. O seu corpo carnudo de pele jasmim exala uma suave fragância acetinada.

Ela não faz questão de sair e passam a tarde a comer bolinhos de amêndoa triturada com *hash* que fizeram enquanto fumavam um joint, ossia, baseado e tomavam o *breakfast*. São os primeiros bolinhos do gênero da sua vida - nem sabia que se pudesse comer haxixe. Alguns não têm *o* condimento e faz parte da brincadeira –

atroz, diz ela mesma, que costuma fazer com os amigos - ter a sorte de comer os que têm *hash*, usar a imaginação caso por acaso não se coma nenhum com *hash* ou então... comê-los todos! Tomam vinho do Porto Vintage, que ela coleciona e que diz ser o seu maior orgulho junto dos amigos, entre os quais um jovem 'aristocrata' americano estudante de economia no Trinity College que aparece ao fim da tarde com aspecto de quem não gosta de tomar banho e que ele desconfia que seja *boyfriend* de Amelia, mas que acaba por ficar dormindo no sofá.

As poucas horas passadas entre o rio e os jardins dos *colleges* de Cambridge dão-lhe pela primeira vez a sensação de saciedade e plenitude, conforto e paz de ser em parte senhor das suas vontades, do seu tempo e espaço, embora não tenha muita consciência do que - pessoas e monumentos - o rodeia.

Volta a Londres de peito inflado decidido a encerrar mais um capítulo da sua vida. Nem completou três semanas de serraria – o dinheiro que ganha não dá nem para o quarto e mais o leite que bebe à saída 'para desintoxicar'. Desisto – diz a Jimi, quando ele chega ao fim da tarde do dia seguinte, o primeiro em que falta ao trabalho. Fala-lhe em ir com ele para Lisboa, onde também poderia fazer rádio e escrever. Jimi recusa encarar a hipótese. Esperará em Londres o fim da dita dura.

Amelia's brazilian mate acaba por voltar quinta-feira e prolongar a sua estada por mais uma noite que depois se transforma numa semana de passeios nos jardins dos 'colleges', leitura, muito *progressive rock*, porque a discoteca da sua Amelia é pródiga em discos de Van de Graaf Generator, Hawkwind, Curved Air, Pink Floyd e Soft Machine, e uma doce iniciação sexual. Não ter visto de permanência não é problema em Cambridge, com estudantes de todo o mundo, e leva vida normal e regrada como a de um *camian* qualquer. *Norwegian Wood* – Camian Wood, a sensação é a mesma. *I* once had a girl *or should I say she once had me?...* Até aqui, para lá e para cá nas pontes do Tamisa, agora do Cam. Muda a paisagem – e como.

Till the clouds roll by

Numa tarde nublada em que não se ouve um pio, sentados no terraço de um pub sobre o Cam, Amelia fala sobre seu relacionamento com o mundo latino – fruto de um acaso – e a distância estratosférica das terras de onde ele vem com tão pouca noção de como seriam que a ele dá a sensação de ter crescido numa maloca.

Passa a tarde seguinte, em que *Aemilia* vai a Brands Hatch para trabalhar, a vasculhar as suas estantes bem fornidas: *the Cambridge ladies who live in furnished souls*, as damas de Cambridge que vivem em almas mobiliadas, lê e traduz a pensar em como e por que e e cummings ridicularizou valores convencionais e suas figuras prototípicas, como anotou a sua *gal* a lápis ao lado do poema, ao dissertar sobre as damas da sua nova Cambridge, em Massachusetts. Ela mesmo tem um retrato de um metro da Rainha bem em frente aos pés da cama. Os ingleses são povo muito peculiar e até prova em contrário todos amam a realeza. Ele não obtém a prova. Nunca perceberá se aquilo é a sério ou de gozação. Um dia pergunta-lhe na galhofa, certo de pôr fim à sacrossanta dúvida, mas nada: ri dando a entender ser deboche mas deixa a suspeita de que não seja.

Buffalo Concert Presentations Present

by courtesy of The Trustees of the Surrey County Cricket Club

Goodbye Summer

A Rock Concert in aid of the Victims of Bangla Desh at the

OVAL CRICKET GROUND

KENNINGTON, LONDON, S.E. 11 September 18th, 11 a.m. to 9.30 p.m.

(Gates open at 9 a.m.)

THE WHO

THE FACES

London Premier of

ATOMIC ROOSTER

Mott the Hoople * Lindisfarne

Quintessence * Grease Band

America * Eugene Wallace

+ **Jeff Dexter + Friends**

Tickets now on sale. Price £ 1,25 at all branches of Harlequin Record Shops and all branches of One Stop

Records or Tickets on sale on the day of The Oval Cricket Ground, Kennington, London, S. E. 11

Não há cartaz colado em paredes da cidade que não sirva para anunciar shows de rock. Procol Harum no Queen Elizabeth Hall e Cat Stevens no Coliseum elimina-se, por falta de condições e porque, sobretudo para Jimi, dispensáveis, e já vão gastar £1,25 no *Adeus Verão*, um festival de apoio aos flagelados da guerra no Paquistão oriental no campo de cricket de Oval.

Bangla Desh, depois de Biafra, com o Vietnã e os subestimados dramas africanos, mais uma tragédia humana em tempos de aparente felicidade e progresso. Como têm consciência disso vindos

do país do *milagre* económico e... da seca, que mata milhares de nordestinos por ano quando a estiagem se prolonga além da conta.

Ouvem ecos de *Horse With No Name*, primeiro disco e grande êxito do verão do duo America, a fumar um joint providenciado por Jimi junto de um colega da serraria. Decidem também não ver Grease Band, muito bem reputada mas que boicotam porque só a admitiriam com a formação original de oito senhoras no apoio do vozeirão de Joe Cocker, que partiu com boa parte delas para uma melhor ao juntar-se a Leon Russell, Rita Coolidge e uma grande e bela cambada na turnê *Mad Dogs and Englishman*.

Chegam quando Quintessence sobe ao palco. Fazem uma música entre a *folk song* do tipo madrigal e um Oriente próximo à India, em espetáculo que ao esplêndido sol da tarde de sábado, sobre o gramado macio do campo de cricket, parece uma cerimônia místico-encantatória deslocada do tempo e lugar, o flautista dá-se pelo nome de Raja Ram, a cantora chama-se Shiva, encerram a *gig* com uma música chamada *Jesus, Buddah, Moses, Gauranga* e parecem um desses bandos de hare krishnas que os atazanam na rua, com a diferença de que não têm a cabeça raspada e suas túnicas são multicoloridas.

Estão em polvorosa para ver Lindisfarne, *por razões óbvias*, como frisam no original em inglês, nos olhos de Jimi ainda ronda uma ponta de inveja por não ter visto o *fog on the Tyne*, mas eis que Ed avista a meia careca de John Peel, com quem vão até ao *backstage* e lá ficam presos, por falta de credencial. Mal se dá também pela passagem do ótimo Mott the Hoople do organista Ian Hunter e do guitarra-solo Mick Ralph. Atomic Rooster, que sob a direção do pianista Vincent Crane (quase Price), que vá-se lá entender era a alma do *Crazy World of Arthur Brown*, e faz um hard rock espaventoso à beira do gótico, apresenta como grande nova atração um homem de voz possante como as trevas que adquiriu ótima reputação no noneto Colosseum, Chris Farlowe. Grita-se a três quartos para trás do palco enquanto se fuma com alguns *roadies* a quem 'foram entregues' por Peel uma fortíssima erva nigeriana – *finalmente! COF! COF! CCCOF! OFFF! COF! COF! CCCOF! OFFF!* – tudo a tornar-se rubro em volta, ensurdecidos pela torrente de lava electrónica que será capaz de acordar toda Londres langorosa & quase nua sob o último sol de verão nos gramados de Kensington, e lá se foi o Atomic Rooster numa revoada, e lá sobem Rod Stewart, o grande astro da estação,

finalmente atração de meia em meia hora até no *Tony Blackburn Show*, com o sucesso de *Maggie Mae* e *Reason to Believe*, e The Faces. Viajam a sonho solto de olhos abertos. Aqui já é uma outra corrente-torrente. Rod parece ter caído numa poção do que restou dos corpos de Sam Cooke e Otis Redding e com Ron Wood deve ter tentado atingir o ponto de equilíbrio exato entre alguma coisa de banda típica de country americano tradicional com o famoso *Memphis stew* de Cooke, mais qualquer coisa de Temptations ou algo que o valha. Stewart nem deveria ser cantor, quando muito um *roadie* como os que os rodeiam. Está lá, à frente desse fabuloso quarteto, por paixão e, esganiçante ou o que seja, mantém-se quase só por força de vontade.

Aproxima-se a passos largos um meliante com olhos quase ameaçadores a pedir fogo ao cachimbo de Edgar. Estende-lhe os fósforos e ele saca do bolsinho do peito de sua jaqueta Levi's de bombazina um joint de dez centímetros como que confeccionado numa máquina. A coisa é difícil de tragar, a cada vez que Trevor, como se lhes apresenta, posta-se ao seu lado e cutuca-o com o ombro para apresentá-*lo* de novo, mal dá uma tragada e o passa a Jimi, que por trás dele o devolve a Trevor quando de repente, do palco, Pete Townshend parece querer atingi-lo com o seu sapato de meio cano de camurça. *We won't get fooled again – oh no!* – gritam com ele, eles que ainda nunca foram enganados. Isto sim é espectáculo, mais um, somados aos que ouviram já faz uma bela coleção. *Destes levamos a barriguinha cheia, como diz o Arlindo* – quase se desfaz a rir e a tossir Jimi, que continua a encontrar-se com o amigo refratário português.

Trevor, que por todo o concerto em que The Who só tocou músicas do seu novo disco, *Who's Next*, se manteve quase estático ao lado de Ed, diz-lhes que é *roadie* do Atomic Rooster e que há uma festa e, se não quiserem perdê-la, é melhor segui-lo, o que fazem até uma carrinha onde ele lhes estende um copo de plástico enquanto com a outra mão segura uma garrafa de Southern Comfort, e lá vão. Onde é a festa – e de quem? De Ron Wood, que alugou um bar em Chelsea.

A festa é de Ron Wood, o som dos Faces, com muito balanço mas – digamos – eletroacústico. Nenhuma algazarra, apesar de o pessoal – bandoleiros e muitas gajas lindas, de todos os feitios e cores – estar a entorná-*lo* bem. Entre eles, num nicho, no meio de

três belezuras, *Keith Richards, dos Stones!* e John Entwistle, o baixo do The Who.

You wear it well* (um, dois, três) *a little old fashioned but that's all right...

Soft Machine

Um sujeito de longos cabelos louros sobre a testa e as orelhas, camisa lilás e calças azuis claras, está placidamente sentado ao balcão. Conhecem essa cara mas por nada deste mundo esperariam encontrá-lo aqui. Ed vai devagar até ele, faz um *hi* e acerta na mosca: Kevin Ayers, com quem mete conversa graças ao seu passaporte de sempre, conhecer John Peel, e ter pernoitado três semanas em Chelmsford, no seu Essex. Diz que "para" já há dez anos em Londres e que se sente como um misto de Katherine Mansfield e um personagem saído de um sonho de Noa, Noa *com um quê de exótico*. *Z de exótico*, brinca Jimi abeirando-se do balcão.

Apresenta-os a um amigo que se entretém a dar voltas com os dedos à pequena caneca de cerveja escura na sua frente, quase tão seco como eles, barbudo e com um cabelão liso até o meio das costas, que quando conheceu ambos eram Soft Machine, Daevid Allen, que vive em França com o Gong, outro desta grande e bela cepa de magos da criação de sons e canções que giram em torno à banda inglesa de vanguarda. São uma comunidade. - Todos australianos e neo-zelandeses? – perguntam-lhe exploratoriamente.

- Quase. Mas no fundo somos todos britânicos. Estamos muito bem lá. Eu seria incapaz de tocar noite após noite, de teatro em teatro, e aqui ninguém se sustenta sem isso.

- Vocês têm contrato com a gravadora?

- Não. Os donos das gravvadoras compram os direitos dos *masters* que autoproduzimos. Trabalhamos como numa cooperativa. Aqui ninguém quis comprá-los.

- Estamos no ir? – pergunta Kevin a Daevid e a eles se não querem tomar um drink no seu *houseboat*. Seguem em silêncio

num Morris Cooper SS até para lá de Albert Bridge. Bebe-se Glenfiddish puro. São de poucas falas. Kevin é um *gentleman* galante.

Num grande painel de fotos pendurado na parede dá para reconhecê-lo numa série com os rapazes da Soft Machine, entre muito pessoal em volta - a primeira formação da turma que se reunia em Canterbury, em Kent, em torno aos irmãos Hopper.

- Eles atingiram o âmago da linguagem sonora – e bate o copo nos deles.

Aponta para uma com Daevid Allen, quando chegaram a Londres com Soft Machine e outra com a sua 'tribo', Gong. Jimi pede-lhe para pôr *Joy of a Toy*. Recusa. Ouvem *Third*, da Soft Machine, pela primeira vez desde o início até *Moon In June*.

Qual lua! Uma bruma noutras circunstâncias sinistra. Amanhece. *Oh how I miss the rain, ticky-tucky-ticky*

Caminham ao longo do cais olhando o céu cinzento para os lados de Battersea.

- Depois do que vivemos nas últimas horas deveríamos escrever algo como *Fear and Loathing in Las Vegas*, de Hunter S. Thompson – já leu?

- Só os primeiros capítulos no *Rolling Stone*. Uma história muito doida, não?

- Sim. Muito maluca. Jornalista vai a Vegas cobrir uma convenção de polícias da brigada antinarcóticos e uma corrida de 24 horas de motocicleta e tudo o que vê dela é uma nuvem de poeira. O resto é drogas, mulheres e problemas com a polícia.

- E quem iria publicar algo do gênero em Lisboa? – SE conseguíssemos escrevê-la!

Oval under the sun dá a Edgar mais uma vez a sensação da grande dificuldade de estar à altura dos acontecimentos – vá-se escrever sobre aquilo. Em Cambridge, tenta fazê-lo sozinho, e perscrutando a estante de Amelia passa as mãos por um livro de Schopenhauer, uma colecção de escritos póstumos chamada *Manuscritos de Schopenhauer*, que pega e folheia desatento até esbarrar no título de um deles, *Como Vencer um Debate Sem Precisar Ter Razão,* onde debita: dar e aparar golpes. Vale tudo, não há lógica quando o objetivo é ultrapassar um obstáculo e vencer, escreveu o velho Schopen, como depois brinca com Jimi a trocadilhar com chope.

Não é Hunter S. Não ousaria – e saberia? – descrever o que viveu. E do pouco que acabou por ouvir com atenção – o que dizer além dos dados mais óbvios e evitando adjectivos inexpressivos, tendo já por princípio evitá-los a todo o custo? Estamos muito longe das crónicas-críticas em estilo livre do *new journalism* e nem lhe passa pela tola ir além de um plano geral de Londres em fim de Verão e um *close* para a descrição sumária de cada apresentação. Vai daí, escreve uma coisa que nem a ele deixa satisfeito e manda pelo correio.

Além do chamado *progressive sound*, Amelia Earbones é também apaixonada pelo british blues e Them: sempre se ouve ao menos uma vez por dia *It's All Over Now, Baby Blue* by Them (que a ele dá a entender estar a mandar alguma para ela mesma sobre alguma relação), mais *Astral Weeks*, de Van Morrison, de quem ela gravou num concerto nessa nova arma mortífera que é o gravador portátil... *can you feel the silence? and it's always been NIGHT...* que continua nos seus olhos e ouvidos no Anchor, em Silver Street, a que vão num final de tarde quando vai encontrá-la à saída do

Queen's College, onde estuda filosofia, entre idas e vindas ao e do Porto.

Ao pagar a conta diz que Erasmus Roteradamus, de quem ele mal ouviu falar – *but anyway, y'know, the dutch philosopher* -, lecionou no seu colégio entre 1510 e 1513, quando já se queixava do alto custo de vida da cidade, de que no entanto elogiou em texto que me mostra quando voltamos a casa as donzelas, segundo ele 'divinamente belas, ternas, agradáveis, gentis e tão encantadoras quanto as Musas'. Amelia por Roteradamus.

Quem a vê fora de Cambridge, como em Brands Hatch, não imagina que possa estudar filosofia e ter outros interesses do tipo intelectual, como ciências humanas e artes. É como se representasse um papel, no caso o de secretária. Como não é atriz representa como ninguém o papel de dupla personalidade, refletida em casa por um guarda-roupa em que arruma os trajes de secretária e outro com peças mais informais, como batas, sandálias, cintos e calçado de couro cru, que só usa em Cambridge ou quando não viaja a trabalho.

- *Never in Portugal!...* – sublinha. - O meu patrão é corredor mas ganha a vida sobretudo como representante de automóveis sport e de luxo e a sua atitude é muito formal, 'quadrada'- e é melhor que não destoe nem um pouco dele.

Stanley Kubrick

A*me*lice de duas faces. Ora pegas o bolo com *hash*, ora pegas o bolo sem. Decide ir lavar a louça e estende-lhe uma coletânea de textos de Vladimir Nabokov num livro aberto na página que tem um artigo publicado em 28 de Outubro de 1921 no jornal *Roul*, de Berlim, fundado pelo seu pai, com as primeiras impressões sobre a cidade quando a ela chegou para estudar. Fala dos seus maiores edifícios, os *colleges*, com torres e portais estilizados a refulgir ao sol em toda a sua imponente beleza gótica, as passagens entre os portais seculares decorados com brasões esculpidos, os retângulos

de relva verdejantes e bem em frente a eles os anúncios das grandes lojas 'a provocar-nos, blasfemos'. Nas ruas estreitas bicicletas correm para lá e para cá a soar as suas campainhas e motocicletas 'cacarejam'. Os reis de Cambridge, os estudantes, formigam onde quer que se ande. Gravatas semelhantes às barreiras listradas de passagens de nível, casacos lilases, cinzas e azuis e calças em todos os tons de cinza, a cor dos muros. Sob uma passarela, 'o Cam desliza com uma languidez veneziana' ao longo de muros cinza e castanhos e entre grades de ferro. Muros e torres imutáveis, anotou o escritor, em impressionante quadro perfeitamente atual. Só a cerveja é que é mais embriagante e – como pode um russo sentir-se assim em relação às pessoas, pensa, e sublinha ao anotar. Jimi irá gostar: 'Têm o seu mundo redondo e fechado', escreveu Vladimir aos 19 anos. 'Não há na sua alma esse turbilhão inspirado, essa pulsação, essa aura, esse furor da dança, essa maldade e essa ternura que nos arrastam, a nós, russos, sabe Deus a que céus e a que abismos'. Fala também sobre bêbados e a bebedeira inglesa, como ele e Jimi há um ano atrás:

Se, uma vez bêbedo, ele faz balbúrdia, a balbúrdia é banal e benigna, e os guardiões da ordem, olhando-o, contentam-se em sorrir, sabendo que não passará de um certo limite. Porque jamais a embriaguez mais forte fará com que ele fique transtornado, desnude o peito, golpeie o solo com o seu chapéu...

Refere-se a gafes de 'estrangeiro-bárbaro' – e aí o espanto maior, quando afirma que a maior delas seria dizer, 'por causa da minha simplicidade de alma, que daria todo o meu sangue para rever este ou aquele pequeno lago de São Petersburgo, pois exprimir tais ideias não é conveniente, olhariam como se estivesse a assobiar alto numa igreja'.

'O recém-chegado não cessará de cometer gafes', anota Vladimir a fechar. 'Se algum estrangeiro impetuoso apesar de tudo age a seu modo, no começo ele surpreenderá – que homem estranho, que bárbaro! – e depois o evitarão, não será reconhecido na rua.'

PIMLICO IRISH COFFEE

Ed escreveu ainda em Lisboa a April Sun a dar-lhe o contacto de Jimi em Londres, porque escrevera-lhe a dizer que passaria uma temporada ba cidade. Encontram-se num pub em Pimlico, próximo

ao trabalho de Jimi. Ela, de cabeça muito mudada, publica crónicas sobre rock numa revista semanal de Lisboa – acha interessante escrever mas não se vê a encetar a carreira de jornalista, com todas as suas limitações. É um passatempo interessante que leva muito a sério porque faz o que mais gosta e diz o que pensa sobre o que entende mas não se vê a prosseguir. Faz alfabetização na clandestinidade, não lhes diz em que organização, e cursa Letras para talvez vir a ser professora.

- Pois é verdade – diz, quando se olha mais nos olhos e fica-se mais à vontade -, vegeto-ambulante nesta cidade-paraíso de todos os apaixonados da música, como eu e vocês, da vida agradável, o paraíso do 'safa-te sozinho e não olhes para o lado'. Vivam os direitos individuais acima de tudo o resto, é ou não é? Há até aqui um cantinho num parque onde se pode dizer tudo, desde que não se diga nada que ponha em perigo os 'valores fundamentais', e onde todas a espécie de comerciantes de ideias cosidas às pressas exibem, para turista ver, as maravilhas da democracia burguesa.

- Falas assim à-vontade, da boca para fora, porque estás aqui, na sede da democracia burguesa. Mas imagina lá, no teu Portugal, ou no nosso Brasil, a falar assim abertamente –intromete-se Jimi à armar à polêmica, mas ela fica por isso mesmo porque um velho com ar de marinheiro dá um, dois e três acordes num violão e ataca uma balada sobre James Connaly e os bravos homens que no início do século fizeram de uma parte duma colônia ocupada a República da Irlanda, e sobre os *brave young kids* que de Free Derry lutam pela libertação do que ainda está anexado.

Estão num *irish pub*. Ao passar por eles, ficam a saber que o homem é de verdade um marinheiro irlandês aposentado em Londres.

- *Be careful, his bowtie is really a camera...* – cantarola Ed a gozar.

- Não, a sério... Tá vendo; sem saber você está num coivo do IRA e é aqui que estão congeminando os ataques – diz Jimi algo à chacota e meio a sério, nunca se sabe, porque aparenta estar envolvidíssimo na questão da Irlanda, que parece reduzida a um problema religioso e Ed pergunta-se e pergunta-lhes: quererão os irlandeses ultra-católicos, ao que parece, arcar com o fardo da questão do Eire, de que se apartaram com a independência, ainda por cima tendo de lidar com uma pequena maioria de *etnia*

protestante no enclave? E *by the way*, como se identifica uma *etnia* religiosa?!

Fica-se por aí mesmo. Jimi vai ao balcão buscar mais dois *pints* de *ale* para eles e uma gingerbeer para a comparsa e de regresso fala de uma antiga colega na pizzaria do pai de Renata, uma mulher grega que cantava canções que de início pareciam apenas melancólicas, como seria toda a música grega, mas que logo assumiam um tom muito amargo que depressa se transformava em ódio e raiva, pelo que ele apreendia das traduções.

Ed lembra-se das crônicas de April que lia antes de deixar Lisboa, a falar do 'evasionismo' e 'demissionismo' de canções tipo *Woodenships* e dos easy riders, que segundo ela agora seriam jovens burgueses montados em motorizadas em luta contra supostos novos moinhos de vento – quem diria...

- Escrevi e sustento ainda que aquilo não foi mais do que uma vaga a arrastar milhares de jovens para a inércia e a inutilidade através da droga. *Easy Rider* transforma-se em repositório de antigos heróis transformados em anti-heróis que o não são de fato. Um artifício comercial, a explorar um filão pseudo-revolucionário, e nada mais que isso.

- Muuuito prazer, April, Guinevere arrependida – torce o nariz e agarra-lhe uma mão com as duas Jimi.

À sua maneira, April continua a exercer a diferença ao optar por uma certa clandestinidade em campanhas de alfabetização e em leituras pseudo-marxistas, maniqueístas e dogmáticas – a linha que Ed adotará também à distância, em diálogo com os apesar de tudo brilhantes textos que publica como cronista de rock na revista de espetáculos.

Os devaneios e delírios dos tempos de April e Eric Sun foram um interregno e talvez o mais belo momento da sua biografia desconhecida. Porque, como muita outra gente na sua, desaparece para sempre numa nuvem de distante galáxia, como os seus mortos prematuros. Revê-a uma vez antes do 25 e depois sabe-a casada e professora do ensino secundário numa cidade da periferia. E sempre pensa: destino opaco para uma estrela radiosa - será que ainda escreve? Será que um dia emergirá da obscuridade? Interessará isso a ela? Ed lembra-se também – e ri-se com ele quando lembram – da última coisa que lhe disse sobre Jimi no pub em Pimlico:

- É um deslumbrado, como dizem vocês na vossa terra.

O relacionamento com Amélia é apenas um *flirt* com alguém cuja atitude é a de uma irmã mais velha que mal teve tempo de desvirginar um aquariano dos trópicos e para quem o *affair* é um passatempo sem maiores implicações no tempo da pílula com uma espécie de bárbaro, embora quase tão branco quanto ela. *So sorry you're going* – limita-se a dizer no telefonema de despedida. – Mas depois, se você não vier à Inglaterra entretanto, de vez em quando estarei no Porto, pelo que *eventualmente* será mais fácil nos vermo – junta em nota de circunstância, com distanciação britânica, apartada como a ilha do continente. E lá vai para o aeroporto, sozinho porque Jimi está na serraria, engulhado de apreensão por dúvidas sobre o que fazer para sobreviver também em Lisboa, embora com casa, comida e roupa lavada, os trocados a receber das colaborações e a 'mesada' da RU. No regresso, as mesmas impressões de um ano antes, um tanto neutralizadas pela habituação à ideia da resignação e de que sempre fica mais perto da 'civilização'.

CLANDESTINIDADE: *NOTAS DO SUBTERRÂNEO*

- coligidas a partir da correspondência de Edgar Lessa, em Lisboa, com Jimi Sawyer, em Londres, entre novembro de 1971 e outubro de 1972, como as das secções seguintes

Logo é posto a par de que o suplemento dominical do *Diário de Lisboa* vai fechar porque o jornal passa por uma remodelação para se adaptar à nova forma de impressão, o offset. O *DL* é o primeiro jornal português a deixar a era do chumbo. Retoma a rotina na RU, onde de quando em vez lá se faz um ou outro programinha de dar 'um gozo do cão' mas que dá também a sensação de fim de um ciclo e de que é hora de dar o salto para a 'rádio comercial', embora não haja ponta por onde se lhe pegue.

No regresso não de todo contra a vontade mas ainda a contragosto revê *Easy Rider* no São Luís. *Born to be Wild*, *The Pusher,* dos Steppenwolf, *If 6 Was 9*, de Hendrix – ao menos uma ganda trilha sonora num *remake* dos grandes clássicos, uma crónica romanceada dos humores de uma era, um *western* moderno ao longo das Autoestradas 61.

Os protagonistas andam desarmados e a sua ética aponta exatamente no sentido oposto à dos foras-da-lei/*outlaws*, pistoleiros/*gunmen*, como a dos protagonistas de *Shane* e *Johnny Guitar*. Como os antiheróis de Stevens e Nick Ray onde chegam provocam repulsa à população, motos, roupas, cabelos compridos e drogas são as suas armas.

Sabe-se por relatos da imprensa importada que essas cenas são o pão nosso de cada dia nos *States* profundos, a liberdade instintiva de Wyatt *Earp* e Billy cutuca com vara curta o fanatismo anti-sexual e a recusa sistemática de toda a manifestação do prazer instintivo dos puritanos da Nova Inglaterra e seus sucedâneos que exterminaram o ser natural e dizimaram a natureza selvagem do Novo Mundo, ao denunciar a sexualidade reprimida que gera fenômenos como Bonnie & Clyde e My Lai, o fumo a manter um aparente equilíbrio e placidez nos anti-heróis, ainda não é muito claro sobretudo quando se tem de buscar informação séria sobre o assunto em fontes tão distantes como a revista *Ramparts*, de Palo Alto, Califórnia, que é o próprio Sistema, através dos seus ramos

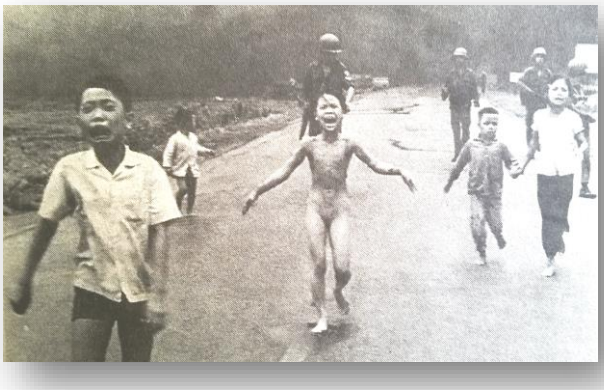
mais extremados, como a Máfia e inclusive as Forças Armadas, que manipula o comércio das drogas pesadas, de que eles também estão municiados, e que serviriam nomeadamente para neutralizar o potencial de revolta dos oprimidos (*No hope in dope*, nenhuma esperança nas drogas, dizem os activistas do Black Panther Party, que parecem até tão reacionários como os que combatem, mas dizem que a CIA foi encarregada de espalhar heroína nos guetos para aplacar a sua raiva), e alça-se com as luzes do luxuoso cine-teatro a acender com vontade de chutar a poltrona da frente e a dizer com Peter Fonda antes de marar: *shit man, we blew it... We're fucked, man!* – e entre os visados como inimigos, porque acólitos inconscientes do Sistema, estão os próprios colegas que pensam e agem como os *porcos chóvinistas* do interior americano, tão retrógrado como aqui. Aqui ou lá dá no mesmo, créditos finais: *All he wanted was to be free and that's the way it turned out to be, go river go where I wanna be – Ballad of Easy Rider* pelo the Byrds.

As 168 maiores empresas nacionais, que controlam metade da riqueza do país, pertencem a apenas dez famílias-donatárias, contra toda a lógica da livre concorrência capitalista. Para a maioria da população portuguesa a Idade Média não acabou.

Algo surpreendente é que quase todos os lusíadas que conhece, homens ou mulheres, acumulam poemas na gaveta. Há quem os organize em pastas e até os leve a passear ao café, quando sem conteúdo político explícito, ou os mostre à socapa em casa às visitas, os livros sobre marxismo ou similares escondidos atrás dos

romances. E o que dizer dos telefones, em que, quando se quer dizer alguma coisa, não se diz coisa com coisa?

É como um permanente recolher obrigatório, recolhimento de alma, pensamentos, sentimentos mais profundos. Passa-se horas no paleio sobre uma música, um poema, livro, filme, artigo ou entrevista, falando-se por subentendidos. E quase só se fala em surdina, como Miles faz soar seu trompete. Nunca se fala de livros proibidos, além de uma ou outra menção *en passant* com sorriso e olhar de subentendido, como do *Delfim*, do *Dinossauro Excelentíssimo* ou d*As Três Marias*, cuja interdição seguida de processo às autoras deu brado na imprensa internacional. Ninguém é tolo de andar com livros comprometedores. Compra-se, quando se os acha, e vai-se direto para casa arrumá-lo atrás de um 'clássico da literatura universal'. Quem gosta não sai de casa sem um livro, de preferência importado, que o mais das vezes alguém mudo pega para olhar e mudo devolve ou pousa onde o pegou. Notícias como as do Vietnã são mudas. Porque o Vietnã parece muita longe e ninguém é besta de se pôr a comentar a tragédia provocada por um povo branco que foi ao outro lado do mundo lutar contra amarelos para defender a terra que roubou ao povo vermelho, como resumiram os autores de *Hair*. A foto da garotinha correndo nua na estrada, da ponta dos dedos à cara convulsionada a clamar por ajuda, é muda (e é assim que os americanos perdem a guerra). O Vietnã é mudo, sem som, vanguarda das inclementes guerras de autóctones contra invasores.



Os vietcongues estão na mais pura clandestinidade também em Portugal. Mas os jornais reportam (quase) tudo do que se passa no 'lado de fora', enquanto a RTP, que não vai além dos teleteatros naturalistas e das sacrossantas variedades, pretende nos congelar

num tempo de *Histórias Simples da Gente Cá do Meu Bairro* ou dos grotões à luz de querosene e ao redor do *fogo*.

Vive-se de tertúlias de café. A cada um o seu estilo. Granfino, em Entrecampos, onde estudantes encontram-se para estudar ou palrar ou subir juntos à Universidade. Estuda-se também no Itau, um self-service de comida naturalista instalado numa cave ali ao lado, e num outro Itau na Alameda D. Afonso Henriques, que serve para o mesmo fim e também como entreposto de drogas trazidas de África por militares em fim de comissão de serviço. No eixo Ave dos EUA-Ave de Roma, um núcleo duro, formado pela Sul América, mais arredada e ponto de encontro das meninas do liceu logo atrás e dos bambas que as paqueram, o Nova Lisboa, o Supremo e o Vá-Vá, que é decididamente o melhor *point* do setor, com artistas de quase todos os ramos, entre os quais modelos e aeromoças da TAP, e lá adiante um outro eixo, de cariz diverso, formado pelo Roma, o Londres, que deu muito nas vistas no final dos anos 60 com uma grande pista de autorama na sua cave, e a Mexicana. Cada um com a sua tribo, os *índios* do quarteirão. Ainda nas Avenidas Novas, quem quer paquerar garotas do Colégio Acadêmico para na Versalhes. A caminho da Baixa, o Monte Carlo e a Mourisca. No Rossio, o Café Gelo, o Nicola e a Pastelaria Suíça. No Chiado, Ferrari, Benard e A Brasileira. Nos cafés e pastelarias algumas das grandes maravilhas da cidade, porque de uma coisa a gente cá pode se gabar: além das iguarias dos conventos, uma das suas maiores criações, são os portugueses os melhores imitadores da pâtisserie e, entre babás, duchaises, éclairs, palmiers e outras delícias quase ímpares no mundo, cada qual se notabiliza por uma especialidade. O café mais próximo é a sucursal de casa, para a bica, a galhofa em torno deste ou daquela enquanto se passa os olhos pelos jornais e engraxa-se os sapatos, nalguns chega-se até a cortar o cabelo e fazer a barba, unhas das mãos e dos pés e em muitos esquece-se da marcha lenta do tempo em pachorrentos torneios de sinuca ou bilhar, a dar umas caramboladas no ramerrame - garoto ou carioca de limão, copo d'agua e uma tarde ou serão inteiros de bazófia, cada café é um refúgio na cidade sitiada e, tudo somado, muda.

A pequena noite lusitana é solidão só amainada por discos, jornais, revistas, livros, filmes e uma ou outra boa peça de teatro. Fátima, touradas com Mestre Baptista e a pantera negra do Campo Pequeno, Ricardo Chibanga, Joaquim Agostinho, Eusébio e Benfica, conversas em família, corta-fitas. Vá lá, no meio da pasmaceira, embora cá a roer-nos também o juízo porque sempre são mais uns americanismos a invadir a contragosto, drugstores

como o Apolo 70, com a boa livraria logo à entrada, o snack no subsolo e um cinema-estúdio de última geração, e cada vez mais snack-bares como o do Apolo, o do Londres e o Galeto, eis o Portugal português cada vez menos *português*mente, apesar de TUDO...

Dá brado a chegada do primeiro supermercado, por sinal de brasileiros (entre aspas), o Pão de Açúcar, com que se teme pelo fim das mercearias.

Como recurso à falta de condições de explorar *conscientemente*, como se diz, a realidade portuguesa, busca-se quando possível nas rádios –, melhor dizendo, nas duas únicas estações de rádio em que, por distração/concessão dos proprietários (que não se 'distraem' muito - nem o RCP dá mais espaço à malta do contra, porque já os saca) – se pode explorar certos aspectos do cotidiano nos mais ínfimos detalhes para nas entrelinhas – quanto mais não seja através de um lirismo sempre 'realista' - dar a perceber um ou outro aspecto dramático, patético ou absurdo da realidade sob este regime irreal. Algo que, nos melhores momentos, como se viu aqui e acolá no *Zip-Zip*, na RTP, escapa como que por milagre do maniqueismo moscovita, aproximando-se mais por afinidade que conhecimento de fato dos 'jovens resistentes' que os fazem do humanismo neo-realista italiano e do *cinema-verité*. No cinema um dos pontos máximos é o pioneiro *Aniki Bobó*, de Manoel de Oliveira - cujo aparente primarismo e ingenuidade permite a sua exibição regular nas tardes de domingo pela RTP –, ou *Belarmino*, de Fernando Lopes, documentário da vida de um ex-boxeador em que se destaca Toni Taborda, hoje dono da tasca Toni dos Bifes, um dos redutos do fado vadio do Bairro Alto. Num ou noutro exemplo de obra mais bem conseguida o novo cinema português integra, como alguns programas de rádio, um ou outro raríssimo programa de TV, como no caso de António Vitorino de Almeida – um fenômeno de comunicação revelado no *Zip* -, a 'nova música portuguesa' de José Afonso e Adriano Correia de Oliveira e o Grupo dos Quatro, a

Casa da Comédia, os Bonecreiros, a Comuna e uma quantidade razoável de trupes amadoras no teatro, a ponta-de-lança da resistência cultural, o universo semiclandestino das células culturais de resistência à mão-de-ferro.

Há dinheiro pra burro, mas como é natural não em certos círculos, sobretudo onde se assume uma atitude de condenação ao mau uso que dele é feito. A guerra subtrai um terço do PIB mas a economia cresce muito. Champallimaud, um capitalista à antiga portuguesa, da casta dos beneficiados pela pax ou bellus salazarista, com interesses em vários setores de atividade, é o sexto homem mais rico do mundo. Portugal é também à sua maneira e dimensão uma terra de oportunidades, mas só para aves de rapina. As de arribação têm de emigrar em massa mais a famosa mala de cartão, muitas a dar o salto, conhecendo também a clandestinidade entre as fronteiras de Espanha e França ao fazer-se ao próspero mar europeu, numa grande e triste vaga de dimensão épica, e é dessa massa ignara que vem grande parte dos cobres que dão alguma saúde financeira cá à malta, que os lucros do petróleo e dos diamantes angolanos são sugados pelas multinacionais e pela guerra. O drama do 'salto' é devidamente explorado numa peça de teleteatro hipocritamente repisada a cada ano como mau exemplo pela RTP, sendo só para alguns o único retrato de um drama pessoal, familiar e social, porque quase não há casa em que não se sinta de perto o seu impacto.

Findo o ciclo da emigração para o Brasil e com a exploração colonial de África a meio gás a Europa para que no fundo o país do minifúndio agrário continua de costas acaba por ser também uma forma do pequeno país-jardim à beira-mar implantado manter os olhos em horizontes mais largos, quando para os muito analfabetos não há cá disso de a Terra ser redonda e o homem ter posto os pés na Lua. Mas do Brasil a África e à Austrália já são muitos os pontos de referência além das terras atrás dos montes, embora quase ninguém tenha ideia de como por lá se vive.

O trágico imaginário contemporâneo português é feito da lembrança de quem 'por lá anda', a fazer o Brasil, África, a Europa ou na faina artesanal do mar territorial, da Mauritânia e da Terra Nova, de que os bacalhoeiros trazem um acepipe a mais a juntar-se ao fabuloso manancial de frutos do mar da culinária local, acrescido das gambas (camarão pistolão) ao alhinho de Moçambique.

Na questão da guerra não se toca, pelo que em termos genéricos ela se resume aos boletins de ocorrências do Ministério da Defesa e às quase sempre dramáticas imagens das mensagens de Natal transmitidas pela RTP, não só pelo nervosismo e tensão dos soldados mas pelo temor do que se pressente estar no mato atrás das clareiras. Os programas do Ministério da Defesa e do Ultramar são apresentados por um mulato de carapinha. Mostram desfechos de ações em que invariavelmente se vê cubatas de turras (terroristas) a arder. Mas o olhar para tais imagens não é totalmente ingênuo, depois de tantos relatos de chacinas no Vietnã, e que se reflete em pequenos grandes dramas de cada círculo familiar, onde quando não há um filho ou dois a combater em África ou de férias na afinal paradisíaca comissão de dois anos em Timor, há os recém-nascidos quiçá para ainda servir de bucha-de-canhão ou adolescentes a 'dar o salto' para alguma terra distante quando a incorporação se aproxima.

Toca-me cá um fadinho... deixa-me cá chorar um pouco. Que espiga! A mitologia do fado, do mar de onde se parte e a que se chega, *Barco Negro* – entretanto também Gare de Santa Apolônia e de Austerlitz -, da saudade, que não é só nostalgia, nem *to miss*, nem *régreter l'absence* ou é tudo isso, como explica Octavio Paz. A emigração dos anos 60 abriu horizontes para o que estava atrás das costas do país, como uma outra assombração sem tamanho, além do mar, indumentária sempre de luto, ondas a carcomer dias e noites, o imaginário em lonjuras inimagináveis, inalcançáveis, inconcebíveis, lenços brancos, lágrimas, despedidas. É o que apanham as fotos das pessoas do país. Terra de brandos costumes mas sentimento trágico profundo, histórias trágico-marítimas agora também ferroviárias.

Ainda é uma diversão ir ver os aviões a partir e pousar na aerogare da Portela de Sacavém, a um passo da cidade, mas não ver barcos a ancorar ou a partir do terraço do cais de Alcântara apinhado, como me ocorreu recentemente, num rio-mar de lenços brancos a esvoaçar sobre rostos banhados em lágrimas e gritos dilacerantes à partida dos paquetes para Bissau, Luanda, Lourenço Marques e Dili. Portugal produz três mini-Vietnãs. Lá, 45 mil americanos mortos, 500 mil mutilados. Acolá, 8300 tugas mortos e 26 mil mutilados. Fora os que dão o fora, a desmembrar muitas outras famílias.

O que não falta, como já disse, é poesia, por quem somos e ainda porque, mesmo quando 'de intervenção', subsiste pelo poder da metáfora, mas a ficção portuguesa é dominada pelo neo-realismo e além dela há a produção autóctone e independentista do angolano Luandino Vieira e do cabo-verdiano Manuel Ferreira, o teatro está reduzido ao sempre espetacular mas ultra-conformado e passadista fenômeno da revista do Parque Mayer, aos vaudevilles de Vasco Morgado e a um gueto de microcompanhias que a custo encenam Strindberg, Dürrematt ou Ionesco (de Brecht quase nem se fala), o cinema subsidiado de qualidade é pouco ou nenhum, não fosse a vitalidade apesar de tudo demonstrada por Manoel de Oliveira quando o rei faz anos e a força quase telúrica de uma ou outra produção do chamado novo cinema.

Vive-se de convívios liceais e saraus de sociedades culturais e recreativas ou de futebol, touradas e marchas populares, sangue e touros, putas e vinho verde.

A música popular dá uns vagidos com a chamada nova música portuguesa, quase toda má descendente da *nouvelle chanson*, com a excepção de um ou dois discos de Adriano Correia de Oliveira, da obra irregular, na periodicidade, de José Afonso e de uma ou outra revelação como a dos angolanos Fausto e Ruy Mingas, dois outros raros mestres de vozes naturais. Que já fazem música angolana, no entanto, pelo idioma.

Neste contexto, numa espécie de liturgia de corpos ausentes, tornou-se acontecimento de monta o lançamento do primeiro LP de José Mário Branco e do single de estreia de Sérgio Godinho, exilados em França e no Canadá, numa noite de Novembro de 1971, no Cinema Roma, em discos tecnicamente impecáveis se comparados às produções portuguesas e de espantar até porque neles – *Romance de um Dia na Estrada* e *Mudam-se os Tempos, Mudam-se as Vontades* – ninguém copia ninguém e nada é tão limitado como os trovadores domésticos. O de Godinho surpreende também porque o tema é baseado num *riff* tipo rock pesado, embora acústico, e pela temática, além da voz natural do cantor – o primeiro português a não empostá-la desde Zeca e os pseudo-*rockers* José Cid e Carlos Mendes. *Mudam-se os Tempos*: mexer com Camões é quase como bulir com Pessoa, um tabu, por causa da carga simbólica de referências e identificações forçadas pelo salazarismo, que dele se apropriou – primeira vez no campo da oposição, como que a dizer que o vate inconteste e incontestado também poderá ter sido a seu tempo um contestador. Os baladeiros

portugueses seguem a linha neo-fadista de Adriano Correia de Oliveira, de voz empostada, quase todos no entanto (com a exceção de Manuel Freire a cantar António Gedeão, um dos maiores sucessos dos últimos anos por aqui) não lhe chegando aos calcanhares. O rock português ficou-se por uma só miragem dos tardos anos 60, na famosa neo-madrigalista *Lenda de El-Rei D. Sebastião*, do Quarteto 1111 – até hoje a coqueluche dos convívios liceais – e uma simples promessa, *I'm Missing You*, dos Sheiks, em que se revelaram Fernando Tordo, Carlos Mendes e Paulo de Carvalho.

Cultura é essencialmente o que se faz *aí fora* – cinema, teatro, artes plásticas e literatura. Até uma apresentação de Maurice Béjart na Gulbenkian foi proibida porque ele se manifestou contra a guerra nas colônias. Ah, sim, há a Gulbenkian, os extraordinários edifício e jardins e memoráveis retrospectivas cinematográficas, concertos e recitais.

A censura não permite a exibição em Portugal de toda a cinematografia produzida, mas em compensação é cada vez maior o número de retrospectivas com que também se perde a noção de se estar fora do mundo: de *Farenheit 451*, de Truffaut, um crítico não pode sequer enunciar o tema, por tratar precisamente de um dos aspectos tenebrosos do que aqui se vive, não na evocação de um passado recente e como hipótese num futuro próximo, como no filme e no conto de Bradbury, mas num presente ultrapassado, nos dois sentidos.

Antigamente os bombeiros não serviam para apagar fogos, em vez de queimar livros? – pergunta angelicamente uma personagem ao 'bombeiro', que entretanto os tem bem escondidos em casa para os ler às escondidas da própria mulher.

Como muita gente do meio vejo até seis filmes por semana, antigos ou novos, de alta intensidade e densidade, grande arte também de se manter mudo, só a domar.

Ainda sem estro no discurso articulado, mais ouço que falo. Mas o pessoal é também muito lacônico. Fala muito para dentro para os meus hábitos auditivos e muito por subentendidos, a deixar frases pelo meio e a dizer *tás a ver?* - e eu a ver cataratas..., donde essa abstrusa falta de entendimento claro do que se passa. Mas quem o tem afinal? Vive-se cegueta tateando o terreno à cata de referências para captar algum elemento vivo.

Em Portugal, simbiose raríssima. Como se, ao adquirir estilo próprio também em inglês, um escritor russo emigrado como Nabokov passasse subitamente a ser inglês ou americano. A língua faz-me ter a sensação de estar num outro estado de um Brasil alargado a todo o mundo da língua portuguesa, embora nunca lhe passe pela cabeça que também em África se fala português. Rapidamente, por ambição profissional – escrever e falar como os portugueses - mesmeriza a visão, a vivência, o modo de ser português, embora os vícios de sotaque quase sempre sobressaiam. Em Portugal há também mais informação sobre o Brasil, o que me dá a permanente sensação de - sem saber quanto tempo ficarei longe - estar só a viver uma fase a milhas de problemas de que entretanto me informo como posso, a ler nas entrelinhas, embora sejam de outra ordem e escala no Brasil. Até por incipiência um *outsider*. Lutar contra as injustiças – belíssima proposta. Todos os que o fazem, no meio muito meio, tiveram de um modo ou outro um pé ou os dois na pobreza. É a mesma luta de classes: uns quantos pés-rapados, no máximo enjeitados, e um ou outro borra-botas solidário, e a ele dá-lhe para a vergonha na cara ou então não há alternativa mesmo e continua *underground* nos subterrâneos portugueses.

Como nos anos 60 os cinemas Monumental, Império e S. Jorge foram palco de espetáculos de *music hall* e concursos de conjuntos de rock, em 72 o Alvalade é balão de ensaio de uma experiência

inusitada, três concertos de rock com Brian Auger's Oblivion Express, Embryo (deutsche rock) e Beggar's Opera, pobre representante do *progressive sound*, já a cair de maduro. Sente-se ao menos uma lufada d'ar diferente no ambiente claustrofóbico de primavera marcelista, que é de arrancar os cabelos (compridos). No cenário nacional, Jorge Lima Barreto faz experiências do arco-da-velha, sobretudo ao redor do Porto, com a sua Anar Jazz Band e no livro *A Revolução do Jazz*, caso único na modalidade. Foi lançado recentemente um jornal quinzenal de cultura, *& etc.*, revolucionário na forma e no aspecto gráfico, mas que apesar de osanar sobretudo o surrealismo ainda me parece bastante sisudo. E ainda em português, no RCP-FM Nuno Martins passa quase todos os dias mais uma aula de contestação nas entrelinhas de Chico Buarque, *ouça um bom conselho que eu lhe dou de graça, inútil dormir, a dor não passa.*

Já que cá está e aí chegou outra vez quase por acaso Edgar dá talvez um passo mais longo que as pernas, *Tempo Zip*, em fase *low profile* também por motivos financeiros depois de um longo período inicial espetacular com Nuno Martins entre os realizadores. Experiência curta e delirante. Muitas vezes por falta de dinheiro vai a pé de Alvalade ao Chiado e em poucas horas faz o caminho inverso.

Angela Davis – Retrato da América Negra

dos campos de algodão aos Black Panthers

Tem até gravado para tirar notas as edições especiais do programa *Campus*, de Michel Lancelot, na Radio Europe 1, de Paris, com sons, entrevistas e depoimentos sobre questões internacionais na ordem-do-dia. A fórmula apurada em português pega de um jovem mestre em reportagem de rádio, Adelino Gomes, que objetivo, preciso e comovente na execução técnica brilha no *Página 1,* um dos melhores programas de música popular e jornalismo, que foge à fórmula disco/anúncio e faz um notável esforço de produção e divulgação da chamada nova música portuguesa, juntamente com *Tempo Zip*, que numa segunda fase tem por base conceitual uma vertente mais político-sociológica.

Dia Internacional da Luta Contra a Fome, textos de jornais que passaram pelo crivo da censura, *Geopolítica da Fome*, de Josué de Castro, e sons: *Panis et Circenses* (*e as pessoas na mesa de jantar...*). Ouve enquanto janta e de repente o estalo: junta a ementa em francês do jantar de gala no Grémio Literário, que por ironia realiza-se no mesmo dia, e *A Cidade do Sossego*, de Gogol, mistura-o com uma notícia jocosa a respeito publicada no último número do *Comércio do Funchal* e tem um 'apontamentozito'.

Julgamento da ativista negra Angela Davis, simpatizante do Black Panther Party, Califórnia sob governo Ronald Reagan. Acusada de colaboração num assalto a um tribunal de Oakland durante o julgamento de militantes do BP, Angela está sob a ameaça de condenação à morte e seria executada não fosse o processo ter mobilizado a nata da opinião pública internacional depois dos assassinatos do *soul brother* George Jackson e do seu irmão, Jonathan. Baseia-se em farta documentação importada, como o livro de cartas de Jackson da prisão, uma reportagem do *Rolling Stone* no estilo novelístico que lhe é peculiar a provar que Jackson nunca poderia ter tentado a fuga da penitenciária de segurança máxima de Soledad e foi morto, e textos da *Ramparts*, mais uma cronologia da luta dos negros nos EUA, para ilustrar a perseguição impiedosa do *Establishment* ao inimigo público número um, o movimento negro. Teve o auxílio precioso de José Duarte, que lhe cedeu uma antologia de blues com depoimentos de velhos *bluesmen* a falar do tempo da escravatura nos campos de algodão, *Seize the Time*, de Helen Brown, do departamento de informação e propaganda do BP, com a banda sonora da peça feita a partir do livro homónimo de Bobby Seale, líder da corrente menos radical do BP e um dos 7 de Chicago, e *por último mas nem por sombras menos importante*, Last Poets de *New York, New York, the big apple, Wake up, nigger!* – rap seminal.

Arrepia-se só de pensar em gente como Eldridge Cleaver e Malcolm X. Conta-se que em discurso para uma plateia de 300 pessoas, X perguntou quem estaria disposto a lutar pela causa dos negros. Todas se ergueram. Inquiriu quem estaria disposto a matar pela sua causa. Só umas cinquenta se levantaram. Sendo assim, desfechou, os que se predispõem a matar devem começar pelos que ficaram sentados, que estarão entre os primeiros a querer exterminá-los. A ira de parte a parte gerou uma luta sem tréguas. *Soul brothers* e *sisters* estão a ser mortos que nem tordos nas ruas e prisões, numa guerra civil não-declarada na rectaguarda da guerra ao vietcongue.

Na montagem, matéria sobrepõe-se a matéria, faz locução em duas vozes com uma captada de um aparelho de telefone ligado à régie, o alinhamento de vozes e sons de tal modo complexo que, por ideia do técnico José Videira, grava-se tudo antes para editar depois, de várias fitas. Só um excerto de música branca, aos 40 dos 50 minutos do documentário radiofônico, *all come to look for America*, reverência também aos tempos em que vagava, vadio e amedrontado, a uivar baixo, pelas ruas escuras e quase nuas de uma cidadezinha do condado de Essex, quando o ex-notabilíssimo animador – *the wizard* – Nuno Martins simula um orgasmo, até agora o maior tributo ao seu trabalho, o 'chefe' a cofiar a barba e a sorrir a contragosto.

Sai com o que é um dos seus jovens mestres até à Portugália, onde conhece e se sentam à mesa de António Castro, um radialista e ator com quem comem o meio bife do lombo obrigatório e fica à conversa. Bonomia de alienígena, aliás com ar de alienado, cabelos ondulados um tanto grisalhos e já ralos na frente, voltarão a encontrar-se ali muitas vezes, depois de ir ter com ele ao RCP, onde apresenta um programa em FM da meia-noite às duas, detonando quando lhe dá na veneta música absolutamente bárbara e imprevisível para tais horas num canal do género, uma vez o manifesto tropicalista *Panis et Circenses*, noutra *MC5 Live!*, nas breves apresentações a despejar a verrina com acinte, de uma forma única pelos seus extraordinários dotes de elocução, abrandando ou acentuando a seu bel prazer uma sílaba que seja de modo a dar o tom exato à 'mensagem' subreptícia que pretende transmitir, do microfone encostado à boca como da lonjura e vastidão dos palcos. Quase sempre passa o menu habitual do programa, uma Count Basie Orchestra *slow with feeling*, coisas de muito requinte, Sinatra com Nelson Riddle, mas só de provocação – *toma lá disto, ó Evaristo*, e ri-se, à rebordosa -, nem acredita nas (tem até medo das) suas expressões a destilar profundo desprezo pelo bom burguês que àquela hora quer ouvir tudo menos... *MC5 Live!*

Uma noite, a propósito da miopia que o obriga a usar óculos com lentes de fundo de garrafa, conta que o seu fascínio pela arte de representar e pelo cinema vêm de pequeno quando, de família pobre, vendia água no Cinema Universal, onde viu muitos filmes. Poderá até não entender a música que ouve do ponto de vista técnico mas a sua atração pelos sons, e pelos mais bizarros, como os do jazz e em particular do free jazz, resulta do profundo conhecimento que já tem da vida e dos homens, com quem lida com uma atitude às vezes aparentemente primária, com um gozo também só em aparência infantil de contrariar e chocar, o sorriso a estender-se em silêncios estranhamente beatificados... ou endemoniados - serão os óculos ou o que vê atrás deles é mesmo cintilação de loucura? - e chega a arrepiar-se.

O que o distingue acima de tudo é a sua transparente falta de peneiras e simplicidade – ou simplismo. 'Ostracista' em larga medida, embaraçante quando atira à cara do interlocutor a centelha mais pura e penetrante de expressão do seu pensamento. Que não raro disturba o que de um momento para o outro poderá

transformar-se em alvo do seu mau humor mal dissimulado de ingénuo aloprado. Fora do palco não representa nem por um segundo, ou quando o faz é fácil aperceber-se disso pois é um excelente ator, daqueles que gostam de exibir o seu instrumental, despojar-se dele face à plateia num jeito à Actor's Studio mais que brechtiano, embora stanislavskianamente goste de vestir as peles dos lobos ou cordeiros que representa.

Ed não conhece pessoa mais sincera e íntegra, com quem só não gostaria de compartilhar uma mulher. Vê-se na forma como degusta sons os mais estranhos uma profunda irmandade e compreensão ora do lirismo ora da raiva. Sente-se logo atraído pelo seu magnetismo de existencialista na acepção mais básica, enquanto ele só poderá ter-se deixado trair pelo seu 'primitivismo', ingenuidade e pureza, numa relação que é como a de um irmão dez anos mais velho que encontrasse o benjamim nunca visto e muito esperado. Uma noite passam horas no seu apartamento na Graça a beber whisky, ouvir música e ele a ler excertos de *Pela Estrada Fora*, *On the road*, enfim. Pela manhã descem até ao Cais das Colunas onde, sentado num degrau da escadaria, a olhar do outro lado os estaleiros da Lisnave como Mr. Magoo, António desata a recitar a *Ode Marítima*, espetáculo único e exemplar - a voz encorpada e grave, a interpretação exata, a luz àquela hora, no próprio cenário do poema, tudo a contribuir para a singularidade e excelência do momento.

Sozinho, no cais deserto, a esta manhã de Verão,
Olho prò lado da barra, olho prò Indefinido,
Olho e contenta-me ver,
Pequeno, negro e claro, um paquete entrando.
Há uma vaga brisa.
Mas a minh'alma está com o que vejo menos.

A cena embaraça-o porque nota que, por causa das teorias do Quinto Império e pelo prêmio de Antõnio Ferro, Pessoa é simplesmente ignorado nos círculos de oposição – e o espanto que causa ouvi-lo na boca de um bravo oposicionista é o mesmo que causa Camões na do exilado José Mário Branco.

Fora o seu pouco trabalho na rádio, que ele não há muito para o pessoal do contra, lá faz vez ou outra uma aparição nas montagens naturalistas do teleteatro da RTP ou no D. Maria II com a companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro, que sobrevive a

encenar clássicos como Tchekov e tem um grande sucesso graças à RTP, que a cada ano repassa uma gravação de *As Árvores Morrem de Pé*, um dos acontecimentos marcantes em mais uma década do regime tenebroso.

Não gosta do que faz apenas para sobreviver. Acha condenável toda a rasteira exploração comercial que se faz da rádio em Onda Média, cuja tônica é a da fórmula disco/anúncio, e na única emissora de FM da praça, com a exceção do *Em Órbita*, considerado no entanto demasiado pedante pelos poucos escolhidos.

Em pouquíssimo tempo as coisas começam a dar para o torto. Primeiro decide escrever algo a que chama *A História de Joana dos Arcos*, um pretenso quadro neo-realista sobre as trevas em que se vive nas berças, que nem um professor de português e muito menos Alves Redol e Soeiro Pereira Gomes, que até inconscientemente o influenciam muito, aprovariam, terá sido reprovado pelo chefe e ele uma noite aproveita o ensejo para comunicar-lhe que o texto foi proibido pelo gerente da estação, um certo Padre Américo, e que 'por motivos financeiros' a sua colaboração está dispensada.

- Só por falta de dinheiro, se o que aqui ganho é tão pouco!

O chefe hesita. Olha para o relógio ao alto da parede do pequeno estúdio, põe a mão no bolso da camisa, saca um SG Gigante, acende e sopra.

- É porque temos de cortar despesas sim, mas também porque não te identificas com a linha ideológica desta merda.

Leo Ferré sua em melodia chorosa de um lirismo arrepiante *dulcis in fondo*, bem escutado o faria cair em pranto, mas o áudio da cabine está no mínimo, para o *deejay* manter-se concentrado no seu discurso enfático e duro.

- Ma... isso não é verdade. Sendo assim também fulano não me parece enquadrado à tua linha. E sicrano não se cansa de passar Magma (grupo francês do baterista Christian Vander, cuja desconstrução da linguagem verbal, com a criação de um estranho idioma, é tida entre os musicômanos oposicionistas como tendo conotações nazistas, embora ninguém de bom senso ouse dizer que a sua música é uma merda).

- Talvez. Mas isso não importa. O que interessa, por exemplo, é a limitação de massas que nós temos. Outro dia fui a Paris e não tive dinheiro para comprar um disco da malta que costumamos passar aqui. Um disco sequer! Pera lá um pouquinho.

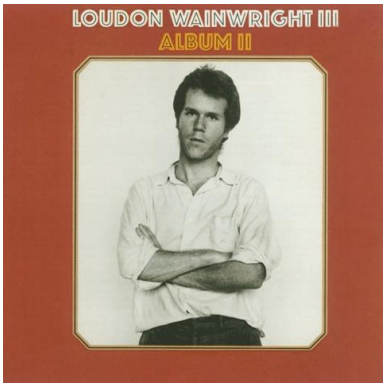
Acabamos de ouvir Leo Ferré, Cette blessure. Seguimos com Georges Brassens.

Pega o cigarro, que pousara no cinzeiro, dá uma tragada e retoma o discurso:

- Como te dizia, o Zé Duarte foi a Nova York, pedi-te para fazer uma lista de discos para ele trazer e o que é que escolheste? Merda. Coisas intocáveis aqui.

E apanhando a pilha de discos previamente colocada sobre a mesa:

- Tom Paxton (*6*), ok, ainda tá como o outro, agora este anarquista de merda, Frank Zappa (*Just Another Band From L.A.*), John Lennon (*Sometime in New York City*), logo um duplo LP de pretensa consciência política, logo ele, um novo rico de merda... (Joni Mitchell - *For the Roses*)... enfim... (passa Manassas de Stephen Stills, Chris Hillman e uma bela cambada sem comentar), agora este gajo aqui, Ludon, como é que é mesmo?, London, Loudon Wainwright – o que é isso? (com um riso de escárnio) The Third! O terceiro! Ostentando o quê? Origem aristocrática?! Tadinho. Com essa voz de aborto!... Isto é intragável... Enfim, não leves a mal, pá, és um gajo porreiro mas achamos que és um anarca e temos de dispensar-te.



- Eu, anarca?! Mas o que é que te leva a pensar uma coisa dessas?! Não estou de acordo, mas não posso fazer nada mesmo, *né*?

Dirije-se ao aquário ao lado, onde fulano arruma uns discos e papeis no armário.

- O que é que ele te disse? – inquire, com ar de quem já sabe.

- Que não sou da mesma linha ideológica de vocês e que por isso estou dispensado. Ora, a mim não me parece que tu sejas da linha ideológica dele. Ou será que me engano?

Sem resposta, o colega deixa de cofiar o bigode e volta ao trabalho.

Uma madrugada de conversa no estúdio do RCP com António Castro enquanto o doce-amargo Leo Ferré debita *La Chanson du Mal-Aimé* nas ondas de FM começam a desenvolver a ideia de fazer um programa juntos, fora da receita normal, entre a literatura de um Aquilino Ribeiro e a sociologia mas sem sociologuês, das mais recônditas e primitivas paragens do país, como uma aldeola perdida entre o Caramulo e o Vale do Vouga. A série chamar-se-ia *Aqui*, isto, *aqui* aquilo, dos *logares* mais atrasados do país. Como *Histórias Simples da Gente Cá do Meu Bairro*, mas com prisma totalmente diferente... à la *Joana dos Arcos*, mas mais bem condimentado. Subalugarão duas horas semanais ao produtor do programa.

- Quem sabe ele não nos cede um pouco do tempo desta nulidade... - suspira ele.

... uma aldeola perdida entre o Caramulo e o Vale do Vouga

Nota em António Castro o distanciamento dessa realidade a que no entanto sente que não é alheio, pela carga de informações adquiridas nomeadamente através da poesia de Alberto Caeiro e da prosa de Torga e Aquilino, a que pretendem fazer referência direta. Muito provavelmente nunca foi além do Porto, Coimbra, vá lá, Évora, em turnês com a companhia de teatro – cosmopolita como apesar de tudo parece e é. E Ed com *conhecimento de causa*.

Ali não havia electricidade
Por isso foi à luz de uma vela mortiça
Que li, inserto na cama,
O que estava à mão para ler –
Em torno de mim o sossego excessivo de noite
de província
Fazia um grande barulho ao contrário,
Dava-me uma tendência do choro para a desolação
E um grande mar de emoção ouvia-se dentro de mim...

Sim. Vilar de Mouros não foi a primeira incursão nas trevas de Asterix. Houve uma outra, seis anos antes, de férias em Portugal. Deixa o Rio numa tarde muito chuvosa, sim, mas com uma saída de barco com uma sensação idêntica à de Cole Porter quando compôs *It's Delightful*. Deixa o Rio cinzento mas cidade-luz, metrópole, recente-ex-capital do Brasil, em grande fase, e em uma semana sobe de carro pelas curvas do *Bouga* até um lugar recôndito e que nunca estivera

minimamente próximo do seu pensamento, no distrito de Viseu. Nos últimos quilômetros a estrada é de terra batida. A aldeia não tem luz. Sai do carro e, com o impacto do que (não) vê mais o cansaço da viagem, choro, quase morrendo de desgosto por aquelas trevas imemoriais em que se distingue apenas ténues focos de luz de lampião, como a vida a evolar-se.

Casa portuguesa de xisto muito bem cortado. O fogão pré-histórico: um buraco de dois metros, a chaminé em cima onde são mantidos os enchidos pendurados por cordel ao fumeiro e ao lado uma ou outra peça de roupa de verão ou um estendal, de inverno, quando não há embutidos 'a fumar'. Uma fogueira de lenha e várias trempes para as alças das grandes panelas de cobre enegrecidas pelo fumo.

Como em A. de Campos, o choro primal, o mangual, tudo manual, o pessoal na eira a debulhar e a malhar as espigas de milho, de vez em quando a sorver a pingazita ou o vinhozito de produções próprias do garrafãozito de meio litro coberto de vime, e quando acaba o vionhozito ou a pinga vai-se comprar à venda, e se a bebe com o mindinho e o anelar no pegador, o garrafãozito apoiado no pulso, uma eira na Beira.

Na tarde preguiçosa vai-se à venda encher a meiota

Jovens hoje em dia falam em coisas tão pouco práticas como comunidade e democracia participativa, estilo de relações humanas que caracterizam a aldeia e a tribo. Que (sem querer?) aponta também para isso. Tá tudo dentro da sua cuca: já a nostalgia do paraíso perdido, a eira, a beira, a falta de luz elétrica... – embora à primeira vista o que queiram denunciar seja justamente o atraso econômico-social destas paragens e seja até irónico que na vida de um jovem carioca haja também uma aldeia portuguesa com certeza. Aqui há apenas uma fímbria da estrutura corporativa na figura de uma junta de freguesia inoperante. Quem manda aqui, manda, mas *daqui* ninguém manda nada.

Decidem angariar patrocínio através de uma agência de publicidade. Antônio escreve à mão o texto com a solicitação da verba numa folha de papel e só falta escolher a roupa para o encontro com um executivo de uma agência da Rua Castilho.

- Só tenho o meu terno de casamento, que foi há seis anos. Nem sei se me serve mais, porque à época eu era quase tão magro como tu – informa Antônio e lá vão eles desajeitados, ele apertado num terno escuro de 1966, Ed com a única camisa que resta da safra londrina e de todas, porque não há dinheiro para outra - uma camiseta amarela, vermelha, verde e castanha com manga a três quartos a imitar camisolas de beisebol e que só resistiu porque deixou de lado por ter um grande ***69*** no peito e outros dois, menores, nos antebraços. O paletó do terno pop, com forro florido, de 1967, calcado num modelo da capa de *Between the Buttons*, serve para ocultar o destempero da camiseta. Nada lhes dá ares de empreendedores, muito menos a folha de papel dobrada em quatro que Antóôio saca do bolso interior do casaco, desdobra e entrega ao homem, que mal disfarça sua incredulidade e vê na sua atitude displicente um bom pretexto para negar o financiamento alegando que já não há verba disponível para o ano em curso.

Com um produto tão pouco atraente, que pretende exibir as tristezas e misérias à luz de lampião de querosene dos grotões, e realizadores idem-idem aspas-aspas, qual seria a marca que se disporia a emprestar o nome?

Saem do encontro crentes que o insucesso da *démarche* é a coisa mais natural deste mundo, de que anormal seria que ela desse fruto. Produzir um programinha que seja numa estação comercial é um negócio e não há dois seres mais negados para a coisa do que estes renegados. Antônio ri às bandeiras despregadas, numa reação histérica, olhando para o outro e para as próprias pernas e dizendo: *e nós assim vestidos! – e o ar do sujeito quando eu tirei a folha do bolso, desdobrei-a e a entreguei?! Foi de cair duro! Ed, Ed, não fomos mesmo feitos para isto!* - e ri ainda meses a fio, ao relembrar o episódio.

República

Hora da sopinha, almoço frugal do velho militante republicano e jornalista a serviço do pequeno-grande baluarte da oposição à ditadura, o jornal *República*, o único puro e – na medida do possível – duro, que lá resiste muito mal impresso no chumbo, com uns dez mil exemplares de vendas quando a maré vai pelo melhor e que sobrevive de fundos angariados por Mário Soares do exílio em Paris, onde hora e vez vai alguém levar e receber informações sobre o rumo das coisas e indicações.

Ed e um colega da RU decidem procurar trabalho como críticos de *música ligeira* nas publicações possíveis, e lá sobem as velhas escadas da Rua da Misericórdia.

A Raul Rego só faltam a viseira e as mangas de alpaca para ser um jornalista à maneira dos antigos filmes B americanos, mas para tanto à redacção não falta nada. Aliás, estatura, modos, calvície e óculos – é Peter Sellers em *Dr. Strangelove* sem tirar nem pôr, só que Rego mais maltratado pelos anos de militância e algumas prisões. Enquanto come a sopa, após desculpar-se por fazê-lo, mas é assim que tem de ser, ainda tem de pôr o jornal na rua e no comboio da uma e meia para o Porto, que lê cedo no dia seguinte o da véspera, ouve a dupla e marca encontro para dois dias depois, quando qual Edward G. Robinson, embora muito magro e envelhecido, recebe-os já sentado no seu pequeno gabinete – o único da minúscula redação – face ao seu prato de sopa subido da tasca do Manel, onde o pessoal costuma ir almoçar belas pratadas de comida alentejana de primeira, a dizer tudo bem, podem escrever para cá quanto quiserem mas não temos dinheiro para nada e a única coisa que vos posso oferecer é uma ajuda de custo

para o transporte e o pagamento de eventual despesa com alguma reportagem, mas nada de exageros.

De reportagem, a bem dizer, só fazem uma, na Praça de Touros de Alcochete, onde num sábado se realiza como que um fantomático festival de rock só com bandas portuguesas, entre as quais os inevitáveis Chinchilas de Filipe Mendes, tido unanimemente como o melhor guitarrista destas plagas. Na redação escreve-se à mão em linguados de 12x30cm porque só três ou quatro redatores mais velhos ou conceituados têm direito a máquina de escrever ou a trazem de casa. A disputa do espaço de mesas em que chegam a alojar-se dois redatores é a parte visível de uma luta em surdina pelas vagas de estagiário.

A redacção tem uma linha direta com a censura através de um telefone de manivela pendurado na parede que só é acionado por Raul Rego e pelo chefe de redação, tudo a cair aos pedaços, porta de vai-e-vem para a oficina de composição de onde se vê, através do buraco deixado por uma tábua corrida do chão que falta, a tipografia embaixo. Aparentemente desenquadrado do contexto, entra às segundas-feiras Artur Portela Filho, jovem publicitário muito janota que assina a coluna *Feira de Vaidades*, causa dos maiores atritos do diretor com a censura.

O Verão de 72 é um dos mais marcantes do fim do século. Nos EUA, George Mc*Govern* (marca registada e morta à nascença) protagoniza eleições presidenciais de tirar o fôlego, como suposto representante de um quase anti-poder, reunindo em torno do seu nome todos os que se opõem à guerra do Vietnã e à arrogância ilimitada de Henry Kissinger, o secretário de Estado de Nixon, numa desesperada tentativa de arredar os doutores estranhoamores de Washington, e que acaba por ser vítima da própria falta de *punch*, como atesta Hunter S. Thompson no *Rolling Stone* e no livro *Fear and Loathing on the Campaign Trail*. A campanha eleitoral norte-americana e o alinhamento de Paul Simon, Carole King, Joni Mitchell, Crosby, Stills, Nash & Young com Mc(ops!)Govern é um dos temas recorrentes da estação. Mark Spitz dá um banho de medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de Munique, quando o mundo vê pela primeira vez em direto pela televisão um atentado terrorista, fruto do terror palestino e israelense.

Os seus textos começam a resvalar para o pseudo-marxismo que se intromete entre os fumos da rebeldia. Na sua incipiência de raciocínio a lógica igualitária sobrepõe-se a tudo o que se relaciona à vida, num primarismo de bradar. Não produz nada em que não fale do engajamento político de alguns artistas e da falta de engajamento de outros em prosa feita à imagem e semelhança do jornal, politicamente corretíssimo em 1972. Mas até Joni Mitchell entra em clima de autocrítica ao interrogar-se sobre o sentido de 'cantar para as cortinas' em quartos de hoteis cinco estrelas e auditórios sofisticados enquanto ali na rua um músico anônimo estava a dar melhor ar da sua graça, iluminando um trecho da caminhada dos passantes com uma *performance* muito mais justificável, *do ponto de vista social*, ao tocar *real good for free*, sem cobrar nada. O personagem homenageado em *For Free*, de *For the Roses*, é o clarinetista inglês Lol Coxhill, notabilizado na Europa como membro das trupes de Kevin Ayers e do mago das *Tubular Bells*, Mike Oldfield, e que nem por isso a deixou de criticar por não o ter convidado para a gravação.

Logo obtém o aval dos mais velhos e é abordado em tom tu cá tu lá que o faz sentir-se gente pelo editor de espetáculos a comunicar que tem de ir a França por quinze dias para visitar o filho fugido à tropa e pergunta-lhe se topa editar as páginas na sua ausência. Pergunta-lhe também se estaria disposto a substituí-lo numa palestra sobre rádio numa sociedade de cultura e recreio do Barreiro, pelo que só lhe pagariam as passagens.

A sua primeira descida aos subterrâneos da resistência antifascista tem mais aspectos gogolianos que dostoievskascos. Lá vai Ed, 18 anos, uma noite, de barco, para a mui feia, poluída e fabril edilidade, da estação de autocarro por ruas cercadas por altos muros de unidades febris, um ambiente de neve carbônica que não se sabe se provocado por nevoeiro ou por fumaça industrial, mal descortinando o que lhe está atrás, nem uma habitação, e lá se vê sentado na primeira fila de um salão com quase todas as cadeiras ocupadas por gente com ar humilde, sisuda, de cinzento ou castanho vestida e na grande maioria para lá da meia idade, enquanto José Jorge Letria palestra sobre a chamada nova música portuguesa em notável tom de equilíbrio entre alfinetadas políticas de entrelinhas, humor sardônico e contenção. Acto seguinte, lá está Ed de pé e de frente para a plateia de umas cinquenta pessoas a discursar...

... a discursar é modo de dizer. Balbucio, tremo que nem garrafas vazias em grades num camião de transporte sobre piso de macadame, o nervoso faz com que olhe mas não veja nada nem ninguém à minha frente e, até por inexperiência, as palavras saem aos borbotões, como que acionadas por um automatismo, como se algum palerma mais palerma que eu estivesse a falar por mim. Mandaram-me e fui... Mal sei para quem falo, não estou preparado, embora saiba muito bem do que deveria tratar. Mas em muitos aspectos sou um bobo alegre. Há governo, ditatorial, e eu claro sou contra. A rádio portuguesa, salvo muitíssimo honrosas exceções, é uma merda e lá estou eu a dizer isso por outras palavras. Quer saber de uma coisa? Acho que a um dado momento me passou uma nuvem de todo o tamanho pela cabeça e eu vejo-me qual Stevie Wonder a cantar olhando fixamente para um ponto indefinido no alto da parede e a ver o quê?, talvez um turbilhão em negro ou amarelo, vermelho e castanho em círculos, como quando se olha para o sol e se fecha os olhos ou a capa de *Songs In the Key of Life*, acho que até falto ao respeito à digníssima plateia e que me sai da

boca um palavrão do gênero, já nem sei, dois minutos depois de ter começado a falar vou por ali porque os 'mais velhos', que me merecem todo o respeito, assim o fazem, mas não sei de nada. E a plateia, quando a consigo ver ou me apercebo dela, ou cabeceia entre a vigília e o sono, mais pra lá do que pra cá, ou olha de queixo caído e atónita para aquele puto de barba mal crescida e cultivada de cabelos encaracolados até aos ombros a expressar-se em pretoguês num discurso cujo único nexo é o de uma espécie virulenta de protesto contra a rádio alienante que nos é servida, enfim, o que é que se há de dizer, também com tantas limitações, além do mais a censura e este regime, dá quase vontade de rir, devo até esboçar um ou outro riso de nervosismo descontrolado, sobretudo quando vejo a malta já para lá da terceira idade da direção que me recebera e apresentara a alarmar-se e a trocar sinais também cada vez mais nervosos até que três avançam para mim, um a dizer num sussurro raivoso ó homem, o que é que está para aí a dizer, outro a interromper quase num grito dirigido à plateia e a esfregar as mãos que já se faz tarde, e já se deve fazer mesmo, a alocução do nosso convidado estava muito... e interrompe-se, enfim, é hora de nos despedirmos, muito obrigado, dirigindo-se a mim, que do outro ouvido ouço uma reprimenda do cão do cama..., perdão, membro da direção que me diz mas você perdeu o controle, não vê que há pides aí entre o pessoal, o que é que pretende que aconteça a si e a nós, que falta de responsabilidade, como quem diz veja lá se não volta a fazer isso, se não quem lhe dá uma surra somos nós, não sabe o que lhe pode acontecer, e a me dar muito claramente a entender que ali não volte a pôr os cutos, como de fato nunca mais pus, se me perguntassem que sociedade é aquela e onde fica nem saberia dizer, de resto só volto ao Barreiro para apanhar o trem da meia-noite para Albufeira ou em transbordos etílicos e quejandos do Algarve ao raiar do sol e uma vez em ácido e, sei lá, se até aqui não tinha ficha na Pide com certeza agora tenho e data de um possível relatório de um esbirro sobre esta noite.

O país é todo ouvidos. Moita carrasco. Comentar um fato ou boato político é uma temeridade. Uma noite, num encontro casual com colegas de ofício e a bem dizer já também de resistência à saída da Rádio Renascença, conhece uma jovem que após uma ou outra troca de impressões genéricas sobre a situação política e a informação se diz interessada em *conversar mais* com ele. Dá-lhe o seu telefone e em poucos dias ela chama-o para um encontro.

Diz que milita numa organização de que não revela o nome nem aos três pastorinhos de Fátima e de resto quando fala sobre isso mostra-se extremamente renitente em revelar qualquer detalhe, mantendo sobre a sua militância uma aura de mistério que afinal é o maior elo de atração e ao mesmo tempo de repulsa, porque sabe-se lá se ela não é masé dos tira. O seu papel é claro – mas, e o dela? Quer recrutá-lo e só abre o jogo se se predispuser a juntar-e à organização. Diz que tem um namorado com quem milita no misterioso grupo e ele a magicar, que romântico, o amor na clandestinidade, um amor à Daniel Filipe, autor de uma das *bíblias* da resistência, *A Invenção do Amor*, de que lhe oferece um exemplar num café da Rua Castilho com um recorte de um artigo dele em linguagem cifrada a criticar a visão 'alienada' de *Missa Leiga*, uma peça de Chico de Assis que está a ser representada no São Luís por uma companhia brasileira, publicado na primeira página do *República* para cobrir espaço deixado em branco por uma notícia censurada à última hora.

Vive-se ao fim e ao cabo o mais possível clandestino mesmo em relação a quem se é mais chegado, sempre a tentar 'pôr um pauzinho na engrenagem', do lado de cá (de baixo, do subterrâneo, *underground*), a tentar trazer alguém do lado de lá para a causa, que não é outra: a da liberdade e igualdade social. Não tem muita consciência dos riscos que corre e nem pensa nisso, até porque a Pide-DGS terá muito mais com que se preocupar do que com um gato pingado como ele, mas não cogita em dar um passo para a militância política direta e a clandestinidade. Cumpre o seu papel como pode, na luta linha a linha, palavra a palavra, entre as linhas.

Um colega coleciona telexes proibidos, que cola uns aos outros, enrola e pendura por uma guita ao teto da sala da sua casa até um grande cesto.

Em Portugal, espera-se que os linguados com as provas tipográficas ou de offset voltem da censura para proceder aos eventuais cortes ou adaptações ou simplesmente os deitar fora. Ninguém é parvo para se pôr a escrever panfletos na redação, sob pena de ser despedido por improdutividade. Aprende-se depressa até onde ir, embora os departamentos da censura, exercida por militares ou esbirros da polícia política aposentados, sejam imprevisíveis, e daí frequentes conversas ao telefone em que se ouve, em tom de ironia: *Mas, coronel...* A grande maioria se autocensura e os mais 'tendenciosos' lá deitam uns apartes para deixar alguma coisa subentendida.

As cenas mais hilariantes dão-se quase sempre quando o *República* deve publicar *Feira de Vaidades*. Talvez conscientes da arma que têm em mãos porque a coluna ocupa mais de meia página três do pequeno diário oposicionista os censores fazem trinta por uma linha antes de aprová-la com cortes ou proibi-la na íntegra, para desespero de Raul Rego.

A ligação direta do jornal à censura é feita através do telefone a manivela afixado ao lado da entrada do gabinete do diretor a uma altura que, para chegar o mais perto possível do bocal, ele tem de pôr-se em pontas de pés ou urrar de onde fica a sua boca, também pelos ataques de nervos que lhe provocam as 'implicâncias' dos homens da tesoura, ou lápis azul.

- É hoje que lhe dá o badagaio - diz alguém sempre que a sua cabeça, pequena e meio careca, enrubesce e as veias inflamam-se à beira da apoplexia.

- Ma... mas o se... o senhor... o senhor não... não... não pode fazer isso! O senhor não tem esse direito! Eu estou aqui que perco o comboio para o Porto e o senhor a pedir-me que espere mais um pouco? O quê? Para consultar um superior?! Mas quem está acima do senhor, o senhor secretário de Estado?! O primeiro-ministro?! Não! Não tenho só de ficar à espera e acatar, eu tenho a responsabilidade de pôr o jornal no trem daqui a uma hora e... o quê?! Pois o senhor quer saber o que mais? Quer saber? Ora, vá para a puta que o pariu!!! A puta que o pariu, ouviu o senhor?! Ora! – e bate o auscultador no gancho e, a seguir, a porta do seu gabinete com fúria de capitão Haddock e figura e jeito de professor Girassol.

Um dia João Pimenta Rodrigues, com quem Ed tem contatos esporádicos nos meses em que trabalha no *República* e de que consta ter-se imposto com um livrinho quase clandestino, *Nós, os de Nambuangongo*, como um dos melhores poetas da nova geração, olhinhos de lince quase sempre sorridentes, cabelos já quase grisalhos a caírem como lenas sobre o colarinho da camisa, um tipo de jovem intelectual diferente na província, convida-o para trabalhar num semanário de música que está para abrir.

Em poucos dias está na redação improvisada num apartamento de um prédio recém-construído no Bairro Azul, a trabalhar em regime de part-time. De manhã, *República*, à tarde, durante um mês, no futuro jornal, em que é submetido a um duríssimo *workshop* de texto com o único companheiro e chefe de redação, emérito prosador.

Um mês depois sai o primeiro número do que tende a ser mais uma publicação de música de vida efémera, não fosse o apoio da Torralta, que se impõe como a maior empresa de construção civil portuguesa no ramo do padrão de custo médio-alto enquanto J. Pimenta provoca uma explosão imobiliária na Reboleira e em Luanda, começando a pôr fim às quintas e hortas das periferias. Um jornal de 24 páginas feito por apenas dois redatores fixos e quatro colaboradores, entre eles Jimi Sawyer, recém-chegado de Londres a aproveitar o fato de Ed ter alugado uma casa e poder folgar da vida só de bicos que levou em Londres por três anos e dar uma folga à mãe, que tudo somado foi quem lhe permitiu permanecer por lá. Bico por bico, escreverá sobre rock e assinará com ele artigos e uma coluna sobre MPB, explosiva, quase desconhecida e de que pouco se sabe em Portugal. Mais um jornaleco 'de música' feio e sem linha editorial, como os antecessores, com exceção do quase clandestino *Memória do Elefante* do Porto.

A boémia – um certo tipo dela – tem sido o único ponto de reunião possível para aqueles de nós em que a sociedade dá com os pés porque não quer o que nós, vivos, lhe traremos: a modificação, inevitavelmente.

– Nuno Bragança, *A Noite e o Riso*, sobre a 'cidade fantasma' – segundo ele uma alternativa à militância clandestina.

C*abaret*, de Bob Fosse, estreia em Lisboa quando ao conhecer JCP, poeta e jornalista no desemprego, Ed dá um mergulho na noite de Nuno Bragança, a dos cabarés, hoje em dia a melhor curtição da cidade. O bas-fond de Lisboa, ainda para mais na companhia de João Carlos Pais, é puro *Anjo Azul*, mas sem Marlene... e com Lauren Bacall.

Depois de um recital de Turíbio Santos na Gulbenkian, ruma com JCMC e o poeta à Trindade para o obrigatório meio bife do lombo com batatas fritas.

- És filho do poeta? – pergunta-lhe na apresentação, porque J.P.R. fala-lhe muito dele de uma forma que não dá para entender serem quase da mesma geração. A imediata simpatia entre eles, reforçada por detalhes como o de JCP ter um filho chamado Edgar, é prova acabada do magnetismo animal. Súbito começam a encontrar-se nas meias-noites e dali a rumar para o após, em noites que deságuam nas manhãs. Numa delas encontram-se à entrada do Cinema Londres em mais uma noite de enchente para ver *Un Soir Un Train*, de André Delvaux. Yves Montand, casado com Anouk Aimée, apanha o trem para dar uma aula noutra cidade. No regresso... Filme para se ver uma só vez, porque o conhecimento do epílogo estraga todo o efeito. Que é como o de um ácido. Não se chega a saber se a vida fica lá na tela da sala escura, no espanto do sonho extasiante em que Delvaux faz o espectador submergir e de que o tira de uma só vez.

- Que pancada! – diz num riso de louco o poeta, arredando longa mecha de cabelos de fios lisos, longos e grossos dos olhos com uma mão e com a outra a segurar o isqueiro e a acenar como para dizer não dá para atinar, enquanto se senta numa espécie de rodapé alto e puxa Ed para que faça o mesmo.

- Preciso de um pouco de tempo para regressar dessa... dessa COISA! Isso é uma loucuraaa! – descarrega. Próxima parada, ainda

alucinados, e sem saber como nem porquê, estão num bar em Cascais a beber gailecs de brandy.

JCP desenvolve um discurso literário no plano da ficção, o que lê e o que vê decantado em vida e esta em poesia, JCMC, crua, beat, de discurso quase instantâneo/espontâneo porque extraída de lances supostamente cruciais como do âmago dos seres e das coisas ditas inanimadas em que se deseja estar sempre – fazendo-se, no 'nosso' caso, por isso.

De dia só se vai ao British ou ao English Bar, no Cais do Sodré, tomar umas gingerbeers e cervejas brancas, pretas e mistas para aquecer, lá rebatidas com uns sanduíches de chouriço em pão de forma que se apanha no balcão, onde se apoia o pé na trave de latão, à cauboi. Vez por outra, quando por lá se passa, toma-se uns três ou quatro piratas ou pontapés na c... na Ave da Liberdade e nos Restauradores. Às vezes antes de subir ao Príncipe Negro.

opressão política e social HISTORIA DE CABELOS I

Lisboa, 1973

Noite invernosa, confortavelmente acolchoado em casaco de bombazina preto com gorro forrado de lã de ovelha e cachecol vermelho, azul e branco, comprados semanas atrás no El Corte Inglés, de Madrid (iconologias…), Ed entra na Ave de Roma rumo à Praça da Londres a pensar em Kerouac e no que será dele aos 43, 46 anos, idade em que o escritor morreu de cansaço. As meias-noites do Londres estão a exibir às sextas e sábados uma série de Filmes Malditos. Hoje, *A Palavra* (*Ordet*), de Carl F. Dreyer. A sua juba é bastante grande, mas não o monumento que portava à chegada de Londres. E nada que se compare à do protagonista do filme.

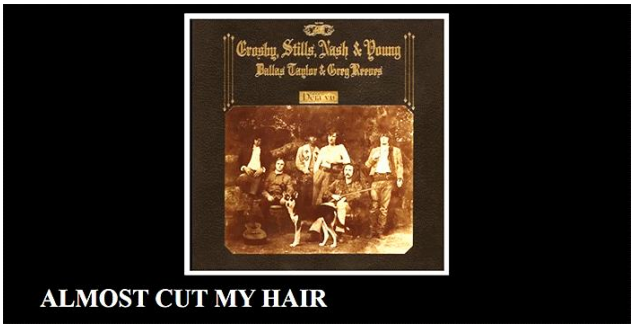
Sai, quê?, umas duas horas da manhã, e mal vê o que se passa em volta, se não se concentra é atropelado por um desses malucos que costumam acelerar à doida do Areeiro ao Campo Pequeno sem respeitar semáforos, fazendo da João XXI uma pista de autorama, atordoado pela porrada nos cornos, caramba, que fita mais doida, o protagonista convencido de que é Cristo ou coisa que o valha opera o milagre da ressurreição da morta, não dá por nada, envolto no turbilhão de ideias confusas que o assolam, a tentar puxar pelos cordelinhos de estranhamento que este outro transe lhe causou quando, por alturas da Sul América, é despertado dos devaneios pelo chacoalhar de garrafas, olha para trás e vê vir na brida um camião da UCAL de que, ao passar, ouve gritos, olha de novo e vê o homem do lugar do morto a gritar em voz de falsete: *Aí Jesus, meus caracóis! Ai minha Santa Maria!* E com tom de macho: *Vai cortar o cabelo, sua bicha de merda!*

Já se habituou a situações do gênero. Desde o primeiro impacto da chegada de Londres tornou-se rotina ouvir piadinhas em relação ao seu aspecto, e sempre se lembra de John Peel a contar certa vez ao voltar de uma das suas viagens à Dinamarca, que ficou banzado quando, à ida no *ferryboat*, à saída de Harwich, alguém ao seu lado gritou *Is that a boy or a girl?* – obviamente, acrescentou, alguém que tem parentes do sexo feminino com barba e bigode… *Anyway*, prosseguiu, não ouvia algo do gênero desde que deixei Oklahoma, pelo que foi como saudar um velho amigo. Pensa de novo: acontece

no *ferry* em Harwich e em lugares como Oklahoma, por que não aqui? Mais recentemente um homem conseguiu arrancar três quartos da manga do seu pulôver quando, nas Grutas de Santo António, Ed num lado da passarela e ele noutro, começou a dirigir-se à família com insultos do gênero relativos à sua pessoa e sem titubear porque pensou que não tinha maneira de o alcançar, aplicou-lhe a mão no ar com o dedo médio ereto e os outros fechados.

E nem pensa. Como qualquer anti-heroi do chamado novo cinema americano, espicha o dedo enquanto marcha e o caminhão já vai quase na rotunda do cruzamento com a Ave da Igreja, mas eis que trava e dois matulões põem-se a descer do carro. Estaca já a ver como poderia safar-e, *se entro pela Marquesa de Alorna eles apanham-me lá embaixo*, quando ouve voz de macho atrás dele: *Fique calmo. Não faça nada. Continue a andar* – e aproxima-se. Ao ver que agora também são dois, os leiteiros põem-se a andar.

Solidariedade de galgo da noite, das fímbrias dos sistemas e regimes.



opressão política e social HISTORIA DE CABELOS II

Torquato Neto,

jornal Última Hora, Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1971

in Os Últimos Dias de Paupéria, Editora Max Limonad, Rio de Janeiro, 1982

Pois eu vou contar uma história.

Sem pé nem cabeça: você sabe com quem está falando? Eu respondi que não e a autoridade mostrou-se ofendidíssima. Foi por isso que explicou assim:

- Polícia.

Ora, eu agradeci, mostrei meus documentos, o cara conferiu que tudo era legal e estava em ordem e em seguida iluminou-se:

- Ora, bicho, esse teu cabelo está muito grande.

Aí eu fui alugar um apartamento para morar. Quem não precisa de um? (...) o jeito é aquele mesmo: primeiro enfrentar os porteiros olhando desconfiadíssimos para a minha cara enquanto entrega as chaves. Vai e descarta:

- Acho que nem adianta olhar. Parece que já está alugado.

Pelo telefone os caras não me veem, de modo que a informação é batata:

- É conversa de porteiro.

Aí eu fui lá, acertar a transa, assinar os papéis e tal. Aí o cara olhou para a minha. Aí ele conferiu muito e aí ele decidiu:

- Tem gente na frente.

Aí eu saí na rua. Primeiro na Tijuca, onde as pessoas se divertem olhando. Depois na cidade, onde as pessoas me cercaram na Rua da Assembleia e gritavam corta o cabelo dele e tal. A gente pensa: vou tomar muita pancada dessa gente. Eles olham com ódio para o meu troféu. Meu cabelo grande e bonito espanta, espanta não, agride (a tal palavra) e eu me garanto que eu não corto.

Um cara suado e de gravata, cara de ódio, passa por mim na Conde do Bonfim, cara de uns quarenta anos, cara de pai de família classe média típico nacional, passa no seu fusquinhasinho e quando me vê dá um berro:

- Cachorro cabeludo.

Inteiramente maluco, o cara. Doido de pedra. Ou não?

Desci do ônibus e saí andando pela Gomes Freire. Vinha uma senhora gorda fazendo compras com um garoto e um tipo - filho com jeitão de funcionário, sei lá o quê. De longe, enquanto eu vinha, eles já sorriam e cochichavam tramando. Eu vi. Bem na minha frente os três pararam e a vanguarda do movimento adiantou-se - era o garotinho.

- É homem ou mulher?

- Mulher.

O rapazinho, o outro, gritou. Atenção: gritou.

- Cala a boca, cabeludo desgraçado.

A mulher deu uma gargalhada e eu passei.

Inteiramente malucos, doidos varridos, doidos de pedra. Ou não?

Aí, crianças, a gente declara novamente: são uns malucos. São uns loucos. São uns totalitários: cabeludo não entra. São uns chatos, são loucos, totalmente loucos, e perigosos. É assim que eles estão: doidos, malucos, loucos e perigosos. Ou não?

A imersão na noite lisboeta marca o início de uma lenta descida aos infernos, viagem ao fundo de todas as noites, da *défonce*, de Melville e as baleias brancas, Rimbaud, Baudelaire aos paraísos artificiais, Thomas De Quincey comedor de ópio, Lowry a afogar-se debaixo do vulcão, os três tristes tigres havaneses de Cabrera Infante, capas da *New Yorker* como na catedral de Llosa, mil noites de solidão, coqueluche-erupção, cinemas novos, *nouveau roman* a envelhecer, Antonioni, Fellini, Godard, Jacques Tati, Murnau, além das músicas, tudo a cheirar a novo, embora já ultradecadente e desbocado como os discursos delírios, não faltando também toque de Manuel Bandeira, Raul Bopp e Jorge de Lima de antologia sumária, mais uma pitada de mundo cão ou de *Freaks* ainda antes de *Freak Brothers*, que entram em cena logo a seguir. Ah, sim. Passou por Lisboa há anos e frequentou os mesmos círculos – que remédio – Pierre Barrouh, compositor francês do famoso tema de *Un Homme, Une Femme*, de Lelouch, portanto, não falta sequer um toque de bossa nova aos enlaces delirantes das noites perdidas (?).

Jean Renoir

A Ed, como referência artístico-literária a coisa não é de todo estranha. Há até gente na família que praticou a boêmia dourada da Lapa e de Copacabana nos anos de ouro. A coisa, como referência, vem também da voz madura de Maysa, que JCP sempre cita em momentos de delírio etílico, entoando *Meu mundo caiu...* e, sem se lembrar da letra, trauteando *la-ra-raa, la-la-la-ra-ra-raa* cada vez mais espaçadamente até abrir um sorriso em *O*, arredar o cabelo da testa e exclamar: Ó deus, como se fosse um fado e se estivesse em casa típica.

O roteiro é mais ou menos o mesmo de Nuno Bragança, que já não frequenta a noite. Quer dizer, à chungaria do Intendente vai-se uma vez sem exemplo mas os outros ambientes não são muito menos soturnos. Quase sempre, em noites brancas, faz-se o preâmbulo pelo salão do Príncipe Negro ainda em horas mansas. Ou então vai-se aos gregos, ou seja, à Acrópole, onde sempre se parte uns pratos, o felliniano a mais não poder Texas Bar, onde após abrir-se a porta de vai-e-vem é-se efusivamente saudado pelas mulheres da orquestra de um barco suspenso bem ao alto à direita, ou mais raramente ao Jamaica. Wenders evoca bem em preto e branco o cenário lúgubre da fachada do Texas Bar, que em verdade parece o de um *western* numa cidade da Europa setentrional.

Sempre se dá uma passadinha pelo Bolero, ao Martim Moniz, que de Anjo Azul não há nada mais parecido, às vezes JCP já meio toldado a enganar o porre com a sopa alentejana de rito, e o pianista cego, sobre o pequeno palco, sempre a domar tudo com um sorriso enquanto executa êxitos dos anos dourados como *Laura*.

Dali – ou de lá do Cais do Sodré – ruma-se ao Gato Preto, onde quando não se recorre à sopa do Bolero faz-se um repasto castiço de arroz de coelho com tintol a intervalar, passa-se pelo Dominó, onde se tem o raro deleite de ouvir a grande Carmen Costa, lamentavelmente também espécie de diarista do local, e acaba-se sempre no Cantinho dos Artistas, logo à entrada do Parque Mayer, que mais perto de um táxi-ambulância não há.

O porteiro abre a porta e entra de chofre o som do trio da casa nas síncopes enjoativas de *this is the way to Amarillo, pum, pum*, os acordes de vômito de *Yellow River* ou o nauseabundo matraquear de *Tie a Yellow Ribbon* do indefectível Christie.

Superado a custo o impacto da entrada, sempre sublinhada com uma careta, vale tudo, até arrancar olhos.

Ali está parte da nata da malandragem para-intelectual lisboeta, o poeta-tradutor hiperbêbado, as excelentes atrizes histriônicas, um revisor de provas de editoras magrinho e alto como uma agulha de cabelos lisos mantidos colados ao crânio por superdoses de brilhantina e que mais parece um dançarino de tango, fauna restrita e nauseante também ela, que se posta sentada à mesa ou peripateticamente tergiversa ziguezagueando entre as mesas e os pares dançantes na pista estreita. Mesmo se esfomeado, Ed – que só bebe uma ou duas cervejinhas por local – recusa-se a comer ali

simplesmente porque a penumbra é tão densa que não permite saber o que é, por exemplo, o bacalhau à Brás que os empregados trazem no meio do estardalhaço. Sim, há também um nada seleto grupo de 'meninas' a que ninguém do efémero grupo artístico-intelectual dá cavaco mas a que, vez ou outra, num raro entremês de aliança de classes, lá se irmana numa mesa.

Em dados momentos parece que se está numa jaula de bestas de um zoológico humano ou de um hospício, e não é para menos.

Com o trio musical em descanso JCP alteia a voz muitos decibeis acima dos sussurros da praxe para clamar de improviso uma melopeia poéticoetílica em prosa em que, olhando para as paredes, diz-se como Zavalita a olhar as capas da *New Yorker* e tu, meu amigo Zavalita – e olha para Ed com um riso de doido e abraça-o, obrigando-o a afastar-se e a afastar as suas mãos com cuidado, sempre a temer uma reação inusitada de destemperamento -, dias e noites em conversas na catedral enquanto Kerouac espanta os mosquitos deitado no tejadilho do carro na grande noite mexicana, e vai de declamar de cor trechos inteiros de *On The Road* ou *Debaixo do Vulcão* até interromper a cavalgada e, abrindo o sorriso em travessão grosso entre a barba densa mas sempre bem aparada, pegar o copo e sorvê-lo entre um ponto e vírgula e um ponto final de ai meu Deus.

Essa nega fulô!...

Ora se deu que chegou

(isso já faz muito tempo)

no banguê dum meu avô

uma negra bonitinha

chamada Nega Fulô

- cola o poeta-tradutor de sobrenome italiano a colocar-se de súbito no centro da pista declamando como um trovão a imitar o brasilês e logo a amainar, em razoável interpretação do original.

Essa Nega Fulô!

Essa Nega Fulô!

- recita aos brados como a ver a nega.

Ou então se levanta ou dá uma volta meio curvado e, já quase a cair pelos cantos, com um sorrisinho de louco translúcido declama também em brasilês:

Noite grande...

Apicum da beira da água está gostoso!

(porque põe uma exclamação onde Bopp não exclama, dando ao gostoso uma subida em escada de três tons, como a se deliciar)

Hoje tem céu que não acaba mais

esticado até aquele fundo...

- porque reticencia com deleite apontando o teto com o braço esticado e a palma aberta a meia altura do corpo, olhando para a parede escura do mafuá como se estivesse a vê-lo – o céu.

Não galgo, olho azul,

fidalgo,

Mas um simples cachorro

Já seco.

Não cão

de uma constelação.

Mas um simples cachorro

de beco.

- diz às vezes num sussurro a um palmo da cara de Ed, como a lhe fazer um galanteio, sempre com o sorrisinho maroto de bêbedo, lançando-lhe cuspe na cara, o que o faz repeli-lo, enojado.

Não raro, no auge do delírio das feras do Cantinho, lá para as quatro da manhã, mais contundentes que um duche frio explodem sons de murros e cadeiras a quebrar-se e voam pedaços delas até estatelarem-se junto a uma mesa dos convivas na sala, por onde de repente deslizam vindos do balcão de entrada dois ou mais corpos engalfinhados numa rinha de galos de morte em físicos de brutamontes embarcadiços que com frequência arrastam duas ou três mesas e cadeiras e as pessoas que nelas estão sentadas levantam-se como que com medo de uma onda,

numa fúria que parece destinada a incendiar de verdade aquele inferno, mas que inopinadamente, e sem que se saiba muito bem como, estanca.

Ed pergunta-se que massa estranha é aquela encarnada escura que se agarrou à fita de ráfia da sua bolsa de couro até que decide raspá-la e descobre ser sangue de um embarcadiço que quase o arrastou numa dessas vagas.

Como Mia Farrow em *Radio Days*, só que ciceroneado pelo capeta de *Asas do Desejo*, faz o ingresso na tela ao outro lado da vida para conhecer uma das faces mais duras, cruas e reais da existência, a da minoria dos banidos e proscritos, mesmo que por artes mágicas do intelecto bem ou mal consigam exercer alguma atividade regular remunerada durante o dia, que quase sempre sem outra opção singraram a via do desregramento dos sentidos, buscando no álcool e na noite a luz que lhes é negada por convenções ou espartilhos, amenizar o desatino, desatinar. Jornalismo e boémia são ainda nesta pré-história da pseudo-academização da profissão elementos indissociáveis, quase que como se certos homens que de dia supostamente dão conta às massas anônimas de como é a vida e como vai o mundo convencional, nos seus aspectos quase sempre mais ridículos ou bárbaros, sendo os que mais vendem, tivessem de pagar o altíssimo preço de, por ossos do ofício e limitações políticas, aceitar o silêncio do indizível. *Chiiiiu... pode-se ouvir o silêncio...* – seria um bordão de JCP, qual um Van Morrison ainda insuspeitável que entreouviu uma tarde em Cambridge: *Can you feel the silence? And it's always been NIGHT...It's always been night* quando, longe dos cabarés e do bulício, serena e revela a sua faceta de pescador de palavras, imagens, sensações imemoriais na calada da noite ou da tarde de ressaca das noites brancas, quer dizer, muito escuras. Quando os homens montam quebra-cabeças de palavras e imagens que vão mostrar certos aspectos da existência que, por limitações várias, como diria Chico Buarque, 'não saem no jornal'. Pela sua própria formação e por tratarem precisamente disso, da procura da luz, beleza na penumbra ou esclarecimento no terreno do imperscrutável, os repórteres de cultura e espetáculos, como JCP e ele, sentem-se uns privilegiados, porque não tratam de forma vil, hipócrita, da matéria viva e (auto)censurada, ao contrário, revelando o que é possível de sinais luminosos no mundo ensombrado, a natureza caótica de seres e coisas na arte do improviso, a razão de ser do pecado, a desburocratização e descompartimentação dos seres no terreno movediço dos sentimentos e emoções, numa palavra, a arte, embora também de forma circunstancial, superficial, banal.

Quase uma década separa-os em idade como dois rios de fontes absolutamente diferentes – JCP formado no movimento grevista estudantil de 1962 e quase, quase da geração de poetas daquela era, a do embrião das revoltas do final do decénio, ele nas brasas

do rock. Mas não há entre os dois azeite indissolúvel. No fundo é a mesma guerra, luta, busca de beleza, lirismo e paz. É um novo e importante campo de pesquisas entre os muitos – livros, discos, filmes, teatro pouco, sendo uma das artes mais perseguidas pela ditadura e não intercambiável entre fronteiras em tempos muito anteriores ao videocassete e ao DVD – de quem se lança à aventura na estrada do auto-aprendizado que Ed se predispôs a percorrer ao fazer-se a Londres, ao desconhecido.

A sua escrita incipiente levou não raro um editor sem peias a amassar alguns manuscritos e jogá-los no cesto do lixo enquanto brada: por que não voltas para a escola?!

Para não se melindrar e ser melindrado não ousa perguntar se aquela Rosa Luxemburgo de quem nos livros à venda não há – porque não convém – maiores referências não seria por acaso um homem, se Lenine era Ulianov tudo é possível – e nem a/o sabe viva/o ou morta/o.

Mas não está aqui por acaso e trabalha sobre matéria obscura em local muito distante do eixo Londres-N.Y.-S.F.-L.A., em que é talvez mais evidente a tentativa de consolidação de uma cultura sem preconceitos, tabus ou convenções, chamada contracultura, terreno de que, através de uma pesquisa constante, operada em casa como num laboratório, com muito afinco e sem dores de cabeça, até porque quase não bebe e não traga o fumo dos poucos cigarros que fuma só por fumar, é verdadeiro especialista. Ainda sem vícios, entendidos como dependência de qualquer produto para a concretização de um objetivo, como 'esquecer' algum problema ou aumentar a percepção sensorial para aspectos da realidade. Essa atinge-o de chofre – e maravilha-o – mesmo careta. A catadupa de informações que recebe de fontes cada vez mais diversas é em si mesma avassaladora.

Cabarés e nostalgia, até porque a faceta ainda sorridente do mundo ocidental empalidece, com o prenúncio da primeira grande crise econômica do pós-guerra, vive-se como se o mundo fosse acabar ao amanhecer, à saída do cabaré. Como na Berlim de *Goodbye Berlin*, de Christopher Isherwood, base de *Cabaret*, e *Before the Flood*, de Otto Friedrich, parece viver-se o final dos tempos em que todos os valores são postos a nu pela intelligensia e pelas aberrações dos donos do poder, na iminência do extermínio atómico, só faltando ver quem irá apertar o botão primeiro. Reestreia *Gone With the Wind* restaurado, roda-se uma versão água-com-açúcar de *O Grande Gatsby*, revê-se o tempo da brilhantina e dos soquetes em *American Graffiti*, estreia o não menos lamechas *Summer of '42*, Marlene Dietrich volta à cena, *That's Entertainment*, *Play it Again Sam*, Woody Allen ressuscita o mito de *Casablanca As Time Goes By*, *Cabaret* de Bob Fosse vai mais longe aos tempos da ascensão do nazismo, com Liza Minelli revelando-se *clone* ampliado (em tamanho) da mãe, reacendem-se os grandes mitos de George Stevens (*Giant*, *A Place in the Sun*), Vincente Minelli (*Um Americano em Paris*, *Some Came Running*), Richard Brooks (*Gata em Telhado de Zinco Quente*, *Sweet Bird of Youth*) , Elia Kazan (*Esplendor na Relva*, *On The Waterfront*, *The Arrangement*), Nick Ray (*Rebel Without a Cause/Juventude Transviada*, *Johnny Guitar*).

A fúria das novidades avassaladoras dos anos 60 varreu o passado do mapa. Nunca se curtiu tanto o presente com os olhos no futuro, tentando-se alhear do que ele pode ter em reserva de terror. Até os americanos riem das trapalhadas do Nixon-dos-truques no Vietnã através de uma paródia em pleno campo de guerra na Coreia em *M*A*S*H** de Robert Altman. Mal começam os anos 70 e é como se o fim do sonho, da era da prosperidade e das

grandes ilusões, obrigasse a um *flashback* aos anos anteriores ao *baby boom* até ao 'período de ouro' do beat e do rock'n'roll.

Vive-se entre a nostalgia e a decadência dos valores hipócritas que resistiram às grandes guerras. Parece que a sua era acabou mas ainda se acredita em revoluções. Tempo de revisões. Ed recebe uma série de discos de *revival*, com músicas até aqui alojadas no seu subconsciente desde a mais tenra idade - The Platters, Chuck Berry, Bo Diddley.

Décadance avec élegance.

No rock decadência e ambiguidade são um achado de última hora. Com muito *make up*, roupas superfantasiosas e caras de mau os Brian e Bryan Eno e Ferry, Phil Manzanera e Andy McKay, na Roxy Music, David Bowie, Nico, Lou Reed, Marc Bolan/T. Rex e Alice Cooper mostram que o estilo ainda pode reservar algumas surpresas, ainda que ele mesmo decadente nos anos que quase tudo leva a crer de pré-apocalipse. E ainda assim o gênero continua a alargar horizontes em termos musicais e comportamentais, pois se os roqueiros da segunda geração eram tidos como efeminados apenas por usar cabelos compridos, roupas mais ou menos espampanantes e a voz em falsete, estes passam ostensivamente ao deboche.

Também para Hunter S. Thompson o sonho alucinado dos anos 60 acabou, e o que resta ao jornalista free-lancer extraviado *naqueles* tempos quando se arvora ao *Fear and Loathing in Las Vegas*, com que se defronta entre o maravilhamento, o estupor e nenhum embaraço, é o confronto em tom histriónico de deboche (acentuado pelas ilustrações de Ralph Steadman) com a autoridade hipócrita e corrupta.

Do sul, apesar do arbítrio, chegam mensagens totalmente opostas, com a energia solar da chamada MPB, explosiva mistura de ritmos e estilos que faz Ed e Jimi concentrarem-se quase que exclusivamente nas novidades em música do Brasil, juntamente com novos termos de gíria. Depois do estouro de *Construção*, que se seguiu a um breve período de entressafra, a energia que parece esvair-se no rock, apesar de uma ou outra explosão crepuscular, há de sobra na geleia geral brasileira, que pelas notícias que lhes chegam à Europa transborda para a poesia e o teatro, apesar da censura política e de costumes.

Num jantar em casa de J.P.R., entre um e outro copo de tintol de Serpa, Guilherme Araújo faz questão de ouvir o último LP de José Afonso.

- Estamos escolhendo repertório para o próximo disco da Gal e quem sabe não extraímos alguma coisa daqui.

- Ela vai gravar essa! – decreta enquanto ainda ouve *Milho Verde*, uma canção tradicional adaptada pelo mestre baladeiro com arranjo de José Mário Branco. A coisa tende a ficar por isso mesmo mas qual não é a surpresa quando meses depois começa-se a divulgar o reportório do disco, cuja campanha promocional acaba por ser facilitada pela proibição da exibição da capa, que mostra ventre e quadris da cantora (des)cobertos por uma tanguinha de índia, *India* sendo o título do disco. E lá está *Milho Verde* com arranjo de guitarras e percussão de Gilberto Gil.

1973 dá nos nervos do regime porque até os subterrâneos estão mais agitados. Católicos ditos progressistas reunidos em janeiro na Capela do Rato arriscam-se a assinar um manifesto contra a guerra colonial e é grande a mobilização em torno das candidaturas da CDE para fazer algum 'ruído' na engrenagem propagandística do regime até as eleições-farsa de outubro. A Pide teme uma investida em grande dos ativistas e simpatizantes no 1º de Maio e faz uma varredura entre intelectuais e escribas, como J.P.R., que é intimado a comparecer às instalações da António Maria Cardoso.

- Já pus até a mulha de sobreaviso para preparar o enxovalito caso vá de lá para Caxias ou o rai-que-os-parta – conta antes do primeiro *tête-à-tête* com a opressão.

É uma quarta-feira de embate decisivo do Benfica na Taça dos Campeões Europeus. Pede dispensa dos jornais e vai ao Chiado sob o peso de quem sobe o Gólgota.

- Ainda por cima o inspector pôs-me a secar horas no corredor do gabinete para pôr-me o moral debaixo da sola, eu ali cada vez mais à rasquinha, carago, que de galego só tenho um pouco de sangue, e à medida que passava o tempo cada vez mais tremeliques, ora o tanas, e a perguntar-me: será que esses gajos serão capazes de dar-me uma carga de porrada e mandar-me pra choldra? E o que é que eu fiz pra isso, porra? O inspector sai e entra, entra e sai do gabinete e nada. Quando sai mais uma vez eram quase sete horas e vem dizer-me que eu não devia preocupar-me mas tinha de me levar para Caxias porque lá íamos ficar 'mais à vontadita', olh'ó pintas, mais à vontade ficava ele, porque eu quase me borrei nas calças de iaúfa, porque a impressão que me dava de repente era a de que já não ia voltar para as minhas filhinhas. Tou quilhado – disse de mim para mim, crente que com sorte ficaria num apartamento com vista para o Tejo. Descemos, entramos num Opel preto, eu, ele e o chófer, e eu só pra ver se conseguia tirar nabos da pucarinha ainda lhe mando com um senhor inspector, será que lá chegados eu não poderia fazer uma chamadita para a minha mulher a dizer que está tudo bem, para ela não ficar ainda mais em apuros, coitada, ela sofre do coração e pode dar-lhe o badagaio se eu me atraso mais. O senhor acha que a gente se despacha ainda antes do segundo tempo do jogo? Sabe como é, eu até que sou da Académica mas o Benfica sempre é o Benfica, e cá pra mim: ai sim que vais ver o Benfica!... Tou masé

frito, pá... Nada disso! – retruca-me ele. Fique tranquilo que é rapidinho. Eu também não queria perder o jogo nem por nada, mas o que é que se há de fazer? Lá chegados puseram-me numa sala tipo cela pequena com duas cadeiras e uma mesa e o tipo põe-se-me a perguntar sobre o que eu pensava disto, o que achava daquilo, se tinha contacto com algum grupo político oposicionista, e eu nervoso como o raio mas a querer dar ares de tou-me nas tintas ainda sorria ao gajo e mandava-lhe umas abébias, tipo qual o quê, tenho a minha tarimba que me ocupa de manhã à noite, fora alguma costura em casa para fora, mais três filhas e uma cadela, e ele a puxar daqui e dali a ver se me pegava nalguma esparrela e, ó, quando eu menos esperava, olha pra cebola, diz com escárnio que já são oito e meia e quê, ainda perdemos mais é o jogo todo, o amigo quer uma boleia? E não é que o sacana deixa-me à porta de casa, eu ainda sem saber se ria ou se chorava por não ter ido para a enxovia, por conta disso dei-lhe forte numa pomada que tinha lá em casa e apanhei uma tosga que foi um ver se te avias e só me recompus depois de acordar, tomar um banho, olhar-me no espelho e ver que foi só um bruto de um pesadelo acordado, hijos de puta! Tou livre, é o que importa. Vamos mas é comemorar lá embaixo com umas taças de verdol e esquece!

Ele está livre mas Zecafonso lá fica em Caxias, como depressa se saberá de viva voz da temerária e fiel Zélia, que desdobra-se em visitas às redações para recolher assinaturas para um pedido de libertação do marido. Diz que de nervoso o homem nem come, está quase afónico, queixa-se de dores nas costas, mal crônico agravado em prisões anteriores e nem agradece a solidariedade que pela primeira vez Ed sente também como obrigação cedida de forma assaz diferente de esmola, a cabeça bem atrás do coração estufado de orgulho por estar entre os melhores – e ora o caraças, com o Bob Dylan português -, mesmo não sendo um deles, sem medir consequências, e se as houver pior para elas.

Passa-se o 1° de Maio e mais uns dias e após um mês de prisão é a vez de Zeca agradecer aos que o apoiaram em ronda pelas redacções. Os tiques nervosos acentuados. Mantém-se de pé, como sempre de braços cruzados. Pisca muito os olhos atrás dos óculos grossos enquanto fala em tom quase inaudível e ritmo acelerado, ora e vez passa indicadores e polegares nos lóbulos ou as mãos no cachaço antes de ajeitar os óculos no nariz. À noite vai-se ao cinema. Zeca mora em Setúbal e aproveita as idas a Lisboa para se *atualizar com o que se passa*. O filme não lhe agrada, pois antes do intervalo sai e não volta. Está no lobby a espreitar o movimento da rua.

- Não estás a gostar do filme?

- Bom, o filme não é lá grande coisa, mas não é isso, pá. É que depois de um mês de cela custa-me muito ficar fechado – e comprime os braços contra o tronco. – Sinto-me sufocado em espaços fechados. A prisão aumenta a minha claustrofobia.

Não se pensa sequer em entrevista com José Afonso porque seria proibida. Metade das faixas do seu último LP, *Cantigas de Maio*, está proibida. Cabelos quase grisalhos com duas grandes entradas frontais, camisa xadrês de flanela e calças de tergal, vive uma espécie de clandestinidade, como se no anonimato. Mas em muitas casas não há reunião em que não se ouça os seus poucos discos e *Filhos da Madrugada*, do primeiro depois que deixou de cantar fados de Coimbra, espécie de hino da resistência. Deixou de dar aulas de português em liceus, a sua profissão formal, e sobrevive com o dinheiro dos contratos com a gravadora Orfeu, da Editora Arnaldo Trindade, do Porto - que nem se dá ao trabalho de projetar gastos em campanhas promocionais, inúteis e desnecessárias, porque os textos poderiam até ser apreendidos como material de propaganda clandestina e, na melhor tradição política, a divulgação do seu trabalho é feita boca-a-boca -, de eventuais cachets simbólicos que receberá por uma ou outra das atuações quase clandestinas em sindicatos e coletividades de cultura e recreio e do salário de professora de Zélia.

O fim da ditadura projeta-se em conversa numa tarde na redacção. Dez anos parece um prazo suficientemente longo, até por ser o de limite para o passamento de Marcelo. A esperança parece

eterna a cada dia sob ditadura. Aqui, ninguém sabe como é viver em democracia. As únicas testemunhas são uns pouquíssimos velhos 'republicanos', quase imberbes ainda quando do advento da dita, dura. 'Republicanos'... e por acaso estamos numa monarquia?! Sim. Que não diz o nome – plebeia da mais baixa ralé, que não tem sequer como se gabar do sangue azul.

À mercê do destino? Nada depende de nós? Da vontade própria?

Alberto Seixas Santos fez há anos *Brandos Costumes*, cristalizando a imagem idiomática do país.

Em 1973 a economia portuguesa volta a crescer 10%, mas hoje em dia ninguém dá trela a isso. Certo que, aparte as limitações de um mercado pequeno e pobre, vive-se uma euforia derivada da prosperidade das classes médias e alta, multiplicando-se os drugstores e os cinemas de bolso. Lisboa tem três jornais matutinos e quatro vespertinos e o Porto três matutinos que vendem e têm publicidade suficiente para se aguentar, até o *República*, que quase não tem publicidade, mas recebe umas subvenções da resistência socialista no exílio. O capitalista Jorge de Brito decide investir a sério na Sociedade Nacional de Tipografia, que além de *O Século* publica três revistas, a que junta uma quarta, *Cinéfilo*, com uma redação baseada em parte da nata do novo cinema e da crítica. JCP encontra as fontes de renda fixa de que precisava.

Apesar dos drugstores e dos cinemas de bolso viver em Lisboa só é bom para um mancebo como Edgar, que aproveita a pasmaceira para marrar e ver muito cinema histórico nas sessões de meia-noite. Depois de mais uma delas no Londres, com JCP, ambos rumam para o Gambrinus, onde têm por hábito comer rosbife regado a Four Roses, por auto-sugestão de JCP em reverência a Phillip Marlowe. À entrada dão de caras com um jovem de estatura médio-baixa, porte atlético, enquadrado num blazer de veludo azul turquesa com aba de cetim da mesma cor em tom mais claro, camisa e calças brancas, cabelo curto e rosto bem escanhoado.

- Oh, por aqui?! Estava de saída mas já vou de regresso.

- Diogo, meu amigo. Este é Ed, colega... e amigo!

Sentam-se enquanto JCP relata que conheceu Diogo – que parece de poucas falas e fala quase em surdina – semanas antes numa tasca do Bairro Alto com um colega do Século em que só se falou de batata, porque o amigo, que até parece um ginasta, está em fase de conclusão do curso de Agronomia e se especializa na cultura de tubérculos. Mas ao menos esta noite ele não tá mesmo a fim de papo... "e de batata nem se fala!" – como impõe Jota Carlos com um esgar à Popeye quando se sentam. Findo o repasto JCP e Ed deixam o conviva no seu Morris Mini branco a tinir de novo rumo a casa. Entra em cena na sua vida um dos seus personagens mais marcantes.

- Isto está-se a compor. Deixa-as pousar – enfatiza JCP horas mais tarde, já bem aviadote, na penumbra cerrada do Cantinho, a citar não se sabe quem e como que a deleitar-se com o que vê a perspectivar-se na câmara escura e torpe do seu cérebro.

Não sabe o que ele 'é'. É claro que é um dos 'nossos' – é-se do contra, 'tem-se' de ser, quem não for está como um morto. Tudo é tão óbvio, apesar de muito escondido por véus e mais véus de proibição. Detalhes como filiação político-partidária (e já os há, os partidos na clandestinidade) não parecem importar muito – mas será que não importam mesmo?

Último dia útil do mês, encontram-se muitos trabalhadores da SNT a levantar o chequezinho do ordenado no banco de Jorge de Brito à Ave Fontes Pereira de Melo, encontro marcado com JCP, bolsos recheados seguem para almoço ajantarado no Gambrinus. De táxi dão a volta larga à Rotunda. Na telefonia um sucedâneo do Roberto Carlos messiânico de *A Montanha* e *Jesus Cristo*, António Marcos, debita um *ei, irmão, vamos seguir com fé tudo o que ensinou o homem de Nazaré*. Atira-lhe à cara:

- És *amarelo*?

O outro olha embaraçado, passa os dedos curvos da mão esquerda na mecha frontal de cabelos, ri um riso abobalhado e chuta a meia voz e inclinado como se falasse a uma puta horas mais tarde:

- *Amarelo?!* Nããão!... Que ideia!... Mas que pergunta!... Por que me perguntas isso?!... Mas quem é que te disse que sou *amarelo*?!...

- J.P.R.

- Ah sim?! Não, que tontice! Não sou tal coisa. E tu?

- Também não. (E ssbe lá ele o que é?!).

Passa a madrugada do dia das eleições de outubro de 1973 num apartamento de rés-do-chão do outro lado da entrada da residência do primeiro-ministro, depois de tomar um Lipo-Perdur e enquanto se fuma uns joints de haxixe, a ouvir a *Pastoral* e muito Wagner. Por incrível coincidência na tarde de domingo vê-se de novo face a um filme de Mae West.

- *Isso no seu bolso é uma arma ou você está entusiasmado por me ver?* – pergunta, a dar de ombros e quadris. Não acha graça. Pensa na vida nos subterrâneos e treme de medo e de ressaca. O governo espalhou por toda a cidade cartazes com uma caveira com um símbolo da paz estampado na testa e os dizeres:

DROGA
LOUCURA
MORTE

Aos onze meses de publicação do semanário musical Jimi muda-se para o *Cinéfilo*, onde inaugura colaboração com o terceiro artigo sobre Roberto Carlos que escreve em menos de um ano, intitulado *Aquela Canção do Roberto*, em que apela a referências a Andy Warhol, Sérgio Sant'Anna e ao Umberto Eco de *Apocalípticos e Integrados* para montar um pretencioso libelo de resgate intelectual do Rei como há muito Caetano Veloso e Augusto de Campos têm ensaiado no Brasil, depois de tê-lo acusado de pirosismo e alienante.

- Queremos que saiba que eu e o chefe de redação não estamos de acordo com o teor do artigo mas mesmo assim decidimos publicá-lo porque aqui não há censura de espécie alguma – notifica o diretor Fernando Lopes, diretor da publicação.

A pequena redação do semanário musical mudou, preparando-se para uma remodelação do pasquim, que do ponto de vista gráfico e editorial está mais catita mas continua sem condições de vender mais de dois mil exemplares por semana. Ed ensaia malograda tentativa de melhoria de ordenado. Jimi não aparece e todos pensam que seja um seu pseudônimo, até porque é ele que corrije o brasilês das suas prosas. Usa-se disso ao pedir aumento no *íssimo, íssimo, íssimo*, como diria Álvaro de Campos. Não o concedem.

- Sendo assim Jimi Sawyer deixa de escrever para o jornal.

- Mas se ele não existe!...

- Ah, não existe? Então a partir desta semana ele deixa de colaborar.

Vai ao *Cinéfilo* oferecer a colaboração do parceiro.

- Porreiro, pá, diz F. L. – Estávamos mesmo a pensar em contratá-lo, mas por motivos éticos não quisemos chamar-te. Quer dizer - desculpa -, chamá-lo.

Por intermédio de António Castro muda-se para os recém-inaugurados Serviços de Noticiários da Rádio Renascença, quando à saída do *Século* ouve de Diogo Barata notícias de uma reunião de

suboficiais da tropa tendo em vista um golpe a ser apoiado por Spínola, que perdeu a guerra na Guiné-Bissau.

OS MÚSICOS DA NOITE

JCP e Jimi Sawyer, que passou a disputar com Ed duelos de gravadores portáteis Philips em torno das novidades da música popular brasileira, combinam fazer uma reportagem para o *Cinéfilo* sobre os músicos 'da noite'. *Cabaré*, de João Bosco e Aldir Blanc, destaca-se na trilha sonora da cinematográfica reportagem nos táxis que os levam de um antro a outro. Os dois repórteres não têm ideias claras sobre o conteúdo do trabalho, partindo do princípio de que se definirá ao longo do caminho, que será longo. Novo jornalismo, uma ideia de fundo na cabeça e gravadores na mão, os dois propõem-se cobrir quatro cabarés em duas noites de digressão com o fotógrafo designado pela agenda da revista. Ed acompanha-os como a sombra azul.

Na primeira arribam os quatro ao Toco, à Ave Conde Redondo, onde as bebidas são por conta da casa. Tomam uns três cuba libres cada e chegam ao Bolero já a todo o gás. JCP e Jimi sobem o pequeno palco e põem-se a entrevistar o pianista cego. Ed está de pé, meio afastado, a domar o movimento do cabaré quando vê o fotógrafo a descer do palco, postar-se embaixo para fotografar o pianista de frente em *contreplongé* e inopinadamente dar um rodopio e estatelar-se no chão, desmaiado. Baixa na equipa. Fotógrafo reanimado e posto num táxi rumo a casa apanham outro na senda do Cantinho, levando à boleia uma das meninas mais assíduas do buraco infernal, baixinha, feiota e uma pequena corcunda que a destaca entre as demais. Vai já animada a rapariga, que é a segunda pessoa a entrar no banco traseiro do 180, entre Ed e JCP. Brincadeirinha com um, brincadeirinha com outro, um e outro nada entusiasmados, pelo contrário, aproveita o embalo do carro em curva da Rua dos Condes para a Ave da Liberdade e tasca-lhe um beijo na boca. Sem escapatória, Ed é obrigado a absorver o líquido melento que a peguinha manda-lhe à boca, quase a vomitar para a dela de repulsa, após o que cospe tudo pela janela, emitindo um blergh! E não engole saliva até - como quase sempre quando em digressão com JCP, numa base de frente para o palco (*this is the way to Amarillo, pum! pum!*) quase ao canto da sala, recebe a cerveja encomendada, sorve o primeiro gole, com que enxágua a

boca e cospe entre as pernas no chão, e mais outro e mais outro, quase toda a cerveja servindo de desinfetante.

- Bom, o fotógrafo já se foi e eu também já não me sinto lá muito bem da cabecita. Nada de grave! Só que já não dá para sair daqui para entrevistar esses gajos. Enfim, o que me apetece é ficar aqui tranquilo, a tomar a minha cervejinha calmamente. Que tal prosseguirmos noutra noite? – propõe JCP a Jimi. Uma noite, dois cabarés, metade do previsto no plano de voo.

Aiiii, quem sabe de si
nesses bares escuros
quem sabe dos outros,
das grades, dos muros – geme Elis no gravador
Um cuba libre treme na mão fria
ao triste strip tease da agonia
lá fora a luz do dia fere os olhos...

Intervalo na hollywoodiana reportagem. Sem o terceiro mosqueteiro de armas sonoras Edgar encontra-se com JCP após sessão especial de *Hiroshima, Meu Amor* e instalam-se no balcão de uma cervejaria onde já se senta uma sua ex-namorada e o novo namorado. Trinta e poucos anos, morena de olhos verdes claros faiscantes, passa umas boas duas horas a receber quase em surdina uma metralhada de cantadas do ex, que muito compreensivelmente não se conforma com a perda.

Vão-se ela e o sócio num táxi que parte na madrugada da Ave de Roma no sentido do cruzamento com a dos EUA e JCP, que não é lá dessas coisas, ainda ensaia uma corrida atrás do carro até parar, puxar a mecha de cabelo para o lado e pôr o braço no seu.

- Ed, Ed!... As princesas que passam sem passar, que ficam e roem-nos todinhos depois de nos foder bem fodidinhos, pobres de nós que desde o berço estamos presos a esta roda viva, mulheres da mama à cova, sempre a dar-nos cabo da moleirinha! Mas o que seria a vida sem elas? – ri. – Que tal, muito bonita, não?

Ed aproveita um rasto de vento deixado por um camião que passa, abre os braços e dá uma volta sobre si mesmo a imitar o matador de cangaceiros em *Antônio das Mortes*.

- Tal e qual o filme – diz JCP, a reaproximar-se e apertar o braço no dele com a ajuda da outra mão.
- *Pisando forte o asfalto* – cantarola no ritmo do andamento.

- Não desejarás a mulher do próximo. É um pecado mortal ou um mandamento?

- Não sei. Quiseram tanto inculcar-me essas noções que à primeira oportunidade fiz questão de esquecer-me de tudo rapidinho.

- Pecado mortal! Ela já não é minha, já tem outro... – estala a língua e faz um muxoxo.

- *Pisando forte o asfalto...* – repete Ed frase e melodia a marcar o tempo com os passos. – Isto dá música.

- *Fazendo fortaleza da nossa fragilidade* – junta JCP, letra e melodia, que de Miles em tom menor a conhece toda.

- É um bolero – antevê Ed, enquanto já desbobina a cassete à procura de um pedaço livre para gravar.

- Vamos fazer um bolero sobre os pecados mortais? – propõe o outro a rir.

- Pecados mortais?! Que ideia!

- É. Primeiro: não matarás. Segundo – ou será o terceiro? -, não cobiçarás.... Não, isto são os mandamentos. Mas quais são e quantos são os pecados mortais?

E a cogitar chegam ao cruzamento onde o táxi tomara o rumo de Entrecampos.

- *Pisando forte o asfalto*

- *fazendo fortaleza da nossa fragilidade* – canta agora JCP, a vincar o tempo com a batida dos passos no chão.

- *Pecado mortal* – junta Ed em notas adequadas à sequência.

São três da manhã, a esplanada do Vá-Vá está deserta, sentam-se em delírio manso a cantar para o vasto círculo vazio em frente.

- *Pecado mortal levado à letra*

- *Num apartamento da gare central....*

- Apartamento da gare central... Boa imagem. Estás a ver – como uma cena daqueles primeiros filmes em preto e branco da *nouvelle vague*.

Toda a sequência do bolero sai frase a frase em harmonia, como por encanto. Verso a verso, muda palavra aqui outra ali, ensaia uma e depois outra entrada de frase melódica, não é obra-prima mas fica crônica exata - embora aleatória - da noite.

- *Não salto...*

- *Levo à mão o revolver do tempo...*

- *Afinal o perdão...*

- *... constitui...*

- *... o pecado mortal.*

- *Quem é Deus?...*

Um vira-lata aproxima-se e senta-se em frente aos dois.

- Xô! Xô! – faz JCP a tentar enxotá-lo, mas ele nem se move. Fica especado a mirá-los com os olhos bem abertos e a boca fechada. – Xô! Vai-te embora! Nada... parece que está a gostar... E tu, sabes ao menos quem é Deus? Talvez só tu o saibas. Quem é Deus, ó malander?!

Como numa finta de futebol, o cão finge que vai se mover mas permanece sentado, estático, com a língua de fora, a babar-se.

JCP, que se curvara à sua frente, volta para a cadeira a ajeitar a madeixa.

- Isto me faz lembrar aquelas maluquices do Kerouac. Um cão poderia ser a imagem de Deus? Pode ser um cão o deus desconhecido? És Deus ou quê?! – a alçar de novo a voz até ao grito. – Deus! Responde, ó seu badameco! Deus, és tu que olhas para mim através desse cão abandonado como eu?! Um cão vadio?! Um badamerdas?!... Tá maltratadito, mas até que não é feio... Ou será como com as mulheres que às vezes, já bastante tocados, levamos pra cama – já te aconteceu isso ou não? Pois a mim já - tás a ver? De noite até marcham, mas no dia seguinte parecem bruxas...

- *Quem é Deus, diz-me tu com o olhar espantado...*

Aproxima-se o segundo *Cascais Jazz*, organizado por Manuel Vilas Boas, que faz do Vá-Vá uma espécie de escritório, e onde param também alguns críticos de jazz, como JCMC, personagem-título de um poema de JCP. Falam sobre isso e juntam ao bolero:

- Há uma nota de jazz e um bolero

- Sentido contrário ao do táxi ocupado

Na noite sem fim

- Pecado mortal...

- ... Sinal dalgum sonho que...

- ... a fragilidade...

- ... não leva ao final

- Tom-tom-tom – faz Ed a sequência de síncopes finais de um bolero tradicional.

- *Pecado mortal...*

Jazz à parte, que só aparece porque Miles e Billie Holiday são também referências constantes nas elucubrações noturnas de JCP e num país onde 'não acontece nada' um acontecimento do porte do festival de Cascais, com o anúncio de apresentações de gigantes como Sarah Vaughan e Dizzy Gillespie, assume proporções extraordinárias, a coisa anda mais é para o clima dos filmes da fase mexicana de Buñuel, tragicómica, sob a sugestão de boleros e tangos como *Cabaré* na trilha sonora do filme vivendis. Noites antes, a propósito da cena macaca em que o fotógrafo de *O Século* desmaiara no Bolero, Ed e Jimi encetam um tango a narrá-la:

Houve uma vítima do copo nessa noite

E um som curtido como uma foice

Não há luz que corte as costas lisas num açoite

Nem sol que rompa essa pernoita...

A segunda noite da reportagem cinematográfica começa pelo Príncipe Negro, os dois repórteres e o agregado sozinhos porque ali, conforme acordo prévio, não havendo interesse especial em função dos músicos não há o que fotografar nos interiores. O fotógrafo – o segundo destacado pela agenda do *Século* – deverá unir-se a eles na etapa seguinte. É cedo mas vêm de matar duas garrafas de

Redondo a acompanhar as famosas lulas recheadas com arroz de açafrão do Primavera, no Bairro Alto, e já estão bem altos quando arribam ao ambiente ainda morno do escondidinho com ares de *saloon*.

- É como o cenário de *Johnny Guitar* – cita JCP uma das suas referências míticas. – E veja-se aquela princesa ali, com vestido de noite.

No meio da sala, a deambular ao som da discreta banda local, que toca *Fascinación*, vê-se uma morena com ar de inca.

- Bonita, não? E poética, com o vestido bem adequado à ocasião, como um vestido de baile. Já repararam que em todo grande filme há uma dama com vestido de baile?
- Como se chama? – pergunta-lhe, quando ela se abeira da mesa atendendo ao seu aceno.

- Sônia.

- Sônia... bonito nome para uma bonita mulher – derrapa no lugar comum.

- Do tipo que não dá insônia – Ed acompanha-o.

A menina – com ares de dama – parece não ter gostado e, pedindo licença, afasta-se.

- Sônia, insônia... isso dá música – sugere Jimi.

- Samba, dá samba – precisa Ed, e já a batucar na mesa sai-se com um Sônia*aa, escuta o som da insônia...*

O gravador ligado, com Ed e Jimi a fazer da mesa um atabaque, apesar do barulho quase ensurdecedor do som da banda, em cântico-grito, o trio vê-se a soletrar como por milagre letra e melodia de um sambinha com princípio, meio e fim:
- Sônia*aa, escuta o som da insônia*

- *Secreta a sílaba...*

- *Secreta a sílaba do sonho...*

- *E sonha o sol dos teus sonhos.*

- Bonitoooo!

- *Insônia do teu som Sônia sente*

- *O sal da nossa insónia...*

- Olhem só pra isto, meu Deus! *O SAL DA NOSSA INSÔNIA!...*

- *Sôniaaa...* Agora o refrão!
Um e outro a juntar e a entoar, sozinhos ou em conjunto:

Também eu sou cabaré

Sônia, ó minha princesa

Já que não tenho o teu corpo

Terei minha incerteza

Sinto este samba a roer

Teus ombros na minha insônia

- Meu Deus, onde é que isto vai!... O samba, o sonho, o sono, a insónia a roer os ombros. Isto vai de arromba, hem?! – interrompe JCP a citar Eça.

Também eu sou cabaré

O cabaré dos teus sonhos

Letra e melodia no gravador, vão *dar uma espreitadela* ao Acrópole, mais conhecido por 'gregos', onde não se bebe ouzo nem retzina mas sempre se parte uns pratos ao som mecânico de *Zorba*. Breve escala de entremês no Texas Bar, a controlar se a barca da orquestra foi reativada, mas qual o quê. O fim da barca é o cantinho da saudade da reportagem. Não se tem mais a calorosa recepção das musicistas à entrada do *saloon*, que na verdade sem elas perdeu toda a graça, ficando ainda mais desolado na sua imensidão de mesas isoladas semipovoadas de solitárias caras pálidas. Conjunto e memória são em parte recuperados através de fotos e recordações da dona Amélia, uma octogenária que revive a sua trajetória de pianista na música e na noite desde Lourenço Marques numa casa do Bairro das Colônias, numa das duas únicas excursões de Jimi e JCP à luz do dia com o acompanhamento do quarto fotógrafo da reportagem.

A outra foi ao Barreiro, onde vive o jovem baterista da orquestra do Ritz Club, que decidiu abraçar a carreira no dia em que viu Cliff

Richard e os Shadows no filme *Com Uma Rapariga Nos Meus Braços*.

No Ritz as noites são sempre escaldantes, com muita gente meio ou muito ébria a acotovelar-se nos corredores da sua espécie de drugstore, a entrar e a sair da barbearia, da tabacaria e do quiosque de jornais ou do restaurante e casa de fados como se fosse meio-dia, enquanto no grande salão, outrora um teatro com plateia e balcão de camarotes, é difícil encontrar mesa ou espaço livre para dançar ao som de uma pequena orquestra que toca sucessos do tempo das *big bands*. O serviço, segundo o guião, deveria incluir ainda uma passada por uma boate 'de empreiteiros' atrás do Marquês, mas de novo JCP declara-se *de baixa de mais atividade esta noite, se quiseres vais tu* – diz a Jimi – *porque eu, filho, já não dou mais uma pra caixa até chegar à minha rica caminha, se conseguir*.

A quinta e última etapa é a menos puxada para os repórteres e a sua sombra, que se limitam a acompanhar o quinto homem dos bonecos da série, munido de fotômetro e tripés, a dar um toque de grande produção e antecipando cenas de Wim Wenders em *O Estado das Coisas* no Cais do Sodré.

A Jimi cabe o trabalho básico de tirar as entrevistas com os músicos do gravador, intercaladas com as diferentes versões do trio para o samba e o bolero produzidos durante o mergulho em estilo quase científico na noite lisboeta, vale dizer, na noite. Como quase sempre acontece em trabalhos a quatro ou mais mãos quis o acaso que a confecção do texto final ficasse para a noite do *deadline*. Já toldados pelo vinho consumido durante o repasto no Brazuca após o expediente normal de ambos o duo reúne-se numa mansarda do antigo palácio da Rua do Século onde estão instaladas as redações e a grande casa de linotipos e das máquinas da SNT. Quais personagens de Eça cem anos depois passam um bom tempo a pensar em como dar ordem e sentido ao material coligido.

As laudas com a transcrição das entrevistas, separadas e postas em sequência cronológica a partir da idade dos entrevistados, acabam por narrar a evolução da música de *dancings* no século, do ragtime ao rock'n'roll. JCP destacou das suas estantes os exemplares de onde costuma extrair de memória os excertos das colagens de que compõe as dissertações que faz, noites altas, onde o ambiente lhe é mais propício – quase sempre num intervalo das atuações do trio do Cantinho dos Artistas - nos seus delírios etílicos: *Conversa na Catedral*, a mãe de todas as colagens, *Três Tristes Tigres*, um seu filho natural de aspectos mais delirantes,

Debaixo do Vulcão, *A Noite e o Riso*, *Viagem ao Fim da Noite*, alguma coisa de Cortázar e pi afora. Já passa da meia-noite quando, Vargas Llosa, as laudas das entrevistas, Godard, Cabrera Infante e o belo pátio interno do palácio iluminado pela lua, uma mansarda que parece tirada de *Um Americano em Paris*, grandes tesouras e cola à mão, o trio tem a ideia de intercalar após um texto de entrada resumos de cada entrevista com textos pinçados dos livros que já vieram marcados e de canções sobre a noite – entre as quais a inevitável *Cabaré* -, com um quadro à parte da antiga musicista da orquestra de mulheres do Texas Bar ilustrado com uma foto antiga e outra atual. Ed intervem em toda a monumental tarefa como co-arranjador e poucas vezes os três, que já têm em relação à profissão atitude de artistas, quase só fazendo o que lhes dá na telha, se divertiram tanto no trabalho.

Um cuba libre treme na mão fria

Ao triste strip tease da agonia

Lá fora a luz do dia fere os olhos...

- cantam quando, após o modernista trabalho artesanal de tesoura e cola com indicações de inserções que JCP faria nessa tarde com os trechos literário-musicais, sobem ao amanhecer a Travessa dos Ingleses rumo à tasca da saída dos jornais para uma sande de torresmo e cervejinhas de arremate.

Trabalhar assim, em conjunto, sobre temas e artistas de eleição, como numa entrevista a quatro feita em turnos revezados a José Afonso após o concerto de Dizzy Gillespie no *Cascais Jazz*, é pura diversão, uma noite americana no Outono lisboeta antes da estação que o próprio *Cinéfilo* augura que não seja *o Inverno do nosso descontentamento*. Vivam as citações, que é delas que se vive afinal. Um Inverno do regime vivido sob o signo da prospecção de todas as formas possíveis de viver e divulgar a grande arte.

Comício jazz

Nenhuma geração de jovens quis e lutou como a dos anos 60 *to do its own thing*, tentar subverter a ordem social para fazer o que lhe apetecesse no pleno gozo dos seus direitos naturais, sem o dinheiro e as mercadorias de plástico que lhe ofereciam. A ditadura salazarista coíbe até o esboço de qualquer movimento do género em Portugal, onde a exemplo de Espanha, como fixa Eric Hobsbawn, a prioridade é outra: o derrube da ditadura. Em tudo ainda o tosco artesanato incaracterístico. E no mais o atraso de que ele mesmo se sente reflexo. O galo de Barcelos e o margalho das Caldas no poder.

Um ano e meio depois de Vilar de Mouros o Festival Internacional de Jazz de Cascais, ou *Cascais Jazz*, coloca finalmente Portugal na rota dos grandes acontecimentos musicais do mundo. Ainda que com condições acústicas deploráveis o Pavilhão dos Desportos de Cascais vive momentos fascinantes, a abrir com um lendário concerto de Miles Davis na primeira apresentação do septeto com que revida no chamado jazz-rock e lança Keith Jarrett, Dave Holland e Jack DeJohnette.

O já veterano carola Manuel Vilas Boas está ao ponto de enfartar uma hora antes, quando lhe comunicam que Miles se recusa a fechar a noite após o quarteto de Ornette Coleman. Volta do hotel com a mão na testa, a bufar impropérios enquanto conta que o trompetista trancou-se no guarda-roupa do quarto até ter a garantia de que Ornette aceitara trocar a ordem de entrada no palco. Imagine-se Miles a argumentar em surdina de dentro do armário – quem o ouvia?

A música? Cachos de sons dissonantes em dodecacofônicos funkeados eletronicamente. Usina de timbres quase inéditos, sendo a segunda formação em que o bruxo experimenta a mistura electroacústica que lançou em *In a Silent Way*, com Joe Zawinul, e que a Soft Machine reciclou e implementou em *Third* à mistura com o hipnotismo de Terry Riley e Steve Reich.

Keith Jarrett parece Angela Davis, a pantera negra, com o cabelão russo encarapinhado e redondo como um tufo de algodão

doce de açúcar mascavo. No dia seguinte à exibição do não menos emocionante videotape do concerto no segundo canal da RTP, quando Ed tenta ouvir bem o que ali se passara, uma senhora idosa comenta com uma amiga numa mesa do Café Supremo:

- Viste aquilo?! Que pouca vergonha! Olha, não se pode dizer porque não se tem a certeza e é até pecado, mas aquela camisa esquisita toda cingida ao corpo, aquele cinturão... O pianista, menina! Só pode ser homossexual!... As calças... Prestaste atenção? Verde-alface, menina! É como diz o pároco, final dos tempos! Onde é que isto vai parar!

O quarteto de Ornette quase provoca o encerramento à nascença da história dos grandes concertos internacionais em Portugal. Entre duas peças o contrabaixista Charlie Haden apresenta uma sua criação dizendo apenas *this song is dedicated to the african liberation movements of Angola...* Ainda atordoado pela miscelânia de sons desconexos que acaba de ouvir e distraído pelo burburinho em volta não atina e é surpreendido pelo clamor crescente da maior parte das dez mil pessoas presentes, quase tudo muito jovem, enquanto Charlie já grita para se fazer ouvir, com a mão direita a segurar o contrabaixo e a esquerda, de punho fechado, ao alto do braço esticado para a frente... *Mozambique and Guinea-Bissau!* o público em polvorosa a aplaudir e a reagir à exortação gritando o nome dos movimentos, a sessão de música momentaneamente transformada no primeiro comício de massas de apoio aos combatentes anti-regime na frente colonial.

Findo o concerto Haden é levado à António Maria Cardoso, onde *borrou-se todo*, segundo relato irado repetido vezes sem conta por Vilas, madrugada alta, na esplanada quase deserta do Vá-Vá, com a reprimenda que levou dos pides, que apesar de tudo não iam ser loucos a ponto de prender um cidadão americano branco com aspecto de estudante universitário e o levam sob escolta ao aeroporto onde lhe é dito que nunca mais ponha os pés em Portugal, mas ele os porá, quem diria, em 1981, quando compõe com Jan Garbarek o trio de Egberto Gismonti que se apresenta na Aula Magna da Universidade de Lisboa, e placidamente sentado a uma mesa comprida da Trindade solenemente reivindica:

- *I want some lobster tails!*

Novembro de 1972. À porta do Vá-Vá, fechado, Vilas não se cansa de alardear a sua fúria contra aquele badamerdas, que não há dúvida é um excelente músico mas tem cachola de minhoca, tás a ver, pá, política, pá, não tenho nada contra, cada um vá fazer comícios e assumir as consequências onde e como quiser, mas eu não me meto em política, pá, já é uma dificuldade do caraças pôr o festival de pé e convencer aqueles gajos de que podem estar tranquilos que não vai acontecer nada de mal e pregam-me uma rasteira dessas, tás a ver, pá, no fundo EU é que sou o responsável!

Reponsável por, pela primeira vez, uma multidão ter podido despejar o saco e urrar contra a primavera marcelista.

Miles Davis

Ariel ou O Anjo Azul

Quase todas as noites de Lisboa, para o lumpen artístico-literário, começam por um encontro de boa parte da fauna, dividida em diferentes turmas, pelas mesas do Café Monte Carlo, da entrada ao restaurante, mesas do corredor e nichos de um dos lados do bilhar. Há o grupo 'dos cinemas', o 'dos teatros', 'dos jornais', 'dos poetas e tradutores' e, entre eles, o fotógrafo Pedro Sousa Dias, quase sempre viajando em *downers* mas mais rápido e certeiro no gatilho que Gary Cooper no duelo decisivo de *High Noon*, fazendo o registo das belas e patéticas expressões de um período tudo somado nada alegre. Dali, a partir da meia-noite segue-se para o Monumental, ao lado, com um piso superior sugerindo um pequeno anfiteatro.

Lá Ed é apresentado por JCP à atriz Ofélia Lima. Perfil facial de Greta Garbo sem tirar nem pôr nada, ou a tirar e pôr somente o nariz, que no entanto se fosse substituído iria desequilibrar-lhe as feições, bem ao contrário da diva entre as divas, pequena e um pouco acima do peso, o que é compensado quanto baste pelo andar elegante sobre os sapatos meio *demodés* de sola grossa e salto alto, como 'alta' já ela está, sentada de lado com as costas apoiadas à parede, olhos verdes faiscantes de ternura mas muito inquieta, que se levanta para dizer alguma coisa numa ou noutra mesa, informa que está em cena numa montagem que os convivas não podem perder, no que chega Diogo que parece todinho feito para ela esta noite e que apesar dos dardos de ternura que lhe são lançados nem pede um copo e já vai de saída, a descer a escada que Ed e JCP sobem quando entram e ela, cerveja numa mão erguida e a outra mão apoiada ao espaldar sobranceiro ao anfiteatro, lança o brado inesperado:

- EU PRECISO DE UM HOMEM!

Como num teatro, a plateia explode em gritos e ovações. Olha a atriz primeiro para um lado e depois para o outro rindo, como que zombando de si mesma, e agradecendo a acolhida. Monumental fechado, vão ao pub Sampaio, onde numa das mesas um homem gordo com um grande anel no dedo e cebola de ouro dá show de bêbada truculência frente a duas damas, a molestá-

las com expressões inconvenientes e espalhando uma aura de má vibração por todo o ambiente e com Jimi, que entretanto se juntou a eles no Monumental, Ed acrescenta à primeira parte do tango da semana anterior outro toque de crónica de ocasião:

Não há luz que corte as costas lisas num açoite

Nem sol que rompa esta pernoita

Há simplesmente um grito ao mijo retardado

E a bededeira louca de um bobo a brilhar

Samba, bolero e tango, ritmos da noite, da fossa, da cafonice ou como se diz por aqui, do piroso, e se o samba fosse samba-canção a receita seria um retrato musicado preciso do ambiente fossilizado que se vive em Lisboa em novembro de 1973, quando a noite e Ed ainda são duas crianças.

Noites depois, seguem Ed, JCP, Jimi e Diogo no Morris ainda tinindo de branco do *mixing* de jornalista e atleta para assistir à peça em que Ofélia reina como mãe castradora ao lado do titubeante marido e substituto do ator principal, afastado por doença, em estreia absoluta no teatro profissional, que leva porrada da mulher, como os filhos de ambos, também jovens estreantes, travestidos de piranhas. Tragicomédia em altíssimo estilo a montagem de *Mãe Castradora no Manicômio Doméstico* no Cenário.

Ceiam e seguem no Mini branco pela Estrada da Luz já com ela e sem Jimi, que decidiu recolher, até a casa da que para o grupo é já uma nova diva absoluta, que ora acaricia o pescoço do motorista, ora beija Ed, ao seu lado, após este – por uma vez sem gravador a tiracolo – tirar da cartola um exemplar de *Águaviva* e ler o trecho em que Clarice Lispector faz uma explanação sobre um relacionamento que se encerra com um retumbante *eu sou eu, você é você - é lindo, é vasto, vai durar*, e outro em que especula sobre a possibilidade de haver elefantes no seu banheiro.

Ela está caidinha de todo por Diogo, que parece não estar a fim dessa ou tem medo quiçá por já ter lido *Le Grand Écart* e não querer mergulhar nessa de bas-fond integral, a coisa toda dando ares de *Der Blaue Engel* com verrina brechtiana. Um

dos *hits* entre a malta no momento, de Maria Bethânia, fala na *arte de se jogar no ar antes de mergulhar*, Ed vai no embalo e mergulha de vez nesse universo de braços abertos: teatro, cinema, redações cinematográficas, se fosse um filme seria em preto e branco e poderia chamar-se

NOUVIELLE VAGUE

Selado fica ali um caso sui generis, de *Grand Écart* efetivamente, entre uma mulher madura e um pós-adolescente ingênuo, de dentes muito alvos e belo, apesar da extrema magreza, pureza quase virginal, que é o que no fundo mais encanta a mulher, num momento angustiante de insegurança pelas limitações políticas e por tabela financeiras impostas à profissão, após a saída de um divórcio. Não muda mas por lá se instala com sua coleção de discos de Roberto Carlos, que leva uma vez para provar-lhe como o Rei, embora em certos aspectos inegavelmente piroso/cafona, tem lá os seus grandes achados, o amor sempre tardio porque assim é obrigatório com uma dama do teatro, que só chega a casa de madrugada, duas vezes por semana em que tem de escrever e ler os noticiários a partir das sete da manhã a voz treme mais que o habitual, porque também ainda não se habituou à nova faina, após uma hora de sono, já com as pancadas do corte peças de carne no talho de baixo, banho quente e café da manhã só às dez e meia n'A Brasileira, dando-se alento para aguentar até a uma, quando é hora do banho de imersão e cama, que nunca é cedo.

O inverno muito chuvoso é passado entre leituras fundamentais e sessões de cinema marcantes, Rimbaud, Baudelaire, Céline de *Voyage au bout de la nuit*, Fellini de *Amarcord*, *Os Efeitos dos Raios Gama sobre as Margaridas do Campo*, de Paul Newman, Truffaut de *La Nuit Américaine*, *Minnie & Moskowitz*, de John Cassavetes, toda a plêiade da literatura maldita, o *Sorriso aos Pés da Escada*, de Miller, que JCP reverencia entre as citações das tosgas no Cantinho, *Arthur Gordon Pymm*, *Billy Budd*, Cendras de *L'Or*, *Moravagine* e *Rum* e todo um dicionário de diretores em curso vai para um ano em sessões da meia-noite no Londres. E Turgueniev, *O Primeiro Amor*, sugerido por Truffaut em *Duas Inglesas e o Continente*.

Deixa o filho a dormir. Tem só de ficar atento enquanto faz pesquisas para os seus escritos. Chega após as representações, nunca tarde (ou cedo...). *Hard Times*, Tempos Difíceis para ela. Tem muito sucesso, relativo ao pequeno público da grande arte, o que equivale a pouquíssimo sucesso, e deprime-se. Tem muito sucesso, porque mesmo pequeno é um grande público, e fala demais.

- *Rá, rá, rá!* – entra a gargalhar uma noite após mais uma representação. – Esta noite pus um olho negro ao papá! – o papel o permite, e afinal de contas o papá é um estreante, substituto do ator principal, que se retirou por invalidez. Não se bebe e só ela fuma. E aprende a apreciar Roberto Carlos. Deliciam-se com Maria Bethânia a dizer Pessoa e Clarice e o mano.

Entre uma coisa e outra lá se encontra Luís Pacheco, que continua a fazer os seus giros matinais pelas redações do Bairro Alto a mendigar vinte paus para beber e a vender exemplares da sua edição de autor de *O Libertino Passeia por Braga, a Idolátrica, o seu Esplendor*. Ed completa vinte anos num arroz de mariscos

no Largo da Misericórdia com Ofélia e JCP, que lhe oferece o *Guia dos Casados*, em branco, de Lawrence Ferlinghetti. Algumas noites de domingo em que deixam o bebé em casa de uma ama, do camarim ouve a representação e lê a peça a pensar: que atriz, como se pode ser capaz de expressar tanto desprezo.

Ofélia Lima, a sua beleza ainda fresca e o seu perfil de Greta Garbo projetada nas fotos dos seus vinte e poucos anos num descapotável, além do talento, obrigam a pensar que seria estrela de projeção internacional caso fosse descoberta, jovem corista de revistas e peças de vaudeville de Vasco Morgado, por um diretor sueco ou alemão num restaurante ou bar de hotel da Costa do Sol.

Antônio Castro é contratado para trabalhar na montagem de uma peça de John Osborne por Luzia Maria Martins no Teatro Estúdio de Lisboa. Antes dos ensaios vai a Barcelona para uma operação corretiva de um descolamento de retina que o ameaça de cegueira.

No regresso vem com nova e já longa barba grisalha e passa a transportar na bolsa um livro da Seix-Barral sobre Proudhon, cuja expressão facial em foto de capa pretende copiar para compor sua personagem, um velho pescador solitário que vive a divagar numa praia e em quem descortina uma mentalidade individualista muito próxima de certo tipo de anarquista e que, ao estrear, interpreta com maestria, como se na plateia quase cheia do teatro da Feira Popular não descortinasse gente mas um mar a perder de vista.

A propósito da sua atuação na rádio e do regresso à cena Edgar participa numa entrevista com o colega para o *Cinéfilo*, em que o intrépido misto de locutor, jornalista e ator decide não medir palavras.

Ed aparece também em destaque nas fotos da entrevista mas estranhamente não lhe acontece nada. Suspenso pela RR Antônio reage com o sorriso de muitos significados de sempre e surpreendente tranquilidade. Pode até ser despedido. Embora longe de ver a vida como uma questão de estabilidade laboral ainda assim Ed preocupa-se:

- E se te despedirem, o que é que vais fazer?

- Sei lá, posso até vender laranjas à porta do Jardim Zoológico – responde ele, que se mudou para São Domingos de Benfica, ali a dois passos.

Edgar Lessa integra o núcleo duro da resistência ao regime nos meios de comunicação, que se adequam como podem às limitações – alguns, no rádio, são obrigados a emigrar para a Alemanha para trabalhar na Deutsche Welle, e entre os que ficam, no grupo muito restrito, não há, é óbvio, camaleões.

3 de janeiro de 1974 – Quinta-Feira. Ed está de serviço das dez da noite à uma da manhã. Faz o noticiário das onze e fica a folhear o *L'Express* por absoluta falta do que fazer num turno sem notícias. Três para a meia-noite, vai à cabina onde ficam as três máquinas de telex ligadas às agências de notícias e numa delas passa os olhos por um pequeno despacho acabadinho de sair informando que o Kuwait anunciou a nacionalização de cinco por cento do petróleo que produz, explorado por uma empresa do grupo Calouste Gulbenkian. Destaca a notícia e angelicamente decide dá-la a abrir o noticiário sem esperar pelo telex em que a agência notificaria se ela está ou não autorizada pela censura. Cinco por cento não é nada, pensa, a bem dizer sem saber da importância do emirado na produção mundial de petróleo e que Gulbenkian era também conhecido como ***Mr. 5%*** - quase tudo o que possuía quando morreu era dividido em quotas desse porte em ações numa miríade de empresas. Mas cinco por cento valem ao menos uma raríssima notícia de assuntos internos, porque as que interessam são cortadas pela censura e as autorizadas não as dá. Volta a lê-la no noticiário da uma da manhã, num intervalo do programa *Limite*, o substituto do *Tempo Zip*, que foi proibido, arquiva o pouco trabalho feito na pasta de noticiário dado e vai à luta.

Ingmar Bergman 1948

Na tarde seguinte, de regresso ao trampo, o chefe recebe-o com uma mão no bolso e a outra fechada, a raspar o queixo com o polegar e a sorrir entre a ironia e o embaraço e a andar nervoso de cá para lá num pequeno espaço entre as mesas na sala dos serviços.

- Então o menino ontem fez das boas, hem?

- O quê? Eu? O que é que eu fiz?

- Uma burrada monumental. Deu uma notícia sem esperar pela censura – e estende-lhe a metade da folha A4 com a notícia.

- O quê? Esta notícia foi censurada?!

- Censuradíssima. Para a sua informação cinco por cento do petróleo produzido no Kuwait representa uma parcela importante do orçamento da Fundação Calouste Gulbenkian, o sustentáculo da atividade artística e cultural de alto nível neste país. O menino deu a notícia sem esperar pela censura, o seu colega da manhã, vendo-a dada, dá-a às oito, oito e um quarto e por aí adiante até as nove horas, quando lhe dizem que a notícia está proibida e o Conselho de Ministros está reunido para decidir o que fazer sobre a sua veiculação. Agora, não sei o que vai ser de mim, que sou o chefe desta droga, e com o menino, que meteu a pata na poça.

Aos 20 anos não se pensa na perda de um emprego como aos 30 ou 40, e isso não o abala. Não lhe passa pela cabeça nem mesmo eventuais consequências ainda mais graves para a sua vida pessoal. O repórter de nenhuma reportagem – porque a censura leva à total inatividade da rádio nesse campo e um repórter de rádio limita-se a escrever e ler notícia – está dependente de uma sentença determinada por interesses de altíssimo baixo nível, a ser comunicada a qualquer hora.

Passam-se os dias e algumas semanas até que os jornalistas são convocados pelo chefe para uma reunião em que seriam inteirados da decisão tomada pela administração, Ed intimidadíssimo até saber que ela decidira acatar imposição do governo, através do secretário de Estado da tutela, Pedro Feytor Pinto, de submeter toda a programação da RR a uma censura oficial interna, em moldes a ser deliberados e comunicados oportunamente. A sua cabeça está a salvo em aparência. A conta-gotas são comunicadas as inovações. O trabalho sujo de limpeza será feito por três profissionais destacados para a emissora, que trabalharão um à vez 18 horas por dia. Pouco a pouco é construida ao lado da sala de noticiários uma cabina onde os censores internos se instalariam, *para nos ouvir melhor*, comenta-se, *não se vai nem mesmo poder conversar à vontade*.

Noutra reunião o chefe comunica a proibição do termo guerrilheiro para designar os combatentes dos movimentos de libertação das colônias africanas, que por ordem dos esbirros só poderão ser chamados de terroristas.

- Por mim não se dá mais notícias da guerra. É como se tivesse acabado – sugere um dos reunidos. E é o que se faz. Para a RR a guerra colonial acabou em fevereiro de 1974.

Spínola lança *Portugal e o Futuro* e, sem que se saiba, reuniões de suboficiais descontentes com as longas missões de soberania no Ultramar, o baixo soldo, o prolongamento da guerra em três frentes e a derrota numa delas começam a gerar a sublevação do regime.

A publicação do polêmico livro do ex-governador e comandante geral das tropas na Guiné cria um clima de expectativa de mudança. Sussurra-se em casas e cafés sobre quanto tempo (meses – *anos?!*) passará até ela acontecer. O livro - que mais do que avançar a derradeira proposta de mudança anuncia que o regime poderá estar por um fio - é um *best-seller* instantâneo.

A 17 de março Ed está de serviço e como todos os domingos preparado para passear os olhos com mais tempo pelo *Nouvel Obs* mas ao chegar dá de cara com o chefe, que deveria estar de folga, com ar meditabundo e a apertar o queixo com o polegar e o indicador.

- O que se passa?

- Não sabemos. Uma tentativa de golpe talvez. Tanques saíram do quartel das Caldas aparentemente rumo a Lisboa mas estranhamente deram meia-volta e recolheram à base. Diz-se que houve uma rebelião ou algo assim no regimento de comandos de Lamego mas não se sabe. Aparentemente o golpe foi sufocado. Vou telefonar para lá, só para ver.

Põe a rodar o Ampex que só é usado pelo editor e locutor das notícias de inauguração do presidente Américo Thomaz ou congêneres, disca o telefone e pede para falar com o oficial de dia, que lhe diz que por lá não há nada de anormal. Se assim é não se pensa mais nisso. Mas os jornais do dia seguinte confirmam em notícias de primeira página com poucos detalhes que houve mesmo uma tentativa de golpe, aparentemente abortada mas sem rusgas entre tropas, como se não tivesse tido a adesão esperada pelos insurrectos.. Sente-se no meio um clima quase geral de frustração pelo insucesso da primeira suposta rebelião de que se tem notícia desde a quartelada de Beja em 1962.

Logo tudo volta ao ramerrão de sempre, enquanto na RR os jornalistas, quase todos de sorriso amarelo, tomam os primeiros contatos com os três homens que trabalharão ombro a ombro para reduzir a zero o impacto do seu trabalho. A cabina onde deverão trabalhar foi instalada e permanece vazia como uma bolha de vidro até 24 de abril.

O maior sucesso comercial da rádio portuguesa é *E depois do adeus*, uma canção dos Josés Calvário e Niza saída do acontecimento de maior relevância destes anos de pasmaceira, o Festival da Canção da RTP, na voz de Paulo de Carvalho, que não o pega nem por acabar por dar notícias dele mesmo.

Passam-se às vezes dois ou três dias sem ver Ofélia. E nunca se pergunta o que faz depois dos ensaios da nova montagem do Cenário, com outras seis mais ou menos jovens atrizes irrogantes para que fornece subsídios. Pela primeira vez tenta-se montar em Portugal uma peça de Nelson Rodrigues, o polêmico dramaturgo brasileiro, que dá raiva pelo reacionarismo mas que força ao máximo respeito por ser o primeiro grande autor teatral moderno no seu país e pela prosa magnífica das suas crónicas sobre futebol *À Sombra das Chuteiras Imortais*, que acompanha no jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro, perplexo pelo dualismo do autor e a qualidade do seu texto. Recortes e livros sobre teatro brasileiro e com parte da obra de N.R., comprados no Centro do Livro Brasileiro, entrega-os a Ofélia como material de estudo que, a par com o conteúdo da peça em que está trabalhando, a deixa igualmente aturdida. Está-se nessa até que na noite de estreia do filme *Meus Amigos*, de António Cunha Teles, após comes e bebes com pequena e bela companhia, ao atravessarem, uns mais ébrios outros menos, a ponte do comboio da Ave de Roma, a ver se passa um táxi que os leve ao Bolero, caem-lhe a ela os óculos no chão.

O filme, num preto e branco bacana, é uma boa merda, porém sem motivos de grande frustração. mas ao ver os óculos quebrados Ofélia quase cai em prantos e num minuto põe Ed a curtir, como se diz no Brasil, o que há de mais cruento no desprezo de Marlene pelo prof. Unrat.

No cabaré homônimo, é levado a sentir-se o próprio, quando ao ensaiar sentar-se à sua mesa ela reage aos berros e com todo o escárnio de que só uma mulher – e uma grande atriz – é capaz:

- Mas o que é que o senhor está a fazer aqui? Vá curtir a sua dor de corno para a sua mesa, seu badamerdas. Aqui comigo, ó, *kaputt*! *Finito*! *AufWiedersehen*! *Goodbye, my boy. Rá! Rá! Rá!* – olhando para os convivas a dar show e como que a pedir palmas, com ar de troça proibido pelo código Hays.

A menos de três horas de entrar de serviço, pede a primeira das duas sopas alentejanas com que, adicionadas ao conteúdo de duas cafeteiras, procura curar a bebedeira e a tremenda ressaca que já sente, neófito, antes de ir trabalhar. É a primeira vez que sai direto de um cabaré para o trabalho. Balbucia e engana-se mais que a

conta no primeiro noticiário e decide gravar os outros, alegando forte dor de barriga por alguma coisa que comeu e fez-lhe mal, *Despertar às sete e meia* e uma dose de *E depois do adeus. Programa Armando Marques Ferreira* e outra dose. *Enquanto for bom dia* e mais uma dose de *E depois do amor e depooois de nós...* Na cabeça, além da forte pressão e da dor, um nó de (dar) dó. É a primeira grande ressaca da sua biografia e só sente e vê ruínas, caos latejante na cabeça, a noite infinda.

Dorme a sonhar com a sua cabeça enfiada numa grande cabeça de piranha, a levar pontapés na cara através da abertura da bocarra do bicho desferidos por uma valquíria vestida com trajes sado-masô, talvez porque um dos livros da sua estante que mais lhe chamaram a atenção foi *Marat/Sade*, de Peter Weiss, como que saída de um trip circense de Fellini e que a ele parece ter a cara de Ofélia e a própria a lhe atirar um par de óculos e a gritar: *e o outro paga os desmanchos! Rá! Rá! Rá!* - e só acorda na manhã seguinte, à hora de zarpar para o trabalho.

E depois do amor e depois de nós... a azucriná-lo a cada período de trabalho pela escuta do Serviço de Noticiários.

E depois do amor tudo bate em onda acentuada de cafonália e ridículo, como se o povo se reunisse para jogar a perda à cara. Abre-se um livro e

É como o sol poente
que já não dá calor
mas ilumina a gente

Caetano Veloso a cantar, piroso, um bolero...

tu me acostumbraste a todas essas cosas
y tu me enseñaste que son maravillosas
sutil llegaste a mi como una tentación
llenando de inquietud mi corazón

io non concebia como se queria
en tu mundo largo y por ti aprendi
por eso me pregunto al ver que mi olvidaste
por que no me enseñaste como si vive sin ti

Duas semanas depois ela telefona lhe propondo fazer como antes e comprar ingressos para a meia-noite do Londres que passa *Fúria*

de Viver com James Dean. Viu o filme oito dias antes, na meia-noite do Apolo 70, mas aceita o repto.

O inspector pergunta a Platon (Sal Mineo):

- Você já foi ao psiquiatra?

- O senhor acha-me com cara de louco?

Jim (James Dean) numa das cenas de estarrecimento em casa:

- Como uma pessoa pode crescer num circo como este?! Se eu ao menos sentisse que pertenço a algum lugar!...

Nathalie Wood goza do recém-chegado Jim:

- Você é mesmo um quadrado! – a uns 20 minutos de filme, quando ela chega com ânimo muito mudado.

Na manhã seguinte, depois de ela lhe lamber as feridas do amor ardoroso como um elefante no banheiro, diz-lhe a pedidos que lhe telefona mas tão cedo não vai ver ela de novo.

A 29 de março realiza-se o I Encontro da Canção Portuguesa, a primeira grande reunião de proscritos da chamada nova música portuguesa, coroada de ineditismo também pela presença de José Afonso: não há memória de uma atuação do autor de *Os Vampiros* (*eles comem tudo e não deixam nada*) numa grande casa de espetáculos, e causa estranheza que não tenha mais uma vez sido proibido de atuar. Sobretudo por isto, por uma vez sem exemplo o Coliseu dos Recreios fica abarrotado de um tipo de público diferente do habitual em shows musicais da casa, em clima de mega-comício político clandestino.

No fundo da imensa retrocena do palco italiano, entre artistas, jornalistas, padres à paisana e pides, Edgar Lessa acaba por sentar-se a tamborilar num bongô ao lado do adaptador de *Milho Verde*, que dispara:

- Ouve cá. Sabes fazer a marcação do arranjo do Gilberto Gil de *Milho Verde*?

O coração acelera.

- Sei. Deixa cá ver.

Tum-tu-tu-ru-tu-tum – tam, tam

Tum-tu-tu-ru-tu-tum – tam, tam - mostra.

- Então, anda comigo quando eu entrar em cena, porque é a primeira música que vou cantar - convida o informalíssimo número um da resistência antifascista portuguesa, seja qual for a importância dos líderes políticos no exílio.

Nervosíssimo Ed pisa pela primeira vez a boca de uma grande cena, mas logo se acalma porque está a abarrotar de convidados do bardo, e é como se ali não esteja, atrás deles todos. Concentrado nos tambores para não errar a marcação repetitiva, não vê nem ouve nada.

Noite de 24 para 25 de Abril, de serviço entre dez da noite e uma da manhã, quando mais uma 'manha' dos noticiaristas – ou só de alguns, que entre os que trabalham no RCP e na RR costumam dividir os noticiários em dois blocos, entre a inserção do spot *Beba Sagres, a sede que se deseja*, um com informações pontuais de factos de política internacional (nacional, porque censuradas, ou apenas de cunho promocional-propagandístico, quase não se dá) e, antes ou depois, assuntos de algum modo associáveis à ordem política e social portuguesa, mesmo que, como em relação ao Caso Watergate, não diretamente conotáveis/conectáveis, quase sempre o que a censura deixa passar de acontecimentos noutros países sob ditadura, como Chile, Grécia, Espanha e Brasil - já foi descoberta pelos 'peritos' da censura. Descoberto o estratagema, os censores fazem saber ao chefe do Serviço que passarão a embaralhar as notícias.

Antônio sugeriu num jantar que se é assim o melhor é dar as mesmas notícias ao longo de todos os períodos em que trabalhar.

Por acordo tácito entre a meia dúzia de noticiaristas dos quadros da RR as notícias oficiais e oficiosas da vida política portuguesa – pronunciamentos do primeiro-ministro Marcelo Caetano ou corta-fitas de Thomaz - são dadas apenas no jornal do meio-dia e meia pelo mesmo jornalista, a quem o expediente cai como uma luva pelos seus incontáveis afazeres. O trabalho do turno na RR acaba por tomar-lhe apenas uma hora – porque nada do que veicula importa realmente.

Ed escreve o seu primeiro e único noticiário porque após três meses de preparativos finalmente começa a funcionar o serviço oficial de censura interna, que neste período inaugural de corta-fitas cabe ao próprio chefe dos esbirros, que o endossa já 'embaralhado' para ler às onze horas, meia-noite e uma da manhã. Sem mais o que fazer, entretanto, até porque a cena se passa não ao lado do seu gabinete mas em plena parte da sala reservada aos noticiaristas, põe-se a acompanhar uma arenga do censor, muito altivo e cheio da garra de quem começa trabalho novo, ao diretor comercial da emissora, Albérico Fernandes, que exerce também as funções de conselheiro informal dos profissionais, jornalistas e produtores e realizadores de programas da casa ou independentes, sobre esses assuntos, ou seja, é o censor interno informal. Nota que, contra o que é hábito, desde o início da emissão, à meia-noite,

o programa *Limite*, cujos produtores e realizadores, entre os quais Leite Vasconcelos – também da equipa de noticiaristas – e Carlos Albuquerque, oriundos de Moçambique, são criticados pelos poucos radialistas do contra por se terem prestado a substituir um programa proibido e pelo conteúdo anódino das suas emissões, que vão ao ar há dois anos, está a passar apenas as melhores faixas da chamada 'nova música portuguesa' e quando lá para a meia-noite e um quarto entra o tema da Gare d'Austerlitz de José Mário Branco, o censor, qual João Metralha, está a disparar uma saraivada de balas sobre os princípios que irão nortear o seu trabalho e o método a adotar, face a um – só a modos de dizer – interlocutor impossibilitado de emitir sequer um balbucio, estático, de braços cruzados, até que entram os passos no saibro do pátio do Château de Herrouville, em França, incluídos pelo mesmo José Mário Branco no início da versão de José Afonso de *Grândola, Vila Morena*.

- Isto, aqui, por exemplo; há que saber o que querem dizer com isto…

Ainda está ele a esboçar um sorriso entre o embaraçado e o cúmplice quando Leite Vasconcelos deixa Ed a modos que atônito ao pôr-se a declamar no tom que lhe é habitual, o mais coloquial possível, a primeira quadra da canção tradicional alentejana.

Último noticiário dado trata de ir para casa a pôr-se no quentinho porque a véspera foi de tourada. Quatro horas depois é acordado por Jimi:

- Joaquim Furtado está dizendo na rádio que está tendo um golpe de Estado.

Mal saído do sono, nem pensa em 17 de março.

- Mas que golpe e golpe, eu quero é dormir.

- É verdade. Ora escuta.

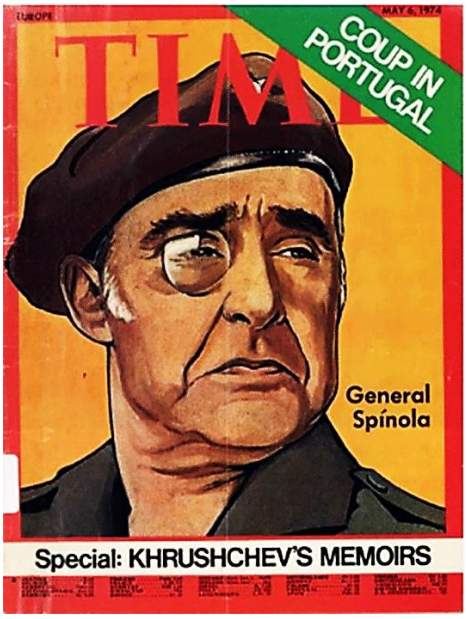
Aqui posto de comando do Movimento das Forças Armadas…

Nem pensa no tom com que Leite disse a quadra de *Grândola* – e porque houvera de fazê-lo? Põe-se a discar para o RCP para saber o que se passa. Todos os telefones ocupados, e o amigo a dar-lhe:

Aqui posto de comando do Movimento das Forças Armadas. Informamos que está em curso… Pedimos à população que se mantenha em suas casas… – entre uma marcha militar e *Grândola*.

Toma banho, mal engole o café da manhã e corre a apanhar um táxi para a rádio. No caminho, movimento menor que o habitual mas ainda assim muita gente na rua. Não se se diria que há algo de anormal. Mas a Rotunda do Marquês está quase deserta. Só se vê um carro blindado do exército em marcha lenta.

Era uma vez a revolução



L*imite*, claro, era a brincar, e talvez só o círculo restrito de produtores e realizadores do programa pensasse que o título quisesse dizer *precisamente aquilo*.

Acabam-se as limitações. Acaba o mais longo regime ditatorial do século.

Acabam-se as limitações?!

Como cantou o poeta de *Splendor in the grass - Êxtase era estar vivo naquela aurora, mas ser jovem era o próprio paraíso!*

António-Pedro Vasconcelos cita em epígrafe de *Perdido Por Cem* uma frase de efeito de Paul Nizan: *Eu tinha 20 anos e ninguém pode dizer que é a melhor idade das nossas vidas*. Também pode.

O chefe já lá está e com ele o homem do noticiário nacional, de serviço esta manhã. As informações são poucas. O chefe apurou que as tropas ocuparam o Rádio Clube Português e há grande movimento no RAL 1, lá perto. Tanques de tropas rebeldes e leais ao governo estariam face a face na Rua do Arsenal. Os insurrectos só encontram alguma resistência perto dos ministérios, no Terreiro do Paço. A primeira ordem interna na RR é a de não dar nada enquanto não houver autorização da gerência. O RCP continua a transmitir a gravação do comunicado lido por Joaquim Furtado, entre marchas militares e *Grândola*, o sinal mais concreto – para lá

do comunicado do MFA – de que a perspectiva é de reviralho, porque ninguém iria recorrer a Zeca em vão.

O repórter nacional decide apanhar o carro de reportagem, até aqui quase sem serventia, e ir até Caxias. Sem nada para fazer Edgar acompanha-o. Nenhuma movimentação no forte. Voltam à redação. Passa das dez. A programação segue a grade normal, no ar *Enquanto For Bom Dia*. Até que de repente o gerente da rádio, Padre Américo, entra esbaforido na área dos estúdios e corre como pode pelo pequeno corredor a gritar: *Tirem isso do ar! Tirem isso do ar!*

No ar um anúncio de um filme em cartaz no Cinema Tivoli, *The Sting*, em que o locutor recomenda:

Não perca! A GOL-PA-DA! Um filme com Paul Newman e Robert Redford.

Vai ver o que se passa no Largo do Carmo, onde tropas golpistas teriam cercado o quartel da GNR. Chaimites pejados de soldados sobem a Rua do Carmo e dão a curva para vencer a Calçada do Sacramento ovacionados pela população, que lhes estende cravos vermelhos.

O largo apinhado de populares e tropas, misturados uns aos outros numa balbúrdia incompreensível, dadas as circunstâncias. Tanques postados nas duas entradas superiores da praça e atrás do chafariz, mais um canhão ao seu lado, apontam para o quartel, onde o presidente e o primeiro-ministro estão presos. Ora e vez o comandante do destacamento, capitão Salgueiro Maia, empunhando um megafone, dá ordem de rendição e ameaça arrombar o quartel. Soldados instruem os populares que não serviram o exército para que tapem os ouvidos e abram a boca caso sejam disparados tiros de canhão, o que não chega a acontecer.

Regressado há pouco da Alemanha, onde trabalhou na secção portuguesa da Deutsche Welle por não ter o que fazer em Portugal, Adelino Gomes age por conta própria com o seu Nagra a tiracolo. *Porquê não estás a fazer nada?* – pergunta-lhe, e ao lhe responder não dá resposta alguma: *Porque estamos proibidos de dar notícias disto.*

Volta à rádio, onde o chefe captou a frequência das tropas golpistas, que se chamam uns aos outros de Papa Mike número tantos e quantos.

Papa Mike 4 para Papa Mike 7. Estamos na Avenida Almirante Reis e não sabemos como fazer para chegar à Graça.

- Ora o caraças! Estão perdidos, não conhecem Lisboa! Sobes a Rua da Palma e estás logo lá! – goza, enquanto a rádio emudece até o Papa interpelado dar instruções.

Vai à Brasileira e, como se nada de anormal se passasse, come como sempre um sanduíche misto em pão de forma com um Compal de alperce e volta ao Carmo. Na Praça do Comércio os legalistas renderam-se e tudo indica que é aqui que se desenrolam os acontecimentos cruciais. Mãos nos bolsos, impotente por não poder transmitir o que vê, nem lhe passa pela tola recolher moto próprio, como Adelino, sons e impressões dos momentos históricos que vive. Vai ao outro lado da praça, de onde sobe para a Nova da Trindade. Soldados deitados empunham espingardas e metralhadoras aparentemente cercados por tropas da GNR. De lá vai ao da Misericórdia onde um tanque interrompe o trânsito na Rua do Alecrim. Volta ao Carmo, agora pelo lado sul, onde entre populares passa por outro tanque que impede a entrada e saída de veículos, ao lado de soldados agachados e deitados, armas em punho, frente a frente com tropas da GNR, e se pergunta o que será desta gente se houver algum problema.

No largo a população só pode postar-se até um cordão de isolamento formado por soldados em volta da área central do quartel.

Acontecimentos imprevistos, inéditos, cada golpe é um golpe, e normalmente os putschen militares acontecem para impor, não derrubar ditaduras. Gestos inéditos desde a mãe de todas as revoluções, 1789, 1830, 1848, o daguerrótipo, o cinema, o automóvel, a rádio, a TV, a Bomba H, o Sputnik, a máquina de escrever Underwood, a máquina de barbear elétrica, a guitarra elétrica, os *sit-in* contra o *Establishment* e a guerra do Vietnã, 1968. Gestos inéditos. Que se comete ou se vê em primeira mão absoluta. As calças e camisas justas ao corpo, floridas. Gravatas-babetes de nós enormes, floridas ou com padrões psicodélicos multicoloridos. Calças de boca-de-sino, a retomar uma tradição de marinheiros e fadistas. Os três acordes básicos dos blues amplificados e sustentados por baixo e bateria. O pedal wah-wah. Os sons de Hendrix. Sons de comoção, em que todo o corpo é tomado de um frémito como de um choque de prazer, um orgasmo bem conseguido ou dar a primeira passa num joint de haxixe fresco ou sentir o ácido a subir devagarinho e apossar-se do cérebro, todo ele, cosmos interno, conhecido ou indesvendável. Só desvelado talvez através de uma meditação de ioga. Pássaros de Fogo, Sagrações da Primavera, gimnopedias astrais.

Não é o seu primeiro golpe. 1º de abril, dia da mentira, dizem alguns milicos que agiam com boas intenções, acabar com a baderna do governo João Goulart, com raízes mais profundas, mas segundo alguns porque, pressionado por todos os flancos, o presidente não era firme nos propósitos e não tinha pulso forte, um indeciso... Ou pela equação mais simples: para Washington, tempo de "pôr ordem" no quintal latino-americano. Tinha Ed dez anos, recomendação de que a população não saísse de casa também houve, não houve aulas, ficou frente à TV na hora dos desenhos animados a ver parte dos acontecimentos ao vivo, porque os

estúdios de uma emissora ficavam quase em frente ao Forte de Copacabana, onde estavam as tropas cujo comando mantinha-se leal ao governo constitucional, para ele nada daquilo tinha grande significado, mas de qualquer modo o clima era outro, da agitação quase permanente do governo que se diria de centro-esquerda, compelido a implementar um programa de 'reformas de base', para uma outra fase, que o clima no ar e as caras velhas dos altos oficiais sublevados já faziam pressentir opressora.

Aqui não. Os sinais são de sentido oposto. Os comandantes operacionais, como Salgueiro Maia no Carmo, são jovens, e tudo neles leva a sentir serem gente como a gente, decidida a pôr fim à opressão. Seja como for, orientados por quem? Sob que orientação? As pessoas nas ruas temerariamente a acompanhar lado a lado com os soldados a evolução dos acontecimentos, a vibrar pelo sucesso da inssurreição e já a festejar a queda do regime que as manteve enjauladas toda a vida.

A multidão, que conviveu o dia todo, tu cá tu lá, com o golpe em curso, pensa que agora é tudo cá c'a malta e quer seguir os soldados também na tomada da Bastilha, ops!, do quartel da GNR, arrancar Thomaz e Caetano da prisão e justiçá-los a quente, como mereceriam, pelas atrocidades que promoveram ou de que foram cúmplices, quantas eleições fraudadas, quantos presos políticos mortos ou aleijados na tortura, quantos soldados mortos, 50 mil amputados, porque cá temos também um, dois, três Vietnãs.

O povo vibra, urra, quer a festa total, quando uma G-3 dispara em rajada contra o quartel. Quer, enfim, a revolução. A sua revolução.

O advogado de presos políticos, no caso, nada faz de original. Subir uma guarita, empunhar o megafone e discursar, agachado, cai não cai, à populaça, ainda vá. Mas não aponta com o braço para a frente, ou seja, para trás dele, para onde ela deveria avançar em caso de tomada da Bastilha, o quartel, como quer, e por isso impulsionara Salgueiro Maia a destroçá-lo com rajadas e sobre as ruínas ocupá-lo. Fazer terra arrasada do QG da GNR e abrir um vácuo até o Castelo de São Jorge.

A anarquia, sim... Não seria esse o inexorável passo a seguir? Ed não tem instrumentos e sequer é hora para teorias. Tudo o que lhe acontece, desde que começou a trabalhar em rádio e a publicar em jornais, isto aqui e agora, é só isso: *happening*, uma sequência de *happenings*, impulso primal da vida.

O advogado de presos políticos Francisco Sousa Tavares imita Camille Desmoulins fazendo o contrário de Desmoulins, a tentar evitar que a população se precipite para a Bastilha. Uma ducha d'água fria cai sobre o seu entusiasmo ao aperceber-se de que, apesar de muita gente ainda se sobrepor à sua voz amplificada aos gritos de *desce daí, carago! quem é que te encomendou o sermão?!*, o eficaz orador do Tribunal da Boa Hora leva a sua de vencida. Tem só 20 anos, é um tremendo *bringdown*, sente intensa frustração de *jeune gen enragé* que quer é ver o bota-abaixo e o resto que se exploda, vê-se depois, uma desilusão bestial, no mau sentido, ao ver que ele não se concretiza.

Já a turba serenara quando, quase noite, abre-se o portão do quartel e sai um chaimite a levar escondidos os hierarcas derrubados para o quartel da Pontinha.

Volta à rádio com a cabeça nas nuvens. Não tarda nada e chega Adelino a oferecer sons do fabuloso *happening* do dia e uma entrevista com Salgueiro Maia, mas qual o quê, estamos proibidos de dar qualquer coisa.

Ed é destacado para cobrir conferência de imprensa do general Spínola ou do Movimento das Forças Armadas à meia-noite, no quartel da Pontinha. Vai no Opel de reportagem, que finalmente começa a ter serventia, dirigido pelo diretor comercial da empresa e ao passarem na Estrada de Benfica leva outro choque.

- Você é que teve uma sorte grande, pá.

- Eu? Porquê?

- Porque a Pide estava a preparar a sua expulsão.

Ser extraditado de uma ditadura para outra? O que poderia acontecer-lhe? Vê-se a chegar ao Galeão e soldados o levarem direto para um quartel. Escapou por um triz.

Na Pontinha uma dúzia de jornalistas espera madrugada fora no pátio do aquartelamento, vendo vez ou outra Marcelo Caetano,

mãos juntas atrás das costas, cabisbaixo, a passar de lá para cá pela porta da caserna de comando. Faz frio, apesar da Primavera. O fotógrafo Carlos Gil é quem mais protesta contra o atraso da conferência de imprensa e, sem peias, já ao alvorecer, surpreende o oficial de dia e a Ed a reclamar por não se ter sequer oferecido um café aos jornalistas. Não é hora de estar indisposto e exigir o que quer que seja aos homens que nos fizeram o favor de mudar o rumo das nossas vidas. Meia hora depois estão abancados na messe a tomar o desjejum, que acaba por ser interrompido para irem ao local da entrevista.

Numa pequena sala, sentado numa das cadeiras alinhadas em frente a uma mesa, surpreende-se ao ver entrar, um atrás do outro, o general Spínola fardado a rigor, com monóculo e as condecorações que recebeu de Salazar e Caetano.

A coisa tem em Ed o efeito da aparição de Woland, o demo feito consciência coletiva em *O Maestro e Margarida*, num teatro em Moscou em plena era estalinista, quando interrompe um espetáculo de variedades com uma sucessão de números de magia negra num vendaval de arrepiar… e matar e, após distribuir divisas e meias de náilon pela plateia, interroga-se na chacota: *Será que esses cidadãos mudaram no seu íntimo?*

- Para quê? – pergunta-se Ed de si para dó.

A 'conferência' resume-se à leitura, pelo capitão Vítor Alves, ao que tudo indica o seu (deles) ajudante de ordens, do programa do MFA. Sabe-se mais tarde que os suboficiais que comandaram o golpe passaram a noite a discutir o documento com o general. E que o pomo da discórdia era a questão colonial e a libertação dos presos políticos. O texto declara extinta a censura, anuncia a libertação dos presos políticos e o cessar-fogo unilateral em África. Acabada a leitura o repórter precipita-se para o carro, onde é esperado pelo motorista da rádio, e em ânsia deixa-se levar até ao Chiado, apenas para 'limpar' os tempos mortos da gravação e editar na íntegra o texto do programa.

Treme ao abrir o microfone para, às 11.08h, ler uma breve introdução à gravação, o que lhe é feito notar horas depois pelo chefe. Queria o quê? Foi o primeiro a dar o programa. Nem que fosse o terceiro. Só prega olho às 18.15h, enquanto lê no ar quase duas páginas inteiras do *Diário de Notícias* em corpo oito com reações internacionais ao golpe, ninguém lhe encomendou o sermão mas a esta altura tudo parece ter cabimento. Da Islândia à África do Sul, dos EUA à Áustria e à Austrália, menos os países do leste europeu, Albânia e Jugoslávia, finalmente todo o mundo fala do país... por um bom motivo. Acorda com José Videira a bater no vidro do aquário – onde é que estava? nem se lembra, retoma da parte inferior da terceira coluna, alguns jornais adiante vê que já leu aquilo, salta algumas reações e de repente dá por findo o trabalho. Trinta e seis horas após o último, curto sono.

Na redação, papéis por todo o lado, uma montanha de tiras de telex, nunca as máquinas trabalharam tanto, nunca tanto papel ficou por ser lido, monte de tiras e folhas de comunicados de apoio ao golpe.

Domingo, 28 de abril. A redação é proibida pela administração da RR de noticiar a chegada do trem do regresso de Paris da cúpula do Partido Socialista Português e Mário Soares, com recepção apoteótica na Estação de Santa Apolônia na alvorada da Revolução dos Cravos, como é chamada, milhares em cortejo a seguir um dos heróis da resistência até à Estrela. Porque volta de trem? Porque tem medo de avião? Para fazer o grande *revival* de Lenine na Estação Finlândia?

Através do chefe o Serviço de Noticiários comunica à direção que, caso até às 13 horas da terça-feira seguinte não seja autorizada a cobrir a chegada do avião dos dirigentes do PCP de Paris, a redação entrará em greve três horas depois.

A resposta da administração é dada findo o prazo, por insistência dos trabalhadores, e a partir das 16 horas o noticiário é preenchido com um comunicado da redação informando sobre os motivos da primeira greve pós-25 de Abril no país. Às 18 horas José Videira comunica à redação que os técnicos decidiram aderir à greve e uma hora depois, após a leitura de um comunicado a exigir que, em conformidade com o programa do MFA, a administração renuncie a qualquer tipo de censura ao noticiário, a emissora sai do ar.

Houve até mortos e feridos na Rua António Maria Cardoso no 25, mas não há – outro fato extraordinário – qualquer limitação às liberdades democráticas. Pelo contrário.

As horas passam e a primeira informação que chega, por volta das 21 horas, é a de que o Padre Américo foi visto a dirigir-se a um retiro religioso na região de Sintra e a dizer ao director dos Serviços Comerciais: *fuja, fuja que eles ainda o matam!*

A RR volta ao ar às 23 horas com a leitura de um comunicado a dar conta de que, ao não dar cavaco sobre a reivindicação, a direção da emissora renunciou à sua administração, que passará a estar a cargo de uma comissão a ser eleita pela assembleia geral dos trabalhadores que se reunirá imediatamente. A primeira decisão tomada é a de reintegrar Rui Pedro e Rui Paulo da Cruz, ex-locutor da RR preso quando servia o exército por alegadas atividades subversivas como militante da Frente da Esquerda Socialista Marxista-Leninista (FEC-ML), e que acaba de ser libertado de Peniche. Autogestão. Invenção da Jugoslávia de Josip Broz Tito de

que Ed só ouviu falar através de jornais e revistas estrangeiras. Portugal abre nova página histórica.

Gerald Bitencourt

Três dias depois as ruas ao redor do Estádio da FNAT, em Alvalade, estão vedadas ao trânsito para dar lugar à manifestação que resulta no primeiro e único comício unitário do Dia do Trabalho e do Trabalhador, com a participação de Álvaro Cunhal e Mário Soares entre outros expoentes da chamada resistência antifascista. O carro de reportagem da RR fica estacionado em frente ao Cinema Império. Sozinho, munido de um UHER, Edgar faz todo o percurso até ao estádio, no qual enche quatro fitas de vinte minutos com gravações às vezes com reverberação porque o aparelho semiprofissional não é o mais adequado para transporte a tiracolo em reportagem e sempre que olha para o vulímetro ele está no vermelho. Faz o percurso de volta para entregar as fitas ao motorista, que as leva ao estúdio, onde são postas no ar como se a RR estivesse em directo. Regressa ao estádio, onde grava uma hora de comício e mais entrevistas, e de novo às imediações do Império, onde entrega as três fitas ao motorista, e mais uma vez a pé ao estádio e ainda outra até ao carro. Quase não dormiu na véspera em virtude dos acontecimentos. Exausto chega a casa, a 20 minutos do estádio, onde cai na cama a escutar a reportagem.

A CAPITAL

1.º DE MAIO

PORTUGUESES PASSAM NO TESTE

Todos os setores não vitais de actividade conhecem uma quase total alteração da rotina, própria de um acontecimento transcendental. Na RR sob autogestão as escalas só são respeitadas pelo homem de serviço nos estúdios, quase sempre no ar, porque a programação normal é interrompida a cada momento para se dar alguma nova informação e os noticiários chegam a colar-se uns aos outros, com notícias das decisões tomadas pela Junta de Salvação Nacional e acontecimentos banais que assumem interesse extraordinário, como a mera adesão de um órgão de classe ao programa do MFA, flashes de reportagem e entrevistas com representantes da sociedade civil, que os políticos estão demasiado ocupados a discutir com Spínola, Costa Gomes e os cabeças do movimento a partilha do poder no primeiro governo provisório.

Reunião de agenda em pé num estúdio e o chefe pergunta quem está disposto a cobrir a primeira conferência de imprensa de Mário Soares na sede provisória do PSP. Há quem torça o nariz. Ed oferece-se para ir.

- Com que então o menino a querer cobrir a conferência de imprensa do Soares?! Aqui há marosca!... – reage o chefe com sorrisos irônicos. – Alguma inclinação social-democrata?! – interroga, já a abrir o sorriso mais a mão e uma perna para a gargalhada. Ele sem querer saber de social-democracia (oi, Rosa *de* Luxemburgo!) ou meia democracia. E lá vai para a primeira intervenção do rádiomóvel em sete meses de trabalho na emissora.

Desde o início ninguém se entende. A lua de mel entre todas as forças e frentes dura exatamente uma semana, até ao 1º de Maio, o tempo de comemorar o reviralho. Súbito, corrida de obstáculos

pela melhor imagem pública – e Soares sai à frente a anunciar digressão ao norte da Europa para angariar junto aos amigos sociais-democratas, no poder ou perto disso, apoio à restauração da democracia no país – e nos bastidores todos já a engalfinhar-se sem que se saiba muito bem o que se passa. Sobrepõe-se a todas a vox populi que exige que Thomaz e Caetano sejam mandados para o Campo Pequeno – e todos os políticos e empresários que sustentavam ou se apoiavam no regime a reboque. O pretenso Estádio Nacional de Santiago do Chile da 'esquerda' em Portugal é o próprio templo da tradição marialva-ó-salazarista - quanto simbolismo.

Uma mão lava a outra, destaca-se para cobrir a chegada do voo com os exilados de Argel, com destaque para *A VOZ* da Rádio Portugal Livre, Manuel Alegre. A caminho, na Rua D. Estefânia vê uma faixa em cima da porta de uma oficina mecânica a anunciar

ESTAMOS EM GREVE

'Grande história'. Entra em direto às 16 e 20, chamado por António Castro, que ainda lê notícias, a relatar os motivos de uma greve numa oficinazeca, o que só se justifica por ser algo que até há tão pouco tempo não se podia anunciar assim em faixas e menos ainda noticiar, ou vice-versa.

Quatro horas depois está pela primeira vez no ar no *Página 1*, que encerra com uma reportagem especial de 20 minutos sobre a chegada do avião de Argel centrada em Manuel Alegre, com erreémes e os seus poemas musicados e cantados por Adriano Correia de Oliveira, e Alegre que se fizera triste, já forte candidato a 'animal político', com *todo* o tento deste mundo no timbre vocal e no entusiasmo.

Formada por representantes de todos os departamentos da pequena casa – administrativos, técnicos, auxiliares do telefone e da limpeza, jornalistas, locutores e produtores -, a comissão de gestão da RR negoceia acordo com o Patriarcado e o Episcopado de Lisboa para desmembrá-la do grupo – que se revelou ter, entre outros imóveis, uma data de cinemas e estúdios espalhados pela cidade.

Ed vai à outra banda no carro de reportagem com Rui Paulo da Cruz à cata de notícia sobre uma RGT nos Estaleiros da Lisnave e tomam conhecimento de que ali a dois passos estão a prender

pides. O prédio em que entram compõe um enorme quadrado de cimento que ocupa um quarteirão e no interior há como que uma praça de armas comum, transformada num imenso Coliseu em cujas altíssimas paredes ecoam arrepiantes gritos de populares em impiedosa caçada a *UM* pide. Nada mais compreensível, embora aterrador.

Não se sabe o que se passa nos bastidores na luta pelo poder mas por sucessivas ordens e contra-ordens vindas a público depreende-se estar-se longe de uma definição político-institucional. Thomaz e Caetano são mandados para o degredo temporário na Madeira a caminho do exílio no Brasil. A sensação é de euforia pela nova ordem política do país, que não se sabe exatamente qual é mas que ninguém duvida fundar-se em princípios democráticos de plena liberdade de expressão enquanto se vê o rumo a seguir e se o segue, fazendo-o.

O primeiro sinal de que passado o primeiro impacto de relativo caos provocado pela abrupta mudança as coisas voltam a uma certa normalidade é dado a Ed num início de manhã em que, como antes, o cantor, compositor e atleta Ruy Mingas, equipado de branco, sai a correr do prédio onde mora, na Ave dos EUA, do outro lado do Vá-Vá, a caminho do CDUL. O que faz diferença na cena em relação ao passado já remoto é uma pichação na parede embaixo das janelas de rés-do-chão por onde ele passa, com um desenho do mais típico exemplar do artesanato popular ao lado da legenda

O G LO DE BRCELOS

O PODER

Para quem esperou tanto por representantes do povo menos caricaturais que o almirante gagá e o primeiro-ministro caquético, a pichação ssinada é um acinte.

Passa-se um mês sobre a gloriosa data e no dia seguinte, sábado à tarde, cerca de dez mil pessoas reúnem-se no Rossio para a primeira manifestação da chamada extrema-esquerda em protesto contra a indefinição do governo sobre a guerra colonial.

NEM MAIS UM SOLDADO PARA AS COLÔNIAS

– lê-se num dos cartazes empunhados na vetusta Baixa pombalina.

O carro de reportagem está com RPdaC, a cobrir uma RGE na Cidade Universitária. UHER a tiracolo Ed segue Rua do Carmo abaixo para cobrir a sua. A manife dá uma volta à praça e ao atingir a do Comércio toca-lhe, ainda no início da Rua do Ouro, subir as escadinhas até à Rua Ivens mais os dois lances do número 5 da Rua Capelo a entregar as primeiras fitas e ir apanhá-la pela frente já na 24 de Julho, enquanto as gravações dão a entender que mais uma vez a RR em autogestão está na frente, em direto, em mais uma movimentação de massa da nova democracia.

Apanha o carro e nele segue a transmitir flashes regulares até São Bento, onde a manife anticolonial é encerrada e a Liga Comunista Internacionalista, através dos seus jovens dirigentes, curiosamente cada um a parecer a fiel reprodução do outro, caras de filhos de boas famílias, cabelo curto, camisas brancas ou claras e calças impecavelmente cortadas, lavadas e engomadas, convocam os participantes para subir a Calçada da Estrela até ao Hospital Militar para exigir a imediata libertação de um capitão do exército cubano preso há um ano na Guiné-Bissau quando se dirigia ao maquis para oferecer os seus préstimos ao PAIGC.

Entra mais uma vez em direto no *Página 1* e, baralhando os nomes, diz tratar-se do capitão *Angel* Peralta. Não é o único a trocar o nome do Guevara de 73 pelo do toureiro. Dois dias depois o *Diário Popular* publica legenda a ilustrar foto de primeira página em que incorre no mesmo erro.

Umas poucas centenas de trotskistas atendem à convocação. Chegados ao hospital decidem fazer *sit-in* até que Eduardo Peralta seja libertado. A reportagem da RR, reforçada por Leite Vasconcelos, dá notícias regulares do acontecimento até que, vindo da Rua Buenos Aires até mesmo em frente ao hospital, um número idêntico de militantes do Movimento para a Reconstrução do Partido do Proletariado (MRPP), a fazer uma não menos espetacular aparição no cenário, coloca-se face a face com o pessoal abancado no *sit-in* em atitude de provocação. Seguem-se escaramuças entre os jovens maoistas e trotskistas até que os mais novos filhos da Revolução Cultural (mesmo em idade) expulsam os sequazes de Ernest Mandel, que desaparecem no escuro do esquecimento sem deixar rastro.

A Renascença segue par e passo o acontecimento mas após o noticiário das 23 horas um milico que a esta altura já está no centro das atenções pelas suas atitudes bombásticas em prol do restabelecimento imediato da lei & da ordem pura e dura e que pela própria cara de tacho inspira antipatia em quem, como criança, delira com o espírito ao mesmo tempo de brincadeira reinante após

48 anos de jejum, aproxima-se lentamente da carrinha Opel creme, o proverbial ar carrancudo, farda verde-oliva com blusão de couro castanho e boina grená de rigor, o capitão Jaime Neves, comandante da Região Militar de Lisboa, abeira-se do carro até a janela do motorista, apoia o braço direito na janela e dirigindo-se primeiro ao homem que há um mês deu a senha para a saída dos militares dos quartéis, que se limita a olhá-lo impávido, e depois também a Ed, sentado no banco traseiro, declara:

- Boa noite. Comunico que os senhores estão proibidos de dar mais informações sobre o que se passa aqui.

E já se prepara para fazer uma retirada em grande estilo, como um lidador a pé após uma série de chicoelinas no touro, quando é surpreendido pelo homem a que começara a dirigir a *ordem*.

- Quem se responsabiliza pela ordem?

No ar de perplexidade e vexame que por alguns segundos se instala na expressão do capitão dá para sentir que as suas bolas, com a distância encurtada em virtude da posição em que se encontra, fazem ***tóiiiin*** no chão.

- O comando da Região Militar de Lisboa – responde a custo, mas já aparentemente recomposto.

- Só iremos acatá-la mediante notificação por escrito – lança-lhe o locutor e jornalista.

- Tudo bem, daqui a pouco a entregaremos – riposta a resignada autoridade.

Quem a traz é o ajudante de ordens. Leite entra no ar para informar que a RR interrompe a reportagem da Estrela porque foi proibida pela RML de noticiar o que se passa.

Mais uma vigília de Ed, esta menos cansativa, porque dá até para dormir a sono solto no banco traseiro da carrinha. Quando acorda os militantes do MRPP continuam abancados em frente ao hospital, bloqueando o tráfego do e para o Jardim da Estrela. Dos chaimites que desde o início da noite estiveram posicionados à entrada da Ave Infante Santo só resta um a vigiar a turba. Nada acontece pela manhã até que já perto do meio-dia ouve-se o barulho crescente de cascos de cavalos no alcatrão do outro lado do jardim, na direção do Cemitério dos Ingleses, de onde cerca de vinte deles, montados por homens fardados, fazem a sua aparição.

- É a tropa de choque! – gritam os emerrepumpuns alarmados já a retirar-se para dentro do jardim enquanto os cavaleiros armados e protegidos com escudos e capacetes começam a disparar bombas de gás lacrimogéneo para dispersar a turba.

Após um mês de férias forçadas a tropa de choque da Guarda Nacional Republicana faz a sua sensacional reaparição. Armado

com o indefectível UHER Ed corre atrás dos maoistas quando alguns deles já fecham o portão do jardim em frente à Basílica, sobre o qual voam bombas atiradas pelos geeneérres. Ed, que jamais esteve sequer perto de uma manife estudantil, seguindo o exemplo dos jovens irados ata o lenço de pescoço à cara e quase sem fôlego relata ao gravador os efeitos mais imediatos do gás lacrimogéneo num ser humano.

Findo o relato retira-se pelos fundos do jardim e apanha um táxi para a Renascença, onde o chefe e Leite discutem a atitude a tomar face ao primeiro ato de censura oficial pós-25 de Abril. Decide-se apelar ao ministro da Comunicação Social, Raul Rego, para que faça prevalecer o princípio da liberdade de expressão inscrito no Programa do MFA. Mal estreou no cargo e o ex-diretor do *República* já se envolve em quezílias, agora do outro lado da barreira. No contexto a dura admoestação contida no comunicado causa um forte abalo ao ex-resistente antifascista e velho republicano, que no gabinete dá conta de não se afeiçoar muito bem a um cargo em que, pela posição estratégica do PS, aparentemente entre a direita, representada pelo general Spínola e acólitos como o capitão Jaime Neves, e a esquerda, na presença do PCP, vive a pisar em casca d'ovos. O texto, transmitido de hora a hora, intima o ministro a vir a público dizer a sua sobre a questão, mas onde está ele que não se pronuncia? – reclamam adendas já no dia seguinte.

Entre uma e outra música já se ouve um ganda *instant-hit*, *Maré Alta - que a liberdade está a passar por aqui*, uma crónica *à la minute*. Que já estava pronta. De boas intenções e expectativas ilimitadas estamos a se regalar.

Na manhã seguinte, de regresso à Rua Capelo, novo baque com três chaimites e um camião do exército estacionados em frente ao prédio da emissora. Ed alça os olhos e vê soldados a olhar de uma janela banhada por um radioso sol de Primavera. A rádio está ocupada. Mas a maior surpresa vem quando, indo ao encontro do jovem tenente que chefia o destacamento, este faz questão de dizer que os soldados não estão ali a ocupar a rádio mas para protegê-la, *para que nada de grave vos aconteça*, frisa, e tranquiliza: *Os senhores podem continuar a trabalhar normalmente, que ninguém os molestará* – e de fato a maior parte dos soldados permanece lá embaixo, no caminhão, e os poucos que subiram mantêm-se no corredor de entrada.

A presença de tropas na rádio, mesmo que por um dia, provoca uma mais clara demarcação de posições entre os trabalhadores,

inclusive os produtores independentes, na verdade micro-empresários que com as convulsões por que o país passa há um mês estão a ver a coisa mal parada. Se nem gente como o chefe, António Castro, RPdaC e Leite, em princípio mais preparados político-ideologicamente, ou Ed, em princípio um principiante, sabem muito bem o que é manter uma rádio 'ocupada', como dizem as notícias que dão a volta ao mundo, imagine-se os gajos que nunca fizeram questão de ter uma. Autogestão, em Portugal e nas imediações a milhares de quilômetros, é coisa absolutamente inédita. Como 'autogerir' uma emissora de rádio que apesar de pequena é tão complexa, sobretudo quando se tem em conta que não é fruto de um projeto conjunto mas foi 'herdada' pronta. Falta publicidade com que se paga horas de antena e salários e nem passa pela cabeça de ninguém ir pedir ajuda oficial para mantê-la. Sempre com ar de *jeune gen enragé*, apesar de bem vestido e dos cabelos mais curtos, sem nunca tomar a palavra para dizer a sua mas sempre de acordo com as posições mais radicais, Ed sente os olhos de colegas dardejar pragas quando o encontram, mas nada é ainda dito às claras.

Num dos seus dois programas de frivolidades, a falar e passar discos para passar o tempo e meter publicidade, o produtor e apresentador Armando Marques Ferreira decide 'abrir o jogo' e em aparente diálogo com a compère lança o petardo:

- Agora parece que é moda ser-se comunista. Vejam só como se vive nos países comunistas. Na Polônia é proibido até fumar em restaurantes!

Diz-se já à boca pequena que os 'reacionários' que não cometaram crimes contra os direitos humanos terão direito a uma segunda oportunidade através de uma reciclagem político-ideológica – mas nunca, é claro, em cargos de responsabilidade e confiança.

Edgar almoça com Antônio Castro num snack ao fundo da Rua do Carmo. Falam da rádio e do que poderia ser do ponto de vista dos dois. Sairiam do ar ao menos cinco programas, o que quereria dizer sete horas de emissão diária de produções externas e boa parte da base de sustentação da emissora. Após anos de transmissão finalmente a rádionovela *Simplesmente Maria* – um dos maiores fenômenos de massa portugueses na 'primavera marcelista', que ressuscitou um gênero de que já se esquecera, os chamados 'folhetins do *Tide*' - está a um mês do fim. É com expressão de prazer, profundo gozo mesmo, os olhos rasos quais

os de uma criança, que estampa quando a sua faceta a modos de dizer mais anarca prevalece sobre as outras, que Antônio lança a ideia de proporem à RGT a suspensão da transmissão do programa. Coisa de velho anarca doido, que teria quase o mesmo efeito da explosão de uma bomba numa estação de metrô às oito e meia da manhã, mas que se levada adiante com galhardia e habilidade poderia até ser aprovada nestes dias de mudanças tão radicais. Paradoxalmente é o mais jovem dos dois que após o entusiasmo do primeiro instante lança água na fervura, alegando que dificilmente do porteiro e assistente dos telefones aos escriturários e produtores externos a maioria da assembleia iria aprovar uma moção do gênero, que empurraria grande parte da audiência, as donas de casa, para a frequência popularucha dos Emissores Associados de Lisboa e do Rádio Clube Português, que em Onda Média têm o mesmo perfil da antiga emissora católica portuguesa. De *Simplesmente Maria* a concorrência só teve os agora decadentes *Parodiantes de Lisboa*.

Mal empossado substituto de Thomaz o general Spínola decide também radicalizar e decreta a suspensão por 15 dias e multa pecuniária de 500 contos aos órgãos de informação que atentarem contra os 'interesses do Estado', sem precisar que interesses seriam. Pretende desse modo impor, pouco mais de um mês após ter ladeado o anúncio do seu fim, a censura interna nos jornais, rádios e TV. Para um órgão como a RR quinze dias fora do ar e multa de 500 contos seria o fim da picada. A comissão de gestão decide obrigar os jornalistas a submeter os seus noticiários à aprovação de todos os funcionários da casa em serviço, sem distinção, assistentes de telefone e empregados de limpeza incluídos.

Antes da RGT convocada para deliberar sobre a questão Leite Vasconcelos bota discurso para uma pequena plateia mista de trabalhadores de vários setores, entre os quais até produtores e realizadores independentes:

- Sócrates, o filósofo de quem todos já devem ter ouvido ao menos falar, costumava dizer que o sapateiro não deve ir além do sapato. Quer dizer, cada qual deve exercer as funções para que está mais capacitado. Recorro ao sapateiro quando quero sapatos, e não ideias, dizia.

Em desafio à ordem Leite Vasconcelos faz com que um seu noticiário da tarde seja rubricado por todos os presentes e finda a azáfama denuncia a aprovação de uma notícia segundo a qual o

presidente da República Popular da China, Mao Tsé-Tung, enviou um telegrama ao homólogo português, António Spínola, congratulando-o pelo 25.

O caso torna-se motivo de piada e no decurso do primeiro bate-boca na rádio desde o reviralho o 'repórter nacional', que também já não está a ver nada com bons olhos as convulsões no *Século* e na RTP, onde também trabalha e que até já foi alvo de uma ocupação militar, solta o verbo:

- Que rebalderia é essa?! Com o meu pão ninguém brinca!

O que passa a ser mais um motivo de piada:

- No caso pode-se até dizer que é o pão que o diabo amassou...

Leite Vasconcelos prova que o processo de auto-censura colectiva adoptado pela comissão de gestão não funciona e volta tudo como dantes. Mas o *tour de force* spinolista fez mossa.

É convocada uma RGT para decidir o que fazer sobre a questão e logo no início, sob a égide de um Cristo crucificado que ainda está ao alto da parede de fundo da sala de reuniões, alguém propõe a suspensão de seis dos oito noticiaristas da casa. Estão de fora apenas o 'repórter nacional' e o chefe, que procura manter-se o mais neutro possível em relação a todas as questões (ainda não se sabe muito bem porquê). Numa prodigiosa tentativa de inversão do quadro negro que se apresenta, revelando toda a argúcia de quem na militância clandestina foi habituado a pensar todos os termos de enfrentamento dos fatos com frieza pragmática, a um dado ponto da acalorada discussão, quando um dos supostos preservacionistas dos interesses da rádio e dos funcionários brada que não há como não afastar temporariamente aqueles que poderiam a partir de uma mera informação acabar com o único meio de subsistência de dezenas de famílias, por tratar-se antes de tudo de gente irresponsável que não merece a mínima consideração, RPdaC, que às vezes mal consegue falar ao microfone com dores num dedo mindinho aleijado em sessão de tortura, toma a palavra para recordar:

- Mas, camaradas, Jesus perdoou Maria Madalena!

De nada lhe vale o apelo aos bons sentimentos cristãos. É suspenso, juntamente com os outros cinco, até que futura RGT decida o que fazer com os 'radicais'.

António Castro, meio anarcóide, Ed jovem muito irado e rebelde, um e outro são apenas mais duas vozes no coro que decretou a chamada ocupação da rádio – e que de ocupação premeditada não teve nada – e pugnam apenas pela liberdade de expressão, cuja luta já custou caro a um e poderia ter custado caríssimo a outro. A ideologia de Ed, por indefinição e talvez por defeito, é a da paz,

igualdade entre todos e liberdade – sem limites? Não... Comunista no sentido marxista-leninista, trotskista ou maoista não é. Anarquista também não. Por estranha – mas compreensível, pela idade e a formação católica até ao início da adolescência – associação imagística, preto é cor de luto, morte, tristeza, destruição pura e simples. Não teve nem tempo de pensar nisso; em última análise, anarquia para ele é pouco mais ou menos o que passou a significar na acepção mais vulgar. E chega a dar medo;

Nem anarca nem hippie. Abolir o Estado? Como? Abre *Campus*, da colecção J'Ai Lu, da Stock-Paris, com trechos de emissões de Michel Lancelot, e relê diálogo de Leo Ferré e Claude Nougaro:

- *Ce sont les régimes qu'il faut foutre en l'air! Il faut touer chaque jour un chef d'État. Pendant six semaines. Pendant six mois* – proclama Ferré.

- *Mais*, objecta Nougaro, *dis-moi pourquoi? Ils vont être remplacés par la même graine.*

Regresso à comunidade tribal? Nem por sombras, nem Rousseau acreditava nisso.

Suspenso mas não inativo Edgar Lessa passa a acompanhar de perto o dia-a-dia da redação do *Cinéfilo*. A esta altura, como quase todos os locais de trabalho em Portugal, em especial os órgãos de informação, a Sociedade Nacional de Tipografia vive em grande ebulição. Controlada pela grande maioria dos tipógrafos, militantes do PC, a comissão de trabalhadores quer orientar a política editorial das publicações da casa e passa a manter sob alça de mira o semanário dos 'pequeno-burgueses' do cinema, que talvez só por má distribuição - e por boicote neste processo, porque cobre com total imparcialidade nomeadamente as vicissitudes da administração do primeiro gestor designado pelo MFA para a RTP, general Galvão de Melo, que reza pela cartilha de Spínola e Jaime Neves - vende apenas quatro mil exemplares.

Ao contrário do que acontecia na pequena RR, onde o seu único presumível representante – o chefe dos Serviços de Noticiários, que até aqui ninguém desconfia ser 'da cor', porque se omite de dizer o nome nos momentos decisivos -, redatores e tipógrafos da imensa (para os padrões portugueses) SNT dão a entender querer anular todo o empecilho às manobras revisionistas de Cunhal e companhia, que já deu a entender de sobejo compactuar na medida do impossível com as demais forças políticas que disputam o poder para dar o bote quando se proporcionar. Os

eisensteins da revolução portuguesa, A.-P.V. e Fernando Lopes, passam noites insones tentando convencer as dezenas de camaradas da RGT do *Século* de que a luta de uns é a de todos: liberdade de expressão e prosperidade coletiva. Ou será que não é? – perguntam rindo numa tarde em relato da última noitada.

Eisensteins mas nem tanto.

Jean-Luc Godard

Em maio de 1974, em Lisboa, um mês após o golpe militar que derrubou a mais longa ditadura da Europa qualquer reunião vira *happening* político relembrando a famosa foto de Lenine em São Petersburgo. Os profissionais de cinema participam com entusiasmo nos plenários de definição dos rumos do cinema português em democracia. Numa delas surge a inconfundível figura do primeiro militante internacionalista na festa da Revolução dos Cravos. Glauber Rocha toma a palavra e no estilo histriónico com que conquistou a *nouvelle vague* do cinema europeu bota discurso e o dedo em riste:

Gente, então vocês querem fazer o cinema português, um cinema novo, revolucionário, não é isso? Então... O novo cinema português está nas ruas, agora, enquanto vocês estão aqui discutindo se devem ou não pôr em prática as teorias de montagem do Dziga Vertov ou do Eisenstein ou a estética de Renoir! O cinema português, camaradas diretores, fotógrafos, operadores de som e montadores, está na rua, prontinho para ser filmado. Está sendo feito pelo povo. E o que o povo está fazendo agora, enquanto vocês discutem teoria, é a própria revolução que vocês DEVEM filmar! Qual é a função do cineasta? Filmar... Tem algum filme para fazer disso aqui? Não tem... Então, é simples: é só ir lá pra fora filmar. Vamos pra rua filmar, gente, e não ficar aqui só de blá-blá-blá!

Uma das primeiras capas da revista *Cinéfilo* pós-25 é dedicada a Glauber.

Nela o autor de *Deus e o Diabo na Terra do Sol* volta a dar brado ao defender o general Ernesto Geisel e a sua proposta de uma abertura lenta, gradual e segura do regime político brasileiro.

Vai mais fundo e diz que na conjuntura política brasileira, em que a classe dirigente ou é burra ou de direita, os militares são os únicos agentes capazes de promover a revolução. Seu colega de ânimo e de ânima tropicalista Darcy Ribeiro, que sonha com a criação de um socialismo moreno em seu país, explica que, exilado no Peru, convidou Glauber para visitá-lo e o diretor baiano tomou-se de entusiasmos pelo regime recém-implantado pelo general golpista 'de esquerda' Juan Velasco Alvarado.

Glauber deve ter antevisto no 25 de Abril a confirmação das suas teorias alegóricas. Mas nomeadamente para a chefia do *Cinéfilo*, que como antes do 25 prossegue firme no propósito de não impor qualquer tipo de censura interna, Glauber Rocha está mas é lelé.

Ed e Jimi conhecem Ivan numa tarde de primavera meio cinzenta como é quase sempre a da dita Revolução. Fazem a ronda pela redação para captar eventuais reações a uma reportagem doida que assinaram sobre a contracultura brasileira, Ed sempre com aquela de Paul Nizan na cabeça, quando se abeira um mulato com pinta de árabe dizendo:

- Oi, meu nome é Ivan, você também é brasileiro? – com um sotaque híbrido que não engana ninguém.

E, abilolado como sempre, em vez de dizer mas de onde é que você aterrou, cara pálida?, Ed entra no jogo:

- Sou.

Com ele saem para conhecer um casal de amigos brasileiros recém-chegado de Roma, uma ex-militante de grupo clandestino que teve de fugir com o jovem diretor de cinema pela Amazônia e foram até Paris, onde ele comprou uma Éclair de 16mm e um Nagra e de lá foram para Roma, onde Ivan os conheceu em Trastevere. Moram em big apartamento totalmente acarpetado com salão de dois ambientes, cozinha americana e dois grandes quartos, e de uma sentada Edgar conhece também o pai e o irmão gêmeo univitelino de Ivan, que quando se retiram, depois de uma pratada de espaguete com molho de tomate e vinho tinto, logo Luca Sussuarana, o jovem diretor, sai do quarto onde deixou o filho de colo do casal, Guarani, dormindo, e a rir com ar descarado tira do bolso da camisa azul clara um joint e do bolso detrás de

um par de blue jeans invejáveis, de pernas largas, uma carteira de fósforos e pergunta, a encostar a boca para um dos lados, sorriso sacana, *posso acender?*, como que para ver se não têm objeção, ato seguinte deitados no carpete em frente a uma potente aparelhagem Kenwood ouvem o álbum branco dos Beatles.

A casa, na Ave dos Estados Unidos, é quase ao lado da deles, e no dia seguinte de novo lá estão. Sussuarana, antes de acender o primeiro da noite, explica:

- Eu ontem fiquei assim meio que com receio de que você não fumasse disso que, só para informá-lo, é um perfumadíssimo *libanese rosso* que trouxemos de Roma – e vai de acendê-lo, e como em muitas noites do final de primavera da ben-dita Revolução lá terminam a *serata* deitados no carpete ouvindo peças de câmara de Tom Jobim, que parecem ainda melhores saindo das esplêndidas caixas de som com equalização impecável.

Vez ou outra lá encontram também o gêmeo de Ivan, que todos chamam pelo apelido de Peter, e que os hóspedes da casa dizem, dando voltas com o indicador virado para a fronte, que não é de se levar tão a sério.

- Mas é gente muuuuito boa – afiançam.

No placar da redação do *Cinéfilo* afixou-se há semanas a prova tipográfica da capa do último número da revista, condenada à morte pela RGT do *Século*, que toma as rédeas do destino da empresa quando já se fala na possibilidade de fuga em massa dos capitalistas, a borrar-se de medo com o rumo dos acontecimentos e, ameaçados de morte por esquerdistas exaltados, juntam-se a Thomaz e Marcelo no Brasil, para desespero de muitos que dizem: como se não bastassem os nossos ainda nos mandam esses caras (e são só os primeiros...).

A última capa do *Cinéfilo* é uma das piores de uma excelente coleção. Uma caveira em destaque sobre fundo negro e a legenda: *Este é o nosso fim.*

Mais uma desilusão dos novos tempos. Estranho que se mantenha o hino dos heróis do mar e a bandeira da esfera armilar, símbolo da colonização e por tabela colonialista, sinal de que pouca coisa poderá mudar. Revolução?! – e que revolução é esta?!

Como ante-estreia de um trabalho dos dois e Paulo Gil, director do departamento de Artistas & Reportório Internacional da Editora Valentim de Carvalho, de lançamento de parte do catálogo

do selo Odeon do Brasil com os principais compositores e intérpretes da chamada MPB, com sessões fonográficas para a imprensa, Ed & Jimi dão no Hot Club uma festa para assinalar o fim de um magazine a todos os títulos de cinema.

Noite de 4 de julho. Ele há coisas que não lembra ao Baptista – *Independence Day*. Presente parte da nata do jornalismo, da música, do cinema e do teatro portugueses. Ed e Jimi 'de galo', encontram Diogo Barata – o da agronomia das batatas - acompanhado por Caio Monicelli, que conheceram antes do 25 em cena no Teatro Experimental de Cascais com a produção de Ruth Escobar da montagem de Victor Garcia de *Cemitério de Automóveis*, de Arrabal. O ator brasileiro 'abusa', apresentando-se vestido com uma belíssima túnica árabe azul debruada de branco na gola redonda, no peitoril e nas mangas. Chega com Diogo de Marrocos com escala numa prisão de Beja.

Foram presos na fronteira da Espanha com uma boa quantidade de haxe tipo AA, que pretendiam vender, porque Caio não consegue trabalho em Portugal – ninguém de resto no teatro, porque as salas ficam vazias, já que O Teatro Está Na Rua – e Diogo já está vendo as coisas muito mal-paradas na faculdade, onde as agitações fizeram com que a sua formatura fosse adiada, até ver, *sine die*.

O famoso Mini branco que Ed viu pela primeira vez há ano e meio novinho em folha foi abandonado no Alentejo com o motor danificado por falta d'água no carburador.

Caio mantém-se ao lado dos dois junto ao aparelho de som, de onde noite fora, entre uma e outra ida ao quintal dos fundos para 'tomar ar' e muita cerveja, uísque, refrigerante (Caio, que não *bebe*) e que-joints, botam breves discursos entre duas faixas de toda a sorte de música popular do Brasil, parte fornecida por Zé Duarte, que volta a dar a Ed mão preciosa em matéria em que é craque.

A adrenalina vai aos píncaros sobretudo para Ed. Por volta da meia-noite, o espírito do Monk-mor sempre em volta - *paraparapa-param...* -, Zé Duarte desce a escada sorridente, põe a mão no seu ombro e, estancando o sorriso, como um profissional, a boca colada à porta do seu ouvido direito, anuncia que vem da Renascença, de gravar mais uma série de *Cinco Minutos de Jazz*, onde – à revelia do bando dos seis 'do Mao Tsé-

Tung'- acaba de se realizar uma RGT para decidir a sua sorte, e arremata peremptório:

- Estás despedido, pá!

Podia ter sido no 14 de julho da mãe de todas as revoluções.

O mesmo mote, meses depois. Quem se preocupa em perder (mais) um emprego aos 20 anos? Não está sozinho. Ao contrário, muito bem acompanhado num 'despedimento político' para ele – embora saiba que tudo é político – sem política à mistura. Ética profissional. Jornalismo. Que ou é verdadeiro ou f... De resto a festa é um sucesso, o Hot a abarrotar como nas melhores ocasiões apenas para ouvir-se discos, beber, fumar, estar juntos. Fosse gastar dinheiro para fazê-la e não seria o mesmo. Sai às oito da manhã no Saab de Dora, que acaba de conhecer, já em estilo beat, pela estrada fora rumo à praia do Guincho, onde beatificamente dorme a sono solto até que a meio da tarde alguém se lembra dele e saem à sua procura. Passa dois dias quase sem poder andar, o corpo a não suportar nem a queda d'água da ducha, quase morrendo de insolação.

É como um rito de passagem de uma fase da vida a outra, após mais de quatro anos sem praia e, sem que ainda o saiba, no intercalar entre duas fases muito distintas - o sacrifício pelo escaldão que o deixa como uma chamuça. Na sequência, alguns dias depois, a lavagem cerebral – no bom sentido – do primeiro ácido, tomado ao fim do dia na Rua Cidade da Praia e em cuja subida Dio decide fazer a barba com o que encontra na casa de banho e corta a sua pela primeira vez. Onde estava a barba, a pele branca de anos sem sol. Não pode nem ir à praia para tentar equilibrar o conjunto. Terá de esperar até a nova pele 'amadurecer'. Vai-se ao cinema Condes ver *Aquele Inverno em Veneza*, de Nicholas Roeg, com David Bowie, Ed não gosta e lamenta que o mago do transformismo da terceira geração tenha alinhado na empreitada. Não sente sequer o clima de Veneza.

Mal recuperado, comparece à primeira de uma série de conturbadas reuniões no Sindicato dos Jornalistas para debate da questão do despedimento dos Seis a partir de um protesto do Grupo de Jornalistas Progressistas, uma associação a todos os títulos informal de escribas de várias tendências políticas de qualquer modo à esquerda, ou acima, ou abaixo do PCP, formada

há dois meses e que se reúne aqui e ali, em casa de um e outro membro.

As reuniões do GJP são marcadas por acalorados debates sobre a política de comunicação social do I Governo Provisório e o papel do grupo nas redações. Nunca há mais de uma dúzia de jornalistas mas, pelas bases absolutamente primárias sobre que se desenrola a sua atividade, com reuniões convocadas pelo sistema de boca-a-boca, como num aparelho clandestino, a repercussão da 'entidade' é espantosa.

A abrir os debates, gente vaga ou claramente identificada com a corrente dita marxista-leninista toma a palavra e discute longa e detalhadamente aspectos às vezes sem importância até que, já para lá da meia-noite, quando tudo parece esclarecido, o cansaço já a dar cãibras na língua e com aquela ânsia de tomar umas imperiais ou esvaziar umas garrafas bem geladas de Gatão – um *must* da estação que se afigura muito quente -, primeiro um, depois outro, enfim um terceiro dos largamente minoritários militantes do MRPum-Pum tomam a palavra e, entre desabafos do tipo *lá vêm estes gajos*, *era o que faltava*, lá conseguem fazer alterações decisivas nas moções que, aprovadas em votações sumárias, já quase todos de pé a arrumar as calças e os papéis, entrega-se a um ou outro membro encarregado de cuidar da impressão gratuita numa gráfica de um jornal e da distribuição, e ala que já se faz tarde.

Muriel

Uma das primeiras reuniões dá-se na casa de uma jovem que trabalha como operadora de som de um documentarista que acaba de chegar do centro da Europa Ocidental e não falha um acontecimento mais a sua câmera ao ombro, ao lado dos cabelos e barba à Bakunin.

Quem abre a porta da mansarda da Rua da Conceição a Ed é um jovem com cara de anjo que veste o que parece uma camisa de rúgbi do Chelsea apresentando-se como irmão de Muriel e a propósito de reuniões de 'jornalistas progressistas' e suas vicissitudes desata a falar não se sabe muito bem por que em filósofos pré-socráticos.

Entre o abrir e fechar da porta da sala de reunião, em que um grupo de oito jornalistas vê-se obrigado a sentar-se em círculo no chão, o debate em curso, começa-se a sentir o cheirinho agridoce de erva prensada de Marrocos e quando a anfitriã entra com uma bandeja na mão para servir o chàzinho é com quase pavor nos olhos que uma jornalista presente retira a sua tigela e põe açúcar, não antes de tentar certificar-se do verdadeiro conteúdo do líquido e do pó.

Finda a reunião num abrir e fechar d'olhos, não fosse talvez algum dos participantes ver-se sem mais nem quê a fazer asneira pelo efeito de alguma substância estranha, parte dos convivas se reúne com a dona da casa e o irmão numa mesa pé de galo em volta da base de metal com três pernas em curva de um lavatório de esmalte, sobre o qual foi colocada uma tábua e um lenço de cigana vermelho usado como toalha. Ed senta-se com alguns convivas num colchonete encostado à parede, de onde pretende gozar o pato.

Não terá havido outra sessão espírita mais concorrida. Ele só participara no ensaio de uma outra meses antes com António Castro, quando numa das suas fases de digressão por ramos bizarros da atividade humana, por princípio ou natureza curiosa e despreconceituosa, numa tarde quase sem notícias ele o convidou a ir até um estúdio da Renascença quase sem serventia para ver se o espírito de Pessoa, que nasceu ali ao lado no Largo de São Carlos, se manifestava.

- Mas como é que ele poderá manifestar-se? A mesa está fincada no chão e não há aqui nenhum objeto através do qual ele possa dizer alguma coisa! – protesta.

- Sei lá, pá. Vais ver que faz mover esta caneta ou as folhas de papel – retruca Antônio, fazendo o possível para não cair na gargalhada. – Fernando Pessoa! Se o senhor está a ouvir-me – contém o riso - por favor manifeste-se de algum modo... sei lá, faça mover a folha de papel. Poeta, está a ouvir-me? (Pausa) Parece que não. Parece que não correm bons fluidos para que ele se manifeste por aqui. Será por causa desse crucifixo na parede? – e explode na risada inevitável, com que se encerra a tentativa de comunicação.

Aqui, muito pelo contrário, sem que aparentemente alguém tenha feito qualquer chamada o tráfego está congestionado toda santa noite, com os 'fregueses' a ocupar a linha tão logo ela fica livre, o primeiro é um antigo colega de escola primária de

Lourenço Pires Gomes, que nem está à mesa, depois o seu padrinho, ainda vivo no Brasil, e que menciona nomes tipicamente 'brasileiros' de familiares de que ninguém jamais ouviu falar (telepatia?), enfim, o mais divertido, uma chamada para Muriel direto do além.

Diz que é um fuzileiro naval morto em combate na Guiné, o que num primeiro momento dá tom altamente dramático ao ambiente em volta da mesa, que caso se estivesse numa mansarda de um prédio residencial faria um inferno da noite do vizinho de baixo.

Muriel pergunta-lhe onde se conheceram.

- Na Acrópole – soletra o fuzileiro no Morse de abecedário por saltos da mesa.

- Acrópole?! Queres dizer os gregos no Cais do Sodré ou a Acrópole de Atenas?!

À mesa ou no colchonete os presentes explodem em gargalhada, mas logo retomam o ar sério quando o falecido martela furibundo a base da pia e o tampo improvisado.

- DE ATENAS!

Muriel lembra-se de que quando visitou as ruínas na colina havia um grupo de portugueses fardados de um vaso de guerra ancorado no porto.

- Eu estava com um vestido azul ou cor de laranja?

- Azul.

- É verdade - diz ela ao pessoal em volta. – Eu estava com este vestido aqui – explica, a chamar a atenção para uma peça reduzidíssima de algodão que lhe realça as formas perfeitas.

Procura-se nos arquivos uma informação sobre a morte do soldado que não é encontrada, o que não chega a ser contraprova de nada porque os boletins de guerra do Ministério da Defesa estão longe de ser fidedignos.

As sessões do Sindicato dos Jornalistas estão longe do esoterismo, mas também da monotonia.

O PCP empenha-se a fundo em que não se faça do caso dos 'extremistas' um bicho de sete cabeças que possa atrapalhar as suas manobras de bastidores e faz tudo o que pode para à partida derrotar uma moção a eles favorável. Ed nota que deles é o único de corpo presente a todas as sessões. À medida que elas se sucedem em ambiente cada vez mais efervescente mais e mais

jovens de Letras militantes da União dos Estudantes Comunistas são convocados para apresentar-se como jornalistas, porque ninguém precisa provar nada.

Vez ou outra um 'extremista' indignado levanta-se para interpelar um palestrante:

- Por acaso, camarada, tu és jornalista?

- Sou – responde-se candidamente. E fica-se por isso mesmo, não há nada a fazer.

Já para o final da contenda, quando um ou outro pede a palavra, o pessoal do contra começa a grasnar em coro:

UEC-UEC-UEC-UEC! –a transformar o plenário da Rua da Emenda num lago dos cisnes com muitos patos, para a euforia da petizada que a esta altura desdobra-se em redacções de moções para proibir este ou aquele de participar nas reuniões – *Rápido, uma caneta, uma caneta! Papel, dá-me uma folha de papel!... Não, ó, assim fica melhor... Camaradas! Moção à mesa! Camaradas, um momento! Ponto de ordem à mesa!*

Bakunin na câmara e Muriel com o seu Nagra e a girafa captando tudo, uma baderna incontrolável, um do pessoal do contra chega a citar Piaget para dar ideia da incipiência de postura dos jovens da UEC, que estão a poucos votos de ganhar a pugna, vota-se e aprova-se ao fim de uma meia dúzia de estafantes sessões uma moção que diz que nenhum profissional deverá ocupar o lugar dos despedidos mas qual o quê, já a marxista-leninista União Democrática Popular está lá infiltrada com uns quantos peões que servem de cunha para uma reocupação da rádio e tudo vai pro beleléu e fica por isso mesmo. Valeu pela diversão e experiência. É o que conta, afinal.

Lina Wertmüller 1974

O GJP prepara uma convocação de greve geral contra a falta de uma política clara do governo para a informação – no fundo a

exigir um decreto do substituto de Raul Rego, que já se pôs ao fresco, de 'nacionalização' das empresas jornalísticas.

Decide agendar a greve para o fim de semana em que o secretário geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, irá visitar o país. Ninguém irá ouvir falar de Waldheim e de um suposto aval da 'comunidade internacional' ao novo regime, se é que há algum. Dito e feito. E o clima nas redações é tal que apesar da falta de quadros e meios da associação a greve tem fortíssima adesão, com apenas um problema: o *Diário Popular* vai sair.

Mal passaram duas semanas sobre o despedimento coletivo. Desde a suspensão Ed não mais viu Antônio Castro, que entretanto começou a trabalhar nos Serviços de Noticiários do RCP. Noites antes da greve geral ouve as notícias e o amigo entrevista um tipógrafo do comitê de greve de um jornal sobre as razões da proposta de paralisação e ainda a meio da primeira resposta é interrompido e Ed é surpreendido com interpelações indignadas do entrevistador do tipo *mas, camarada, os senhores não veem que a agir dessa forma estão a prejudicar a luta contra a retomada do poder pelas forças que sempre nos dominaram?!* etc. e tal, insistindo sempre e cada vez mais no seu ponto de vista contrário à greve, numa clara atitude de mandar às urtigas a isenção, o que é quase regra geral a esta altura dos acontecimentos e ele lá terá os mais fundados motivos para fazê-lo, mas fico indignado. JCP diz que Antônio acaba de aderir ao PC por influência de uma jovem jornalista com quem namora, ferrenha militante do partido de Cunhal. Sobrevém enfim o Antônio pragmático, para quem convém antes do mais respeitar as regras do aparelho, e porventura dentro dele laborar contra certos dogmas, mas sempre em respeito ao centralismo democrático. *Jiisus Craiste!*

Concentração de uns dez gatos pingados à saída dos carros de distribuição do jornal tenta impedir a circulação do *DP*. E conseguem. O portão das oficinas dá de frente para o Conservatório Nacional e logo o pequeno contingente é reforçado por professores e alunos da Escola de Cinema que por acaso, sábado à tarde, saem de mais uma reunião, mostrando-se garbosamente à altura do slogan pichado com tinta azul na parede do edifício:

CONSERVATÓRIO ÜBER ALLES!

Com os manifestantes postados diante do portão os motoristas do *DP* decidem não sair mas uma das vans, carregada de jornais fresquinhos, está estacionada ao lado do passeio em frente ao Conservatório. Ninguém se mostra minimamente interessado em assaltá-la para ler as únicas notícias da tarde. Um diretor presente nem titubeia:

- Alguém aí tem uma faca? Depressa, pá, arranjem uma faca!

Aberto um canivete com lâmina de dez centímetros o cineasta posta-se de costas para cada pneu do carro, olha para um lado e para o outro, deve-se lembrar quem sabe de *Les Quatrecents Coups* ou *Pierrot Le Fou*, já está há muito na meia-idade mas os olhos e a boca são de jovem delinquente, e vai de tascar a faca nos pneus.

Nenhum jornal circula no fim de semana. Na segunda-feira o *DP* publica uma breve notícia a uma coluna da primeira página sob o título: *Kurt Waldheim deixa Lisboa*.

Falta ainda distribuir os panfletos de aviso à população dos motivos da greve e lá vai um grupo de meliantes a gritar entre risos de regozijo, Escadinhas do Duque abaixo:

- Notícias da tarde! Olha as notícias da tarde!

A pilha de discos de MPB da coleção dos brazucas, bastamente enriquecida com cópias de boa parte do catálogo da Odeon, foi direto do Hot para a sala de um amplo apartamento de quatro quartos com longo corredor de ponta a ponta no Bairro das Colônias, onde moram um disc jockey de boate, Dora e a sua filha de sete anos, Flora, uma outra *divorcée*, com filha da mesma idade, e um casal de jovens, Zé Augusto Varela – ex-marido de Dora e pai da sua filha - e Chabi.

Causa espécie que apesar do entra e sai reine ordem no local – imposta por Dora, sorriso juvenil, olhar pétreo quando necessário.

Ivan estende a Ed uma série de recortes de artigos de Pier Paolo Pasolini publicados no *Corriere della Sera* de Milão e no *Paese Sera* de Roma entre 28 de março e 11 de julho. Tenta entender o italiano, o que é difícil, mas não atina mesmo é com o raciocínio do realizador ao equacionar criticando as perspectivas de Portugal antes e depois do 25.

28 de março de 1974. Reagindo a quente à hipotética tentativa de golpe de onze dias antes, escreve que para os grandes centros capitalistas internacionais Portugal deveria por força deixar de ser aquela sociedade severa, parcimoniosa, arcaica e entrar na roda viva do consumismo hedonista.

A 10 de junho, ao tergiversar sobre o fascismo em Itália no pós-guerra, diz que 'o fascismo de Spinola' *seria um fascismo ainda pior que o tradicional, mas que não seria mais precisamente fascismo. Entre os dois, Marcelo e Spínola, o pior fascista* reale *é Spínola porque considero pior o totalitarismo do capitalismo de consumo que o totalitarismo do velho poder. De fato,* guarda caso*, o totalitarismo do velho poder não conseguiu sequer 'arranhar' o povo português: o 1º de Maio demonstra-o. O povo festejou o mundo do trabalho – depois de quarenta anos sem o fazer – com um frescor, um entusiasmo, uma sinceridade absolutamente intactos, como se a última vez tivesse sido ontem. É de prever no entanto que cinco anos de 'fascismo consumista' mudarão as coisas radicalmente: começará o emburguesamento sistemático também do povo, e não haverá mais espaço nem coração para as ingênuas esperanças revolucionárias.* E cita o líder radical Marco Panella: *São* paleofascistas*; portanto, não fascistas*. Talvez o cineasta visionário só se tenha enganado na interpretação a quente do 1º de Maio, que terá sido a Marcha Triunfal do 25.

Num primeiro momento Otelo, Victor Alves, Vasco Lourenço e às vezes Melo Antunes são os principais porta-vozes do MFA. Os políticos quase não dizem a sua, a não ser ministros, e quase em exclusivo sobre aspectos da gestão do governo no meio da balbúrdia. Quando é preciso um ponto de vista mais incisivo sobre questões político-institucionais põe-se o boneco dos homens fardados.

Quando os focos da TV são acesos Vasco Lourenço parece um boneco de pau, hirto, 'travado', como dizem os brazucas, como se tivesse tomado uma anfetamina stressante. Mas dá até compaixão ver Otelo a falar com o discurso desarticulado, talvez quem sabe com o próprio raciocínio baralhado, mas a Ed e a tantos outros causa a maior simpatia, porque tornou-se o personagem-símbolo da chamada Revolução, que em Portugal se reluta já em chamar dos Cravos porque a distribuição das flores de Abril aos soldados não teria sido gesto espontâneo mas fruto do trabalho das células comunistas clandestinas na própria alvorada da democratização do país, a sair da casca. Exibe-se Otelo com sua jaqueta de couro num

português titubeante e raciocínio arrevesado, mas ainda assim ele tem a aura do engenheiro estratega do golpe.

Melo Antunes, todos o dizem, era o mais político dos articuladores do Movimento. Candidatou-se a deputado pela oposição semi-consentida do Centro Democrático Eleitoral (CDE) nas eleições-farsa marcelistas de 1973.

Mas o único homem com um projeto político claro é o do monóculo, que por mero acaso – porque não há só premeditação quando se trabalha com notícia, é claro – a Renascença obriga a tirar a máscara pela primeira vez, por coincidência por volta de 28 de maio, data do golpe militar que redundou em 40 anos de Salazar nos costados, e a revelar-se como um dos pólos extremados nas contendas de bastidores, o responsável por os jornalistas terem ficado a secar toda a noite ao relento e ao frio no quartel da Pontinha, porque ainda tentava convencer os in-subordinados a não falar em fim da guerra nas colônias, não queria que presos políticos fossem libertados do pé pra mão, fazendo questão que se mudasse apenas o bastante para tudo continuar na mesma, Gatopardo que não feneces. A esta altura nem se sabe muito bem, mas consta que o homem do monóculo tá sempre lá, levado da breca, a tramar golpe sobre golpe e, naquela linha revisionista que leva muito boa gente a admirá-lo, o PC muito na sua a não denunciar nada, a fazer o jogo porque o seu jogo é levar a sua *avante!*, a tramar nos bastidores, a alinhar com os mencheviques (porque menchevique o é?). E a *Marcha do Avante!* é *top one* na rádio e TV.

Ed é também um puro, claro, bem mais jovem que qualquer daqueles marmanjos tudo somado simpáticos, uns mais outros menos foram os que nos deram a maior alegria das nossas vidas, claro, até certo ponto, não há premeditação alguma na 'ocupação' da Renascença – o que está na base é o impulso de preservar/consolidar a liberdade de expressão -, ele estava lá a ver e a viver aquilo tudo e em linha de máxima o que houve foi que, a borrar-se nos dois sentidos, o Padre Américo pisgou-se para o retiro na Várzea de Sintra e a bem dizer deixou a rádio por conta de quem a fazia, uma coisa é planear golpes, outra muito diferente é o acaso – ou o dedo de Deus, para quem acredita – a fazer a engrenagem pôr a máquina em movimento e esta a movimentar-se como que por fortuna e, veja-se só, Soares, não o homem do projeto político, mas o simpaticão carismático, quando Ed e JCP estão na Ribadouro a matar umas imperiais e uns pecebes depois d*O Último Tango em Paris*, uma da manhã, e ele a adentrá-la, ainda jovem,

bochechudo e bonacheirão, um calor de rachar, todo à vontade em mangas de camisa e sem sombra de seguranças, vai-se a ver a vir de mais uma discussão seríssima sobre os rumos desta merda toda e a cumprimentar toda a gente, mesa a mesa por que passa, isto sim é que é um figurão – olha lá, pá, ele a beber também o sru chopezinho, pois não é de estalo?, comenta JCP à socapa, e vai de fazer um brinde, sublinhe-se, não ao homem do projeto político, que nesse como é óbvio estamos a cagar, mas porra, ao gajo sem prosápia, tás a ver ou não tás?, que chega com toda a naturalidade à Ribadouro como à Brasserie Lipp e está-se nas tintas, não tem cá pruridos, abanca e toma cá com a gente o seu chopezito, são ou não são novos tempos, seja que merda for que venha a acontecer? – discursa JCP. E brinda-se.

Ed aproveita a entressafra para com elas, em horas de recolhimento em que toma ainda mais distância da visão *neo*marxista, fazer um balanço dos anos 60 e das possíveis razões do fim do sonho.

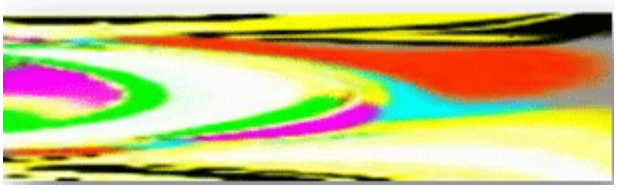
O sonho acabou, decretou John Lennon dois anos depois de Woodstock no obituário da era da utopia: *No fundo as coisas não mudaram. Apenas vestimos roupas mais vistosas e coloridas e há muita gente de cabelo comprido a flanar. Os mesmos pulhas, as mesmas pessoas de sempre continuam a mandar em tudo.*

Porque acabou?

Sendo Lisboa um dos polos da diáspora histórica luso-afro-brasileira Ed tem acesso via aérea a jornais e revistas marginais como Polem, Bondinho, edição brasileira do jornal Rolling Stone e Pasquim, todas as publicações brasileiras de circulação nacional e, graças à livraria Centro do Livro Brasileiro, a quase todos os livros publicados no Brasil, de Balanço da Bossa e as obras completas de Guimarães Rosa, Graciliano, Câmara Cascudo, Lins do Rego, Oswald e Mário de Andrade, Sousândrade e pi a fora a Me Segura Queu Vou Dar Um Troço de Waly Sailormoon, José Álvaro Editor, 1972. Incluindo Dazibao, no Rio de Janeiro, e os escambaus é difícil achar no Brasil biblioteca tão completa, e ele aproveita o pecúlio juntado quando saía de lá com braçadas de volumes, que agora estuda.

Conheceu Pepe Ardilles antes do 25 através do jovem fotógrafo portuense João Fonseca, que apareceu com fotos em preto e branco de Londres no *íssimo* e anda sempre com a máquina a tiracolo. Pepe, um notório desconhecido com pinta de Leonard Cohen e oriundo de uma ou outra loucura da Anar Jazz Band de Lima Barreto pela região nortenha, desce periodicamente a Lisboa para provas de frequência numa escola de jornalismo e com ele na cidade formam-se pequenos bandos de boas-vidas.

Prelúdio



Paira no ar cada vez mais entre os polos de grupos heterogêneos uma espécie de perfume com forte cheiro de resina, mais e mais nauseabundo à medida em que um cara se aproxima de quem o exala, quase sempre em exagero, chamado patchouli. Uma bicha muito jovem vinda direto do Algarve usa socas e os cabelos muito lisos até ao meio das costas, tipo índio americano, avermelhados de enê, com que também pintou as melenas curtas de Joana, ou Joan Crawford, cuja graça maior reside em aparecer quase sempre a trocar as pernas, to-tal-men-te louca, a bordo de peças de roupa transformadas em andrajos. Quem mais exagera neste particular é o namorado de Joan, Dio, o nosso Diogo Barata, cujos pais e irmãos, se o veem, não acreditam que aquele é o seu filho até há pouco tão 'bem' das Avenidas Novas, agora sempre coberto por uma jelaba surrada, como Joana, o ar andrajoso de freak. Entre os bandos neo-revolucionários proliferam os freaks, um dos novos termos da moda e, entre estes, um dos mais bizarros é o do algarvio, Dio, Joana e Candy, Candy Darling, de seu nome próprio André, 'irmã' de Zé Augusto, que fez uma operação 'na Europa' para mudar de sexo, uma transsexual que adoptou o nome da 'colega' musa de Andy Warhol e Lou Reed em *Walk on the Wild Side*, um dos maiores *hits* do momento.

Candy, Dio, Joan, o índio algarvio e às vezes Pepe formam a banda mais heterogénea da cena lisboeta, em termos de desbunda – como se começa a dizer, numa adaptação da tradução livre do

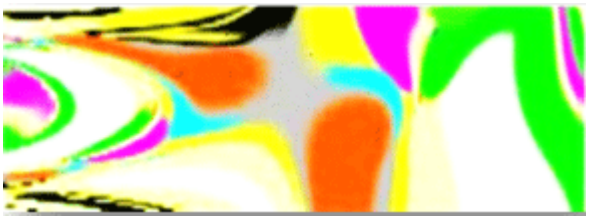
termo *freak out*, desbunde, de gênero masculino na origem brasileira.

Uma nova indumentária toma finalmente conta das ruas do país, a reproduzir quadros de grupos de qualquer cidade europeia ou norte-americana na segunda metade dos anos 60, que revê através das lentes de Charles Reich em *The Greening of America* no seu retiro de estudo & reflexão de Verão: jeans tornam a pessoa consciente do corpo, chapéu de vilão do Oeste, uma faixa de índio na cabeça, com presteza mágica, toques de teatro, expressões de um estado de espírito, roupa militar com botões e dourados a zombar do *military Establishment* e exprimir o amor infantil por uniformes e pompa militar, manta de camponês mexicano, chapéu à David Copperfield, botas de várias espécies, roupas de gangsters e mantos de fantasmas da ópera, calças com bocas-de-sino, que exprimem o corpo mas dizem muito mais: dão mais liberdade ao tornozelo, como se convidassem a dançar em plena rua - ninguém pode levar-se inteiramente a sério a usar calças assim -, cinto feito à mão, contas e decorações cosidas nas jeans, toques pessoais à produção em massa. Novas roupas negam importância à hierarquia, posição, autoridade e condição social e rejeitam a competição. Só não se recuperou o sinal de V...

Michelangelo Antonioni Blow Up

Quase ninguém do cada vez mais vasto círculo de relações de Ed toma álcool em excesso, a maioria nem tem o hábito de beber, e a droga que consome limita-se a haxe e LSD, que chega da Europa com os refratários e desertores que retornam. Há LSD além da conta e cada vez mais marijuana, porque quando o exército português, em respeito à letra do programa do MFA, cessa as hostilidades, em Angola os três movimentos de libertação começam a guerrear-se e em Moçambique alguns colonos armam-se para resistir, as coisas andam mal paradas, quem pode ou não vê meios de subsistir começa a voltar para a terrinha e os filhos dos tugas

transportam boas quantidades da melhor erva. Um dos efeitos mais estupefacientes do 25 é o do chamado boi-cola, vindo da região de Chongoroi, na província de Benguela. Basta dar uma passita e o sujeito sente como que uma sucessão de fortes espasmos na cabeça e os olhos a flamejar, em Ed há uma quase paranoia de olhar nos olhos de alguém e qualquer coisa que se diga faz o grupo explodir a rir. Como se a coisa abrisse perspectivas/janelas para o lado mais divertido da vida. A primeira tragada numa mistura de haxe com tabaco dá uma espécie de vertigem, calafrio, antes de mergulhar corpo e cérebro num torpor que torna mais compreensível o langor das melopeias árabes, provocando um quadro de serena introspecção. De início o boi mais forte dá a sensação de um turbilhão caótico. O ácido transporta a viagens cósmicas, como os manuais sobre a matéria consultados avidamente falam de sobejo. Por (de)formação, Ed desconfia dos ensaios pseudo-científicos que falam de gente a pular da janela sob o efeito de ácido lisérgico, atribuindo tais atos exclusivamente à droga.



Uma noite como outra qualquer Dora recolhe 150 escudos de quem queira tripar. Há-os para todos os gostos - pingos, purple haze, sunshine, orange, pink, um caleidoscópio de partículas da substância misturada com um pouco de *speed* para manter o sujeito bem acordado nas oito horas em que deverá durar o efeito. Alguns são *só speed*, ou estrica como já se diz na gíria entre expressões faciais de desgosto.

Esta é noite de *pink*. Um grupo de marmanjos, após a subida, decide apagar as luzes, alguns deitam-se no chão a ouvir música, umas dezenas de LPs alinhados no chão ao lado do som.

Quem chega anicha-se onde calha. Chega JCP, já tocadito, toma um acê e não se conforma com a *pasmaceira*. Começa a tergiversar no seu estilo delírico-poético, a reclamar das *brasileiradas*, certamente preferiria um be ou hard bop ou cooljazzito, e ainda por cima tudo calado como num enterro. *Ô, acorda cambada!* Dá um pontapé num ou noutro aqui e ali, um ou outro ri. Ri-se das suas boutades. Acerca-se da janela e ameaça atirar-se dela abaixo. Silêncio total, porque o disco chegou ao fim e por consenso tácito está-se a gozar o prato. Saltará ou não? Confirmar-se-á enfim o

mito dos pássaros tripadores? Suspense de frio na barriga, porque o homem é capaz de tudo. Dois passos no chão de tábua corrida da sala aliviam a tensão.

- Então, se se vai ficar assim, tudo aminhocado nas suas viagens in... ter... ga... lác... ti... cas... Tem piada... Sabem o que mais, vou mas é pisgar-me que isto aqui não rende nada.

Passos lentos até à porta. Barulho do trinco e da porta a abrir e a bater com estrondo. Três passos até ao primeiro degrau da escada de madeira. Um, dois, três degraus vencidos, quem sabe no escuro porque não teve paciência de acender a luz, e catrapuz-puz-puz-pam-pum, a enrolar-se escada abaixo até ao fim do primeiro trecho e um sonoro *que merda!*

A sala explode numa só gargalhada.

Noite vencida após muito rock, sai um grupo de oito marmanjos e marmanjas. Muriel e Sabrina, a sua irmã gêmea, de saias de cigana multicoloridas longas e rodadas. Dora de chapéu de feltro verde garrafa de abas largas. Caio despiu a sua bela túnica marroquina, que cedeu a Ed, em manso delírio no meio de uma gangue muito bizarra saída de *Blow Up* ou de antigos jornais de atualidades a mostrar as estroinices da macacada em Haight-Ashbury, clima interior e à volta do grupo da era *flower power*, um a olhar para o outro de vez em quando com a tacha arreganhada e olhos cozidos da noite insone e alucinógena, sem disparates, a descer a cinzenta Ave Almirante Reis que numa representação de aparente normalidade reproduz a cena matutina de qualquer cidade, com gente na maioria mal vestida em filas de bonde e ômibus com ar de sono ou a correr para não perder o transporte. Se Bakunin estivesse a cobrir também este 'outro lado' da revolução (a revolução das flores portuguesa, anos depois da outra, talvez em círculos muito mais restritos), entre um flash mais eufórico e outro em *slow motion* a banda sonora alternaria *I See You* e *Get To You*, dos Byrds de 66-67.

O grupo decide escalar Alfama até ao Castelo de São Jorge, que atinge em tempo recorde, porque enquanto se anda os pensamentos sucedem-se em catadupa, a apagar qualquer sinal de interregno na passagem do tempo, como as nuvens parecem passar a velocidade supersônica, e Ed, Jimi, Caio, Pepe e Mama Cass logo se vêem no comboio para Sintra, viagem inaugural de nova fase da vida. Escalam a serra da estação ao ponto mais alto do Castelo dos Mouros com um pé nas costas, a contemplar na tarde esplêndida a planície até Palmela, para sul, o Cacém, em frente, e Mafra, a norte. Dos jardins suspensos dos sarracenos a viagem histórica a

baixar e a fome a apertar decidem sentar-se na esplanada do Café Central onde degustam um lauto chá com travesseiros, queijadas, fios d'ovos e nozes – entre todos, pouco mais que o dinheiro para o comboio de volta e a sacrossanta pergunta no final: o que fazer? Pisgar-nos? Como, se daqui até a curva da rua ali embaixo vai uma distância grande?

- Já sei – ilumina-se Mama Cass. – Tenho um cheque, não tenho cobertura no banco mas não há problema. Abre aspas, pago, fecha aspas, eu.

É o primeiro "cheque voador" da sua vida.

O *speed* do ácido ainda a fazer carburar em pleno o quarteto abala para o Sebastião, como é mais conhecido o Bonaparte, um bistrô alternativo em Alfama aberto antes do 25 e onde devido ao alto teor alcoólico do organismo, certa madrugada, após uma meia-noite do Londres JCP tropeçou numa das tábuas da pequena ponte por onde se entra e caiu no pequeno lago embaixo, um achado do local, onde sempre se encontra boa parte da fauna noctívaga de lumpen e artistas entre umas garfadas no bom espaguete com almôndegas acompanhado de refrigerantes (Caio, que não toca em álcool), um tintozito alentejano ou um uisquito, tudo nos conformes graças aos auspícios do dono da casa, um militante da LUAR regressado ainda antes do reviralho das Bélgicas, onde padeceu no exílio.

Caio – e o brasileiro ri de uma boa risada ao usar a expressão, familiar aos seus ouvidos desde o início da carreira em Santos – tem conta aberta, pode pendurar mais esta no prego, e assim a gangue fica jantada. Ao som, como sempre, de Brassens: *mourrons pour des idées, oui... mais de mort lente, oui... mais de mort len-en-en-en-te.*

Loucura que é vivida por uma fauna cada vez mais internacional, com anarcas espanhois, exilados chilenos, esquerdistas de França, Itália e Alemanha, exilados brasileiros, retornados das colónias, até altas horas, noite a noite ao calor do Verão, a beber e a namorar nas esplanadas num misto de carnaval hippie-sessentoitino fora de época ainda mais sessentoitonto, em pleno Verão das Flores e do Amor português, a última revolução do século, como se diz, quiçá a primeira das definitivas.

De repente alguém num grupo inopinadamente pergunta *o que fazemos?* e outro logo responde: *há uma manifestação aqui ou acolá, vamos lá?* E vai-se, quase que por não ter mais o que fazer.

Vai-se a uma dos SUV, Soldados Unidos Vencerão. Tarde de manife na Avenida da Liberdade, onde é raro o dia em que não há uma ou mais. Ainda surpreende ver soldados fardados em manifes de apoio à implementação do programa do MFA e da radicalização do processo, a partir da derrota da 'reação'. *FORÇA CAMARADA VASCO! ABAIXO A REAÇÃO!* – é uma das palavras de ordem da tarde, de apoio ao novo primeiro-ministro, tido como afecto ao MDP-CDE, um 'satélite' do PCP. Manifes de organizações tidas à esquerda do PCP têm aspectos guevaristas, com muitos integrantes civis com boinas pretas ou keffiehs dos fedains – e Sabrina, a irmã de Muriel, é uma das mais entusiastas, juntando-se aos que se armam em coordenadores e a movimentar-se de um lado a outro a repetir as instruções dos líderes. A palavra de ordem chave, que passou a ser a própria imagem-síntese da 'revolução portuguesa', é repetida à exaustão a cada manife: *O POVO... UNIDO... JAMAIS SERÁ VENCIDO! O POVO... UNIDO...* Um ganda joint fumado perto do Hotel Mundial, Ed ainda se pergunta o que anda a fazer ali quando a procissão chega aos Restauradores. Uma outra manife, de direita, sai do Rossio na faixa de rodagem oposta.

Quando as testas das manifes estão para se encontrar há motivos de sobra para se temer o pior. As duas fileiras passam uma colada à outra no trecho que liga as duas praças. Elementos do serviço de ordem empunham megafones não para reforçar slogans mas para manter a calma, mas eles mesmos não se contêm: *Camaradas, atentos, não respondam a provocações! Camaradas, nada de provocações! Não nos vamos deixar enrolar pela jogada*

deles, que é só provocar para gerar violência. Vamos manter a calma e passar por eles sem incidentes. FASCISTAS DE MERDA! BURGUESES FILHOS DA MÃE! MORTE À REAÇÃO! MORTE À REAÇÃO!

O grande salto em frente do Grupo de Jornalistas Progressistas depois do sucesso da greve geral de julho seria a criação de um sindicato único de trabalhadores da informação, todas as categorias incluídas. A ambiciosa associação informal vê-se agora a braços com a organização de um plenário no Salão Nobre da Sociedade Nacional de Belas Artes.

Toca a Ed ir com um colega buscar uma aparelhagem de som à Parede, contributo do Partido Revolucionário do Proletariado, braço legal das Brigadas Revolucionárias, que ao que se sabe é a única organização antifascista que ainda mantém um pé na clandestinidade, porque nunca se sabe...

A reunião é um fiasco, com menos de meia centena de gatos pingados a fazer com que o recinto pareça ainda maior.

Dias depois JCP comunica-lhe que são convocados para comparecer a um encontro com Isabel do Carmo e o companheiro Carlos Antunes numa casa à Ave de Roma.

- De que se trata? – inquire, apreensivo.

- Sei tanto como tu.

Na noite marcada lá estão eles na sala de visitas do pequeno apartamento sobranceiro à linha de trem junto a outros camaradas, que são chamados à vez, como no dentista.

- Quem for primeiro diz ao outro do que se trata – combinam.

Acabam por ser os últimos atendidos e JCP vai antes. Quando se cruzam cochicha em resposta à interpelação do outro com os olhos, meio a rir e a cofiar a barba:

- Eu disse não...

Ed é convidado a sentar-se à mesa da cozinha. Isabel e Carlos mantêm-se de pé. Carlos caminha de um lado a outro com ar compenetrado e a cofiar a barba. É a corajosa militante, recém-saída da prisão com o marido, quem toma a palavra:

- Camarada, temos acompanhado a tua atividade e admiramos o teu empenho. Pensamos que poderás ser muito útil à causa, pelo que decidimos convidar-te para ingressar nos nossos quadros.

Ed limpa a garganta, não sabe o que dizer, balbucia:

- Bom. Sou um entusiasta da luta pela igualdade social e plenos direitos cívicos mas não sou do tipo que se filia a partidos. Não sei, mas não me sinto atraído por esse tipo de coisa, disciplina partidária, obediência ao coletivo... talvez porque na minha infância passei anos em colégio interno tenho aversão a disciplina de grupo. Respeito-os muito pelo que têm feito mas a minha resposta é não.

Tudo isso facilitado por saber que não está sozinho. Mas nem que a resposta de JCP fosse positiva ele tomaria outra decisão.

Pensa que o suplício - porque sente-se mal ali - chegou ao fim. Mas inesperadamente a Passionária lusa, num discurso acalorado, que a leva a não parar de um lado ao outro da chaminé, como se esperasse com ansiedade que a água do chá fervesse, enquanto o companheiro, parado atrás de Ed, segue-a com os olhos, insiste na importância do contributo para a causa.

- Não me vejo a assumir tamanha responsabilidade – corta Ed embaraçadíssimo e, sem outra saída, a julgar que com essa é que se safa:

- Além do mais, eu até sou brasileiro...

Por essa ela não esperava. Breve hiato.

- Mas camarada, não se esqueça que existe o internacionalismo proletário, em que assenta a luta de operários e camponeses em todo o mundo!

Por essa ele não esperava. Sem um bom argumento desiste de todos, diz sentir-se muito honrado mas de qualquer modo não se vê em condições de aceitar o convite.

E por aí ficam para o seu grande alívio e melhor proveito das imperiais e canecas que se avia a tomar com JCP, com quem ri muito do embaraço sentido e do peso que tiraram dos ombros quase como se tivessem se safado do exército na inspeção.

Aliás, com tanto Marcuse de primeira e segunda mão empinado nos últimos anos e em todo um Verão quase só de retiro para estudo & reflexão e pela sua própria origem, numa ponta extrema da sociedade ocidental, um país com pouco ou nenhum *know how*

tecnológico, a economia baseada na exportação de produtos primários em bruto e onde ainda existem extensos *lagers* de grupos tribais, é difícil não enxergar as diferenças e aceitar que seja aplicável, *urbi et orbi*, o princípio de internacionalismo proletário e o conceito marxista de um só processo histórico humano, porque apesar da fúria colonialista nem todos caminhamos ainda na mesma direção.

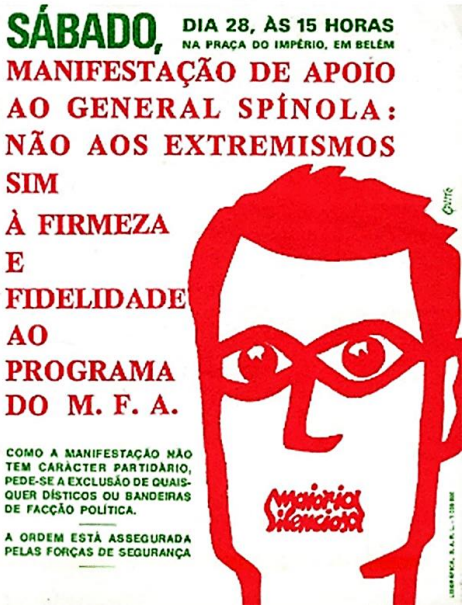
- E se caminhamos é melhor sustar logo a marcha dos que estão lá para trás, ao que se diz ainda na pré-história, como os ianomamis do Território de Roraima – prescreve Lu Silveira, em 'viagem de estudo da revolução portuguesa' após, num golpe magistral, ter pulado do playboysmo mod e do *bricolage* de feira hippie para uma carteira do curso de sociologia da Universidade de São Paulo, noites depois, quando uma janta na casa do correspondente de uma revista semanal brasileira, deslocado de Paris para dar o devido relevo aos acontecimentos portugueses, degenera em ardente discussão político-quase-filosófica.

- Mas isso é impossível! – escandaliza-se o correspondente.

- Ao ponto a que chegamos – rebate o sociologando neo-hippie - , é melhor sonhar com a Ilha da Utopia, ilhas de fantasia, vias alternativas, com o momento em que o espírito de taba, sem qualquer tipo de poder a não ser os sobrenaturais, possa voltar a prevalecer, a anos-luz da cultura dominadora que se expandiu de forma vil, autoritária, por todo o mundo, que amargar um pesadelo uniformizado à Mao Tsé-Tung. Marx pensava a sociedade humana no estádio de industrialização a que chegara na Europa e nos EUA, e quase só aqui, num tempo de diligências, locomotivas e barcos a vapor recém-inventados. Vai-se a ver e pela lógica do seu tempo o resto do mundo não deveria passar de um quintal, um subúrbio longínquo de Londres, Paris e Berlim e o índio era apenas um ser primitivo que só poderia ser digno da admiração de um Rousseau ou de um Montaigne, à margem do processo histórico europeu entretanto expandido a ele, índio mudo nessa história e que deveria escapar dessa. Depois dele vieram Freud, o foguete espacial e Marcuse a dizer que não tarda nada um estudante como eu será mais um negro-escravo no mundo de trabalho automatizado – se tiver trabalho!

Jean-Luc Godard

Por quanto tempo andou Ed solitário pelas ruas da Lisboa deserta no tempo da ditadura. Como esta madrugada, em que tropas substituíram os populares em barricadas montadas nas entradas da cidade para impedir o afluxo de aderentes ao apelo de Spínola à 'maioria silenciosa' para se manifestar contra os extremismos do também chamado processo revolucionário em curso e em que, depois de ver *Z*, de Costa Gavras, na das meias-noites do Castil, decide caminhar a pé até casa, a olhar as melenas do Edifício Castil com algumas janelas iluminadas e imaginar-se no remanso com uma jovem dama idealizada a escutar Joni Mitchell – melhor fora que com a própria - em clima de... total comunhão de interesses, *love*, ternura absurda.



Chegando a casa às três e meia da manhã decide não acordar antes da uma e desliga o telefone da tomada. Acorda estremunhado do habitual sono profundo pelas onze da manhã com o telefone a tocar. Deve ser um sonho, pensa, lembrando-se de tê-lo desligado. Volta a dormir. Não passa muito tempo e acorda de novo com o

toque do telefone. Vira para o outro lado e dorme. O telefone a tocar. Acorda. O telefone continua a tocar. Tão louco para insistir tanto, só pode ser Ivan, e esta manhã não está para ninguém, menos ainda para ele. Mas como o telefone está a tocar se o desligou da tomada? Levanta-se e liga o fio à parede. A campanhia da linha está colada ao alto na parede. A linha continuou ligada.

- Estou...

- Ed, e aí, tudo bom?

- Tudo bem.

- Ainda a dormir? Desculpa lá acordar-te... mas é mais que horas, caramba! Uma e meia da tarde! O que é que fazes, não queres vir ao cinema?

Pensa que mal saiu de um e já vai a outro e combina ir ver *Une Belle Fille Comme Moi* de Truffaut com Bernadette Lafont na sessão das quatro e meia do Apolo 70. Depois Ivan vai para a rádio.

Quatro e um quarto da tarde de sábado no drugstore Apolo 70 abarrotado. Um café, uma passada pela livraria, e quando estão a dar os bilhetes à entrada do cinema, Ivan desabafa:

- E deve haver uma porrada de trabalho no meu turno com o golpe.

- Golpe?!

- Então não sabes?! Diz que houve uma tentativa de golpe esta noite. Mas como, não ouviste falar?! Mas onde é que estiveste?! (Poder-se-ia estar em Marte...)

- Fui ao cinema à meia-noite, e por sinal vi *Z.* Voltei para casa e não falei com ninguém, porque Jimi não estava lá, nem liguei a telefonia. Golpe de quem?

- Do Spínola, parece. O Galvão de Melo está preso no Sheraton. Vamos passar por lá depois disto?

À saida do cinema pergunta-lhe:

- Mas explica-me lá, sabes de algum detalhe do golpe?

- Não sei quase nada. Só de uma suposta tentativa de golpe com o Spínola por trás. Mas parece que acabou. Vai-se a ver e foi só uma reação peremptória da esquerda às manobras do Spínola. Até eu sair de casa o Galvão de Melo, que também aparece envolvido na coisa, se recusava a render-se e estava no Sheraton, cercado.

Golpe dentro do golpe? A aventura continua cinco meses depois. Há dois dias, Vasco Gonçalves acedeu em ir à tourada de fim de estação... no Campo Pequeno... com Spínola para quê?, ser humilhado por representantes da chamada 'maioria silenciosa'. Anda cá com truques do *Tricky Dick* o homem do monóculo, que sem meios de sobrevivência num universo esquerdista convocou

para ontem uma manife em seu apoio da também por ele chamada de Maioria Si... que não houve.

Quem deu o golpe em quem – ou se antecipou a que golpe?

Nada é claro e está definido. Sente-se pela primeira vez que, como dá a entender o PC, que passa a vida a alertar para os perigos do esquerdismo – a *doença infantil do comunismo* -, a guerra de gabinete poderá levar a qualquer ponto, inclusive a um regresso ao passado com o homem do monóculo a substituir o de incisivos à tubarão.

Chaimites do recém-criado Copcon, chefiado pelo major Otelo Saraiva de Carvalho, estão à volta do Sheraton, onde uma multidão grita slogans como *Morte à reação! Morte à reação!* enquanto espera para ver Galvão de Melo sair algemado.

O homem do monóculo não engana ninguém mas no dia seguinte bota discurso na televisão a dizer que é um santo, queixando-se de que antagonistas não olham a meios para derrotá-lo e a acenar com o fantasma do *extremismo.* Espera-se que finalmente vá parar na cadeia, mas é-se obrigado a achar muito bom que se demita.

O Norte, e particularmente o Minho, parece prestes a incendiar-se, com a direita enraizada no poder local a tentar escorraçar os partidos de esquerda mais os seus grupos de 'dinamização cultural' da região. Vez ou outra é incendiada uma casa ocupada pelo PC. Do resto do país tem-se notícias de ocupações de fábricas e herdades. Também *O Século* está sob ocupação. A fuga dos capitalistas faz com que a emissão de passaportes pelos consulados brasileiros de Lisboa e Porto chegue a demorar quatro meses. No consulado de Lisboa, no Camões, a fila para pedidos de visto de entrada dá a volta à Rua da Emenda. Gente com medo do comunismo, muitos com fortes motivos para inesperadamente ter também de 'fazer o Brasil', como tantos dos seus compatriotas da mais baixa condição social nos últimos séculos. Ocuparam-lhes as fábricas, os negócios. Mas nem todos foram pegos assim tão desprevenidos, ou rapidamente arranjarão maneira de safar-se através de redes de recepção e auxílio articuladas no Rio de Janeiro e em São Paulo. Alguns recomeçarão vida nova investindo no Brasil rendimentos postos a salvo, porque o fluxo de capital dos bancos portugueses ainda não está sob controle das 'forças revolucionárias'. Champallimaud tenta a todo o custo obter das autoridades uma garantia de salvaguarda dos seus interesses e os do país, ao que assegura numa entrevista que consegue publicar em *A Capital*, note-se, agora dirigida pelo Desmoulins ao contrário. Mas ninguém pode garantir nada. Muitos dos que tomam o rumo

do Brasil foram escorraçados dos seus postos por colaboração ou no mínimo conivência com arbitrariedades do regime deposto.

Uma luz de farol na trajetória recente de Ed apaga-se em outubro. Consolidou a sua cumplicidade com Caio Monicelli uma noite em que, chegado à Rua Cidade da Praia, ele insiste em que o acompanhe a ver *Os Herdeiros*, filme de Carlos Diegues. Prefere ficar a ver uma fita de Hitchcock na RTP e está mais uma vez a fim de tudo e de nada após o *thriller* quando Caio regressa do filme e Dora chama-o à cozinha. Passa-se muito tempo até que Ed entra e lá está ele sentado à frente de Dora. Olha-o com embaraço antes de se levantar e sair. Vai atrás dele e encontra-o à porta da sala, onde ele comunica:

- Bom, estou de saída... e de despedida, pá – como se fosse a última vez que se víssem.

- Despedida por quê?

- Porque fui expulso desta casa, pá.

- Expulso por quê?

- Ó, pá – e nele a interjeição sempre tem um i de irônico -, porque ao sair para o cinema vi cinco escudinhos aqui sobre a mesa – e aponta para a mesinha de entrada – e peguei-os para tomar um café – só isso.

- Só por isso?!

- Só por isso, pá – e ri-se, intimidado, a pôr a mão na ilharga larga como a de uma varina.

- Se é por isso também estou de saída com você. Faz-me só um favor. Ajuda-me a levar os nossos discos.

Sobem à Graça com uma enorme pilha de discos em cada braço para dar-lhes outro pouso no apartamento em que Caio mora, cedido por um amigo, onde se encontram muito à tarde, quando passa a visitá-lo de improviso, sozinho ou com amigos. Uma vez com Pepe mais *Quarup*, de António Callado, na bolsa porque Caio pediu emprestado. A propósito da saga do padre Nando entre a religião e a ética individual e coletiva, a democracia e a ditadura, o contraste entre a cidade grande, a taba indígena e a indigência dos seus descendentes de meia costela, o sertanejo do Nordeste que abanca aos magotes em bairros espontâneos dos grandes centros do Sudeste, ele discorre sobre meio século de cultura e política brasileira como um acadêmico, sem as amarras do discurso acadêmico, sentado ou apoiado num braço sobre o colchonete da

sala, enquanto se faz e se fuma um charro de haxe e Pepe devora o livro de uma bocada em leitura dinâmica.

A última reunião do GJP a que Ed comparece dá-se naquela casa, numa noite muito quente em que a RTP exibe *Viva Zapata*. Caio, com o belo corpo de 120 quilos e cueca a imitar pelo de tigre, um televisor de 14 polegadas branco na palma de uma mão e a outra na anca diz:

- Não sei não, *pá*, mas acho que *Viva Zapata* é muito mais instrutivo e vale muito mais a pena que dez reuniões dessas...

A despedida é de arromba, até porque lá estão todos e cada um dos integrantes da 'comuna' da Cidade da Praia. À entrada, vestido com o seu traje das grandes ocasiões, a túnica marroquina, Caio dá um beijo e um abraço e deposita um ácido na mão de cada recém-chegado. Ed por princípio não toma LSD desprevenido e guarda o seu no passaporte.

Uma casa de doidos? Longe disso. Apenas mais uma das centenas de milhar de células em que se transformaram as casas e os locais de trabalho do país. Na Cidade da Praia havia como que uma espécie de república, e não fosse a diversidade dos 'quadros', vinte e poucos anos, uma mulher sozinha com uma filha, outra idem, um jovem solteiro e cabeludo e dois outros a formar o que se chama de casal sui generis, mais a fauna que lá caía à noite, às vezes aos magotes, e que lá pernoitava e saía, como se a sala não pertencesse à casa e fosse um território neutro para os de fora, dir-se-ia até um domicílio moderno 'normal'. O que seria de espantar é que todos lá, aparentemente, mantinham a vida 'normal'. Fora vez ou outra em que se tripava, às horas tantas, de manhazinha, era vê-los prontos para o trabalho ou para levar as miúdas à escola. Surpreende aliás que em quase todo o país a esta altura, apesar da enorme convulsão político-administrativa, quando tudo é provisório, e da balbúrdia reinante em todos os sectores o dia-a-dia prossiga como se nada de mais estivesse a ou para acontecer a cada instante. Só raramente as 'visitas' invadiam outras divisões da casa, entre as quais um quarto desocupado com um grande divã de gavetas embutidas, sempre coberto por um lençol aparentemente limpo como que à espera de algum viandante.

A destacar o carisma da que se impunha como a matriarca, nem suficientemente permissiva para que aquilo se transformasse numa verdadeira república nem minimamente repressiva. Estranhamente a ordem impunha-se como per se, mas pelo episódio com Caio é claro *quem* a impunha.

Nem de longe uma comuna, se é que há ou alguma vez houve alguma por aqui.

Nunca comeu lá. No bom sentido. No mau sentido, sim, uma vez, em que a coisa correu mesmo mal, a ponto de muito depois que soube que constava que ele 'ruim de cama'.

Bakunin na câmara e Muriel no som, Nagra a tiracolo, uma mão a acertar o volume de entrada, a outra a segurar a girafa do microfone, cigarro na boca, auscultador nos ouvidos, um vestido leve até ao meio das coxas ou uma saia de cigana, blusas de malha muito decotadas, com dois fios de alça, a realçar os belos seios sem soutien, tamancas de sola grossa, *uec! uec! uec!* no Sindicato dos Jornalistas, *ela vota, não, não vota, não é jornalista, voto sim, e quem és tu para dizer o contrário*, Bakunin na câmara e Muriel no som na manife dos SUV, em toda a parte, onde quer que fosse, depois de comes e bebes na Trindade ou numoutra esplanada a altas horas, mesa internacional socialista-situacionista-anarquista, a vida por aqui mudou muito, o governo pensa até em sobretaxar estabelecimentos comerciais a partir da meia-noite para coibir a gastança e a farrança noite fora, que só serve para arregimentar marginais, depois das atividades ativistas cervejinha e Gatão gelados nas esplanadas até quase ao amanhecer, cabarés rumam à falência – o Cantinho em autogestão e onde as putas já não trabalham como tal mas como passadoras de drogas - numa dessas noites, na sequência doutras antes, encanta-se pelo seu rebolado, boca de Mick Jagger, voz de Nico, a musa de Andy Warhol, meio rouca e sensual do cansaço e dos cigarros e numa dessas, garrafas de Gatão vêm e vão e ele, contra o que é hábito, um piropo e uma mão aqui e ali, pois ela também se insinua mas faz-se de recatada, *o que queres tu, o que é que tu queres, olha este gajooo*, um beijo no pescoço e um *aiii* de quem gostou mas ao mesmo tempo a afastar as mãos até que, tarda madrugada tarde, em grupo, sem Bakunin na câmera pela segunda vez desde a mesa pé de galo, Bakunin com quem também dividia a câmara de leito, e ala para a Cidade da Praia e da sala desaparece, amanhece, encontra-a sozinha no quarto vazio azul bebé, quarto da criança de Dora que não o ocupa, a fazer o quê? – *nada, estou muito cansada e acho que vou dormir aqui*, ele se insinua, ela *que é que queres*, joga-se sobre ela e o mesmo jogo, *coquette*, vai não vai, *que é que queres, hum?* e tira-lhe o fio-alça do ombro e baixa a blusa e, oh desilusão! os que pensava belos seios dela não são grandes demais mas o suficiente para, pelo peso, já terem descaído, aos 23 anos, e que belos seios foram, e vai os dois despidos sobre a cama nua, ela

já a murmurar *mon amour, vien, vien mon chou*, quase não entesa com aquelas reminiscências de Bruxelas, Paris, amanhece em Lisboa dia lindo e aí, nada, *ejaculatio praecox*, uma pena, que pena, dorme.

À festa só faltam Caradanjo, que a esta altura está de novo na Europa, JCP e Lourenço. De resto estão todos os do vasto grupo de convivência mais chegados à marginália neo-hippie. Mais para beat de beaten, batido, e não tanto beatífico, talvez. Foto de grupo ao amanhecer em Santa Ingrácia, as longas melenas de Pepe divididas ao meio da cabeça sobre a gola de pele da samarra, cigarro na mão, Ed mais os grandes cabelos cacheados, Sabrina de tacha aberta, como sempre Muriel mais contida, ao seu lado, Lana, mulher de João Fonseca, em cuja casa na Costa do Estoril Caio comeu muitos cornflakes no final de trips, Diogo e Joan/a Crawford e um bando de jovens cabeludos.

A vida *happening* constante, Tudo é normal. No Verão de 74 o Chiado recebe contributo extra de animação com a presença dos Dzi Croquetes, uma trupe de dançarinos criada pelo coreógrafo norte-americano Lennie Dale que após explodir nas boates da Zona Sul do Rio e São Paulo fez temporada de brado em Paris graças aos auspícios de Liza Minelli, amiga do dançarino. Lennie, que deu importante contributo à cena musical brasileira como produtor e encenador no período áureo da bossa nova, decidiu despir-se de pruridos e desbundar, criando no que começa a ser visto como o país da diversidade sexual um espetáculo de travestis meio underground, com muitas plumas e paetês. Sem Lennie, os Dzi estacionam em Lisboa para apresentar-se numa casa de espetáculos em má hora aberta no Campo Grande. Hospedam-se num hotel no Largo de Camões, onde à tarde, à medida que se levantam, promovem um frenético vai e vem entre os quartos que, talvez por uma estratégia de marketing, servem de camarins, de onde os personagens, quais loucas desabridas saídas de uma gaiola, desfilam Chiado e Rua do Carmo abaixo até ao Rossio, onde apanham o metro a dar *show*. Agitação marxista à parte Lisboa apenas começa a tirar os espartilhos de sociedade encerrada numa moral hipócrita e excessivamente provinciana – o *pequeno universo provinciano entre os astros* de Álvaro de Campos -, com tudo o que é associável a pecado e transgressão camuflado por muros de moral católico-pequeno-burguesa, formatada por papas do falso moralismo como os Antônios Salazar e Cerejeira, figura sinistra

felliniana crescida à sombra do ditador e uma espécie de seu braço direito no que se relacionava à preservação dos chamados bons costumes. O desfile das Dzi Croquetes Chiado abaixo tem o efeito de um desfile de carnaval do Rio de Janeiro no dia-a-dia da região, a cada dia. O samba apenas na cabeça, aquelas loucas de plumas e paetês a suscitar risos de um misto de embaraço e extroversão a fórceps entre artistas e intelectuais que por lá param ou passam e olhares de espanto e reprovação dos cidadãos comuns. O substrato *gay* da sociedade portuguesa extrapola da penumbra d'A Brasileira, onde encontra refúgio.

Ed aproveita para voltar a acentuar o ar andrógino e Caio também carrega nas tintas da provocação. Beijo na boca entre homens é coisa que não se usa em público desde a Idade Média, quando segundo estudiosos era gesto eminentemente masculino, que servia até para selar tratados de paz e alianças de guerra. Beijar-se na boca com um (mais ou menos) leve toque nos lábios recomeça a ser hábito em todo o Ocidente civilizado, não ainda aqui, onde porém Caio dá 'selinho' e acaricia os pulsos dos convivas só de provocação à porta d'A Brasileira.

Balançar – e *rebolar*, então, premissa básica no rock – os quadris é algo inimaginável. Luca Sussuarana dá-lhe um toque no sentido oposto, fazendo-o ver como nestes poucos anos de Europa perdeu o rebolado ao tentar sambar. Pudera!

A festa na Graça decorre normalmente, isto é, na maior loucura, todos em ácido, menos Ed, a quem no entanto não falta animação com a sucessão de charros tragados, o ácido a revelar-se como tendo o efeito oposto ao da introspecção em todos os que o tomaram, pois não há quem pare sentado, todos a olhá-lo com expressões eufóricas, Candy, Diogo e Joan, um trio do barulho, envolvidos numa questão bicuda, única ligeira confusão da noite, e volta e meia protagonizam cenas do arco-da-velha na cozinha. Ed senta-se no colchonete ao lado da aparelhagem enquanto circula mais uma cónica de haxe e *Ziggy Stardust*, de David Bowie, está no ar. A faixa acaba e Caio agacha-se para mudar o disco. Pausa na dança e na agitação. Caio pisca-lhe o olho com ar de sacana enquanto extrai da capa o primeiro disco de Zeca Afonso. Ed sente um *bringdown* do caraças e deve refletir isso no olhar. *Não, tá só a reinar, não será capaz de fazer isso.* Ouve-se Dio e Joan a discutir na cozinha. Entra no ar o primeiro disco de Zeca. Quem sabe Caio em onda de despedida da terrinha.

Vejam bem
que não há só gaivotas em terra
quando um homem se põe a pensar
quando um homem se põe a pensar

Quem lá vem...

- *QUE CORTEEE!...* Ó Caio.. – protesta João Fonseca com ar de profundo sofrimento, a expressá-lo todo, o corte. – Ó Caio, mas o que é que estás praí a fazer?! Ó pá, José Afonso?!!! Tira lá isso, pá!

O gordíssimo dono da festa apoia-se numa perna para se pôr de pé e engata discurso:

- Então, vocês querem fazer a revolução, não é mesmo? Pois então, pá, a hora é essa! E o que é que existe de melhor em matéria de música portuguesa? De onde é que vocês vão partir para fazer música moderna? Daqui – e aponta com a mão aberta para cima em leque, a desmunhecar, o ponto de partida do raciocínio, que sobretudo a alguém em ácido não deverá parecer nada lógico -, de José Afonso... Querem partir daonde? De David BOWieee, do pop de alta tecnologia?! Como?! Vocês nem têm aparelhagem para isso!!!... Então, vamos curtir José Afonso. É legal, bicho... Deixa rolar. Sintam, sintam... de onde vocês têm de partir...

E por mais um minuto fica assente que é hora de José Afonso e pronto. Até que a faixa acaba e o próprio Fonseca apressa-se a se agachar e a pôr Frank Zappa. *Overnite Sensation.*

Como a distância entre uma eira nas Beiras e a Lua.

Na última representação de Caio em São Paulo antes do *Cemitério de Automóveis*, uma encenação de *A Última Peça*, de Zé Vicente, ele e o irmão, Sérgio, tomaram um ácido e ao verem agentes da polícia em cena continuaram a atuar como se eles fizessem parte do espetáculo.

Houve tempo para foto de grupo ao amanhecer e para Ed dormir até se encontrar com o grupo que o acompanhou ao aeroporto ainda em clima de festa. Caio, sempre com pose de divo, despede-se com recomendações especiais sobre a conta no Sebastião:

- Quem puder, quando puder, pague-a por favor.

Ed e Jimi, com as carteiras profissionais nos bolsos, conseguem acompanhá-lo até a zona de embarque. Sentados num banco a olhar a pista no rés-do-chão, Ed diz que gostaria de ir com ele de regresso ao país tropical.

- Tenho até o passaporte aqui comigo (ainda com o ácido dentro).

- Eu também – acrescenta Jimi.

- Então, vem comigo, gente. Olha que barato, nós os três viajando juntos... Venham!

- Não; imagina, não tenho nem bilhete.

- Isso não é problema, cara. Daqui onde estamos é só olhar em frente e entrar no avião. Chegando a São Paulo eu arrumo uma maneira de levantar dinheiro para pagar as passagens, se houver algum problema no avião. Não vão recambiar dois cidadãos brasileiros com o passaporte em ordem só porque não têm o bilhete de uma viagem que já fizeram!

Ed lembra-se da ameaça de extradição de que não soube até 25 de Abril. Não será o caso de voltar agora. Se estava a preparar a expulsão a Pide poderá muito bem tê-lo comunicado à homóloga brasileira, o Dops. Nem pensar!

- Até que é tentador! – soletra Jimi, que pela expressão facial viajandona dá a entender ainda estar sob efeito do ácido, ou ao menos de um speed muito forte.

- Tentador é o caralho, bicho. Do que é que você precisa? Se tá afim de ir, entra no avião e que se foda!

- Eu não vou – diz Ed veemente, já numa tentativa de demover Jimi da ideia maluca e de o deixar ainda mais órfão. – Quero muito voltar, ultimamente penso nisso quase sempre, mas não é a hora. Há também o problema da minha extradição, vai ver o Dops já tem a minha ficha corrida de atividades aqui em Portugal antes e depois do reviralho. Há também a crise económica – e depois, o que é que eu vou fazer lá? Solemar morreu e, vai-se a ver, até já me esqueceram no Rio – e ir pra São Paulo, fazer o quê?

- Qualquer coisa, bicho. Você pode fazer qualquer coisa. Meio mundo me conhece lá, bicho, você pode trabalhar na indústria de discos, como produtor, sei lá, eu te apresento ao pessoal. O que é que eu vou fazer também? Recomeçar, como sempre, no teatro... Mesmo quando se tem uma carreira normal, sem interrupções, acaba uma peça, sai-se de cena, e ou se tem um projecto em vista com bases de produção, ou... – e abre os braços.

- Tá. Mas quase que deixei de pensar nisso e não estou preparado para voltar. Não é a hora. Quem sabe a hora é aqui, agora.

- A hora é lá também. Tenho a certeza. O Geisel já tá falando em abertura política, porque com a crise do petróleo a farsa do milagre económico através de crédito a rodos tornou-se insustentável. Como os homens não podem mais apoiar-se no mito do milagre não vão ter como aguentar a barra, mais cedo ou mais tarde vão ter de se apear do poder, não tem outro jeito. E o Brasil, com o potencial que tem de riquezas e de gente vai arrebentar, vocês vão ver. Aqui é como aquela imagem do *Quarup*, do Callado, quando Francisca

escreve para Nando a dizer que a Europa é uma pintura velha prestes a rachar. Tudo bem. Agora abrem-se novas perspectivas em Portugal talvez para algo novo, diferente... Diferente será sem dúvida, mas não é nem provável que se instaure uma, digamos, ditadura do proletariado, porque os americanos não vão deixar. Vai acontecer o quê, então? Ninguém pode dizer nada mas na melhor das hipóteses talvez tenhamos uma democracia burguesa à imagem e semelhança dos outros países ocidentais. A alternativa também, ditadura estalinista do bloco de leste, é foda, né? O Brasil vai pelo mesmo caminho, mas o potencial de riqueza e criatividade é muito maior. Não posso falar por você, mas eu também aqui, como é natural, não tenho o que fazer. A minha é lá.

- Sabe de uma coisa? Você me convenceu! Tou nessa. Vou com você – sapeca Jimi.

Caio olha num primeiro instante para Jimi como se não acreditasse no que ouve e como se pela primeira vez estivesse a aquilatar as consequências do convite, mas logo olha para Ed com ar de reprovação, como a dizer: eis aqui um homem de coragem, que você não tem, seu merdas.

Talvez nem seja isso, mas nem tenho como argumentar: você não dizia ainda em Londres que só voltava com o fim da dita dura? - Vai esperar, e nunca mais volta... Volta só com a roupa do corpo e, já carregado de toda a adrenalina para embarcar na aventura, a dar de ombros ao comentar:

- E já é demais. Espero tirar o jaquetão mal ponha os pés no avião e não vesti-lo mais, porque já agora só quero é ver-me outra vez no Rio.

Ed herda pequena quantidade de roupas e calçados londrinos e discos e livros do passageiro clandestino, que lá se vai ao cair da tarde de Outono a prolongar a viagem da festa, a ver se os raios da mudança irão brilhar também lá, do outro lado a Sul do grande mar. *Don't know why there's no sun up in the sky, stormy weather, since my love and I we ain't together...* – canta Etta James dos altofalantes do aeroporto. Jimi, soube dois dias depois através de curto telegrama sem detalhes, não teve problema algum no desembarque. Um milagre, pensa a roer-se de inveja.

A possível revolução tricontinental de que tanto se fala permanece ainda no plano do desejo. Chico Buarque surpreende num misto de mensagem de apoio, choro de inveja – *sei que há muito a nos separar, tanto mar...* - e pedido de envio urgente de um

cheirinho de alecrim, baforada de cravos. No Algarve começam as negociações entre o governo e os líderes dos movimentos de libertação sobre o futuro de Angola. É mais uma frente de atritos a abrir-se em toda a sociedade, porque nem só os brancos e mestiços naturais lá de tão longe e indivíduos ou grupos com eles envolvidos na metrópole têm alguma coisa a ver com aquilo, na medida em que a ninguém de bom senso passa pela cabeça a continuação da guerra ou a possibilidade de criação de uma grande federação luso-afro-asiática, o Commonwealth português spinolista. Ergue-se um coro de descontentamento em relação ao líder português das negociações, Mário Soares, os reaças a dizer que está a entregar Angola aos turras a troco de nada deixando-a entregue 'à própria sorte', como se ainda houvesse algo a negociar. Os 'africanos' estão em maus lençóis. Financiados pela África do Sul e pelos fazendeiros da Rodésia tentam tomar o poder e falham em Moçambique. Intensifica-se o movimento de chegada de 'retornados'. Os paquetes que antes transportavam ida-e-volta soldados rasos e cabos nos beliches de terceira e milicianos, suboficiais, oficiais e 'brancos de segunda' na primeira e segunda classes agora embarcam na ida tropas para a última comissão de serviço enquanto em manifes no Cais de Alcântara exige-se que não seja enviado *nem mais um soldado pras colónias* e voltam pejados de colonos e colonizados mais a sua tralha, deixada em contentores em Alcântara à espera de revista da Alfândega, que não dá conta do recado.

Em termos de governo os executivos bastante fardados limitam-se a tentar gerir o caos cada vez mais evidente e abrangente, enquanto nos bastidores e meandros políticos e sociais os partidos ensaiam articulações de tentativa de controlo do aparelho através dos ex-capitães de Abril que podem manipular.

A jovem direita, em representação da velha, encontra cada vez mais dificuldades, porque também a ninguém passa pela cabeça manter o regime de sesmarias de antes, embora a longo andar seja impossível subvertê-lo (mudarão as moscas, uma nova geração de capitalistas à boa maneira a substituir os que estiveram encastelados nos seus feudos, sem concorrência interna ou externa), e tenta criar um braço político mais articulado, através de partidos como o PPD, da jovem raposa Francisco Sá Carneiro, que congrega a ala independente da extinta União Nacional, a que o MFA também deu uma mãozinha ao afastar Thomaz e Caetano.

A direita 'burra' salva do naufrágio reúne-se em torno de partidecos como o PDC mas por trás dos panos associa-se a

mercenários na opção pela via extra-parlamentar tipo neo-fascista italiana, com atentados à mistura.

ELOÍSA OU
A MAIS NOVA HELOÍSA
OU ELOITH E O DESTINO

Uma noite de Dezembro, Edgar, equipado com um casacão de lã de largas listas marrons e beges a cobrir os quadris, muito andrógino *por sinal*, sai do cinema para um encontro com JCP no Convés, onde é apresentado a uma nova namorada do amigo, cabelo curto dividido ao meio, óculos ovais sobre olhos azuis cintilantes, sem maiores atrativos além deles e da graça juvenil, vista assim sentada, ao contrário, um queixo demasiado

pronunciado e os lábios finos decompõem a face interessante de ar pseudo-intelectual. Há um plim-que-plim de cintilação sensorial dela em relação a Ed, que de caras nota que ela se agrada de forma surpreendente de tudo o que ele diz ou faz, e ri como uma deslumbrada quando, ainda à espera da cerveja, ele faz com que a cadeira de arame se estatele no fundo da escada interior de acesso ao snack. Estuda cinema no Conservatório e não sabe ainda o que fazer na Sétima Arte. Talvez montagem, hipnotiza.

Combinam passar o fim de ano sem grandes alardes no Alto de Santo Amaro em casa de Manuel Deleuze-Guattari, um colega de JCP no *Século* que se encontra com frequência 'nas noites' bastante bebido. O apelido vem de que Manel, que teve uma péssima experiência na guerra em Angola, ser o único do círculo mais íntimo de notívagos a ter lido *O Anti-Édipo* e de o ter citado com frequência até se aperceber que o fato já era motivo de chacota. Ed conheceu-o – mal, como é natural – no Cantinho em regime de autogestão ('revolução' até no submundo), onde a esta altura, de sexo, diz-se a boca pequena, só se trata 'entre amigos', ou em horas-extras. *Drôle de révolution* à vera.

Lá está de novo a namorada do amigo, que como uma criança parece maravilhar-se com qualquer coisa que ele faz e nessa noite está com a corda toda. Animado pelo olhar de incentivo da pequena e da pequena plateia, de uma meia dúzia de pessoas, além dos eflúvios do fumo e do álcool, com Lourenço Pires Gomes e uma irmã, mima Billie Holiday e Nana Caymmi a cantar o samba-canção *Mentiras*, de João Donato, a jogar com os movimentos projetados como sombras chinesas na parede, tendo como complemento de cenário e testemunhas as luzes azuis da ponte sobre o Tejo, ao fundo da janela da sala. É uma manhã cinzenta, a primeira de 1975, quando se retira com JCP e a namorada para a Cruz Quebrada, onde ele mora.

Dorme numa cama improvisada no chão da saleta quando acorda a sentir uma pressão de pernas carnudas e lisas a deslizar pelas dele.

- Sou eu – responde a dona das pernas entre risos à pergunta muda do hóspede estremunhado.

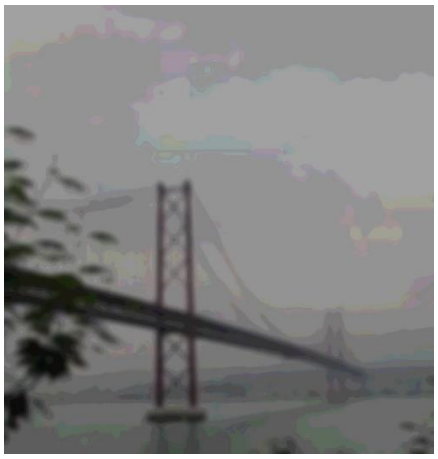
Enfia uma perna entre as suas e continua a rir enquanto mete um braço sob o seu pescoço e beija-lhe o rosto. Beija-a, mas ela ordena-lhe que durma e é o que ele faz de imediato.

No início da tarde vão a uma cervejaria em Santo Amaro onde combinaram almoçar com Deleuze-Guattari. JCP dormia. Guattari de olhinhos brilhantes de ressaca e como que a saudar a boda. Ed

e Eloísa – sem agá, como sempre frisa a rir, porque decidira tirá-lo do nome – formam um novo par.

Após o almoço, sobem ao Alto. O apartamento de Guattari é do tipo pequeno-burguês funcional: quarto, casa de banho, cozinha, sala com sofás de madeira e almofadões, uma aparelhagem Philips semiportátil e, como em muitos dos que frequenta, uma caixa de dez discos com uma preciosa coleção da Verve importada pela Philips que cobre o período da história do jazz das *big bands*, com Stan Kenton, à consolidação do cool. Deleuze-Guattari é da mesma geração de JCP e um dos homens mais desmazelados que conheceu, do tipo que pode usar sapatos sem meias só porque incapaz de encontrá-las no meio da barulheira da ressaca, incapaz de meter o cinto na presilha e a camisa arrumada debaixo das calças, de modo que um dos seus tiques é o de estar sempre, debalde, a tentar arranjá-las, além de babar-se todo quando come e, se já bebeu muito, ao ouvir uma tirada espirituosa ou uma piada, expelir a comida da boca em jactos que põem em risco e causam a maior repulsa a quem está em volta, mas os olhos doces e os gestos e atitudes o mais das vezes delicados, ao contrário dos bêbados comuns, inspiram-lhe ternura, que serve de contrapeso quando se vê a cogitar sobre se alinha ou não na ideia de ir comer alguma coisa com ele.

Apressa-se a convidá-los, dois bobos sem guarida. – - Se não têm onde ficar, podem abancar aqui em casa. Não me chateia nada, pelo contrário, fazem-me até companhia. Podem até ajudar-me à noite, porque por causa da merda da guerra tenho pesadelos terríveis e é tramado ficar sozinho nessas circunstâncias.



A vista da ponte iluminada, Bill Evans e amor. Alguma coisa mais para a plenitude? Pão, presunto, requeijão, ovos, fruta e sopa instantânea Knorr.

Eloísa, Jean Seberg *à bout de souffle*: porque parece mesmo uma daquelas garinas parisienses dos filmes de Godard, blue jeans meio coçadas e muito apertadas, camisas de todo o tipo, desde blusas decotadas em arco de ombro a ombro a batas indianas sem gola ou do género de senhoras do interior, com manga a três quartos, e às de homem, dele, que usa por dentro ou por fora das calças com sapatos de camurça masculinos, pulôvers e um blazer de veludo preto. O toque feminino, além de certas blusas, é dado por lenços e foulards que amarra ao pescoço ou deixa abertos a cair sobre o peito. Usa bolsa de veludo ornada com lantejoulas pouco maior que um porta-moedas.

Deleuze-Guattari é divorciado e tem um filho de quatro anos que só vê aos domingos, quando o leva ao Jardim Zoológico, onde antes do 25 era comum encontrar-se colegas e amigos *divorcés* mais os filhos de que vivem separados, quadro de dar dó, como é o seu.

Não morreu nem carrega nenhum sinal visível de ferimento mas é exemplo vivo, passe o pleonasmo, da pertinência da famosa frase de Raul Solnado de que a guerra pode não matar mas desmoraliza muito.

- Vi coisas do arco-da-velha. À chegada ao mato a primeira coisa que avistei foi o galpão dos caixões. Da minha companhia, de 120 homens, morreram uns trinta.

Um caso entre muitos em que é nítida a impressão de que o termo stress pós-traumático de guerra é curto para definir os efeitos de mais de um ano de missão numa das regiões mais flageladas da guerra colonial.

- Há anos que não tenho um sonho normal. Os pesadelos e as imagens da guerra são terríveis. Escuto os gritos dos feridos em combate, os meus companheiros morrem ao meu lado e não os posso ajudar. Muitas vezes acordo e ando aos saltos pela casa para esquivar-me de uma granada de mão que me atiraram às pernas. É uma sensação horrível... sei lá... de sufoco, angústia, uma coisa indescritível – conta em sussurro, devagar, como se cada palavra o fizesse sofrer ainda mais, as mãos a alisar as pernas ou a segurar nervosamente o copo, a largá-lo sobre a mesinha da sala, a agarrá-lo de novo, sem beber.

- Tomo uns comprimidos antidepressivos mas acho que já não fazem efeito. Não suporto ruídos nem tenho televisão, as conversas em voz alta, os barulhos em ambientes fechados fazem-me urrar. Minha ex-mulher ficou paranoica, saiu daqui arrasada por causa dos meus nervos, da minha intolerância. Às vezes penso em dar um tiro nos cornos e acabar com tudo de vez. A única coisa que me

detém é a imagem do meu filho a chorar junto do meu caixão. Não tenho o direito de marcar toda a sua vida com as minhas atitudes. Mas não sei se vou aguentar muito mais tempo.

Nada como os primeiros dias de enamoramento. Ed leva mão-cheia de discos para alternar com Parker, Miles, Dizzy, Evans, além de uma erva poderosíssima, que faz com que os sons de guitarra elástica da terra da dama elétrica se estiquem do núcleo às bordas de todo o espectro da sua emissão. Aqueles sons de espaço sideral e do centro da terra são fruto do efeito alucinógeno da danada.

As luzes púrpuras dos vértices da ponte piscam-lhes mesmo quando, deitados sobre as grandes almofadas quadradas do sofá postas sobre o chão, se amam unindo-se como nos enlaces mais zen quando o encantamento conjuga-se da melhor forma com o desejo animal básico, o boi a levar o êxtase ao topo do paroxismo. Findo o amor riem com a paródia de Zappa ao sonho-pesadelo hippie na saga de *Billy the Mountain* mais a macieira Ethel que cresce no seu ombro pela estrada fora, deixam-se levar pelas ondas eletromagnéticas de *Voodoo Child* e enlevam-se nas intrincadas malhas harmônicas e melódicas de *For The Roses*, de Joni Mitchell, a sorrir como doidinhos. Para tomar banho e cozinhar, *Stormy Weather* por The Platters e um *The Best Of Chuck Berry*.

Passam uma semana em que só descem a Santo Amaro para comprar comida. Delgá, como o chamam, pára pouco em casa. Acorda tarde, toma banho e sai para o jornal, onde o tempo se divide entre trabalho e muita agitação. Os trabalhadores da SNT e da ENP, que publica o *Diário de Notícias*, exigem a nacionalização. Não o ouvem chegar à noite porque vai para os copos, exceto uma vez, em que partilha da comida dos pombinhos e retira-se cedo para dormir, porque está estafado do acúmulo de lides diurnas e noturnas.

Os hóspedes ficam a arrulhar até que ouvem gritos angustiados vindos do quarto.

- Larguem-me da mão! Deixem-me em paz seus sacanas! Não, já disse que não! Aiiii! Não me apertem! Deixem-me em paz! Nããão!

Isto não é possível! Tá brincando ou o quê?! Vão até lá e encontram o amigo a contorcer-se de olhos fechados mas ar aflito na cama de casal em que se deitou vestido e dormiu com a luz acesa.

- Delgá, acorda – diz Ed, enquanto com delicadeza de mãe Eloísa sacode-lhe o ombro.

Delgá arregala os olhos a sair de uma vez do pesadelo, instantaneamente aliviado por se ver no seu quarto, na sua cama

e não num inferno, no Vietnã português. Síndrome *pós*-traumática?! O seu Vietnã só acabará talvez no dia em que deixar de fumar, se apagar.

Delgá sorri. Passa a mão na testa.

- Estava a sonhar que uns tipos tinham me apanhado e ao que parece estavam a torturar-me. Que loucura...

- Queres alguma coisa? Um chá?

- É, um chá caía-me bem.

Vão fazê-lo e quando voltam Delgá ronca. Já não precisa do chá.

Eloísa deixou a casa dos pais há dois meses. Vive num quarto alugado num apartamento de uma italiana sua professora de montagem na Escola de Cinema, divorciada e com um filho pequeno, em Benfica. Como boa pretensa cineasta tem na sua saleta uma reprodução de *La Fiumana*, um cliché das esquerdas em cartaz.

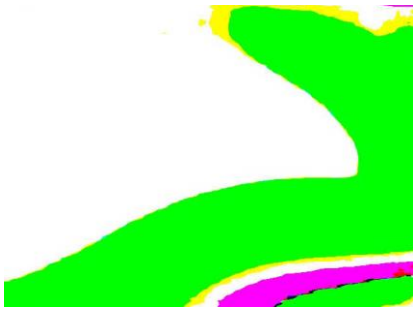
Decidem sair da casa de Santo Amaro para deixar o amigo mais à vontade com o seu trauma e fazem vida de ciganos. Encontram-se, vão até a casa de Ed, que desde a inesperada partida de Jimi passou a dividir com um primo para reduzir a despesa da renda, e o intimida, e daí a visitar amigos e a pernoitar ora aqui ora acolá.

Na de Bissau, um ramo tardio da célula da Cidade da Praia, que parece já desmembrada, Maurício Costa Leite, ex-marido de Flora, revela mais uma faceta de uma sub(?)cultura emergente, apesar do aparente insucesso da contracultura, a quiromancia. Ao ler as nossas mãos diz que o romance não vai durar muito e que pela linha da vida de nascença Ed vai morrer cedo.

JCP passou a casa da Cruz Quebrada a Júlio Andrade, um colega do *Século*, que lá se instalou no início do ano com um casal de amigos chilenos exilados de que há quem suspeita serem informadores dos esbirros de Pinochet. De todo o modo em casa de Júlio só se ouve Victor Jara e sobre o seu martírio no Estádio Nacional de Santiago.

Logo há festas rijas no local. Mais uma vez Dora fica de arranjar ácidos. Chega perto da meia-noite, quando um grande grupo de pessoas já se desespera de esperar. É um *clearlight* que, após a subida com *Sticky Fingers*, dos Stones, com uma pequena ajuda de um marroquino do bom, faz com que a dodecacofonia e o transe eléctrico de Hendrix em *Electric Lady* pareçam excessivos, ao ponto

de ser substituído por *Bananamour*, de Kevin Ayers, antes de os chilenos levarem a sua avante e porem Victor Jara, que é muito bom, mas pra tripar… um pouco triste, não? – argumenta Ed, cheio de dedos.



A dado ponto, os convivas sentados em círculo, sente que o trip está-lhe a dar para a telepatia. Entre o sério e a brincadeira decide não pensar em nada de eventualmente comprometedor em relação a si e quem se senta à sua volta, para não 'revelar' os sentimentos mais íntimos com os olhos... ou o pensamento, que é a sensação que tem ao olhar para o quiromântico. É o ácido mais forte que tomou. De manhã parte do grupo sai no SAAB de Dora pela Marginal na senda de Sintra.

of theof the void void

Por alturas da Parede, vendo-se no bólido, curva após curva o mar além da estrada, entre os buracos da mureta de proteção do passeio, começa a pensar que vão mergulhar, reemergir e escalar como uma aeronave da era de nazca os Andes até ao Pacífico, quem sabe influência das divagações em torno da hipótese de voltar à América do Sul, talvez do clima chileno na casa de Júlio.

clearlight of the void

Param no Cabo da Roca, onde Ed permanece em ondas marítimas, agora uma saga camoniana de naus a partir rumo ao desconhecido. De lá seguem até Penedo, onde ficam horas como lagartos ao sol no jardim da casa de Zé Augusto e Chabi. Vez ou outra fuma-se um joint de uma erva angolana que recarrega a potência do fungo de centeio sintetizado, neutralizando os efeitos da descida, em que o processo passa a ser dominado pelo *speed*. Voltam a Lisboa para jantar, quando se veem quase a morrer no

ponto em que, a caminho do restaurante em Campo de Ourique, ao volante do bólido de Dora, o ultra-eclético Maurício Costa Leite, que trabalhou como taxista em Bruxelas e integrou-se ao grupo de Júlio & Los Chilenos, e que além de quiromancia diz-se entendedor de astrologia e várias ias ocultistas, e que fora a mola propulsora do transe telepático-magnético de Ed no início do trip, torna-se responsável pelo momento de maior frisson quando, a viajar a velocidade inadmissível para mais em ácido, está a ponto de os enfeixar num bonde que interrompera a marcha numa paragem, obrigando-o a dar uma guinada à direita e enfiar-se como por um buraco de agulha entre os pimenteiros e um carro indevidamente estacionado ao lado da calçada, que evita por um triz.

De novo em casa de Val, Eloísa começa a dar sinais de descontrole. Diz que tudo isto está errado. *Viajar?* – pergunta-lhe Ed. - *Não, a nossa relação.* Ed desatina com o *bringdown*, o bota-abaixo agora seu também, talvez fruto do enfraquecimento do efeito do *speed*, o mesmo da queda da efedrina do Lipo-Perdur, que tomaram umas duas vezes graças aos bons auspícios de Gregório o Gregário ou Bom Gigante, um amigo viciado em anfetamina porque faz-lhe perder peso. O *speed freak* da banda

Eloísa sem H – a novíssima Heloísa? - quer ir para casa sozinha, um corte do cão. Quer porque quer e, sendo mulher, pode. Pegam um táxi e vão. Horas depois ela telefona a dizer que não foi nada, só uma tolice – *Que ácido! -, onde é que nos encontramos?*

Vão ao Universal ver *Os Fuzis*, de Ruy Guerra, tido como um marco do cinema novo brasileiro. Para a crítica, caso raro, misto de ganda estopada e obra-prima. À espera da sessão compram na tasca em frente uma garrafa de amêndoa amarga para aquecer. Quando o filme começa já ela vai a meio. Um grupo de soldados corre num descampado armado de espingardas e a partir dali Ed não se lembra de mais nada. Acorda com Eloísa a cutucar-lhe o braço e a esfregar o olho. Dormiu também. Tomam mais uns goles de amêndoa amarga e saem, chateados por não saberem quando irão poder ver o filme de novo. Dois dias depois voltam ao Universal em maratona de retrospectiva dos cinemas novos para ver *Numéro Deux*, de Godard, que não os deixa dormir. Mas no dia seguinte saem a meio de *Der Leone Has Sept Cabezas*, de Glauber Rocha, uma chanchada pseudo-marxista sem pés nem cabeça com Jean-Pierre Léaud num dos seus papéis mais ridículos, em todos os sentidos, entre tantos papeis ridículos geniais que fez com Truffaut.

Ivan está a morar sozinho na casa de uma tia, um apartamento de dois quartos ao lado do Instituto Superior Técnico. Sentado no confortável sofá da sala típica de um apartamento de classe média, em frente de uma mesinha de laca assente numa armação de madeira de abrir e fechar, Ivan enrola um joint. De banana do Malawi!

- Banana do Malawi?!

- Boi do Malawi. Os mânfios de Lourenço Marques costumam subir o litoral - não imaginas, uma viagem fantástica, com praias maravilhosas - e vão lá comprar deste boi, que os gajos lá colhem, metem em cascas de banana, depois passam meticulosamente, linha a linha, um cordel em volta da banana, tás a ver aqui, ó, já deteriorado, cordel, casca, boi, fuma-se isto tudo, e enterram por uma lua. O resultado é esta bomba que ora vos apresento.

Dziiiiiiing! – à primeira tragada e, cena seguinte, enquanto escutam Amon Düul II e Can, deutsche rock, Ivan está a convidá-los para ficarem lá em casa com ele, *podem dormir no quarto da minha tia, venham ver, ótima cama de casal, estão a ver?, ótima vista pro Técnico aqui da varanda, olhem só, eu fico aqui ao lado, venham ver*, um quarto todo em pantanas, em que só há um pouco de ordem numa estante com alguns exemplares da melhor literatura juvenil, *o único problema é que se alguém da minha família sabe que vocês estão a viver aqui vou meter-me num sarilho do camando, portanto vocês não podem abrir a porta a ninguém e só atendem aos meus telefonemas, que podemos fazer identificar por um código, dou três toques, desligo, três toques de novo e à terceira vocês atendem, ok?*

E de entrada propõe *ménage à trois* ou *partouze*. A dinamite, o espírito corrosivo, arrasador, a cabecinha a chocar loucuras.

Não! – rebate Ed de primeira. - Estou plenamente de acordo com Marcuse quando diz que a família está na origem de todos os males sociais mas longe de mim querer teorizar sobre isso, certo é que no íntimo penso que também essa revolução poderá bem passar sem mim.

- Não levem a mal – retrai-se.

- Não! Imagina...

Vida nova para o Ed e Elô em plena Revolução, fevereiro de 1975, Edgar Lessa começa a escrever sobre música popular para o *Sempre Fixe* e *o jornal*, que acabam de sair.

Nas manhãs de Primavera antecipada arrumam a casa a ouvir o disco de Gal Costa de 1969. Quase todos os dias passam manifestações em frente ao Técnico a ir ou vir do Ministério do Trabalho, na Praça de Londres, enquanto Gal canta de antes do recrudescimento da ditadura brasileira:

Coisa linda nesse mundo
é sair por um segundo
e te encontrar por aí
e ficar sem compromisso
pra fazer festa ou comício
com você perto de mim

Bananas do Malawi, zero-zero de Marrocos, *4*, da Soft Machine, Amon Düul, Can, Magma, Brian Eno integral pós-Roxy Music com *Taking Tiger Mountain (By Strategy)* e *Here Come The Warm Jets*, Kevin Ayers *(Sweet Deceiver*), Eric Clapton de *161 Ocean Boulevard*, Peter Tosh de *Legalize It*, de Santana *Borboletta*, Lou Reed em *Sally Can't Dance*, Velvet Underground e, inevitável em 1975, Genesis de *The Lamb Lies Down On Broadway* e Supertramp, *Crime of the Century*, mais Bob Dylan *Blonde on Blonde*, um excelente Nat King Cole da tia, *Dinner For One Please, James*, e um não menos bom EP de Agostinho dos Santos, a grande voz masculina do Brasil. *A noite está tão fria, chove lá fora, e esta saudade enjoada não vai embora....*

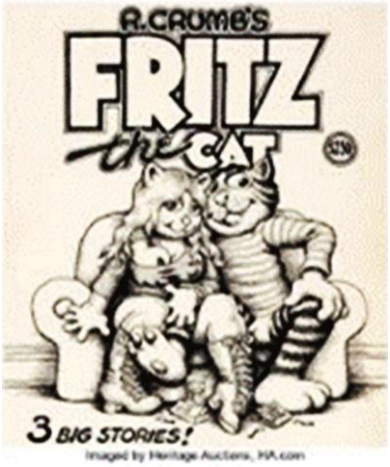
Ivan chega da rádio após a meia-noite, quando, depois de um *ménage* a dois tranquilo, às vezes um cineminha ao início da noite, rola festa a três no sofá face à mesa de laca onde se confecciona um e outro, mais a vvitrola portátil que para Ed é sempre instrumento de trabalho, curtição, em troca de ideias, tu cá tu lá, madrugada fora.

Ivan trabalha na Emissora Nacional, a emissora oficial a esta altura não se sabe muito bem de quê. Dá-se a notícia, e a maior parte de quem é notícia fala em 'defesa das conquistas

revolucionárias', ou seja, muitas ocupações de fábricas, casas e propriedades agrícolas, sobretudo herdades alentejanas. Autogestão e 'nacionalização' na ordem do dia. Primavera no clima, o final de Inverno é de fortes ventos de Leste, mas mais daqui de dentro mesmo. Nada de novo no front. Prevalecem na propaganda as diretrizes da 5ª Divisão do Estado Maior das Forças Armadas, que substitui a SEI marcelista e que grosso modo segue as tendências comunistas, sendo diretamente relacionada ao PC e ao MDP-CDE, sua frente algo castrista.

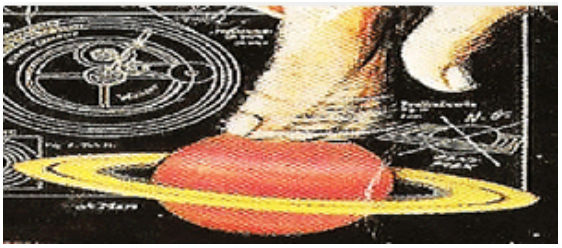
Brincalhão e aparentemente céptico em relação a qualquer mudança do estado de coisas pela via política ainda assim Ivan participa em reuniões de um comité esquerdista na sua redação, impulsionado pelo PRP, de defesa e implementação das famosas 'conquistas revolucionárias' – que ninguém sabe até onde irão. A RTP fecha, conversa-se madrugada fora a fumar e a ouvir música com *insights* telegráficos de Ivan sobre a situação.

Estreiam *Woodstock* e *Fritz the Cat*, os filmes, e Ed escreve para dois semanários concorrentes, *Sempre Fixe*, de tendência 5ª Divisão, e *o jornal*, dito independente. Uma versão mais longa para um, uma mais condensada para outro. Pretexto para de novo escrever sobre a maldita contracultura, quanto mais não seja para continuar a elucubrar sobre um mundo de possibilidades mais vastas, como dizia um slogan publicitário recente.



Desde o Verão de estudo & reflexão após a perda dos tachos pensa em até que ponto todos os que usam drogas sofrem alguma espécie de mutação, passando a ser mais abertos, ilustrados, divertidos, sapientes que os chamados caretas, que quando armados em intelectuais, sobre o facto de serem demasiado quadrados, têm ainda o condão de o irritar com a teorias neo-marxistas, que quanto a ele de neo não têm nada, ainda lá no século XIX. Mas ao que lhe está cá a parecer o grosso dessa fauna,

além de ingénua, não entende nada de nada, adopta novos padrões estéticos como fantasias loucas e ocas numa festa pela festa. O que mais o irrita é o pessoal que ao ser apresentado já vem com a pergunta *de que signo és*, tomando a resposta como um gancho para lançar um piropo ao ego alheio como *ah, bacana, damo-nos muito bem!* - como damo-nos muito bem se nem comecei a conhecer-te?!



É quando começa a descartar a timidez e a desinibir-se, apesar das limitações conhecidas. Sem um pouco de Freud passou os olhos pelo álbum de ícones colecionados por Jung enquanto desenhava o mapa dos arquétipos do inconsciente coletivo, leu algum Wilhelm Reich, Laing e David Cooper, folheou Castañeda, que nunca o atraiu, empinou um e outro Hesse, estudou *A Origem da Tragédia* e *Gaia Ciência* mas não *Assim Falava Zaratustra*, leu muito a custo alguns manuais ou discursos semi-clandestinos de uma meia-dúzia de marxistas, importante para posicionar-se face aos ventos que sopram, folheou Alan Watts e D.T. Suzuki para ter melhor ideia da chamada filosofia zen, impulsionado por Kerouac, descartou de entrada e para sempre a terceira visão de Lobsang Rampa, leu *O Despertar dos Mágicos* mas não bisou Pauwels com *Carta aos Jovens Felizes e Que Têm Boas Razões De o Ser*, inteirou-se por Ouspensky dos princípios de Gurdjieff, leu *O Mistério das Catedrais* de Fulcanelli numa edição da Alianza Editorial e tudo o que lhe chegou às mãos de publicações mais ou menos underground inglesas, americanas e canadianas com informações e divagações sobre todas as matérias da chamada contracultura, que pretende meter a colher em tudo, menos política tradicional, ou só para cutucá-la com vara curta. Enfim, ao menos numas matérias acha que já pode ditar sentenças e finalmente as dita, o que não faz muita diferença porque no meio de toda a loucura é só mais um doido com ideias foleiras. O tempo todo a folhear o que lhe cai nas mãos e a tomar nota desenfreadamente para pretensamente situar-se acima da massa de baratas e carneiros.

Erros de avaliação de coisas e pessoas não têm peso algum porque tem-se uma vida inteira pela frente e já se sabe que ela tem muitas paragens. As pessoas chegam, ficam por um pouco mais ou menos tempo e despedem-se deixando sempre a expectativa do

reencontro, que poderá nunca acontecer. Não importa. Outros chegam e a cena muda.

Como canta Eno com muita frequência das pequenas colunas de som da casa, a comentar o que se passa:

People come and go

And forget to close the door

And leave their strains and cigarettes

Straggled on the floor

And when they do

Remember me, remember me

Some of them are old

Some of them are new

Some of them will tune-up

When you least expect them to

And when they do

Remember me, remember me

Nem pensar em buscar entender aqui e agora a essência de Ivan ou de qualquer dos personagens porque por um lado a ordem das coisas no quotidiano para quem vive como eles, estudantes, liberais, anda muito alterada e seguramente não têm padrões para se nortear e por outro lado todos se conhecem há muito pouco tempo para saber algo mais dos outros, cidadãos de passagem. Os condicionalismos externos são predominantes, tudo depende do puxa e empurra nos gabinetes, na caserna e nas ruas. Não se pode atingir o pomo de nada nem ninguém. Sem se saber como desenvolve o seu trabalho, porque não há aparelho de rádio em casa, o que predomina em Ivan é uma faceta exorbitante, mas ser exorbitante hoje em dia, como *be young, gifted and black*, ser jovem, prendado e negro - *it's where it's at*, é que é a onda, como Ed costuma entoar no gozo, a arremedar Nina Simone. Dá ar de performance a tudo e como o Lawrence Maxwell de Anaïs Nin parece encarar a vida como uma piada e desempenha os papeis a ele designados a dar a entender poder ser ao mesmo tempo conselheiro, hospedeiro, *helper*, confidente, embaixador, *entremetteur*, companheiro.

Em delírio diz que por parte da mãe é da melhor linhagem aristocrática negra, descendente de Gungunhana, o maior herói da resistência ao jugo português em África. Circulando entre uma casta lisboeta a modos que aristocrática é vê-lo uma vez remeter a origem mais remota às cortes do grande império do Monomotapa.

Respeito no meio jornalístico é como manteiga em sande de esfaimado. O caudaloso *Sempre Fixe* divulga paginões de relatórios e resoluções do PCP/MDP-CDE e da 5ª Divisão e coisas afins e Edgar, com moderação, manda umas bolas para canto a falar de contracultura na Amerika e no Brasil. *o jornal* é falsamente independente. Quem o controla tem de fato iaúfa de ousar, num clima de crescente controle do aparelho de Estado pelo PC. No fundo anda tudo à nora e muitos a tentar enganar o pato. Edgar já não pode mais ouvir o que chama de novo nacional-cançonetismo que pulula na rádio desde a marcha do *Avante!* e que atinge o paroxismo com o *Fado do Operário Leal* de Fernando Tordo e Ary dos Santos. Um ano depois já é de mais. Revisionismo nacional-popular que logo após o reviralho o melhor (...) que produziu foi coisas do tipo *abaixo o capitalismo que vive da exploração, viva a revolução popular, abaixo o capital e a burguesia, reforma agrária e proletária, abaixo a guerra colonial*. Que nos valha o santo GAC, Grupo de Ação Cultural, ramo de ligação de José Mário Branco à marxista-leninista UDP, e a sua *A cantiga é uma arma e eu não sabia* – ainda o que se safa pelo mínimo de qualidade e dotes do líder como orquestrador e produtor.

Numa manhã de sexta-feira, dia de saída do pasquim – com muito boa apresentação gráfica para os padrões normais -, ele e Eloísa decidem mandar para dentro um pedaço de uma coisa que parece cortiça e que Ivan lhes deu a dizer tratar-se de peiote. Mascar aquilo ou rolha parece dar na mesma, mas mascam. O tempo passa e nada.

Decidem ir à praia. Chegados à Costa apanham o comboio para o quilómetro 10. Ed comprara o jornal *o jornal* na vila. Abre-o ao chegarem e vai direto ao seu artigo. Está lá na íntegra mas para sua surpresa logo abaixo está uma reação com o dobro do tamanho do crítico de televisão Correia da Fonseca, que se revela partidário da linha dura, linha do operário leal, linha médio-baixa foleira como as neo-revistas revis(ionis)teiras do Teatro Adoque, montado numa tenda no Largo do Martim Moniz.

- Que filhos da puta! Como podem agir assim? Vá que publicassem uma reação a isto na próxima semana. Mas logo abaixo e com o dobro do espaço?!

Ed já está escaldado por uma sua reportagem sobre os rumos das multinacionais de discos nos novos tempos, que segundo o editor do jornal foi cortada por questão de espaço mas seguramente pelo seu discurso no trecho cortado. A estratégia da cooperativa de jornalistas para dar certo é clara: ou camuflam-se e são favoráveis a qualquer coisa parecida com uma nova senhora ou decidiram não bulir com a nova (des)ordem das coisas ou não querem ofender os amigos Tordo e Ary. Decide deixar de escrever para o jornal e vai oferecer os seus préstimos ao *jornal novo*, lançado por Artur Portela Filho como canal de difusão de uma terceira força emergente no MFA, a do chamado Grupo dos Nove de Melo Antunes. A linha que se poderia chamar de centro, mas também de ficar em cima do muro, à coca, a ver para que lado sopram os ventos, nem tanto ao mar (linha terceiro-mundista de opção pela criação de um novo triângulo do Atlântico Norte ao Sul), nem tanto à terra (o europeismo do PS e da centro-direita representada pelo foleiríssimo PPD).

Não demora muito a esfriar os miolos. Sozinhos na praia, nus no Km 10 ou algo que o valha, já estão um sobre o outro e vice-versa quando veem um brilho cintilante e mais outro e mais outro e *olha aquele ali a vir das dunas*, a uma distância considerável de onde se encontram. É o peiote a fazer efeito? – perguntam-se a rir. Mirones circulam no alto das dunas. De binóculo. Riem muito. O cacto enrolhado finalmente faz efeito. Um belo efeito multicolorido ou apenas o efeito natural de um belo fim de dia no mar enquanto o sol poente lambe as suas costas. Um Grande Verão a prenunciar-se.

Refastelada no sofá, a cada tirada espirituosa ou *pedrada* mais forte Eloísa exclama: *Oh, Jeesus, the things we have seen!* De onde tirou isso nunca se saberá.

De resto quase não tem 'voz'. Limita-se a assentir e consentir. Face a tanta besteira emitida entre uma e outra informação mais precisa nos longos conchavos madrugada fora seria o caso de pensar: laconismo de sábio ou prudência de néscio?

Parece deslumbrada com o mundo de encantamentos permanentes que se descortina com o constante uso de fumo que compram a Ivan, que por sua vez a cada início de mês faz uma

vaquinha entre amigos para que o da casa fique bem mais em conta. É no fundo o seu trabalho-extra.

Em três meses Eloísa foi se tanto uma meia dúzia de vezes à Escola de Cinema, de que diz querer desistir. Ed a incentiva a prosseguir. Diz que para passar de ano basta fazer um curta. Mas se não frequenta a escola não terá material e equipamento.

Ama o cinema mas não mais que um bom livro ou disco, embora não demonstre especial atração por esta ou aquela música. Por estes dias a Cinemateca Nacional exibe no Palácio Foz uma retrospectiva dos filmes em inglês de Renoir. Antes e depois toma-se uns *piratas* e *pontapés* numa tendinha da Ave da Liberdade e mais abaixo, nos Restauradores, e deleitam-se com *French Can-Can* e *The River*.

Uma tarde vão ver no Apolo 70 *On a Clearday You Can See Forever* de Vincente Minelli, com Yves Montand e Barbra Streisand – cada estado de espírito dela um vestido diferente, mais um filme em que, como em *Um Americano em Paris* e *Van Gogh – Lust For Life* e os outros o pai de Liza demonstra a sua paixão pela pintura, mãe do cinema. Noutra noite no mesmo Apolo causa espanto em *Chinatown* um movimento de câmara de trás do carro e para *close*, sem corte, enquanto Jack Nicholson sai do carro e dirige-se à porta da casa de Faye Dunaway, e que lhes parece impossível - tou alucinado ou *como Polanski fez isso?*

Outra noite, na RTP, *White Heat*, de Raoul Walsh, com James Cagney: *Top of the world, ma', I'm at the top of the world!* – e explode com um depósito de combustível como anos e anos depois *Pierrot Le Fou* envolto em dinamite, marginais a estourar os miolos na impossibilidade de estourar os do sistema que os leva ao beco sem saída. Ela a usar – e Ed a empinar - todos os instrumentos teóricos de análise técnica e da narrativa.

Um dia, com Pepe, vão visitar dois colegas seus que alugaram uma casa em Sintra. Noite de sexta-feira, um casarão situado na encosta da serra sobre o palácio da Vila, no início da Estrada da Pena, chamado Casa das Nogueiras, porque tem uma grande nogueira num pequeno quintal à entrada do segundo dos seus três pisos e outra mais frondosa no quintal de baixo, ao lado da excelente cozinha. O trio é a primeira visita que os seus novos ocupantes recebem. Lareira acesa, Sontex faz e acende uma cónica, põe *In a Silent Way*, depois outra, e *Bitches Brew*, na potente sistema de som, antes de *Headhunters* de Mwandishi Herbie Hancock e para finalizar *Live-Evil* e *Inner Mounting Flame* da Mahavishnu Orchestra. Trilha sonora perfeita para o cenário meio hitchcockiano e antonioniano, porque os anfitriões são de discurso

oral com nexo desconexo, perfeito para cenário e ocasião. Dormem ali mesmo. O único inconveniente da locação é a poeira acumulada em todos os recantos.

Ao acordar Pepe abre a janela e chama-os. Dela vê-se toda a várzea até ao mar, do Banzão à Ericeira.

Mais um joint e Ed põe a tocar *Rope Ladder to the Moon* do Jon Hiseman's Colosseum *in memoriam* dos dias londrinos, com a voz potente de Chris Farlowe.

Descem à vila com Farlowe a urrar em escala ascendente *rope ladder* (um, dois) *to the moooooooon* a ecoar Estrada da Pena acima e abaixo tipo de dar vergonha para uns travesseiros e café em café da manhã na Periquita e voltam, Sontex a cozinhar legumes e arroz integral na cozinha e entre duas mexidas na panela de estufado a enrolar uma cônica que fumam debaixo da nogueira do quintal. Disco vai joint vem, com direito a um pouco de arroz e estufado, passam mais uma noite na sala da mansão quase desabitada.

Travam contato com um personagem rockambolesco numa tarde em que ao passar pela porta d'A Brasileira para comprar mortalhas Riz La Croix na Havaneza Ed ouve como em delírio – estarei em Picadilly Circus?! – *Hashish, man?*

O Poeta dos Pés em Chagas é uma espécie de *fée africaine*, se a assim citada por Rimbaud como a *qui fournit la mûre* realmente criptografa o/a fornecedor/a de haxixe que o poeta compartilha com Verlaine no *Jeune Ménage*.

No seu vasto círculo Ed nunca se ouviu expressão do gênero, *amora*. Quando menos se espera, de passagem pela Pedra d'A Brasileira, lá aparece a tirar com-pro-me-te-do-ra-men-te do blusão ou sobretudo uma pedra suspeitíssima e a anunciar: *É um kashmir fantástico, tens de provar! Não acreditas? Ora anda daí e verás*.

Aproveita para recarregar as baterias porque é a pitonisa a dar-lhe no próprio veneno e quando também o fuma é porque não está malhado.

Vai-se ou à Rua das Chagas, onde se fuma o produto à porta da igreja fechada, ou mais além ao miradouro do Alto de Santa Catarina, cujo Adamastor parece franzir ainda mais o sobrolho.

Às vezes vai-se lhe pedir e com ele se fuma ou não, se já está de cabeça feita.

Não raro surpreende o freguês sentado no café a entrar pel'A Brasileira à contraluz e a colocar pedras de tamanhos às vezes descomunais em cima do mármore da mesinha, o que obriga o acossado a recolher a pedra de jato e dar o primeiro passo para o fecho do negócio.

Raro é o haxe que não é misturado a alguma merda ou de pouca qualidade. Mas ora e vez surpreende, como quando aparece com o kashmir negro e brilhante como ébano polido e como por milagre preservado no estado original desde a manufactura. Basta um tico de nada para se alcançar as propaladas sensações de estados alterados da mente.

O nome foi-lhe dado em elegia pelo autor da *Única Grande Ode* em função de um gravíssimo problema que os seus pés *em chagas* causam sobretudo em casas onde em princípio não é permitido entrar calçado.

As excursões a Sintra em fins de semana passam a fazer parte da rotina do casal, em duos, trios, quartetos ou quintetos, e o comboio parte sempre com apenas 25 segundos de atraso.

Sintra de encanto e mistério

Sintra mantém inviolados a flora exuberante e o mistério que fizeram a sua lenda. O panorama visto do mirante de Seteais não mudou muito desde Eça e Byron. Mas Álvaro de Campos levaria um susto.

Guiando o Chevrolet emprestado desconsoladamente na Lisboa-Sintra o poeta teria de fazer mais esforço da *própria imaginação* para se sentir *ao luar, na tristeza, ante os campos e a noite, cada vez mais perto de mim*. As curvas da estrada de Sintra estão perdendo as matas e hortas que a ladeavam. Seria impensável um passeio *ao luar e ao sonho,* ***na estrada deserta***. Prédios feios e uniformes das cidades-dormitórios brotaram no lugar das hortas, causando mais danos à natureza que uma nova invasão bárbara ousaria. Aliás, a estrada quase não tem curvas, o que torna ainda mais burlescas as insistentes analogias de Ed da viagem com a de *As Curvas da Estrada de Santos*, de Roberto e Erasmo Carlos, mas não o será tanto a lembrança, ao lado de Eloísa, a quem por cortesia sempre cede o lugar junto à janela do comboio, também por analogia, do *Soneto Já Antigo* de Campos:

> *Olha, Daisy: quando eu morrer tu hás-de*
> *dizer aos meus amigos aí de Londres,*
> *embora não o sintas, que tu escondes*
> *a grande dor da minha morte.*

Os novos bárbaros da especulação imobiliária cercam a serra, num ataque que lhe será fatal se conseguirem sufocá-la privando-a do seu famoso e único ar puro.

Mas ainda é possível sentir-se a súbita mudança de *clima* ao passar-se pela Portela de Sintra, à entrada do ecossistema da montanha, e *a paz das grandes sombras* captada por Eça ao adentrar o Ramalhão, pouco adiante, como se a penetrar no *glorioso Éden* vislumbrado por Byron e o mais que ao longo dos séculos viajantes mais ou menos ilustres, sobretudo ingleses, não se cansaram de hosanar.

A vegetação exuberante, feita de espécies de todos os recantos, não sendo mais alvo dos desvelos de reis, condes, barões e plebeus milionários, também corre perigo. Qual exército de

bárbaros ou cristãos - embora uns e outros não a tenham destratado, ao contrário - hordas de forasteiros montados nos mais bisonhos *chevrolets* da modernidade invadem Sintra aos domingos, a gerar o caos nas escadarias e vielas da vila e tolhendo-lhe a magia que fez sua fama. Os encantos e os mistérios de Sintra são eternos, exceto aos domingos, dia do *passeio dos tristes*, que enche o quase sempre pacato largo da vila de autos ligeiros e pesados que a furtam do sossego de madrigais por causa das queijadas. Estradas abaixo e acima de e até Cascais assiste-se a cenas que põem *Weekend* de Godard num chinelo de quarto.

Das varandas do Palácio da Pena, das ameias do Castelo dos Mouros ou do Alto das Cruzes, onde antes eram hortas e vilarejos a perder de vista até Mafra, a norte, ou lençóis de vinha moscatel nas colinas de Palmela, a sul, o que se vê em dias claros é a triste sucessão de dormitórios uniformes de classe média e média-baixa em que se transformaram os arredores de Lisboa. E que assediam a antiga praça estratégica e estância balnear e de montanha de fenícios, celtas, visigodos, romanos, muçulmanos e cristãos.

Nos caminhos que serpenteiam na senda dos altos da Pena e das Cruzes poucas quintas parecem abandonadas, mas em muitos trechos o mato não é capinado, dando melhor pasto às chamas quando há incêndios na floresta por séculos cultivada por reis, príncipes, viscondes e barões.

Mais abaixo, ao lado do Penedo da Saudade, a natureza também parece imbatível. O majestoso panorama do mirante de 180 graus a poente, nas traseiras do Palácio de Seteais, hoje hotel delux, pouco mudou em relação ao que Eça via há mais de um século, com *a rica vastidão de arvoredo cerrado* em primeiro plano, uma grande planície a seguir e cada pôr de sol de cinema.

O encanto é imorredouro e da Estefânia até aqui mantém-se intacto porque desde então a única mudança paisagística visível, fora o monstruoso Hotel Tivoli na vila, é o alcatroamento das estradas estreitas entre a densa vegetação. Em fins de tarde brumosos o clima é o mesmo, a impelir-nos para mergulhos insondáveis em sonhos interiores no silêncio pétreo, só interrompido pelo crepitar do carvalho em chamas na lareira.

Do vão do arco triunfal do Palácio de Seteais, *como dentro de uma pesada moldura de pedra*, ainda se aprecia o *quadro maravilhoso de uma composição quase fantástica, como a*

ilustração de uma bela lenda de cavalaria e de amor em que emerge em frente, *abruptamente da cupada linha de bosque assoalhado, destacando vigorosamente um relevo nítido sobre o fundo do céu azul claro, o cume airoso da serra, coroado pelo castelo da Pena, romântico e solitário no alto, com o seu parque sombrio aos pés, a torre esbelta perdida no ar e as cúpulas brilhando ao sol como se feitas de ouro.*

Sintra não é para aves de arribação. E para pleno gozo das delícias do seu clima e sua riqueza paisagística o melhor é caminhar. Os sintrenses queixam-se da falta de serviços. Melhor para o forasteiro, que a meia hora do bulício pode desligar-se do corre-corre e mergulhar na placidez. Melhor se no conforto do Hotel de Seteais ou da antiga Estalagem dos Cavaleiros, onde o jovem Lord Byron sentiu-se compelido a descrever as peregrinações de *Childe Harold* pela Europa meridional e exalar um *Oh! em que variegado labirinto de montes e vales surge agora o glorioso Éden de Sintra!* Mas a pousada de Jane Lawrence, que também hospedou personagens de Eça, está fechada há 25 anos. Outros encantos do lugar estão nas estradas de Colares, Carrascal, Azenhas do Mar e cabo da Roca, perto das praias do Atlântico, escavadas em rochas e penhascos de ficção.

Sintra é exuberante mas só entrega os seus mistérios a quem os quiser descobrir pelas antigas sendas da serra, a dois passos do mar, nas *peregrinações clássicas* descritas pelo seu melhor cantor. Subir a estrada para o castelo dos mouros e a Pena. Beber água na Fonte dos Amores. Estupidificar-se com a pós-queirosiana Quinta da Regaleira, subir a Seteais e descer pela estrada velha de Colares entre os muros das quintas cobertos de musgo, ir de mansinho da Ribeira a Colares e Praia das Maçãs pela estrada nova de Colares e, no verão, dar um mergulho. Pena que a maioria das quintas, que conservam alguns dos melhores tesouros de Sintra, não possam ser visitadas. *Mas as longas linhas de ameias amarelecidas e as maciças torres sobrepostas a eternos penhascos de granito, suspensos de mil pés e mais sobre a pequena estância e as arborizadas ravinas, justificariam por si sós uma viagem a Portugal, mesmo que os jardins dos ricos fossem mais reservados do que o são atualmente*, como testemunhou o inglês Martin Hume há mais de um século. Sintra preserva ainda as *belezas de toda a ordem, tanto naturais como artificiais*, decifradas por Byron: *palácios e jardins que se elevam no meio de fraguedos, cascatas e precipícios; conventos a alturas estupendas*

- *uma vista longínqua do Tejo e do mar*. Richard Strauss, em temporada de apresentações no Teatro S. Carlos, em Lisboa, não perdeu nenhum amigo ao dizer: *Andei por meio mundo e nunca vi nada que valesse... a Pena*. A piada está só na tradução, mas este é o slogan.

Tudo somado a cidade-serra-museu parece parada no tempo, como as *madeleines* de Proust ou as queijadas de Eça. Mas num domingo Álvaro de Campos - que ia dormir em Sintra por *não poder* fazê-lo em Lisboa - levaria um susto.

Numa das idas a Sintra nasce a ideia de escrever, produzir e realizar um curta para a escola com filmagens na praça da vila e na Casa das Nogueiras, mais *takes* de recortes do Mickey, de um álbum dos Freak Brothers e outras coisas do género. Algo bem moderno, à la Godard, já se vê, e o ato de o compor poderia fazer parte do próprio filme.

O script abre com uma sequência de planos fixos ou em *traveling*, *zooms* e *zooms* invertidos do castelo, da montanha e da vila e, após um brevíssimo *fade-out*, entra em rápido *fade-in* a imagem de Pepe como jornaleiro, que anuncia: *notícias da tarde! olh'ó jornal!* A câmera faz *zoom* até a sua cara. Dela um movimento para o lado. Fecha no título de primeira página do noticioso, seguro pela sua mão, onde se lê a manchete a toda a largura do cabeçalho:

MOUROS RECONQUISTAM PRAÇAS PORTUGUESAS

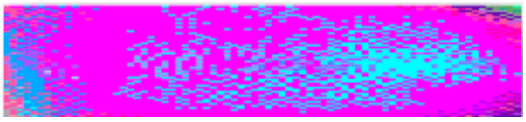
Na mesa de jantar – nunca usada para esse fim - está sempre aberta uma Olivetti Lettera 32 que Ed usa para escrever artigos e Ivan para ensaiar poesias e em que montam um resumo do story board, que começa com o texto da notícia a ser impressa na primeira página do jornal, pretexto para falar de Sintra e do encanto que ela exerce sobre eles. Descrição de shots, movimentos de câmara: campo e contracampo, zoom, zoom invertido, t ravelings. Em pleno laboratório, a engendrar o roteiro, máquina de escrever, canetas, papel, tesoura, cola –

Foto: F. Moura Machado

um traveling da figura de Pepe para o Castelo dos Mouros e estoura o primeiro som do filme além do da voz do jornaleiro, o baixo e a bateria da entrada de Walk on the Wild Side, antes de entrar um quadro tirado de uma aventura de Mickey aterrando no Rio de Janeiro. Na aldeia global outros modos de visão da existência humana totalmente ignorados. Como em True Hallucinations, de Terence McKenna, exatamente aqui e agora há um universo enorme de inteligência ativa que é transhumana, hiperdimensional e extremamente alien. Brinquedo.

Drogas: dissertação Rock e drogas – o rito e o mito

No refúgio de casa, de onde só saem para comprar víveres, ir à praia na Costa, ao cinema ou visitar um casal de amigos que mora do outro lado do Técnico, uma antiga colega de liceu de Eloísa, Leda, e o seu namorado, Lauro Cavalcante, estudantes de arquitetura, nem se apercebem do grau de 'intoxicação'/alucinação das respectivas cabeças empedradas. Ed passa um dia calmamente a escrever um artigo para o *Sempre Fixe* entre uma interrupção e outra para tomar banho, comer alguma coisa e dar umas baforadas no *boi* do Malawi que continua a circular. Apesar dos pesares – ou quem sabe em função deles – consegue acabar o artigo e se veste para sair. Normalmente quando fuma só toma notas para escrever 'careta', ou no mínimo não tão alucinado, porque é impossível manter o fio à meada num discurso lógico-cartesiano.

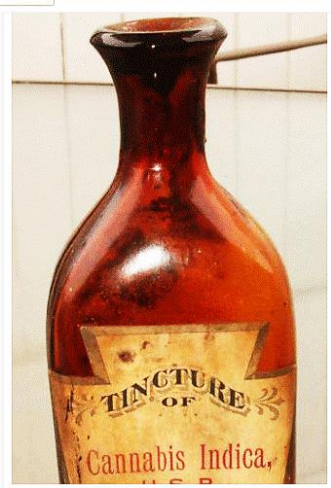


Desce de elevador e abre a porta da rua, apinhada de gente e a explodir de ruídos de carros, ônibus e bondes à hora da saída dos escritórios. É dia de *deadline* do artigo. Se não entrega não sai e menos ganha, quando o que lhe pagam os dois jornais em que publica uma dezena de artigos de crítica de música popular já é tão pouco. Dá alguns passos rumo à Ave da República, onde deveria pegar o metrô, mas não aguenta. Os seus olhos devem estar da cor de sangue, pois sente-os a dardejar, e o único som de *rush* que os seus ouvidos poderiam aguentar a esta altura seria talvez os de Hendrix em *Crosstown Traffic* no remanso de casa. A ela volta. Está doido demais para encarar alguém 'normal', ainda para mais numa redação, nem que fosse só entregar o artigo e dar o fora, porque ninguém no meio sequer desconfia que algum colega 'se drogue', embora muitos andem a cair pelas tabelas às vezes muito antes da madrugada em tabernas e antros de prostituição da cidade sem que isso lhes traga qualquer prejuízo à imagem, antes pelo contrário, a agir assim provam que são é muita machos. *O único tratamento para o glaucoma*, como se ouve no manifesto *Legalize It*, de Peter Tosh, a marijuana, *cannabis sativa* (cânhamo) mais a sua parente, *cannabis indica*, a espécie mais potente, de cujas flores de fêmeas secas se extrai um poderoso narcótico chamado ganjah, usado na medicina, não chega com certeza aos pés do álcool em efeitos nocivos para o corpo e a mente. Por enquanto a erva chega a tirar a Ed a vontade de fumar os poucos cigarros que queima quase sem tragar, **20-20-20** (o *três vintes*), Provisórios ao lado de Definitivos, quase só por curtição estética. Sem vício.

Essa sensação de incapacidade de ficar em ambientes claustrofóbicos ou mudar de um ambiente tranquilo para um que pareça caótico é normal em 'erva'. Tratando-se de produto de alta qualidade, após o efeito inicial, catatônico, em que parece que se instalou um parque de diversões no cérebro, sobrevém uma fase

de estado melífluo que dilata o espaço e o tempo – algumas vezes produzindo sensação de fastídio quando algo não está ou vai a contento, sobretudo quando se é obrigado a atinar como autómato com séries de ações psicomotoras - mas o que prevalece é uma total disponibilidade para a fruição lúdica, melhor ainda se de paisagem ou qualquer produção artística. Desestressa completamente, relativizando os quiproquós da existência, e se o acaso manda uma *bad vibe* é ruim mas a reação será seguramente na base de apaziguamento e concórdia, não fosse a que Normal Mailer chamou de *Love Drug*, e desse modo parece impossível que tenha sido usada, como dizem os compêndios, para acirrar nos hashashins a agressividade no combate a inimigos. Predispondo ao ludismo, o mesmo é dizer brincadeira, dá ao santo à-toa a paciência para o bric-à-brac, como o do quebra-cabeças de palavras e sugestões num texto. A 'droga' afeiçoa-se bastante bem às suas atividades. Dá-lhe a paciência para concentrar-se na escuta e no estudo de discos e criatividade sobre os temas e o que vê ao seu redor. Como disse o outro: *Não diria que as ideias venham necessariamente de estar sob o efeito de alguma droga, mas acredito que certas experiências com elas facilitam a manifestação de ideias que estavam latentes. A marijuana pode ser uma droga extremamente produtiva quando se está bloqueado.*

A síntese William Burroughsiana: *Ela é boa para escrever, pintar, ouvir música. A mim ela proporciona paz, um momento geral da percepção. Sobretudo, faz uma grande diferença na visão, uma maior visualização, imagens, cores e sons ficam mais vívidos, assim como a excitação das ideias. Acho que escrever sob a influência da marijuana aumenta a capacidade de associação de ideias, tudo parece vir com a vividez de um sonho, só que é real. Devo muitas partes de* Naked Lunch *direcamente ao uso da cannabis. Já com os opiáceos é diferente, nunca consegui escrever nada sob efeito de heroína. Como outras drogas sedativas, como álcool e morfina, a heroína diminui a consciência do meio e dos processos corporais.*



Em resumo, se não é a droga que faz o homem é o homem que faz a droga boa ou má. O contraste é que é absurdo: escrever para jornal, ainda que trabalhando calmamente e em estilo crónica, numa ótica cartesiana, mesmo que sobre *Fritz the Cat* ou *Woodstock*, para jornais 'caretas' a Ed dá a sensação de estar totalmente *deplacé*, certo tipo de discurso causa profundo tédio quando não baseado num objeto ou ideia excepcional, diferente, ou numa palavra, forte. Porque todas as publicações são muito formais – *caretas*.

Há quem para criar use de tudo. Kerouac em Tanger:

Para escrever e dormir e pensar fui ao agradável drugstore local e comprei Sympatina para excitar, Diosan para o sonho de codeína e Soneryl para dormir. – Entretanto Burroughs e eu também compramos um pouco de ópio a um tipo de fez encarnado no Zoco Chico e improvisamos uns cachimbos com velhas latas de azeite e fumamos a cantar Willie the Moocher *e no dia seguinte misturamos haxixe e kif com mel e especiarias e fizemos bolos Majoun e os comemos, mastigando bem, com chá quente, e demos longos passeios proféticos nos campos de florzinhas brancas. – Uma tarde, bem toldado de haxixe, meditei ao sol no meu telhado e pensei: 'Todas as coisas que se mexem são Deus e todas as coisas que não se mexem são Deus'.*

Anaïs Nin conta que, em ácido, chegou à 'fascinante revelação' que o mundo 'aberto' pelo LSD é acessível ao artista por intermédio da arte. 'Tudo o que a substância química faz é remover a resistência, tornar um indivíduo permeável à imagem e o corpo receptivo ao bloquear a paisagem familiar que impedia o sonho de apossar-se de nós.' Huxley discorreu longamente sobre o conceito de *Mind at Large* e a 'válvula de redução' de que o homem ocidental, dominado pela ideia da Queda dos Anjos e do

pecado predominante nos princípios judaico-cristãos, passou a abusar para 'manter-se na linha', soterrando tudo o que se relaciona a aspectos 'extra-sensoriais' da existência, o que a partir do *Livro Tibetano dos Mortos* chamou de *CLEARLIGHT OF THE VOID*, a CLARALUZ DO VÁCUO, *by-passes* espontâneos, exercícios espirituais, abstrações, esoterismos, hipnose e tudo o mais que 'na nossa patética imbecilidade chamamos de *mere things* e desdenhamos em benefício da televisão' (pensando nisso ainda nos anos 50), que saltam aos olhos como a *scintilla animae* de Blake: *Ver um Mundo num Grão de Areia e o Paraíso numa Flor Silvestre. Agarrar o infinito na Palma da Mão e a Eternidade numa hora.* Blake, o poeta da quebra de paradigmas: *Os caminhos do excesso levam ao palácio da sabedoria.* Ou, na máxima que o próprio Huxley atualizou da sua *visão memorável*,

IF THE DOORS OF PERCEPTION WERE CLEANSED, EVERY THING WOULD APPEAR TO MAN AS IT IS, INFINITE

Anaïs polemizou com Huxley ao afirmar que ninguém precisa de drogas para desenvolver as suas capacidades artísticas. 'Algumas pessoas precisam', rebateu o autor de *Sem Olhos em Gaza*, que neste aspecto não tinha problemas de visão, e que já escrevera que 'o que se vê sob influência da mescalina, o artista está equipado para ver todo o tempo'. Disse ela a propósito: 'Os puritanos aniquilaram os sentidos e a cultura inglesa a emoção. Donde a necessidade de dinamitar o teto de cimento armado, de 'explodir a mente'.'

Álcool para eles por enquanto é droga de caretas mas não só. Como o álcool que se ingere de vez em quando, sem abusos, droga ilegal não tem nada a ver com mera abstração do real, pelo contrário, permitindo ver nele *também* o surreal, o ponto além da

realidade que insistem em enfiar-nos goela abaixo, cinicamente condenando qualquer outro modo de 'ver a vida' para que o deles não se desmascare como efetivamente é, um absurdo maior que tudo o que a mente mais torpe poderia imaginar de grotesco, cínico, abjeto.

Droga é em princípio apenas uma questão de cultura mas já agora também de princípio moral, pelas suas implicações legais e de *status* mental e social, porque pelas informações que nos inculcam usá-las equivale a dar um passo para o abismo. Passa a ser também uma questão de Estado, mas da guerra do Estado corporativo a uma força emergente que poderá entrar em choque frontal com ele. Nenhum dos maiores 'mártires' do rock morreu, ao que se sabe, de overdose de uma droga específica, do vício de uma delas, e sim, talvez, da mistura de duas ou mais, inclusive álcool e barbitúricos.

É a arte do desbunde, ninguém o nega. Diz-se que em viagem à Inglaterra fixada em *Don't Look Back*, de Alan Pennebaker, Dylan apresenta a marijuana aos Beatles, quando eles seguramente já a conhecem na sua forma árabe, marroquina ou de outra proveniência. Mitologias. Há quem diga também que foi meses antes, atrás de um hangar de um aeroporto nos EUA. Seja como for os maravilhosos sons alucinado-lisérgicos de *Sgt. Pepper's* e sobretudo *Magical Mistery Tour* seriam impossíveis sem que os quatro cavaleiros do após-calipso tivessem tomado LSD. Abertura das portas mentais para outras percepções, aos chamados universos extra-sensoriais, portas para outras visões da vida. Não um método de criação ou via de esclarecimento mas de através dela encontrar inspiração (de pirar, no sentido patológico – do néscio - ou blakeano – do sábio - de enlouquecer) e inspiração. Como falar dessa arte – música, pintura, teatro, cinema e também literatura - sem conhecer as substâncias que ajudam a dar-lhe formas, às vezes as mais sintéticas, como o conjunto guitarra-baixo-bateria hendrixiano que reproduz o caos ordenado do horário de pico? Sem conhecer de alguma forma esse admirável mundo novo que se abre na alvorada da era global? Formas diferentes de êxtase. Não é que seja preciso injectar heroína para entrar na de Parker e Miles em *My Old Flame*. O artista não precisaria tomar nada para chegar lá mas alguns em determinados momentos precisam, e não entra na cabeça que sem algum tipo de predisposição – i.e. da caretice pura - se possa chegar lá de algum modo.

O desbunde de álcool, *cannabis*, ácido e outras substâncias (nada de heroína nos seus casos?) é o que mata Janis e Jim? De Jimi, ao contrário do que os caretas dizem, falou-se sobretudo de barbitúricos. Certo, bebera e fumara haxixe na casa de Eric Burdon. Morreu asfixiado pelo vômito de tudo. Quantos astros morreram de overdose? Janis, que em algumas notícias se dizia ter morrido de overdose de heroína? Ou terá sido de cocaína – que poderia também ter ingerido em doses excessivas à mistura com Southern Comfort? Não se sabe, porque esse tipo de notícias é quase sempre rodeado de sensacionalismo. Na sua última série de entrevistas Janis dizia não se ver a morrer velha, sentada numa cadeira de balanço. Não poderia. Encurtou os anos com muito ânimo. Como falar desse mundo, e criticá-lo, sem conhecê-lo? Sem conhecer a vida do outro lado do espelho?

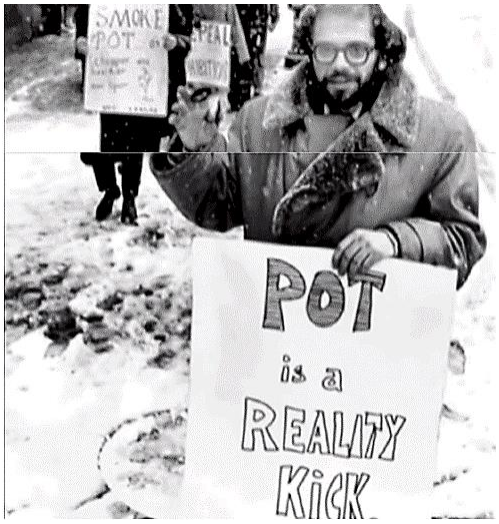
- Olha aqui um que não nos deixa mentir, neste artigo surpreendente sobre Hendrix publicado na *Ciao 2000* que Ivan trouxe de Roma:

È stato detto di tutto sulle droghe di cui Hendrix (ab)usò. Addiritura qualcuno ha pensato bene di guistificare il foulard a fiori che Jimi portava spesso in pubblico sulla fronte come una copertura per le vene bucate dagli aghi dell'eroina! Hendrix ha ammesso più volte di aver indugiato nell'LSD e nel uso di altre droghe sintetiche, ma a tutt´oggi non esiste nessuna prova che fosse dedito all'eroina. Anche la sua morte, fatta passare come provocata da un'overdose di eroina, fu solo il disgraziato risultato di un eccesso di barbiturici, nella fatispecie un sonnifero tedesco di particolare forza, il quinalbarbitone.

> *Disse-se de tudo sobre as drogas de que Hendrix (ab)usou. Houve inclusive quem achou por bem justificar o foulard florido que Jimi usava muitas vezes em público na fronte como uma cobertura para as veias esburacadas pelas agulhas da heroína! Hendrix admitiu várias vezes ter-se envolvido com o LSD e no uso de outras drogas sintéticas, mas até agora não existe nenhuma prova do seu envolvimento com heroína. Até mesmo a sua morte, que se fez passar como provocada por uma overdose de heroína, foi apenas o desgraçado resultado de um excesso de barbitúricos, no caso um sonífero alemão com uma força notável, o quinalbarbitone.*

Começa agora a fase em que os caretas que daqui a pouco estarão a encher a cara de álcool numa choldra da noite lisboeta irão redigir notícias dizendo que fulano foi preso a comprar X gramas de haxixe para se injetar e talvez nem os nossos netos se livrarão da mesma lengalenga de que não há drogas 'leves' nem

‘pesadas’, que de uma se passa a outra e boçalidades do gênero com que se faz e se fará a ‘informação’, porque para quem a domina tanto faz, é tudo igual – e ninguém é tolo de ousar enfrentá-los porque de repente arriscaria ir para a cadeia. Sobre malefícios e eventuais benefícios da droga, droga que vicia e não vicia e o mercado, interesses políticos e econômicos de representantes do Estado na sua manutenção na ilegalidade, os malefícios do tráfico mais a sua legalização, não é então nem questão de falar por enquanto.

Allen Ginsberg: 

- Iá – reage Eloísa como que beatificada, os olhos arregalados de fascínio com qualquer sinal de vida diferente da casa dos pais, ela dona de casa, ele polícia, quase analfabetos, ou da experiência castradora com o namorado, carateca amante de Bruce Lee, especialista em filmes de Kung Fu e que não lhe daria nada de diferente da sopa materna.

Iá é uma nova expressão no vocabulário do pessoal que vive dos dois lados, ou só *deste* lado, trazido pelos angolanos e moçambicanos, juntamente com boi, meu, madiê ou modiê ou modié, bué, buereré.

Acorda-se uma manhã e mais um golpe. A um mês e meio do primeiro aniversário do 25 e das primeiras eleições legislativas em democracia Spínola continua a tentar o re-reviralho e mais uma vez falhou. Teve de se mandar para a Espanha.

Partidos ‘spinolistas’ são postos na clandestinidade, entre eles o PDC. Manife de esquerda protesta junto à embaixada dos EUA

contra as pretensões de Washington de imiscuir-se na vida política nacional, via o ex-diretor da CIA e atual embaixador Frank Carlucci. Acto seguinte o cortejo segue rumo à sede do PDC, do outro lado da Ave da Liberdade, num prédio moderno da Rosa Araújo. Mal chegada ao local a marcha degenera em invasão dos escritórios da agremiação direitista. Quando Ed, Pepe e Dio lá chegam já o apartamento transformado em escritório está todo destruído. Pepe chama a atenção para uma máquina de escrever portátil novinha em folha que nos olha do chão, encostada à parede. Pega-a, pousa-a sobre uma mesa que por milagre ainda está intacta e abre-a.

- Esta já é minha. Alguém quer comprar? – anuncia, sorriso irónico, dirigindo o olhar um à vez a Ed e Dio. Seguem até o *Século*, onde se encontram com Júlio Andrade, que ao chegar à rua logo é interpelado:

- Máquina de escrever saída de fábrica, três mil escudos. Queres comprar?

- Ora deixa cá ver – responde o outro. Pousa-a no tejadilho de um carro e certifica-se do estado. – E não é que está mesmo novinha? Três mil não tenho, mas ainda se arranja 1800, tá bom assim? É para já. Toma.

- Malta, vamos jantar, eu convido – diz Pepe com a boca ainda mais arreganhada, demonstrando que fuma que nem um camelo.

Diario de Noticias

EDIÇÃO ESPECIAL

TOTALMENTE DOMINADA PELO M.F.A.

UMA MANOBRA CONTRA-REVOLUCIONÁRIA

QUE COMEÇOU COM O ATAQUE A UM QUARTEL DE SACAVÉM E INCLUIU UMA TENTATIVA DE SUBLEVAÇÃO DA G.N.R.

- Portugal sugere um comício permanente. Só se fala de política. Não ouvi uma palavra sobre o Benfica ou as raparigas! Nem na Itália vê-se tanta foice e martelo nos muros. Mas o que predomina é uma completa caretice. Cadê a tão esperada revolução cultural? Nas campanhas de dinamização quem está se dinamizando são os próprios soldados que a fazem, segundo uma fonte minha da própria Quinta Divisão, que as lançou – diz a Ed um amigo jornalista brasileiro, entre a multidão de estrangeiros que vêm para ver, tentar entender e reportar a 'revolução portuguesa', enquanto comem um bife à Nicola.

Cada pedaço de parede por todo o país está coberto de dizeres e murais vermelhos, amarelos e pretos. Os mais impressionantes são os do MRPP, do 'pai tirano' Arnaldo de Matos e seus mancebos, que nem pensam em retocar os olhos puxados dos operários uniformizados à la revolução cultural dos modelos de gigantescos murais tirados de revistas de propaganda de Pequim e que dão nas vistas não só pelo tamanho mas sobretudo pela paciência chinesa dos quilas, para quem o principal inimigo da classe operária é o PCP, que classificam como partido social-fascista. Golpe após golpe o governo – mais 'à esquerda' – enfraquece e, sem controle, grupos políticos perseguem impiedosamente os adversários. Além do PDC o Conselho Superior da Revolução acaba de decretar a suspensão do MRPP e do seu pasquim, *Luta Popular*, tudo a escarrar no bando de fedelhos, 'maoístas' à portuguesa, com um camarada-pai-patrão, na fisionomia um misto de Trotsky e Even Hoxa, sem a fatiota chinesa, curiosamente todos com aquela camisas de flanela enxadrezadas e calças de terilene tão nacional-populares, muito infanto-juvenis, com atitudes marcianas mais que qualquer outra coisa, parecem um grupelho de extrema-direita e que de tão chatos acabam por causar repulsa e escárnio de e em toda a gente. Dependendo do ponto de vista o seu maior predicado talvez seja justamente a pachorra de pintar os monumentais murais multicoloridos que se destacam entre todas as pichações pelos muros das cidades, entre os quais os que acabam por dar um ar mais festivo (?) ao Técnico, que ficou igualzinho à Universidade de Pequim, com a diferença da língua mas não do idioma: ***TODO O PODER AO PROLETARIADO! VIVA A ALIANÇA OPERÁRIO-CAMPONESA!*** - homens e mulheres chineses, mão direita nos paus de bandeiras e esquerda erguida com o punho fechado, em *plongé* e a perder-se de vista, em filas não menos descomunais. Mas no fundo nada de muito divertido, até porque quase não se vê nem mesmo pichações anarcas.

Também não entende porque se diz que os bancos e as companhias de seguro estatizados depois do 11 de março foram 'nacionalizados' se os poucos interesses do capital internacional da praça permanecem intocados e tudo o que foi desapropriado pertencia ao que o escriba brazuca chama de clérigo agropastoril de Salazar.

Os bancos agora são 'do povo' mas os grandes capitalistas tiveram mais que tempo de pôr todo o dinheiro a salvo. Perderam só o capital investido em indústrias e jornais. A Casa Piano na Rua do Ouro, uma das sucursais portuguesas dos negócios de uma família de 'brasileiros' no Rio, fechou e no seu lugar abriu uma loja de artesanato chamada Era Uma Vez Um Cambista.

Aonde isto vai parar, entre o 'socialismo em liberdade' proposto pelo PS e o semi-espontaneismo anarcoide atual que promove uma avalanche de ocupações de herdades agrícolas no Ribatejo e Alentejo e de grandes, médias e pequenas empresas em todo o país? O mano assegura, pelo que ouviu das fontes mais diversificadas, que tudo estará definido até o final do ano.

Vencer a batalha da produção é a grande palavra de ordem do momento, repetida ao ponto do enjoo em campanha propagandística da Quinta Divisão do MFA e todos e cada um dos representantes das 'autoridades'.

A pressão de agricultores e operários com ocupações de herdades e fábricas e nas ruas é cada vez maior e há muito as autoridades perderam o controlo dos acontecimentos. A onda da moda é a das unidades coletivas de produção e da 'banca do povo'

e, seja o que for, a bola está quando muito nos pés dos mencheviques. Nem a URSS parece propensa a incentivar uma Cuba na ponta esquerda da Europa, com a Aliança Povo Unido como testa-de-ponte para a tomada da base americana nos Açores, nem os EUA irão consentir a instauração de uma pseudoditadura do proletariado no canto de cá do continente. Sartre aqui está mais a sua Beauvoir a dizer que eleições é 'ratoeira de idiotas', mas o Maio de 68 redundou no reforço do gaullismo. *Que fazer?* – é ainda a questão.

Ivan sai para votar. É funcionário público, não tem como escapar. De todo modo só dois por cento dos cidadãos com direito a voto se omitem nas primeiras eleições livres do país. Tudo a finalmente poder exercer o seu direito e a orgulhar-se disso.

- Claro que não vais votar em nenhum desses gajos, né?

- Claro que sim!

- Em quem? Em que partido?

- No partido que melhor representa a causa popular.

- A causa quê? E que partido é esse?

- Não digo, porque o voto é secreto – justifica-se, já a bater a porta de casa.

No regresso:

- E aí, foi complicado ou quê?

- Fácil, fácil.

- E em quem votaste?

- Não digo, já disse, o voto é secreto – responde já meio a rir, a glosar um dos slogans de conscientização da população.

- Ora, Ivan, não me venhas com essa! E que problema isso teria?

- Ok, tá bom, já que insistes tanto vou revelar-te o meu voto.

Acende a cónica, dá uma tragada, trava o fumo, abre a boca num esgar e recomeça a falar e a exalar fumo:

- Peguei na cédula e desenhei isto assim, ó - desenha um falo no ar -, bem grande e escrevi embaixo: É disto que vocês precisam! Rá, rá, rá!

REVOLUÇÃO

Vigília política após o primeiro banho eleitoral televisivo. Incompreendido por crítica e público quando fez uma bizarra montagem de *Galileu Galilei* com o antigo Grupo de Teatro Oficina, hoje Comunidade Oficina Samba, e escorraçado pelos da sua classe Zé Celso Martinez Correa decidiu ir a Moçambique registar o nascimento de uma outra nação. Filmou a chegada de Samora Machel a Lourenço Marques, recepcionado pelos Marimbeiros de Zavala, os melhores *takes* de *O Parto*, que está sendo exibido pela RTP no primeiro aniversário do 25. O filme passa e eles passando roupa.

- A vitória do PS, tudo bem, já define alguma coisa, mas com maioria relativa não se vai a lugar nenhum. Vai ter de governar com o PC, não há outra. Viva a revolução, viva a baderna!

- Revolução?!

Para Ed não há 'processo revolucionário em curso'. Dê no que der, ditadura do proletariado ou democracia de fachada, vai dar no mesmo, pois como já leu muito por aí a revolução, a acontecer, não se fará só pela via política.

- E vai se dar por qual via, tás maluco ou quê?!

- Tou maluco e quê. A verdadeira luta não é política mas a que visa acabar com a política, lá dizia o velho Norman O. Brown. Só entendo a revolução no sentido da democracia realmente participativa, o que não existia nem mesmo na polis grega, ou então de sublevação ou supressão do Estado, numa revolução permanente com o objetivo de acabar com a política, o que parece um contrassenso, porque como se organizaria a coisa? Numa miríade de comunas com um comitê coordenador? Na ditadura do

proletariado é claro que não dá para acreditar. É uma outra forma de ditadura do Estado e de quem o representa. Sergei Eisenstein, no calor da revolução e anos mais tarde, em *Alexandre Nevski* e *Ivan o terrível*, mostrou para quem quis ou soube ver que no fundo a Rússia fundou-se e foi sempre gerida sob mão de ferro – e estes últimos sessenta anos seriam afinal uma sequência disso, sob a fachada do coletivismo, da sovietização. A menos que se entenda revolução também no sentido que os fascistas ou os militares no Brasil deram à expressão, da mudança pela mudança não importa com que sinal, revolução de direita, o que de tão risível leva a que os contestatários da ditadura brasileira a chamem de a Redentora. Prefiro então delirar com a ideia neo-grouchomarxista do *YIPPIE!*, segundo a qual revolução é por natureza o êxtase, a festa, manifestação do grito primal, instintivo, de liberdade, a verdadeira vida, em que o partido só pode ser um *party*, órgão difusor da baderna, como Abbie Hoffman e Jerry Rubin pretenderam fazer do seu Party Internacional da Juventude. Uma piada, mas dadas as alternativas possíveis o melhor mesmo é brincar, porque a questão não é mudar a sociedade mas criar uma paralela.

- Em Marte, talvez...

- Foi o ponto a que chegou Paul Kantner ao criar o Jefferson Starship, depois de ter apoiado toda a sorte de revolucionários, mesmo da chamada Nova Esquerda neo-marxistó-marcusiana: brincar com a ideia de que uma sociedade alternativa só poderia ser criada em outro planeta ou galáxia. Vira e mexe e voltamos ao mesmo, impensável para mim até a tão pouco tempo: Proudhon e o conceito de 'revolução integral', segundo o qual, face a um mundo em dissolução, é necessário partir para uma remodelação total das ideias e dos corações. Como operá-la? Como acabar com a cultura da neurose, contra natura, e impor o princípio do prazer sobre o da realidade, *drop out*, fazer do corpo o mais possível instrumento de prazer, sair para outro mundo desta história de martírios, regredir ou evoluir para a desintegração de instituições como a família monogâmica patriarcal para escapar ao desastre, como prognosticou Marcuse sem no entanto dar-nos a receita. Aqui, ó – vai ao quarto e pega um dos seus livros de consulta.

- Do famoso manifesto *Woodstock Nation*, de Abbie Hoffman: 'A revolução política leva a que as pessoas desejem outras revoluções em vez de fazer a sua. A revolução cultural leva as pessoas a mudarem o seu modo de vida e a agir de maneira revolucionária em vez de criticar a maneira como os outros se comportam. *A*

perspectiva cultural gera 'foras-da-lei', a política produz organizadores.

- Tudo muito bonito, mas que da mesma forma não leva a nada...

- Um sonho. Lá dizia o pacifista Lanza Del Vasto logo após o 68, que se arribou a um ponto de tal modo decepcionante que alguns chegam a desejar a revolução, a desordem perpétua, em que ao menos se viveria a salvo de uma ordem cinzenta, monótona. Ideias estapafúrdias, talvez, de que em Portugal não houve e não há a mínima ressonância, a não ser de um certo modo antigo nas pichações anarquistas, também porque vai-se a ver e a esta altura já não fazem nenhum sentido, além do plano literário. Fazer primeiro a revolução do indivíduo e da cultura para dinamitar a estrutura política, a ver se poderíamos de algum modo escapar da democracia de fachada, da mera descentralização político-econômica, e como aceitar democracia sem uma participação direta de todos nas decisões, sem ficar à mercê de poderosos *lobbies* de manipulação da opinião pública mais as suas maiorias silenciosas? Nossa geração perdeu o comboio do tempo do bota-abaixo e parece não haver como retomar qualquer coisa do gênero, tipo fazer de uma passeata um verdadeiro espetáculo de cor e alegria, brincar como Hoffman de tentar fazer o Pentágono levitar. Ou como dizia outro que tal, Ron Laing, no belo *A Política da Experiência e a Ave do Paraíso*: *se somos incapazes de saber o que se passa fora do campo da nossa experiência, como posso embarcar em políticas voluntariosas para mudar um mundo que não sei como é?* Que revolução é esta que não muda nada, em termos de mentalidade e de relacionamento das pessoas, baseando-se na mesma atitude hipócrita de manutenção de valores caducos que ninguém está interessado em rediscutir? O princípio básico enunciado por tudo quanto é força política por aqui, com a excepção da direita e de grupelhos de extrema-esquerda, é o da consolidação da democracia e da justiça social, mas há muito mais a fazer também, embora se diga não ser prioridade, muito pelo contrário, porque o uso diluviano de drogas, por exemplo, combate-se com métodos pidescos e acabou-se. A Gloriosa degenera até acabar em Napoleão, na política como na cátedra, em relação à qual também nem se cogita uma remodelação, em termos de estrutura da Academia e de currículos. Os estudantes expulsaram os bufos & bufões, que serão provavelmente substituídos por bufos & bufões de outras causas, mas sempre bufos & bufões e possivelmente mais burros.

Ninguém põe em causa o ensino das sebentas de caretice, estrei*tris*teza de visão. Direito da Família?! Oitenta páginas de decoreba e acabou-se. Quem vai pôr em causa o Direito de Família e o Código Penal?

- Pôr em causa nada, vais é ser governado por comitês de fábricas e ponto – encerra o outro na galhofa. – Esse filme do Zé Celso é uma merda!... Toma aí, fuma que só te faz bem.

A primavera de 75 é radiosa mas curta, porque o Verão quente se antecipa sem dar margem à utopia.

Os acordos de Alvor sobre a suposta partilha do poder de Angola e os rumos políticos de Moçambique aumentaram o caos nos portos moçambicanos e angolanos, soldados misturados a 'cidadãos de segunda' a tentar a todo o custo partir para Lisboa no primeiro navio.

A mãe de Júlio da Maianga e Caleb tinha um punhado de angolares que pretendia trocar à chegada a Lisboa mas o dinheiro não valia nada e os filhos convenceram-na a gastá-lo por lá mesmo e esconder liamba no estofado do sofá, que ficou retido com o resto da tralha num contentor no cais de Alcântara.

Os *pied noir* lusos são rapidamente assimilados e ganham status, supremacia, aproveitando-se de benesses: a partir dos *campings* são rapidamente assentados. IARN, acróstico de Instituto de Apoio aos Refugiados Nacionais, chega a ser termo altamente pejorativo mas não tarda muito e já deram a volta por cima, fazendo o que sempre fizeram em Angola e Moçambique, explorar bares e restaurantes. Torna-viagem africanos, como os brasileiros dos tempos de Eça e Camilo, servem à direita de contrapeso à avassaladora onda esquerdista que toma as rédeas da locomotiva.

Freak Brothers? Sem tirar nem pôr, com a excepção de que aqui ninguém parece verdadeiramente freak, salvo pela juba, que desde Londres Ed não deixava crescer tanto, já a parecer, quando seca, uma peruca da corte de Luís XIV. Mesmo as jeans azuis claras remendadas estão sempre limpas e passadas. Mas a partir do dia 10 de cada mês está tudo teso. A única coisa que não falta, e ainda assim só até o dia 20, é fumo. E de repente, porque também já começa a circular com profusão, um graminha ou outro de coca, que Ivan compra fiado até receber no fim do mês.

Quando a coisa aperta os homens vão comer às casas das famílias. Eloísa lá se arranja com o que delas se leva e uns trocados. De madrugada, quando a larica aperta, faz-se mais uma caixa de gelatina Royal que a tia deixou como única herança no armário da cozinha, ou então é o que restou do seu espólio após o abuso dele feito por Ivan e companhia. A cozinha é a própria imagem da baderna político-económica do país: nenhum utensílio limpo, o fogão imundo e, como ele, o encaixe da chaminé, o armário ao lado, mesa, pia, tudo em pantanas. Quando a gelatina acaba fecha-se solenemente a porta da cozinha à chave e esquece-se de que existe, só a casa de banho e o quarto do casal são mantidos em ordem. Na sala, a mesinha de laca já está toda queimada de pontas de cigarros e pedaços de haxe mal desfeito incandescentes, irreconhecível em relação a como o casal a encontrou há escassos três meses. Uma tarde, enquanto com uma mão segura a cónica e a aspira com a cabeça meio inclinada para o lado e comenta uma notícia da TV, Ivan apoia o cotovelo na cristaleira da tia e um pé calçado no relevo do canto inferior da mesma, que logo cede, quebrando-se à pressão.

MADE IN LISBON

Combinam com Leda e Lauro ir ver *Made in USA* de Godard numa sessão da meia-noite do Londres. Tudo em ordem após mais um dia tranquilo.

Eloísa passou-o no quarto a consultar o *I Ching* e a tirar e ler cartas do Tarot e *Assim Falava Zaratustra*, que trouxe da casa dos pais, que passou a visitar uma vez por semana e de onde também traz algumas provisões. Ed abasteceu-a também com *A Montanha Mágica*, que aguarda a vez sobre a mesa de cabeceira debaixo de um exemplar de *Sidharta* que furtaram na Bertrand.

Início da noite. Após tomar notas para um artigo encontra-a a chorar na cama.

- O que se passa? Porque estás assim?

- Uma grande dor de cabeça – responde entre soluços.

- Dor de cabeça? Nunca tiveste dor de cabeça antes, porque será?

- Não sei – e olha-o com os olhos vermelhos, a cara banhada em lágrimas e ar de angústia.

- Nunca vi ninguém chorar como um guri por causa de uma dor de cabeça. Queres que vá comprar um analgésico?

- Não, isto passa logo. Não é a primeira vez que me sinto assim. Há de passar.

Mas não passa. Passa o tempo e ela na mesma, prostrada na cama, os olhos vermelhos, rosto banhado em lágrimas, ar de aflição.

Entretem-se a ver um filme de Cukor com Katharine Hepburn. No intervalo, volta ao quarto.

- Se é só uma dor de cabeça vou comprar um analgésico.

- Não é só dor de cabeça...

O telefone toca. Lauro propõe irem à casa de Leda para 'animar a cabecita' antes do cinema.

- Ótimo – manda. – Godard deve ter feito o filme com uma pedra dos diabos, a ver se desta vez atino melhor com a pedalada da montagem mais os diálogos e letreiros. Até já.

- Lauro e Lê estão a nos convidar para irmos lá antes do cinema. Uma boa, não? Temos de sair mais cedo.

- Eu não vou ao cinema. Vai tu. Depois conta-me. Hão de passar outra vez.

- Conto-te?! Aquilo é inenarrável. Só com o plano de *découpage* do Godard na mão é que se poderá descrever alguma coisa. Vá, vamos lá! Já te passou a dor de cabeça?

Aproxima-se da cama e passa-lhe a mão nos cabelos lisos e depois no cachaço.

- Deixa-me! – reage com um repelão. – Vai ao cinema e quando voltares já estou boa.

- Não. Por mim nem vou ao cinema. Para todos os efeitos já vi o filme e dá para ver de novo noutra ocasião. Mas o que é que sentes, afinal?

Senta-se na cama, põe a cabeça entre as pernas, depois ergue-a, a chorar aos prantos e a apertá-la.

- É uma pressão... uma pressão enorme na cabeça... não dá para explicar...

- Mas sentes alguma dor?

- Não é bem dor. Quer dizer, não sinto assim dor física. Só uma pressão que parece que a cabeça vai estourar e eu vou endoidecer.

- Mas porquê?

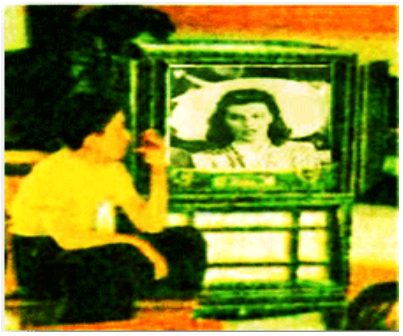
- Não sei.

- É alguma coisa em relação a mim, a nós?

- Não. Não é nada em relação a nós.

- Então, em relação a quê?

- Não sei, não posso dizer. Vai um pouco até à sala, vê um pouco de televisão ou faz qualquer outra coisa e espera um pouco. Daqui a nada já estou boa.



Grandes festas no filme de Cukor. O filme acaba. Desliga a TV e fica em silêncio sob a luz do abajur a pensar no que fazer quando o telefone toca três vezes, para de tocar, volta a tocar de novo outras três vezes, para e recomeça outra vez. Lauro e Leda também estão a par do código. *Já são onze horas, vamo-nos atrasar, está tudo pronto, estão a chegar ou quê?*

Vou ver. Eloísa continua angustiada, os olhos como duas tochas, a apoiar a cabeça deitada sobre um braço.

- Já são onze horas, vamos lá.

- Não vou, já te disse! Vai tu com eles! – responde, agora furiosa.

- Eloísa, mas o que é que tens?!

- Nada que te diga respeito.

Desaustina e vai até à sala e volta.

- Vá, querida, levanta-te, passa uma água no corpo, toma uma ducha e vem. Vais perder *Made in USA*, que nunca viste?! Uma cinéfila não pode deixar de ver o filme!

- Não vou, não vou e não vou e põe-te já daqui pra fora – diz a erguer-se e a empurrá-lo porta fora, até quase fechá-la, mas ele põe um pé à frente e empurra-a contra ela e, ao ouvir barulho na da rua, entra e fecha a porta à chave.

- Afinal, se não há nenhum problema entre nós está tudo bem...

- Está tudo mal! – grita a jovem descabelada, a pôr as mãos na cara e a inclinar-se sobre as pernas estendidas. – Tudo mal! *Tu-do!* – e recomeça a chorar, com mais intensidade.

- Mas porquê está mal? Explica-me – parece um disco riscado sobre dois compassos com o mesmo acorde.

Toca o telefone e Ivan logo atende. Abre a porta e Ivan estende-lhe o bocal. Desfaz a combinação com Lauro e volta ao quarto. *Made in USA*? Muito *mad* in Lisboa!

Entra e fecha a porta.

- Mas afinal, o que se passa? Diz-me ao menos o que se passa!

Ela muda. Acerta um murro na porta, manda a mão fechada na parede e um chuto na cômoda da tia.

Batem à porta.

- Ed! Ed! Abre a porta! Vais matar a garina!

- Não é nela que estou a bater!

- Mas vê lá, não vás dar cabo também do quarto da minha tia, pá, toma cuidado!

A um passo de perder o controle, com o que me resta de calma senta-se na cama, agarra-a com cuidado pelos braços e implora:

- Ok, se não sou eu, qual é o motivo de tanta angústia, tanta fúria?

Ela chora como nunca viu uma mulher chorar antes fora das telas.

- São os meus pais. O meu pai! O meu pai fez-me sempre a vida negra, desde pequena não me deixava fazer nada e se fazia alguma coisa de que não gostava enchia-me de porrada. Foi assim até começar a namorar o Artur, aos 14 anos, e o meu pai a controlar-me cada passo a ponto de nem me deixar sair. Proibia-me e se desobedecesse batia-me. E a minha mãe, que toda a vida se sujeitou à sua truculência e ignorância, sempre a apoiá-lo, ajudando-o a reprimir-me, a castigar-me. Foi uma tortura toda a minha vida ali. Passado um tempo do nosso namoro já era o Artur a bater-me.

- Bater?! Porquê?

- Sei lá. Por ciúmes, por nada, enfim. Quando finalmente consegui romper com ele, após seis anos, o que encontro? Um homem atrás do outro que só quer comer-me por trás, como se fosse um castigo, uma maldição. Acho os homens, as pessoas todas, este sistema de merda, um horror, queria entrar noutra, desaparecer, eclipsar-me daqui. Estou aqui para obedecer ou levar porrada... ou no cu....

- Mas não eu!

- Sim, tu não...

(*Ao menos até aqui* – brinca consigo mesmo para descontrair um pouco. Bataille diria que a queixa é uma súplica...)

Deve finalmente ter-se apercebido de todo o ridículo porque aqui chegados ri-se e diz, apertando-o com carinho e pondo a cabeça de lado no seu ombro seco:

- Desculpa-me, vá. São águas passadas, espero.

- Também eu. É a primeira vez que me deparo com alguém tão traumatizado.

Mad-e in Lisbon acaba à hora em que deve ter acabado *Made in USA*, uma meia-noite de terror. *She's leaving home* à portuguesa. Em vez de um três por quatrozito moderno sempre o mesmo fado. E o medo de um mundo tão violento e limitativo transforma-se talvez em medo de que tanto à-vontade e liberdade possam acabar como um sonho. O que mais? Vai à janela, olha o Técnico sem vivalma e só iluminado num ou noutro ponto por um poste isolado e não sabe o que pensar.

HOMULHER MULHOMEM

Seja pela índole aquariana, compleição física, formação, a sua ideologia consiste substancialmente em ser diferente do que vê no comportamento da maioria das pessoas em volta e no mundo, no respeito absoluto da vontade do outro – e da outra - desde que ao menos um pouco sensata.

Em Portugal não se esboça sequer algumas ideias próximas ao que se convencionou chamar de Nova Esquerda, a não ser nalgum grupelho situacionista. A nova legião de desbundados é uma

grande tribo heterogénea de que também não sai nenhuma nova luz em termos comportamentais, como pensar uma verdadeira revolução. Um lírico: utopia.

Entre bichas, transsexuais, mulatos, brancos de várias tonalidades e quase índios, e conjugado a uma fêmea, lhe vai de matutar entre a teoria e à prática sobre novos modos e moldes de encarar questões que até ontem eram tabus aberrantes (que "desvios" eram punidos com prisão e a descriminilização ainda muito recente da sexualidade). Aproveita para tirar medidas por exemplo do papel da mulher além das estroinices do Women's Lib e a sua postura sem hierarquizações de relações e tabus, o corpore livre de corporações, patriarcalizações e comichões, o que muitas mulheres ainda têm de conquistar a murro, naturalmente, face à boçalidade reinante. Ele sem ansiedade. *Carpe diem quam minimum credula postero.*

Não passa muito tempo quando uma noite despretenciosa de sábado em que o trio vê *A Star is Born* – estamos em ciclo de retrospectiva George Cukor na RTP - transforma-se num *party* quando Pepe, Candy, Dio e Joan adentram a sala e sem que se perceba a noite passa e amanhece. Ed despede-se dos convivas quando estes combinam tomar de assalto uma farmácia para comprar *uppers* e *downers*, moda emergente na cidade na Primavera autonomista pós-11 de março. Ed dispõe-se a dormir para estar minimamente em forma em almoço de família.

Acorda ao meio-dia ao som de *Cocaine* de Eric Clapton e os meus estão muito animados na sala. Quando acaba de vestir-se a casa tresanda ao matraquear agoniante de *The Lamb Lies Down on Broadway*. Ivan, Candy e Eloísa entram e saem da casa de banho e dos quartos após terem tomado um duche. Dio, Joana e Pepe permanecem na sala a ver revistas de banda desenhada e de atualidade underground que compro ou roubo na Opinião, que é quase sempre propícia ao fascinante exercício da cleptomania, porque as publicações do gênero importadas ficam amontoadas num grande cesto colocado no chão junto à porta, num belo convite ao roubo.

De regresso do almoço Eloísa pede-lhe que vá ao quarto, onde Ivan está em grande depressão.

- IVAN EM DEPRESSÃO?! Ora o maganão! Só se for piada!

Chega à porta e vê Ivan sentado aos pés da cama a chorar como uma carpideira. Ao seu lado Candy não denota nenhuma sensível alteração de estado de espírito. Penteia os cabelos lisos com enê como se fosse uma mulher.

Procura inteirar-se do que se passa com Eloísa, muito alterada.

- Ivan foi à casa de banho e Candy estava lá, nua. Achou o que viu deprimente e entrou em crise.

- Ivan em crise?! Ouve cá, mantém-te à distância do Ivan ou então quem vai entrar em crise daqui a nada és tu. Não o conheces já o suficiente para saber que é só a re'nar?

- A sério que ele não está brincando! Ouve lá, já viste a Candy nua? É uma coisa horrível. As mamas dela parecem duas laranjas murchas, um horror!

Diz-lhe que o melhor a fazer é não entrar na dele, porque com a falta de sono e os efeitos da perda de potência da anfetamina que andaram a engolir bate aquela angústia.

Sempre pertinente Eno comenta da aparelhagem de som:

Lucy you're my girl, Lucy you're a star
Lucy please be still and leave your madness
In the jar but to be where It will follow you
it will follow you

Ivan foi há dias à Costa e não fosse quem é, uma varina bisbilhoteira, na volta da praia deu uma passada pela casa de Candy, onde reparou – *imagina!* - que havia uma porrada de *Crónicas Femininas* no seu quarto. Candy Darling, nascido James Lawrence Slattery e que acaba de falecer em função de um exagerado tratamento de hormonas deverá estar a dar umas belas voltas no túmulo. *Nunca a vi como homem* – disse um seu ex-amante na morte da diva de Warhol, mas a cabeça da nossa Candy, de Lisboa a Bruxelas e vice-versa, permaneceu vazia, fosse homem ou *como mulher*. A operação foi um equívoco, um erro irreversível.

Acutilante e irónico, malicioso e mordaz a abrir a boca, pondo a linguona para fora num esgar de escárnio mas nem assim mal educado, Pepe diz tudo ao trocar Eno por Eno e pôr em colagem *Baby's on Fire*

Baby's on fire, better throw her in the water – as batidas secas do baterista Simon King nos pratos de choque a dar um clima ainda mais pesado de sala de cirurgia ao ambiente.

O bando sai para dar uma volta e após o regresso se dispersa. Ed fica só com Eloísa e não tarda muito estoura a terceira crise. A pressão na cabeça, a opressão dos pais, o diabo, o que ela precisa é de dormir e felizmente que logo, logo está a fazer dodô.

O tempo continua quente e costumam passar fins de semana na casa de praia dos pais de Leda na Costa com ela e o namorado. Uma bela vivenda onde nas horas mortas Ed costuma entreter-se com revistas antigas importadas como *Saturday Evening Post* com as capas de Norman Rockwell, com leve cheiro a bafio próprio de publicações de casas de praia. É como se voltasse à infância, quando se entretinha em Saquarema com as aventuras dos Sete e dos Cinco que lhe mandavam de Lisboa. Num destes weekends de sonho adolescente, de certo modo revivendo o que não houve, propuseram-se esmigalhar o único ácido disponível e pô-lo num copo d'água, na esperança vã que pudesse dividir-se irmamente pelos quatro. Mas quando acabam de jantar chegam Joana e Dio no novo carro do jovem ex-atleta, uma banheira Opel Record preta ainda em bom estado.

Acabam por tentar esmigalhar o AC e dividi-lo pelos seis. Cada um toma um gole. Os visitantes pegam duas bicicletas e vão passear. Ficam a ver *Suave é a Noite*, uma das más adaptações de Scott Fitzgerald em que Hollywood é pródiga mas tudo somado um belo passatempo para um fim de semana de relaxamento, sem sentir nenhum efeito do ácido. Ed está confortavelmente na cama como um tio velho a ler excertos do livro de A.E. Hotchner sobre Papa Hemingway no *Evening Post* quando Dio entra no quarto a comunicar que deve ter deslocado a clavícula. Conta que devia estar doido demais, bateu numa pedra e caiu. Deve ter-lhe calhado quase todo o ácido, porque também Joana diz que não está a sentir 'nada de especial'.

DANCE IRMÃZINHA DANCE

Vez ou outra com frequência dividem um táxi para ir ao *2000*, como é mais comumente chamado o 2001 no Autódromo do Estoril, a melhor boate das imediações. Normalmente vê-se um Buick creme descapotável no estacionamento do autódromo. Bebe-se

apenas o do consumo mínimo, ou nem isso – vai-se fumar um joint nas arquibancadas da pista de corridas, que nunca teve melhor serventia. Lá dentro, ritual de dança, uns poucos rapazes e raparigas a balançar os quadris, *shaking the hips*. Muita diferença em relação à geração que já se aproxima dos trinta. Começa finalmente a mudar o conceito de local de *dancing* moderno, o que na Inglaterra acontecera nos anos 60, quando os *ballrooms*, cabarés e boîtes fecharam ou tomaram outras feições, embora com ar mais ou menos idêntico – porque de noite todos os gatos são pardos –, e decorações e ambientes diferentes e a que se passou a chamar de *discotheque*. Em Portugal o termo não serve, porque discoteca é loja de discos. Luzes estroboscóbicas e esferas de vidro sobre o centro das pistas de dança acabam de chegar e como elas os *deejays* começam a ser importantes pelo público que atraem. O *2000* reúne a malta mais ou menos underground, que entre o que é dado a escolher é a que oferece melhor música, 'dançável' de outros modos, com a cabeça (que se põe a funcionar também a partir das letras) e com o corpo. O hedonismo, do grego traduzido para o latim por Cícero como *voluptas*, chega finalmente à terra da reserva, da discrição, do recato, dos falsos pudores e recalques, hábitos doentios de décadas de reinado de moral católico-salazarista, como se vê mesmo durante o PREC, quando os refratários trazem modas de países talvez menos airosos mas mais abertos.

Dança, transe de rituais africanos com exorcismo de *bad vibes*, Reich a explicar se tivesse sobrevivido à caça às bruxas, mas como explica Norman O. Brown esses momentos são a expressão da entrada em cena no Ocidente do fim da dualidade corpo-mente sintetizado em *Sympathy for the Devil*, que se traduziria por conhecimento do diabo, e que reporta a *O Maestro e Margarida*, de Bulgakov, atualizando-o, de Herodes e Pilatos a lavarem as mãos da crucificação de J. Cristo a alguns dos acontecimentos cruciais da história contemporânea. Diz-se também que após uma viagem a Salvador da Baía e ao Rio de Janeiro os Stones quiseram fazer um samba mas acabaram por gravá-la e apresentá-la ao vivo pela primeira vez no concerto de homenagem a Brian Jones, no Hyde Park, entre leituras de poemas de Shelley e chuvas de pétalas de rosas brancas, como a maior aproximação da carreira ao 6/8 afro.

Eloísa a dançar ondula como uma chama ébria, de alto a baixo, da cabeça inclinada para um lado aos ombros e dali às ancas e depois as pernas que parecem desarticular-se até aos tornozelos, enquanto os pés giram sobre o calcanhar de um lado ao outro.

Vasco Gonçalves faz o impossível para administrar o país num Verão muito quente não só do ponto de vista político, com o governo a não ter controle sobre o chamado Poder Popular de que pretende ser o representante. O homem vira noites insones em busca de uma solução político-institucional para a situação de constantes atritos que se vive em todos os sectores da sociedade. No que diz mais diretamente respeito à gestão política Aliança Povo Unido, Grupo dos 9, Copcon do camarada Otelo, em torno de quem se agrupam os partidos ditos de extrema-esquerda, emeéles, trostkistas e brigadistas. O país continua a ser assolado por uma onda de ocupações, entre as quais uma das que mais dá que falar é a do próprio jornal *República* - devidamente visitado por Beauvoir e Sartre, o nome por trás do *Liberation* -, o que obriga o grupo dirigente do PS a arremedar Spínola e convocar a 'maioria silenciosa' para uma manifestação contra o extremismo na Fonte Luminosa e fundar um outro diário, *Luta*. Vive-se num contexto inédito: mais que uma autogestão jugoslava um processo semi-espontaneista de implementação da baderna. Nem o maior especialista em Marx ou Lenine saberia o que fazer, porque entre teoria e prática há uma distância igual às interpretações tão díspares de uma cabeça a outra. Numa importante conferência de imprensa realizada alta madrugada no Palácio de São Bento e transmitida em direto pela RTP o Camarada Vasco sua em bica pelo calor da noite e das luzes de refletores mas o que se pergunta é como faz para manter a fibra, e em resposta a uma pergunta sobre uma situação muito concreta, chega a disparar: *Ao referir-se a uma situação análoga, o camarada Lenine disse que...*

Gregório o Gregário ou o Bom Gigante protagonizou uma das muitas histórias inverossímeis do tempo da guerra. Na idade própria o pai manda-o a estudar na Bélgica e ele por lá fica. Passam-se os anos até que um Natal o pai obtém a garantia de um amigo supostamente bem informado de que o filho não seria convocado naquela quadra e ele vai de passá-la em Lisboa com a família. Uma bela manhã recebe a carta de intimação. Com um metro e oitenta e seis de altura e *phisique du rôle*, corpanzil moldado no karaté, vai para o Regimento de Paraquedistas em Tancos, onde conhece Mandarim, assim chamado porque além da cútis meio amarelada tem os olhos um pouco puxados, a denunciar alguma passagem de sangue macaense pelo da família. Fazem a instrução de milicianos para ser mandados em comissão de serviço na certa muito arriscada em Angola, Moçambique ou na Guiné. Mas borram-se todos e não conseguem dar um salto de 15 metros

como se fosse em queda livre, embora amarrados a cordas elásticas. Sem cumprir o requisito mínimo são transferidos para a PM o que, mesmo que fossem mandados para África, seguramente já os pouparia de entrar em ações de combate. Ficariam nalguma Luanda ou eleéme ou num posto avançado a policiar soldados. Mas vão parar em... Timor, onde chegam a ser autorizados a fixar residência fora do aquartelamento e fundam uma espécie de comunidade hippie a que aporta gente de praticamente todo o mundo em trânsito da India e Bali para a Austrália e vice-versa.

O Ano Passado em Nambuangongo

Uma noite, vendo a luz acesa, tocam na do Mandarim e Lila, às Avenidas Novas, onde estão o Bom Gigante e Rosário, a sua namorada. Sentam-se na pequena sala alcatifada a ouvir o novo dos Supertramp, *Crisis? What Crisis?* Nem pensar em ver-se por aqui algo do tipo *papel de enrolar cigarros* Conquistador sem cola nos dois lados e que se encontra em qualquer tasca. O melhor em circulação é o importado *Riz La Croix*, que quase só nas casas do China e do Bom Gigante é aplicado a contento, com finíssimo trato, duas folhas cortadas em diagonal e coladas a uma terceira na ponta de baixo, mais fina, a uni-las, corta-se *com uma tesoura* um filtro de cartolina da capa de uma revista importada ou do invólucro do próprio livrinho de mortalhas/sedas, o que redunda numa cónica mais fina ou mais grossa, dependendo da disponibilidade e da ocasião, verdadeiras obras de *design*. Mandarim é o único a usar a maquininha de enrolar para confeccionar os *finos* e vê-se nisso e no tempo que leva a processar a mistura – fundamental no entanto – uma esquisitice de feitio. Arte de enrolar e fumar como a de servir um bom vinho, inovação. O boi colombiano é fortíssimo. Carlini Sampaio, que acabam de conhecer, contorce-se todo. Estica os braços. Faz esgares de psicopata, em que os olhos reviram, um para um lado de uma vez e o outro quase ao mesmo tempo, num movimento mais lento, para o lado oposto. Não tem nada de freak mas parece um fantoche, da barriga para cima, movimentos desconexos, ar de doido. O THC do boi colombiano é muito forte mas a sensação é a de que não é isso que o faz portar-se assim.

Passará muito tempo até saber a causa do destrambelhamento, quando, apesar de todos os abusos – porque de um trauma desses ninguém escapa de uma vez por todas –, ao menos a expressão facial estará livre das contorções de mentecapto. Guerra que nunca mais acabas... Carlini Sampaio esteve em Nambuangongo, meu amor, no início da pista Holden Roberto, que vinha do Congo e servia de linha de abastecimento da FNLA, na fronteira da região do Soyo e Cabinda, onde as tropas portuguesas e das FAPLA enfrentaram o diabo.

Após o mar de lenços brancos de despedida no Cais de Alcântara, quem chega a Luanda ou Lobito tem direito a uma semana ou duas de 'refresco' de whisky, groselha ou capilé antes de ir para uma das frentes de guerra. Uma companhia pode voltar com menos um quarto dos soldados ou mais.

Nambuangongo, um aquartelamento num vale, quem houvera de pensar...

Mas antes Ed rebobina a fita e a põe a rodar no ponto em que está no banco giratório de balcão do Metro e Meio e dá voltas até quase se estatelar no chão de tanta bebida enquanto Carlini Sampaio executa uma pianada cabriolante chickcoreana, malwaldriana, budpowelliana, hancockiana, keithjarrettiana e... mozartiana. Meia-noite, uma da manhã, Carlini dá 'cobertura' à estreia absoluta da filha de um famoso ator cômico como cantante. Dá-lhe umas fora de brincadeira, meios tons, quartos, acelera e desacelera o compasso imprevistamente, a gozar com a garina que parece não estar preparada para a carreira.

Nambuangongo, palavra macia, sertão doce, foi o fim da picada para Carlini, entre o milharal do quimbo que a tropa em missão de soberania 'protegia', situado ao lado. Também ele conseguiu permissão para morar fora do aquartelamento.

Com a sua bolsa de tiracolo com o último modelo de gravador portátil Philips e cassetes, Ed está na cuba de Carlini e ao chegar, enquanto este destapa a garrafa de brandy, afinfa-lhe uma, ouve isso aqui que gravei de um documentário de um retorna ou coisa que o valha que passou na RTP-2, no mínimo uma dezena de teclados de madeira dos Marimbeiros de Zavala, que parece de uma riqueza tímbrica superior à de Stevie Wonder em *Songs In The Key Of Life*, cada uma na sua melodia a fazer um compósito harmónico de cipoal timbrístico, e colado de chofre

auatata, auatata, auatata ngoa mussengue

e Ed o que quererá isto dizer e os tambores

pam-pam-pam-pam-pam-pam-pam – pá

pam-pam-pam-pam-pam-pam-pam - pá

em seis por oito e o virtuoso: *aaaah!*

Tomado de entusiasmo catártico Carlini põe-se a marcar da forma mais viva num bongozinho marroquino: - *Isso é de um ritual de fertilidade da região onde estive!*

A dois passos do Mayombe e de Cabinda, onde todos lutavam contra todos.

- Imagina tu. Construíram o aquartelamento num baixio ao lado da pista Holden Roberto. Os efeenelás vinham pejados de munição e para aliviar um pouco a carga despejavam-na sobre nós, tás a ver? E o que é que se podia fazer em tamanha desigualdade de condições? Disparar de baixo para cima? Nem pensar... Olha, um dia dá-me na telha e digo vou masé pro forno da cozinha, tás a ver, um túnel do camando – e com quem é que dou de trombas? Com o chefe do aquartelamento, que também se tinha refugiado lá, porque a única coisa a fazer era procurar abrigo. Estava-se ali só para dizer que havia uma bandeira portuguesa hasteada ao lado de um quimbo, domas? Um inferno! E lá fui eu morar no quimbo. Tinha levado uma guitarra porque decidi aprender a tocá-la durante a comissão e quando estava lá a arpejar vinha-me o soba e ficava da porta a domar com ar de maravilhamento mas sem querer intrometer-se, tás a perceber? Era um gajo incrível, sempre vestido com um casaco de oficial do exército, um louco. Convidava-o a entrar, mas ele neca. Até que um dia lá entrou com ar intimidado mas no fundo a re'nar e começou a fazer-me perguntas sobre a guitarra, eu na minha, ele muito interessado e uma pergunta puxa a outra pede-me que lhe dê a guitarra e eu ok, dou-te a guitarra se me mostrares onde fica a plantação de boi! Boi?! – fez a querer demonstrar admiração. Sim boi, liamba! Ah, liamba! – diz ele. Sei muito bem o que é liamba, meu, mas nós não temos cá disso, não temos nenhuma plantação de liamba porque não queremos cá

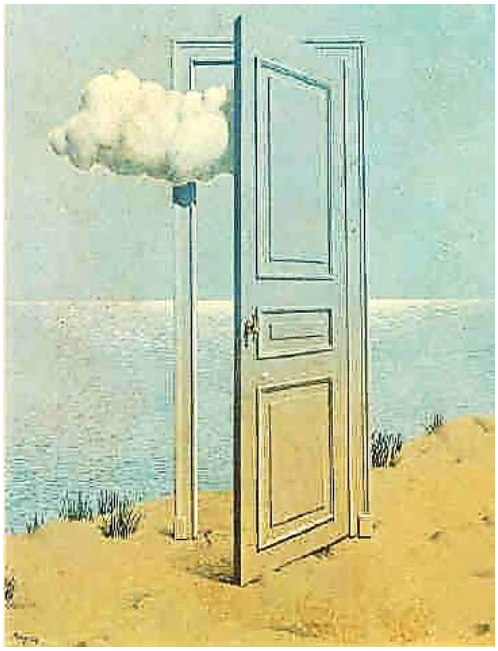
disso. *Qual é a tua, meu, tás a querer cantar-me o fadinho ou quê?* Então não haviam de ter uma plantaçãozita? Disse-lhe: se me mostrares a plantação eu dou-te a guitarra. E ele nada. Até que um dia diz-me para acompanhá-lo. A plantação estava atrás de um milharal de todo o tamanho. Em resumo, não aprendi a tocar guitarra na comissão!

scenas ambientais

Um grupo de jovens formado por um publicitário muito bem sucedido e esposa, que fizeram pé-de-meia do salário do emprego do homem numa multinacional do ramo, de que ele pura e simplesmente se demitiu, um jornalista em licença sem vencimento de uma empresa ocupada e quase falida, ex-militante da LUAR, e uma operadora de empresa telefônica partem de comboio para Paris rumo à India, onde pretendem permanecer por tempo indeterminado. Foto do quarteto com mochilões, T-shirts, agasalhos, jeans e calçados novos em folha. Freaks, sem dúvida, porque protagonistas de um autêntico *drop-out* tendo tudo para ficar *in*. Mas nada a ver com freaks, ou então hippies de boutique a entrar numa de ir para a India em onda mística do tipo que já não se usaria desde o caso Maharishi Iogi-The Beatles. Mas a onda também é essa ainda em meados da década de 70, renovada através de figuras polêmicas como o guru Rajneesh e que se reforça no grupo ao som de músicos que exploram o encontro de múltiplas culturas, como Collin Walcott e Oregon, Devadip Carlos Santana e Alice Coltrane no tributo ao guru Sri Chinmoy em *Illuminations*, Mahavishnu John McLaughlin em *Shakti*, numa viagem transplanetária a reproduzir também o gosto médio da juventude contemporânea com coisas para que Ed torce o nariz como Pink Floyd, que para ele se tornaram clássico de fancaria, e os mais palatáveis Supertramp (quem diria, desde o Coliseum...), que em *Crisis? What Crisis?* fazem uma digressão pelo mundo tormentoso da esquizofrenia.

Vi os melhores espíritos da minha geração destruídos pelo SG Filtro – é uma das melhores tiradas do Bom Gigante, Gregório o Gregário, Gentle Giant, filho de um artista plástico que se sai melhor que a encomenda no quesito perfeccionismo, com extraordinário dom para relações humanas, aparentemente arredio e quase sempre em público de excelente humor e disposição, porque quando não está bem, como bom filho único, retira-se de forma peremptória. No seu *studio* fuma-se as cônicas e os joints mais bem confeccionados da cidade, apertadíssimos para se ser

obrigado a puxar muito forte ao ponto de quase não se avivar a chama e inalar bem o fumo para os pulmões. Graça e o carisma do anfitrião são contagiantes. E os serões na sua casa estão entre os mais divertidos da cidade em que se vive entre uma aparente normalidade e o caos político-administrativo.



de La Victoire Magritte

Entre Pauwels, Castañeda, Lobsang Rampa, os transes de Teresa Dávila e João da Cruz e contactos com outras fontes de luz, *erzats*, *bodhisattvas*, *jivanmuktas*, tergiversa e faz a plateia gargalhar numa leitura alucinógena da história de Portugal. A base científica para uma tal proposta está exposta de sobejo por Huxley a partir das conclusões do 'eminente filósofo de Cambridge Dr. C. D. Broad' por ele citadas em *Heaven and Hell* de que *deveríamos levar mais a sério as teorias de Bergson sobre memória e percepção dos sentidos*. Broad sugere que a função do cérebro e do sistema nervoso é essencialmente *eliminatória* e não produtiva.

Todo indivíduo é em cada momento capaz de recordar tudo o que lhe aconteceu e de se aperceber de tudo o que acontece em qualquer lugar do universo. A função do cérebro e do sistema nervoso é a de prevenir-nos contra a possibilidade de sermos esmagados e baratinados por essa massa de conhecimento em grande parte inútil e irrelevante, barrando a maior parte do que, doutro modo, nos aperceberíamos e lembraríamos a qualquer momento, e deixando entrar apenas essa muito pequena e especial selecção que poderá ter utilidade prática na nossa vida. De acordo com essa teoria, cada um de nós é potencialmente Mind at Large (de mente expandida).

Mas, por sermos animais, o nosso objetivo é o de sobreviver a todo o custo. Para que a sobrevivência biológica seja possível a Mind at Large *tem de ser afunilada através da válvula de redução do cérebro e do sistema nervoso. Pelo aprendizado de linguagens a maior parte das pessoas na maior parte do tempo tem apenas consciência do que lhes chega através da válvula de redução pelo que foi estatuído pela linguagem local como genuinamente real. Algumas pessoas entretanto parecem ter nascido com uma espécie de by-pass que engana a válvula de redução. Noutras,* by-passes *temporários devem ser obtidos espontaneamente ou através de 'exercícios espirituais' propositais ou hipnose, ou ainda por meio de drogas. Que não é que abram totalmente à* Mind at Large*, apenas um pouco mais que o normal, e acima de tudo a algo diferente do material utilitário cuidadosamente selecionado que as nossas mentes espartilhadas têm como uma completa, ou ao menos cabal, imagem da realidade.*

Huxley volta à Idade Média, quando em metade do ano as pessoas não comiam frutas e vegetais e consumiam muito pouca proteína animal. No início da Primavera a maior parte sofria de escorbuto por falta de Vitamina C e de doenças provocadas por escassez de complexo B. A consequência inicial de uma dieta inadequada é um decréscimo da eficiência do cérebro como instrumento de sobrevivência biológica. *Com o passar do tempo elas ficavam sujeitas a visões; porque quando a válvula de redução cerebral tem a sua eficiência reduzida a maior parte do material inútil (em termos biológicos) flui para a consciência 'lá de fora', na* Mind at Large. *Some-se a isto os 40 dias de abstinência da Quaresma, num período do auge do fervor religioso e de menor ingestão de vitaminas. Êxtases e visões eram o pão nosso de cada dia*, concluiu o bravo Huxley.

Daí a D. Juan na História de Portugal vai um passo:

- D. Fuas Roupinho cruza léguas e léguas no lombo do cavalo tendo por alimento básico pão de centeio. Vá que o pão já não fosse lá muito fresco ou que o centeio armazenado já estivesse a criar fungo, põe-lhe mais uns dias de jornada em cima e o fungo do centeio nos dará o quê mesmo? A ergotina fermentada! A essência do ácido lisérgico, alucinação pura! Que espanto então que tenha visto lá no alto a Senhora de Nazaré?!... Assim também se explica as alucinações dos lapónios com os famosos cogumelos de chapéu vermelho com pintas brancas, *Amanita muscaria*, ou visgo de mosca, que lhes deu até para ver Santa Claus a voar num trenó puxado por renas!

‘Drogar-se’ é, neste capítulo destas vidas, algo muito diferente de sessões de perdição ou desatino. Ao contrário, encontro com sigo mesmo e com os outros, além de fonte de relaxamento.

Droga loucura e vagabundagem

No meio do caminho da nossa vida
dei-me conta de estar numa floresta escura
onde o caminho tinha sido perdido.
Ah, como é difícil evocar a escuridão do bosque.
Como a escuridão renova os meus medos!
Dificilmente a morte é mais amarga que essa sensação
mas para falar do bem que encontrei
vou relatar as coisas que ali conheci

.

Dante Alighieri – Inferno – A Divina Comédia

Com a ida para a India o *studio* do Bom Gigante é passado *ad aeternum* a Ed e Eloísa sob a condição de pagarem pontualmente a renda do habitáculo. O casal herda os utensílios, entre os quais um belo colchão, única peça de mobiliário além de uma pequena estante, que é recheada com alguns dos melhores discos e livros de Ed, uma mesinha e dois bancos e uma aparelhagem de som. Ele escreve agora uma dúzia de crónicas por mês para o *jornal novo*, que não dá para sobreviverem.

Brincar – acordar para fazer o que se proporcionar, como em férias, mesmo trabalhar, que é artesanal e lúdico, pelo tema, porque – referindo-se sempre e só a música popular e sobretudo rock – para o jornal escreve só sobre o que lhe dá na telha. Fora do tempo e do espaço. Sem horários. Comer quando se tem o que comer ou se tem vontade, ouvir música, ir ao cinema, passear no Jd. da Estrela ou no Cais de Alcântara a rememorar a primeira chegada e as trágicas partidas de uma multidão de lenço branco - *Aí o meu rico filhinho que vai para a guerra!...* -, visitar amigos. Flanar pela cidade em chamas, calmamente.

Têm uma bela alcofa com que saem com frequência para arcar com as compras, devidamente ornada com um lenço de seda atado a uma das alças não só para embelezá-la mas com uma serventia de importância crucial: esconder os produtos que

fanam. A contar só com o dinheiro que têm não precisaríam de tanto. Mas numa ou noutra ocasião viram que em dupla funcionam muito bem na prática de pequenos furtos, coisas não premeditadas, de acaso. Desse modo Ed fana na sala dos fundos da Bertrand, entre outras maravilhas, as obras completas de Scott Fitzgerald em novíssima edição de uma coleção de bolso da Penguin. Ao sair para as compras descobrem como é fácil gamar hoje em dia - quando circuito interno de TV à la *Big Brother* a galar todos os movimentos da macacada é paranoia de futuro remoto, muito além de 1984 -, alternando-se um à coca ou a distrair donos e empregados e o outro a enfiar a mercadoria na bolsa, com perfeita articulação entre os dois, numa atividade *revolucionária* que lhes dá a sensação de estar em filme americano série B ou da melhor cepa, como *They Drive By Night*, e mesmo que não tão boa ainda assim baril, como *Bonnie & Clyde*, sem espectro de impotência e sem armas pelo meio, a unir o útil ao agradável, pois as duas ou três ações praticadas a cada investida, tamanho estado de alerta a puxar pela adrenalina, dão-lhes frémitos de prazer e puro divertimento, coisa de cleptómano. Nem pensam nos aspectos morais de tais actos, por um lado pela própria deformação anarca mas também por estarem submersos no clima de subversão permanente e bafejados pelos ventos revolucionários que sopram de todos os quadrantes em que tudo se justifica, de assaltos a bancos a ocupações de propriedades, como expropriação da mais-valia usurpada ao proletariado, subproletariado e lumpen rural e urbano.

Da droga 'doce', se não 'inocente' no mínimo menos danosa para corpo e mente que outras 'lícitas', à marginalização a todos os níveis – e até a eliminação física - por um regime escroto de quem se lhe opõe, noção de clandestinidade por coisa alguma e daí um passo para, invertendo a equação cínica, considerar tudo legítimo. Até certo ponto, claro, porque como diz o outro só se Deus não existisse é que *tudo* seria permitido...

Nem droga. As próprias ditaduras ensinam-nos que estar na clandestinidade, do outro lado, mesmo que porventura errado, não significa necessariamente estar-se com o mal, do lado nefasto.

O hábito da resistência antifascista 'empurrou-o' para a margem e inexoravelmente lá o deixou – sem medo do escuro e do abismo de experiências 'ilegais' e transcendentais. A ilegalidade oficial da ditadura e da corrupção político-governamental, como nos ensinam os enciclopedistas dos anos 60, faz com que qualquer coisa aparentada ao 'Sistema' - supermercado, companhia telefônica, posto de gasolina – pareça campo de caça legítimo, embora nas relações pessoais se preserve a honestidade. Ou como escreveu Anaïs Nin, ao situar a questão num outro ponto:

Apesar de serem considerados ladrões e serem humilhados a ponto de terem de recorrer à pedinchice, o orgulho dos ciganos não é corroído. Permanece forte e refinado, como se para eles a nossa moral é que não fosse admissível, como se guiados por outros valores, e não se sentissem envergonhados pelas suas atividades.

A sua táctica baseia-se em sempre comprar alguma coisa útil e mais difícil de roubar, como manobra de diversão ou para se aperceberem das normas de funcionamento das lojas em que estreiam. Quase todos os dias, além de um ou outro acepipe inesperado, jantam ao som de música nova graças às fitas cassetes que roubam nos Estabelecimentos Melodia da Rua do Carmo, onde tal tipo de prática pareceria de todo impossível, já que de uma estante encostada a uma parede a caixinhas arrumadas na montra, elas estão tão à vista e à mão de semear que seria impossível ninguém ver o saque.

Ed nem se dá ao trabalho de transferir a sua velha e boa discoteca, porque já tem muito trabalho em carregar os livros que mais lhe apetece ler ou dar a ler a Eloísa, mas não tem por que se queixar, porque as breves sessões de audição de música em casa acabam por se preencher com *Time Waits For No One*, do *It's Only Rock And Roll*, dos Stones, de *Crisis? What Crisis?*, dos Supertramp, e *Illuminations*, que o Bom Gigante deixou da sua pequena colecção, e trechos de *Venus and Mars*, de Paul McCartney e Wings, que recebeu para criticar e não lhe parece tão ruim como os anteriores de Mc, além das cassetes que roubam.

Uma noite, antes da janta, finalmente Ed se apercebe de como o cronista de Nova York de um jornal de música de Londres tinha razão ao deplorar o sucesso de *In a Gadda-da-Vida* da Iron Butterfly, que em 12 minutos de música em concerto a única coisa que tem de razoável é o refrão. Roubou-o em cassete na Melodia após terem deplorado que a casa, representante da Warner em Portugal, tenha importado *Overnite Sensation* de Frank Zappa de Espanha com a moldura de adereços fálicos do desenho da capa

de David B. McMacken, orgulhosamente exibida na montra, vergonhosamente escondida por uma tarja preta da censura de Francisco Franco, quando por aqui a liberdade de expressão a esse nível de comunicação é total.

Uma tarde em que está ao telefone vermelho da Pastelaria Primorosa os seus olhos batem numa data de latas de biscoitos sortidos importadas da Dinamarca postas sobre o móvel envidraçado entre a porta e o aparelho afixado à parede. É a primeira vez que repara e nem quer crer que estejam cheias. Como quem não quer a coisa, que é como melhor se rouba como se apreende em *Pickpocket*, de Bresson, alcança uma delas e sacode-a. Está cheia. Olha em volta para ver se alguém está a domar. Trigo limpo, nenhum mouro na costa. Entre uma observação e outra ao bocal, pega a lata e enfia-a na alcofa de boca aberta aos seus pés, o lenço já desatado da alça para ser mais fácil cobri-la, põe o telefone no gancho e a alcofa presa ao ombro com o braço em cima dela, vai esperar Eloísa lá fora. Passa o Poeta dos Pés em Chagas, a quem nem precisa perguntar se tem alguma coisa que se fume porque já chega a pôr a mão no bolso e a estender-lhe com a mão fechada uma pedrinha e a dizer *prova este a ver que maravilha*. A coisa tem mais piada porque o mais das vezes um ou outro só se inteiram de tudo o que a alcofa contém quando chegam a casa. Surpresa!

Grammar of Living

A vida no *studio* entre a Ricardo Espírito Santo e a Infante Santo decorre nas calmas. Até demais. Vá ele saber porquê, entre o Técnico e a nova morada algo para já indecifrável produziu um estranho efeito em Eloísa, que de repente mal se anima a sair de casa. Roubar sozinho é muito complicado e às vezes chega até a faltar víveres. Deixa-se ficar vestida com a sua bela camisa de noite bastante transparente a consultar as prescrições do *I Ching* e as cartas do Tarot marselhês mais os respectivos prontuários de interpretação, ou a ler ora o *Zaratustra* ora um niquinho da *Montanha Mágica* ora longos trechos do *Sidharta*, que tem estado a devorar. Fecha-se cada vez mais. Mal se diz bom dia ou boa tarde. Quando se diz alguma coisa é para trocar breves impressões sobre as matérias transcendentais que lê como quem estuda, há até uma ediçãozeca foleira do *Tao Te Ching*, escritos de curso e da virtude, à mistura, ela a discorrer como aqueles crentes fanáticos que não perdem ocasião de citar a Bíblia, os olhinhos

brilhantes por trás dos óculos que amiúde assesta com o fura-bolos, como se estivesse progressivamente a apartar-se do próprio corpo, que incha e desincha nas poucas vezes em que consegue defecar, porque talvez pelo uso da pílula sofre de prisão de ventre, que controla através do uso de um laxante, e assim também se apartam um do outro, este é o mês do descanso da pílula, que decidiu fazer porque nem mesmo sexo lhe apetece. Quando se conheceram fazia aikido. Já não se fala mais nem em escola de cinema.

Um dos seus principais passatempos à tarde é caminhar entre os belos prédios e casas da Lapa até São Bento e subir pela Bica até ao Alto, onde ele deposita a sua 'crítica' no jornal novo e vão a uma bela casa de três andares que é um dos focos de agitação da capital na temporada, com uma extraordinária varanda que dá para o Adamastor e o Tejo para as bandas da Lisnave. O entra e sai de gente faz da casa, miradouro, equipada com o que há de melhor em mobiliário e revestimentos ao gosto burguês, palco de convescotes quase permanentes. A casa foi alugada há poucos meses por um grupo de estudantes e profissionais liberais que embora aparentemente muito calmos e discretos dir-se-ia que não têm descanso, porque quem entra está sempre a pôr uma música e a enrolar mais um joint, que um ou outro fuma se ainda tem vontade. Vez ou outra também lá se toma um ácido. Apesar de tudo entre a meia dúzia de quartos da casa e os seus três andares, ora um ora outro os inquilinos aparecem e desaparecem e conseguem criar atmosferas mais tranquilas no remanso dos seus aposentos, à distância de maiores convulsões na sala e antessala comum. Mas o *point* acaba por ser também uma república chique.

Tudo após e pós de nuvens passadas, como numa fotografia de Man Ray a Lua cheia intensa a iluminar o Tejo entre o Mar da Palha e Santos, num dos belos miradouros desta Babilónia...

Sem mais nem quê Eloísa decide passar uma temporada lá.

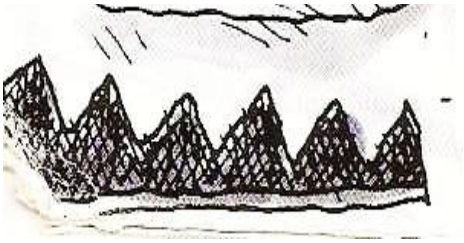
- Uns quinze dias. Preciso de tomar distância da minha vida aqui contigo. Pensar um pouco só em mim.

Uma ideia absurda, pensa Ed e diz. Como, tomar distância, aqui tão perto? Duvida que o pessoal a autorize a ficar, mas ela lá opera o milagre e a meio das 'férias' no Alto há uma festa devidamente programada. Eloísa, que ocupa um quarto livre no rés-do-chão, comparece vestida com o seu traje de gala: a camisa de noite azul clara, quase transparente. Não usa soutien, pelo que do corpo só não mostra o que a cueca que por um outro milagre, talvez, decide vestir esconde. Está descalça. Parece uma daquelas

belas fêmeas do Olimpo renascentista mas de óculos. Os olhares irônicos que lhe lançam não deixam dúvida de que a opinião geral é que ela está masé doidinha de todo.

Do *studio* costumam ir também em surdina ao Jardim da Estrela, o antigo Passeio da Estrela, outro ótimo espaço de recolhimento, ou passeiam no cais entre Alcântara e Rocha-Conde d'Óbidos. Uma tarde de sexta-feira vão até lá com Joan. Diogo, disse, foi de barco para Marrocos. Estão na varanda do cais de Alcântara quando passa o barco onde iria o marido para mais uma digressão à terra do kif. O cais abarrotado de contentores dos retornados, entre os quais Joana aponta o de Júlio da Maianga, uma das principais atrações das mil e uma visitas ao local.

- É aquele encarnado ali, tás a ver? Ao lado do laranja – aponta.



Quatro dias depois Ed encontra Dio a subir o Chiado.

- Ué, mas então não foste a Marrocos?!

- Nem te conto, pá. Cheguei a Tânger, fui ao casbah comprar haxe, o dealer começou a implicar comigo, sei lá, uma ganda confusão, decidi dar-lhe uma banhada e, no meio de uma festa lá saí de fininho, mas ele estava a domar-me e pôs-se a perseguir-me com outro mânfio. Nem sei como é que ainda estou vivo! Tive de pisgar-me na brida, a galgar escadas, por telhados... Ó, só sei que só descansei de manhã... Fiz uma cónica de todo o tamanho que nem se aguentava direita, fumei-a toda e pus-me a andar. Quando dou por mim tou de novo na frente do reguila. Pus-me na alheta, ainda tive de galgar o muro de um cemitério, uma doideira, e só fui parar no porto. Fui direto pro navio e, ó, cá estou de novo. Não tens nada que se fume?

- Mas então, não trouxeste nada?!

- Qual o quê, pá. Nem pó. O pouco que tinha fumei logo de uma vez, só pela paranoia.

O progressivo isola-ilhamento de Eloísa começa a desatinar Edgar, que já nem sabe quem é que está ou não mais louco entre os dois. Para tirar qualquer dúvida, não fosse por algum acaso ser ele o louco, chega a pedir a amigos mais íntimos que a vejam. Encontra e pede a Diogo e Joan que venham até ao *studio* para

que eles, aqui entre nós já não lá muito bem da cabeça, lhe digam o que acham do seu quadro.

- Tá doidinha, doidinha. Flipou – atesta e sentencia Diogo através de um outro termo internacional da gíria freak finalmente adotado por aqui quando, após uma meia hora de titubeamentos e risinhos estranhos, saem os três e caminham até ao cais de Alcântara, abarrotado de contentores dos retornas, entre os quais aquele ali, ó, diz-nos desta vez o amigo do terraço do restaurante sobre o cais, é o do Júlio...

Com Pepe na cidade, telefona-lhe a pedir que venha até casa para dizer o que pensa do estado de Eloísa. A reação é, apesar do seu aparente destrambelhamento, como quase sempre assaz sensata.

- Está meio estranha, sim, pá – reage com embaraço a uma pergunta tola: a esta altura já nem sabe se está só a imaginar coisas.

Uma vez ou outra ela lá se predispõe a sair às compras e "às compras", num caso ou noutro sempre como que desmotivada, sem vontade de ver ou fazer. Passam no Calhariz onde encontram Cleo, uma das amigas da casa do Alto.

- Olá, Elô, tudo bom? – brinca ela, em paz com a vida.

Um permanente grande sorriso, os olhos como dois faróis nos médios focados no nada, e nada. Em poucas semanas as centelhas flamejantes apagaram-se e os olhos azuis às vezes acinzentados assumem uma luz entorpecida e fria de néon, com um letreiro a projetar em anúncio a acender e apagar

L-O-**U**-C-**U**-R-**A**

L-O-**U**-C-**U**-R-**A** frente aos interlocutores, que se entreolham com ar de caso. Frieza de gata asceta, pena de pavão, Sidharta, que lê e relê. Assim falava Ed: ou bem que sou eu ou é ela que está fora de si. A sensualidade deserotizou-se, eclipsou-se a chama de atracção recíproca Câncer-Aquarius.

Ed e a amiga trocam informações de circunstância e se despedem, ele a modos que embaraçado. Cleo despede-se de Eloísa e ela, nada.

Retomam a marcha para a Calçada do Combro.

- Porquê não falaste à Cleo?

- Não tinha nada para lhe dizer...

- Ué. Sei que o mais das vezes é só uma formalidade mas deve-se ao menos dar boa tarde às pessoas.

- Ah, não me chagues. Se não me apetece falar com as pessoas não falo e pronto. Que mal há nisso?

- Ouve lá, se fores à padaria comprar pão e não disseres boa tarde, dê-me cinco papos secos, vais morrer de fome, é ou não é?

Sinais claros do que, a partir de leituras de Laing e Cooper, de quem está a ler *Grammar of Living*, acabadinho de sair do forno, identifica como esquizofrenia. Ou será oligofrenia pura?

Cada vez mais distante e fria nada parece animá-la, nem comer. Quase não fala. Num final de tarde ele ensaia uma reaproximação física. Afaga-lhe os cabelos, acaricia-lhe os ombros e avança para os seios propondo-lhe fazer amor. Sentada na cama com *Zaratustra*, *I Ching*, *Tao Te Ching* e Sidharta à frente, esquiva-se uma e outra vez.

- Olha, não adianta tentares. Sexo para mim agora não quer dizer nada. Não tenho a mínima apetência e parece-me até ridículo. Estou noutra. Para que insistires? Tá bom, vem, se queres.

Põe-se em pé na cama, tira de uma vez a camisa de noite e deita-se, puxando-o para cima dela.

Possui-a, como se diz na literatura rockmântica, mas é como se ela se tivesse transformado numa estátua, como Anne de *Les Visiteurs du Soir*, ou num bloco de gelo no Ártico.

- Pronto, satisfeito? Agora sai – diz com desprezo, tirando-o de uma vez de dentro de si e já a sentar-se na cama. – Vês? Não vale a pena. A plenitude que busco está noutra coisa. Sexo para mim não tem a mínima importância. Aliás, é como se não existisse. Como se nunca tivesse feito ou fosse fazer. Não me faz falta. Se quiseres e se fazes tanta questão disso podes procurar outra. Eu não me importo.

Hesse para que te quero... Budista asceta sem um mínimo de ironia. Sidharta. Zaratustra. Nietzsche morreu doidinho da silva pelo treponema pálido que lhe carcomeu o cerebelo embriagado pela visão do 'eterno retorno do instante' e o que isso possa querer dizer, pela vontade da potência, o super-homem, mas pode alguém acreditar nisso tudo tão profundamente quando ele

mesmo disse que Deus morreu. Porventura terá ele pretendido criar uma nova doutrina mística?! Pode até alinhar no princípio do imperativo categórico do outro – *et pour cause!* – e concordar totalmente com as suas críticas à moral e à hipocrisia do sentimento de compaixão judaico-cristãs, que também condena. Com as suas críticas à democracia burguesa e à cultura e civilização ocidentais. Absurdo é que alguém leve os aforismos tão a sério.

Zen sim mas não trôpego. É até demais e será mais ainda, não fundir a cuca nem para dar aquela palha, isto cheira-lhe a Friednietzsche requentado.

Apiedamento também não quer mas, egoístas ao máximo, nestes momentos tentamos convencer o outro que sem nós não há salvação – e é o que ele faz aqui. E depois, se a coisa para o outro dá pro torto, cobertos de razão, avança-se: eu não disse?!

Sintoma de falta de sabedoria. Será que ela não entende isso? Se entende, não diz.

Os primeiros acessos do mal... Outros sintomas não são evidentes. Não tem nada a ver pensar em inferno legal-burocrático. Estamos acima. Passaremos longe dele. Estamos além do bem e do mal, numa nebulosa que se cristalizará no seio ou à margem do sistema. Não se pensa sequer em labirinto, *huit clos*, beco sem saída *à bout de souffle*. Ou pensa-se, porque estão lá, na literatura, nos filmes, nas peças de teatro, são parte da vida. Dos outros.

O trepidar constante (do rock gregário) - e depois nada? À sua volta, uma aura de profundo recolhimento, in-di-vi-dua-li-da-de ao extremo. O brilhozinho dos olhos é que não engana ninguém.

Pega outra vez no quinto volume dos diários de Anaïs Nin e relê o que ela escreve do seu reencontro em Paris com o amigo Carteret:

Ele parecia mais que nunca distante do presente e da humanidade. Lidava com abstrações tão esotéricas e obscuras que só nos restava ficar a escutar. Quando se conhece alguém bem, e alguma vez se voou sobre as malhas das suas fantasias, e se familiarizou com elas, não se reconhece com tanta facilidade os sinais de esquizofrenia, mas desta vez senti-os. Ele fora longe demais no espaço. Falava numa linguagem inatingível. Muito além da astrologia. De uma enorme teia em que se embaraçou. Os seus olhos eram opacos. Mas agora estava a fiar palavras, conceitos tão longe do nosso alcance que tive ganas de agarrá-lo fisicamente e

resgatá-lo. Foi uma noite dissolvida num longo monólogo, irrespondível, inalcançável.

Senti calafrios, desolação. O que o manteve agarrado à terra e aos seres humanos, e permitiu-lhe perder gravidade, e empurrou-o para um vazio?

Adiante, onde ela fala de *Lobo das Estepes*, de Hesse:

Solidão auto-imposta que nada pode mitigar, as paredes que ele mesmo ergueu a separá-lo dos seres humanos. Pode-se sentir apenas compaixão por essa incurável doença da alma.

Noutro trecho refere-se a mais um amigo doente:

Eu queria dizer: 'Reginald, sai dos seus quartos escuros. Vem para a luz do dia. Vive com os amigos que te amam. Mas a sua mensagem parecia ser: 'Vem morrer comigo. Acompanha-me na minha morte. Segura a minha mão enquanto fico neste estado de não-existência.'

Sempre há na insanidade um momento que não é humano.

'Esquizofrenia tem os seus paraísos como os seus infernos e purgatórios', conta Huxley a propósito de um episódio de um amigo com a sua 'mad wife'.

Um dia nos primeiros estágios da doença, quando ela ainda tinha os seus intervalos lúcidos, ele foi ao hospital para falar-lhe das crianças. Ela escutou-o por um tempo antes de interrompê-lo abruptamente. Como poderia ele perder tempo com uma dupla de crianças ausentes quando tudo o que importava de fato, aqui e agora, era a indescritível beleza dos padrões que ele fazia, com a sua jaqueta de tweed marrom, sempre que movia os braços? Ai de mim, este paraíso de beatífica percepção, de pura contemplação unilateral, não iria prolongar-se.

É que Ed observa em Eloísa.

Não houve zanga, uma briga sequer. De repente, após a mudança – quando tudo muda, além da paisagem, mas não parece – ela mudou.

O desprezo é intolerável. Quando acorda aparentemente mais animada o único lugar a que se predispõe a ir é Sintra. Ficam um pouco na das Nogueiras, a que acorrem cada vez mais convivas de Lisboa. Ir lá passou a ser como ir a um clube de freaks. Quase sempre vão caminhar na mata até uma clareira onde se fez um campo de futebol, abaixo de Seteais, em silêncio imposto por ela, que parece só cuidar do inanimado ou de seres como Billy, o cão da casa.

Num domingo, após terem mais uma vez pernoitado na sala, tomam um ácido e saem com Pepe e Sontex a passear pela estrada

de São Pedro e decidem galgar pela encosta quase na vertical do castelo. A mata não é densa e apesar de muito íngreme a subida é facilitada pela grande quantidade de pedras e pedregulhos a que podem apoiar os pés ou agarrar. Em plena ascensão dos efeitos do acê estão tão embalados pelo *speed* que chegam a um relevo debaixo da muralha antes de Billy, que acompanha todos os valdevinos de visita à das Nogueiras em digressões à Periquita ou ao Café Central ou pela serra. Do alto a vista é estupenda, com a Vila bem debaixo dos pés e em frente toda a planície da Praia das Maçãs à Ericeira. Quando voltam o Poeta dos Pés em Chagas está a acender cigarros embrulhados em mortalhas barradas com ópio. Ed deita-se numa mesa de pedra sob a nogueira ao lado perto da sala, onde está a aparelhagem de som, a lua cheia entre a folhagem num sonho de Caspar David Friedrich com espasmos de piano elétrico de *In a Silent Way*, Muito antes de Eça Sintra já era o melhor lugar do mundo para distender e relaxar de todas as tensões, nada o incomoda além da sensação de solidão, melhor, de isolamento, ou seja, sentir-se numa experiência única, não compartilhável. *Rope ladder to the moooon*... Recolhimento e introspecção tão caros à alma romântica, contemplativa, melancólica. Noites na montanha.

Em cinco meses só pagam um aluguel e passam a regime de ocupação. Ao voltar uma tarde veem que o filho carateca do proprietário, que mora dois andares acima, tirou a porta do *studio*. O que fazer? Telefona à Rádio Renascença ocupada, porque ali decerto haverá alguém minimamente informado sobre esse tipo de situação 'revolucionária', já que agora não é mais a 'emissora católica portuguesa' mas 'a voz dos operários, camponeses e de todos os trabalhadores'. Aconselham-no a ir a um quartel do Copcon em Alcântara, o que trata dessas coisas na freguesia. Quando voltam já está à espera um jipe com quatro soldados, que obrigam o filho do proprietário a recolocar a porta e intimam-no a não importunar os ocupantes de novo.

Reintegração de posse em tempo de inversão de papeis. Uma vez na vida não faz mal a ninguém, como experiência. Dá-lhes a sensação de que o 'crime' compensa.

Só em função disso uma tarde em que por acaso estão no Chiado decidem alinhar numa manife contra o encerramento pelo governo das emissões da RR ocupada. Agora, do outro lado da barricada – e da vida. É a última vez em que participa de alguma coisa com Eloísa. Dias depois o governo comete um ato terrorista ao fazer explodir os emissores da rádio. Único modo de arredar de vez a hipótese de subsistência de uma pretensa 'voz dos trabalhadores' que em verdade não é voz de nada.

Os pára-quedistas condenam a destruição da Renascença

Eloísa quer ir para Sintra, para a das Nogueiras. Um absurdo, pensa Ed e diz, batendo-lhe de caras na lembrança o que aconteceu no Alto.

- Quem é que vai querer-te lá?

- Há muito espaço, muitos quartos livres, não vou incomodar ninguém.

Isso é o que ela pensa. Mas e eles? Ela lá não se aperceberá mas as pessoas encaram-na como um ser do outro mundo e de facto está muito estranha. Leva a vida que leva, recolhida, ensimesmada, numa espécie de ascese mística que Ed até tenta compreender mas quem vai se preocupar se comeu ou não e querer sustenta-la? Por uns dias até que talvez a aturem, mas a casa anda sempre cheia de gente e eles não estarão a fim de transformar aquilo numa pensão. Porque não fica em casa, onde tem o seu canto e pode pintar e bordar que ninguém a incomoda?

- Tá bom, mas então quero ficar sozinha.

Que remédio! Ed embala roupas e utensílios de higiene na mochila do exército britânico e deixa-a com alguns dos seus melhores livros, mais os discos e cassetes levados ou ali reunidos entretanto. Sem ansiedade, exterminadora do amor. A ver no que vai dar. Mas não passa um mês e é informado de que ela deixou a casa com o parco mas precioso recheio ao proprietário e foi para a das Nogueiras.

Nem a falange anarca representa minimamente o bandoleirismo anarco-hippie de Pepe y sus muchachos quando ele vem a Lisboa e telefona a desafiar os amigos para a vagabundagem. Quando está na cidade é o que acontece, entre visitas a amigos em Lisboa e arredores, quase sempre divertidas e instrutivas. Fins de Setembro, reúne-se a Ed, Dio e Joana e decidem ir a Cascais, a visitar Júlio Andrade, que acaba de mudar-se com Maurício e los chilenos para uma casa de dois andares no Alto de Cascais. Ao longo do ano o grupo abancou no Chiado a vender um produto em tese absurdo: colares e pulseiras feitos de massa alimentícia pintada.

O grupo decide comprar peixe na lota para cozinhar na nova casa. Compram um polvo bem grande, arroz e condimentos para o refogado. Alho, cebola e pimento vermelho coram e fritam no azeite, passam o polvo lavado e cortado no refogado e quando já está meio cosido mandam-lhe o arroz por cima. Júlio compra pão e vinho. Seis para a janta, com ele e uma amiga. Depois, desculpem lá mas estamos à espera de visitas, os quatro veem-se desolados sem nada a fazer em Cascais e sem querer voltar para Lisboa, porque tinham decidido também passar o domingo por lá.

Decidem ir à procura de Júlio da Maianga, que com o produto das primeiras vendas da poderosa liamba trazida de Angola alojou a mãe num e instalou-se com a garina noutro apartamento de um prédio enorme da nova urbanização do J. Pimenta. Venta muito e o imenso corredor do edifício onde tocam a uma porta parece um túnel de aceleração de partículas atómicas. Ninguém responde. Estão na baía quando Joana tem uma ideia.

- Que tal fazermo-nos passar por iarns e dormirmos num hotel? Amanhã podemos ir à praia e ver se encontramos o Júlio.

Vão a uns três hotéis de Cascais e chegam ao *lobby* do Estoril Sol, sempre com o mesmo paleio que não deu certo nas tentativas anteriores, quando em última instância os empregados dizem que estão cheios de iarns.

- Boa noite. Nós somos do IARN, estamos sem os nossos cartões aqui mas precisamos de dormida. Será que os senhores podem hospedar-nos?

- Desculpe, mas sem os cartões é impossível.

Continuam a tentar até dar num hotel numa casa tipo *Psycho* no Monte Estoril. Passam o portãozinho e seguem entre o jardim até à porta de entrada, quase às escuras. Dentro, escuridão completa. É quase meia-noite. Diogo vai à frente, seguido por Ed, Pepe e Joana, que descrente de obterem algum sucesso fica no passeio, apoiada ao muro. Dio toca à campainha. Ninguém responde. Toca outra vez e dá no mesmo. Insiste. À quinta ou sexta tentativa finalmente abrem a gelosia da porta e aparece um senhor atrás das grades. Nada a fazer, diz. Dio insiste mas o homem não se apieda e já a perder a paciência dá a entender que decididamente não está para argumentos, despedindo-se e fechando a portinhola num gesto abrupto, a que Dio reage com fúria.

- Mas, está a bater-me com a porta na cara?! – e acerta a mão espalmada no vidro, que se despedaça com estardalhaço. Ed não acredita no que vive. Olha para trás e vê Pepe com os olhos esbugalhados. Para a frente, e Dio esbraceja e grita impropérios à janela com os vidros despedaçados. Volta a olhar para trás e vê Joan a pisgar-se rua abaixo e Pepe a olhar de frente para trás e detrás para a frente e a dar uma passada decidida rumo ao portãozinho, que ultrapassa a correr e Ed atrás dele e atrás dele Dio até ao casino.

- Melhor apanhar um táxi para Lisboa.

Pelo caminho a divertida e ao mesmo tempo acabrunhante sensação de ser um delinquente, um irresponsável, um pateta alegre em loucas aventuras tipo Freak Brothers, ele Freewheeling ou Phineas? em pequenos crimes de garotos. Até que, Ed sem dar por isso, a cabeça ainda num turbilhão, a assoprar a adrenalina, chegam a Lisboa e alguém diz: o que é aquilo? O casarão da Embaixada de Espanha está em chamas.

Após uma manifestação contra a execução de militantes antifranquistas os anarcas decidiram invadir a embaixada a que puseram fogo e saqueiam peças de mobiliário e obras de arte, causando milhares de contos de prejuízo. Fat Fred na cabeça: *Primeiro a embaixada, depois o país!* Sente-se redimido. Isto é

loucura. E pensar que há bem pouco tempo ainda o cantautor lançou o verso *Praça de Londres a arder* e, mais que surreal, a imagem parecia totalmente absurda.

©Gilbert Shelton

Uma das maiores diversões de Pepe a esta altura é pichar paredes com dois dizeres que viu em anúncios de publicações musicais do último disco de David Bowie. Discos de Bowie são quando muito apenas importados mas parece que ele está a trabalhar para a multinacional para que o astro grava. O seu alvo preferido é a entrada de uma loja chiquérrima na Rua Garrett que acaba de ser restaurada e pintada de branco com tinta plástica da melhor qualidade.

- *Iam*, que maravilha! É o local ideal para uma boa pichação.

E vai de escrever

THIS IS THE YEAR OF DIAMOND DOGS

Passam-se semanas entre idas e vindas do Porto e eis a loja de novo como dantes e Pepe de novo a pichá-la com gozo:

DIAMOND DOGS ARE COMING

Pepe propõe irem visitar Júlio da Maianga, que acaba de mudar-se para a Reboleira. São recebidos como príncipes com um jointão do boi do contentor, de cujos proventos o nosso parece estar a viver bastante bem. Dormem nos sofás da sala. Pela manhã, Pepe acorda Ed com o proverbial ar de gozo de frique brother.

Leva-o até à varanda da sala, que está toda atapetadinha com cabeças, cabecinhas e cabeções de boi, a lembrar tranças de carapinha nos mais variegados tons do verde escuro ao castanho e amarelo dourado. O que resta do boi está a secar após meses a apanhar humidade no contentor e miraculosamente não ter perdido nem um pouco da potência.

Freak Brothers *en route*, inopinadamente ao Algarve de boleia com Dio e Joan. Ed e Pepe estendem-se muita ganzados na areia preparados para dormir ao relento na praia de Olho d'Água e de olhos abertos sonham mirando estrelas de noite de São Lourenço e ouvindo o mar a dar e enredar quando entre os sons intrometem-se os da voz altercada de Dio e sopapos vindos de uma tenda próxima, onde o casal pernoitaria.

Ed nem vira a cabeça porque à segunda série de sopapos entremeados de gritos de Joan Pepe levanta-se de jato a rir e a resmungar.

- Porra, meu, esses gajos vão matar-se um ao outro – e lá os vai apartar.

Tempos difíceis em que um individuo não se preocupa nem com o que vai ou não comer no dia seguinte, porque um dia em que não se come... o céu a fundir-se no mar da mesma cor e todas as cambiantes do vermelho vivo ao rosa a nascente, é mais um dia de vida, estica-se os braços, olha-se para o mar e ele chama-te com um bater de onda seco e o borbulhar e murmurejar da água, nem uma nuvem no céu, água tépida, ou é o que parece.

No regresso Pepe acaba de enrolar um fininho.

- Que porreiro!

- Eu já vou lá chegar bem apanhadinho – debocha o outro, a esticar o linguão para passar cuspe na mortalha/seda, que Ed insiste em chamar nas tabacarias 'papel de enrolar cigarros' – às vezes até a comprar um pacote de Drum também para disfarçar...

- O que um tipo não é obrigado a fazer para garantir boleia para Lisboa – escarneia Pepe da cena da noite anterior, boca aberta numa careta açucarada por um riso a caminhar para o mar onde mergulha como uma lontra desapressada.

Dias depois em Sintra ânsia e angústia wetheriano-adolescentes mas sem drama.

Apesar de já terem 'ido para a cama' é a primeira ocasião em que Muriel, que acaba de mudar-se para a Casa das Nogueiras, dá um passo de aproximação a Ed num gesto de cumplicidade.

Põe a mão no bolso frontal do macacão, saca um SG Gigante, acende, traga e acena:

- Vamos ali abaixo tomar uma bica.

São as primeiras noites frias de Sintra. Sentam-se junto à janela lateral da sala do Café Central.

- Ouve lá, essa gaja tá muito mal, pá. Tá com uma porrada naqueles cornos que nem te conto. Tá chanfradinha, tás a domar? E além do mais ninfomaníaca, tás a ver? Um absurdo!

- Ninfômana!!...

- Sim, a insinuar-se com cada homem que lhe aparece pela frente como se fosse a Jean Harlow ou Rita Hayworth ou sei lá quem... tipo *vamp*, porque não me parece interessada em ninguém em particular...

E ainda há dois meses, mais o seu 'manto' *diáfano* de *fantasia*, dizia que nem queria ouvir falar em sexo. Talvez só com Ed...

- ... a atitude dela chega a embaraçar toda a gente, tás a ver? mesmo entre nós, que não estamos cá presos a questões de moral, mas tem de saber comportar-se, porra, ter um mínimo de bom senso, topas? Não há nada que possas fazer?

Quem tem medo de Virgínia Woolf em Sintra? Propõe-lhe darem um passeio. Embrenham-se na mata na penumbra brumosa de fim de tarde outonal. Por ele nada a fazer.

Penhascos Brancos (C.D. Friedrich) e a Loucura

Ed vai ao norte a meter os papeis para receber um resto de herança com que possa fazer face à crise, que não dá trégua e a crónica jornalística em Portugal não sustenta ninguém. Lisboa-

Viseu no comboio da noite. Nem por acaso telefonam-lhe um após o outro Ivan, Dio e Pepe, com quem marca encontro no Londres. Sai de casa com vontade de cagar mas a pressa não o deixa fazer. Dio já lá está quando chega, pequena bolsa de viagem a tiracolo com dois livros, utensílios de higiene e umas mudas de roupa. Esperam também Júlio da Maianga, a quem encomendou 50 gramas do tão aguardado e festejado boi. Chegam Ivan, depois Pepe e por fim o dealer. Saem a caminhar em direção à praça. Júlio passa o tanto a Dio e vai à vida. O resto continua a andar e já se está em frente à igreja quando Ed sente uma dor muito fina sobre um rim e uma voz no ouvido.

- Fica calmo e passa a bolsa.

O jovem de cabelo bem aparado e bem vestido para que vira a cabeça e olha com as mãos no ar, rodeado por três indivíduos da mesma idade e aparência, tira-lhe a bolsa do ombro e põe-se a revistá-la. Ed olha para o lado e vê Dio, Pepe, Joana e Ivan a enfiarem-se pelos arbustos do jardim e desaparecer.

- O boi, onde é que está o boi?! – repete com firmeza enquanto passa a mão pelos dois livros, meias, cuecas, camisas, as jeans de reserva e as camisetas. - Mas onde está o boi?!

- Boi?! Não sei de nada...

- Dois quilos. Soube que estás com dois quilos de boi.

- Dois quilos?! Mas nessa bolsa não cabe nem um!

O jovem, que Ed conhece de vista das imediações do Londres, recolhe atrapalhado a naifa no bolso detrás das jeans e se manda atrás dos dois mecos que o acompanham.

- Desculpa lá, desculpa lá, pá! Foi um mal entendido.

Atravessa a faixa de rodagem na direção do jardim da placa central e desaparece atrás dele na direção do Café Londres.

Ed fica sozinho a olhar para trás da igreja e dos arbustos, de onde surgem os amigos. Mal sentiu as picadas da naifa segura pela mão nervosa e o bafo da boca do assaltante no pescoço o seu ânus abriu-se como por encanto e uma boa massa quente e por sorte consistente desceu até às cuecas, onde permaneceu o breve tempo do estranho assalto.

- É o bando de Carlos Lobo, com o Jaime Nonô – informa Dio, que foi da mesma turma deles no liceu. Agora vivem no bando do Lobo, a Banda do Lobão, como a malta a chama, entre as imediações do Cinema Londres, que se transformou num *rendez-vous* da fricalhada das Avenidas Novas, encostados ao Buick creme descapotável do 'chefe' e com que costumam andar seca e meca, pelo 2000 e pela Costa, como os despassarados de *American Graffiti*. Carlitos, como também o chamamos, era como

um amigo, não se atreveria a fazer uma coisa dessas. Fê-lo, imagine-se, Nô... Nô.

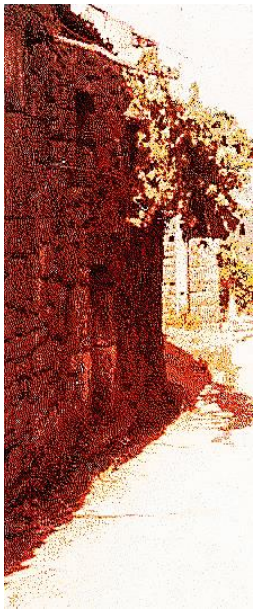
- Mas ainda há pouco estavas a falar com ele... – interpela-o Ed.

- Pois é. E disse-lhe que estávamos à espera de um gajo que trouxe 15 quilos de boi de Angola.

Caminham na direção da Manuel da Maia. Ivan pede o pacote de Ed a Dio, de onde tira três cabeças/camarões e o passa a Ed, que pede licença para ir à casa de banho e entra na da Mexicana, onde deixa os slips amarelos com uns bons - quê? - 150 gramas de uma substância alucinógena só pelo mau cheiro.

Não prega olho até Viseu e de lá até Mangualde, de onde parte dois dias depois com duas garrafas de excelente vinho tinto de 18 anos da adega do tio, pão de milho, requeijão e bananas a caminho do vale do Vouga e de Aveiro.

Segue de ônibus de Mangualde a Viseu, onde pega a automotora a caminho de Aveiro pela senda ferroviária ao longo do vale do rio Vouga. Conhece bem a região, uma das mais bonitas de Portugal, que parece um mosaico de microssistemas ecológicos muito diferentes da Galícia ao Algarve com que o viajante perde o fôlego de encanto. Desce em Vouzela, uma das maiores vilas da região, decidido a caminhar oito quilômetros até Oliveira de Frades e fazer um piquenique no percurso.



E por falar em pedradas... é como voltar à idade da pedra. Quase todas as construções são feitas de grandes blocos de pedra. Os fogões das habitações são muitas vezes a própria lareira e a fumaça empretece as casas. Quase sempre o ar tem o cheiro doce de palha e milho.

No fim de uma curva larga entra pelo mato até um ponto elevado sobre a estradinha rodeada de montanhas onde boca e olhos se regalam com um repasto de sonho, o vinho, o pão com requeijão e o requeijão com banana, mais um gole, mais um naco e outro e findo o repasto um charro, o ar muito puro, silêncio só entrecortado muito de vez em quando pelo ronco de um carro que vê entrar e sair da curva devagar, a montanha exibindo pelo colo acima variegados tons de todos os matizes do verde escuro ao alourado de sol.

Tudo a postos.

Retoma a marcha.

Em Aveiro, não a Veneza portuguesa, aluga um quarto no Hotel Central bem de frente para a laguna, entre as rias, ensopado de enguias, vinho do Dão e de sobremesa requeijão com banana e um beise de boi-cola do Chongoroi no Jardim Botânico no dia seguinte, antes do trem para o Porto, onde chega ao cair do dia em casa de Pepe ainda com meia garrafa de vinho, um pedaço de requeijão e quantidade de *boi-cola* suficiente para muitos beises, com que se faz as boas-vindas à cidade para ele até agora invicta.

Acorda ao início da tarde com Pepe a dizer que houve um golpe de Estado. A RTP está a dar um filme de Danny Kaye como se nada de anormal estivesse a acontecer. Pepe tira o som e põe Bryan Ferry, que soa como o homem do boletim meteorológico: *it's a hard... and it's a hard... and it's a hard... and it's a hard...and it's a har-rd rain's a-gonna faaall!* Golpe de direita, sinaliza Ana, professora secundária, mãe de Rubi, uma garota de quatro anos filha do primeiro casamento da mulher do anfitrião. E é com os seus parcos cobres que se assegura a janta e o almoço do dia seguinte ao 25 de Novembro e dez gramas de haxe para fazer um bolo de chocolate e alternar com o boi que ainda resta.

Acaba a 'Revolução', acaba a desbunda?

Num anexo envidraçado com pinta de *loft* em grande estufa de um casarão da Dom João IV João Fonseca mantém a sede da revista *Prisma* e da editora do mesmo nome com que já cometeu a proeza de relançar *Memórias de um Ex-Morfinômano* de Reinaldo Ferreira, o Repórter X, o primeiro a fazer alguma coisa fora do esquema de pasmaceira em que ainda se trabalha no ramo em Portugal. Entre os de *Propaganda*, dos Sparks, e de *Born to Run*, de Bruce Springsteen, chegam forte aos ouvidos sons de uma manife instantânea da AD de apoio ao golpe, que veio para pôr tudo nos eixos.

O Porto continua a primar à sorrelfa pela faceta de Londres portuguesa nos jardins em cada canto e na cultura e nas artes, como viveiro das pesquisas mais avançadas. Estudiosos vasculham compêndios para saber se o Jardim Botânico tem cogumelos ou outras substâncias alucinógenas e manuais de bruxarias à cata de informações de plantas que tomam em infusões, como datura, beladona e mandrágora, que levam muito boa gente ao Conde Ferreira.

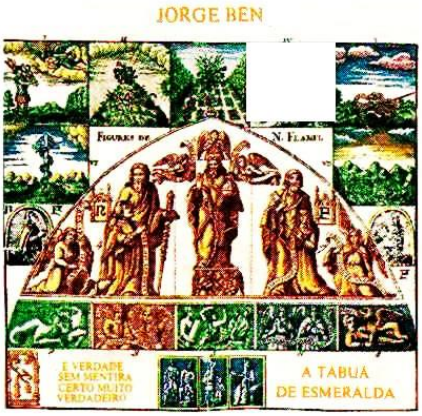
Fazem um bolo de haxe e um amigo de Pepe 'ainda em liberdade' providencia ácidos. No final de um trip divertidíssimo em que vão parar à Foz Ed e Pepe ainda têm energia para ir ao mercado abastecedor da Boavista catar restos de legumes para fazer uma sopa para a janta. Tempos difíceis. Da janela do quarto do melhor guitarrista da praça os meus pulam para o cemitério de Paranhos onde podem *viajar* à vontade noite fora.

Ed vai ao Piolho à espera de alguém que lhe dê boleia para Lisboa. Não tarda muito e aparece Paulo Cunha Lima, o namorado não-oficial de Leda, que desce em duas horas no seu velho dois cavalos.

Em ritmo lento e estilo ondulante chegam a Coimbra, onde passam duas noites em casas de amigos de Paulinho e após um desvio por Tomar acabam por entrar em Lisboa em pleno recolher obrigatório. Ed está de mudança para a casa de Paula, uma hospedeira da TAP que conheceu no Vá-Vá e que nos primeiros meses de Lisboa o abastecia com peças de roupa da feira hippie de Ipanema e exemplares da melhor 'imprensa alternativa' brasileira. Com medo de ser pego pela tropa Paulinho deixa-o na Ave de Roma, a uns 200 metros do apartamento junto à via férrea onde pernoitaria pela primeira vez. *Shlap-shlotoc, shlap-shlotoc*, fazem as novas socas de madeira compradas em Viseu que ainda não mandou revestir com sola de borracha e ao caminhar, ainda que com o maior cuidado para não fazer demasiado barulho e marar, não podendo também andar pé ante pé para abreviar o risco de ser apanhado pelo inimigo, parece que está a montar dezenas de *takes* de sons de claquete em ritmo compassado e síncopes regulares. Chega ao intercomunicador sem condições de falar alto e mal tem fôlego para dar a senha. Quando entra a amiga está no quarto sobre um supercolchão a falar com alguém ao telefone. Falar não é o termo. A voz é quase inaudível e o corpo é sacudido por convulsões, está inquieta, muda o tempo todo de posição, às vezes soluça e funga, funga e soluça, ainda interrompe a conversa e aos tropeços e com a língua entramelada indica-lhe

o seu quarto, mas puxa-o pela mão e diz-lhe para sentar-se ali mesmo, na cama, volta a pegar o telefone e desata num pranto descontrolado, custa-lhe a entender, logo lhe ocorre que a chavala deve estar mas é em manque, *cold turkey*, abstinência de herôa ou coisa que o valha e a sentir-se literalmente contra a parede, se fica uma noite será mais difícil dizer depois que não fica a dividir a casa, conhece-se o suficiente para saber que quando chegar a hora de vasar já estará envolvido no drama e não terá como desembaraçar-se, portanto por um lado não pode cubar aqui, por outro não pode sair rua fora antes das seis da matina e são só três, deixa-se estar por ali mesmo com a cabeça apoiada ao colchão a fingir que dorme até que dorme e quando acorda a outra está adormecida ou morta, não dá para entender, com a mão perto do bocal do telefone, que continua fora do gancho, sai sem pô-lo no lugar e sem sequer ajeitar os caracóis para nunca mais.

Entra num consórcio com Ivan e uma mulher de meia idade francesa que mora no Alto do Restelo para alugar uma casa que anda há meses a ser anunciada no *DN* por nove contos. Com sala, três quartos, pequeno jardim e garagem, no Alto de Caselas, do outro lado da Avenida das Descobertas, onde mora a francesa, com quem Ivan diz estar a ter um *flirt*. Apresenta-a numa tarde em que são servidos ao lanche chá de papoilas, bolinhos de haxixe e éter, após o que decidem tomar um ácido. A subida é feita ao som de *Os Alquimistas Estão Chegando* de Jorge Ben e *One Size Fits All* de Frank Zappa, que a abrir com *Inca Roads* surpreende pela interessante analogia com *Eram os Deuses Astronautas*, de Ben, e que levam a viagem para a sátira e o sarcasmo, sinais caracteriais que passam a ser – ou Ed passa a ver como - dominantes na personalidade de Ivan.



Munido de uma bengala de cana do Malawi oferecida por Cleo Ed desce com ele até Belém rumo a uma festa no atelier do pintor Lagoa Henriques, para Ed a do bota-fora da dita Revolução, com

o *tout Lisbonne*, o *beautiful people* da capital. Cleo é a anfitriã e pede a Ed para dar início ao *party*. Põe *(Come Up to See Me) Make Me Smile* de Steve Harley and the Cockney Rebels, uma cançoneta de muito sucesso muito do agrado de ambos. Luís Arcanjo, outro morador da casa do Alto, que parece sósia de Bryan Ferry, veste-se de terno preto e usa um lacinho de fita e ao descer a escada de madeira do galpão é o próprio Gary Cooper a entrar num *saloon* de faroeste, cenário do trip, em que na maior parte do tempo Marco Antônio e Cleo, que namoram, parecem discutir a sua relação. Marco Antônio tem nariz adunco e cabelo meio ondulado sobre a testa e barba aparada. Nariz, pintura dos olhos e vestido fazem dela a imagem rediviva de Cleópatra. Entabulam conversa tipo ajuste de contas. Talvez impulsionado pela onda histórico-*erística* em que acabam por entrar Ivan agacha-se à sua frente e fica longo tempo a seguir as suas confabulações. Amiúde, enquanto fala ou ouve a companheira, Marco olha-o com ar carrancudo, como que a dizer o que é que este mangas está a fazer aqui? Passam pelos Jerónimos já de manhã a caminho da Fábrica de Pasteis de Belém quando Ivan decide pôr Ed à prova a fazer comentários irónico-cínicos sobre a sua relação com Eloísa, que segundo ele o amigo não deveria dar por acabada, *sobretudo nas suas* (dela) *circunstâncias*. Para pôr fim à manha Ed vê-se obrigado a acertar uma bengalada em arco no chão, com que quase abre o pulso.

Jamais vê a francesa na casa que alugaram. De mobília tem apenas três poltronas e uma mesa mais um aparelho de som, um colchão de casal no chão de um dos quartos e outros dois de solteiro sobre estrados de ferro nos aposentos restantes e um fogareirozinho eléctrico de uma boca, um fogão e um frigorífico na cozinha providenciados por ela. É como um refúgio de delinquentes à maneira de *They Drive By Night*. Além da cama tipo catre de armar o pequeno quarto de Ed tem apenas um poster de *A Fúria do Dragão* de Bruce Lee. Ivan ocupou o quarto mais amplo, com um armário embutido na parede onde pendurou o seu belo blusão de couro e um casaco de antílope, herança dos tempos romanos. Uma das principais ocupações do dia para Ed é providenciar um lugar para tomar banho, porque não há gás para esquentar água e para piorar o anticlímax do pós-25 de Novembro o Inverno 75-76 afigura-se geladíssimo.

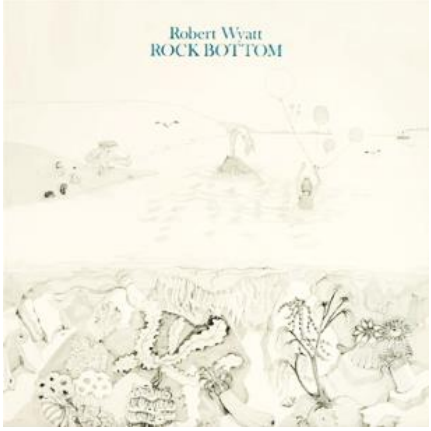
Peter é o maior animador do local. Ainda não aprendeu realmente a tocar violão mas sendo inclusive também canhoto

produz acordes distorcidos com riqueza tímbrica e sonoridade que, em sequência, fazem lembrar Hendrix.

Peter e Ivan deixaram Moçambique ainda crianças, quando os pais tiveram de vasar por envolvimento com a Frelimo, numa época em que após o assassinato de Eduardo Mondlane, logo no início da guerra colonial, a Defa fez uma razia nos quadros do partido. O pai estivera preso e saiu direto da cadeia, onde chegou a ser visitado por Tristan Tzara, para o exílio em Copenhaga. A essa altura a mãe, jornalista, já vivia em Londres. Ivan fez o ginásio em Lisboa, onde os dois ficaram aos cuidados da avó materna, a sua verdadeira mãe segundo ele. Os dois gêmeos univitelinos cujas mãos são iguaizinhas entre si e por sua vez assustadoramente semelhantes às do pai encontravam-se de quando em vez na casa da mãe ou do pai e de um tio pintor que mora em Roma, onde o tio descobriu que, aos 17 anos, Peter estava envolvido com heroína integrado a um bando em que pontificava John Paul Getty III, o tal que pelo mesmo motivo e outras mutretas fez-se cortar uma orelha para simular um sequestro e sacar do avô uma polpuda soma em dinheiro. Psiquiatrizaram-no, a Peter, numa estúpida tentativa de tirá-lo do vício. Doido já ele devia ser há muito tempo. Mas o processo tornou-o ainda mais dependente de afeto e dinheiro, porque ficou tontinho a ponto de não mais estudar e não se afeiçoar a nenhuma atividade além de pintar, o que executa como que por hobby com um génio inato, oriundo talvez do tio, que faz com que se pense que um dia ainda será famoso. Mas para já é só um jovem muito desregulado. Chegou à casa de Caselas vindo de mais uma estada em Roma, sem nada para fazer a não ser pintar ou desenhar quando tem condições, ou seja, papel, cartão ou tela, tinta, pincéis, lápis ou um pedaço de carvão à mão. Certo dia aparece de unhas pintadas de encarnado. Os vizinhos do vilarejo, que tem apenas uma venda, já não deviam estar a ver com bons olhos os novos moradores. Imagina agora, quando Peter chega a incomodar o próprio irmão, que entretanto, a armar, sempre fala dele como um génio.

- Sabes da última? – engata Ivan após acender um charro de erva sentado no seu colchão-cama enquanto Ed espera semideitado no chão, apoiado no cotovelo. – Hoje ao chegar dou com Peter na casa de banho, um cigarro numa mão e um copo com gin-tonic na outra, imerso na banheira cheia de água – imagina, pá… – *ge-la-da*!

Uma tarde levam Peter de carona até ao Alto. Fuma-se um. Ivan prossegue uma partida de Go na grande mesa de mármore da sala, Ed fica de sonorizador a fazer uma escolha de eleição entre a discoteca baril dos confrades, que inclui *Paris 1919* de John Cale, Nico, Cale e Kevin Ayers ao vivo em Paris, de que sempre repete *May I*, do amigo Ayers Rock'n'doçura & melodia, o primeiro solo de Phil Manzanera, ex-Roxy Music, e *Rockbottom*, o primeiro de Robert Wyatt após a queda de uma janela de uma casa que o deixou paraplégico e cuja publicidade da emergente Virgin Records acerta na veia no título-chave do projeto de livro de Jimi sobre McGuinn & Morrison: *Robert Wyatt is alive and living in Rockbottom*, numa página toda branca com traços sombreados. Fuma-se o segundo. Peter pinta. Início da noite, a partida acaba, a pintura parece pronta: negra com fundo branco.



O jantar de parte do pessoal da casa começa a subir pelo elevadorzinho da cozinha. Peter, entre duas tragadas num cigarro:

- Hum! Cheira bem! O que há para o jantar?

- Frango com caril – responde Cleo.

- Óptimo! – acentua o pintor passando a língua nos beiços.

O couvert é colocado na mesa da sala de jantar contígua ao living e a dona da casa sente-se na obrigação de explicar:

- As visitas que nos desculpem mas não contávamos com vocês e não há comida para todos.

- Tudo bem, não te preocupes – dizem em uníssono Ed e Ivan.

- Que pena! – retruca Peter. – Quer dizer que não há nada para nós.

- Não, Peter, não há – reage só de birra e já a abrir a tacha a interpelada, que ao fazer o comunicado fizera questão de não dirigir-lhe o olhar.

- Nem uns ossinhos para esbichar?! – insiste Peter já em tom de deboche, vincado por um riso atonal.

- Não, Peter, nem ossos, até porque não ofereceríamos ossos aos amigos, claro!

- Que pena!

Cleo dá as costas para continuar a pôr a mesa.

- Cleo – chama Peter –, e para beber, o que há?

- Vamos beber água, Peter.

- Ah, então fazes-me um favor?

- Pois não, Peter. De que se trata?

- Trazes-me um copo d'água?

E durante o jantar, olhando ironicamente para Ed e Ivan a pegar no copo d'água como se fosse de vinho, sorve-o aos poucos e a cada beijinho com os lábios em bico faz *aaah!* como se estivesse a testar um Brunello di Montalcino.

Continua a pintar até dar o quadro por acabado, já com o fundo negro, que oferece à dona da casa. Ao sair para o corredor ainda se volta para agradecer:

- E obrigado pelo copo d'água. Tava ótimo!

Ed e Ivan costumam ir para casa de táxi juntos porque os autocarros acabam à meia-noite e normalmente têm mais que fazer na cidade até um pouco além dessa hora. Invariavelmente, quando se faz tarde passa pelo Tramps, que Ivan frequenta assiduamente na atual temporada. Um novo hábito apanhou os jovens mais desbundados em cheio em meio mundo: tomar Mandrax e mandar muito álcool pro bucho, o que faz com que em festas privadas ou em locais públicos boa parte da população viva aos tropeços e de olhos revirados como bêbados no penúltimo estágio de embriaguês. Chama-se a isso ser ou estar roxy.

São duas da manhã, Ivan está roxy pra dedéu e mal consegue entrar no Mercedes 180 que os espera. O táxi avança pela Rua da Escola Politécnica. Com uma mão Ivan acena e revira os olhos como para dizer: que loucura! O taxista trava para parar no sinal antes de entrar no Rato. Muito roxy e muito louco o corpo de Ivan não resiste ao leve solavanco e, drufadíssimo, projeta-se sobre o banco corrido da frente. Da boca do companheiro sai de jacto uma quantidade inaudita de vômito que se esparrama do vidro da frente ao tablier.

- Ma... ma... – o taxista olha para trás atônito e sem condições de dizer um corno.

- Desculpe senhor – balbucia o outro com a voz embargada pelo engulho mas também na maior calma.

- Mas homem! Veja só o que o senhor fez! Acabei de sair da garagem para lavar o carro e agora vou ter de voltar para lá de novo! Mas... isto não pode ser! É uma noite perdida!

Ivan paga a corrida e outras duas.

Ed está sem chave. Muito menos roxy, mais para o desengonçado, Ivan põe a mão num bolso do blazer, no outro, as duas apertam os dois bolsos de fora e parece até estar a fazer cena quando estampa um ar de espanto:

- Perdi a chave!

Duas e meia da manhã. O remédio é quebrar o vidro da porta da sala à pedrada como dois assaltantes, mas com um estardalhaço do camando.

De manhã põe-se uma música. Às vezes Ed põe discos que lhe dão para 'criticar'. A grande maioria, claro, intragáveis mas que tem de pelo menos tentar ouvir antes de dar a sentença.

- Ó Edinho, que estopada! Tira lá essa merda!

É a sentença que determina o veredicto.

A Soft Machine pós Robert Wyatt e pós-Elton Dean, com quem ainda gravou um *4* muito bom, já vai no *5*, agora sob o comando do baixista Hugh Hopper e do organista Mike Ratledge, os únicos remanescentes do bando original, e o dito cujo é intragável. Idem, idem para *Dark Horse*, o mais recente de George Harrison, que nem se acredita que, até porque não precisa, se saia com coisas do género. Quando deixa a máquina artilhada com uma folha onde esgalha uma nota sobre um disco acaba por encontrar uma ou outra coisa acrescentada por Ivan. 'Bota fora', escreve ele no final de uma nota sobre o primeiro disco de título homónimo de Júlio Pereira. Ed reage indignado. Concorda. Deixa ficar.

Ivan acorda-o como de costume com um charro na boca antes de o passar.

- Ouve lá, mas que belos amigos que tu tens!... Então, Peter diz que estava aqui anteontem à noite e chegam quatro mânfios, Maurício, Pepe, Diogo e Joana, a dizer *isto é um assalto, vamos levar tudo o que houver por aí, o que é que há para levar? Essa aparelhagem já é nossa!* E Peter teve de os pôr na rua antes que levassem tudo!

- A sério?! Porra, aqueles gajos devem estar muito doidos. Já não respeitam ninguém. Não creio que fossem capazes disso mas nos tempos que correm tudo é possível.

Dias depois encontra Maurício n'A Brasileira.

- Ouve lá, aquele irmão do Ivan é muito doido, não? Então, uma noite dessas fomos no meu carro visitar-vos, batemos e dizemos *isto é um assalto! Vamos levar tudo o que houver por aí, o que há para levar?* E o gajo: *tudo bem, eu também tou nessa, podemos levar esta aparelhagem, por exemplo*. E põe-se a desligar os fios

para levá-la. Tivemos de sair correndo antes de sermos obrigados a cair em tentação!

Ivan acorda-o a estender um charro.

- Acorda, pá, já é hora! Desapareceram o meu blusão de couro e o sobretudo de antílope com uma mala. Foste tu que levaste?

- Ivan, que loucura! Como é que eu ia levar as tuas coisas?!

- Sei lá...

- Então; só pode ter sido o teu irmão.

E foi, claro. Logo Ivan descobre que, com a bela mala do irmão na mão, Peter foi a um restaurante na Avenida Paris, comeu e bebeu do bom e do melhor e sem ter como pagar a conta deixou-a com um conteúdo que valeria no mínimo uns 30 jantares daqueles.

Uma tarde, o choque. Eloísa foi parar na emergência do Júlio de Matos e de lá transferida para a clínica da Idanha. O pessoal de Sintra não aguentou os seus desvarios, o seu modo de estar tão à toa e de passagem sua atitude ninfômana e total dependência dos outros e telefonou aos pais para a pegarem. De volta a casa, um dia, numa discussão, terá passado dos limites na altercação e foi levada ao Júlio onde para acalmá-la puseram-na em sono insulínico. De quadrúpedes, pelas primeiras impressões, porque o seu problema é estar abobalhada, quase inerte. Poderão tê-la transformado em vegetal. Para Ed é como se tivesse morrido. Psiquiatrização, uma viagem sem volta? Despede-se de Eloísa agachado junto ao fogareiro eléctrico da cozinha esperando que a água se decida a ferver para fazer um chá, as mãos na cabeça, os olhos marejados, a angústia a atabafá-lo como se também a ele tivessem dado um choque insulínico. Como se estivesse num quarto da 'clínica'. Vêm-lhe à mente aqueles filmes de terror barato passados em hospícios no apogeu da Idade Clássica e todas as histórias de loucura que conheceu de perto e de que ouviu falar. Do amigo Solemar que aos 16 anos, quando os pais souberam que fumava erva, foi internado no Hospital Auguste Pinel do Rio e entre mais uma e outra internação acabou por morrer.

Eloísa perdera – se alguma vez tivera – qualquer noção de *detachment* ou *humour*. Sem tentar um equilíbrio entre ser e parecer ou perceber a ironia (in)contida em Nietzsche, por exemplo. Ao mesmo tempo em que se arvorava uma altivez de

superioridade em relação às coisas simples – as *mere things* de Huxley - do dia-a-dia, que condenava por reduzirem as pessoas a autômatos, robôs, bonecos ou máquinas que só respondem a estímulos pré-ordenados.

Vai para a casa de um japonês viajante na Várzea de Sintra, uma espécie de sucursal da Casa das Nogueiras com quartinho, saleta e quintal, e abanca até o anfitrião morrer afogado na Praia Grande e voltar à base até ser de novo expelida para enfim ser reenquadrada, algemada, embalsamada em vida com a capa de proteção de ansiolíticos.

Aparentemente não havia nada de tão anormal nela além do distanciamento das pessoas – ao menos daquelas que giravam em sua volta naqueles dias – e das coisas, com a exceção de *Assim Falou Zaratustra*, do *I Ching*, das cartas de Tarot ou da doce desventura de Hans Castorp. Tivesse grana e poderia ir para uma pensão, um hotel ou alugar uma casa em Sintra e viver numa boa pelo resto dos dias, como um heroinômano abonado. Doida mas quem sabe feliz. Talvez. Até o dia da overdose... *Ninfômana?* – quantas não o são e apesar do desvario, ou em função dele, não se administram?

O que a levou lá? – pergunta-se angustiado enquanto põe o saco de chá de jasmim no bule de barro. O que a fez cair na armadilha do manicômio?

E imagina, tentando articular as poucas informações que lhe foram passadas: uma fúria, o banco do hospital, de madrugada, um *shot* de insulina.

Como nos filmes em preto e branco de Hollywood. Pior que aquele sobre Freud de John Huston ou *Spellbound* de Hitchcock.

Conflitos familiares, tormentos d'alma e complicada relação com os outros e com o mundo. Se Jung aqui estivesse diria que há até fortes indícios de permanência do conflito entre o Arquétipo do Animus e o do Pai. Do signo de Câncer tem muita dificuldade de entrar na idade adulta, segundo os especialistas.

Chega Ivan.

- Que coisa absurda. Como é que ela se deixou enredar dessa forma? – comenta, a pretender denunciar uma sua qualquer debilidade – vá – psicológica, porque na sua ótica só um débil mental se deixaria enredar nas malhas da loucura.

La Salpetrière

A internação de Eloísa é a primeira séria *bad vibe* na sua biografia, porque até aqui passou mais ou menos incólume por certas vicissitudes, mantendo-se a salvo de intolerâncias, preconceitos e estreiteza de espírito, inclusive de si mesmo. E imaculado. Fosse talvez mais esperto poderia ter influído numa mudança de rumo da gaja, que ainda lhe é muito querida, talvez mais do que antes porque agora é vítima indefesa ainda que da própria ignorância, talvez, se não do sistema ou da má sorte, por ter vindo ao mundo num núcleo familiar tão limitado e opressivo. Fala-se de pessoas que nunca voltaram de uma viagem de ácido. A sua trajetória ao longo do ano, deslumbrada como pareceu de início, alheada dos mais elementares preceitos de ordem prática, poderia levar a pensar também nisso. Ed aprendeu a tomar distância do conceito de culpa judaico-cristão. Já era maior e vacinada para saber o que lhe convinha ou não ou arcar com as consequências e tudo somado, fora talvez o primeiro namorado, que não conhece mas parece-lhe personagem condenável, ela nunca andou com o que se poderia chamar de más companhias. Na cabeça *One Flew Over the Cockoo's Nest* e *Frances*

rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá Afonso me diz: não escrevas um livro sobre psiquiatria Rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá o tu resti con me questa volta o... Che cosa? ... Rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá Da dove vieni? Dal paese, a raccogliere frutta Rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá Che cosa hai fatto? Te lo giuro, sai, non son riuscita a capirlo pure io Rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá (io lascio perdere) Rá rá rá rá Francamente io non so come da due persone come voi sia nata una insana Rá rá rá rá rá rá perché io sono stata sempre me stessa Rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá hai mai scopato una diva del cinema per venti dollari? Rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá rá Lobotomia Lobotomia Lobotomia Rá rá Transorbitale Rá rá transorbitale lobotomia inventada por um português,

Prêmio Nobel Rá rá rá rá rá rá leucotomia pré-frontal Rá rá rá rá rá rá rá rá a tomar un bel Chianti dopo una bella pasta al sugo Rá rá á á á á á á

Não chega a nenhuma conclusão. Tudo muito confuso, complexo. E não sai dessa. Propõe a Helena Vaz da Silva, editora do suplemento *Alternativas* do *Expresso*, fazer uma reportagem sobre a assistência psiquiátrica em Portugal e o estágio do pensamento e da prática em torno da loucura e da psiquiatria no país. E começa a trabalhar em casa mesmo. Chega, acende uma vela, porque a luz não foi paga e está cortada, e vê Peter sentado no escuro. Fala-lhe do trabalho e ele propõe ir até o seu quarto para gravar uma entrevista sobre a sua experiência. Sentam-se no chão junto do catre, a cassete rodando e ele respondendo com evasivas a uma, duas perguntas, até que...

- Ouve cá, não tens nada que se fume?

Sabe ao que se arrisca, porque o fumo do da Maianga ainda é uma paulada dos diachos. Não pode perder a oportunidade única de colher o depoimento de Peter, que decerto ao longo da conversa irá dar-lhe impressões de dentro e profundas sobre a questão, mas não tem saída. Faz, acende, fumam e... não se fala mais em psiquiatria.

Vão para a sala. Peter diz que ficou toda a noite acordado.

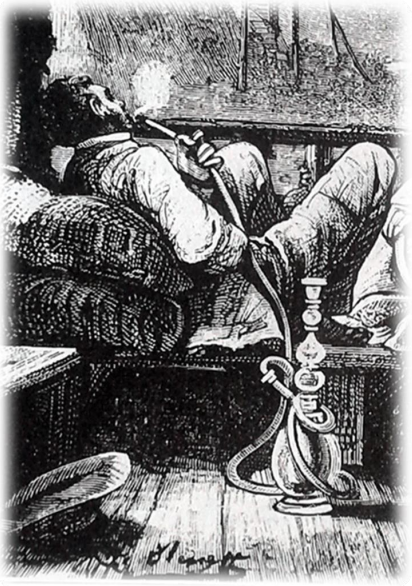
- Queres saber o que aconteceu? Espera um pouco.

Na noite insone, à luz de vela, preencheu uma agenda de mais de cem páginas que desata a ler - e não é que, pela forma e conteúdo, a loucura do discurso faz sentido?

Amigos da francesa, donos de fazenda no Alentejo, jovens mas potenciais eleitores da AD, do Partido Popular Monárquico ou do Partido Democrata Cristão, guardam um Mercedes na garagem, primeira vez que ela vai à casa desde que a alugou há três meses. Preparam uma viagem ao Marrocos em poucos dias. De lá vão a Paris. Em duas semanas Ivan fica a par de que o grupo enchera as portas do carro de haxe, que pretendia vender na capital francesa. Devem ter flipado, porque andavam nele em Paris quando sofreram um acidente à hora de ponta em L'Étoile. Estão presos. A casa de Caselas fora alugada para ser uma das bases da transa. Ivan e Ed são obrigados a evacuar o quanto antes.

Um dois cavalos sobe aos solavancos a colina da casa de Caselas e estaciona no jardim. É noite e a casa está no breu. Com o seu amigo, retira os seus poucos pertences e vão assistir à meia-noite *Dillinger è Morto*, de Marco Ferreri. Michel Piccoli passa o filme a cozinhar uma janta só para ele enquanto ouve música num rádio. No final mata a mulher e aparece numa praia, de onde nada até um iate onde se oferece para trabalhar como cozinheiro.

É madrugada alta quando chegam ao seu novo refúgio. Da estrada de Camarate em Sacavém segue-se até um quilómetro antes da Apelação e sobe-se com cuidado uma escada que dá acesso à antiga cavalariça de uma quinta queirosiana, porque de noite ela é guardada por um feroz pastor alemão que só respeita o tratador. Feita por uma família de arquitetos, a casa 'é uma desbunda', pequena mas muito bem dividida. Entra-se por um pequeno hall com um divã a fazer de sofá. A cozinha ao fundo, sem divisória, bate a de Piccoli nos itens mostardas e frigideiras, que o amigo coleciona. Na parede de fundo um piano velho e desafinado. Quatro degraus de pedra e eis um plano intermédio com um quarto à esquerda em que se vê ao fundo uma cama de casal e uma janela baixa incrustada na parede grossa como a de uma fortaleza. Do outro lado uma pequena casa de banho. Mais quatro degraus de madeira e chega-se ao *loft* do estudante e estagiário de arquitetura, com duas janelas grandes abertas por alturas do joelho, uma prancha e duas luminárias de arquiteto e uma cama de casal mais um som e alguns discos e livros. O amigo só vem de vez em quando porque mora com os pais em Lisboa.



Quietude

Ed fica completamente a sós no retiro, rodeado de silêncio quando não ouve música. Ninguém parece acreditar quando diz que mora num local porreiro num lugar chamado Apelação, de que nunca se ouviu falar, além do mais perto de Sacavém.

Pouco a pouco monta uma bela biblioteca e discoteca, a segunda leva dos melhores discos e livros das suas coleções, acrescidos com o que compra de literatura de pesquisa para a reportagem e os discos que vai recebendo, entre os quais a melhor parte do catálogo da Harvest, com *Joy of a Toy*, *Shooting at the Moon* e *Whatevershebringswesing* de Kevin Ayers, *S.F. Sorrow* dos Pretty Things e os primeiros LPs da Savoy Brown e da Climax Chicago Blues Band. O seu estudo centra-se numa edição de bolso da Gallimard com *Illuminations* e *Une Saison en Enfer* de Rimbaud, *Les Fleurs du Mal*, *The Marriage of Heaven and Hell*, os manuais de Laing e Cooper, *Elogio da Loucura*, *O Anti-Édipo*, *Histoire de la Folie* e *Surveiller et Punir* de Foucault, o último ainda com cheiro de tinta, acabado de comprar na Buchölz, e *The Manufacture of Madness – A Comparative Study of the Inquisition and the Mental Health Movement* - que poderia traduzir-se por A Invenção da Loucura - do húngaro-americano Thomas S. Szasz, que com *O Mito da Doença Mental*, publicado em 1961, tornou-se o *Papa* do então nascente movimento de antipsiquiatria ao anunciar que os psiquiatras são os inquisidores modernos, rotulando os comportamentos a fim de controlar a conduta das pessoas.

Doce refúgio, bela solidão, aumentada porque Ivan conseguiu uma bolsa para fazer um estágio em Paris. Muito esporadicamente toca o telefone.

a lou
cura aqui
a loucura
agora

Deleuze e Guattari deviam estar loucos quando escreveram que o futuro não era da proletarização mas da esquizofrenia como princípio criador. Belo delírio. E a má criação de quem errou a mão no exercício da loucura, como se trata, dr.? – pergunta ao psiquiatra que lhe serve de guia nas reportagens no Miguel Bombarda e no Júlio de Matos, em que faz o trabalho de campo, e orientador sobre o pensamento em torno da loucura e da psiquiatria e o mundo dos psicofármacos.

- Trata-se com os substitutos da camisa de força, neurolépticos, ansiolíticos, as camisas de força da mente.

Trancafiada em camisa de força depois de ter dado livre curso à alucinação, sem disfarces no mínimo gesto ou monossílabo. Pura, ingênua e selvagem como um primata. Viaja na cabeça da outra, que nem sabe como está e o que sente agora.

Num estudo do género um indivíduo acaba por imbuir-se de uma dose considerável de frieza científica mas certos escritos que consulta – mesmo os que já leu e releu – enregelam-lh'alma. Como a descrição do poeta beat Carl Solomon da sua experiência de coma insulínico em *Report from the Asylum*:

Cedo o coma confirma todos os medos do paciente. O que começou como um sono drogado transforma-se de maneira orgânica num dos milhões de universos psicofísicos que se deve atravessar antes de ser acordado pela sua dose de glicose. O coma destrói a memória do paciente enquanto a glicose engorda-o até à deformação.

A insulina, diz ele, mergulha a sua vítima no vazio profundo da indiferença, a resposta do sistema à contestação radical da insanidade, se quisermos levar a coisa para o prisma de interpretação de Antonin Artaud ao escrever sobre a sua experiência em Rhodez: o louco prefere assumir-se como tal a trair sua ideia superior de honra numa sociedade dominada por vícios que inventou a psiquiatria para se defender contra a investigação de mentes lúcidas e superiores

cujos poderes intuitivos a incomodam – anota Ed de um estudo de Maciel, Luís Carlos, jornalista brasileiro. Desse modo a psiquiatria é uma punição, não uma tentativa de cura da doença mental.

Os anos 60, e 68 em particular, deixaram rastos profundos - num caminho sem volta? Ainda é moda por exemplo contestar as instituições de forma radical, e Foucault o faz a preceito, assumindo uma posição que já foi classificada de 'psiquiatricida', denunciando a psiquiatrização da loucura como instrumento de controle discricionário, parte da estrutura de controle individual e social da sociedade moderna. Mas quando foi defender sua tese de doutorado, *A História da Loucura*, onde afirma que a doença mental não passa de um 'objeto' inventado e modelado pela psiquiatria, e pediu a Georges Ganguilhem para ser o relator, o autor de *O normal e o patológico* ripostou: *Se isso que você diz fosse verdade nos já o saberíamos há tempos*.

Ed é a favor de tudo o que conteste a Instituição, como a da loucura, mas se ela, tal como é interpretada e tratada pelo Sistema, não existe como pode uma pessoa que lhe é tão cara se deixar encurralar e 'aprisionar' por ela – numa aparente renúncia (voluntária?!) a toda e qualquer forma de lucidez?

Aldous Huxley cita excerto do *Journal d'une schizophrène*, o registo autobiográfico da passagem de uma jovem pela loucura, onde o mundo do esquizofrénico é chamado 'le pays d'éclairment', terra do esclarecimento, ou 'country of lit-upness', segundo o autor: território da iluminação. Segundo ele uma expressão 'que um místico usaria para identificar o seu paraíso. Pessoas mentalmente disturbadas perderam contacto com matéria, linguagem e seus semelhantes. Não têm objetivo na vida e estão condenadas à ineficácia, solidão, e a um silêncio apenas quebrado pelo guincho insensível e a algaraviada dos fantasmas.'

Conflitos familiares, insuspeitáveis e talvez insuperáveis tormentos d'alma e complicada relação com os outros e com o mundo. As perturbações, ao tentar resolvê-las, transformou em abstração, o que não resolveu o problema. E algum problema tinha porque caso contrário não lhe seria difícil entender que, pela conjuntura socioeconômica, não haveria como abstrair-se das regras do jogo. Ron Laing, que mantém com David Cooper a comunidade de terapia regressiva de Kingsley Hall – um dos 'templos' (nós, os iconoclastas...) da contracultura -, vê a esquizofrenia como estratégia de sobrevivência: a insanidade pode

ser um ajustamento perfeitamente racional a um mundo ensandecido, e escreve no seu *O Eu Dividido*:

É sabido que estados temporários de dissociação da subjetividade separada do corpo ocorrem em pessoas normais. Pode-se dizer, em geral, que é uma resposta disponível à maioria das pessoas que se encontram enclausuradas numa experiência ameaçadora, da qual não há possibilidade de fuga física. Prisioneiros tentam sentir-se assim, pois a situação não oferece nenhuma saída especial sequer por um breve período de tempo. A única solução é a retirada psíquica 'para dentro' da própria subjetividade e 'para fora' do próprio corpo. A dissociação é caracteristicamente ligada a certos pensamentos como 'Isto parece um sonho', 'Isto parece irreal', 'Não posso acreditar que seja verdade', 'Isto não está a acontecer comigo', isto é, com sensação de estranheza e falta de contacto. O corpo pode continuar a agir exteriormente mas interiormente é sentido como se estivesse a agir por sua conta, automaticamente.

G. K. Chesterton é mais simplista mas talvez não menos profundo: *um louco pode até acreditar que é um frango, mas só irá parar num hospício se não perceber o aspecto cómico da ideia.*

Alguns autores dão a entender que não é preciso sequer chegar à ideia talvez maluca de que Eloísa nunca 'desceu' do primeiro ácido – ou dos dois... – ao afirmar que além de problemas psicomotores e ataxia o HTC da liamba poderá impossibilitar um indivíduo de produzir um raciocínio médio, por despersonalização que conduz à fantasia, ao mundo da abstracção, com alucinações auditivas e visuais, as chamadas delusões, que por sua vez poderão produzir psicoses temporárias. A tal teoria de que a erva queima os neurónios...

Humphrey Osmond descortinou semelhanças entre a composição química da mescalina e o adrenocromo produzido pela decomposição da adrenalina, que pode causar profundas alterações de consciência, algumas idênticas às que ocorrem segundo Huxley 'nessa tão característica praga do século XX, a *schizophrenia*'.

Por uma vez toca o telefone a acordá-lo do largo parapeito da janela do quarto. É Leda.

- Edgar, estive com Eloísa, fui visitá-la e não imaginas, é horrível. Ela está péssima, diz que está lá porque é preciso,

coitada! Não dá nem para brincar com isso, mas eu diria que agora sim é que ela está doidinha de todo. Falei-lhe em fazê-la sair de lá e sabes que ela disse que sim como se não estivesse minimamente interessada?!... Ed, vamos tirá-la de lá?

- Tirar como?

- Sei lá, fazê-la fugir.

- Fazê-la fugir?! E isso é fácil?

- Não sei, acho que não. Além do mais a clínica, ou lá o que é aquilo, tem uma cerca altíssima. Mas arranjaremos um meio de pô-la cá fora, de fazê-la sair conosco.

- E o que acontecerá aqui fora? Onde é que ela ficará? Claro que com os pais não vai ficar. E como irá ficar?

- Não sei, mas sinto que tenho de tentar.

- Leda, fazê-la fugir contra a vontade?!

- Não é contra a vontade. O que acho é que lhe seria indiferente sair ou não mas uma vez posta face a uma possibilidade concreta quem sabe ela não se anima? Tentamos?

- E se ela não quiser sair? E se afinal – e não é que eu pense assim, mas por que não partir daí também? – é lá que ela está melhor? Melhor que aqui, onde ninguém entre os amigos que escolheu para partilhar o seu delírio quis saber dela? Não digo que mereça ou tenha querido mas por que é que ela foi parar lá e depois não saiu de novo da casa dos pais? Afinal, tem 21 anos, é maior e vacinada!... Tá bom, vamos conversar para ver o que podemos fazer. Mas para fazer qualquer coisa vou ter de ir lá antes? Eu não quero. A última visita do gênero, entre aspas, que lhe fiz foi na Casa das Nogueiras. Prometi a mim mesmo, porque nem sei como encará-la. Melhor então desistir logo. Vou pensar.

Desliga e abre um livro de poemas de João Carlos Pais.

Declino responsabilidades se quiserem assino rá-

pido pronto ponto final na questão internem-me

arrumado o caso declino repito pois sei que aqui

anda dedo divino a minha talvez oculta face noc-

turna agora acesa incendiando o cérebro e as

paisagens sinistras que descrevo e até escrevo

para ti as coisas terríveis que escondi durante

tantos anos e todos os complexos tanto faz agora
em total destruição locomotiva doida em direcção
à morte que na próxima curva me aguarda recli-
nada em seu divã de sexo aberta às mais sutis
propostas para morrer (ó morte!) de amor de
vinho de loucura ardente.
...
Não se trata de criar uma uniforme paisagem. Um deserto
de coisas. De seres conformados. Mas sim da criação.
Trabalho criador. A solução pessoal em universos paralelos.
Novamente: prazer próprio; funções vitais.
Não se trata de mágicas soluções (metafísica? senhores!),
nem de remédio a alimentar a produção, o consumo. Abro os
jornais: doenças mentais em Portugal. Fala-se de psiquiatria,
psicanálise, psicologia. Tiras extensas de prosa continuada.
Maldosamente me dás às tantas vontade de rir. Recuperar?
Para quê? Para quem? O(s) sistema(s) abocanha(m) os filhos
pródigos, os resíduos, a pestana caída sobre a mesa. Será
necessário ir mais ao fundo. Questão de perfurar até ao osso;
ao tutano; à fibra; à célula; ao nervo; ao sistema tentacular
que tudo procura definir, catalogar, programar, planificar. É
contra a planificação (sejamos radicais) que em cólera avança
o processo criador.
O(s) sistema(s) abocanha(m) a pestana caída sobre a mesa...

A partir para a reportagem, enquanto lê e reflete sobre a matéria, só vai a Lisboa de duas em duas semanas, para entregar artigos, pegar discos a 'criticar' e reabastecer-se de comida e fumógeno. Nas viagens lê a correspondência de Gandhi com Tolstoi, com que dá um mergulho mais profundo nos princípios da desobediência civil pela não-violência.

A sua base em Lisboa é a casa de Rosário, que trouxe notícias da Índia, onde ficou seis meses de gozo de licença sem vencimento

e para onde voltará, segundo os planos do bando dos quatro, de quatro em quatro meses, por um mês, desfrutando de folgas acumuladas acrescidas de outras conseguidas através de horas extraordinárias. Servirá de 'mula' do grupo, que compra tecidos e peças de pano, incenso, pequenos objetos ornamentais e instrumentos musicais por rupia e meia, despacha-os pelo correio ou espera que ela os vá pegar para vendê-los em Lisboa e mandar ou levar dinheiro aos remanescentes. Conta que chegado a Cabul o quarteto de neo-hippies foi assaltado e ficou apenas com a roupa que tinha no corpo, os passaportes e o dinheiro de bolso, que deu para chegar a Goa, onde decidiram abancar em Anjuna Beach. Até o cartão American Express voou. Sobreviveram com um dinheirinho que Mandarim e Lila deixaram em Lisboa. Com 300 dólares vive-se em Anjuna por um ano.

uma estação no inferno

O seu orientador dá todas as indicações para entrar e se movimentar no Miguel Bombarda, onde trabalha.

- Não vá à direção, porque se não vão lhe preparar uma visita guiada e você não vai ver nada. Ao entrar no portão vire à direita e vá ao longo do prédio até à primeira entrada lateral. À sua direita terá o pavilhão de segurança, onde é fácil entrar. Foi onde António Reis rodou *Jaime*. Não deixe de lá ir. Os homens ficam em condições subhumanas. Mesmo em frente há uma entrada lateral do edifício principal. Não diga nada. Pegue o elevador e tente entrar na Quinta de Mulheres.

- Quinta de Mulheres...

- Quinta enfermaria de mulheres.

É acordado cedo por Rosário, à hora em que ela acaba de se preparar para ir para o trabalho e enquanto toma um banho de imersão ela passa-lhe uma cônica de um boi excepcional.

Dziiiiiiing!

Está em ponto de bala para a primeira imersão no universo concentracionário da loucura, uma tijolada monumental.

Segue as instruções do orientador. Uma vez ultrapassada a zona da portaria não haveria perigo de se apresentar como jornalista. O pessoal pensaria que tem o aval da direção. O pavilhão de 'perigosos' é uma espécie de pequena arena com o que poderiam ser baias de cavalos a toda a volta, formado por celas individuais. Uma delas está aberta para o banho de sol do louco que a ocupa e limpeza do cubículo, que tem uns dois metros por um e meio. Ed reconhece, mais feio, o cenário de *Jaime*, um documentário apaixonante. Surpreende-o ainda mais que deste inferno se possa fazer Arte. Celas de psiquiatria castrense e de castigo para quem se porta mal. Pior que solitárias de muita cadeia, apenas com um vidro redondo da grossura das portas de cerca de um palmo de diâmetro, de modo que a cara dos encarcerados, encostadas às vigias, parecem deformadas, não há afinal diferença alguma com aqueles filmes de Boris Karloff e Vincent Price, mais medonhas que as dos mais medonhos dos seus personagens, desdentadas e com barba de alguns dias, parecem até loucos e são loucos psiquiatrizados, internados, presos, sem fisionomia própria, mas a de todo louco preso. Talvez porque todos vistam a mesma roupa de presidiários maltratados e sejam obrigados a usar o cabelo cortado a zero. Descaracterizados, despersonalizados, desumanizados.

Uns e outros iguais a macacos, iguais uns aos outros. Tratados talvez pior que macacos em jardins zoológicos, porque estes sempre têm algum espaço nas jaulas ou ao ar livre para fazer suas macacadas. Aos loucos da Primeira de Homens não é permitido nem mesmo mostrar as suas aos colegas. Por que falam só de Auschwitz? Ok, estes aqui não vão para a câmara de gás, mas não seria melhor morrer de vez? Quando irão sair daqui e como? Que crime fizeram para viver assim? Mataram alguém? Talvez. Mas isto é castigo para alguém? Melhor então não se fazer passar por doido, ser condenado à prisão perpétua num cárcere comum. As condições serão melhores.

Por que raios se fez então a bendita 'revolução'? Com muito menos em Itália Franco Basaglia lançou as sementes da abolição da instituição, hospício, manicômio... É revoltante. Sente-se bem na pele de rebelde e, é claro, não queria estar na pele deles. Zoo Humano sem tirar nem pôr. A Pide ainda aqui.

Segue até a Quinta de Mulheres, indignado mas sereno como pode, com a cabeça em turbilhão pelo efeito da potente erva fêmea

oxigenadora de neurônios, pensando no que diz Foucault sobre a relação da sociedade com a loucura até a era medieval, quando os mentecaptos eram postos quase à deriva em 'barcos de loucos', e como ela muda radicalmente na idade da razão, a da institucionalização da psiquiatria como ciência e da invenção do manicómio, área de confinamento que permite aos 'sãos de espírito' esquecerem-se até dos que passam a ser só 'espíritos do mal' e de que arquitetonicamente o Miguel Bombarda é um exemplo-padrão, com as suas altas muralhas nos confins do Torel.

Chega o elevador e se esgueira para dentro. Abre-se a porta – é aqui a Quinta? - Sim – sai em frente a uma porta que se abre, entram umas quantas enfermeiras, quem abriu a porta o interpela – O senhor é?... – Jornalista, em reportagem, etc., já com medo que telefone à direção, mas após breve hesitação deixa-o entrar, fecha-se a porta atrás dele, está preso com umas 50 mulheres num dormitório do tamanho do edifício, as que estão nas camas mais próximas do espaço que faz de corredor inclinando a cabeça sobre os ombros descaídos desde lá do fundo, curiosas com aquele que deve ser o único homem a aqui entrar sem bata branca. Vá que algumas, poucas, parecem mesmo doidinhas, eufóricas, querendo tocá-lo como se fosse um beatle, de resto até que está muito parecido, não fossem os caracóis, fazendo-lhe perguntas em vez de ser ele a fazer a elas, reclamando uma da outra, e olha para uma e outra mais distante, é claro, em hospital público, só pobrezinhas, e de aparência tão normal. A uma ali que tricota, por exemplo, só lhe falta ter ao lado um rádio e uns exemplares da *Crónica Feminina* para ser uma dona de casa em hora de pausa das lides domésticas, o que faz aqui trancada, será que tem acessos que tornam sua presença em casa intolerável ou está aqui apenas por comodidade dos parentes?

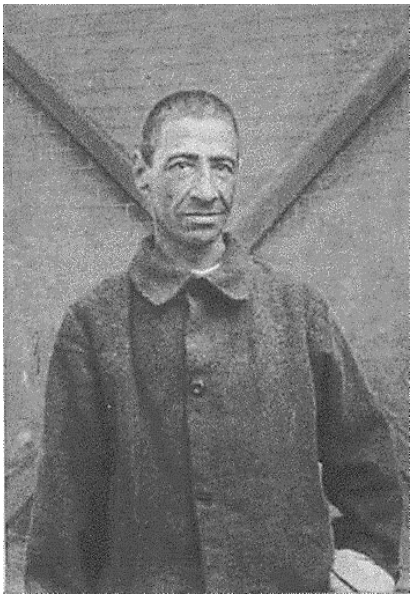
À saída, no banco, chega uma ambulância dos Bombeiros de Palmela. Do lugar do morto sai um homem com ar de lavrador. Do banco traseiro é tirada uma mulher aos berros: *Eu não estou louca! Não sou eu que sou louca! Ele* – e aponta para o que será o marido – *é que é maluco e me põe fora de mim!* O que será que aconteceu lá em casa esta manhã? Não tarda nada estará calminha, calminha, quem sabe na Quinta de Mulheres. Faz lhe lembrar o título da última publicação de Szasz - *The Age of Madness: A History of Involuntary Mental Hospitalization*.

Chegado ao portão após duas horas lá dentro tem uma súbita sensação de profunda estranheza e surpreende-se ao ver as

pessoas à sua frente dando um passo apressado após o outro em linha recta, como se isso não fosse normal, caminhar um passo após o outro em linha reta. Que paulada!

A primeira abordagem do Júlio de Matos já é diferente. Por cinco anos morou na vizinhança. Acostumou-se a ver os loucos que deixam sair ou fogem pedinchando cigarros ou uma esmola. Fazem parte da paisagem. Vai até a pracinha em frente à entrada. Lá está um sentado num banco. Faz de conta que não é nada. Senta-se noutro banco, põe o gravador ao lado, puxa um cigarro e acende-o. Mal acaba de dar a primeira tragada o homem de uns trinta e poucos anos – 'louco' também não tem idade, porque o cabelo deste também parece precocemente embranquecido - já lhe pede um cigarro. Faz com que ele se sente ao seu lado, põe o gravador em marcha – e ele, *o que é isso, um gravador? Está a gravar? A gravar o quê? – O que estamos a falar. Quer ouvir? - Sim. Ah, olha que piada, pois não é que é a minha voz? E esse aí, o outro, quem é?* - e colhe uma história que desde logo parece fantástica, até porque não entende patavina do que o homem conta, que parece em código, ouve-a e reouve-a e volta a ouvi-la e começa a montá-la como um quebra-cabeças da forma que parece lógica, e vem das lições do novo jornalismo a ideia de transcrever na reportagem o que ele diz, palavra por palavra, aparentemente sem nenhum sentido, e ao lado colocar a sua interpretação dos fatos que segundo ele, que diz que veio de Angola, consistiriam numa briga de partilha de bens em família de que foi apartado ao ser dado como louco e psiquiatrizado por meio da insulina, que lhe terá causado um desarranjo nos intestinos pois diz: *deram-me uma injeção e abriram-me o cu. - Como?! – O cu, o ânus, está a ver?, deram-me uma injeção e ele abriu-se*, e com as mãos faz o gesto de esgarçamento. *Desde então não me contenho, compreende? Deram-me uma injeção que me abriu o ânus*.

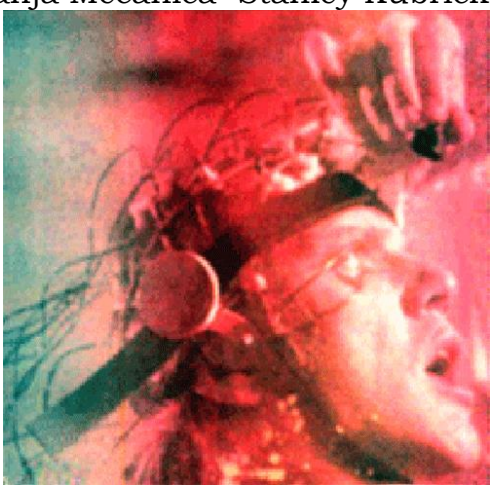
Por um punhado de angolares?!



Ängelo de Lima - Poesias Completas, Editorial Inova, Porto, 1971

Ângelo de Lima, poeta português da Geração de Orfeu, cuja internação chegou a ser noticiada pela imprensa de seu país como a de Um Poeta em Rilhafolles - a imagem acabada de louco ou "louco" psiquiatrizado em Portugal no século XX

Clockwork Orange/Laranja Mecânica Stanley Kubrick



de que trata? Nomeadamente de um aparente desvio que gera a violência não animalesca, pois que para todos efeitos ir/racional, e da correção do desvio pela intervenção violenta no organismo doentio por parte da sociedade que pode estar ela mesma na base dessa violência incontível (?) e intolerável. Ou o que será que está por trás disso tudo, a violência que gera a violência e a reacção violenta à violência, a loucura, que loucura, a lou, a cura ou suposta cura? Insanidade de uma ponta a outra - tema recorrente em Stanley Kubrick, de Paths of Glory a Dr. Strangelove e o

tiquetaque da laranja mecânica. *Clockwork Orange* causou arrepios pela abordagem franca e despudorada dos dois lados da questão: o "desregulado" ou "desajustado" e a sociedade. Um historiador de cinema que a-ma Sam Peckimpah, para ele "poeta do sangue", diz que a fraqueza de Kubrick é não ter muito tempo para e empatia com seres humanos. *Ele criou uma sociedade tão desalmada e desumana que não se tem alternativa senão torcer pelo psicopata.*

Situação dramática vive na cozinha do Júlio, com panelões do tamanho dos de contos de bruxas com mistelas inenarráveis, conteúdo indistinguível e água e pedaços de peixe e batata cozidos espalhados pelo chão onde, do alto das socas de Viseu, embora já com solas de borracha, desliza a correr o risco de a cada passo se estatelar no chão.

Primeiro trabalho de campo feito volta ao orientador.

- Dr., quais são os psicofármacos mais usados em casos de esquizofrenia?

- Largactil e Vesparax, por exemplo.

- Vesparax? Alguma coisa a ver com o Mandrax?

- O dobro da potência. Já tomou Mandrax?

- Não, mas muita gente toma para se divertir hoje em dia.

- Pois é. Experimente tomar um. Aliás, eu tenho aqui um frasco, leve dois comprimidos e experimente tomar meio Vesparax, não é preciso mais. Tome e verá o efeito que dá. Pode ser útil.

Trabalho de campo a fazer. Decide tomá-lo após o primeiro jantar em que recebe amigos na Apelação. Sim Cler e Gina, recém-chegados do Marrocos com, ao que dizem, um ótimo produto. De vez em quando ele também toma o seu Mandraxzinho.

Uma cónica, a janta, muito vinho de pipa de boa qualidade de uma taberna da vila, outra cónica, meio Vesparax e o trio a ouvir cassetes de música brasileira acabada de sair do forno que um amigo do casal acaba de trazer da origem. Tudo bem até que tardas horas, sentado com o casal no tapete do quarto, Ed passa mal e não consegue conter o vômito, que evacua ali mesmo sobre o tapete. Fim de mais uma etapa do trabalho de campo.

Porque o trabalho de campo prossegue. Conhecer uma 'clínica' psiquiátrica para libertar uma internada. Leda explica o que devem fazer.

- Poderás fazer-te passar por jornalista em reportagem. A mim já me conhecem pouco mais ou menos. Esperando que Eloísa não esteja de algum modo atordoada arrumamo-la de modo a parecer que tem autorização para dar uma volta e fazemo-la sair pela porta da frente. Há que tomar cuidado com o pessoal, porque aquilo lá não é grande e todo mundo se conhece, tás a ver? O pior será passar pelo portão da guarda, se tiveres de dizer alguma coisa talvez seja bom entrares numa de baratinar o gajo com a história de que estás em reportagem e nós a acompanhar-te. Se não funcionar é que são elas, mas não podemos deixar de tentar. Ela vem aqui para casa, porque minha avó já está acostumada a que aqui passe uns dias, e vemos entretanto se dá para ir para algum lugar onde possa estar em segurança.

Eloísa está quase irreconhecível. Os medicamentos que toma devem ter muito cortisona, porque está toda inchada e com a cara cheia de espinhas. A cada vez que seus olhos encontram-se com os de Ed sorri aparvalhada, com o mesmo ar estúpido com que olha para Leda quando ela lhe dirige a palavra. Só fala quando interrogada.

- Tomaste alguma coisa, algum comprimido?

- Claro! O de sempre, há pouco – e ri.

- Sentes-te bem aqui? – pergunta Ed a contragosto, só para dizer alguma coisa e romper o silêncio sepulcral que faz quando ninguém diz nada, o jardim da vivenda deserto na tarde ensolarada de primeiros dias primaveris.

- Iá – limita-se a dizer, reabrindo a cortina para o sorriso patético.

- Que tal dar um passeio em Lisboa? Depois trazemos-te de volta – propõe.

- Tá bom. Vamos já?

Leda pisca o olho na direção de Ed, só contentamento.

- Sim. Arruma-te só um pouco. Deixa-me ajudar-te.

- Vamos como?

- Paulinho está lá fora. Vamos de carro com ele. Vai ser bom, né? Há quanto tempo estás aqui?

- Nem faço ideia – e ri de novo, a endireitar os óculos. – Parece uma vida.

Ed vai até à mesa de cabeceira para um acto trivial de mero passatempo. *Earth is Room Enough*, livro de contos de Isaac Asimov, em edição de bolso da Panther Books, *Areias de Marte*, de Arthur C. Clarke, também de bolso, Livros do Brasil, *À Beira do Abismo*, *As férias de Poirot*, tudo de bolso.

- Bons, né? – diz Eloísa. – Alguma coisa aí é tua. Nem leio mais, porque passo a maior parte do tempo sob o efeito de drogas que só me dão tontura, mas até que já os li a todos no tempo em que lia um por dia, se me desse vontade.

Fala pausadamente, como se tivesse dificuldade de mexer os músculos da face. Leda acabou de arrumar o seu cabelo com o mesmo carinho com que se ajeita o de uma criança. Endireita o colarinho da sua blusa de malha preta.

- Queres levar alguma coisa?

- A minha bolsa – e pega a velha bolsinha de veludo preto.

Não se vê vivalma no corredor mas ouve-se som de passos na escada de madeira. Leda tira a bolsa do ombro de Eloísa e põe na sua sacola presa ao ombro. Passam por uma enfermeira que olha fixamente para a paciente mas não diz nada. Grande movimento no hall. Até aqui não há perigo. Em várias ocasiões Ed apercebeu-se de que Leda é muito nervosa e medrosa, o que expressa plenamente nos passinhos apressados e no rosto tenso. Diz-lhe que se acalme que tudo vai correr bem, mas aperta os lábios e arregala os olhos em sinal de pânico. Passam a porta antes do jardim maltratado pelo inverno, com algumas roseiras bravas com galhos ressequidos e mato em volta. Seguem pela aleia até ao portão principal, Ed dois passos atrás das moças. Ninguém à vista na guarita. Leda parece à beira de um colapso quando o olha para ver se as segue.

Eloísa para de repente e agarra-o pelos pulsos.

- Olhem, não vai dar para ir com vocês. Estou a ver que não vai ser fácil sair daqui depois de tanto tempo e ter de lidar com muito movimento. Aqui é tão tranquilo, estou tão bem. Não vai dar para ir hoje, vamos outro dia.

Leda perde o controle:

- Eloísa, que loucura! Que mal poderá fazer-te?! Olha – segura-a pelas mãos e mira-a fixamente nos olhos -, vamos encontrar-nos com o Paulinho que está ali no carro, vamos com ele até minha casa, tás a ver, tranquilamente, vamos para o meu quarto, ficamos lá, fazemos um chá, vamos comprar bolos para fazer um chá, ahn? Um chá de luxo! Há quanto tempo não tomamos um chá assim? Anda, vamos!

- Não posso! – e começa a voltar em passo rápido ao casarão, sem dar tempo de alcançá-la. Leda corre atrás dela, que entra e continua andando rumo à escada com a amiga ao lado a tentar convencê-la a não voltar para o quarto. Ed ruma à saída e senta-se no banco de trás do dois cavalos. Leda chega a dar sinais de que por mais um pouco será ela que precisará ser internada e gritando: não vou desistir!

Esta é quase igual ao *Lilith* de Robert Rossen, com a diferença de que, se ela, Eloísa-Lilith (Jean Seberg) poderia ir embora da clínica e não vai, ele não é doido como Vincent (Warren Beatty) para embarcar na dela, tão pouco temeu perdê-la, e a vertigem da loucura poderá destruí-la mas não a ele - ao menos por enquanto.

Nunca soube o que lhe diagnosticaram, se diagnosticaram alguma coisa. Esquizofrenia, é mais que certo: *desordem psicótica grave que pode afecar qualquer aspecto da mente e da personalidade, sendo um dos principais sintomas a crença de que pensamentos não são próprios e de que as ações físicas são iniciadas por outra pessoa, a partir do conceito de mente dividida usado pela primeira vez para descrever divisão das funções vitais*. Mente dividida? Crença de que pensamentos não são próprios e de que acções físicas são iniciadas por outras pessoas? Que algaraviada. De todo o modo, não ela, propriamente. Estão bulindo com coisas que não conhecem. Afinal, onde termina o cérebro e acaba a mente, ou vice-versa? Mas esquizofrenia, *The Sacred Symbol of Psychiatry* – o símbolo sagrado da psiquiatria, segundo Thomas S. Szasz -, é como um colete salva-vidas em que se engloba quase todo o tipo de louco... para jogá-lo ao mar da insanidade.

Mandarim e Lila antecipam viagem da Índia para vender produtos de toda a espécie, menos ilícitos, e fazer novo pé-de-meia para juntar ao de Rosário e regressar a Anjuna. Instalam-se na casinha da família na Costa, onde Ed os encontra para passar um fim de semana prolongado. Leva máquina de escrever e uma montanha de papel, entre escritos e recortes da reportagem, que toma quase todo o seu tempo mas cuja feitura prolonga-se muito além do prazo previsto. O espaço mínimo e a rotina da casa impedem-no de trabalhar mas a cabecinha não para de refletir sobre a matéria, sob os efeitos de um inebriante pólen de haxixe fresquinho e da leitura de *Elogio da Loucura*.

Num passeio pomeridiano de domingo no quebra-mar da vila vê-se a magicar em torno da figura de retórica da folia de Erasmo, em auto elegia, e a imagem de Gilles e Anne empedrados ao luar em *Les Visiteurs du Soir*. Diz a Folia: 'Tenho estátuas que bastem, tantas quantos os homens existentes, cada qual carregando a minha expressão viva no semblante, embora na sua mente eu seja justamente o seu oposto.' Pessoas ou estátuas animadas dá no mesmo, só se distinguem uma das outras por gestos mecânicos, automáticos, robotizados, irrefletidos - abstraídos. Pessoas como estátuas inconscientes do seu papel, seres inanimados, cada qual sentindo-se *avis rara* mas carneiro no rebanho. Atropelam-se aos magotes na Rua do Ouro nos dias de semana, vêm aos magotes atropelar-se no quebra-mar e na vila aos domingos, ou subjugar-se a engarrafamentos piores que os de dias de semana no passeio dos tristes de Lisboa a Sintra, via Cascais, ou vice-versa. Corpos frisados numa ilha de edição em que se edita um filme sobre a ausência de singularidade em vida. Meses em contato constante com a loucura, a refletir no fundo na sua loucura e a maneira de viver no mundo prático e materialista com ela. Representando da forma mais absurda, que é como no fundo toda mundo faz. As limitações do meio, apesar da revolução 'universalizante' por que o país passou, ainda tão pequeno e provinciano. E as limitações dos meios, produtos de uma sociedade ainda muito resignada e fechada.

Relê também no *visionário* Huxley:

Every event is utterly pointless, every object intensely unreal, every self-styled human being a clockwork dummy, grotesquely going through the motions of work and play, of loving, hating, of

being eloquent, heroic, saintly, what you will – the robots are nothing if not versatile

> Cada acontecimento é desprezível, todo objeto intensamente irreal, cada emproado ser humano um boneco mecânico, grotescamente manietado na rotina casa-trabalho, de amar, odiar, ser eloquente, heroico, um santo, o que for – os robôs não serão nada se não forem versáteis…

É dele ainda a lição básica:

To be enlightned is to be aware, always, of total reality and yet to remain in condition to survive as an animal.

> Ser iluminado é estar sempre ciente de toda a realidade, mas mantendo-se em condições de sobreviver como um animal.

A reportagem só poderia sair de forma algaraviada, numa narrativa em elipse ou turbilhão como o que o tema lhe provoca, pelo que deixa fluir os períodos como rios tortuosos a seguir o fluxo do pensamento e das ideias desencontradas, que às vezes é melhor que tê-las todas bem-feitinhas e embaladas.

No laboratório da Apelação, a par com a atividade de 'crítico' propõe-se traduzir *Playpower* de Richard Neville, que ao narrar os bastidores dos grandes acontecimentos do movimento de contracultura pop-rock dos anos 60 em Londres, Paris e periferia de um ponto de vista underground desenrola a teoria segundo a qual eles inauguram uma nova era em que, em função do desenvolvimento tecnológico, a humanidade da parte ocidental tende a ter cada vez mais disponibilidade para o prazer e a brincadeira. A mexer com o passado e a bulir com o futuro, quando o desemprego aumenta e o trabalho braçal se tornaria obsoleto e teremos de ter muita imaginação para nos sentirmos ocupados e realizados mesmo sem fazer nada de aparentemente útil, como uma criança, com prazer total no ócio. *O poder da brincadeira*.

A essa altura já descobriram que o seu refúgio é afinal um lugar de eleição e ele passa a ser mais um *rendez-vous* de grupos reduzidos e esporádicos em busca de festa em lugares exorbitantes. Neste o som na ordem do dia é enriquecido por *Natty Dread*, o segundo disco de Bob Marley and The Wailers, com as versões originais de *No Woman No Cry* e *I Shot The Sheriff*, criações de um Bob Dylan ou The Beatles da Jamaica, e pelo

surpreendente *Desire*, do próprio Dylan, que depois de mais quatro anos no obscurantismo volta a ser uma coqueluche e espanta pelo clima *tex-mex* de quase todo o disco, pelo inesperado tom panfletário de algumas canções sobre a questão racial nos EUA e a Ed, tratando-se de quem se trata, pela impensável trivialidade e jovialidade de *Mozambique*, a folgazar que 'gostaria de passar um tempo em Moçambique', onde o céu é azul marinho e 'todos os casais dançam de rostos colados' e há 'uma data de garinas lindas e tempo de sobra para um bom romance', 'a viver ao lado dela sobre o oceano' e 'a sussurrar a sua emoção secreta' – 'mágica numa terra mágica', que quando chega a hora de partir e 'dizer adeus à areia e ao mar', ao 'dar uma volta para um último flash', 'vê-se porque é tão *unique*' (também a rimar como slogan turístico) 'estar entre gente adorável a viver tão livre'. Moçambique de cartão postal num extraordinário jingle promocional sem efeito, porque nem em sonho delirante alguém se lembraria de passar 'uma semana ou duas' que fosse numa linda nação emergente de presente tão negro e futuro tão sombrio.

Pela presença por via do trabalho de 'crítica', não raro chagam-lhe o espírito no seu próprio refúgio com os imprestáveis Peter Frampton, Camel e Queen, a grande onda comercial do ano.

O 25 destapou uma panela de pressão cheia de gente em geral mal informada. Políticos e militantes de partidos, refratários e desertores, mais os ativistas que chegaram de todos os cantos e até os retornados trouxeram informações e componentes que ajudaram a gerar um clima de permanente provocação do que se tem por ordem estabelecida (ou a restabelecer), num espectro bastante alargado. Estar aberto ao êxtase ao dobrar a esquina aos 20 anos. Era dourada, perdida, provisória como os governos do PREC e que talvez tenha sido mais fascinante pela provisoriedade de tudo, deixando margem para especulação em torno de múltiplas perspectivas de mudança, melhorias, luta por ideais.

Movimento popular, aquele ano e meio é sem dúvida também um movimento pop, no sentido em que parte da juventude portuguesa integra-se e passa a informar-se no movimento internacional, talvez porque o 25 foi também uma abertura dos portos a outras possibilidades de intercâmbio de pessoas, ideias e produtos artísticos e culturais.

Mas o tom geral do ambiente em 76 reflete uma grande dose de frustração e vazio pelo fim da estação de festa desabrida e perspectivas do tamanho dos sonhos. Tudo entra nos eixos apesar da grande instabilidade político-institucional. Faz-se as contas ao

prejuízo e também por conta das mudanças na conjuntura internacional pós-crise do petróleo de 73 pela primeira vez desde que a malta se conhece por gente ouve-se falar em austeridade económica para combater o desequilíbrio das contas do Estado. Há quem finja acreditar que tudo ainda seja possível e através dos poucos jornais esquerdistas de informação geral que restam insista na mesma lenga-lenga, a conclamar a 'base social de apoio ao PREC, o proletariado urbano e rural aliado com os camponeses pobres e a pequena burguesia' a persistir na busca de uma 'estratégia comum anticapitalista' rumo à 'edificação do socialismo' e na luta pela preservação das 'conquistas' feitas nomeadamente na 'zona de intervenção da Reforma Agrária', a partir das 'unidades coletivas de produção', preparando-as para 'outros tipos de transformações estruturais (agrárias, económicas e sociais)'.

Abrir, abriu, mas muito aquém das expectativas. Aqueles a quem só faltava ter a lata do pessoal do MRPP de afirmar em público que o PCP é social-fascista e continuam a ser do contra alinham com a UDP, que lá elegeu um deputado à Assembleia Constituinte e de cuja área sai o jornal *Gazeta da Semana*, com belo projeto gráfico de João Botelho, ou estão com o PRP-BR, sob cujos auspícios é publicado o *Página 1*, supostamente patrocinado por parte do produto de assaltos a bancos mais o também presumível apoio do regime de Muammar Kadhafi. Certo é que após cada chegada de um coronel líbio circula muito dinheiro nos corredores e salas da redação que ocupa um andar de um prédio na Rua Castilho. Na *Gazeta* cedo passa a haver uma clara demarcação provocada pela direção entre os emeéles da 'velha' cepa e o pessoal que faz o suplemento cultural *Gazetilha*, muito à Paris, muito à *Libé*, com que o grosso da redacção está mais que familiarizado. Seria impensável num jornal emeéle que a condenação da política de Moscou nos 20 anos da invasão soviética da Hungria desse problemas a quem a edita.

O 1º de Maio já não foi unitário em 75 e muito menos o é este ano. A UDP promove uma grande festa no Terreiro do Paço animada pelo seu núcleo artístico-cultural, o GAC, dirigido por José Mario Branco, de onde saem as coisas menos deploráveis em termos de propaganda, como o LP *A Cantiga É Uma Arma*, no fundo o terceiro do maestro ex-exilado de Paris. E quem lá revê Ed, numa maviosa manhã ensolarada junto ao cais de todas as conquistas, após quatro anos e tanta mudança? Aquela militante antifascista com o que será o seu marido e duas crianças de colo. Afinal, em princípio era mesmo do contra naqueles tempos. E o

suposto marido era o namorado da célula em que militava? Em quê? Nas BR? Nunca irá saber.

O respeito à diferença, além dos preceitos político-institucionais, é pouco ou nenhum. As minorias continuam impiedosamente marginalizadas, sem canais para fazer-se ouvir. Sem voz. O universo noturno ampliou um pouco as suas ofertas, com a abertura de dois espaços para jovens, um no antigo Cinema Universal, que ao fechar as portas leva consigo boa parte da memória dos 'pulgas', os cinemas de sessões contínuas, e deixa saudades também porque nos últimos dois anos serviu como uma das melhores salas de cinema de arte e ensaio, e o Zodíaco, na Lapa. Promovem sessões de música ao vivo dando espaço ao rock e passam a ser viveiro do rock português e de géneros híbridos, o Zodíaco, o primeiro grande point de Lisboa pós-25 (e antes, porque não havia nenhum).

Pinheiro de Azevedo substituíra Vasco Gonçalves ainda antes do re-reviralho e o clima é outro mas a catadupa de drogas ilícitas que entram no país dá origem a uma das primeiras campanhas de massas congeminada e que deveria ter sido despoletada pela 5ª Divisão, que em mais uma prova de continuismo nem se preocupou em tirar todos os cartazes que o governo Marcelo Caetano fizera espalhar pela cidade em 1972, com uma caveira com o símbolo da paz na testa e a legenda

DROGA
LOUCURA
MORTE

Um deles lá permaneceu na Óscar Monteiro Torres durante toda a conturbação do PREC. Enquanto isso um anúncio na TV prega o denuncismo que também se julgava morto e enterrado, a planta da cannabis sativa L como num retrato falado para ser facilmente reconhecida por todos sobre a legenda:

SE VIR ESTA PLANTA – DESTRUA-A

A 'noite' antiga não mudou grande coisa, só que agora também com uma fauna mais jovem, gente que não tem mais o que fazer e passa a tomar de assalto antigos redutos da chungaria, como o Jamaica, no Cais do Sodré, onde se escuta noite após noite, entre um original *I Shot the Sheriff*, o inefável *it's the night fever, night fe-ver...* O Cantinho dos Artistas não é mais nem de longe o que era: em autogestão, um bar com luzes acesas talvez por vergonha de o ser. Dantes, à meia luz da cumplicidade de cabaré, quem ali

se mostrava desatento e falasse com o parceiro, a parceira ou o copo levava uma grossa reprimenda do baterista e chefe do trio, que já não toca mais lá. Só a porrada continua a mesma, da fina, todas as noites. Como são os mesmos os pretextos para vasar do local sem pagar: bruta discussão seguida de declaração de princípios, curta e definitiva, e zás que já se faz tarde. Mas agora a piada leva sabor a política, e ao *Ah, tigreee!* atirado por amigos que a sorrir veem o mangas sair de fininho, sempre há uma voz que cola rápido o epíteto: *M-L!*

Com a queda do Cantinho, que já não tem a Lauren Bacall mas onde ainda se encontra a mulher felliniana do tempo da outra senhora, resta em Lisboa apenas uma das antigas orquestras de cabaré lisboetas, o eterno pianista cego do Bolero, que faz-se acompanhar por bateristas de ocasião. Mas mesmo lá a caixa de música já se faz ouvir e, entre duas *performances live* com *La Cumparsita*, entremeada dos repiques de estilo, ouve-se e dança-se ao som... *de tu querida presencia, comandante Che Guevara*.

O último cenário de desenho da utopia impossível desmorona num recolher obrigatório interminável, embora de qualquer modo longe da vidinha de antes. O 25 e o que ele gerou de sublevação da ordem em muitos campos, pondo tanta coisa em questão, redundou num vácuo além das propostas de adesão à CEE e melhoria das condições de vida da população e numa ainda mais funda descrença no futuro tal como o apresentam e uma radicalização no repúdio à ordem das coisas à boa e velha maneira, que acabou por de novo sobrepôr-se a todo o tipo de contestação, só deixando espaço à mesma atitude cáustica e céptica que *nos* é tão própria em relação a tudo o que se produz no circuito normal, até porque fora deste – ainda que mais 'alargado' – continua a não haver alternativas. *Vai-se a ver só mudaram as moscas*, diz-se agora ao menos a plenos pulmões se for o caso...

O 25 pôs muita coisa em causa mas não abriu vias paralelas porque se a sociedade está mais informada – só não experimentou de tudo quem não quis – e deu um salto em frente em termos de abertura e absorção de novidades e mesmo de velhidades continua estagnada no meio cultural, em que não parece ter havido qualquer evolução, quanto mais revolução.

Abriu perspectivas extraordinárias e mostrou a impossibilidade de operar mudanças além do limitado quadro político-institucional e económico, ou seja, uma mudança de atitude e de comportamento das pessoas e por tabela das instituições. O que

fez foi subverter a ordem econômico-financeira ao ponto limítrofe do caos e desmontar nomeadamente o parque da imprensa, que era um dos que mais refletia a ordem anterior, de país pequeno onde se lê pouco mas enquanto houvesse dinheiro para sustentar os jornais de que os donatários precisavam para apoiar quem os sustentava eles não morriam.

Oriundo da gestão da RTP o general Ramalho Eanes é tosco e chama a atenção pela cara de cera, como a de um robô, dura, sempre amarrada e emoldurada por um par de óculos de boneco de careta e enormes suíças, e que irrita ainda mais porque nunca se lhe vê os dentes e pela pronúncia da Beira Baixa que é afinal o único *impacte* dos seus discursos sem nenhuma esperança de festa, ao contrário, mais Manuela Eanes tipo boa mãe de família ou professora de liceu, tudo rigor, austeridade.

Tudo ao contrário do que se tinha com os grandes 'capitães de Abril', Otelo, Vasco Lourenço (até ele) e mesmo Vítor Alves, com ar de ser bom gajo apesar de 'chico'.

Eanes cuspida e escarrada Margareth Thatcher é eleita primeira-ministra britânica. Mal sabemos o que nos espera.

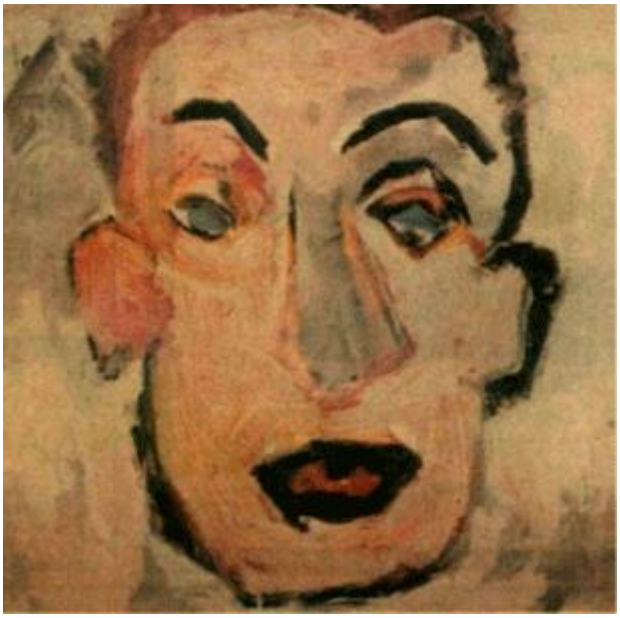
Eloísa sai do mani, ops!, da clínica pela primeira vez porque autorizada. Uma fera domada. Onde foi parar a vontade? A alegria? O brilho dos olhos? Mais opacos ainda. Ri como uma criança, a troco de nada, quando se olha para ela. Um pouco inchada. Toma comprimidos que a impedem de 'fumar'. Quais? Um Largactil ao dia.

JCP em *streaking* – a grande moda em todo o mundo – Príncipe Real e Academia de Ciências abaixo até ao Rato. Vai parar no Governo Civil onde a ex-mulher, psicóloga, o resgata, e só para que conste às autoridades tem de passar uma noite no Júlio de Matos.

- O que é que te deu?

- Eu sei lá, pá... Uma loucura que me passou pela cabeça...

Raptus de resistência contra o reenquadramento, o reespartilhamento.



Um coronel líbio chega a Lisboa e Ed e Afonso, que reencontra entre duas idas "à Europa", recebem umas massas do *Página 1*, as quais são devidamente rentabilizadas na compra a Júlio da Maianga de um boi excepcional que o irmão rasta, Caleb, regressado de *rappel* a Luanda, faz-lhe chegar às mãos e de que Ed compra 50 gramas a 500 paus, que embala num saco de vomitar de avião sentado num banco do Parque Eduardo VII ao lado de Afonso que já prepara um joint e quando fumam surge do nada um jovem com pinta de frique americano que começa a falar de... *Jeeesus Craist!* – mais um *Jesus Freak*. Billy Graham &/ou os Seus Acólitos souberam do *comunist uprising in Portugal* e trataram de mandar os seus muchachos aos milhares, numoutra invasão de marcianos em Lisboa. Canta a acompanhar-se da guitarra.

- *Is that your guiTAR?! Love*-ly. *Who gave it to ya?* – provoca Afonso.

- *God gave it to me.*

Passa cuspe na mortalha e pisca o olho a Ed: *Quem deu? Foi Deus. Fudeu! Dá até para brincar: quem, Deus?* (e a mirar o jovem camone:) *So, if* God *gave it to ya, why dont'cha give it to me, 'cause I'm in a terrible need of such a beautiful guitar like yours?! Gimme that!!!*

Afonso está a aprender os primeiros acordes e *usa* Dylan para o fazer, com as da primeira fase. Mas é fascinado por *Selfportrait.* Dá os três primeiros acordes e ataca:

- *Blue moon, you left me stan...* Não, essa não se adequa ao momento.

Muda de atitude. Dá um acorde. Dois. Olhando-se além do Parque na direção do rio, o sol a pôr-se às suas costas, o horizonte tem a cor do Mar da Palha.

All the tired horses in the sun

How'm I supposed to get any riding done

Hmmmm, hmmmm, hmm, hmm, hmm

- cantam enquanto fumam até a cor de palha desfazer-se no azul com o *Jesus Freak* só a domar o par de loucos que encontrou por azar.

O projeto de traduzir *Playpower* ficou por isso mesmo. Na promessa de um dia voltar a ser um trabalho prazeroso.

Pega a sua já velha mochila de lona verde do exército britânico e nunca mais verá a segunda leva de melhores discos e livros que deixa inadvertidamente na Apelação, porque a estrada o chama sem que o saiba, primeiro passo, após um lauto desjejum na Ferrari, um fim de semana na Costa na casa da família de Carlos Lobo, autodenominado Lobão, onde a porta nunca é aberta porque os seus pais se recusam a lhe dar a chave e todos entram e saem pela janela. Lá chega porque encontra o Lobo Grande na praia e está com a mão na massa pronto para enrolar mais um e ele convida-o a ir a sua casa.

Revolução é também uma canção de estrada – nomadismo, condição natural do homem, segundo alguns antropólogos, de que estudou uns ensaios na Apelação, na coleção 10/18, com uma compilação de estudos publicados pela revista *Cause Commune*, e em que lê em epígrafe de um deles:

A vagabundagem nada mais é que o primeiro passo rumo à prisão, quando não ao cadafalso; a vagabundagem está para o aprendiz como a prostituição para a jovem operária: é uma espécie de proclamação da independência, um primeiro desafio à ordem social.

Edouard DUCPETIEAUX. 1843

Está de novo na praia quando vê Dio a vir em *contreplongé*, e ao sentar-se pergunta se não tem dinheiro para pô-lo a almoçar.

- Cheio de fome. Nem sei como ontem à noite fui parar sozinho no pinhal da Lagoa de Albufeira e o carro atolou na areia. Com aquele peso vou precisar de uma porrada de gente para tirá-lo de lá.

Fumam um, vão almoçar e põem-se a pedir carona para ver se conseguem desatolar o mastodonte, o que fazem com a ajuda do

casal que os leva. É a última vez que vê Dio de carro, porque como o Mini no Alentejo o Record será deixado no Algarve numa das muitas propaladas viagens de regresso do seu dono de Marrocos.

Desde que começaram a varar madrugadas juntos, no tempo dos giros pelos cabarés, quando os encontros eram mais raros, ao passar por uma praça, enquanto alguém enrolava um, Diogo costumava exibir as proezas de ginasta que começou a desenvolver no Colégio Militar, onde fez parte do ginásio. Barra fixa, mortal no solo, cambalhotas – era um ás. Até que uma noite, já há algum tempo, ao dar uma cambalhota numa barra transversal e atirar as pernas sobre as costas deu um grito de dor que chamou a atenção de todos e caiu. Era o ciático a revelar-se pela primeira vez em público. A partir de então os esgares de dor a acompanhar a mão nas costas com o corpo inclinado passaram a secundar cada exibição do atleta, que em menos de um ano deixou de atender aos pedidos das plateias, já em tom de gozo: *Dio, dá mais uma!* Dir-se-ia que pelo aspecto físico, a indumentária e os carros estourados em três anos foi de um lado ao outro do espectro existencial, de puto bem das Avenidas Novas, com melhores perspectivas que as do pai militar em pleno recrudescimento da guerra colonial, ao frique tresloucado que se mete em situações em que parece em total desatino. Sem caminho de volta. Com a mulher, com quem está sempre a discutir. Na vida profissional foi banido pela classe e parece ter adotado a vagabundagem. Mais de uma vez quase beijou a sarjeta, um anjo em queda livre.

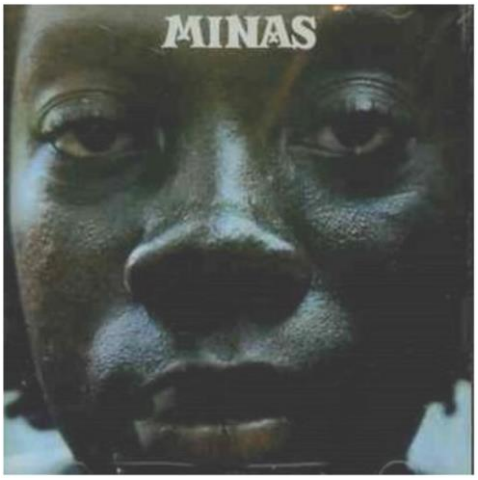
Ed está com Sim Cler, com quem apanha uma boleia de amigos até ao Algarve para um fim de semana em Pedras d'El Rei, próximo a Tavira. Após uma churrascada de peixe e mariscos no terraço marroquino da casinha alugada pelos nossos Ed e Sim tomam um acê, que curtem na praia e em duas tascas entre Cabanas e Fuzeta e caras curtidas de pescadores à luz de lampião com muito medronho e jeropiga à mistura. Na última noite, enquanto jantam em grupo em Olhão, decidem não voltar com os amigos. Isto está mas é a apetecer uma digressãozita pela costa algarvia, concluem. O saco de vomitar tem boi para mais de uma semana e o dinheiro que lhe resta das colaborações do *Página 1* dá para uma bela refeição diária dos dois, que poderão ter onde dormir em Portimão e Lagos e não fará mal nenhum, embora sem saco de dormir, cubar na praia em Albufeira, onde os amigos os deixam à meia-noite e já se dirigiam à praia quando avistam o cantor Very Nice, que está a trabalhar num restaurante da vila e convida-os para

ficarem num casão sobre o mar no início da estrada para Armação de Pera, onde mora sozinho e se hospedam à grande, a acordar a meio da manhã, descer até uma prainha deserta entre as rochas, os pés virados para as bandas do Brasil sobre o mar prateado à contraluz do sol, subir para o banho e descer à vila e das duas uma: uma tasquinha num canto da praia dos pescadores onde uma senhora velhinha lhes serve peixe grelhado na brasa e vinho a granel ou uma cervejaria logo atrás onde, sentados ao balcão a ponto de quase desabar, se deliciam em longos repastos com uma dúzia de sardinhas assadas, batata cozida e salada mista mais uma garrafa de Lagoa a 13º etílicos.

A banda sonora quase incessante inclui *Native Dancer*, de Wayne Shorter, com Ron Carter e a turma de Milton Nascimento, entre o sopro langoroso do saxofonista, o vento, o fumo e a canção *Tarde*

das sombras quero voltar
somente aprendi muita dor
e vi com tristeza
o amor morrer devagar
se apagar

Nas horas vagas Ed lê aqui e ali da única literatura da mochila o último número de *Rock&Folk*, em que se surpreende com uma crítica ao último disco de Milton, *Minas*, e mais ainda com o teor & estilo do recensionista, Raoul Dengdett, que começa por chamar a atenção para a capa *insolement hip* e descanta:



Pas de gadget, pas de clins d'oeil accrocheurs, il y a avant toute chose la fabuleuse photo d'un regard. Deux yeux plus lourds que le poids de la terre; deux yeux qui savent, plantés dans la plus sensuelle face nègre que l'on ait vue, deux yeux qui *témoignent, dans l'au-delà La gueule de Milton Nascimento, le corps de Milton*

Nascimento, tout cela est absolument indissociable d'une musique que prend immédiatement au ventre tant son caractère charnel–magique - s'impose d'emblé.

> Nada de truques, nada de piscadelas d'olhos de paquera, o que se tem antes de tudo mais é a fabulosa foto de um olhar. Dois olhos mais pesados que o peso da terra, dois olhos sapientes, plantados na mais sensual cara negra que já se viu, dois olhos que testemunham, no além. A cara de Milton Nascimento, o corpo de Milton Nascimento, tudo isso é absolutamente indissociável de uma música que de um golpe nos agarra pelo ventre porque o seu carácter carnal – mágico – impõe-se de caras.

A cousa causa forte impressão até porque a revista francesa não costuma publicar nada que não tenha a ver exclusivamente com rock ou música francesa e *québecquoise*.

Do terraço da casa de três andares uma visão de sonho de ilhas gregas, ciprestes ao redor de um pequeno cemitério e o mar a toda a largura do horizonte a piscar cintilações de prataria. Sim Cler quer ir lá com a namorada à boleia com os amigos da excursão a Pedras d'El Rei, que se fossem fixes bem que poderiam também carregar Ed até Marselha, porque Ivan insiste que o visite em Paris antes que o seu estágio acabe.

Não fosse o boi e talvez não fossem tão longe. Hora da despedida de Albufeira, a meio da tarde vão para o posto de gasolina a ver se conseguem chegar a Portimão, vagabundos de mochilas às costas – e qual o quê, quem é que lá está, numa esplanada, a pregar sermão mais a sua guitarra? *O Jesus Frique do Parque Eduardo VII.*

Não conseguem boleia ali e quase se veem obrigados a voltar da estrada de barlavento a sotavento, ou vice-versa, porque é quando Ed constata como é difícil dois marmanjos com ar de vagabundos de verão pegar carona em Portugal.

Candy Mountain Robert Frank - Rudy Wurlitzer

Ao sabor da brisa, chegados a Portimão vão diretos à casa de João Antônio, um jovem amigo de Lisboa que passa os dias a

fumar, cheirar, tomar Lipo-Perdur ou Mandrax e a ouvir jazz-rock, a grande onda do momento, em vilegiatura algarvia, mas ele está com a pequena casa de veraneio dos pais superlotada de friques e eles se veem obrigados, após lauta janta, a dormir num ônibus mal fechado estacionado perto da estação de trem. Um mergulho na praia da Rocha e ala para Lagos, que já se faz tarde e carona é tão difícil de pegar.

Vão para uma pensão de primeira em que Sim Cler, a namorada e Ivan ficaram no verão passado. Dinheiro para pagá-la não há, avisa Ed ao amigo, que a esta altura pensará que a sua reserva está num bolso sem fundo. - Acho que não vamos ter problema, diz, pelo que vi não é muito difícil baldar-se de lá sem pagar.

Restam a Ed mil e duzentos paus, com o desjejum na pensão dá para comer e beber bem por quatro dias e ainda sobra dinheiro para despesas na subida, à boleia. Três noites depois, quando já não querem outra vida, curtir uma da Índios da Meia Praia e comer o excelente peixe no mesmo restaurante e quase afogarem-se em garrafa e meia do mesmo Bucelas branco, quase mil paus já voaram, estão no mesmo restaurante a planear minuciosamente a fuga da pensão sem pagar. Não é difícil domar da escada quando nos seus afazeres o dono ou a dona se ausentam da recepção e aí, ó, vasamos. Às dez horas da manhã... Mas, com tanto vinho e boi, que ainda acendem um antes de dormir, só acordam às onze, quando já seria tarde demais, mas conseguem executar o plano a contento, com o único senão de da porta da pensão à estrada de saída para Silves gastarem toda a energia da subida do antepenúltimo charro de boi em corrida desenfreada.

Mal refeitos da comoção estão à beira da estrada para pedir carona quando veem uma carochinha creme nívea a aproximar-se e parar bem à sua frente, com dois bófias que se põem a mirá-los fixamente por alguns segundos, como se fossem justamente os gajos que procuravam. Tamos em maus lençois, pensa Ed, a tentar disfarçar mas já a vê-los na choldra, quando inopinadamente o motorista engata a primeira e zarpa.

Ufa. Vão de trem até Silves para escapar a eventual perseguição. Da estação à estrada para Lisboa vai uma bela marcha num início de tarde de esplendor em julho. Numa curva ao alto veem uma figueira pejada de frutos carnudos a chamá-los. Como duas crianças em Zagora galgam os seus galhos e põem-se a almoçar na *figuêra* a ver abaixo da longuíssima vereda, em *plongé* decubital, um povoado a que vão e onde tomam um tintol de estalo com duas pedrinhas de gelo só para refrescar um cóche antes de seguir para a carona, que são duas conquistadas após muito tempo de polegares na horizontal até chegar a exatos 13km do Alentejo, que percorrem a pé ao lado de uma bicha infindável de carros a passar num fim de tarde de domingo e a dizer *como é difícil pegar carona em Portugal* e, noite já, arribam a uma tasca só com uma luz de candeeiro a gás onde comem sardinhas enlatadas e pão e tomam vinho e saem para dormir ao relento, sobre o chão de chaparro, e fazem o primeiro contato com o chão de chaparro, muito duro e pedregoso, sentados a enrolar o último joint, que em plena escuridão, enquanto ainda é esmifrado, escorrega da mão de Sim Cler e eles põem-se a tentar alumiar o chão para ver se conseguem recuperar o boi e acabam por talvez fumar terra, o que não faz diferença, porque altos já estão com o fumado à tarde e com o vinho da tasca, de onde ouvem gritos e risadas enquanto adormecem sob um manto estrelado.

Como são belas as manhãs de verão alentejanas. Andam ainda uns bons quilômetros até apanhar boleia de um camião e depois de Ourique finalmente uma de carro que os leva à Praça de Espanha. Verão de sol – o verdadeiro Verão Quente a compensar da manque de festa no ambiente em Portugal.

Os dois jovens amigos pretendiam zarpar de Lisboa e ir até à Grécia no seu belo BMW vermelho paquerando estrada fora, mas já se lixaram porque não escapam de levar três de carona, Ed, Sim Cler e Gina, a sua namorada, ao menos até Marselha (o casal a ver se até lá os convencem a carregá-los até ao destino final). Em Madri, à meia-noite, entram num drugstore da Josè Antonio em estilo *art nouveau* e ao passar por um bar aberto para o corredor principal veem dois homens num embate físico furioso, a tomar conta do espaço de lés-a-lés, até que um dos contendentes agarra na cabeça do outro e acerta-a quatro vezes com a nuca contra a balaustrada aveludada cor vinho até soltá-la e o outro dar um rodopio e desabar no chão, que quando a cabeça o toca já o alaga de sangue, sangue da guelra, de touros de morte – incrível como depois de uma tal cena ainda se consegue comer um hamburguer

com muito ketchup e, o dinheiro é pouco, Ed dorme no carro fora de um motel à saída da cidade, na estrada de Saragoça, que começam a ver a meio da tarde, um ponto quase indistinguível no meio da planície deserta a crescer até ver-se a cúpula da catedral ao centro, a crescer ainda ao longe até desaparecer entre os prédios e passam por ela no centro da cidade e depois as veem de trás, a cidade, a catedral, até desaparecerem no horizonte crepuscular, truta com amêndoas junto às Ramblas no El Chino, onde dormem num hotel baratucho em quarto 'triplo' depois de uma visão de Gaudí em *traveling*, e na tarde seguinte Marselha.

Massília, milenar colónia comercial, antigo entreposto grego, hoje demasiado grande, suja, barulhenta, atafulhada de gente e perigosa, operária e sem charme. Hospedam-se no pior hotel da vida de Ed, em Belsunse, entre a estação e o porto, um aglomerado de imigrantes pobres. De jelabas folgadas e chinelos pontiagudos mercadores norte-africanos tomam chá. Comem pão e camembert e tomam *vin du clochard* num miradouro de Le Panier com vista para o porto, quase toda a cidade lá embaixo, onde à noite Ed e Sim Cler tomam um ácido com Pernod caríssimo – *uma vez... sem exemplo* – enquanto uma dupla de jovens violinistas toca Mozart em frente no Vieux-Port, vão até uma zona sem gente junto ao cais onde ouvem ao longe o burburinho das esplanadas superlotadas. Veleiros e pequenas embarcações pesqueiras com luzes de vigia, densa floresta de mastros balouçantes à brisa que quase não se sente, uma e outra lancha não chegam a quebrar o encanto do transporte a noites muito antigas de partidas e chegadas de galeões de corsários de e para a aventura, o desconhecido.

O casal parte para a Grécia no trem das duas da manhã rumo a Ventimiglia e Brindisi.

A mochila de Ed vem leve mas a subida até à estação St. Charles pela sua ampla escadaria cerimonial é difícil. Têm tempo para respirar e olhar a rir para *Les Colonies d'Afrique*: uma mulher de seios nus, braceletes e colares, entre macacos e presas de elefante – Gina, brinca Sim Cler, cuja namorada é uma mulatinha da Guiné. Vão até uma outra estátua ao lado, que retrata uma mulher oriental: *Les Colonies d'Asie*.

Os dois acenam-lhe do trem a caminho da Grécia para onde desejava ir também. Estende-se no banco à espera do trem das quatro que o levará à Gare de Lyon, onde chega ao final da manhã, pleno de visões solares do Loire. Ivan desconhece dia e hora da

sua chegada. Telefona-lhe. Ninguém responde. Vagueia pelo Quartier Latin toda a tarde entre um telefonema e outro para a casa de Ivan e uma sande de jambon e outra de patê com Coca-Cola. Nada. Não entra em pânico. Vai até a Nôtre Dame e, dando-lhe a volta, é atraído por som de música que vem de trás, chega à Square Jean XXIII e um outro duo de violino e celo executa clássicos ao relento quente, após o que procura abrigo para o sono... nos *quai*, depois da ilha de St. Louis, chega ao Quai Malaquais - *mais c'est raté*. Senta-se num banco e cansado do trip, da viagem e das andanças em torno a St. Mich ainda adormece mas logo acorda estremunhado e vê uma ratazana de uns 20cm a correr junto ao muro e pensa *clochard,* sim*,* mas sem exageros. Sobe em busca de melhor abrigo. Segue na direção da Nôtre Dame e vê um ônibus com ar de abandono com alguns vidros quebrados e dorme no banco traseiro como se aquela fosse a melhor cama do mundo.

Na manhã seguinte, ao sair e olhar para o seu primeiro quarto em Paris, vê colado a um vidro de janela ainda intacto um letreiro com o anúncio **GRÈCE 300 FRANCS**. É só o que precisa. Vai tentar vender um artigo sobre MPB e pedir um adiantamento para chegar lá. É o seu vverão de mar e a ideia de os meus estarem a viajar via Itália para as ilhas junta uma coisa com a outra. Encontrar Raoul Dengdett na redação do *Rock&Folk*, 14, rue Chaptal, e vender a ideia.

Vai à Nôtre Dame. Que melhor lugar no mundo para fazer o *ménage*? – arrumar como pode os cabelos e passar uma água nos olhos – que a pia batismal da catedral de Nostradamus e depois, totalmente a sós, sentar-se, e envolto no mais absoluto silêncio contemplar um a um, levantar-se devagar e avançar pé ante pé para *close*, recuar para trabalhar com as variações de luz e de novo avançar para mirar melhor cada vitral. Ainda talvez a sentir o ácido - ou será que quem os montou usava fungo de ergotina fermentado?

Jim Morrison no Père Lachaise Paris

Foto: Helena Celestino - O Globo| Rio de Janeiro

Desavisado come um sanduíche de carne assada à grega numa carroça que o obriga a tomar duas Coca-Colas para lavar a pimenta da boca e vai a pé até ao Père Lachaise, onde sem querer se vê a mandar um telegrama a Jimi. Tem uma pedrinha de haxe de que faz um joint e senta-se em frente à campa de Jim Morrison a fumá-lo, tudo em volta cheio de pichações em reverência ao REI LAGARTO do rock, a melhor das quais, para ele, sempre foi e é *no one here gets out alive*, ainda é muito cedo e não há nenhum idólatra a reverenciá-lo, não o faz ele também embora se veja a cantar *Straaange days HAVE found us* e *Riders on the storm*... a lembrar-se de quando soube da sua morte em Kennington, Jimi, a Jimi faz uma homenagem enquanto fuma e pensa que ele possivelmente nem estará ali, onde se lê James Douglas Morrison 1944-1971, Jim Morrison está vivo e bem entre os wai wai. Sai e no primeiro orelhão de café telefona a Ivan, que finalmente responde. *Onde estás? No Père Lachaise... Já?!* – pergunta o morto.

Nôtre Dame não faz milagre. Vai à do *Rock&Folk*, perto do Pigalle, onde lhe é dito que nem por brincadeira Raoul Dengdett chama-se Laurent Goddet e é editor do *Jazz Hot*. Onde pode encontrá-lo? Aqui mesmo atrás, na redação da revista. Um misto de Frank Sinatra e Gérard Philippe quando jovens o recebe numa saleta dos fundos. *R&F* não publicaria um artigo sobre MPB mas *Jazz Hot* sim, umas 30 laudas a serem publicadas em duas partes, o que poderia pagar é ridículo e de adiantamento nem se

fala porque o dinheiro é curto. Então não sabe? Boris Vian nunca recebeu um níquel pelo que escreveu pra cá em décadas! Ensaia outra saída: combinou com Rui Pereira, amigo e colega com fortes relações em Paris e correspondente em Lisboa do *Libé*, receber em seu nome uns dinheiros que o jornal lhe deve, e vai para um endereço estranho, tratando-se de um jornal algo M-L, estação de metro Stalingrad, numa rua de pequenas fábricas que terá ficado bem num filme de Renoir está a redação do jornal, entra-se pela casa das máquinas e sobe-se por uma escada rústica de madeira até à redacção, o que o reporta aos tempos do *República*. Enquanto espera Serge July entra um *mottard* de jaqueta de couro e cabelos longos escorridos pela cara com uma bela Kawasaki 750 vermelha a tinir de nova e uma bela *gamine* na garupa e estaciona-as ali mesmo, num vão livre antes das máquinas. O aspecto da redação não lembra em nada o da *Gazeta da Semana*, onde o seu amigo trabalha, o pessoal sempre de trombas e com roupas descoloridas e tristes dos emeéle e afins, aqui pelo contrário, tudo em roupas modernas e multicoloridas e com aspecto jovial. July recebe-o junto à mesa do chefe de redação onde atende uma chamada de um enviado ao Midi e põe-se a gozar com o outro, nós aqui em calores infernais e tu na praia a beber cassis.

- *Ah, il pleut au Midi?! Regardez, les gars, il pleut au Midi!*

Desliga o telefone e enquanto com uma mão segura o cachimbo com a outra coça o saco o tempo todo e o põe a pensar em como arranjar dinheiro para o trem ou ônibus de volta, porque diz que não há bago e ponto, chegou a Paris com 90 francos e Ivan também não anda lá muito bem de saúde.

Ivan passa a maior parte do tempo em casa de amigos em Meudon-Val Fleury, onde Ed vai uma tarde para um *barbecue* de *steak au poivre*, Bourgogne e haxe que o obrigam, em êxtase, a ralentar os passos a caminho da estação ao luar de *pleine lune*, perder o último trem para Paris e perder-se no caminho de volta e, perambulante madrugada fora, ir dar ao portão do Observatório Astronômico, onde estende-se sobre um banco feito de meio tronco de árvore e desfalece, ignaro que pela contracapa do exemplar de *Voyage au Bout de la Nuit* de Louis-Ferdinand Céline, que viajou com ele de Lisboa, será informado de que o autor viveu e morreu onde sonha ao relento numa noite *au grand clair de lune*.

Celine em Meudon

Laurent deu-lhe o telefone de Naná Vasconcelos, o percussionista brasileiro que o recebe numa noite de domingo, véspera da partida, sentado na alcatifa da saleta desmobilada do seu apartamento nos Halles e fala enquanto cofia a barba com um olho nele e outro, desorbitado, num ponto indefinido atrás dos seus ombros, da sua vida desde quando aos 14 anos iniciou a carreira como baterista de gafieira em Recife, Pernambuco, do trabalho com crianças lelés baseado em percussões e das suas pesquisas sobre as origens gege-nagôs e bantos da música brasileira.

Sai ganzado. faz as contas e troca um quarto de pensão na última noite em Paris, porque Ivan já desocupou o apartamento onde estava, por uma noite na rua em ácido e o pequeno-almoço no Café de la Paix, de frente para a Ópera, a propor-se uma ação como a de um sonho de Walter Benjamin e Baudelaire: vagabundear sem rumo por Paris.

No Boulevard Sébastopol sonha com um sumo de laranja para ingerir a pílula, vê um indivíduo a puxar a seranda do último bistrô, apressa-se desesperançado que lhe valha mas Nôtre Dame opera um milagre e num minuto está com uma Fanta na mão e a pilulazinha no bucho. Caminha na direção do Sena. As imediações do Palácio da Justiça estão muito mais iluminadas do que o normal. Parece de propósito para a subida. Atravessa a ponte a perguntar-se o que será. Uma equipa a filmar! Caminha ao longo do fosso nas traseiras do edifício, o Quais des Orfèvres. Fica a ver o vai e vem de membros da equipa de cá para lá na senda do *Pepé – Restaurante Ambulante Para Filmagens*. Uma

aula de rodagem em exteriores. Quem será o professor? Volta ao Quai de L'Horologe.

Ah, Robert Bresson! Fica a admirar do alto o cineasta filmar em quatro horas não três cenas mas três *shots*/inserções: um tiro na água, um rapaz de cabelos longos e escorridos a atirar no leito do rio iluminado e depois a passar por uma rapariga no cais. Ambos com ar de personagens de Bresson, muito jovens, cabelos longos e escorridos e fisionomia pálida e doce.

Aproxima-se um jovem árabe cheio de *speed* com ar de quem se pergunta o que se passa e ao ver o que se passa, galvaniza-se e instala-se ao seu lado.

- O que é isso? Quem é esse gajo? Um artista?

- Robert Bresson, um diretor de cinema, já ouviu falar dele?

- Robert Bresson... Ah sim, já vi ele na televisão.

Bresson roda o seu próximo filme: *Le Diable Probablement*.

Tem dificuldade de se desembaraçar do argelino ao chegarem aos grandes Magasins Printemps. Quer festa... Do Pont Neuf ao amanhecer caminha em direção a um grande edifício quadrado que vê do alto da Ponte dos Amantes e que ao aproximar-se, numa aula de volume e perspectiva na arquitetura neoclássica, com o prédio a aumentar gradualmente *au ralenti* à medida que se aproxima, revela-se num flash o Louvre. Segue pela praça ao fundo e à direita até a Ópera, onde se senta na esplanada do Café de la Paix e passa o café da manhã imaginando estátuas nos nichos da fachada, cada qual numa empostação canora, ora todos em coro, ora a soprano a solar:

Ó patria mia non ti vedrò mai più... Mai più... Mai più...

França longe de Maio de 68

Em Paris ou Marselha, Agosto de 1976, é impossível não ver a qualquer momento uma combi Citroën da polícia com meia dúzia de *flics*, sirene e pisca-pisca de alarme ligados e movimentando-se a alta velocidade. Às sete horas da manhã nas imediações da Opera, às seis da tarde na zona do Pigalle, madrugada alta na rua mais noctívaga da capital, Mouffetard, ou na do *trottoir* da antiga Marcília romana, Rue de Rôme e adjacências, o tradicional realejo em três por quatro dá lugar ao *ni-no-ni, ni-no-ni, ni-no-ni-no* desritmado para recolher indivíduos ou grupos capturados em

rusgas realizadas por polícias à paisana que se deslocam em carros de passeio, provocando a mesma reação em quem passa: um olhar automático e inexpressivo.

'Sabemos que a opinião pública tem um humor tão repressivo quanto o dos ministros de Estado', comenta *Le Quotidien de Paris* num destes dias do Verão mais quente desde os tempos de Maupassant. Em França, que apesar da subida imparável do *deutschemark* ainda é capital da velha e cansada Europa do Mercado Comum e do cimento armado, é muito natural que o intermitente apito agudo das sirenes seja apenas um ruído constante e mais ou menos distante na banda sonora da massa humana que melhor reflete no seu sistema de vida e comportamento em sociedade a paranóia dos sistemas de 'segurança' e 'estabilidade' social. Uma paranóia que passa pelo segregacionismo racial e econômico e se reflete nas paredes e muros das cidades que ainda há oito anos mostravam pichações do tipo *sejamos realistas, exijamos o impossível* e hoje exibem a consciência do medo e da morte: *turco assassino*; *proibido a cães, negros e palestinianos*; *Israel*; *a Europa Vencerá*, etc.

Como nos policiais de Hollywood em Saint-Dennis um polícia grita 'renda-se ou atiro' e atira a matar um jovem de 17 anos que fugia com três camaradas, em cena que se repete diariamente perante as câmaras insensíveis da opinião pública que de nada se compadece para não abrir mão do maço de Gitanes, do copo de Ricard e do telecomando do receptor dos quatro canais da TV oficial.

Um português de 21 anos acusado de um assalto levou choques elétricos nos testículos durante o interrogatório, denuncia *Rouge*, jornal da trotskista Liga Comunista Revolucionária.

Uma onda de assaltos e 'vandalismo' nas estações de metrô alarma a população e é montada uma enorme rede de caça a marginais dirigida sobretudo contra negros e árabes. Uma bomba explode pouco depois de uma visita do ministro do Interior, Michel Poniatowski, a uma estação para comprovar as condições de segurança nos túneis, onde no meio da confusão agentes da polícia e da brigada de segurança da RATP acabam por protagonizar cenas de tiroteio em que se matam uns aos outros.

É deste centro de controle e auto-controle (paranóia) policial que provém a orientação política que se esboça em Portugal, e que no plano policial traduz-se em campanhas que, para usar uma expressão estafada, só servem para despertar o polícia que há em nós. A droga tem sido pretexto para uma enorme campanha de denúncias só equiparável à caça aos pides do pós-25.

A dita 'esquerda revolucionária' europeia discute a questão, lançada pelo grupo político italiano Lotta Continua. A 18 de junho os jornais 'de esquerda' *Liberation* e *Rouge* publicaram o *Appel du 18 Juin (joint*, a pronúncia é a mesma), em referência ao discurso de De Gaulle conclamando à união dos franceses contra o nazismo, e em que os abaixo-assinados declaram ter 'fumado' uma ou mais vezes e pretender 'fumar' de novo. Um dos signatários, o anti-psiquiatra David Cooper, que em *Grammar of Living* apresenta um manual sobre o uso de certas drogas para libertar a consciência, publicou no *Libé* um manifesto intitulado *Ne fummons pas de cannabis* baseado no argumento de que o seu uso desmobiliza o indivíduo para um trabalho de intervenção política e pode ser um entrave no relacionamento com organizações que 'poderão ajudar-nos a atingir o comunismo total'...

Os editores da seção de cultura e espetáculos do jornal *Página 1* (Grupos de Dinamização da União Popular) publicaram sem conhecimento do resto da redação o manifesto do 18 seguido de uma nota em que denunciam o alheamento por parte da 'esquerda' portuguesa dos problemas inerentes à questão num país onde, segundo estatísticas oficiais, 100 mil 'fumadores' consumiriam 300 quilos de erva por semana.

O recuo da 'esquerda' em relação a uma questão sobre a qual desde 68 havia um consenso ao contrário é um sintoma de fracasso e uma revisão de estratégia em relação a uma massa trabalhadora que não desliga das estruturas 'oposicionistas' tradicionais do tipo PS e PC, prestes a tomar o poder na França para fazer o mesmo que a direita, como acaba de dar conta François Mitterrand ao afirmar que uma vez lá chegados os aliados do Programa Comum irão adotar uma política de 'gestão do capital'.

A proibição pelas autarquias de vários festivais de rock de norte a sul e leste a oeste do Hexágono foi apoiada por representantes de organizações 'esquerdistas', para quem eles não passavam de brinquedos de *nanas* a alimentar o circo vicioso de exploração comercial da música. Que não se faça nada à margem do *showbizz* é tão deplorável como impedir os jovens de desfrutar do pouco de liberdade e prazer consentidos pelo sistema, insurgiu-se um filisteu, para quem chato mesmo é que malta ainda jovem finja esquecer-se de que este é 'um país onde as paredes já cantaram *é proibido proibir*.'

ERA UMA VEZ A REVOLUÇÃO

Abre-se mais um front no ambiente de pasmaceira de novo reinante com a festa do *Avante!* na FIL, à imagem e semelhança das de *L'Humanité* na França e de *l'Unità* na Itália, que a esta altura no entanto já está a dar umas bananas para Moscou. Em cartaz, entre outros, Ⓐrea, a coqueluche do rock experimental ou o que seja de Milão, com o próprio Ⓐ no nome a dar conta da sua tendência política, o compositor comunista Luigi Nono e Archie Shepp, um mestre do saxofone e Black Panther. Afonso trouxe do centro da Europa pingos, de que Ed toma um já lá dentro enquanto o apresenta a Ivan, criando um trio quase sem literatura escrita mas vivida mais ou menos nos mesmos limites da loucura de Kerouac, Ginsberg e Moriarty.

Ivan, ou Vânia como também já se o chama regularmente, vai à vida. Ficam os dois para curtir a festa e de passagem pelo maior recinto têm de desviar de uma grande poça d'água onde se refletem corpos e rostos das pessoas que passam, um enorme grupo de excurcionistas de UCPs alentejanas, lanche nas mãos, roupas escuras, camisas enxadrezadas, chapéus e lenços na cabeça, expressões e mãos rudes e vincadas em rostos calcinados pelo sol, que ao erguer os olhos da sua reprodução na água em que Ed se detém por algum tempo o fazem tremer de susto.

No palco Archie Shepp, acompanhado por Mal Waldron ao piano, Cameron Brown na bateria e o contrabaixista francês

Dominique Lapage, em alto contraste cromático com a negritude dos companheiros de ocasião, produz um som inenarrável em linguagem escrita: grito, raiva, fúria ensandecida, desencontro, desacato, susto.

Os alentejanos estão ali tipo já que cá estamos vê-se isto, braços cruzados, rostos impassíveis face às torrentes de quase absoluto caos tão diferente do seu cantochão. Aquele som de cárcere de loucos não produz mudança nas suas expressões duras como rocha. Estão ali porque é a festa do seu partido e se o partido diz que é válido é porque é e não se fala mais nisso, a ver se a camioneta não demora.

Ed e Caradanjo decidem jazzar dali. Entram num pequeno auditório a abarrotar e Cara desce a informar-se de quem irá apresentar-se e, mal inteirado, já sobe a abrir os braços a acenar com um dedo e a gritar:

- Luigi?! *No! No!*

Vão até a feira popular da festa. Tomam uma jeropiga para aquecer aqui, um medronho para atestar ali e dirigem-se a uma barraca onde Cara decide testar a pontaria. Ganha uma garrafa de abafado. É a primeira vez que Ed toma muito álcool em ácido. A garrafa já vai a meio quando com copos de plástico na mão decidem voltar ao recinto principal, onde agora apresentam-se os Area que se auto-produzem e produzem outras bandas numa espécie de cooperativa anarca e muito criativa chamada Cramps. Na sua pesquisa de atonalidades a partir de algo como o grito primal Demetrio Stratos, o vocalista, compositor e alma da banda, radicaliza como Berio nas suas experiências com Kathy Berberian.

Estão ali apenas o tempo de saber do que se trata e logo voltam à feira popular em busca de mais festa. Cara chega a mijar em pé encostado ao balcão de uma barraca enquanto acabam a garrafa e acaba a festa.

Pingo & abafado à mistura levam-nos ao delírio. Passam pelo grande pavilhão quando Dias Lourenço, diretor do órgão porta-voz do partido, está a tentar pôr toda a gente para fora a gritar do palco, ao microfone:

- Camaradas, a festa acabou!

Parece uma metáfora da situação político-institucional do país.

- Acabou o quê?! Acabou nada! – rebate um festeiro que parece mais degringolado que eles.

- Camaradas, a festa já acabou!

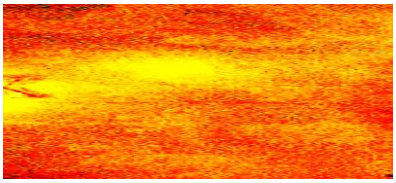
- Acabou nada! A festa tem de continuar! – insiste o mangas aos berros.

- Acabou camaradas!

- Tem de continuar!

No dia seguinte estão no Hotel Altis onde os Ⓐrea dão uma conferência de imprensa. Caradanjo continua a publicar crónicas sobre música no *Página 1* e vai de interpelar e metodicamente insistir em tirar nabos da púcara sobre a incoerência dos ítalo-gregos que se arvoram em anarcas e por um punhado de grana apresentam-se na festa não de um PC como o italiano, que está aí a contestar a linha dura e até a falar em compromisso histórico com a Democracia Cristã, mas logo o PCP! O empenho que põe na tentativa de esclarecimento é tanto que três elementos chegam a levantar-se da mesa prontos a lhe ir à cara de anjo e a conferência de imprensa encerra-se com Stratos a erguer os punhos transtornado na sua direção.

- Qual Ⓐrea e meia Ⓐrea. Vamos mas é ver se o Jorge está com o seu amigo Archie e fumamos um joint!



Compromisso no miradouro, a tomar um orange. Há um preceito primordial. Toma-se ácido, como Ed com Afonso na FIL, sabendo-se quando se vai tomar e com quem. Não é como dar uma ou três passas num joint. Fazem com quem se quer ou não se vê problemas em estar, por causa da tal da *bad vibe*. *Set* e *setting* a postos. Se sozinho já se fica tão exposto ao acaso, como se sentiu em Paris, em grupo só vale a pena com *malta fixe*, para que eventuais *cortes* não sejam mais fundos ou duradouros. E como é uma viagem de no mínimo oito, dez horas, tudo é combinado e preparado a preceito com antecedência. Como uma viagem ao cosmos da NASA. Nada lhes escapa. Com cintos de segurança. Porque ninguém aqui é louco. Ao menos até prova em contrário.

Sobe-se com uma cònica de haxe às onze e meia da noite. Velvet Underground, *The Gift*, que história.

Marco Antônio fala como que em elipse ascendente de um simulacro de sistema cósmico que a Ed que, finda a estrambólica história da música, acaba de sintonizá-lo, e talvez por analogia

com alguma coisa que lhe passa pela cabeça, parece situar-se no espaço sideral algures entre Saturno e Urano, numa algaraviada conceitual de se lhe tirar o chapéu.

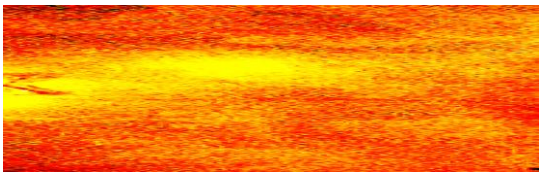
- *... que as apreende conceitualmente no seu encadeamento cósmico... e está ciente de que a totalidade do conteúdo da experiência... tem por forma o ser em si mesmo do espírito, estabelecendo um estado... é... de turbulência composta de interação multiplicativa de infinitos campos de agregação... numa dimensão cósmica... extraterritorial... e... atemporal.*

Cosmografia, meu? O 'interlocutor', rindo com ar de lelé e às vezes, por esgares, a dar a entender não estar a sacar bulhufas do que lhe é dito, mas que de lelé não tem nada, quando finge captar algum sinal inteligível do emissor limita-se a dizer iá e a fazer hum-hum e a mover a cabeça de baixo para cima e vice-versa. E o outro, impávido, a disparatar uma catadupa de considerações pré-ou-pós-conceituais sobre o ser cósmico em si e face ao espaço interplanetário, porque alguma coisa sobre Urano ou Plutão parece ter dito. Marco Antônio demonstra profundo incómodo pela 'sintonização' de terceiros, como no acê do atelier com Ivan, enquanto supostamente discutia o seu futuro com Cleo e o meu postou-se agachado e apoiado no seu próprio joelho a domar tudo – parece perseguição! Esforça-se para desviar a atenção e concentrar-se noutra coisa mas sequer consegue mover a cabeça e nem pisca, embora arreliado com o seu ar misto de doutoral e demente e ao mesmo tempo, já agora, empenhadíssimo em saber do que se trata no solilóquio, mas não atina – *Disparate pegado! Tá masé chanfrado!*

O indivíduo em ácido mergulha em 'ondas' em parâmetros insondáveis do exterior a menos que, entre uma etapa e outra da viagem, ele ache espaço para narrar o episódio em curso mas não há gentio que aguente por muito tempo botar ou ouvir discurso, porque mal se o enceta, para a contraparte, 'noutra onda', tudo tende a soar como sendo o que efetivamente é: abstração. Quase sempre cada qual fica na sua, a ouvir-ver música e livros de arte ou a contemplar a/s paisagem/ns.

Ivan, uma vez ou outra, murmura num esgar, só para não ficar calado ou para dar a entender que a 'sua' é *a melhor e a maior*:

- Meu... que ácido! Edinho, que loucuuura!



E ponto. Ou reticências. Talvez porque não haja viagem mais profunda para dentro e fora de si quase não se vai além quando se está em ácido, e um relato cabal sobre o que se passa na cabeça de cada um só seria possível numa viagem para isso programada como a que fez Huxley na sua primeira excursão com mescalina, com um gravador à frente, e que o levou a compilar descrições de experiências comuns a muita gente, talvez arquetípicas.

Começa-se, segundo Huxley, pela percepção de formas geométricas coloridas 'animadas' – o que faz do caleidoscópio e do estroboscópio delícias para quem 'viaja' -, em contínua e permanente mudança. Vêm a seguir 'figuras heróicas' a que Blake (em ergotina fermentada?) chamou 'Os Serafins' e depois os animais fabulosos, nada relativo ao passado do 'visionário' nem por ele inventado, por tratar-se de algo que não é produto do *self* mas de 'um compartimento mental altamente diferenciado', e então pontos estelares, o que a alguns parece fragmentos de vitrais, 'fluxos incontáveis de focos de luz (muito) branca', linhas ziguezagueantes de cores ultrabrilhantes, torres góticas de desenhos elaboradíssimos e enormes pedras preciosas em bruto.

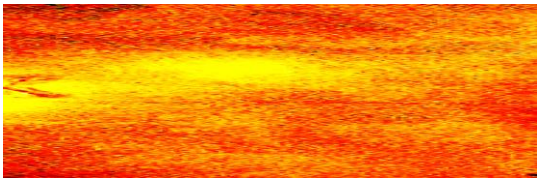
Pelos anais de Anaïs Nin e os seus olhos quando se foca a carpete ela não é plana e sem vida mas campos alvoroçados ou ondulantes; portas, paredes e janelas parecem liquidificarem-se, objectos perdem a rigidez como se se estivesse num mundo submarino ondulante, de repente um pegador de fechadura parece uma serpente, como se tudo fosse elemento vivo e animado e respirasse, inclusive árvores, nuvens e relvados e passasse por metamorfoses como as de Alice no Jardim das Maravilhas, a ler, adormecer e cair na toca do coelho, uma dentada no bolinho de cogumelos alucinógenos e... ***FLASH!***

Refrão com Huxley, para quem as 'criaturas psicológicas que habitam as mais remotas regiões da nossa mente' são como os marsupiais para um habitante do Velho Mundo, demasiado bizarros mas tudo somado aceitáveis, apesar da sua inverosimilhança, porque a sua existência 'obedece a leis reconhecíveis':

Every mescalin experience, every vision arising under hypnosis, is unique; but all recognizably belong to the same species. The landscapes, the architectures, the clustering gems, the brilliant and intricate patterns – these, in their atmosphere of praeternatural light, praeternatural colour, and praeternatural significance, are the stuff of wich the mind's antipodes are made. Why this should be so, we have no idea. It is a brute fact of experience wich, whether

we like it or not, we have to accept – just as we have to accept the fact of the kangoroos.

> Toda experiência com mescalina, toda visão que brota da hipnose, é única; mas todas pertencem inegavelmente à mesma espécie. Paisagens, as arquiteturas, gemas cacheadas, brilhantes e intrincados padrões – estes, com sua atmosfera de luz transcendental, cores transcendentais e significado transcendental são os materiais de que são feitos os antípodas mentais. Por que há de ser assim, não sabemos. É um grosseiro dado da experiência que temos de aceitar, quer gostemos ou não - da mesma forma como temos de aceitar a existência dos marsupiais.



Ed decide dar uma de d.j. e passa a primeira parte do AC a pôr música, uma sequência com *Heroin* e *Waiting for the Man* do VU, *Sunday Morning* com Nico, sempre *May I* de Kevin Ayers, duas ou três coisas de *Paris 1919* de John Cale, *Frontera* de Phil Manzanera e outras tantas de *Pin Ups* e *Young Americans* de David Bowie.

O relato que Anaïs apresenta nos diários da sua experiência com LSD é exemplar da sua capacidade de análise e narração do que poderá haver de mais subjetivo:

My senses were mutiplied as if I had a hundred eyes, a hundred ears, a hundred fingertips. The music vibrated through my body as if I were one of the instruments and I felt myself becoming a full percussion orchestra, becoming green, blue, organe. The waves of the sound ran through my hair like a caress. The music ran down my back and came out of my fingertips. I was a cascade of red-blue rainfall, a rainbow.

> Meus sentidos multiplicaram-se como se eu tivesse cem olhos, ouvidos e pontas de dedos. A música vibrava pelo meu corpo como se eu fosse um dos instrumentos e senti-me a tornar-me toda uma orquestra de percussão, verde, azul, órgão. As ondas de som lambiam os meus cabelos como uma carícia. A música lambia as minhas costas e saía pelas pontas dos dedos. Era uma cascata de chuva rubro-azul, um arco-íris.

Quando amanhece cola *Stairway to Heaven* a *Moon in June* e põe-se a olhar o Tejo sobre o miradouro, projetando-se em *flashback* na *houseboat* de Kevin Ayers sobre o Tamisa. *How I miss the rain – ticky-tucky-ticky!...*

Ivan vem ao seu encontro e ficam a contemplar o Mar da Palha ao amanhecer do dia ainda muito indefinido. Ivan começa a falar lentamente, como a procurar a cada sílaba não perder a própria linha de raciocínio. Fala do que haveria de mais objetivo do seu ponto de vista de mulato desenraizado, fora do seu universo mais natural de mulato, e discorre sobre isso, como é mal aceite pelos pretos, porque seria filho de uma vendida aos brancos, e como é incómodo viver só entre brancos. Com o Adamastor de costas apontando para o sem-fim leva o trip de Ed para o plano do que haveria de mais objetivo, que o jornal República começou a denunciar no tempo da outra senhora, a falar dos emigrantes cabo-verdianos que começaram a pulular na região do Poço dos Negros. Nem de propósito:

- Minha terra é Cabo Verde – augura a olhar o fio d'água do Tejo em frente, além do Adamastor, o tudo somado apátrida, porque nem é daqui... ou será que... Muita coisa não faz sentido, o que é natural.

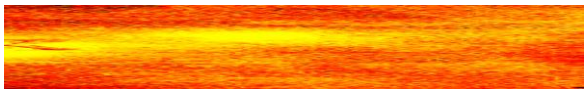
Questão inerente a muitos filhos da antiga África portuguesa, que nunca se habituaram a ser tratados nem como uma coisa nem como outra. Ed só o vê em Moçambique, embora seja impossível imaginá-lo lá nas atuais circunstâncias, tão assombrosamente contrastantes com a imagem de cartão postal dylanesca, que se assim só fora tudo pareceria mais prosaico. Portugal agora multicoloriza-se. Antes só se via dois mulatos na RTP e uma porção deles na região do Poço dos Negros. Agora estão cada vez mais por toda a parte. Com muitos negros também, da sua mesma cor de apátrida, de caboverdiano fadista que em Paris, Amsterdam ou Lisboa só fala crioulo e ouve e dança mornas, coladeras e reggae. Mas não é a mesma coisa. A cidade de Ivan já mudou até de nome. Está condenado a onde quer que esteja ser um estrangeiro, entre brancos, mulatos e pretos. É como se além do Mar da Palha para Ed não houvesse nem o Brasil.

O seu tom – monocórdico e quase em sussurro - não é confessional nem de desabafo. Explana-se apenas. Começa a exteriorizar, embora não aparente, uma ferida profunda que dificilmente irá sarar. Nem preto nem branco. Filho de filha de vendida, também vendida – rendida – aos brancos. De um país

que ainda não o era e que já não lhe pertencerá. Questão que começa a levantar-se.

Ivan, café com leite às vezes quase claro, pálido, às vezes mais escuro, nem carne nem peixe, mas *over* assumido. Como o Dr. G. do Repórter X pavoneia-se 'pelo mundanismo, dandizado, com prosápias de fidalgo e de árbitro da elegância, do bom gosto, em todos os assuntos de espírito e arte'. Se alguém age de forma que julga incorreta, numa lógica fora dos padrões anormais, é sumariamente epitetado de careta, numa acepção que aos olhos de Ed é em si mesma careta, embora a sua atitude *dandizada*, displicente, possa lembrar precisamente a dos hipsters que inventaram os conceitos de *square* ou *straight*, que aliás aqui também adaptou-se para *c'treite*. Até que ponto consciente do papel de *clown* de Fellini ou *pierrot* ou negróide de Picasso ou de *commedia dell'arte* envoltos em chamas? Afigura-se agora herói sem nenhum carácter em busca de identidade e pretensamente a querer obrigar os outros a assumir-se... ou sumir. Que ainda se sustenta com a imagem de *dandy* de bom gosto difícil de levar a sério.

Com ele e o poeta filósofo Ed sai na manhã já radiosa e entram na Flor do Calhariz para tomar um suco de laranja. Decidem ir ao Barreiro como se fossem atrás do sol nascente mas ele ultrapassa-os quando atravessam o Tejo a admirar os cacilheiros cor de laranja. Voltam a admirar o sol quase poente cor de laranja, a natureza como que a brincar com as cabecinhas sugestionadas. *When I drew a long orange line, it emitted its own orange tone*, Anaïs – sim, pensa *orange*, a cor-símbolo lisérgica, e é como se a cada momento ela irradiasse um tom alaranjado.



Como tudo mudou e se mudou. O choque do 25 alargou o espectro de vivências a produzir por um lado o *boom* da Bolsa de Valores e por outro a desintegração mental e física (nomeadamente dos dentes) dos heroinômanos. Em dois anos o país arrepiou caminho na trajetória cumprida em décadas nos grandes centros industriais.

Lauren Bacall, que há muito desapareceu do Cantinho, agora é vista com muita frequência no Camões, que definitivamente é o (pequeno e obscuro) Picadilly Circus lisboeta, com 'droga' à farta.

A heroína e a coca que ali se vende são misturadas a toda a sorte de produto, do mais inofensivo leite em pó ao pó de mármore. O haxe a graxa.

Lauren Bacall representa à sua maneira a evolução do quadro geral de consumo de drogas ilícitas no país. Em pouquíssimo tempo perde a beleza, a magreza acentua-se, fazendo-a assumir feições cadavéricas a que uma veloz perda de dentes deu o toque definitivo. A pose altiva que fazia lembrar a heroína de *Ter ou Não Ter* deu lugar a um andar trôpego e desconjuntado de quem não anda lá muito bem da cabeça, do estômago e das pernas. Heroína de um outro tipo de fita. Anti-heroína de verdade. A imagem acabada do ponto a que se pode chegar quando não se tem condições de sustentar o vício.

Pepe e Ed vão visitar Júlio da Maianga, que a esta altura está a viver com uma garina numa pensão atrás do Rossio, em cuja 'pedra' ele e o irmão, personagem dos mais famosos entre o jovem lumpen luandense do período imediatamente anterior e posterior ao 25, montam banca. Encontram-no acamado em função de uma manque. E comentam o fato. Nem um joint para fumar, teso pra caralho, a precisar de um chuto e sem ter como obtê-lo. Ed diz que nunca se chutaria por pavor a agulhas.

- Já me apavoro face à ideia de apanhar uma injeção na bunda quanto mais eu mesmo aplicar-me uma na veia!

- Eu também – junta Pepe.

Não passa uma semana e uma noite encontra-o numa esquina da rua de Dio com o agrónomo/ginasta, os dois com ar de doentes sob a luz do poste no Rego, preto e branco, como num quadro de *Spirit*, a queixarem-se de dores por todo o corpo. Estiveram uns dias a chutar-se com o da Maianga e estão em manque de heroína.

Não tarda muito para assistir a cenas de grupo na cozinha a partilhar uma seringa para dar o chuto. Ao contrário da marijuana, que propicia a congregação de pessoas para partilhar um joint, não havendo espiga desde que ninguém ultrapasse as três passas regulamentares, a heroína produz um clima de choque entre os comparsas, cada qual muito cioso da porção que lhe cabe na dose dividida na seringa, sobretudo quando é pouca. Às vezes sobe um pouco de sangue do que chuta antes. E do outro. Coisa de doido. Desde que o usuário não ultrapasse os limites (o que depende da capacidade de cada um) poderá talvez viver toda uma vida com o vício. Haja condições de o manter. O pior é quando não há e o tipo em manque vê-se obrigado a partir para a delinquência no desespero.

Após o chuto Ivan deita-se no chão com a cabeça sobre uma pequena almofada e fica estático por todo o tempo em que se ouve *Hardnose the Highway* de Van Morrison. Chama e telegrafa a Ed em sussurro, agarrando-o pela camisa:

- Porra, pá, é uma maravilha! Porque é que não experimentas?

Dezenas de personagens que se encontra no imenso bas-fond em que pouco a pouco se transforma o vasto círculo underground não-declarado da cidade e arredores são pegos pela heroína, que os põe a deambular estonteantes pelas ruas, como em toda a Europa. Festa acabada o ambiente assume aspectos sinistros – muita gente marada, flipada, entre heroinômanos e *speed freaks*. Com um cada vez maior número de assaltos a farmácias.

GABRIEEELAA... SEMPRE GABRIEEELAA..., é o que se ouve noite após noite entre o relampejar azul a sair das casas. O Brasil começa a invadir Portugal numa revolução de hábitos pela telenovela.

Três jovens teclistas, Pedro Sotiry, Pedro Luís e Zé Emílio Robalo, mais o baixista Pedro Wallenstein e o sunnymurrayano baterista José Barba, formam o Conclave ou Fanfarra da Porra Louca, com que Afonso aproveita para promover o que chama de Concertos da Atlântida, o primeiro no Palácio Valenças em Sintra e outros três na Casa da Comuna. No intervalo de um deles, já muito para lá de Timbuctu, o Poeta dos Pés em Chagas sobe ao palco a cair pelos cantos, sobe de novo e retoma até depois de muitas atribulações conseguir acabar a leitura de *A Única Grande Ode* de Muhammad Rashid para um público eufórico com a sua performance de génio neo-beat des-control-ado, a soltar perdigotões, estender o braço e ser arrastado pelo impulso atrás dele até ao chão, estatelar-se e como uma mola levantar-se e subir ao palco, *bourré*, tonto e delirante de álcool, coca, haxe ou erva e (des)graça.

Noite beat a mais não poder, no sentido de *beaten* e de beatífica, premonitória, o *Tema de Atlântida*, vírgula, *progressive rock* tipo Camel com toque de Sunny Murray, porque o baterista é *beated* a mais não poder, não atinando em nada nos temas subdivididos pelo Conclave, anarquilouco, numa noite incendiária em que a lona poderia ter pegado fogo a dois passos da Embaixada de Espanha recém-incendiada, tudo cheio de coca e alguns de álcool, que faz a sua aparição tipo *hard drug*, além dos drufos.

Ed cai d'amores por uma garina com cabeça de gata, cabelos negros finos a lamber ombros e costas e grandes olhos azuis muito puxados emoldurados pela cara redonda, pele muito clara e corpo perfeito, voz de felino e como tal muito meiga mas também de firmeza intangível, apesar dos 17 anos. Dorme pouco e de dia. E passa as noites de namorado em namorado. Tem um, oficial, e uns três ou quatro com quem é vista com frequência enroscada sem constrangimento aos dorsos de um e de outro para se aquecer. Um modelo em floração da era da revolução e da pílula. Fuma muito e com ela no manso paleio noite fora o jovem começa a fumar sistematicamente. Pega o vício dela e dos cigarros. Quando faltam, ela desfaz beatas e enrola o fumo numa mortalha. Coxas grossas, vulva de pelos lisos e finos de estampa chinesa, mas uma e outra vez em que transam ele espetacularmente broxa, com o que, segundo ela, uma vez e outra, ele não deveria preocupar-se:-

- Acontece com bastante frequência a amigos meus. Certo que alguns quase se matam a cheirar e chutar cavalo!...

- Mas eu não chuto nem cheiro!

O organismo a rebelar-se com o desregramento, talvez. Ultimamente passa noites a fio ao paleio com amigos a mamar vinho tinto corrente numa tasca do Campo Pequeno.

O *flirt* acaba em duas semanas, quando começa a recuperar-se da impotência, nem por acaso a partir da leitura de um texto bem fundamentado sobre bionergética, a teoria dos orgones – o tchin chinês e pneuma grego - e do corpo eléctrico de Wilhelm Reich, energia cósmica primordial. Enquanto o lê numa espécie de Playboy massageia as zonas erógenas como que seguindo instruções, e às duas por três excita-se além da conta. Súbito se sente como se tivesse atravessado o Rubicão, embora de um susto desses ninguém se recupere de uma hora para outra. - E não é que o homem foi condenado por charlatanismo pela pandilha de Joe McCarthy e morreu na prisão? Ela é incisiva e para desmarcar-se dele uma noite retira-se abraçada a Afonso.

Caradanjo precisa safar-se da incorporação, uma loucura porque já vai para os 22, e para o conseguir decide dar uma de Bardamu em *Voyage au Bout de la Nuit* e fazer-se de louco para escapar à guerra de loucos pelo poder, com a qual o cidadão de bem não tem nada a ver, quer-se fazer passar por doudo e toma um ácido para a entrevista com um médico no Hospital do Exército. Vai de táxi. Consegue escapar.

O mesmo não acontece com o amigo Quincas, repórter, ex-exilado em Paris, onde se reencontraram no último Verão, quando com ele deu para Ed sentir o clima dos jovens que por ali andaram nos últimos anos da dita-dura portuguesa, decide não apresentar documentos e deixar-se levar numa blitz da polícia no Jamaica *só para ver como é que era*. Lá chegado, descobrem que é desertor: fugiu do posto de guarda à porta do aquartelamento de Santa Margarida com farda e espingarda e deu o salto. Vai pagar espingarda e farda e fazer o tempo de exército que não cumpriu…

Marco entretanto cai de amores por Frida, uma *divorcée* que mora ali perto, em regime próximo ao de comuna e se demoram a abrir-lhe a porta para vê-la entra pela janela de rés-do-chão mesmo, e ela sem pressa e sem vontade.

Não passa muito tempo e é encontrado morto pendurado num galinheiro. Suicídio, segundo Camus, o único problema filosófico sério; suicida-se, como se dizia antigamente, para marcar posição em relação a Cleo, presume – ou será em relação a outra mulher? Anda por aí uma espécie de Valquíria grande e linda a pôr a cabeça dos outros em polvorosa e que ao que se suspeita já levou um outro amigo próximo ao suicídio em Paris.

Ainda *artur*dido com a notícia ao subir a Calçada do Sacramento Ed dá de caras com Lauro Cavalcante, que lhe comunica ao ouvido, para esconder o embaraço:

- Eloísa morreu. E o que é mais incrível, com o pai. Num acidente de carro. Só a mãe se salvou.

Droga, loucura, morte…

São os primeiros mortos próximos da sua biografia.

GABRIEEELAA … SEMPRE GABRIEEELAA …

Sem medo das dualidades, pelo contrário, aceitando-as com a mesma bonomia, dependendo da ocasião e das circunstâncias, e do sonho de um mundo pessoal à margem dos circuitos normais, insuportáveis dada a pequenez do meio e a falta de cambiantes.

Na cidade como na estrada vive de colaborações para jornais e a estrei*tris*teza do mercado não permite sequer um esquema de trabalho em *free-lancing*. Entre uma viagem e outra, porque a maior parte do pessoal – os amigos mais íntimos do meio – também parece em regime de espera, e enquanto *elas* não pousam, dá uma de artista a seguir a máxima que mais se ouve hoje em dia - *isto é muito bom para passar férias*. Sem outra opção de momento, porque trabalho regular e oportunidades de executar qualquer atividade criativa no ramo escasseiam, dá-se um tempo, à margem, à aventura, quase sempre no espaço geográfico limitado e a explorar as possibilidades de *retiro espiritual* no Algarve enquanto ainda é tempo e em território sintomaticamente também estendido a Marrocos, aonde se vai de preferência da costa algarvia e então sempre de Algeciras a Tânger e de lá a Fez, Marrakesh ou ao sopé do Atlas, de percursora e percussiva viagem de Brian Jones ao encontro dos *Pipes* de Joujouka, perto dos centros de prensagem e venda a granel da erva consagrada.

Cedo se aprende na estrada a subestimar o valor prático e sentimental de objetos e até de pessoas por que se passa, que o viajante vai deixando pelo caminho porque só pode atrelar os/as de primeira necessidade.

Com o seu *Mistério das Catedrais* em tamanho quase de bolso e capa dura ocorreu um caso diverso. Afonso dele se apossou porque precisava de livros de capa grossa. A sua principal ocupação em Marrakesh na última incursão aos domínios de Hassan II, depois de algumas excursões para se abastecer, foi a de pacientemente desmiolar as capas de buques de uma minibiblioteca de viagem de negócios para enchê-las de haxe e reencapá-los, num trabalho artesanal que resultou como de primeiríssimo nível. Fosse por isso, ninguém o flagaria. Mas quem lhe vendeu o produto trabalha em rede com os guardas da alfândega marítima, que lhe apreendem a biblioteca portátil com o de melhor qualidade, o da primeira extração do pólen da planta encantatória para prensagem. Resta-lhe no regresso, não se sabe como nem porquê, justamente o de Fulcanelli, de que fumam o conteúdo nem de longe tão estupefaciente, ainda que fresquinho, porque de qualidade muito inferior ao açambarcado pelos gendarmes do Rei para revender e eventualmente dar a banhada e fazer lerpar quantos anjinhos caiam na rede.

- E como é que te safaste?

- Sei lá, pá. Falei pelos cotovelos, chorei, barafustei-lhes tanto a cabeça a jurar que ia apanhar o primeiro barco e nem iria querer ouvir falar mais em Marrocos que me mandaram embora. Aliás, nem precisava chorar, porque já tinham o que queriam e se eu ficasse por ali arriscavam-se a que se lhes fodesse o esquema!

Medita sobre a nova condição a estudar os *Diários* de Anaïs, que fornece subsídios sobre a deles, em que se arrisca até a perigosas estadias no mundo da LOUCURA – e como estão, uns mais outro menos, perto disso – para escapar à neurose na que W.H. Auden chamou de A Idade da Ansiedade.

The artist sacrifices a great deal of security, peace of mind, for the perpetual adventure. Malraux says art is our rebellion against man's fate. La condition humaine *is what I have never accepted. That is why I tried to create my own world.*

O artista sacrifica boa parte da sua segurança e paz de espírito pela aventura perpétua. Malraux diz que a arte é nossa rebelião contra o destino do homem. *La Condition Humaine* é algo que nunca engoli. Por isso tentei criar o meu próprio mundo.

Nascemos aventureiros e só a duplicidade da mente humana impede uma clara excomunhão dos aventureiros – escreveu ela ainda: *Se falham, serão meros criminosos. Um terço dos criminosos são aventureiros frustrados. Benfeitores da sociedade mas também as suas pestes, num amargo conflito* – e nenhum outro é tão amargo - *entre o artista/aventureiro e o homem social: duas*

espécies de vida incompatíveis, o homem social contra o homem livre.

Sinto-me como um fugitivo dos mistérios do labirinto humano. Escapei a inexoráveis grilhões familiares, desejosa de manter-me num mundo à parte dia e noite, um andarilho ou peregrino sem domicílio.

All I ask of living is to have no chains on me and all I ask of dying is to go naturally, Laura Nyro por BS&T continua a ser um farol. O *hobo*, no país feito por aventureiros, institui-se durante a Grande Depressão por necessidade económica – vaguear sem rumo procurando trabalho, e ao estabelecer-se como tal, por loucura, falta de alternativa ou opção existencial, passa a ser impiedosamente perseguido, como reporta Kerouac. Outros demonstram como o nômade é uma ameaça perene à sociedade sedentária e aos seus valores e 'como é difícil pegar carona em Portugal' tem a ver com isso.

Os jornais nacionalizados começam a deixar de sair e o pessoal a ficar sem emprego às vezes aos magotes. Uns vão para as ex-colónias dar aulas em cursos de formação. Alguns desocupados renitentes em aceitar o único novo emprego à vista, a antiga Agência Nacional de Informação (ANI), ocupam um moinho abandonado em Armação de Pera, onde vivem em regime de comuna, pelo qual o que é de um é de todos menos as mulheres e os homens, e inclusive o óleo de haxixe que por dias seguidos é quase o único 'alimento' da maralha, que ainda encontra energia para jogar futebol como veio ao mundo na bela praia deserta de onde se divisa de um lado Albufeira muito ao fundo e do outro a Peninha. Quem lá chega é depenado e imediatamente reduzido à condição do grupo. Vão em bando 'assaltar' cozinhas de malta conhecida hospedada na região.

O bando do moinho a marchar sobre Pera como o de *Falsche Bewegung* (*Falso Movimento* ou *Movimento em Falso*) de Wenders, só que sem The Troggs nos ouvidos e muito menos roupa, para ver Carlos Lopes correr os dez mil metros nos Jogos Olímpicos. Acaba a Era Eusébio e Agostinho. Portugal afinal também dá baile em modalidades esportivas de elite, possível prenúncio de uma nova era de realizações, como soe dizer-se.

Candy Mountain Robert Frank - Rudy Wurlitzer

Dizem que no tempo do Império Romano a adolescência prolongava-se até aos 30 anos ou mais, o que talvez explique o facto de os italianos ficarem agarrados à saia da *mamma* às vezes por toda a vida. Sem espaço para trabalhar o novo lumpen luso vive a adolescência a vibrar com música e mar, a apreciar o valor da gratuidade manifestando-se contra todo o tipo de autoridade numa busca incessante por novidade, divertindo-se, rindo, sentindo e tratando uns aos outros com respeito e alegria, jovens radicais extremamente personalistas empenhados em relações face a face, diretas e abertas, hostis a papeis formalmente estruturados e a padrões burocráticos tradicionais de poder e autoridade, já agora e enquanto é tempo na glorificação do prazer sobre o dever puritano e do lazer sobre o trabalho, a gozar o prazer estético da existência, sem *stress*, enquanto pode.

Ed sobe com dois integrantes da comunidade, Quim Castro Lopes e Frida, na base de como é difícil andar à boleia em Portugal, ainda para mais dois gandulões e uma gandula com ar de delinquentes em potencial, bronzeadíssimos. Já no Alentejo dormem sobre mesas de piquenique à beira da estrada. De manhã toma-se meio Lipo cada para aguentar a pedalada e cortar a fome, porque quase não há dinheiro para comer. À tarde estão à beira da estrada antes de Grândola, à sombra de um chaparro, tudo em volta planície com um sobreiro lá e outro muito além, à luz do sol inclemente. O efeito do Lipo começa a passar com aquela espécie de sensação de angústia subsequente e os estômagos mais que a

dar horas. Fala-se sobre isto e aquilo a troco de nada, só para descarregar o *speed* até que se chega a uma discussão sobre o conceito de mais valia e, dá-me cá um cóche que eu não tenho troco, de Mao Tsé-Tung, que Ed desanca, ao que Quim riposta a léguas de um argumento original:

- Mao Tsé-Tung é esta árvore (a única em centenas de metros na planície) *e tu não és NADA*!

O pessoal do moinho abandonado alugou um conjunto de casas de lavradores sem luz e com água de poço, entre a praia e a estrada, a seis quilômetros de Albufeira, e em cuja fachada caiada escreveram em letras bem grandes, como se fosse um aeroporto

C A S A N O S T R A

e em que se continua a dividir tudo, inclusive as carências e excepto as mulheres e os homens, quem os tem. O resto namora neo-hippies nacionais e estrangeiros em trânsito.

Se sim, é uma comunidade espontânea de seis a oito pessoas, dependendo do afluxo, à beira-mar. Dio e Joan vivem a alguma distância, numoutra casa entre um matagal do tipo Morro dos Ventos Uivantes, não fosse ser tão próxima de uma praia que ingleses não conhecem nem de folhetos de agentes de viagem. Não há um para fumar. Mas um frique inglês que decidiu largar o táxi em Londres para viver à boa vida diz ter encontrado na fronteira com Espanha um saco de plástico com erva que é a que se consome ao pequeno-almoço quando se vai à praia, porque ocupou um casebre no alto de um monte no meio da mata sobre o areal onde vive como em Anjuna Beach, e os mânfios a fumar aquele produto da terra, fraco.

Quando um dia não há nada para comer olha-se para dois galos velhos doados pelos lavradores, cujas famílias estão em crise, pois uma das jovens, solitária, costuma ir e vir da praia nua em pêlo, e não há cristão que resista a uma tal miragem, e mesmo para um cristão uma tal visão é miragem, duas mamas tão grandes e tudo somado esbeltas num corpo de mulher jovem nesta paisagem.

Decide-se matar os galos mas só há três voluntários. O resto refugia-se na área central, com um terraço interno que funciona como núcleo do conjunto. As mulheres são contra a pena de morte. A muito custo Ed, Ivan e Afonso conseguem capturar os enormes galos, que mortos são depenados e limpos. Um deles é cozido num panelão em sal e água com uma ou outra cenoura para dar ares de sopa e para o outro faz-se uma fogueira em que é assado no espeto. Um e outro ficam horas e horas no fogo e o resultado é o mesmo. Apesar da fome quase ninguém os come porque são demasiado duros. Não dariam nem bom caldo e são atirados a dois cães vadios que andam pelas imediações e foram adoptados pela comunidade, que se dispersa, madrugada alta, faminta, a comentar: *Que galos!*

Sobe com Ivan para pegar carona. Dois *mulatos*. Isto vai ser pior ainda. Deviam sair mais cedo mas anoitece quando chegam à estrada para *Albufêra*. Cinquenta metros de caminhada, nada, uma tasca, entram para tomar um medronho. Mais cinquenta metros, nada, entram noutra tasca para tomar mais um medronho. Outros cinquenta metros, nada, e tomam o terceiro medronho, e quando Ed está sozinho à espera de Ivan, que está a tomar um Brandymel cinquenta metros adiante, para uma camioneta que lhes dá boleia até à vila, onde após o dia de praia, medronhos e brandimeis apetece-lhes uma sardinhada na *tal* cervejaria, finda a qual com mais garrafa e meia de Lagoa no bucho e o resto de uma outra meia na mochila vão até à praia dos pescadores para respirar um pouco, e o que veem?, um grupinho a incendiar um junto às rochas, são alemães e dele fumam para depois dizer melhor apanhar o último ônibus para a estação e o trem para Lisboa – *deixa-me cá de fitas, meu, à boleia nós os dois quando é que iríamos lá chegar?*

No comboio não tarda muito e encontram um grupo de friques – *de Moçambique!* – que lhes oferecem um charro e quando Ed acorda Ivan adormeceu com a cara sobre as suas coxas e mal acordado começara a vomitar-lhe as pernas, serviço que finalizou com o comboio a 100 por hora a tentar projetar o vômito para fora das janelas sem conseguir. O pessoal da carruagem de olhos esbugalhados. E lá chegam ao Barreiro...

A conjuntura de dois anos de reboliço produz um fenômeno curioso. Com a perda da clientela, quase toda no Brasil ou em Luxemburgo, o Tavares cindiu-se em dois, o *Rico*, embaixo, e o *Pobre*, em cima, só aberto à hora do almoço e a que *petits comités* fazem visitas regulares sem se preocupar sequer com a qualidade da comida, mas como para fumar um charro, no caso com formato de garrafas de um Banzão Tinto de 1955, da mesma idade de Ivan e Afonso, e que se *mata* a aspirar os eflúveos de maravilhosos aromas florais e frutíferos, cujo efeito é como o de um bom fumo do Atlas, como se constata uma vez quando depois vai-se ver *Lolita*. É um outro tipo de abordagem de Sintra, agora pelos vinhos de chão de areia da Adega Cooperativa de Colares, que também vai mal das pernas, está a desfazer-se da garrafeira e vende direto ao público um de 62 a sessenta paus a garrafa. Ed faz um retiro no Banzão e constata que o próprio vinho corrente de uma tasca sobre a estrada é de grito.

Ed e Afonso têm um sério desaguisado por questão de saias agora já em família. Chegam ao grande dia, em que contra todos os prognósticos – porque a esta altura ninguém do meio e idade acredita que alguém leve minimamente a sério qualquer instituição - Muriel casa-se. Sem falar um com o outro, a fumar um jointão e a receber convidados da noiva com martinis, que também já se enfarda. Ivan chega, senta-se à mesa onde se confeccionou o puro e escreve na velha *Lettera 32* que em tempos esteve sobre a mesa de jantar da tia um *compte rendu* da 'viagem' da véspera, que ao tirar da máquina logo o estende em oferta:

.../... SINTRA: 57 COLARES NA BÔCA DA NOITE

+

Entrei no palácio feitu de pedrarias
pedra das

pelas ondas voluptuosas curti
dos teclados curry
bélicamente pelos campos de Sintra-pedra
a nova estação ou apenas outra da loucura
fura-mouros- por tod'lad'
dissolvendo-se os beijos em Colares 57
& happenings batuca
batucadas dgi tilin no copo boum!no côrpo
boum!furacão
é música: a voz grita NÃO! há separação
já não és tu
correndo
é o it
em serras regadas por orgasmos
e colheitas escondidas
em cima (Oh! erótica!...) das prateleiras resguardadas
...mas na corda bamba quem foi que fêz SKANK!?!?!KANK!?!?!
eu não fui tu não foste
ora agora toca(o tinto) a mim
ou então tocati(o mim. depois vem longe o)
... 'vais no carro do Lagôa?!
não não vou
só alinho no Colares'
um autobianchi azul escuro
com o Peugeot alaranjado atrás
o escape rôto é sinfonia
bem no meio das fodas trocadas no banco de trás
o AKAPA branco da Ana indicaminho
praumas quantas tabblettes negras de sintra
a sintra verde que te transporta
abre
a porta
do baixoteclado
da fanfarraporraloca
do verde acastanhado que não só talos mas essência
quetatira uma magnólia feita em frigideiras facas tabuleiros tristeraivosos
and always the same question: no joint?!no more joint?! no joint?! no more j
ôi! SINTRA DAS VALENÇAS
VALE A(PENAS) SORRIR
é tão pouco e o regresso tá perto e o joint tá sempre e a noite taí

num sorriso em 57 sorrisos colar(es)ados idos vindos da
barriga dgi mamã
tidos feitos consumidos pela madrugada
transtornados renovados refelizes ensonados:
...já é noite outra vez. o dia passei-o nos sonhos. já é sintra.

O convescote é de arromba, num restaurante entre Colares e Banzão, para dezenas de convidados. Ivan é o mais elegante: terno de veludo verde garrafa, camisa e sapatos cor de vinho e gravata de seda azul turquesa. Por uma vez sem exemplo despe a capa de demónio semeador e incentivador de discórdia através de mexericos para endossar a de conciliador. Que exerce com afinco e à perfeição, mesmo que para tanto tenha de levar o processo a um desfecho trágico.

Faz questão de que a festa não termine sem que Ed e Afonso cheguem ao menos às falas. Bebe-se de tudo o que há na garrafeira do restaurante em matéria de vinho, inclusive um Colares Tinto de 37. O intermediador ora convida um ora outro para mais uma ronda de negociações, que se desenrolam no pátio do restaurante enquanto enrola mais um e fuma-se, até que ao fim da tarde fumam um cachimbo da paz apenas provisória, porque sobretudo Afonso não está disposto a sair da sua. Eufórico com o relativo sucesso da missão Ivan propõe a Ed celebrar o acordo com o vinho corrente daquela tasca do Banzão e vão. Após a primeira curva, quase em frente aos Bombeiros de Colares, Ivan posta-se no meio da estrada e braços ao alto mais uma vez comemora:

- *Edinhooo, que loucuraaaa!*

Edinho ainda não viu nada. Ouve-se o zumbido de uma moto de 50 cilindradas além da curva e mais rápido do que seria de esperar surge o novilho na brida. O motorista espanta-se com o que vê quando Ivan vira-se de costas e o encara. O novilho não endireita para ver se acha uma escapatória do lidador, incidindo justamente para onde este dá uma passada larga e rápida, os dois a distância suficiente para chegar a um acordo sobre quem deverá ir para que lado. O novilho dá uma ligeira guinada para a sua direita, e passará tranquilo a uma boa distância do peão, que no entanto inesperadamente dá umoutra passada larga agora para a sua esquerda, os dois encaram-se olhos nos olhos e – terá o outro também bebido? – parecem atraídos por uma onda magnética de altíssima densidade, que absurdo, mas tudo bem, têm mais que tempo de negociar o último movimento sem drama, Edinho ainda esboça uma risada quando vê o novilho a tentar sair de novo pela

sua esquerda quase na sua direção, momento decisivo, os dois estão a uns cinco metros um do outro e Ivan parece não ter desgrudado o olho do contendente e agora vai como se o quisesse abraçar pelo cachaço à unha, na sua direcção.

Edinho grita: *IVAN!* – enquanto o vê projetado a uns três metros de altura desconjuntado como um espantalho elegantemente vestido mas o que flasha ao acercar-se dele é que não é um espantalho elegantemente vestido mas a perfeita imagem de um boneco andrajoso, um rasgão pela altura do joelho e um olho já empastelado de sangue. Apela a um transeunte que passa em frente aos bombeiros para que chame uma ambulância.

- Tou cego! – diz-lhe Ivan a tentar olhá-lo deitado de costas no meio da pista.

- Vês alguma coisa por esse olho?

- Vejo sangue...

- Então não estás cego – e corre para a boda, onde há alguns médicos.

Após os primeiros socorros no Hospital de Sintra é levado para o São José.

- O gajo que te costurou o olho é um sapateiro! – é a primeira impressão de uma médica amiga ao ver o resultado da intervenção a que o submeteram.

Foi pior: o meco era um estagiário e talvez pelo nervoso de um mero – embora grande – corte numa pálpebra causado talvez pelo espelho retrovisor do novilho ébrio, de que Ed se esqueceu porque desapareceu do cenário mas soube depois que caiu atrás de uma sebe além da estrada, fez um trabalho de Frankenstein que irá exigir uma bela cirurgia de recomposição.

Mas o pior é o joelho. Vai-se a ver e era mesmo irreparável ou o gajo que o operou era outro sapateiro. Certo é que não se conseguiu lhe reconstituir a rótula. Três ou quatro cirurgias e algumas infecções hospitalares depois fragmentos de cartilagem produzem-lhe uma disfunção séria dos meniscos. Uma fratura do perónio causa problemas. Passam-se dois anos e Ivan num entra e sai de longas temporadas em hospitais a ver se remedeia o estrago, sem condições de obviar o empastelamento da pálpebra que vai quase da base do nariz à fronte, com doze enormes pontos de remendo mal feito, como se Frankenstein estivesse demasiado ansioso para dar o último retoque e ver o resultado da sua criação e o fizesse às três pancadas – depois vê-se. Ivan fica com sete centímetros a menos e com o joelho da perna esquerda quase imobilizado, a usar um sapato para corrigir a altura e muletas para locomover-se.

Não é a morte do artista mas causa-lhe um profundo trauma, acrescido de que após um longo período de internamento na Idanha, mais para ter onde ficar sossegado que para tratamento, Peter suicida-se.

Ivan sempre descartou qualquer hipótese de Peter voltar a entrar minimamente nos eixos. Talvez porque, conhecendo-o como ninguém, sabia que ali não havia salvação. Mas pela primeira vez nota-se na sua reação imediata que aquilo poderia tê-lo abalalado de forma profunda. Não aceita condolências de circunstância, ele que sempre reagiu a acontecimentos trágicos como à psiquiatrização e morte de Eloísa e ao abalo que isso provocou em Ed de forma a este ter de pensar aonde chega o cinismo. O bobo da corte sofre o seu primeiro sério abalo e mostra uma faceta insuspeitável. A partir daí o aparente desprezo com que lidava com quase todos os fatos transforma-se em deboche. Sai miraculosamente da heroína com os companheiros com que entrou no processo porque todos apanharam uma hepatite mas acentua o exagero na coca, nos fumos e no álcool. Festas. *Em principio* nada de anormal.

Poderia dar-lhe para a criação de coisas belas e profundas. Deu-lhe para aprofundar sentimentos torpes e atitudes cáusticas, ou vice-versa. Estoura-se-lhe o joelho, que o deixa entrevado, mais o olho e o ar de *Frank*, a criação não a criatura, por conta de um trabalho de sapateiro, e estouram-se-lhe os miolos – o duro e talvez inevitável preço a pagar para quem pisa o risco e não renuncia à liberdade a troco de nada (quando por aqui só há trocos) e perde o senso do pecado e do juízo.

O Bom Gigante volta da Índia e conta chegada a Velha Goa, a caminho de Anjuna Beach. Descendo a ladeira ocorre-lhe pedir uma informação a um local, que lhe diz: mas você não é americano ou inglês ou...

- Não, sou português.

- Ah, português? Mi gostar muito de português. Português comer, beber, foder e não querer saber!...

Taí uma definição. Ou A definição.

Foram três anos de muita ganja e LSD por conta-gotas em Anjuna Beach e todos os lugares sagrados de Brâmane - Brahman. Viagens alucinantes, só as interiores. Entrega-se à meditação e à abstinência para atingir o dharma, o Todo, a Clearlight of The Void. Por pressão da mãe foi fazer exames para ver se não está tísico. Pesa 48 dos 86 de antes, muito mais em conformidade com o 1,86m de altura. Está com a cara do Allen Ginsberg quando se banhou no Ganges, só que sem óculos e muitíssimo mais magro. Não admite que Rosário ultrapasse os 50km por hora quando se desloca de carro porque passou séculos sem se locomover. Dedilha e arpeja a preceito um belo sitar que trouxe para vender e só ouve música indiana - e quem precisa de ouvir outra coisa?

- Boom Shankar!

- Shambô.

Que isto é muito bom para passar férias é uma das grandes frases feitas sempre ditas e nunca escritas com todas as letras e cada vez mais Ed se apercebe disso. Consegue viver de férias quase todo o ano, a trabalhar em – e sobre o que – dá-lhe mais gozo.

O círculo de relações alargado e em muitos aspectos fascinante. Mas com as convulsões do 25 o número de jornais reduziu-se consideravelmente, dos nove diários antigos só restaram quatro e três têm problemas financeiros. Aqui e ali aparecem uns matutinos e semanários novos mas ou com projectos editoriais de vincada filiação política – tendo quem os sustente – ou popularuchos ou sem fôlego editorial e/ou financeiro.

A rádio continua limitada ao que era, só com uma emissora privada e a pagar – e render, até em termos de projetos – o mesmo de sempre. Ninguém ousa explorar vias alternativas, por falta de capacidade, espírito de iniciativa ou bago. Soares mete mãos à obra no saneamento das contas públicas no âmbito do projeto de adesão à Comunidade Europeia e impõe um regime de austeridade sem precedentes. A Ed dá-lhe para a amargura, acentuada altas madrugadas quando à meia luz ouve Billie Holiday.

Em agosto de 1982 deixa uma *bella ragazza* no aeroporto e para pisgar-se de um cenário sem ela inviável segue direto para Vilar

de Mouros sob o pretexto de reportar a segunda edição do festival. Onze anos depois da sua quase estreia nas berças pouco mudou, o que não falta é apetite para uma bela caldeirada em Foz de Ourelhe e olhos para apreciar um dos mais belos panoramas, o do rio Caminha por alturas de Vila Nova de Cerveira, onde se hospeda.

Na grande noite toma um ácido. Sun Ra ao fim da tarde e U2 a fechar a sessão. A banda irlandesa é a mais nova sensação da quarta ou quinta geração do rock, com pinta de ter bala para suceder a Police ou Clash como a melhor banda jovem do planeta. Mas para quem viu grupos como Led Zeppelin, Ten Years After e The Who e *lead singers* com a extensão canora de Robert Plant, Roger Daltrey e Chris Farlowe o som bem que ainda poderia enganar... a tolos, porque para bom entendedor salta logo aos olhos que dali não vem nada de novo – sequer a interessante pulsação em contratempo dos Police numa espécie de reggae de branco. É uma mistura de liquidificador do *déjà vu* e a Bono Vox falta o que sentiu necessidade de pôr no sobrenome para dizer que tem, mais parecendo uma galinha choca sem fôlego e que se vê na contingência de galgar uma torre de iluminação, a arriscar a vida, para impressionar com um fanho *Hi, people!* lá do alto.

Muito melhor é sem dúvida o som da Arkestra de Sun Ra, que tirou o Intergalactic do nome mas ficou tal e qual, afeiçoando-se à perfeição ao seu estado mental:

We're on the starship Earth...
Destination unknown...
We're on the starship Earth...
Destination unknown...

Joni Mitchell Night Ride

Escreve então:

A vida política mudou mas na sociedade são evidentes os sinais de sufocamento. Terminadas as convulsões da 'revolução', findas as esperanças infinitas, o país parece de novo possuído pelo

fatalismo que sempre o caracterizou; o fado volta a assumir o leme e o país a viver sob a sinistra atmosfera de abandono que leva tanta gente a partir ou a desejar partir.

O cinza volta a ser a cor dominante, as pessoas queixam-se do custo de vida, da falta de moradia, do desemprego e no caso dos jovens da falta do que fazer.

Volta então a brotar o desejo – decididamente o sonho é parte essencial da alma lusitana - de partir, viajar, sair desta pequena varanda sobre o mundo.

ERA UMA VEZ A REVOLUÇÃO

Apêndice 1

Era uma vez as revoluções

Well do they know what it's like	E saberão eles o que é
To have a graveyard for a friend	Ter um cemitério por amigo
'Cause you know	Porque sabemos bem
That´s where they are, boy	É lá que eles estão
all of them	- todos eles

Talking Old Soldiers Velhos Soldados ao Cavaco
Elton John-Bernie Taupin

Deram voltas e revoltas para décadas depois se verem quase no ponto de partida: as utopias e os utopios que musicaram as suas primeiras manhãs, a paisagem de perto inalterada porque o bairro onde Ed e Jimi nasceram e tombaram é patrimônio histórico. Mas no topo do morro mais abaixo e a meia distância do pano de fundo do magnífico cenário a antiga favela cresceu na mesma escala da miséria brasileira e aos seus pés, ao fundo, despontaram dezenas de arranha-céus sob o Pão de Açúcar, qual gata altiva e preguiçosa ao sol.

Como no Rio de Janeiro mesmo, em Londres e em Lisboa antes, continuam a passar dias infindáveis ao paleio, como sempre mais a reviver, revirar e revolver os tempos idos e vindos do que a especular sobre o porvir. Cada qual com seus encantos e cantos do mundo, divertem-se a burilar ideias, imagens e sons em que se formaram, as ideias negligenciadas num mundo cada vez mais ensombrado pelo domínio neoliberal e para eles indispensáveis para respirar. A evolução dos meios antecipou para a meia idade a era do balanço do que viveram desde quando decidiram partir para outros mundos, sobretudo desde o início dos anos 90, quando uma havaiana onda de revivalismo provocada pelo advento do CD trouxe de volta tantos discos perdidos e lembranças mais fortes daqueles anos que já pareciam imemoriais.

Em verdade, mal passada uma década parecia que os anos 60 tinham acontecido à época do nascimento de Huxley. De drogas psicodélicas, por exemplo, nem pó. Mas pó havia aos montes. Cada vez mais heroína e cocaína, a droga da eficiência que ajudou a polir as pujantes bolsas de valores interligadas por computadores na era de Thatcher e Reagan e do FIM DA HISTÓRIA de Francis Fukuyama.

No paraíso materialista neoliberal não há cá pano para sonhos e o lema é: quem busca a utopia traz consigo a barbárie. Os yippies foram substituídos pelos yuppies, com Jerry Rubin de terno e gravata como consultor de investimentos na mesma Bolsa de Valores de Nova York em que nos anos 60 queimara uma nota de dólar simbolizando a brusca transição da inocência para um pesadelo de Wall Streets em sessão dupla que abria com um filme série B do tempo em que Huxley chegou a Hollywood: Nancy e Ronald Reagan como atracções numa cauboiada em que a certa altura surge um misto de presidente de república de bananas e poderoso traficante de cocaína ao serviço dos carteis de Cali e Medellin a colaborar com a CIA na luta anticomunista na América Central. Como nos anos 60, quando aeronaves militares americanas transportaram heroína do Triângulo Dourado para o Laos em troca da ajuda dos narcotraficantes locais na luta contra os vietcongues e os khmers vermelhos do Camboja.

Lá se foi mais um século e as ideias de Huxley em relação aos mais diversos campos da atividade humana que estudou – política, educação, ciência, filosofia, artes, religião, ecologia, história... ele não deixou escapar quase nada - estão firmes e fortes no centro da polémica gerada pela grande cruzada neoconservadora contra o espírito dos anos 60, pela ocupação do Iraque, a crise ambiental e a consolidação do poder hegemónico das corporações e contra as utopias que só levariam à barbárie.

- Mas vem cá, tá tudo muito careta à nossa volta e os caretas desbundando tanto nas ondas mais vergonhosas que a gente até se retrai. Haverá alguma semelhança entre o Mundo Novo e este mundo nos anos 100 d.F., depois de Henry Ford?

Para o *alter corpus* de Ed bem que este relato poderia chamar-se Jimi Sawyer está vivo e bem entre os wai wai.

- Entre os wai wai... os indigentes, queres dizer.

- A indi-gência do pessoal daqui, tudo de tanga e chinelo de dedo como índio de almanaque. Afinal, depois de vinte anos na Europa o repórter volta para saber também o que é feito de Jimi Sawyer quando, nem por coincidência, a pôr mais uma acha no fogo da nossa velha brincadeira, Roger McGuinn publica um disco intitulado *Back From Rio*. Jimi Sawyer está vivo e bem entre os indigentes da floresta global de miséria no Terceiro Mundo. Ou quarto. Ou quinto. Num dos chamados países emergentes. De quê? Da merda?! Incrível como este era o país do futuro... E Ivan, tens notícias daquele maluco?

- Não. Perdeu-se de vista. Dizem-me que na última das suas fúrias insanas zangou-se com toda a gente e de novo não deixou rasto. Quem sabe morreu, ou talvez reapareça. Hoje, a andar na floresta, recolhi estas telas de folhas ressequidas que parecem obras de arte e ao chegar a casa, a pensar nele depois de fumar um destes, inspirado por um trecho do Huxley que tem papel determinante em toda esta história, o temporal de fim de tarde a bater forte e a espargir em volta o cheiro de terra molhada, pus-me a ensaiar isto:

... architeture of veins, their stripes
... arquitetura de veias, as suas listas e malhas
and mottings and proliferations of
e proliferações de formas
geometrical forms that turn into
geométricas que se tornam
objects, of things that are forever
objetos, de coisas que para sempre
being transmuted into other things...
transmutam-se noutras coisas...

Folhas caídas sobre a pedra na mata numa enxurrada e depois secas pelo sol que consegue adentrá-la e ressecam ao ponto de só lhes restar, antes de se desintegrarem, a malha, a tessitura insuspeitável que sustentava a seiva carnuda clorofilizada. Assim como a cabeça do néscio niilista que seca a ponto de só restar ao raio X a tessitura física dos neurônios e nenhum deles dar sentido às coisas, tino ou seiva, tudo ser só vazio. A folha ressequida é talvez mais bela que na flor da vida. Sem a textura parruda e as nuances de cor, incríveis no Outono europeu, no Outono e na Primavera aqui. O ressecamento humano é belo quando expiado, explorado, dissecado pelo (bom ou, doutro ponto de vista, mau) humor de Becket, Dürrematt, Joyce, Ionesco ou Cioran. Numa loucura 'sã'. De sábio.

Para recolhê-las mantendo intacta a sua teia de areia, de aranha, de finíssima filigrana de tinta da China, sem desintegrá-las é preciso cuidado e destreza de microcirurgião. O que resta da sua camada exterior descola com a ação do tempo até esfarelar-se, transformar-se em pó, em seiva de futuras folhas e só depois de novo em teia finíssima, quase microscópica. Nalgumas, basta tocá-las para se desfazerem.
Forever being transmuted into other things... *Folha que cai, outra que nasce. As que morrem e não são varridas da memória ficam até nelas não haver mais que veios por onde passou a seiva em vida, reduzidas a estruturas possivelmente mais belas que uma teia de aranha. Mas ficam lá como folhas ressequidas-ressecadas antes de se transformar em pó e seiva de futuros brotos, árvores, monumentos naturais. Há os que enlouqueceram e os que se refugiam na loucura e os que de nela tanto viajar, por esgotamento e ver ressequida/ ressecada toda a vitalidade, reduzem-se a menos que um vegetal aparentemente sem vida, não deixando mais que traços de um itinerário patético-demente inconsequente, e não darão semente. Também – para quê?*

- Todo esse tempo passado dá para pensar se faz sentido a daquela italiana que dizia lá nos 1990 que a nossa geração recusou-se a envelhecer, não renegando sequer, como no caso de Toni Negri, ideias como a da legitimidade da luta armada em Itália nos anos 70, porque a conjuntura assim o exigiu. Geração, quererá ela dizer, uma ínfima parte dela. Pois como já falava John Peel há quase meio século o que prevalece é o egoísmo, a preguiça, a falta de sinceridade, mais a inevitabilidade de estruturar a dar cabo de qualquer veleidade ou utopia... Não envelhecemos, ou não queremos envilecer, nem enlouquecemos no sentido patológico do termo, até prova em contrário.

- Por mim e cá entre nós, como bem sabes, nunca batemos um cartão de ponto. Resisto como posso a levar a sério artifícios do jogo de cartas marcadas em que via de regra as oportunidades de êxito estão reservadas a uma ínfima parcela 'dos bons', se tanto, quando têm condições de afirmar-se nos velhos esquemas - vale dizer, como os Stones, *rape, murder* - estupro, morte e, acrescentaria eu, *corruption*, um dos piores males - *is just a shot away* – é só um tiro à distância. De resto, como sempre, deu para espertalhões das dúzias, oportunistas dispostos a faturar da maneira mais leviana com a ignorância alheia sem olhar a meios para chegar aos mesmos fins torpes, com poucas vias de escape – ou nenhuma. E quem recua ou avança o sinal arrisca enlouquecer. Porque a saída é por

um buraco de agulha cada vez menor. Ouve esta: *No meio da aparente confusão do nosso misterioso mundo os indivíduos estão de tal forma ajustados a um sistema e os sistemas uns aos outros e todos a um todo que um homem, ao sair do sistema por um momento, expõe-se ao espantoso risco de perder o seu lugar para sempre.* É de Nathaniel Hawthorne sobre os proscritos do *Mayflower* e o início da colonização americana na Nova Inglaterra.

- Quando? Há duzentos anos. Imagina agora, entre nós, proscritos da UE e do Mercosul...

- O que acho incrível é que Portugal foi um dos raros países ocidentais, talvez o único na Europa, em que a contracultura passou em brancas nuvens, talvez um dos efeitos mais bizarros da ditadura. Não havia lá naquele meu e por um tempo nosso vasto grupo quem apostasse a fundo numa mudança das estruturas sócio-econômicas *e de mentalidade*. Tudo, apesar de muito jovem, para o que desse e viesse, sem projectos pessoais diferentes, salvo uma única exceção, talvez – Gregório o Gregário ou o Bom Gigante na sua brusca e radical opção pela via mística, que curiosamente, ao conhecer melhor a trajetória do escritor inglês, passou a parecer-me muito huxleyana, embora não me conste que ele tivesse ido além da leitura de um ou outro dos seus romances mais famosos traduzidos em Portugal. E bem cedo viu-se que os tempos podem mudar mas a vontade de quem manda não, e é difícil mudar a essência das coisas e dos seres humanos, a menos que uma nova Era de Aquário ou um rai-que-os-parta extermine os dinossauros e da política e do Estado corporativo-tecnocrático e corrupto não reste nem ossos para a palenteologia. Sonhar o sonho impossível e como – alguns não envelheceram por dentro mas é impossível não envilecer, porque se não o fazes és vítima da maioria ... silenciosa... es-ma-ga-do-ra. Os anos passam, Holden Caulfield licencia-se, doutora-se, casa-se, tem filhos...

- Pensávamos que era uma questão de geração, aí embutidas as informações que carregávamos de um lado a outro da Europa na época. Que o nosso espírito contaminaria e iria espraiar-se inevitavelmente por cada um dos cérebros em volta, abolindo de vez a caretice... Pensávamos? Eu não, já cético, consciente de que éramos apenas mais uma franja marginal, um estilo talvez mais saudável afinal do mesmo velho lumpen proletariat na sociedade ocidental. Lição que a idade ensina. Que não se vão apenas as vítimas de acidentes ou da precocidade. Tudo morre. Ninguém sairá daqui vivo. E tudo vai para o grande nada de onde saiu. De-penadinho. Viva a revolução, a mãe de todas as esperanças. Morra

jovem, viva a mil. Ou então não envileça. *A oeste um novo mundo está a nascer. Let's make the most of our imagination!*

- Lembra daquele bilhete que António Castro me mandou por Ivan quatro anos antes de morrer?

Tenho saudades das nossas deambulações e 'filosofias' tão inocentes quanto perigosas.

Tempos alegres e amargos e um tanto absurdos quando cada palavra valia um tiro; cada frase certeira desmoronava mais um tijolo de um custoso muro.

E havia a noite. E uma poética. E uma mansa boémia. E a 'liberdade a passar' por ali, quase quase.

Um abraço muito amigo do amigo de inesquecíveis tempos e lugares.

... Até os mortos têm saudades. E a ocarina lá ressoa por mais ou morto morrido ou suicidado. Os meus não acreditavam em Deus, Marx, Pátria ou Autoridade e portanto no Estado, mas também já não eram ingénuos ao ponto de acreditar numa sociedade alternativa como se acredita em histórias da carochinha. Viva a revolução sexual, perderam a virgindade muito cedo. Também, pudera; começavam a ver – o jogo mais às claras de toda a transitoriedade após um ano e meio de "período revolucionário em curso" – as consequências da volúpia do poder e o que ela implica em pequenas grandes cumplicidades, concussão e corrupção à la gardère. Niilistas da forma mais absoluta, que pareciam acreditar apenas em Arte. Num sentido amplo: de representar, filmar, desenhar, escrever, construir um objecto artesanal ou industrial, como uma canção, ou tudo aquilo que se entende como tal, mas também de cozinhar, plantar e colher bons frutos e fabricar vinho ou aguardente da boa, de óptima, excelente qualidade. Tinha a grande maioria princípios humanos e era tudo. Talvez tivessem apenas e só vocação para vagabundos. Ou será que não? Que depois de lhes terem buzinado tanto nos ouvidos a ideia de revolução tenham sido guindados ao anarquismo, ou seja, a acreditar apenas na capacidade humana de criar e reproduzir? E o resto que se dane, pois que o resto, grana, moral, poder, produz apenas isso que se vê por aí. Só um exemplo – de uma das muitas tragédias esquecidas numa das periferias: 180 mil pessoas mortas em atentados na Argélia em dez anos, desde quando não foi homologada a vitória dos fundamentalistas islâmicos nas eleições

de 1992. Nem todos *acabaram* mal, pelo contrário, só a pequena média normal em qualquer grupo. Os que entre umas e outras nunca se adaptaram porque não quiseram ou não tiveram capacidade para superar as próprias crises ou superar as da era das crises, conjuntura crítica em que, após a *Golden Age*, o mundo submergia. Não envileceram o suficiente para saber que o que então era loucura hoje o é ainda mais, com ou sem grades e muros ou hospícios. Há outras formas de controle. E muito maior aquiescência, complacência, resignação de asno.

- Era de Aquário ou Apocalipse? Comunismo?! Barbárie!...

- Hoje em dia, com as ações de Vladimir Putin, tornou-se lugar comum dizer que a Rússia só pode ser governada por mão de ferro. Os sociólogos levaram quase um século para chegar a essa conclusão, porque quase ninguém viu Eisenstein ou quis levá-lo a sério. Estranhar-se que alguns tenham morrido e ainda venham a morrer jovens, é claro, não se há de. Quem sabe, alguém entre eles, solitário como Paul McCartney, vá além dos 64, contente da vida mas no fundo sempre um tanto melancólico a matutar nos confrades, as histórias passadas, num tempo que parece sem novas ideias e ideais. Não será no fundo tão feliz assim, depósito de estórias sem testemunhas, quiçá também apenas sonhadas. Que não incorreram no eterno equívoco da tentativa de tomada de ou ascensão ao poder. Tentamos divertir-nos enquanto esperamos, desejamos, ansiamos que isso tudo desmorone, como anunciam os hinos & cânticos de Woodstock que ainda ecoam nos nossos ouvidos. Mas o sonho acabou, enquanto o sangue não pára de jorrar. De repente sai-se da fase das mansas folias para a do destempero, do desregulamento, da desbunda, em que todos os sintomas do mal, antes camuflados pelo dandismo jovial, pela jovialidade evanescente, afloram e num passo chega-se à decadência, se não se se põe a pau, e fica-se aos caídos a matutar nos caídos que se vão.

- Woland, o diabo em pessoa, a sua personagem da madrugada de 26 de Abril, sobrevoa a cidade, e no espetáculo de *music hall*, sem interromper os números de magia negra, depois de ter distribuído divisas e meias de náilon pela plateia, arrota com escárnio: *Será que esses cidadãos mudaram no seu íntimo?* E será que mudam?

- Parece até que não e que, se mudam, é para pior. De certo modo os daquela geração que se recusaram a envilecer somos uma malta de idade avançada triste. Será sempre assim? – pergunto-me. Ou

será porque partimos de e para todas as hipóteses de ser livres e atolámos na lama do livre mercado? A turma da banda voou acabou como galinhas num quintal, a ensaiar voos desesperados para pescar algum pitéu e a não pescar nada. Quem diria que depois dos sonhos evanescentes seríamos sobreviventes na era do fake, do falso, da falsificação e da falsidade, do cover, da baixaria, da pirataria, Fleetwood Mac clone de Mick Taylor, Jeff Beck e do próprio Mac, salvo seja, porque do original vai um pulo de todo tamanho de blues band a banda pop americana, de Ummagumma a Dark Sid o' the Keith Moon.

- É, mas também não dá para ficar naquela de necrológio tipo *When I'm 64* ou do cavaco de velhos soldados de Elton John, aos caídos e dos caídos. O que me parece também incrível é que o tempo passa e vira e mexe, contra todas as perspectivas da sua inexequibilidade, chamem-lhe regresso às origens ou revivalismo arcaico, o ideal da re-união do homem a Gaia, Deusa-Mátria, não desfalece. O que me reporta a um trecho em *flashback* de *Fear and Loathing in Las Vegas*, de Hunter S. Thompson. Quando o li nas primeiras vezes, em 1971-72, o que ele apresentava como um passado já longevo ainda me soava como uma promessa de futuro, e que o foi de fato para nós, poucos anos depois, em Lisboa e arredores mais ou menos distantes como Porto ou Paris, e de forma mais ou menos análoga, mas que ao reler nos últimos tempos tem-me parecido como se tivesse sido escrito ontem.

São Francisco em meados dos sessenta era lugar e tempo muito especial para se viver. Talvez tenha tido algum sentido. Talvez não, a longo andar... mas nenhuma teoria, mistura de palavras, música ou memórias chega aos pés da sensação de que estavas lá e bem vivo naquele canto do tempo e do mundo. Não importa o que quisesse dizer. ... Havia a fantástica sensação de que tudo o que se fizesse era certo, de que estávamos vencendo... ... E essa, penso, foi a alavanca – a sensação da vitória inexorável sobre as forças do Velho e do Mal. Não por meios vis ou num sentido militar; não precisávamos disso. A nossa energia prevaleceria por si só. Não fazia sentido algum lutar – do nosso lado ou do deles. Tínhamos todo o ímpeto; estávamos surfando na crista de uma alta e bela onda... ... E agora, menos de cinco anos depois, pode-se ir ao alto de uma escarpa em Las Vegas e olhar para Oeste e tendo-se olhos atilados ver a linha da maré – aquele ponto onde a onda finalmente batia e rolava de volta ao mar.

- Uma trajetória exemplar, a do Hunter S., *hein*? O Hemingway da nossa geração. Curte todas, sem medo, mas também sem a empáfia e o machismo ernestianos, surpreendendo a cada texto para jornal ou em livro pela forma como se expõe em voo livre, para, aos 60 e poucos anos, como Hemingway e à Hemingway e como o nosso JCP na mesma idade, pôr fim a todas as cenas com um tiro nos cornos, sem dor nem piedade. Nem com a Amerika e o futuro que retratou nas suas últimas famosas palavras:

Os EUA estão a esfrangalhar-se rapidamente. Deu-lhe finalmente o amok a esta em tempos orgulhosa nação de desordeiros e putas e do American Way que está efetivamente Fora de controle e não irá recuperar-se. A pilhagem, a batota, o roubo e o falhanço tiraram o país dos eixos, do seu orgulho, do seu êxito e da sua segurança. Os fundos do Tesouro acabaram-se e o mercado de ações nunca se recuperará, as nossas tropas no Iraque nunca mais voltarão. Você não vai arranjar emprego, nunca mais. Os seus filhos irão beber água suja até ao fim da vida. Você irá perder a sua casa e toda a sua poupança. Nunca irá conseguir aposentar-se e até mesmo deixar de trabalhar, e será um servo, mais um serviçal de uma dessas enormes e anônimas e eternamente beligerantes corporações globais que irão governar o mundo por motivos e lucros próprios.

- Lapidar em todos os sentidos. Apesar de muito louco, Hunter S. sempre teve os pés bem assentes no chão, nunca foi de embandeirar em arco, ao contrário, sempre de uma causticidade e de um pessimismo impressionantes. Terra arrasada, sem futuro, mais um bravo soldado de uma causa perdida que se esvai.

- Também sou muito receptivo à posição mais pés no chão de cépticos irredutíveis tipo a leopardiana de Giacomo, que rezou nos seus *Opúsculos*: *A natureza da imaginação humana leva a formular maior e melhor conceito dos pósteros do que dos contemporâneos. Mas, pelo contrário, acredito no oposto e tenho por certo o provérbio que diz que o mundo envelhece piorando.* Huxley também disse a sua sobre o tema: *O charme da história e a sua lição enigmática consiste em que de uma era para outra nada muda e no entanto tudo é totalmente diferente.*

- *Eppur si muove...*

- E sendo ponto assente que a Lei & Ordem em quadrantes como os do Brasil é a da tanga cada vez mais exígua olhando-se para Portugal de um prisma estritamente *c'treite*, a ver o que muda e quanto muda o panorama, também se pode chegar à síntese deste e-mail que recebi de Frida há anos e que me reporta a tempos que,

esses sim, não deveriam perpetuar-se como espectros de passados intragáveis:

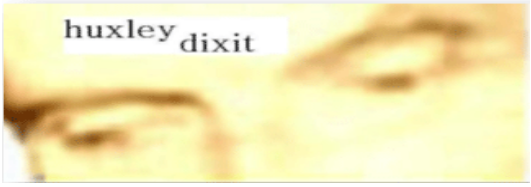
Aqui, por causa do défice vai tudo raso, no bom e velho gloomy portuguese mood *dos tempos cavaquistas. Andamos todos quilhados, deprimidos, à boa maneira esquizofrônica portuga.*

- Só dos tempos cavaquistas?! E qual deles? De todo o modo alguns perderam mesmo o eléctrico do século XXI, que está mais para hip-fado ou fado-hop que fado-canção.

ERA UMA VEZ A REVOLUÇÃO

Apêndice 2

Rumo às ilhas da utopia II



De uma das ilhas da utopia, a nossa ilha dos tesouros, qual Mr. Livingstone da mente no alvorecer da era cósmica, o infatigável Aldous Huxley partiu para uma longa jornada vida fora ao redor do mundo e dos mundos.

A terra da dama eletroacústica e a ilha envolta pelo nevoeiro imaginada pela dama eletroacústica são a ilha do visionário do Surrey, a utopia que se pode captar em sobrevoos psicadélicos, por exemplo, mas não viver em pleno, porque imaterializável – sonho de Atlântidas, Ítacas, Utopias, Lilliputs, Nações de Woodstock; fantasia da terra do nunca, talvez a maior das sonhadas pelo homem; o paraíso em vida, dentro de nós e em tudo ao redor.

A sua trajetória compõe uma das histórias mais fascinantes do século XX – do racionalismo científico e da revolta contra o espartilho moral vitoriano à consciência cósmica e à defesa da abolição da distinção entre 'alta' e 'baixa' cultura no ocidente, ou da prevalência qualitativa de uma sobre a outra, e a proposta de irmana mento delas com outras culturas numa contracultura pro natura, ou filosofia perene. Talvez a *história do século de todas as revoluções.*

Rumo às ilhas da Utopia

- Da Teoria à Prática Ou Vice-Versa

Primeiro levantamento global profundo e alargado do Movimento (pop, pop art, contracultural) do género em português a partir da vida e obra de Aldous Huxley.

DA REVOLTA ANTIPURITANA AO PARAÍSO REENCONTRADO

Aldous Huxley

E A HISTÓRIA DA PSICODELIA

Outros trechos

O progresso é a realização das utopias

- Oscar Wilde

Não há lugar para o sonho nem maneira de realizar o progresso ideal de Wilde através da realização das utopias?

Estamos em 1962 e os jovens não querem nem ouvir falar de tal hipótese, estando precisamente a começar a viver o sonho psicodélico. Huxley preocupou-se inclusive em deixar claro que a sociedade de Pala não é – em termos estritamente políticos - uma comuna, mas para eles é sim uma mega-comuna e em *A Ilha* o autor aponta para um modelo de reorganização neotribal de feições arcaicas. Com palavras de ordem como 'aqui e agora' e a imensidão e mansidão de um Buda e do taoísmo, uma religião não castradora, nenhum sentido de Estado e uma ética em que o trabalho seja também motivo de prazer por se estar a produzir para a coletividade e não apenas algo que se faz porque é preciso, como já sonhava Thomas Morus há quinhentos anos.

Vão construir as suas Palas a que chegarão nos *Woodenships* de David Crosby e Stephen Stills, viver o sonho, como atesta Laura Huxley: 'Nos anos sessenta as pessoas [estão] explicitamente tentando recriar o mundo à imagem da sociedade em Pala. [Usam] psicodélicos para inspiração e [estão] abandonando o excesso de materialismo e palmilhando o caminho de regresso à terra.'

A Ilha junta-se nos escaparates a um número crescente de livros a apontar o novo caminho, como *The Joyous Cosmology* (A Cosmologia Alegre), de Alan Watts, e *The Psychedelic Experience* (A Experiência Psicodélica), a tradução de Timothy Leary e do seu ex-aluno Ralph Metzner do inglês vitoriano para o inglês moderno do chamado *Livro Tibetano dos Mortos*. *A Ilha* estará entre eles e os livros de Hermann Hess nas mochilas dos novos nómadas que passam a deambular aparentemente sem rumo pelas estradas do mundo ou dos viajantes de *regresso à terra*. A América mudou muito desde a publicação de *As Portas da Percepção*, na alvorada do psicodelismo. Negros mobilizam-se em número crescente contra o segregacionismo nos estados do sul. Estudantes americanos organizam-se para defender esses direitos civis (como o acesso à Universidade de estudantes negros, proibido nalguns estados) e lutar por reformas nos seus estabelecimentos de ensino para que deixem de ser sucursais do mundo inócuo e hipócrita da casa paterna que James Dean também rejeita em *Rebel Without a Cause*, o épico de Nicholas Ray.

No início da década de sessenta os estudantes manifestam-se contra o serviço militar obrigatório e a iminência da segunda guerra em que o poder branco se apresta a se envolver em dez anos para lutar contra um povo amarelo com o suposto objetivo de defender do comunismo a terra que roubou ao povo vermelho. Em 1961 morre no Vietnã do Sul o primeiro soldado norte-americano, membro de um contingente de dois mil 'conselheiros de segurança' enviados àquele país pelo novo presidente, John Kennedy, que assumira o poder rodeado de expectativas de uma nova era para a América e para a humanidade. Mas o que se assiste é à prossecução da política agressiva de Harry Truman e Dwight Eisenhower, com a confirmação de que os EUA entraram para ficar na Indochina enquanto a CIA treina e arma refugiados cubanos para uma tentativa frustrada de invadir Cuba e cercar o

seu novo governo, liderado por Fidel Castro, que nacionalizou as empresas americanas (hotéis e casinos), levando ao rompimento das relações dos EUA com aquele país. No Verão de 1960 milhares de estudantes deslocam-se a Havana para prestar solidariedade aos castristas, que pouco mais de um ano depois declaram-se de tendência marxista-leninista, o que leva Cuba a sofrer um bloqueio político e econômico imposto por Kennedy.

Cuba, os direitos civis dos negros e manifestações pacifistas contra a construção de abrigos antiatômicos e a eventualidade de uma escalada bélica no Vietnã são temas das reuniões e manifestações promovidas por um número crescente de organizações estudantis fortemente politizadas, como a Students for a Democratic Society (SDS), da Universidade de Berkeley. Paul Krassner, um dos seus fundadores, lança em 1961 o jornal *The Realist*, o primeiro de uma onda que em poucos anos irá formar uma rede de centenas de órgãos da chamada imprensa alternativa, ou *underground* (subterrânea). Com a adesão de Cuba ao bloco soviético, a URSS começa a montar uma base de mísseis nucleares na ilha a dois passos da Flórida. A crise causada pela descoberta dos mísseis faz com que o mundo desperte de vez para a ameaça de uma guerra nuclear. *There's coming a shitstorm* (uma tempestade de merda está a caminho), dirá o romancista Norman Mailer.

Assiste-se por outro lado a um notável recrudescimento da guerra às drogas. Por iniciativa do governo norte-americano, 133 países (entre os quais Portugal) assinam em março de 1961, em Nova York, a Convenção Única sobre Estupefacientes da ONU. Pelo tratado, os signatários comprometem-se a exercer rigorosa vigilância sobre a produção e o consumo de 108 substâncias naturais ou sintéticas e a erradicar o cultivo de algumas plantas de que se extrai drogas, como o ópio, a *coca* e a *cannabis*.

Mas esse é apenas mais um dia negro antes da nova manhã que se anuncia.

'Víamo-nos como antropólogos do século XXI a habitar um módulo montado nalgum lugar nas eras negras dos anos sessenta. Nessa colônia espacial tentávamos criar um novo paganismo e uma nova dedicação à vida enquanto forma de arte.' Para prosseguir as suas pesquisas psicocósmicas e promover o uso do LSD, em 1961 Timothy Leary funda com Richard Alpert a revista *Psychedelic Review*, a primeira publicação totalmente dedicada ao assunto. Afastados de Harvard ambos os psicólogos criam também a Fundação Internacional para a Liberdade Interna (IFIF) e planejam manter a sua sede no México, mas após dois meses de intensos estudos com cogumelos em Zijuatanejo, próximo a Acapulco, o governo local pede-lhes que se retirem para não serem expulsos do país. De regresso aos EUA, os dois psicólogos instalam-se numa propriedade de quatro hectares perto de Nova York, onde dão novo nome ao seu projeto, League of Spiritual Discovery (L.S.D. – Liga da Descoberta Espiritual). Entre as três etapas, Leary começa a propagar o mais famoso entre os muitos slogans e trocadilhos inspirados com que irá alicerçar a sua reputação de 'guru do LSD': *Turn On* (Ligue-se), *Tune In* (Sintonize-se), *Drop Out* (Abandone o sistema).

Entre os muitos personagens que frequentaram o Projeto de Drogas Psicodélicas Leary relembra uma mulher que entre os anos turbulentos de Harvard e os meses posteriores à abertura da L.S.D. protagonizou uma das histórias mais enigmáticas – e potencialmente belas - da afinal tão trágica era Kennedy. Mulher em vias de divórcio do diretor da CIA e sobrinha do secretário do Interior do governo americano, Mary Pinchot Meyers é amante de John Kennedy quando decide encontrar-se com o psicólogo para comunicar-lhe que figurões de Washington estariam interessados em experimentar drogas psicodélicas e que ela mesma estava muito empenhada em fazer 'em grande escala' o trabalho que Leary realizava com os estudantes: 'usar a droga para libertar as

pessoas'. Um projeto 'para a paz, não para a guerra. Poderemos *ligar* o Gabinete. *Ligar* o Senado. O Supremo Tribunal', resumiu. Uma proposta aterradora, pensou Leary de imediato. 'Mas ao reflectir melhor pareceu-me que era algo muito próximo do que nós, *harvarditas*, nas horas vagas, a arquitetar preguiçosamente futuros esperançosos, já tínhamos aventado como um dos objetivos da pesquisa psicodélica. Olhei-me no reflexo na janela: um homem de quarenta e dois anos a ser atraído para um complô feminista destinado a *ligar* os líderes do governo dos Estados Unidos na ideia da paz mundial.'

Ao que se conta, Mary não só fez com que Kennedy fumasse *cannabis* em plena Casa Branca como, graças aos auspícios de Leary, convenceu-o a tomar LSD com ela no seu *studio* – e o John Fitzgerald Kennedy que se teria revelado aos americanos em discursos públicos e aos colaboradores mais próximos, com imprevisíveis projetos pacifistas, anunciados e iniciados logo após a(s) primeira(s) experiência(s) psicodélica(s), era um homem um ano mais velho que Leary talvez disposto a ficar na história como um Mahatma Gandhi da política norte-americana, caso o mestre indiano da não-violência e do pacifismo tivesse também sido estadista. Fala-se no início de manobras para um diálogo direto entre Washington e Havana e no esboço de um projeto do presidente norte-americano para a assinatura de um tratado de não-proliferação de armas nucleares com a URSS – no sentido oposto ao da estratégica montada pelos 'falcões' do seu gabinete para a escalada militar no Vietnã como compensação pelas 'frustrações' da reviravolta política no quintal cubano.

Se John Kennedy seria ou não o presidente que ficaria na história como o homem que fez a residência oficial do presidente e sede do governo de Washington passar a chamar-se Casa Psicadélica nunca se saberá, porque com o seu assassinato em Dallas, Texas, no dia 22 de dezembro de 1963, e o de Mary Pinchot Meyers, em Georgetown, distrito de Washington, pouco menos de um ano depois, foram postas duas lápides de mármore de Carrara sobre o assunto. Há quem lembre, a propósito deste episódio tão obscuro, a frase do presidente cubano no dia seguinte à morte de Kennedy, segundo a qual ela teria sido obra da CIA, prontamente rechaçada por Washington como uma tirada propagandística de baixo nível.

O vice-presidente Lyndon Johnson assume o cargo falando na necessidade de união dos americanos em torno dos valores morais e éticos em que se funda a Grande Sociedade estadunidense. A gozar com isso um grupo de jovens 'bem' da região de São Francisco decide chamar o seu grupo de rock The Great Society. Em poucos anos a vocalista da banda, Grace Slick, fica famosíssima cantando com o Jefferson Airplane. Há quem diga que no dia do assassinato de Kennedy nasceu a contracultura.

Contracultura que, à boa maneira, começa com protestos. Após um ataque vietcongue a navios da marinha do seu país, Johnson ordena o envio da primeira grande leva de tropas para o Vietnã. A guerra tem início lá longe mas também na retaguarda. Imediatamente os estudantes, sobretudo da progressiva e já muito psicodelizada área de São Francisco, desatam a queimar cartões de incorporação militar e, em imitação dos negros na campanha pelos direitos civis do final dos anos cinquenta, a promover manifestações em que no final abancam em *sit-ins* frente aos postos de recrutamento e clubes militares na tentativa de convencer os sargentos a abandonar os serviços de incorporação e os militares em geral a desertar em massa. Em 1964, Malcolm X decide abandonar a organização Muçulmanos Negros e juntar-se a outros jovens activistas da sua raça na fundação do que em breve tomará as ruas, praças e universidades como o Partido dos Panteras Negras. Registram-se motins no gueto de Harlem, em Nova York. Há uma intensa mobilização pelos direitos cívicos dos negros nos estados do sul partindo da inscrição de eleitores, da organização das comunidades locais e da abertura de escolas livres de segregacionismo racial. *Não há um problema negro, e sim um problema branco* – reagem os líderes Black Panthers à tentativa dos governos federal e estaduais do sul de dar a volta à questão.

Com o acirramento do processo, também as universidades passam a ser palco de constantes motins, apesar da atitude por princípio pacífica dos estudantes. A proibição de toda a atividade política no campus de Berkeley leva à formação do Free Speech Movement, que ocupa as instalações da universidade até readquirir o direito à liberdade política e de expressão nas suas instalações. Por todo o lado os estudantes protestam também contra a abertura de cursos superiores de reciclagem de ex-

combatentes (GIs). Com a intensificação da luta o movimento estudantil pacifista e pelos direitos civis cinde-se em várias frentes, umas neo-marxistas-leninistas, outras trotskistas e uma a destoar de todas, podendo-se talvez caracterizá-la como de feições anarco-hippies, chamada Yippie (Youth International Party, Partido Internacional da Juventude, ou Festa Internacional da Juventude, como os seus fundadores também pretendem ver entendido o termo *party*). R. U. Sirius, Paul Krassner, Jerry Rubin e Abbie Hoffman, os seus líderes, irão marcar os próximos anos de Movimento político-comportamental psicodélico e contracultural, cujas premissas estéticas são praticamente as mesmas que Huxley expõe em *A Ilha*, Mozart (nem sempre, nem por princípio) à parte. É a Nova Esquerda que nasce. São os jovens americanos em marcha no maior movimento de rebeldia juvenil de sempre, seja nos seus aspectos pacifistas como nas propostas de reorganização social claramente influenciado pela 'nova visão' proporcionada pelas drogas psicodélicas.

Nos campi como em todos os cantos, porque nas ruas e nos campos há um cada vez maior número de hippies, trajados de todas as formas, feitios e cores, com roupas dos tempos dos avós, bisavós e tataravós, batas, camisas e calças indianas, cabelos cada vez mais compridos, sorrisos abertos nos lábios e... flores nos cabelos. Haight-Ashbury, a conjunção de duas ruas que dão nome a um quarteirão de São Francisco, parece uma grande feira renascentista. Ali fez base uma organização cultural e de voluntários chamada Diggers (Cavadores) que por um lado agita as ruas com música e um tipo de teatro ambulante a que chama teatro de guerrilha e, por outro, presta auxílio aos hippies que, ainda na alvorada do psicodelismo, já andam a cair pelos cantos de tanto exagero em viagens de LSD. Chega-se a temer que, pela sua origem clandestina, muitas das pílulas que tomam nem sejam de ácido lisérgico mas compostas por outras substâncias, nomeadamente estriquinina. Pesquisas idôneas entretanto realizadas irão demonstrar a baixa incidência de falsificações e adulterações – sendo embora os possíveis danos sempre elevados -, apesar da informalidade de todo o processo de industrialização e comercialização do produto, que fez do pioneiro Owsley III um milionário antes de ir parar à cadeia e deixar o negócio a outros, que o expandem cada vez mais.

Dois dos seus ex-colaboradores, Tim Scully e Nicholas Sand, tornam-se conhecidos como os 'alquimistas do Brooklin' ao

abrirem um laboratório clandestino naquele bairro de Nova York e lançarem para a América e o mundo a famosa série de pílulas de ácido *Sunshine*.

A pioneira distribuição à escala nacional de LSD nos EUA dera-se através da organização Brotherhood of Eternal Love (Fraternidade do Amor Eterno), nascida de uma comunidade hippie que adotou o nome pelo qual São Francisco começa a ser igualmente conhecida e que também faz fortuna com a importação de haxixe do Afeganistão.

A demanda da população mais jovem por marijuana, haxixe e psicodélicos é cada vez maior. Drogas são parte essencial do seu revolucionário estilo de vida. Não precisam de esforçar-se muito para compreender que a medicina moksha pode ser muito salutar, se bem usada e com a cabeça a postos, embora muitos nem entendam muito bem o que andam a fazer e onde querem chegar. Já idosa, Anaïs Nin talvez se contorça na cadeira de balanço, talvez não: quem sabe lance a essa juventude *transviada* que vê desfilar na TV um sorriso de compreensão, como o também já velho ex-companheiro Henry Miller, o ícone *gauche* da chamada Geração Perdida, hoje retirado em Big Sur, próximo ao epicentro desses acontecimentos tão bizarros, e a quem Aldous Huxley prestou um tributo indireto ao escrever um depoimento em sua defesa em mais um dos processos por atentado ao pudor de que a maior parte da sua produção literária foi alvo. Aldous Huxley, enfim, se está a ver o que se passa e sabe que Timothy Leary foi detido e condenado a cinco anos de prisão após ser apanhado com a família na posse de um quilo de *cannabis* na fronteira com o México talvez esteja a dar voltas ao...

Em 1965 o Congresso aprova uma lei que proibe o uso de substâncias psicodélicas, pondo mais uma pá de hipocrisia e cinismo sobre um assunto que continua a ser tratado pelas autoridades com tanta leviandade quanto ignorante preconceito. Ou nem isso, mas preconceito de cínico por saberem e sabermos que ao fecharem com uma mão as vias legais, com a outra estão a abrir e a abrir-se às ilegais, com o potencial de corrupção ativa e passiva e concussão inerentes. Nada mais cabal talvez quanto a este ponto que a história de Lucky Luciano, preso havia vários anos por chefiar o tráfico de opiáceos na região de Nova York e

libertado depois de pôr a máfia siciliana a abrir caminho à invasão de Itália pelos Aliados na II Guerra Mundial. Ou recordar a péssima lição da Lei Seca, que permitiu a consolidação do poder mafioso de Al Capone e a corrupção de boa parte da corporação policial, de agentes do fisco e do aparelho judiciário da América.

Intelectuais e cientistas empenharam-se a fundo numa campanha para levar o Congresso a desistir da inclusão dos derivados do fungo de centeio e do cacto mexicano na lista de substâncias proibidas. A campanha contra a proibição gerou uma série de documentos históricos como *Request For a Public Hearing* (Solicitação de Uma Audiência Pública), de Richard Alpert, e os testemunhos do trabalho até então realizado por pesquisadores como o psicólogo checo Stanislav Grof ou os psiquiatras Humphrey Osmond e Bernard Aaronson, que escreveram em *Psychedelics and the Future* (Os Psicodélicos e o Futuro), capítulo final do livro *Psychedelics*, publicado em 1970:

'Esses homens e mulheres mais velhos que exercem autoridade moral e estrutural ... chamados coletivamente *Establishment* estão há anos alarmados com os psicodélicos. Enquanto isso, sempre no centro de todo o movimento anti-*Establishment*, os jovens impetuosos correm atrás deles com o ardor e a ousadia de Romeu e Julieta. A nossa relação com esta outra faceta controversa do conflito de gerações começou há quinze anos quando um de nós, após uma noite conturbada, estava de pé a mexer um copo de água no qual cristais brancos e prateados dissolviam-se sob uma superfície oleosa. Seria a dose suficiente ou demasiado grande? Estava inquieto: ficaria desapontado se nada acontecesse, mas o que aconteceria se a mescalina tivesse um efeito demasiado forte? E se ele derramasse metade do conteúdo do copo no vaso ao lado da mesa? Não descartou a possibilidade, ainda que remota, de encontrar um pequeno mas significativo nicho na história literária como o homem que levou Aldous Huxley à loucura. ...

'Quinze anos depois da visita do autor mais velho [desta coletânea de ensaios] a Hollywood a caixa de Pandora foi inesperadamente aberta. Não importa quanto se lhes avise, os *establishments* sempre são surpreendidos e, quando se apercebem de que alguma coisa está errada, o mais das vezes agem precipitadamente, sem pensar muito ou sem tomar cuidado, acabando por transformar uma inconveniência de somenos

importância e até possíveis benefícios numa catástrofe. Houve muitos avisos de que os psicodélicos poderiam ser facilmente distribuídos. Não era preciso ser-se profeta para prever isso, porque a história demonstra que o homem tem sido um experimentador inveterado de químicos, normalmente derivados de plantas, que o tornam mais feliz e vivaz ou alteram a sua percepção ou o seu estado de consciência. ...

'Antes de planejar e aprovar legislação implementando novos procedimentos de vigilância teria sido mais sensato aquilatar a utilidade de tais ações e ponderar se atividades de polícia não teriam consequências inesperadas, tão más ou piores que os males remediados. ...

'Uma das consequências mais notórias da proibição nos anos vinte foi a da desobediência à lei por parte de quem não pensava que tomar álcool fosse imoral, mesmo que se tivesse tornado ilegal. ... É um preço alto a pagar por um benefício social no mínimo duvidoso. ...

'[O]s homens perseguem há milénios [caminhos para a auto transcendência] com grande persistência e numa grande variedade de formas, das torturas auto infligidas a privações e à ingestão de substâncias perigosas. Drogas são apenas um dos muitos caminhos possíveis para se atingir a auto-transcendência e que de modo algum pode ser considerado o mais condenável do ponto de vista médico.

'Desde os tempos mais remotos os psicodélicos são vistos como estranhos e sagrados e fazem parte de grandes cerimônias religiosas. Perduram há tanto tempo e têm tido tanto interesse para a humanidade como o álcool, que com o advento da agricultura moderna tornou-se de mais fácil acesso. Por outro lado, a *cannabis* tem sido usada há muitos séculos. O interesse dos Índios por drogas sobreviveu à força bruta da Inquisição Espanhola. Tais substâncias têm grande interesse para a psicologia e a psiquiatria e há ... um grande número de provas da sua utilidade terapêutica. ...

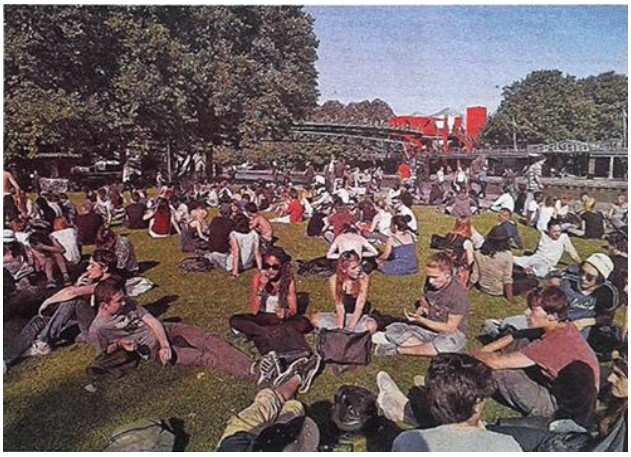
'O que fazer agora que o erro já foi cometido? Sociedades em que existe a experiência psicodélica, seja qual for o modo de atingi-la, têm quase sempre uma espécie de cerimônia de iniciação, muitas vezes do tipo religioso, centradas em focar a

experiência expandida de modo a levar o participante a identificar-se com a sua sociedade e a ter apreço por ela.

'Nos Estados Unidos, de momento, apenas os índios têm permissão para usar psicodélicos com fins religiosos, a que chegaram graças a uma obstinada coragem. Mesmo os cínicos que não são completamente míopes podem entender que as religiões perseguidas frequentemente espalham-se com mais rapidez e tornam-se mais atraentes em tempos de mudança. A perseguição, ainda que com a louvável intenção de preservar a saúde, deverá ter consequências inesperadas. Na sua história moral *A Ilha* Aldous Huxley discutiu estes assuntos e ilustrou-os com conhecimento, alto grau de percepção, sagacidade e delicadeza em que tinha poucos rivais. ...

'[O] *Establishment* terá de decidir se desaprova os químicos que produzem a experiência ou a experiência em si mesma.

'As consequências da experiência psicodélica pela maioria ou mesmo por uma minoria substancial de uma população pós-industrial, em termos sociológicos, psicológicos, políticos ou a outros níveis, tendem a afetar muito mais a sociedade que uns quantos passeios espaciais para heróis e heroínas cuidadosamente selecionados.'



Paris, 2013, trinta e tantos anos depois, ainda l'appel du 18 joint – a permanência de questões da sociedade hipócrita. Foto AFP

O ex-aluno de teoria literária Ken Kesey é um autor de grande sucesso no ano da proibição dos psicodélicos, graças ao seu

romance semiautobiográfico 'Voando Sobre um Ninho de Cucos'. Muito mais radical que Leary, aplica parte do dinheiro ganho com os direitos autorais do seu best-seller na compra de ácido lisérgico para distribuí-lo gratuitamente em cerimônias-festas de iniciação ao psicadelismo que pretende realizar América fora. Funda uma comunidade hippie a que chama Merry Pranksters (Gozadores Espirituosos), apenas mais um nome bizarro entre os da constelação de comunas que despontam por todo o país e particularmente no berço da contracultura, a região de São Francisco. Para propagar o seu culto pela estrada fora, Kesey compra um autocarro escolar em cujo tecto instala um palco para o grupo de rock da comunidade, Warlocks, animar as festas. Antes da partida os Gozadores pintam o veículo de várias cores com tinta fosforescente, no estilo dos cartazes e murais afixados e pintados nas paredes de teatros e salões de baile como o Fillmore e o Avalon, onde grupos como os próprios Warlocks e Great Society exibem-se em sessões de música psicodélica, envoltos por nuvens de fumo de cannabis enquanto o público viaja com LSD.

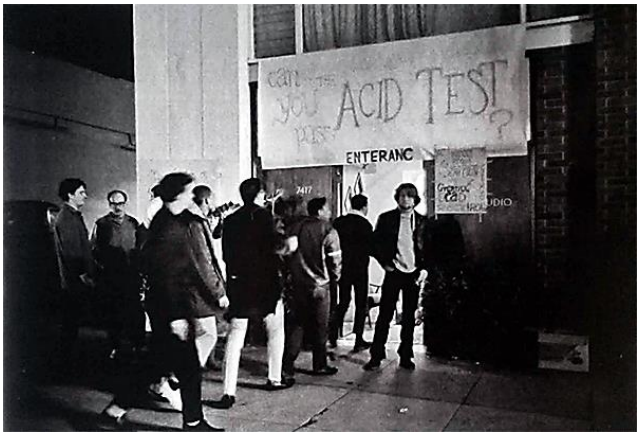
O ônibus psicodélico parte para a grande viagem de costa a costa. Objetivo, porque estamos em 1965 e Leary ainda não foi preso na fronteira com o México: Castalia, o novo nome da fundação de promoção do uso de psicodélicos do 'guru do LSD', inspirado no da guilda de matemáticos que está no centro da trama do misto de utopia e distopia de uma sociedade controlada por sábios criado por Hermann Hesse no romance *Magister Ludi: O Jogo das Contas de Vidro*.

De tão intensas e seminais, pois após a pioneira comunidade de Leary e o seu *set and setting* na região de Cambridge, Massachusetts, é a de Ken Kesey que estabelece os padrões de moda e estilo de vida das novas comunidades em geral, as aventuras e desventuras dos Gozadores Espirituosos renderam pelo menos três bons 'subprodutos': Grateful Dead, futuro nome dos Warlocks, e os romances-reportagens *Elektric Kool-Aid Acid Test* (Teste de Ácido do Refresco Elétrico), de Tom Wolfe, e *Hell's Angels*, de Hunter S. Thompson, que desponta para afirmar-se com Wolfe como um dos grandes mestres do chamado 'novo jornalismo' (Thompson chama ao dele *gonzo*) através de uma das melhores publicações da imprensa alternativa, o quinzenário *Rolling Stone*, também de São Francisco.

Janeiro de 1967. O jornal *The Oracle* convoca os jovens de São Francisco para o primeiro *Human Be-In* (Estar *Dentro* - 'na onda' - Humano) no parque de Golden Gate, do outro lado da baía. Entre dez a vinte mil pessoas comparecem à primeira *Gathering of Tribes* (Reunião de Tribos), em que se apresentam grupos da corrente tipicamente são-franciscana do *psychedelic* ou *acid* rock, como os já notórios e infalíveis Jefferson Airplane e Grateful Dead ou revelações como Big Brother and the Holding Company. O acontecimento torna-se um marco, ao abrir o parque para uma série de manifestações do gênero que ajudarão a difundir a ideia de que a cidade vive um *Verão do Amor*, quando em Monterey, a dois passos de Big Sur, tem lugar o primeiro grande festival de rock, em que se revelam duas das figuras mais importantes do *psychedelic rock*, Janis Joplin, a vocalista do grupo Big Brother and the Holding Company, e Jimi Hendrix, embora este se revele um Niccolò Paganini da guitarra elétrica e criador de um estilo próprio.

Na estação das flores californiana uma das faixas mais tocadas nas estações de rádio de FM, que formam uma rede de transmissão de *música alternativa*, como alternativa é a cultura disseminada pelos jornais alternativos para as comunidades alternativas, é *Love Me Two Times*, de um grupo chamado The Doors.

The Doors, por quê? – Quem nunca até à data ouviu falar de Aldous Huxley passou a conhecê-lo de nome e a procurar conhecer a sua obra, porque o nome vem do mergulho do cantor do quarteto, Jim Morrison, no 'mundo do heroico' de William Blake, que inspirou o mestre do BNW. O cantor e letrista era estudante de cinema da Universidade da Califórnia em Los Angeles quando ouviu falar nos testes gratuitos de drogas alucinógenas, em que se iniciou a assinar as fichas de cadastro com pseudónimos como Fred Nietzsche e Arthur Rimbaud. 'Vamos criar mitos', disse ao organista Ray Manzarek quando decidiram formar o grupo, ou assim reza a lenda.



Criar mitos é o que mais fazem os grupos e solistas do género, que é a máxima expressão da era eletrônica e do psicodelismo, e que no ano do *Verão do Amor* leva o maior fenômeno de massas de sempre, os Beatles, a lançar o maior hino explícito ao LSD, L*ucy in the* S*ky With* D*iamonds*, no LP *Sgt. Pepper's*, em cuja capa Peter Blake põe Huxley quase ao lado de Mae West, Tim Leary abaixo dele e mais próximo deles, além de um certo Aleister Crowley, Edgar Allan Poe e muitos outros seres bizarros.

Pode-se dizer que as bandas de rock são os primeiros agrupamentos alternativos da contracultura a ter sucesso. O rock é sem dúvida uma expressão do efeito galvanizador que certas drogas podem exercer sobre a capacidade criativa de quem as usa. Não transformam nenhum zé da esquina em gênio; dão sim uma nova visão do mundo a quem se predispõe a tê-la, intensificam a captação de sensações *do Outro Mundo*, dão mais luminosidade aos versos, acordes e solos e mais brilho aos dotes naturais ou adquiridos de quem os tinha ou adquiriu.

A contracultura é a expressão da *nova visão* que se vislumbra do outro lado das 'portas' que elas abrem e que, do seu descobridor a Cary Grant e Leary, iniciados de inegáveis competência e seriedade nas respectivas áreas de atuação

artística e cultural apontam como uma das maiores qualidades das drogas psicodélicas. Que dão, sim, uma visão mística da vida-cosmos, não importa se com ou sem Deus. Acentuam aspectos da sensibilidade humana pelos quais o instinto é o da vida (Eros) e não o da morte (Thanatos), da paz e não da guerra e da união do homem com os seus semelhantes e a natureza, como o então não-iniciado Huxley pressagiava ao escrever sobre a sonhada *New Pleasure* e veio a comprovar. Remetem, sim, ao *drop out*, ao rompimento com o materialismo rasteiro e vil, com as regras do 'jogo da vida' que, nos anos sessenta, mesmo quem não é artista rebelde recusa-se a jogar, com a milenar sociedade patriarcal e, a partir dele, à restauração da sociedade de parceria, ao regresso ao arcaísmo ancestral e à natureza para se tentar fazer tudo de novo. Rompem com a visão cega do caminhar às escuras para o abismo da sociedade pós-industrial, acendendo uma luz lá de trás, do ponto mais distante da história e do universo (os Rolling Stones falam em dois mil anos-luz longe de casa), a iluminar o caminho das energias naturais e inesgotáveis, não de jazidas de matérias-primas usadas como fontes de energia poluentes e a exaurir-se.

De onde parte essa luz? Da Clara Luz do Vácuo e das mesmas fontes de onde Huxley começou a perfazer o seu, se quisermos, descaminho. De todas elas e mais algumas. De onde quer que venham informações que a Eterna Inquisição nos veda. Base teórica é o que não falta: na filosofia de Herbert Marcuse, por exemplo, mais um europeu foragido do nazi-fascismo e americanizado e que por si só poderia servir de alicerce ideológico sistemático para essa nova consciência, porque ao contrário de Huxley nem renega totalmente Marx nem quase todo o Freud, deles atualizando algumas análises da era industrial e da sociedade ocidental para formular nomeadamente o conceito de 'repressão excedente', que seria o que 'determinado grupo ou indivíduo' impõe aos outros 'para se manter e realçar numa posição privilegiada', baseada em 'escassez, necessidade e constrangimentos irracionais'. Marcuse que caracteriza a 'manada' de Huxley de unidimensional, prisioneira da sociedade de consumo e incapaz de escapar aos seus instrumentos anestésicos, e que, já com a cabeleira toda branca, apoia esses jovens que conclamam a humanidade a um regresso em massa à sociedade de parceria primordial para escapar ao desastre e que buscam o que o filósofo caracteriza como uma erotização da vida, em que o corpo sim é que é um bom objeto de investimento, e que

segundo ele por si só poderá levar à desintegração das instituições.

Pelas suas premissas transculturais, com a contracultura pela primeira vez a América vê-se a dar uma volta ao mundo, o que se configura como de enorme importância num país que por natureza sempre viveu fechado sobre si mesmo. Volta ao mundo e ao universo que o filósofo Henry David Thoreau, tido como precursor do pensamento hippie, dizia fazer no século XIX sem sair do seu refúgio num bosque do estado do Maine, mas que agora assume também um sentido literal. Muitos jovens americanos seguem o roteiro prescrito numa das suas 'leituras de mochila', a de Hermann Hesse em 'Viagem ao Oriente' - 'algures a leste do Suez, ao longo da Rota do Haxixe para a Índia... Unidade cósmica, um curso de estudantes universitários de um ano no estrangeiro, conhecido familiarmente como O Grande Passeio Cerebral, o Expresso do Oriente', na definição de Timothy Leary. Serviços de imigração europeus registam um fluxo permanente de dez mil jovens 'desgrenhados' a caminho do Médio Oriente e da Índia, a refazer o roteiro de Hesse e Huxley. Em 1966 noventa mil adolescentes são dados como desaparecidos nos EUA, segundo um relatório da polícia federal norte-americana. Um par de anos depois estima-se em dois milhões o número de habitantes de comunidades hippies, cujas valores básicos são o amor, a solidariedade e a paz. 'Faça amor, não faça a guerra', é o seu lema. O que mais se vê pelas estradas do mundo são polegares ao alto de jovens cabeludos a pedir boleia e o antigo sinal de vitória de Winston Churchill transformado em sinal da paz.

'A proposta implícita' do estilo hippie é a de 'prolongar a liberdade e o espírito de brincadeira da infância na idade adulta:

fazer da cultura uma cultura da juventude', consideram Lester Grinspoon e James B. Bakalar, que em *Psychedelic Drugs Reconsidered* (Uma Reinterpretação das Drogas Psicodélicas) fazem um resumo dos pressupostos gerais dessa *cultura da ingénua idade*, que rejeita 'as definições sociais estabelecidas de razão, progresso, conhecimento e mesmo de realidade' e proclama 'o abandono do egocentrismo e da compulsão da visão tecnológica do mundo'. A sociedade americana é para ela 'um pesadelo em ambiente de ar condicionado, desumanizada e comercializada, essencialmente conformista nos seus costumes e princípios morais, hipócrita em termos de religião e homicida e repressiva no âmbito político, que tornou as drogas psicodélicas libertadoras ilegais e não reprime o álcool e a nicotina escravizadores'. 'Detergente mental' que purgaria a psique, dando origem a um renascimento espiritual o LSD inspira e anima os jovens a ensaiar uma nova forma de comunidade e um novo estilo de vida, argumentam os ensaístas, que dão uma ideia muito concreta de como o pensamento de Huxley se propaga na década psicodélica.

No *Verão do Amor* de 1967, num dos seus *happenings* mais famosos, Abbie Hoffman mais uma vez abusou da liberdade poética ao dizer que fez levitar a sede do Departamento de Defesa durante uma manifestação pela paz em Washington registrada por Norman Mailer no livro *Os Degraus do Pentágono*. Mas nem tudo foram flores mesmo naquele ano, e menos ainda em 1968, quando a rebelião jovem atinge quase todos os quadrantes do mundo ocidental e em Praga chega ao fim uma Primavera política à qual não terá sido alheia a visão alargada que o LSD e/ou outras substâncias terão dado a alguns líderes da resistência antissoviética e que irá ainda refletir-se quando Vaclav Havel chama à revolta que finalmente faz desabar a Cortina de Ferro na Checoslováquia de Revolução de Veludo em homenagem aos Velvet Underground e nomeia Frank Zappa, um dos baluartes da cultura psicodélica, embaixador itinerante do seu país.

Michael Holligshead, o responsável pela iniciação de Tim Leary no LSD, funda o World Psychedelic Center em Londres, uma das capitais europeias da pesquisa médico-científica com psicodélicos e que através de múltiplas iniciativas revolucionárias nos mais variados campos da cultura torna-se uma das sedes mundiais do psicodelismo. Graças à coragem e ousadia de gente como

Holligshead, aos jovens que lançam as chamadas rádios piratas, que emitem de barcos ancorados fora das águas territoriais do Reino Unido, a publicações *underground* como o jornal *International Times* e em grande parte também ao papel galvanizador dos Beatles, a Inglaterra passa a ser o principal braço europeu do Movimento e Londres torna-se a *Swinging City*. Os Pink Floyd revelam-se e entram para a história do *psychedelic rock* e da arte *multimedia* ao apresentarem um espectáculo em que o cenário é uma tela em que são projetados slides e filmes de super-8 'psicodélicos', num dos concertos de rock produzidos no âmbito das históricas jornadas do Congresso sobre Dialética da Libertação, realizado no Teatro Roundhouse com a participação de remanescentes da geração *beat* inglesa, a dos chamados *angry young men* (rapazes irados), misturados aos seus herdeiros na revolta contra as Instituições Estabelecidas da sociedade ocidental, como os antipsiquiatras Ronald Laing e David Cooper.

Por toda a América intensificam-se os confrontos entre manifestantes que exigem a 'Paz Agora' e a polícia. Em pouco mais de quatro anos cerca de trinta mil soldados norte-americanos morreram no Vietnã. Os conflitos por ocasião de uma grande manifestação realizada em Chicago após a convenção do Partido Democrata para a escolha do seu candidato às eleições presidenciais, e em que o pré-candidato que prometia o cessar-fogo imediato foi derrotado, são os mais sangrentos da era rebelde, com cerca de trezentos feridos entre manifestantes e efetivos da Guarda Nacional. Sete membros dos partidos Yippie e Weathermen, promotores da manifestação, foram presos. No calor da luta, Jerry Rubin ameaça pôr LSD na rede de abastecimento de água da cidade. No âmbito do processo político gerado pela batalha de Chicago Abbie Hoffman foi chamado em duas ocasiões para ser interrogado no Congresso. Numa delas apareceu acompanhado de um grupo de bruxas e fantasiado de índio; noutra vestido de Pai Natal.

Os Panteras Negras adoptam a luta armada e o mesmo acontece com o grupo Weathermen. A palavra de ordem é matar para não morrer na luta contra o imperialismo e o racismo yankees na sua própria terra. Um comando das Weatherwomen, braço feminino dos Weathermen, protagoniza uma das mais espectaculares ações armadas do período: a libertação de Timothy Leary da prisão em 1970. Um ano antes realizara-se o megafestival de Woodstock, em que segundo os seus promotores

cerca de meio milhão de pessoas, na maior reunião do género, viveram três dias de paz e amor e segundo outras versões viveu-se apenas um fim-de-semana de paz e lama. Os barcos de madeira da utopia psicodélica afundaram nas poças formadas pela chuva que se abateu sobre a quinta de Max Yasgur, onde se realizou o festival, nos exatos momentos em que para os média nascia a Nação de Woodstock.

O sonho acabou, decretou John Lennon dois anos depois de Woodstock no obituário da era da utopia: *No fundo as coisas não mudaram. Apenas vestimos roupas mais vistosas e coloridas e há muita gente de cabelo comprido passeando. Os mesmos pulhas, as mesmas pessoas de sempre continuam a mandar em tudo.*

Porque acabou? Porque numa jornada que deveria ser de total dissolução dos egos proporcionada pelas drogas psicodélicas também a cena contracultural subterrânea, no acender das luzes da ribalta da pós-modernidade, por natureza a era da informação, foi dominada pelo egoísmo *muito impróprio*, segundo Theodore Roszak, de personagens de ponta como Timothy Leary. Que não passarão todavia de meros bodes expiatórios. *A revolução será feita a brincar ou não se fará em hipótese alguma*, escreveu Abbie Hoffman, que desempenhou muito bem o papel de misto de ativista anti-intelectual e palhaço da contracultura enquanto ela durou. Disse também para não se confiar em ninguém com mais de trinta anos. A sua hora chegou. O que mais se diz neste início dos anos 70 é que os tentáculos do sistema rapidamente assimilaram e transformaram a contestação e rebeldia juvenil em mais um produto comercial. *A própria insatisfação social e o espírito de revolta dos adolescentes tornaram-se mercadoria*, diz o belga Guy Débord, autor do ensaio *A Sociedade do Espetáculo* e inspirador de uma das correntes (a)políticas do pós-Maio de 68, a Internacional Situacionista.

Ao dar um contorno moral para o que na verdade era um ódio sem forma definida ao sistema a guerra do Vietnã foi um fator decisivo para a explosão do Movimento em tempos de serviço militar obrigatório, consideram alguns dos seus protagonistas. Com a guerrilha de Ho Chi Min a resistir bravamente a um dos exércitos mais poderosos do mundo Washington vê-se obrigada a procurar uma saída 'honrosa' para o conflito em negociações de paz iniciadas em 1969. Na expectativa da paz, a que ainda não se

chegou, uma geração que acabou de crescer e amadureceu numa guerra externa contra o comunismo e interna pela paz começa a se desmobilizar, e também debilitado pela morte ou prisão de muitos dos seus líderes o Movimento perde fôlego até extinguir-se.

A luta contra os vietcongues externos e internos foi das mais penosas e os órgãos de repressão recorreram a todos os meios para vencê-la, segundo algumas denúncias chegando a espalhar heroína – uma 'arma branca' - pelos guetos para dar o golpe fatal no Poder Negro. Uma das maiores preocupações dos ativistas e de parte da imprensa alternativa no auge do Movimento foi a de alertar para o perigo do abuso de drogas duras e de barbitúricos, anfetamina e metadrina, cada vez mais disseminado entre os jovens. A propagação de drogas laboratoriais estimulantes dá origem a um dos muitos subgrupos que surgem no final da 'década dos psicodélicos', o dos *Speed Freaks. Speed Kills*, é outro dos slogans de alerta dos grupos de ativistas, como o Partido White Panthers, criado em Detroit por John Sinclair, cuja condenação à prisão por posse de marijuana gera um movimento cívico contra a criminalização da cannabis e em prol da sua libertação apoiado por John Lennon.

A proibição de drogas leva à proliferação de novas redes de tráfico e à expansão de uma outra categoria socioprofissional clandestina, a do *dealer* ou passador, até então circunscrita ao submundo mafioso, com a imediata reprodução na chamada sociedade alternativa da que Roszak caracteriza como uma *caricatura criminosa do ethos comercial americano.*

Foragido à Interpol em Argel e depois na Suíça e totalmente deslocado em relação a qualquer ponto de referência na nebulosa das correntes desestruturadas do que restou do Movimento Psicodélico Timothy Leary finge sonhar com um psicodelismo ainda imbuído do espírito e dos princípios éticos e morais dos ingénuos primórdios ao prescrever e recomendar: *O desafio do dealer é o de não só o seu produto ser puro e espiritual mas ele mesmo representar a luz humana que encarna. Assim, nunca comprem droga, nunca adquiram o sacramento de alguém que não tenha as qualidades a que vocês aspiram.*

A partir do acaso ou da manifestação do *Espírito da Era* na descoberta do LSD-25, a revolução psicodélica – pela própria natureza sem linha programática nem bases organizacionais – poderá também ter sido obra do acaso ou de uma combustão espontânea provocada pela propagação daquele mesmo *Espírito*, por um lado dando sinais de uma nova consciência cósmica em oásis como a quinta de Yasgur, no estado de Nova York (meio milhão de jovens amontoados por três dias sem nenhum tipo de policiamento e sem produzir nenhum incidente grave), por outro a refletir as patologias da 'grande sociedade' lyndon-johnsoniana e da 'maioria silenciosa' nixoniana (abuso de drogas, violência, *ego-trips* ou manifestações místico-dementes como as da sempre lembrada seita de Charles Manson). Segundo Theodore Roszak a própria *frouxidão organizacional* da chamada Nova Esquerda é *o preço que o movimento de contracultura paga por perseguir o ideal da democracia participativa.*

Na América como em França, por exemplo, tais grupos são em grande maioria apolíticos ou antipolíticos e valorizam acima de tudo a desorganização, o não-dogmatismo e a criatividade na busca de novos modelos de vida e de organização social, pela análise de Charles Reich, outro scholar que como Roszak tenta produzir uma leitura ampla e aprofundada das causas e possíveis influências da contracultura na vida cultural e política da sociedade pós-industrial. A conclusão a que se chega entretanto é a de que uma revolução que almeja a 'morte da política', como defendem grupos nascidos com os movimentos estudantis norte-americano e do Maio de 68 francês, não acontece por milagre e de um momento para o outro, como exige o Living Theatre em *Paradise Now*. Tanta utopia só iria resultar de uma lenta e gradual expansão da nova consciência de uma para outras ilhas de excelência até ganhar o mundo, conforme o prognóstico de Aldous Huxley.

O abuso e a confusão de resultados levaram ao fim da busca da ilha da utopia de Huxley, considera a sua viúva, Laura, para quem *não se pode simplesmente drop out e esperar que tudo mude. Aldous escreveu em* A Ilha *sobre como os jovens, num ritual de puberdade, são levados para as montanhas e iniciados na medicina moksha. O seu professor pergunta: vocês vão desfrutar desta experiência como desfrutariam de uma noite num espetáculo para depois voltarem à rotina habitual? A resposta não está no*

assombro de um dia, mas em encontrar valor e assombro nos atos de cada dia.

Ken Kesey dissera o mesmo de outra forma a Tom Wolfe já no alvorecer da revolução psicodélica: *A minha mensagem aos hippies é a de que o LSD pode ser a porta para a abertura da mente a novos domínios da experiência mas muitos deles usam-no apenas para sair e voltar pela porta, sem tentar aprender algo com isso.*

As lutas da época eram por um modo de vida mais livre e saudável, mas os mecanismos neurotizantes reagiram e o resultado é o que se vê: uma sociedade ainda mais doentia, resume o cronista brasileiro Luís Carlos Maciel, ampliando e atualizando o leque e os termos de análise do fenômeno.

É tempo de guerra fria e o maniqueísmo impera. Para os mais velhos, rock (uma grande indústria), rebeldia (contra a direita e a esquerda tradicional) e propagação do uso de drogas, as três componentes básicas do Movimento dos anos 60, são novas formas subculturais de alienação da juventude ou então as mais recentes e perigosas armas do poderoso arsenal propagandístico do imperialismo norte-americano para desestabilizar o comunismo.

No alvorecer da aldeia global, em que os meios de comunicação de massa começam a romper barreiras nacionais e intercontinentais, a contracultura configura-se como uma filosofia perene unindo Ocidente e Oriente e Norte e Sul numa linguagem transcultural, a partir do inglês, o esperanto do mundo sob o domínio anglo-saxônico. A cultura ocidental passa a absorver filosofias de vida e disciplinas banidas por quase dois milénios de obscurantismo católico e mais de dois séculos de racionalismo mecanicista europeu, como as chamadas ciências ocultas, esotéricas ou paranormais, o xamanismo e a cultura oriental. Tai shi shuan, aikido, shiatsu, I Ching, Tarot, budismo zen, ioga, Tantra, mandalas, o bruxo Don Juan de Carlos Castañeda, Hare Krishnas, teosofia, a terceira visão de Lobsang Rampa, (sempre) Gurdjieff e Ouspensky, astrologia, quiromancia, meditação, música de Ravi Shankar, incenso, patchouli... Europa e Américas são agora um hipermercado do exótico e do esotérico. O conceito huxleyano de *Suchness of the world* (a mais pura

essência do mundo?) é aplicado em outras áreas além da religião e o mundo parte à descoberta de traços comuns ou compartilháveis das mais diferentes culturas, numa busca cósmica de união na pluridiversidade.

Pelo progresso tecnológico e pelo passo em frente da psicodelia, a aldeia global nascente torna-se espaço de cultivo de (novas ou antigas) ideias perenes, que equivalem a um pulo de Guliver em Lilliput em termos comportamentais, provocando cortes definitivos com anacrônicas instituições seculares e instituindo princípios de liberdade e igualdade entre raças, sexos e credos, bem como uma profunda mudança no relacionamento do homem com a natureza. Quase nenhum campo da atividade humana passa incólume pela onda da nova consciência huxleyana: o movimento de antipsiquiatria gerado e reforçado pelo ativismo de Ronald Laing, David Cooper, Thomas S. Szasz, Franco Basaglia e outros psicoterapeutas visionários, por exemplo, pôs fim à ideia de que louco não é gente como a gente e de que a psiquiatria poderia continuar impunemente a ser o que sempre fora (e que de certo modo ainda continua a ser) - mais uma arma do sistema na repressão ao direito à diferença.

Em verdade, mal passada uma década parecia que os anos 60 tinham acontecido na época do nascimento de Huxley. De drogas psicodélicas, por exemplo, nem pó. Mas pó havia aos montes. Cada vez mais heroína e cocaína, a droga da eficiência que ajudou a polir as pujantes bolsas de valores interligadas por computadores na era de Thatcher e Reagan e do FIM DA HISTÓRIA de Francis Fukuyama.

No paraíso materialista neoliberal não há cá pano para sonhos e o lema é: quem busca a utopia traz consigo a barbárie. Os yippies foram substituídos pelos yuppies, com Jerry Rubin de terno e gravata como consultor de investimentos na mesma Bolsa de Valores de Nova York em que nos anos 60 queimara uma nota de dólar simbolizando a brusca transição da inocência para um pesadelo de Wall Streets em sessão dupla que abria com um filme série B do tempo em que Huxley chegou a Hollywood: Nancy e Ronald Reagan como atrações num filme de caubóis em que a dada altura surge um misto de presidente de república de bananas e poderoso traficante de cocaína ao serviço dos cartéis de Cali e Medellin a colaborar com a CIA na luta anticomunista

na América Central. Como nos anos 60, quando aeronaves militares americanas transportavam heroína do Triângulo Dourado para o Laos em troca da ajuda dos narcotraficantes locais na luta contra os vietcongues e os khmers vermelhos do Camboja.

Mas de onde vêm os computadores pessoais que interligam as bolsas de valores do novo Governo Global que caiu no colo de George Bush Pai, formatado por Reagan e pelo papa polaco, permitindo-lhe desencadear a II Guerra do Petróleo da Era Ford?

Do Vale do Silicone, na região de São Francisco, a eterna Fraternidade do Amor Eterno. Para Eric Davis, em Technognosis, por exemplo, não é pura coincidência que a era da tomada de consciência cósmica seja a da cibernética. O próprio termo PC foi criado por Stewart Brand, um ex-membro da comunidade Merry Pranksters que lançou em 1968 o Whole Earth Catalog, a primeira publicação alternativa tipo almanaque com anúncios de compra e venda de toda espécie de artigos de segunda mão, entre os quais, em pouco tempo, componentes de computadores.

Outra ponte do psicodelismo para a cibernética foi Steve Jobs, notório acidhead, budista e vegetariano, que associando-se a Steven Wozniak para construir e vender computadores numa garagem em Stanford, também na região de Frisco, deu origem e nome à nova Apple. Hippies saem na frente (da IBM), alardearam os jornais.

Escreveu Davis: Os modems forçam a abertura da 'válvula redutora' de Huxley para a entrada da Mind at Large (ou Mente Expandida). Computadores e media eletrônica estão a por todo o mundo na onda e o ciberespaço configura-se como a paisagem virtual, mutável da consciência mental coletiva. As libertadoras energias do êxtase, definidas como a explosiva expansão do self para além das suas amarras quotidianas e hipervalorizadas pelos ideólogos da contra cultura dos Sixties, são agora um dado tecnológico. Já em 1952 o visionário Humphrey Osmond chamava a atenção para as semelhanças entre a estrutura e a mecânica de funcionamento dos computadores e as do cérebro humano e dezesseis anos depois o mago da aldeia global Marshall McLuhan previu que o computador seria o LSD do mundo dos negócios. A palmilhar esses rastros, de Inimigo Público Número Um da era

Nixon à era Reagan Timothy Leary adaptou a sua política do êxtase à cibernética ao criar a Exo e depois a Info-Psychology, pela qual ela é mais um instrumento de reprogramação constante do cérebro a juntar às drogas psicodélicas.

O trabalho de pesquisa de Leary na busca de uma base de integração psique-cibernética associa-se com os projetos desenvolvidos a partir do estudo das novas ferramentas químicas num dos primeiros frutos do trabalho do Huxley, o Instituto Esalen, centro de estudos multidisciplinares que funcionava perto de Big Sur e que unia em palestras, debates e seminários e em projetos de pesquisa expoentes da ciência, literatura, arte e estudo das religiões. Com isso ele foi uma das bases de lançamento espacial das ideias transculturais, ou holísticas, da revolução psicodélica, que desembocaram na chamada Nova Era. Donde quem quer que com ele se envolveu ser o ponto de partida e de chegada dos ataques do neoconservadorismo imperante - que junta no mesmo saco a antiga direita e a ex-esquerda marxista-leninista messiânica, os discípulos de Alan Bloom e os ex-discípulos de Georg Lucáks - às heranças dos malfadados anos 60, que só lhe estão a atravancar o caminho da exploração ilimitada dos recursos naturais em nome do lucro fácil, mais as suas ideias de relativismo cultural e exploração racional da natureza, que quase puseram e ameaçariam a cada instante pôr a perder os seus velhos e bons valores éticos e morais.

As ideias de Huxley em relação aos mais diversos campos da atividade humana que estudou – política, educação, ciência, filosofia, artes, religião, ecologia, história... ele não deixou escapar quase nada - estão firmes e fortes no centro da polêmica gerada pela grande cruzada neoconservadora contra o espírito dos anos 60, pela ocupação do Iraque, a crise ambiental e a consolidação do poder hegemônico das corporações e contra as utopias que só levariam à barbárie.

Outro aspecto da questão é a própria Nova Era, cuja faceta mais evidente, a da velha exploração da ignorância nas questões do espírito pelo comércio, de livros de autoajuda a assessorias esotéricas pseudocientíficas, é em si mesma e apesar de tudo uma expressão da permanente necessidade do ser humano de desatar as amarras do jogo da vida materialista que continuamos galhardamente a jogar quase sem escapatória. A do Edward Said,

por exemplo, é a mesma do Huxley, a dizer que o Oriente precisa de uma revolução de secularização e o Ocidente de religiosidade. Mas daí a chamar Huxley de guru da Nova Era...

Continuamos nos anos 90 depois de Ford reféns da cultura contra natura e, claro, contra a própria natureza humana - o antigo pensamento de direita reforçado por muitos dos antigos partidários do socialismo real na defesa das instituições que, apesar de cada vez mais desacreditadas, parecem ter saído ainda mais fortalecidas das refregas dos anos 60. O ensino por exemplo, bem ao contrário das reivindicações do Maio de 1968, é cada vez mais um mero ramo de negócios da iniciativa privada, situando-se a uma ainda maior distância do ideal de Huxley de instrumento de elevação humana e não apenas de aprendizado de técnicas de sobrevivência na selva tecnológico-mercantilista. Por outro lado a guerra às drogas de múltiplas faces movida a partir de Washington fez do fenômeno de explosão do seu consumo, com o consequente aumento do tráfico, uma dos terrores do mundo moderno. O proibicionismo enriquece os traficantes e por tabela muitos representantes da lei e da ordem e do sistema financeiro que embranquece o seu dinheiro e o da corrupção.

Até Milton Friedman, mestre dos Chicago Boys, era favorável à legalização das drogas – o que segundo ele diminuiria a violência e levaria ao consumo de drogas leves em detrimento das pesadas.

Da profusão de micro pílulas ou papel embebido em LSD produzidos por laboratórios clandestinos europeus e americanos a partir dos anos 70 avançou-se para um consumo cada vez mais dilatado de drogas duras e os guetos americanos foram inundados de crack enquanto para muita gente as chamadas drogas leves passaram a ser como que a refeição do dia-a-dia, instrumento natural de combate ao stress ou ferramenta de auxílio à criatividade, por exemplo, e o banquete da medicina moksha psicodélica tornou-se um luxo até o seu relativo revivalismo, a partir dos anos 90, quando se dá a redescoberta da Me-ti-le-no Di-ó-xi-do Me-ta An-fe-ta-mi-na, MDMA, ou ecstasy, até então usada como moderador de apetite ou desinibidora de pacientes em psicoterapias. Hoje a onda prevalecente é a da excitação provocada por estimulantes químicos de neurotransmissores.

A problemática das drogas é só uma das facetas do jogo cínico dos algozes do Sistema, em pouco mais de um século a

transformar-se de questão de gosto, estética ou religião em mais um dos grandes flagelos da humanidade por conta de interesses políticos inconfessáveis, sendo hoje também uma questão de importância geoestratégica para o Império. Provam-no as pressões político-econômicas de Washington sobre governos de países como o Brasil para que escancarassem as fronteiras à grande guerra ao narcotráfico, potencialmente tão útil ao complexo industrial-militar e outros lobbies como a III Guerra do Petróleo da Era Ford no Iraque. Não vem ao caso que uma minoria relevante das populações consumidora de drogas viva uma semiclandestinidade em certos aspectos aterradora, pela ameaça que o seu hábito – e na maioria dos casos não dependência física ou psíquica – acaba por acarretar à sua integridade física e moral, pelo contato direto com marginais, nos bom e mau sentidos do termo, e os absurdos riscos de se ir para a cadeia ou poder-se morrer por ingestão de produtos adulterados. Os consumidores são apenas drogados que com a dependência alimentam essa entidade afinal sem rosto chamada narcotráfico. Nos EUA, onde se contabilizava mais de meio milhão de delitos ligados à posse de marijuana por ano até ao ano 2000, instituiu-se o direito de confiscar todos os bens de quem tivesse uma plantaçãozeca de cannabis na sua propriedade.

O uso da cannabis para fins terapêuticos já é permitido em alguns países mas o mundo continua a desperdiçar os benefícios comprovados das drogas psicodélicas em psicoterapia e no tratamento de pacientes terminais, a que pode ajudar diminuindo a angústia pela iminência da morte, como a Huxley, que morreu em viagem. As pesquisas sobre os benefícios terapêuticos do LSD e da psilocibina ficaram praticamente no ponto em que estavam à época da sua proibição nos EUA. Mas o estudo etno-antropológico dessas e de outras substâncias evoluiu muito graças às pesquisas de campo feitas a partir de levantamentos históricos e ensaios sobre o trabalho de psicólogos, psiquiatras e teólogos por pesquisadores como Terence McKenna e Jeremy Narby. Viagens em si mesmas visionárias que nos levam às origens da vida e da sociedade humana e sem exceção acabam no ponto de onde sempre se parte: que desde sempre o homem procurou nas drogas, como escreveu William Wordsworth, um entendimento de algo mais profundamente interligado - um dos versos mais citados por Huxley quando escrevia sobre essa constante histórica de meticulosidade estarrecedora - e que é nas drogas que ele encontra um dos elos mais fortes com a sua natureza.

Encontramos recentemente na grande rede uma dica a esse propósito: Como o telescópio é ilegal não podemos pedir às pessoas para olharem através dele, diz um dos terapeutas que consideram os enteogênios os instrumentos mais corretos e instantâneos para se entender o modelo racional da morte do ego e que lamenta que até hoje a cultura ocidental só os tenha experimentado sob uma severa combinação de supressão legal, tabu cultural, estúpida ignorância, desinformação, mentiras, distorção e poderosa antipropaganda pelo Establishment.

Na carta que enviou com uma cópia de *A Ilha* ao que chamava de descobridor original da medicina moksha, Huxley dizia a Albert Hofmann: *Espero que este e outros trabalhos do gênero resultem no desenvolvimento de uma verdadeira História Natural da experiência visionária, em todas as suas variações, determinadas por diferenças de estrutura física, temperamento e profissão, e ao mesmo tempo de uma técnica de Misticismo Aplicado – uma técnica para ajudar indivíduos a aproveitar ao máximo a sua experiência transcendental e para usar os insights no Outro Mundo nos assuntos deste mundo. Meister Eckhart escreveu que o que se obtém pela contemplação deve ser devolvido em amor. É essencialmente isto o que se deve desenvolver – a arte de doar em amor e inteligência o que se obtém da visão e da experiência de autotranscendência e solidariedade com o Universo...*

Hofmann acompanhou a sua participação numa conferência sobre superpopulação, recursos naturais e escassez de alimentos que se realizou em Estocolmo dois meses antes da sua morte e recordou-a da seguinte forma:

Huxley propôs a exploração e aplicação das capacidades ocultas e ainda inexploradas do ser humano. Uma raça humana com mais capacidades espirituais altamente desenvolvidas, com consciência expandida da sagacidade e da incompreensível maravilha do ser, teria também uma maior compreensão e maior consideração pelas fundações biológicas e materiais da vida na terra. Sobretudo para a população ocidental, com a sua racionalidade hipertrofiada, o desenvolvimento e expansão de uma profunda experiência emocional da realidade, desobstruída de palavras e conceitos, seria de grande significado para a evolução.

Até hoje ideias do subterrâneo.

A obra de Huxley choca pela inadequação aos padrões vigentes no seu tempo como na atualidade, quando seria ainda mais evidente que só há uma via para o futuro entre as que apontou: a do *Admirável Mundo Novo*, embora com tantas câmeras de vigilância ao redor ainda pareça que estejamos no rumo de uma organização político-social orwelliana, ou a de *A Ilha*. Em tempos de opressão e desordem neoconservadora assistimos também a um revivalismo do espírito da era do neoarcaísmo psicodélico. Após décadas de estudos sobre a natureza e a história das relações humanas com as drogas Terence McKenna passou a defender a atualidade das propostas de Huxley em *A Ilha* e dos hippies ao sustentar que o único caminho possível para a humanidade é o do chamado revivalismo arcaico, que acabe com a cultura de domínio patriarcal e reinstaure a que Riane Eisler, em *O Cálice e a Espada*, definiu como sociedade de parceria – que era o que no fundo se procurava reinstaurar naqueles tempos.

Para a maior parte do Establishment intelectual, nos seus últimos anos de vida como na atualidade, Aldous Huxley foi um lamentável caso de mutação que levou um dos mais brilhantes pensadores do século XX a tornar-se um tipo estranho e excêntrico que exagerou no envolvimento com drogas e cultos bizarros. Chega-se ao ponto de dizer que o que ele propõe em *A Ilha* são técnicas de condicionamento bárbaras e que Pala representa uma ditadura tremenda porque nela todos são obrigados a ser felizes. As prontas reações de escárnio ao seu último romance levaram-no a escrever: *Divertindo-se com Cogumelos – é assim que um crítico arruma o assunto. Mas o que é melhor: Divertir-se com Cogumelos ou ter Idiotia com Ideologia, Guerras por causa de Palavras, Desfeitas Futuras por Descréditos Passados?*

No último trabalho publicado em vida Huxley faz um resumo dos seus pontos de vista em relação à experiências mística e visionária para chegar à sua 'profecia' sobre a aplicação das drogas psicodélicas no desenvolvimento psíquico e intelectual de indivíduos com capacidade para servir de agentes de uma gradual transformação da sociedade. Segundo ele, através da experiência psicodélica os indivíduos envolvidos no processo poderão partir de um estado de 'consciência estética e visionária' para um outro, mais aprofundado, de 'consciência mística'.

O mundo é então visto como uma diversidade infinita que é ainda uma unidade e o contemplador sente-se um com a infinita Oneness que se manifesta, totalmente presente, em todos os pontos do espaço, a todo o instante, no fluxo do perecimento perpétuo e da perpétua renovação. A nossa consciência normal condicionada pela palavra cria um universo de distinções acentuadas, preto ou branco, isto e isso, eu e você e aquele. Na experiência mística de ser um na Oneness existe uma reconciliação de opostos, uma percepção do Não-Individual nas individualidades, uma transcendência das nossas ainda problemáticas relações sujeito-objecto com coisas e pessoas.

Para um indivíduo em estado de consciência normal a frase 'Deus é Amor' não é mais que 'um pedaço de uma racionalização positiva de um desejo', mas 'para a consciência mística é uma verdade em si mesma', considera.

'Mudanças tecnológicas e demográficas de uma rapidez sem precedentes aumentam paulatinamente os perigos que nos rodeiam**'**, pelo que 'um treino amplo na arte de derrubar tapumes culturais é agora a mais urgente das necessidades', defende, antes de se/nos interrogar**:**

Pode um treino desse tipo ser acelerado e tornar-se mais efetivo através do uso judicioso dos fisicamente inofensivos psicodélicos hoje disponíveis?

Como deveriam ser usados os psicodélicos? Em que condições, com que tipo de preparação e acompanhamento?

Segundo ele, 'tais questões devem ser respondidas empiricamente, através de uma experiência em larga escala.'

[N]um mundo com um aumento populacional explosivo, em precipitado avanço tecnológico e de nacionalismo militante, o tempo à nossa disposição é muito limitado. Devemos descobrir, e descobrir muito rapidamente, novas fontes de energia para suplantar a inércia psicológica da nossa sociedade, melhores solventes para dissolver a nossa grudenta tacanhez de um estado mental anacrônico.

Indivíduos envolvidos num processo de desenvolvimento do seu potencial psíquico e intelectual com a ajuda de substâncias alteradoras de consciência 'deveria[m] tornar-se apto[s] a adaptar-

se melhor à sua cultura, rejeitando os seus males e o que nela haja de estúpido e irrelevante, aceitando com gratidão todos os tesouros do aprendizado acumulado, de racionalidade, interioridade humana e sabedoria prática. Se o número de tais indivíduos for suficientemente grande, se a sua qualidade for suficientemente alta, eles poderão estar aptos a passar do estágio da perspicaz aceitação da sua cultura para o de uma perspicaz mudança e reforma.'

Será isto um esperançoso sonho utópico?, pergunta-se/nos Aldous Huxley, para arrematar:

A experiência poderá dar-nos uma resposta, porque o sonho é pragmático; a hipótese utópica pode ser testada empiricamente. E nestes tempos opressivos uma pequena esperança não é seguramente uma visita indesejada.

Pela via do misticismo e das drogas psicodélicas Huxley transitou de uma longa temporada no inferno da cegueira, dos tabus vitorianos, do racionalismo e dos horrores da primeira e segunda grandes guerras para a perspectiva da união do homem com a (sua) natureza numa existência cósmica que em verdade nenhuma sociedade humana poderá almejar, como testemunhou com a destruição de Pala pelo lobby da indústria petrolífera, numa das suas memoráveis antevisões do futuro próximo, que logo se revelaria também o do revivalismo arcaico – que de Samuel Usque e Rousseau a Henry David Thoreau e Huxley é um sonho que não morre – e da psicodelia, ou seja, do advento da consciência cósmica previsto por Richard Bucke.

No dia da sua passagem, horas depois da morte do J. F. Kennedy, nascia a contracultura, diz-se. Mas das tribos nômades a J. Cristo, Rousseau e Huxley a contracultura sempre existiu. Fato sempre negligenciado pelos seus biógrafos mas evidenciado até pela reação irada de intelectuais da velha guarda como Thomas Mann à sua obra a partir de *The Doors of Perception*, Huxley é um mestre da contestação da cultura contra natura ocidental e – talvez malgré lui-même – da contracultura, vale dizer, da cultura pro natura de todos os seres e coisas. Do inferno do Governo Mundial do Admirável Mundo Novo a um Magical Mistic Tour e à sua Pepperland, Pala (que se a viva então em sonhos), do racionalismo atávico a uma tão desaustinada que se

diria insana busca da iluminação pela via mística e à revelação cósmica das drogas psicodélicas, ele cumpriu uma das trajetórias mais excêntricas do século XX, incorporando e destrinchando os seus paradoxos e contradições, o que fez dele um dos seus mais emblemáticos e paradigmáticos protagonistas e um modelo para o século XXI.

Veja e leia mais trechos do relato em

DA REVOLTA ANTIPURITANA AO PARAÍSO REENCONTRADO

Aldous Huxley

E A HISTÓRIA DA PSICODELIA

revoluciomnibus.com/AFomeNoHuxley.htm

https://revoluciomnibus.com/AFomeNoHuxley.htm

MÚSICAS a trilha sonora de

ERA UMA VEZ A REVOLUÇÃO

https://www.revoluciomnibus.com/Era-Uma-Vez-A-Revolucao-playlist.html

playlists no youtube @revolucomnibus3128

www.youtube.com/channel/UC_vbXMhIink6E9Tznqi1hFA

Por dentro e por fora em Londres
Terra da dama eletroacústica

Medo atraso e rock nas berças

Era uma vez a revolução

Droga loucura e vagabundagem
Era uma vez as revoluções

veja mais sobre estes e outros papos em

revoluciomnibus.com

so listen to the rhythm of the gentle bossa nova

narrativas de rock estrada e assuntos ligados

Conteúdo:

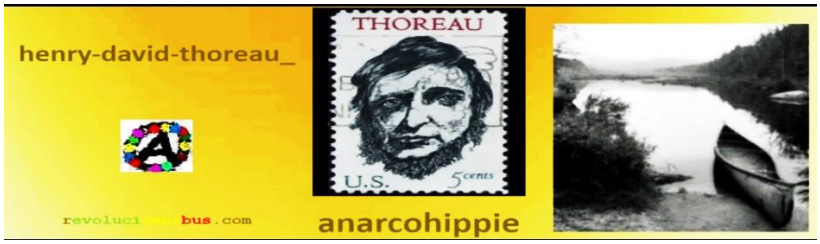
Soft Machine (Robert Wyatt+Kevin Ayers) Jimi Hendrix DeWoodstock ao McRock Frank Zappa 1969 Fleetwood Mac 50 anos de flower power 1970 Robert Crumb Bob Dylan Joni Mitchell

Playlists

Van Morrison Jefferson Airplane Loudon Wainwright III Laura Nyro Stevie Wonder Tyrannousaurus Rex Randy Newman Al Kooper

https://revoluciomnibus.com/POP.htm

https://www.revoluciomnibus.com/CONTRACULTURA.html



https://www.revoluciomnibus.com/Henry_David_Thoreau.html

https://revoluciomnibus.com/Era%20Uma%20Vez%20I%20Flower%20Power%20BR.htm

DE WOODSTOCK AO McROCK

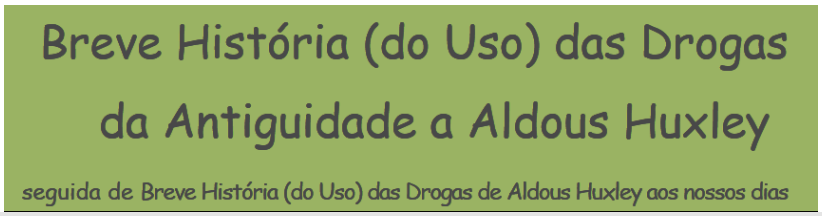
50 anos de Flower Power e MAIO DE 68

1968

os muros proclamam um velho ideal de cidade e cidadania

https://www.revoluciomnibus.com/Z%20Maio%20de%2068%20ITALIA.htm

https://revoluciomnibus.com/TheBeatGoesOn1.html



https://revoluciomnibus.com/BreveHistoriadasDrogas.htm

Barrela - A Parada

Das Drogas e Prisões

https://revoluciomnibus.com/NTBarrela.htm

E ouça John Peel no youtube trechos da carreira desde Radio London e o primeiro Top Gear na Radio One da BBC em outubro de 1967 ao último show em 2004, na mesma estação, entrevistas e documentários sobre ele e dele, um gentleman avant l'être que de 1967 a 2004 mantém-se actualizado com o que há de melhor em quadrantes até bem distantes de Londres

ponto de partida|starting point:

Playlist "John Peel" no canal

Youtube/revoluciomnibus

revoluciomnibus.com

d'après foto de Luís Torres Fontes 1974

INDICE

Onomástico bibliográfico histórico cinematográfico iconográfico musical e temático

d e m o n s t r a t i v o d e t e m a s e c i t a ç õ e s

arquitetura astronomia artes plásticas cinema

contracultura esoterismo dança drogas arquitetura

desporto HQ economia história jornais & revistas

literatura locais: cafés, pastelarias, bares, restaurantes,

cinemas medicina moda música: angolana, bolero, cabo-verdiana, chilena, cubana, de concerto, contemporânea, francesa, indiana, italiana, jazz, moçambicana, popular brasileira, portuguesa, rock, tango política rádio/rádio

pirata religião & misticismo tauromaquia teatro TV

Por dentro e por fora em Londres

Can´t find my way home

Gilberto Gil Back in London

John Walters by phone

Jim Morrison vivo e bem entre os wai-wai

poP! so listen to the rhythm of the gentle bossa nova

Cannabis na floresta das iniciações: as aventuras de Jimi Sawyer e Ed Finn na floresta

Éramos assim absurdos em 1967

Top Gear

Rádio Pirata

Groupie

Chelmsford além dos madrigais

Chelmsford Civic Hall

Liverpool St. Station: skinheads

Minha atitude em geral é de êxtase contido

Nos Peel Acres

After Bathing at Buxton´s

Festivais – rock festivals

Grace Slick in Wonderland

Down and out

Huxley Leary Lennon

Boom boom the british are here

Rumo a Sunderland e Northumberland

poP! so listen to the rhythm of the gentle bossa nova

"Fumar"

Para Bath

Festivais – rock festivals

The cover of Rolling Stone

morre Jimi Hendrix

Terra da Dama Eletroacústica

Radio on Hyndford St.

Lady D´Arbanville

Radio days

Portugal: primavera marcelista

Goin´ back

Let it be

Regresso às raízes

April Sun

Beat

Hippies

poP! so listen to the rhythm of the gentle bossa nova

Medo atraso e rock no grotão

Rock no grotão – Vilar de Mouros 1971

Jimi Morrison morre: a síndrome J 27

Ten Years After Coliseum

Camden Town

Oval under the sun

Gong Kevin Ayers Soft Machine

Cam Bridges

Vladimir Nabokov

Pimlico Irish Coffee

Easy Rider

Clandestinidade – notas do subterrâneo

Portugal: primavera marcelista – estertores

Retrato da América Negra – Angela Davis Last Poets

República

Androginia

Cascais Jazz 1973

Boemia

Os músicos da noite

Zecafonso

Ariel ou o Anjo Azul

Era uma vez a revolução

Portugal: 25 de Abril de 1974

Rádio Renascença

Portugal: 1º de Maio de 1974

Portugal: 28 de Maio de 1974

4 de Julho

Portugal: 28 de Setembro de 1974

Eloith e o destino

Clearlight

Sintra

Portugal: 11 de Março de 1975

Drogas: dissertação

Mad e in Lisbon

Homulher

Verão quente

Angola

Droga Loucura e Vagabundagem

Anaïs

Freak Brothers

Diamond Dogs

They drive by night

Portugal: 25 de Novembro de 1975

a lou

cura aqui

a loucura

agora

uma estação no inferno

Lisboa-Marselha-Paris

França longe de Maio de 68

And When I Die - Laura Nyro

Anaïs

Orange

Casa Nostra

Festa de arromba

U2 + Sun Ra – Vilar de Mouros 1982

Da Teoria à Prática Ou Vice-Versa

Rumo às ilhas da Utopia

Aldous Huxley

Regresso às raízes

Cuba

Vietnã

direitos civis

Guerra às drogas

Psicadélicos

Contracultura

Era uma vez as revoluções

Thatcher, Reagan e o FIM DA HISTÓRIA

Wall Street

Guerra às drogas

Hunter S. Thompson

arquitectura

Gaudí y Cornet, Antonio

Wood, John (pai e filho)

astronomia

Hubble, Edwin

artes plásticas

Bosch, Hieronymus

Dali, Salvador

Friedrich, Caspar David

Gauguin, Paul, *Noa Noa*

Henriques, Lagoa

McMacken, David B.

Pellizza, Giuseppe, *La Fiumana*

Picasso, Pablo

Ray, Man

Rockwell, Norman

Steadman, Ralph

Warhol, Andy

cinema

Aimée, Anouk

Allen, Woody, *Radio Days*; *Play it Again, Sam*

Altman, Robert, *M*A*S*H**

American Graffiti (Loucuras de Verão), filme de George Lucas

Antonioni, Michelangelo, *Blow Up*

Bacall, Lauren, *Ter Ou Não Ter*

Beatty, Warren

Bertolucci, Bernardo, *O Último Tango em Paris*

Bresson, Robert, *Pickpocket*; *Le Diable Probablement*

Brooks, Richard, *Corações na Penumbra* (*Sweet Bird of Youth*); *Gata em Telhado de Zinco Quente*

Buñuel, Luís

C*abaret*, filme de Bob Fosse

Cagney, James

Carné, Marcel, *Les Visiteurs du Soir*

Casablanca, filme de Michael Curtiz

Cassavettes, John, *Minnie & Moskowitz* (*Assim Fala o Amor*)

Chaplin, Charles

Cooper, Gary

Cukor, George, *A Star Is Born*

Dean, James

Delgado, Noêmia

Diegues, Carlos, *Os Herdeiros*

Dietrich, Marlene

Dreyer, Carl F., *A Palavra* (*Ordet*)

Dunaway, Faye

E*asy Rider*, filme de Dennis Hopper

Eisenstein, Sergei, *Alexandre Nevski, Ivan O Terrível*

E Tudo o Vento Levou / E o Vento Levou (Gone With the Wind),

filme de Victor Fleming

Farrow, Mia

Fellini, Federico, *E La Nave Va*; *Amarcord*

Ferreri, Marco, *Dillinger è Morto*

Fonda, Peter

Frances, filme de Graeme Clifford

Freaks, filme de Tod Browning

Fritz the Cat, filme de Ralph Bakshi

Garbo, Greta

Gimme Shelter, filme de Albert e David Maysles

Godard, Jean-Luc, *Weekend*; *Pierrot Le Fou* (*Pedro, o Louco*); *Numéro Deux*; *Made in USA*

Gavras, Costa, *Z*

Guerra, Ruy, *Os Fuzis*

Harlow, Jean

Hawks, Howard, *Ter ou Não Ter* (*To Have and Have Not*)

Hayworth, Rita

Hepburn, Katharine

High Noon (O Comboio Apitou Três Vezes), filme de Fred Zinneman

Hiroshima, Meu Amor, filme de Alain Resnais

Hitchcock, Alfred, *Psycho*; *Spellbound*

Huston, John, *Freud*

Karloff, Boris

Kaye, Danny

Kazan, Elia, *Splendor in the Grass (Clamor do Sexo)*; *On The Waterfront*, *The Arrangement*, *Viva Zapata*

Kubrick, Stanley, *Doctor Strangelove*; *Lolita*, *Clockwork Orange*, *Paths of Glory*

Lafont, Bernadette

Léaud, Jean-Pierre

Lee, Bruce, *A Fúria do Dragão*

Lelouch, Claude, *Un Homme, Une Femme*

Let It Be, filme de Michael Lindsay-Hogg

Lopes, Fernando, *Belarmino*

Minelli, Liza

Minelli, Vincente, *Deus Sabe Quanto Amei* (*Some Came Running*); *Um Americano em Paris / Sinfonia de Paris*; *On a Clear Day You Can See Forever*, *Lust For Life* (*Sede de Viver, A Vida Apaixonada de Van Gogh*)

Mineo, Sal

Monroe, Marylin

Montand, Yves

Murnau, F. W.

Newman, Paul, *O Preço da Solidão / O Efeito dos Raios Gama Nas Margaridas do Campo*

Nicholson, Jack

O *Anjo Azul* (*Der Blaue Engel*), filme de Joseph von Sternberg

O Grande Gatsby, filme de Jack Clayton

Oliveira, Manuel de, *Aniki Bobó*

One Flew Over the Cuckoo's Nest, filme de Milos Forman

Penn, Arthur, *Bonnie & Clyde*

Pennebaker, D. A., *Don't Look Back, Monterey Pop*

Philippe, Gérard

Piccoli, Michel

Polanski, Roman, *Chinatown*

Price, Vincent

Ray, Nicholas, *Johnny Guitar*; *Rebel Without a Cause* (*Juventude Transviada*), *They Live By Night* (*Amarga Esperança*)

Redford, Robert

Reis, António, *Jaime*

Renoir, Jean, *French Can-Can*, *The River*

Robinson, Edward G.

Rocha, Glauber, *O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro* ou *Antônio das Mortes*; *Deus e o Diabo na Terra do Sol*; *Der Leone Have Sept Cabezas*

Roeg, Nicholas, *Aquele Inverno em Veneza*

Rossen, Robert, *Lilith*

Santos, Alberto Seixas, *Brandos Costumes*

Seberg, Jean

Sellers, Peter

Stevens, George, *Shane*; *Giant*, *A Place in the Sun*

Streisand, Barbra

Summer of '42, filme de Robert Mulligan

Tati, Jacques

Telles, Antônio Cunha, *Meus Amigos*

That's Entertainment, filme de Jack Haley Jr.

The Sting (Golpe de Mestre), filme de George Roy Hill

Truffaut, François, *O Menino Selvagem* (*L'Enfant Sauvage*); *Farenheit 451*; *La Nuit Américaine*, *Duas Inglesas e o Continente / Duas Inglesas e o Amor*; *Les Quatrecents Coups*; *Une Belle Fille Comme Moi*

U*n Soir Un Train*, filme de André Delvaux

Vasconcelos, António-Pedro, *Perdido Por Cem*

Vertov, Dziga

Walsh, Raoul, *White Heat (Fúria Sanguinária), They Drive By Night (Dentro da Noite)*

Welles, Orson, *A Guerra dos Mundos*

Wenders, Wim, *Asas do Desejo*; *O Estado das Coisas*; *Flasche Bewegung (Falso Movimento)*

West, Mae

Wood, Nathalie

Woodstock, filme de Michael Waldleigh

contracultura / esoterismo

Brotherhood of Eternal Love

Congresso sobre Dialética da Libertação, Roundhouse, Londres, 1967

Crowley, Aleister

Free Speech Movement

Gurdjieff, George Ivanovitch

Hoffman, Abbie, *Woodstock Nation; Revolution for the hell of it*

Krassner, Paul

Manson, Charles

Merry Pranksters

Rubin, Jerry

Sinclair, John

Sirius, R.U.

Students for a Democratic Society (SDS)

Weathermen

Weatherwomen

White Panther Party

Yippie (Youth International Party)

androginia e *transsexualismo*

Darling, Candy

astrologia

ecologia

Hell's Angels

hippies

índios

Bury My Heart At Wounded Knee, de Dee Brown; comanche; ianomami; kiwoa; navajo; Villas Boas, irmãos; Waiãpi

ioga

macrobiótica

mods

Nova Era

numerologia

parapsicologia

quiromancia/*I Ching/Tarô*

rockers

skinheads

telepatia

underground (cena)

xamanismo e mitos pagãos

drogas

Aaronson, Bernard, *Psychedelics and the Future*, com Humphrey Osmond, in Osmond, Humphrey, e Bernard Aaronson, *Psychedelics, The Uses and Implications of Hallucinogenic Drugs*, Doubleday & Company, Nova York, 1975

Acid Dreams, The Complete Story of LSD: The CIA, The Sixties and Beyond, de Martin A. Lee e Bruce Shlain, Grove Weinfield, Nova York, 1985

Alpert, Richard, *Request for a Public Hearing*, in *LSD*, Richard Alpert e Cohen, Sidney, The New American Library, Nova York, 1966

Barron, Frank

Bylinsky, Gene, *As Drogas do Futuro*, condensado de *Omni*, 1978, in *Propaganda* nº 7, Porto, janeiro 1979

Cohen, Sidney

Fontes, Luís Torres, com João Carvalho, *Uma Breve História da Cannabis em Portugal*, in Jack Herer, *O Rei Vai Nu*, Via Óptima, Porto, 2ª edição, aumentada, 2003

Haining, Peter, ed., *The Walls of Illusion – A Psychedelic Retro*

Herer, Jack, *O Rei Vai Nu – O Cânhamo e a Conspiração Contra a Marijuana*, Via Óptima, Porto, 2ª edição, aumentada, 2003

Heims, Roger

Hofmann, Albert, *LSD: My Problem Child*, McGraw-Hill, Nova York, 1980

Holligshead, Michael

Hubbard, Alfred M.

Hunter, Robert, *The Storming of the Mind*, McClelland and Stewart Ltd, Nova York, 1971

Janiger, Oscar

Leary, Timothy, *The Psychedelic Experience, c/ Ralph Metzner*, *Exopsychology, Infopsychology*, *Flashbacks - A Personal and Cultural History of An Era, An Autobiography*, Jeremy P. Tarcher, Los Angeles, 1984

Lilly, John C., *O Cientista – Uma Autobiografia Metafísica*, Via Óptima, Porto, 1998

Mantegazza, Paolo

Maslow, Abraham

Metzner, Ralph, *The Psychedelic Experience*, c/ Timothy Leary, e de Ralph Metzner, *Molecular Mysticism: The Role of Psychoactive Substance in the Transformation of Consciousness*, in *The Gateway to Inner Space*, ed. Christian Rätsch, Prism Press, Dorset, 1989

Morrison, Leslie, *A Indústria da Droga*, 1978, condensado de *High Times*, 1978, in *Propaganda*, nº 8, Porto, fevereiro 1979

Mousseau, Jacques, *Crowley: O Homem Mais Perverso do Século*, condensado de *Planète,* 1964, in *Propaganda* nº 1, Porto, abril 1978

Osmond, Humphrey, *Psychedelics and the Future,* com Aaronson, Bernard, in *Psychedelics, The Uses and Implications of Hallucinogenic Drugs*, Doubleday & Company, Nova York, 1975, e de Osmond, Humphrey, *A Review of the Clinical Effects of Psychotomimetics Agents,* in *Annals of the New York Academy of Science*, Nova York, 1957

Owsley, Augustus, III

Pagès, Frédéric, *Descartes e a Maconha* (*Descartes et la Cannabis*), Pazulin, São Paulo, 1999

Plant, Sadie, *Writing on Drugs*, Faber and Faber, Londres, 1999

Priestley, John,

Psychedelic Drugs Reconsidered, de Lester Grinspun e James B. Bakalar, Basic Books**,** Nova York, 1989

Psychedelic Review

Sand, Nicholas

Scully, Tim

Smith, Huston, *Cleansing The Doors of Perception – The Religious of Entheogenics Plants and Chemicals*; *Do Drugs Have Religious Import?*, in *The Journal of Philosophy*, Vol. LXI, Nº 18, (?), setembro 1964

Smythies, John

Stevens, Jay, *Storming Heaven: LSD and the American Dream*

Stoll, Werner

Tymoczko, Dmitri, *O Filósofo do Óxido Nitroso*, pub. orig. *The Atlantic Monthly*, in *Mais!, Folha de São Paulo*, São Paulo, outubro 1996

Wasson, Gordon

Weil, Andrew T., *The Strange Case of the Harvard Drug Scandal*, *Look*, Nova York, novembro 1963

álcool (alcoolismo)

*anfetamina (*uppers, speed*)* ***metadrina***

ayahuasca/ yage

barbitúricos, soníferos, soporíferos (*downers*, drufos)

beladona

cannabis sativa L ou ***cannabis indica (marijuana, boi, ganja, haxixe, kashmir, kif, liamba, maconha, pólen de haxixe)***

carbogênio

cocaína (coca)

cogumelos, psilocina, psilocibina

crack

datura

DMT

ergine

éter

fenciclidina

heroína (heroa, cavalo), ópio, opiácios

ipomeia

láudano

LSD (ácido, ácido lisérgico, acê, AC, trip)

mandrágora

MDMA MetilenoDióxidoMetaAnfetamina

mescalina (peiote)

óxido nitroso

soma

yagé (ayahuasca)

tráfico, legislação, drogas leves ou suaves (*soft drugs*), drogas duras ou pesadas (*hard drugs*)

dança

Béjart, Maurice

desportos

atletismo Lopes, Carlos; ***ciclismo*** Agostinho, Joaquim**; *F1*** Brands Hatch; Clark, Jim; ***futebol*** Académica; Benfica; Brasil (seleção); Coutinho; Eusébio; Flamengo; Fulham; Liverpool; Manch ester United; Pelé; Pepe;Santos; Torres, Carlos Alberto; Zico; n***atação*** Spitz, Mark

economia

Castro, Josué de

Champallimaud, António

Ford, Henry

Friedman, Milton

Keynes, John Maynard

história: black power, Cuba, emigração/imigração, escravidão, exílio, guerras do Bangla Desh, Biafra, Vietnã, guerra colonial portuguesa, invasão de Praga, Irlanda, Lisboa: incêndio Embaixada da Espanha, Mafia, Maio de 68, Portugal: 17-03-1974, 25-04-1974, 01-05-1974, 28-09-1974, 11-03-1975, 25-11-1975, Portugal: retornados, revolução francesa, revolução industrial e outros:

1º de Maio de 1974

11 de Março de 1975

17 de Março de 1974

25 de abril de 1974; Portugal

25 de novembro de 1975

28 de setembro de 1974

Alvor, acordos de

Anslinger, Harry

Bangla Desh, guerra do

Biafra, guerra do

black power (Black Panther Party/Black Panthers, Panteras Negras)

Bonaparte, Napoleão

Capone, Al

Caso Watergate

Cleaver, Eldridge

Coreia, guerra da

Cuba

Cortez, Hernán

Davis, Angela

Desmoulins, Camille

Embaixada da Espanha, Lisboa; incêndio

emigração/imigração

escravidão/escravatura

exílio

Garvey, Marcus

golpe de Estado militar no Brasil, 1º abril 1964

guerra colonial portuguesa

Guerra Civil Americana

guerra fria

Guerra Mundial, I

Guerra Mundial, II

Gungunhana

Irlanda, IRA (Ireland Republican Army), Eire, James Connaly

Jackson, George

Jackson, Jonathan

King, Martin Luther

Luciano, Lucky

Máfia

Maio de 68

Malcolm X

Monomotapa, império de

Parks, Rosa

Praga, invasão, Primavera de; Revolução de Veludo

PREC (Processo Revolucionário em Curso - Portugal)

Rádio Renascença, ‘ocupação’ da

retornados (IARN)

revolução industrial

Richelieu, cardeal

Roosevelt, Theodore

Sacy, Sylvestre de

Salomão, rei

Seale, Bobby, *Seize the Time*

Tremblay, Joseph du

Vespucio, Américo

Vietnã, guerra do

Villegaignon, Nicolas de

Vitória, Rainha

Wilson, Woodrow

Zapata, Emiliano

HQ

***A**sterix*, de Albert Urdezo e René Goscinny

***F**reak Brothers*, de Gilbert Shelton

***M**arvel Comics*

Mickey

***S**pirit*, de Will Eisner

***T**intin*, de Hergé

jornais e revistas, imprensa alternativa, imprensa underground, jornalistas

A *Capital*

ANI (Agência Nacional de Informação)

Atlantic Monthly

Avante!

B*est*

Billboard

Botelho, João

Brand, Stewart

Brito, Jorge de

Ciao Novella 2000

Cinéfilo

Comércio do Funchal

Corriere della Sera

Crawdaddy

Crónica Feminina

Dengdett, Raoul

Diário de Lisboa, *DL*

Diário de Notícias (Empresa Nacional de Publicidade, ENP), *DN*

Diário Popular, *DP*

Dias, Pedro Sousa

Direito, Vítor

Disc and Music Echo

***E**xpresso*

& ETC.

Ferreira, Reinaldo, Repórter X, *Memórias de um Ex-Morfinômano*

Filho, Artur Portela

***G**azeta da Semana*

Gil, Carlos

Gleason, Ralph J.

Goddet, Laurent

Good Times

Hearst, William Randolph

High Times

***I**nternational Times*

***J**azz Hot*

jornal novo

July, Serge

***L**.A. Free Press*

L'Express

L'Humanité

Le Nouvel Observateur, Le Nouvel Obs.

Le Quotidien de Paris

Lessa, Ivan

Libération, *Libé*

Life

Lourenço, Dias

L'Unità

Luta

Luta Popular

Maciel, Luís Carlos, *Nova Consciência – jornalismo contracultural* – 1970/72, Eldorado, Rio de Janeiro, 1973

Melody Maker

Memória do Elefante

***N**ew Musical Express*

Newsweek

News of the World

***O** Globo*

o jornal

O Século (Sociedade Nacional de Tipografia, SNT)

OZ

***P**ágina 1*

Pasquim

Pinto, José Silva

Playboy

Pop Music

***R**amparts*

Reeves, Richard

Rego, Raul

República

Rock & Folk

Rolling Stone

Rolling Stone (Brasil)

Rouge

Roul

S*alut les Copains*

Saturday Evening Post

Sempre Fixe

Show Magazine

Silva, Helena Vaz da

Tavares, Francisco Sousa

The Daily Mirror

The Hibbert Journal

The Guardian

The New York Times Sunday Magazine

The New Yorker

The Oracle

The Realist

The Sun

Thompson, Hunter S., *Fear and Loathing in Las Vegas*; *Fear and Loathing on the Campaign Trail*, *Hell's Angels*

Time

Time Out

V*eja*

W*hole Earth Catalog*

Williams, Richard

literatura

Adorno, Theodor

al-Nafzawi, Muhammad, *Jardins Perfumados*

Andersen, Hans Christian

Aristóteles

Arnold, Mathew

Artaud, Antonin

Asimov, Isaac, *Earth is Room Enough*

Auden, W.H.

Austen, Jane

Balzac, Honoré de

Bandeira, Manuel

Barreno, Maria Isabel, *As Três Marias*, c/ Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa

Bataille, Georges

Baudelaire, Charles, *Les Fleurs du Mal, Paraísos Artificiais*

Beauvoir, Simone de

Beckett, Samuel

Bedford, Sybille, *Aldous Huxley: A Biography*, Knopf/Harper & Row, Nova York, 1985

Benjamin, Walter

Bergier, Jacques, *O Despertar dos Mágicos*, com Louis Pauwels

Bergson, Henri

Blake, William, *The Marriage of Heaven and Hell*

Bloom, Alan

Blyton, Enid, *Os Cinco*, *Os Sete*

Boehme, Jacob

Bonsignore, Paolo, *Il Pensiero Politico di Aldous Huxley*, Facoltà di Scienze Politiche, Università degli Studi di Torino, Turim, 1996

Bopp, Raul, *Cobra Norato*

Bradbury, Ray, *Farenheit 451*

Bragança, Nuno, *A Noite e o Riso*

Branco, Camilo Castelo

Broad, C.D.

Brontë, irmãs Charlotte e Emily

Brown, Norman O.

Bucke, Richard

Bulgakov, Mikhail, O Maestro e Margarida

Burroughs, William, *Naked Lunch*

Byron, George Gordon, Lord, *Peregrinações de Childe Harold*

Caeiro, Alberto

Callado, Antônio, *Quarup*, e de *Huxley confirma seu poder de 'vidente'*, in *Folha de São Paulo*, São Paulo, 6 de novembro de 1993, e *Papoulas dão também alegria e obras-primas*, in *Folha de São Paulo*, São Paulo, 11 de maio de 1996

Camões, Luís de

Campos, Álvaro de, *Opiário, Ode Marítima*, *Soneto Já Antigo*

Campos, Augusto de

Camus, Albert

Caroll, Lewis, *Alice no País das Maravilhas*

Cassady, Neil (Dean Moriarty)

Castañeda, Carlos

Cause Commune-10/18

Céline, Louis-Ferdinand, *Viagem ao Fim da Noite (Voyage au Bout de la Nuit*)

Cendras, Blaise, *L'Or*, *Moravagine*, *Rum*

Chandler, Raymond, *À Beira do Abismo*

Chatto & Windus

Chesterton, G.K.

Chomsky, Noam

Christie, Agatha, *As Férias de Poirot*

Cícero

Cioran, Emil Michel

Clarke, Arthur C., *Areias de Marte*

Cocteau, Jean, *Opium*, *Le Grand Écart*

Coleridge, Samuel Taylor

Condon, Richard, *O Candidato da Manchúria*

Cooper, David, *Grammar of Living*

Cortázar, Julio

Costa, Maria Velho da, *As Três Marias*, c/ Maria Isabel Barreno e Maria Teresa Horta

cummings, e e

Davis, Erik, *Techgnosis: Myth, Magic and Mysticism in the Age Of Information*, 1998

Darwin, Charles

Débord, Guy, *A Sociedade do Espectáculo*

Deleuze, Gilles, *O Anti-Édipo*, c/ Félix Guattari

Descartes, René

Dickens, Charles

Dostoievski, Fedor, *Os Irmãos Karamazov*

Doyle, Arthur Conan

Ducpetieaux, Édouard

Dunaway, David King, *Huxley in Hollywood*, Harper & Row, Nova York, 1989

Eckhart, Meister

Eco, Umberto, *Apocalípticos e Integrados*; *Obra Aberta*

Eisler, Riane, *O Cálice e a Espada*

Eliot, T.S.

Erasmo de Roterdão (Erasmus Roteradamus), *Elogio da Loucura*

Ferlinghetti, Lawrence, *Guia dos Casados*

Ferreira, Manuel

Ferro, António

Filipe, Daniel, *A Invenção do Amor*

Fitzgerald, Scott, *Suave é a Noite*

Foucault, Michel, *Histoire de la folie*, *Surveiller et Punir*

Freud, Sigmund

Friedrich, Otto, *Before the Flood*

Fulcanelli, *O Mistério das Catedrais*

Fukuyama, Francis

Ganguilhem, Georges, *O Normal e o Patológico*

Gautier, Théophile de

Gedeão, António

Ginsberg, Allen, *Howl*

Goethe, Johann von, *Werther*

Gogol, Nicolai, *A Cidade do Sossego*

Gomes, Soeiro Pereira

Goodman, Paul, *The Growing Up Absurd*

Grof, Stanislav, de Stanislav Grof, *LSD Psychotherapy*, Hunter House Publishers, Alameda, Cal., 1994, e Stanislav Grof e Joan Halifax Grof, *Realms of the Human Unconscious*, Viking Press, Nova York, 1975

Guanguilhem, Georges, *O Normal e o Patológico*

Guarnaccia, Matteo, *Hippies*, Malatempora, Roma, 2001

Guattari, Félix, *O Anti-Édipo*, c/ Gilles Deleuze

Hawthorne, Nathaniel, *Wakefield*

Heard, Gerald

Hegel, Friedrich

Hemingway, Ernest

Hesse, Herman, *Magister Ludi: O Jogo das Contas de Vidro, Sidharta*; *Lobo das Estepes; Viagem ao Oriente*

Hobsbawn, Eric

Horácio

Horta, Maria Teresa, *As Três Marias*, c/ Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa

Hotchner, A.E., *Papa Hemingway*

Hume, Martin

Huxley, Aldous, *Admirável Mundo Novo*, *The Defeat of Youth*, *Beyound the Mexican Bay, Oltre la Baia del Messico*, Editori Riuniti, Roma, 2002; *Antic Hay, Ends and Means; Grey*

Eminence, The Perennial Philosophy (*A Filosofia Perene*), Harper & Row/Colophon, Nova York, 1970*, Ciência, Liberdade e Paz; Admirável Mundo Novo*, Edição Livros do Brasil, Lisboa, s/d; *Antic Hay*, The Modern Library, Nova York, 1973; *A Ilha* (*Island*), Editora Globo, São Paulo, 2001; *Contraponto* (*Point Counter Point*), Edição Livros do Brasil, Lisboa, s/d; *Férias em Crome* (*Crome Yellow*), Edição Livros do Brasil, Lisboa, s/d; *Huxley e Deus*, Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1995; *La Scimmia e l´Essenza* (*Ape and Essence*), Baldini & Castoldi, Milão, 2002; *Moksha – Aldous Huxley's Classic Writings on Psychedelics and the Visionary Experience*, ed. Michael Horowitz e Cynthia Palmer, Park Street Press, Nova York, 1999; *O Tempo Tem de Parar*, Edições Livros do Brasil, Lisboa, s/d; *Regresso ao Admirável Mundo Novo*, Edição Livros do Brasil, Lisboa, s/d; *Sem Olhos em Gaza*, Edição Livros do Brasil, Lisboa, s/d; *Também o Cisne Morre*, Edição Livros do Brasil, Lisboa, s/d; *The Devils of Loudon*, Harper and Brothers, Nova York, 1953; *The Doors of Perception and Heaven and Hell*, Penguin Books/Chatto & Windus, Harmondsworth, 1974; *Those Barren Leaves*, Colenan Dowell, Nova York, 1998; *Shakespeare e a Religião*

Huxley, Julian

Huxley, Thomas Henry

Infante, G. Cabrera, *Três Tristes Tigres*

Isherwood, Christopher, *Goodbye Berlin*

Joyce, James, *Ulisses*

Jung, Karl Gustav

Junqueiro, Guerra

Kerouac, Jack, *On the Road* (*Pela Estrada Fora/Pé na Estrada*), *Lonesome Traveler*, *Dharma Bums*

Kempf, Roger, ed., *Les États Unis en Mouvement*, Éditions Denöel, Paris, 1972

Kesey, Ken, *Voando Sobre um Ninho de Cucos*

Laing, Ronald (Ron), *A Política da Experiência e a Ave do Paraíso*; *O Eu Dividido*

Lampedusa, Tommaso di, *Il Gattopardo*

Lancelot, Michel, de *Campus*, Éditions J'Ai Lu, Éditions Albin Michel, 1971, e *Je Veux Regarder Dieu en Face*, Éditions J'Ai Lu, Éditions Albin Michel, Paris, 1969

Law, William

Lawrence, D.H., *O Amante de Lady Chatterley*

Lewin, Ludwig, *Phantastica*

Lewis, Havelock

Licher, Robert, *Must We Conform?*

Lima, Jorge de ,*Essa nega Fulô*

Lispector, Clarice, *Águaviva*

Llosa, Mario Vargas, *Conversa na Catedral*

Lowry, Malcolm, *À Sombra do Vulcão*

Lucáks, Georg

Mailer, Norman (Normal), *The White Negro*, *Os Degraus do Pentágono*

Mallarmé, Stephane, L´Après Midi d´un Phaune

Malraux, André, *A Condição Humana*

Mann, Thomas, *A Montanha Mágica*

Mansfield, Katherine

Marcuse, Herbert

Marx, Karl

Maugham, Somerset, *O Fio da Navalha*

Maupassant, Guy de

McKenna, Terence, *True Hallucinations*, *Food of Gods*/*O Pão dos Deuses*, Via Óptima, Porto, 2000

McLuhan, Marshal

Melville, Herman, *Moby Dick*

Miller, Henry, *Sorriso aos Pés da Escada*

Milton, John

Mirabeau, Octave

Montaigne, Michel de

Morus, Thomas, *Utopia*

Morris, Desmond, *The Human Zoo*, *The Naked Ape*

Murray, Nicholas, *Aldous Huxley: A Biography*, Little, Brown, Londres, 2002

Nabokov, Vladimir

Narby, Jeremy

Nerval, Gérard de

Neville, Richard, *Playpower*

Nietzsche, Friedrich, *A Origem da Tragédia*, *Gaia Ciência*, *Assim Falou Zaratustra*

Nin, Anaïs

Nizan, Paul

Ohnet, Georges, *O Grande Industrial*

Orlovsky, Peter

Orwell, George, *1984*, *Down and Out in London and Paris*,

Ouspensky, Piotr Demianovich

Pacheco, Luís, *O Libertino Passeia em Braga, a Idolátrica, o Seu Esplendor*

Pasolini, Pier Paolo

Pauwels, Louis, *O Despertar dos Mágicos*, com Jacques Bergier, *Carta Aos Jovens Felizes e Que Têm Boas Razões Para Isso*

Paz, Octavio

Pavlov, Ivan

Peçanha, Camilo, *Clépsydra*

Pessoa, Fernando

Piaget, Jean

Pires, José Cardoso, O Delfim, Dinossauro Excelentíssimo

Plínio o Velho

Poe, Edgar Allan, *Arthur Gordon Pymm*, *Billy Budd*

Polo, Marco, *Viagens de Marco Polo*

Proust, Marcel

Queirós, Eça de, *O Primo Basílio*; *Prosas Bárbaras, O Mistério da Estrada de Sintra*

Quincey, Thomas de, *Confissões de Um Inglês Comedor de Ópio*

Rampa, Lobsang

Rashid, Muhammad, *A Única Grande Ode*

Raymond, Harold

Redol, Alves

Reich, Charles, *The Greening of America*, *O Renascer da América*, Record, Rio de Janeiro, 1970

Reich, Wilhelm

Ribeiro, Aquilino

Ribeiro, Darcy

Ricardo, Cassiano, *O Cão e o Cachorro*

Rimbaud, Arthur, *Illuminations*, *Une Saison en Enfer*, *Jeune Ménage*

Roszak, Theodore, *The Making of a Counter-Culture*, Doubleday & Company, Nova York, 1969

Rousseau, Jean-Jacques, *O Bom Selvagem*; *Emílio*

Russell, Bertrand

Said, Edward

Salinger, J.D., *O Apanhador no Campo de Centeio* /

Uma Agulha no Palheiro

Sant'Anna, Sérgio

Sartre, Jean-Paul

Schopenhauer, Arthur, *Manuscritos de Schopenhauer*

Shaw, George Bernard

Shelley, Mary, *Frankenstein*

Shelley, Percy B.

Sócrates

Solomon, Carl, *Report from the Asylum*

Steinbeck, John, *A Um Deus Desconhecido*

Stevenson, Robert Louis, *Dr. Jekkyll e Mr. Hyde*

Suzuki, D.T.

Szasz, Thomas S., *The Manufacture of Madness*, *O Mito da Doença Mental*; *The* Age of Madness: A History *of Involuntary Mental Hospitalization*; *Schizophrenia: The Sacred Simbol of Psychiatry*

Swift, Jonathan, *Viagens de Guliver*

Tellado, Corin

Tennyson, Lord Alfred

Thomas, Dylan, *Under Milk Wood*

Thoreau, Henry David

Tolstoi, Leon, *Correspondência com Gandhi*

Torga, Miguel

Tsé, Lao, *Tao Te Ching*

Turgueniev, Ivan, *O Primeiro Amor*

Twain, Mark, *As Aventuras de Tom Sawyer*; *Huckleberry Finn*

Tzara, Tristan

Usque, Samuel, *Saudações às Atribulações de Israel*

Verlaine, Paul

Vian, Boris (Sullivan, Vernon)

Vieira, Luandino

Virgílio

Watts, Alan, *The Joyous Cosmology*, e de Watts, Alan, *A Psychedelic Experience - Fact or Fantasy?*, in *LSD*, ed. David Solomon, G. P. Putnam's Sons, Nova York, 1964; Watts, Alan, *In My Own Way: An Autobiography*, *1915-1965*, Pantheon Books, Nova York, 1972; Watts, Alan, *Psychedelics and Religious Experience*, in *The California Law Review,* Vol. 56, Nº1, (?), janeiro 1968; Watts, Alan, *This Is It and Other Essays on Zen and Spiritual Experience*, Vintage Books, Nova York, 1973

Wells, H.G., *A Guerra dos Mundos*

Wilde, Oscar

Wolf, Tom, *Electric Kool-Aid Acid Test*

Woolf, Leonard

Woolf, Virginia

Wordsworth, William, *Splendor in the Grass*

Yeats, William Butler

Zamyatin, Yevgenii, *My*

locais: cafés, pastelarias, bares, restaurantes, cinemas

A Brasileira, Café

Acrópole (Gregos)

Alvalade, Cinema

Apolo 70, Cinema

Apolo 70, drugstore, snackbar

Aula Magna da Universidade de Lisboa

Benard

Bolero

Bonaparte, Bar

Brasserie Lipp

Brazuca

British Bar

Café de la Paix

Cantinho dos Artistas

Castil, Cinema

Central, Café (Sintra)

Coliseu dos Recreios

Condes, Cinema

Convés

Dominó, Bar

2001, discotheque

English Bar

Fábrica de Pastéis de Belém

Feira Popular de Lisboa

Ferrari

Flor do Calhariz

Galeto, Snack-Bar

Gambrinus

Gato Preto

Gelo, Café

Granfino, Café

Havaneza, Casa

Hot Club de Portugal

Império, Cinema

Itau

Jamaica

Londres, Café

Londres, Cinema

Londres, snackbar

Metro e Meio

Mexicana, Pastelaria

Monte Carlo, Café

Monumental, Cervejaria

Monumental, Cinema

Mourisca

Nicola, Café

Nova Lisboa, Café

Periquita, Café

Piolho, Café

Portugália, Cervejaria

Primavera

Príncipe Negro

Ribadouro, Cervejaria

Ritz Club

Roma, Café

Roma, Cervejaria

Roma, Cinema

SamPaio

S. Jorge, Cinema

S. Luís, Cinema

Suíça, Pastelaria

Sul América, Pastelaria

Supremo, Café

Tarantela, Café

Tasca do Álvaro

Tasca do Manel

Tavares

Teatro Estúdio de Lisboa

Texas Bar

Tivoli, Cinema

Toco

Tramps

Trindade, Cervejaria

Universal, Cinema

Vá-Vá, Café

Versalhes, Pastelaria

Zepelim

Zodíaco

medicina:

avitaminose

Basaglia, Franco

cataplexia

psicanálise, psicologia, psicoterapias, psiquiatria

moda

música

angolana

Mingas, Ruy

bolero

Tu me Acostumbraste, Dominguez, Franco

caboverdiana (coladera, morna)

cubana

Hasta Siempre, Carlos Puebla y Sus Tradicionales

chilena

Jara, Victor

de concerto

Bach, J.S.

Beethoven, L.v., *Pastoral*

Berlioz, *Requiem*

Debussy, Claude

Mozart, W.A.

Paganini, Nicolò

Royal Phillarmonic Orchestra

Santos, Turíbio

Strauss, Richard

Stravinski, Igor

Wagner, Richard

contemporânea

Berberian, Kathy

Berio, Luciano

Nono, Luigi

Reich, Steve

Riley, Terry

Theodorakis, Mikis, *Zorba, o Grego*

francesa

Barrouh, Pierre, *Un Homme, Une Femme*

Brassens, Georges

Ferré, Leo, *On S'Aimera*; *La Chanson Du Mal-Aimé*

Je T'Aime... Moi Non Plus, de Serge Gainsbourg

Lai, Francis, *Un Homme, Une Femme*, com Pierre Barrouh

Magma (Vander, Christian)

Moustaki, Georges

Nougaro, Claude

indiana

Shankar, Ravi

italiana

Area

Cramps

Stratos, Demetrio

jazz, jazz-rock

Barreto, Jorge Lima, Anar Jazz Band, *A Revolução do Jazz*

Basie, Count, Orchestra

Boas, Manuel Vilas

Brown, Cameron

Brubeck, Dave

Carr, Ian

Carter, Ron

Cascais Jazz 72; *Cascais Jazz 73*; *Cascais Jazz 76*

Cherry, Don

Coleman, Ornette

Coltrane, Alice, *Illluminations*, de *Devadip* Carlos Santana

Davis, Miles, *In a Silent Way*; *Bitches Brew*, *Live-Evil*; *My Old Flame*

De Johnette, Jack

Evans, Bill

Evans, Gil

Garbarek, Jan

Gillespie, Dizzy

Haden, Charlie

Hancock, Herbie, *Headhunters*

Holiday, Billie

Holland, Dave

Jarrett, Keith

Kenton, Stan

Kirk, Rolland

Lapage, Dominique

McLaughlin, John (Mahavishnu Orchestra), *Inner Mounting Flame*; *Shakti*

Monk, Thelonious

Murray, Sunny

Oregon

Parker, Charlie

Shepp, Archie

Shorter, Wayne, *Native Dancer*

Sun Ra

Tchcai, John

Vaughan, Sarah

Verve Records

Walcott, Colin

Waldron, Mal

West Coast

Williams, Tony

Zawinul, Joe

moçambicana

Marimbeiros de Zavala

MPB – música popular brasileira - baião, bossa nova, coco, galope, repente, samba, samba-canção, sambolero

Araújo, Guilherme

Ben, Jorge, *Ben*, *Os Alquimistas Estão Chegando*, *Eram os Deuses Astronautas*

Bethânia, Maria

Brazilian Bitles, The

Buarque, Chico, *Construção/Deus Lhe Pague*; *Bom Conselho*; *Tanto Mar*

***C**abaré*, João Bosco-Aldir Blanc

Carlos, Erasmo, *As Curvas da Estrada de Santos*

Carlos, Roberto, *Jesus Cristo*, *A Montanha*, *As Curvas da Estrada de Santos*

Caymmi, Nana

Costa, Carmen

Costa, Gal, *Índia*, *Milho Verde*; *A Coisa Mais Linda Que Existe*

Donato, João, *Mentiras*

escola de samba

Gil, Gilberto, *Aquele Abraço*, *Can't Find My Way Home*

Gilberto, João, *Chega de Saudade*

Gismonti, Egberto

Gonzaga, Luiz

Jobim, Tom, *Girl From Ipanema*; *Matita Perê*

Leão, Nara

Lobo, Edu, *Ponteio*

Marcos, Antônio, *O Homem de Nazaré*

Matarazzo, Maysa, *Meu Mundo Caiu*

Mutantes

Nascimento, Milton, *Tarde*, *Native Dancer*, de Wayne Shorter, *Minas*

Novos Baianos

O *Barquinho*, Ronaldo Bôscoli-Roberto Menescal

Oliveira, Dalva de

Pandeiro, Jackson do

Regina, Elis

Rodrigues, Jair

Santos, Agostinho dos

Sergio Mendes & Brazil ’66

Vasconcelos, Naná

Veloso, Caetano, *Baby*; *Transa*, *Nine Out of Ten*; *London, London*; *Panis et Circenses*; *Tu Me Acostumbraste*

portuguesa - fado, fado-canção, fado vadio, nova música portuguesa, rock português

Afonso, José, *Milho Verde*; *Cantigas de Maio*, *Filhos da Madrugada*; *Os Vampiros*; *Grândola, Vila Morena*; *Praça de Londres a Arder*

Alcochete, festival

Ary dos Santos, José Carlos

Barba, José

Barco Negro, David Mourão Ferreira-Caco Velho-Piratini

Branco, José Mário, *Mudam-se os Tempos, Mudam-se as Vontades*; *A Cantiga é Uma Arma*

Calvário, José

Carvalho, Paulo de, *E Depois do Adeus*

Chinchilas, Os

Cid, José

fado

Fanfarra da Porra Louca (Conclave), *Tema da Atlântida*

Fausto

Freire, Manuel

GAC (Grupo de Acção Cultural)

Gil, Paulo

Godinho, Sérgio, *Romance de Um Dia na Estrada*; *Maré Alta*

Letria, José Jorge

***L**isboa Antiga*, Raul Portela-José Galhardo-Amadeu do Vale

Luís, Pedro

***M**archa do Avante!*

Mendes, Carlos

Mendes, Filipe

Nice, Very (Fernando Girão)

Niza, José

Oliveira, Adriano Correia de

Orfeu (Arnaldo Trindade)

Pereira, Júlio, *Bota-Fora*

rock português

Quarteto 1111, *Lenda de El Rei D. Sebastião*; *Ode aos Beatles*

Quina, Tó Zé

Robalo, Zé Emílio *Nhanha*

Rodrigues, Amália

Sheiks, *I'm Missing You*

Silva, Hermínia

Sotiry, Pedro

Tordo, Fernando, *Fado do Operário Leal*

Valentim de Carvalho, editora

Vilar de Mouros, festival, *1971, 1982*

Wallenstein, Pedro

rock - acid rock, blues, bluesrock, british blues, concertos, cosmik rock, country and western, country-folk, deutsche rock, festivais de rock, folk, folk-rock, glam rock, glitter music, groupies, hard rock, hully gully, indústria da música (discos, discos piratas), jiga, lightshows, madrigal, pop, progressive rock/rock progressivo/progressive sound, psychedelic music, rap, reggae/upbeat, rhythm and blues, roadies, rockabilly, rock, rock'n'roll (rock and roll), rock-opera, salas/teatros/clubes, ska, soul,, twist

acid rock, *psychedelic music, psychedelic rock*

Adler, Lou

Alan Price Set

Allen, Daevid, (Gong)

Allman Brothers Blues Band

America, *Horse With No Name*

Amon Düul II

Anderson, Ian

Animals, The, *House of the Rising Sun*

Apple Records (Apple Corps)

Association, The

As Time Goes By, de Herman Hupfeld

Atomic Rooster

Auger, Brian, and the Oblivion Express

Avalon

Ayers, Kevin, *Girl on a Swing*, *The lady Rachel*; *Bananamour*; *May I*; *Joy of a Toy*, *Shooting at the Moon*, *Whatevershebringswesing*

Baez, Joan

Baker, Ginger

Band, The

Beach Boys, The, *Good Vibrations*,

Beatles, The, *All You Need is Love*, *Twist and Shout*, *I Wanna Hold Your Hand*; *Revolver*; *The Ballad of John and Yoko*, *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, *Magical Mistery Tour*; *Tomorrow Never Knows*, *Dr Robert, Let it Be* – o filme, *One After 909*, *Ob-la-di Ob-la-da*, *Norwegian Wood*, *Álbum Branco*; *When I'm 64*

Beau, *1917 Revolution*

Beck, Jeff, Jeff Beck Group

Bee Gees, The, *Saturday Night Fever*

Beefheart, Captain, and the Magic Band, *Trout Mask Replica*

Beggar's Opera

Bell, Maggie

Berry, Chuck, *The Best of*

Big Brother and the Holding Company, *Cheap Thrills*

Blackwell, Chris

Black Sabbath

Blind Faith

Blodwyn Pig

Blood Sweat & Tears, *Cowboys and Indians*; *God Bless the Child*; *Blood Sweat and Tears II, For My Lady*; And When I Die

Blosson Toes

blues

bluesrock

Bolan, Marc (Tyrannossaurus Rex, T. Rex), *My People Were Fair...*, *Prophets, Seers and Sages – The Angels Of Ages*,*Unicorn*; *A Beard of Stars*

bootlegs

Bowie, David *Ziggy Stardust and the Spiders from Mars*; *Diamond Dogs*; *Pin Ups*, *Young Americans*

british blues

Brooker, Gary

Broonzy, Big Bill

Broughton, Steve

Brown, Helen, *Seize the Time*

Brown, Pete

Bruce, Jack

Buffalo Springfield

Burdon, Eric

Burnin' Red Ivanhoe

Business

Byrds, The, *Eight Miles High*; *Goin'Back*; *Ballad of Easy Rider*; *I See You*, *Get to You*

Cale, John, *Paris, 1919*

Camel

Campbell, Glenn

Campbell, Glenn (Juicy Lucy)

Can

Centipede (Keith Tippett's Centipede)

Chant du Monde

Chapman, Roger

Chelmsford Civic Theatre

Chicken Shack, *I'd Rather Go Blind*

Christie, Yellow River, *This is the Way To Amarillo*, *Tie a Yellow Ribbon*, *Yellow River*

Christmas, Keith

Churchill, Chick

Clapton, Eric *161, Ocean Boulevard*; *Cocaine*

Clark, Petula, *Downtown*

Clash, The

Clayton-Thomas, David

Cliff, Jimmy, *The Harder They Come*

Climax Chicago Blues Band

Cochise

Cochran, Eddie

Cocker, Joe, *With a Little Help From My Friends*; *Delta Lady*; *Mad Dogs and Englishman*

Cohen, Leonard, *You Know Who I Am*, *Lady of the Harbour*

Cole, Nat King, *Dinner for one Please James*

Coliseum

Colosseum (Jon Hiseman's Colosseum), *Rope the Ladder to the Moon*

Coolidge, Rita

Cooke, Sam

Cooper, Alice

cosmic rock

country and western

country-folk

country-rock

Cox, Billy

Coxhill, Lol

Crane, Vincent

Crazy World of Arthur Brown, The, *Fire*

Cream, *Crossroads, Politician, Siting On the Top Of The World*

Creegan, Jim

Crosby Stills & Nash/Crosby Stills Nash & Young, Lady of the Island, *Guinnevere*, *Woodenships*

Curved Air

Daltrey, Roger

Dandelion

Danneman, Monika

Davis, Spencer, (Spencer Davis Group)

Dean, Elton

Deep Purple, *Deep Purple In Concert*

Denny, Sandy

Denver, John, *Sail Away*

deutsche rock

Diddley, Bo

Domino, Fats

Donovan

Doors, The, *Light My Fire*, *Hello I Love You*, *When The Music Is Over*, *Love Me Two Times, Riders on The Storm*; *Strange Days*, *L.A. Woman*

Driscoll, Julie (Julie Tippett)

Dylan, Bob; *Blonde on Blonde, Don't Look Back*; *Desire*, *Mozambique*, *Self Portrait*, *Blue Moon*, *All the Tired Horses*

East of Eden

Edgar Broughton Band

Ellis, Steve

Embryo

Eno, Brian, *Taking Tiger Mountain (By Strategy)*, *Here Come the Warm Jets*, *Some of Them Are Old*, Baby's On Fire

Entwistle, John

Everly Brothers, The

Faces, The, *Maggie Mae*, *Reason to Believe*, *You Wear It Well* (ver Stewart, Rod)

Fairfield Hall

Fairport Convention

Family

Farlowe, Chris

Ferry, Bryan, *Hard Rain's A Gonna Fall*

Fillmore East

Fillmore West

Finn, Micky

Fleetwood Mac, *Man of the World*

folk

folk-rock

Fontaine, Eddie, Nothin' Shakin'

Forest

Foundations, The, *Baby, Now That I Found You*, *Any Old Time You're Lonely and Sad*

Four Tops, The

Frampton, Peter

Free

Free Trade hall

Fripp, Robert

Gallagher, Rory

Gary Puckett & the Union Gap, *Young Girl*

Genesis, *The Lamb Lies Down On Broadway*

Gillan, Ian

Glitter, Gary

glitter music

Goffin, Gerry

Grateful Dead

Grease Band, The

Great Society

Green, Peter

groupies

***H**air*, peça de Gerome Ragni, James Rado e Galt McDermot

hard rock/heavy rock

Harper, Roy, *Take Into Your Eyes*

Harrison, George, *Isn't it a Pity*, *Dark Horse*

Hart, Mike

Harvest

Hatch, Tony, *Downtown*

Hawkwind

Heckstall-Smith, Dick

Hendrix, Jimi, *If 6 Was 9*; *All Along the Watchtower*, *Electric Ladyland*; *Crosstown Traffic*, Experience, *Hey Joe, Star Spangled Banner*; *Voodoo Chile*

High Numbers, the, *Zoot Suit*

Holly, Buddy

Hopkins, Mary, *Those Were the Days*

Hopper, Hugh

hully gully

Hunter, Ian

Incredible String Band

Iron Butterfly, *In-a-Gadda-da-Vidda*

Island Records

Jagger, Mick

Jam, Raja

James, Etta, *Stormy Weather*

Jansch, Bert

Jefferson Airplane, *After Bathing at Baxter's*, *White Rabbit*; *Volunteers*

Jefferson Starship

Jesus Christ Superstar, rock-opera de Andrew Lloyd Webber e Tim Rice

Jethro Tull

jiga

John, Elton, *Your Song*; *Talking Old Soldiers*

Johnny and the Hurricanes

John's Children, *Desdemona*

Jones, Brian

Joplin, Janis

Judy Blue Eyes

Juicy Lucy

Kantner, Paul

Katz, Steve, *For My Lady* (ver Blood Sweay and Tears)

King, Carole, *Going Back*

King Crimson

King, Simon

Kooper, Al

Kinks, The

Korner, Alexis

Last Poets, The, *Wake Up, Nigger*

Laura, de David Raksin e Johnny Mercer

Led Zeppelin, *Led Zeppelin II*, *Whole Lotta Love*, *Good Times, Bad Times, Living Loving Maid*, *Stairway to Heaven*

Lee, Alvin

Lee, Ric

Lennon, Cynthia

Lennon, John, *Two Virgins, Give Peace a Chance*; *Sometime In New York City*

Lewis, Jerry Lee

lightshow

Lindisfarne, *Fog on the Tyne*

Liverpool Scene

Locarno Ballroom

Love Affair

Lyons, Leo

madrigal

Mamas and Papas

Manassas

Manfred Mann, Manfred Mann's Earth Band, *Ha, Ha Said the Clown*, *Mighty Quinn*

Manzanera, Phil, *Frontera*

Marie, Buffy St., *Soldier Blue*

Marley, Bob, (and the Wailers), *I Shot the Sheriff*; *Natty Dread*, *No Woman No Cry*

Marquee Club

Martin, George

Matrix

Mayall, John, (John Mayall's Bluesbreakers)

McCartney, Paul (and Wings), *Venus and Mars*

MC5, *MC5 Live!*

McGuinn, Jim

McGuinn, Roger, *Back from Rio*

McKenzie, Scott

McVie, John

Medicine Head

Mezzrow, Mezz, Milton, *Really the Blues*

Millie, *My Boy Lollypop*

Mitchell, Mitch

Mitchell, Joni, *Woodstock*; *For the Roses*; *For Free*

Montez, Chris

Moody Blues

Moon, Keith

Morrison, Jim, *An American Prayer*

Morrison, Pamela

Morrison, Van, *On Hyndford Street*; and Them, *It's All Over Now Baby Blue*, *Astral Weeks*, *Hardnose The Highway*

Morton, Jelly Roll

Mott the Hoople

Mungo Jerry

Nash, Johnny, *I Can See Clearly Now*

Nice

Nico

Nyro, Laura, *And when I Die*

Occacional Word

Oldfield, Mike, *Tubular Bells*

Oldham, Andrew

Ono, Yoko

Page, Jimmy

Paradiso, Amsterdam

Paxton, Tom, *6*

Penal Reform

Pentangle

Peregrine-Took, Steve

Perfect, Christine

Peter Paul and Mary, *I Dig Rock and Roll Music*

Phillips, John, *San Francisco (Be Sure To Wear Some Flowers in Your Hair)*

Pink Floyd, *Insterstellar Overdrive*; *Atom Heart Mother*; *Dark Side of the Moon*, *Ummaguma*

Plant, Robert

Platters, The, *Stormy Weather, Smoke Gets in Your Eyes, The Great Pretender*

Police

pop

Porter, Cole, *It's Delightful*

Presley, Elvis

Pretty Things, *S. F. Sorrow*

Principal Edwards Magic Theatre

Procol Harum, *A Whiter Shade of Pale*

progressive rock (*rock progressivo*, *progressive sound*)

Queen

Queen Elizabeth Hall

Quintessence, *Jesus, Buddah, Moses, Gauranga*

Ralph, Mick

Ram, Raja

rap

Ratledge, Mike

Redding, Noel

Redding, Otis

Reed, Lou, *Walk on the Wild Side*; *Sally Can't Dance*; *The Gift*

reggae (bluebeat)

Renbourn, John

rhythm and blues

Richard, Little, *Long Tall Sally*

Richards, Cliff, and the Shadows

Richards, Keith

Riddle, Nelson

Rivers, Johnny

roadies

Roberts, John, *Woodstock '69*

rockabilly

rock

rock, festivais, Woodstock [Roberts, John], Wight 1969, Bath, Lincoln, Reading, Wight '70, Altamont '69, Monterey

rock'n'roll (rock and roll)

Roe, Tommy, *Dizzy*

Rolling Stones, The, *Let it Bleed*, *Between the Buttons*, *Ruby Tuesday*, *Gimme Shelter*; *Aftermath*; *Their Satanic Magestie's Request*, *Under My Thumb, Symphathy for the Devil, Sticky Fingers*, *Time Waits for No One*, *It's Only Rock and Roll*, *The Pipes of Joujouka*, *2000 Light Years Away From Home*

Roundhouse

Roxy Music

Royal Albert Hall

Royal Festival Hall

Russell, Leon

Safka, Melanie, *Lay Down*

Santana, Carlos, Borboleta; Illuminations

Savoy Brown Blues Band

Sebastian, John

Shiva

Simon & Garfunkel, *Mrs. Robinson*; *America*; *The Only Living Boy in New York*; *Bookends*

Simon, Paul

Simone, Nina, *Young, Gifted and Black*

Sinatra, Frank

ska

Slick, Grace

Small Faces, The

Soft Machine, *Moon in June*, *Third*; *4*; *5*

soft-rock

Soloff, Lew

soul

Sparks, *Propaganda*

Speakeasy

Spencer, Jeremy

Spirit of John Morgan

Springsteen, Bruce *Born to Run*

Stack Waddy, *The Girl From Ipanema*

Stackridge, *Slarck*

Steppenwolf, *Born to be Wild*, *The Pusher*

Steve Harley and the Cockney Rebels, *(Come Up To See Me) Make Me Smile*

Stevens, Cat, (Yusuf Islam), *Lady D'Arbanville*

Stewart, Rod, *Maggie Mae*, *Reason To Believe*

Stone the Crows

Stray, *Suicide*

Strawbs, The

Supertramp, *Crime of the Century*; *Crisis?... What Crisis?*

Taste

Taupin, Bernie

Taylor, Derek

Temptations, The

Ten Years After, *Love Like a Man*, *Goin' Home*, *Sweet Little Sixteen*, *Round Around the Clock*, *Good Holly Miss Molly*, *Roll Over Beethoven*

Them

Thunderclap Newman

Tippetts, Keith

Tosh, Peter, *Legalize It*

Townshend, Pete

Traffic

Transatlantic

Troggs, The

twist

University College Theatre

U2

Van de Graaff Generator

Vance, Tommy, *What's New*

Vanilla Fudge

Velvet Underground, *The Gift*; Heroin, Waiting for the Man, Sunday Morning

Vincent, Gene

Virgin Records

Voorman, Klaus

Vox, Bono

Wainwright III, Loudon

Walker, Scott

Walters, John

Warlocks

Warner Brothers Records

Webb, Jim

Webb, Stan

Webberman, Alan J.

White, Alan

Who, The, *Tommy*; *We Won't Get Fooled Again*, *Who's Next*; *Live at Leeds*

Williams, Andy

Wilson, Brian

Winwood, Steve, *Can't Find My Way Home*

Wonder, Stevie, *Songs in the Key of Life*

Wood, Ron

Wyatt, Robert, *Rockbottom*

Yasgur, Max

Yardbirds, The, *Five Live Yardbirds*

Yes

Young, Neil

Zappa, Frank, (Mothers of Invention), *Hot Rats*, *Just Another Band From L.A.*, *Billy the Mountain*, *Overnite Sensation*,*One Size Fits All*, *Inca Roads*

tango

política: ditadura, prisão, comunismo, anarquia, monarquia, revolução,

Portugal 1974-75, Paris 1976, Portugal 1976-82

Alegre, Manuel

Alvarado, Juan Velasco

Alves, Vítor

Antich, Salvador Puig

Antunes, Carlos

Antunes, Ernesto Melo

Azevedo, Pinheiro de

Bakunin, Mikhail

Brejnev, Leonid

Bush, George

Bush, George W.

Caetano, Marcelo, marcelismo-salazarismo

Carlucci, Frank(*enstein*)

Carmo, Isabel do

Carneiro, Francisco Sá

Carvalho, Otelo Saraiva de

CDE (Centro Democrático Eleitoral)

censura política

Churchill, Winston

CIA (*Central Intelligence Service*)

Cohn-Bendit, Daniel

Cunhal, Álvaro

De Gaule, Charles, gaulismo

Dops (Departamento de Ordem Política e Social)

Eanes, Manuela

Eanes, general Ramalho

Eisenhower, Dwight

Franco, Francisco

Gandhi, Indira

Gandhi, Mahatma

Geisel, Ernesto

Gomes, Francisco da Costa

Gonçalves, Vasco

Goulart, João

Guevara, Ernesto Che

Hassan II, rei

Hoxa, Even

Johnson, Lyndon

Kadhafi, Muammar al

Kennedy, John

KGB

Kissinger, Henry

Lênin, (Vladimir Ilich Ulianov)

Lourenço, Vasco

Lotta Continua

LUAR

Luxemburgo, Rosa

Machel, Samora

Maia, Salgueiro

Mandel, Ernest

Matos, Arnaldo de

McCarthy, Joseph (Joe)

McGovern, George

Melo, Galvão de

Min, Ho Chi

Mitterrand, François

Mondlane, Eduardo

Neves, Jaime

Negri, Toni

Nixon, Richard (*Tricky Dick)*

Nova Esquerda

Peralta, Eduardo

PIDE (PIDE-DGS)

Pinto, Pedro Feytor

Poniatovski, Michel

prisão política

Proudhon, Pierre-Joseph

Reagan, Ronald

Roberto, Holden

Salazar, António, salazarismo

Selassié, Haile

Soares, Mário

Spínola, António, *Portugal e o Futuro*

Thatcher, Margaret

Thomaz, Américo

Tito, Josip Broz

Trotsky, Leon

Truman, Harry

Tsé-Tung, Mao

Vasto, Lanza Del

Vargas, Getúlio

Waldheim, Kurt

rádio, rádio pirata

Albuquerque, Carlos

Américo, Padre

Andelham House, BBC World Service

BBC

BBC World Service – seção brasileira

BBC World Service - secção portuguesa

Blackburn, Tony

Broadcasting House, BBC

Bush House (BBC World Service)

C*ampus*, programa de Michel Lancelot, Radio Europe 1

Cash, Dave

Cinco Minutos de Jazz, programa de José Duarte, Rádio Renascença

Cruz, Rui Paulo da (RPdaC)

D*espertar às Sete e Meia*, programa, Rádio Renascença

Deutsche Welle

Donahue, Tom

Duarte, José

Emissora Nacional - Lisboa

Emissores Associados de Lisboa

Em Órbita, programa, Rádio Clube Português FM

Enquanto For Bom Dia, programa, Rádio Renascença

Everett, Kenny

Fernandes, Albérico

Furtado, Joaquim

Gomes, Adelino

Gouveia, José Fialho

Jensen, Kid, *the Kid Jensen Show*

King, Jonathan

KMPX-FM

Lessa, Ivan

Limite, programa, Rádio Renascença

Martins, José Nuno

Mota, Cândido

Nunes, João David

Nunes, José Manuel

O' Rahilly, Roman

***P**ágina 1*, programa, Rádio Renascença

Parodiantes de Lisboa, programa, Rádio Clube Português e Emissores Associados de Lisboa

Peel, John

Pereira, Álvaro Gonçalves

Perfumed Garden, programa, Radio London

Pessa, Fernando

Pop 397 Metros, programa, Rádio Universidade

Programa Armando Marques Ferreira, Rádio Renascença

Rádio Albânia

Radio Capital

Radio Caroline

Rádio CBS

Rádio Clube Português (RCP OM e FM)

Radio Geronimo

Radio London

Radio Luxembourg

Radio Montecarlo

Rádio Nacional

Radio Nord See International

Radio 1 (ou *One*), BBC

Rádio Portugal Livre

Rádio Renascença (RR)

Radio 3 (ou *Third Program*), BBC

Rádio Universidade (RU)

Radio Veronica

Repórter Esso, noticiário de rádio e TV, Rio de Janeiro

Rosko, Emperor

***S**implesmente Maria*, rádionovela, Rádio Renascença

***T**empo Zip*, programa, Rádio Renascença

Top Gear, programa, Radio 1, BBC

Vasconcelos, Leite

Videira, José

23ª Hora, programa, Rádio Renascença

Walker, Johnnie

religião e misticismo

agnosticismo

Baghavad-Gita (*Baghavad-Gita – The Song of God*)

Bíblia, *A, Cântico dos Cânticos*, Salomão

budismo zen

Cerejeira, António

Chinmoy, Sri

Cruz, João da

D'Avila, Teresa

espiritismo

Graham, Billy

Hare Krishna

haschaschins

hinduismo

Igreja Nativa Americana

Iogi, Maharishi

Krishnamurti

Livro Tibetano dos Mortos, *O*, *Bardo Thödol*

(*The Psychedelic Experience*, cf. Leary e Metzner)

Paisley, Ian

Papa João Paulo II (*papa polaco / polonês*)

Prabhavananda, Swami

Rajagopal

Rajneesh, Mohan Chandra (Bhagwan Shree)

Rastafarianismo

Rig Veda

Sabbah, Hasan

Smith, Huston

vedas, vedanta, vedantismo

tauromaquia

Baptista, Mestre

Chibanga, Ricardo

Peralta, Angel

Praça de Touros do Campo Pequeno

teatro

Actor's Studio

Arrabal, Francisco, *Cemitério de Automóveis*

Assis, Chico de, *Missa Leiga*

Bonecreiros, Os

Brecht, Bertold, *Galileu, Galilei*

Comuna, (Casa da)

Correa, José Celso Martinez, Comunidade Oficina Samba, *Galileu Galilei*, *O Parto*

Dale, Lennie

Dürrematt, Friedrich

Dzi Croquetes

Escobar, Ruth

Garcia, Victor

Grupo dos 4

Heitor, Fernando

Ionesco, Eugène

Living Theatre, *Paradise Now*

Lucas, Luís

Martins, Luzia Maria

Morgado, Vasco

Osborne, John

Rodrigues, Nelson, *À Sombra das Chuteiras Imortais*, *Dorotéia*

Shakespeare, William, *MacBeth*, *A Tempestade*

Solnado, Raul

Stanislawski, Konstantin

Strindberg, August

Tchekov, Anton

Teatro Adoque

Teatro Estúdio de Lisboa

Teatro Experimental de Cascais

Teatro Nacional D. Maria II, Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro, *As Árvores Morrem de Pé*

Vicente, Zé, *A Última Peça*

Viegas, Mário

Weiss, Peter, *Marat/Sade*

Williams, Tennessee, *Sweet Bird of Youth*

TV

Almeida, António Vitorino

BBC TV

Bongiorno, Mike

***D**ois na Bossa*, programa, TV Record, São Paulo

***E**nsaio Geral*, programa, TV Record, São Paulo

Festival RTP da Canção, RTP

Fonseca, Correia da

*Gabriela***,** telenovela

***H**istórias Simples da Gente Cá do Meu Bairro*, programa, RTP

***J**ovem Guarda*, programa, TV Record, São Paulo

***M**onty Python's Flying Circus*, programa, BBC TV

RAI (Radiotelevisione Italiana)

RTP (Radiotelevisão Portuguesa)

Ready, Steady, Go, programa, BBC TV

Zip-Zip, programa, RTP

playlists

MÚSICAS a banda sonora de

ERA UMA VEZ A REVOLUÇÃO

https://revoluciomnibus.com/Era%20Uma%20Vez%20B%20MUSICAS.htm

Top Ten

entradas

Can't Find My Way Home **-Steve Winwood Blind Faith e Gilberto Gil 4**

Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band **Lennon-McCartney The Beatles 4**

Electric Ladyland **- Jimi Hendrix Experience 4**

With a Little Help From My Friends **The Beatles Joe Cocker**

Gimme Shelter **Jagger-Richards The Rolling Stones**

The Beatles ..... 23 entradas

The Rolling Stones ..... 15 entradas

Jimi Hendrix ..... 11 entradas

Kevin Ayers ..... 11 entradas

Bob Dylan ..... 07 entradas

Ten Years After ..... 07 entradas

Crosby Stills and Nash ..... 06 entradas

Miles Davis ..... 06 entradas

The Byrds ..... 06 entradas

Brian Eno ..... 05 entradas

Por dentro e por fora em Londres

If 6 Was 9		Jimi Hendrix
Let it Bleed	**Jagger-Richards**	**The Rolling Stones**
With a Little Help From My Friends	**Lennon-McCartney**	**Joe Cocker**
Street Fighting Man	**Jagger-Richards**	**The Rolling Stones**
Electric Ladyland		**Jimi Hendrix**
Hello I Love You		**The Doors**
Álbum Branco/White Album		**The Beatles**
Aquele Abraço		**Gilberto Gil**
Can't Find My Way Home	**Steve Winwood**	**Gilberto Gil**
Downtown	**Tony Hatch**	**Petula Clark**
Fog on the Tyne		**Lindisfarne**
Le Methèque		**Georges Moustaki**
Chega de Saudade	**Tom Jobim-Vinícius de Moraes**	**João Gilberto**
Eight Miles High		**The Byrds**
Between the Butto	**Jagger-Richards**	**The Rolling Stones**
Whiter Shade of Pale	**Gary Brooker-Keith Reid**	**Procol Harum**
Ruby Tuesday	**Jagger-Richards**	**The Rolling Stones**
All You Need is Love	**Lennon-McCartney**	**The Beatles**
Good Vibrations		**The Beach Boys**
Twist and Shout	**Lennon-McCartney**	**The Beatles**
I Wanna Hold Your Hand	**Lennon-McCartney**	**The Beatles**
Ponteio	**Edu Lobo-Capinan**	

Baby		Caetano Veloso
O Barquinho	Roberto Menescal-Ronaldo Bôscoli	
Cowboys and Indians		Blood Sweat & Tears
Crosstown Traffic		Jimi Hendrix
All Along The Watchtower	Bob Dylan	Jimi Hendrix
Gimme Shelter	Jagger-Richards	The Rolling Stones
Your Song	Elton John-Bernie Taupin	
Moon *in June*	Robert Wyatt	Soft Machine
In a Silent Way		Miles Davis
Girl On a Swing		Kevin Ayers
The lady Rachel		Kevin Ayers
Hot Rats		Frank Zappa
Trout Mask Replica	Captain Beefheart and The Magic Band	
House of the Rising Sun		The Animals
Revolver		The Beatles
Aftermath		The Rolling Stones
Long Tall Sally		Little Richard
Suicide		Stray
Slarck		Stackridge
America	Paul Simon	Simon & Garfunkel
Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band		The Beatles
Magical Mistery Tour		The Beatles
Two Virgins		John Lennon
Give Peace a Chance	John Lennon and	The Plastic Ono Band
Girl from Ipanema	Tom Jobim-Vinícius de Moraes	Stack Waddy
1917 Revolution		Beau

Nothin' Shakin'		Eddie Fontaine
Zoot Suit		High Numbers
Hey Doll Baby		Everly Brothers
Take Into Your Eyes		Roy Harper
Desdemona		John's Children
Crossroads	Robert Johnson	Cream
Politician	Pete Brown-Jack Bruce	Cream
Sitting On The Top of the World		Cream
After Bathing at Baxter's		Jefferson Airplane
White Rabbit		Jefferson Airplane
Baby, Now That I Found You		The Foundations
Any Old Time You're Lonely And Sad		The Foundations
Dizzy		Tommy Roe
Fire		Crazy World of Arthur Brown
Lilly the Pink		
Requiem		Hector Berlioz
What's New		Tommy Vance
Delta Lady	Leon Russell	Joe Cocker
Deep Purple In Concert		
Jesus Christ Superstar	Andrew Lloyd Webber e Tim Rice	
Five Live Yardbirds		
Cheap Thrills	Big Brother and the Holding Company	
Interstellar Overdrive		Pink Floyd
My People Were Fair and Had Stars In Their Hair, But Now They're Content To Wear Stars On Their Brows		Tyrannosaurus Rex
Prophets, Seers and Sages - The Angels of Ages		Tyrannosaurus Rex

(She Was Born To Be My) Unicorn		Tyrannosaurus Rex
A Beard of Stars		Tyrannosaurus Rex
I'd Rather Go Blind		Chicken Shack
God Bless The Child		Blood Sweat & Tears
Young Girl		Gary Puckett and The Union Gap
In a Gadda Da Vidda		Vanilla Fudge
Guinevere		Crosby, Stills and Nash
Woodenships		Crosby, Stills and Nash
Tommy		The Who
Led Zeppelin II		
Whole Lotta Love		Led Zeppelin
Je T'Aime... Moi Non Plus		Serge Gainsbourg
Good Times, Bad Times		Led Zeppelin
Living Loving Maid		Led Zeppelin
Those Were The Days	Lennon-McCartney	Mary Hopkins
Their Satanic Majesty's Request		The Rolling Stones
Hey Joe		Jimi Hendrix

Terra da Dama Eletroacústica

Barco Negro	*David Mourão Ferreira-Caco Velho-Piratini*	
I Dig Rock and Roll Music		Peter, Paul and Mary
On Hyndford Street		Van Morrison
Lady D'Arbanville		Cat Stevens
Going Back	Carole King	The Byrds

One After 909		The Beatles
Let it Be		The Beatles
Love Like A Man		Ten Years After
It's A Brand New Day		Al Kooper
Woodstock		Joni Mitchell
Ballad of Easy Rider		The Byrds
You Know Who I Am		Leonard Cohen
Lady of the Harbour		Leonard Cohen
Volunteers		Jefferson Airplane
Lay Down		Melanie Safka
Guinevere		Crosby, Stills and Nash
Sail Away		John Denver
Isn't it a pity		George Harrison
The only living boy in New York	Paul Simon	Simon and Garfunkel
Lady of the Island	Graham Nash	Crosby, Stills and Nash
Woodenships		Crosby, Stills and Nash
Love Like a Man		Ten Years After
For My Lady	Steve Katz	Blood, SweatTears
Blood, Sweat & Tears II		
Soldier Blue		Buffy St. Marie
Under My Thumb	Jagger-Richards	The Rolling Stones
Gimme Shelter	Jagger-Richards	The Rolling Stones
Bookends		Simon & Garfunkel

Rumo às ilhas da Utopia

Woodenships **Crosby-Stills** **Crosby, Stills and Nash**

Love Me Two Times **The Doors**

Lucy in the Sky With Diamonds **Lennon-McCartney** **The Beatles**

Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band **The Beatles**

Medo atraso e rock nas berças

Ode aos Beatles **José Cid-Tó Zé Quina** **Quarteto 1111**

Lisboa Antiga

Sympathy for the Devil **Rolling Stones**

Downtown **Petula Clark**

Riders on the Storm **The Doors**

An American Prayer **Jim Morrison**

Love Like a Man **Ten Years After**

Goin' Home **Ten Years After**

Sweet Little Sixteen **Chuck Berry** **Ten Years After**

Rock Around the Clock **Ten Years After**

Good Holly Miss Molly **Little Richard** **Ten Years After**

Roll Over Beethoven **Chuck Berry** **Ten Years After**

Transa **Caetano Veloso**

I'm Alive **Caetano Veloso**

My Boy Lollypop **Millie**

Ob-la-di Ob-la-da **The Beatles**

I Can See Clearly Now **Johnny Nash**

The Harder They Come **Jimmy Cliff**

I Shot the Sheriff **The Wailers**

London, London **Caetano Veloso**

Norwegian Wood	Lennon-McCartney	The Beatles
Horse With No Name		America
Mad Dogs and Englishman		
Jesus, Buddah, Moses, Gauranga		Quintessence
Maggie Mae		Rod Stewart and The Faces
Reason to Believe		Rod Stewart and The Faces
We won't get fooled again		The Who
Who's Next		The Who
You wear it well		Rod Stewart and The Faces
Joy of a Toy		Kevin Ayers
Moon in June	Robert Wyatt	Soft Machine
Third		Soft Machine
It's All Over Now, Baby Blue	Bob Dylan	Them
On Hyndford Street		Van Morrison
Woodenships		Crosby, Stills and Nash
Born to be Wild		Steppenwolf
The Pusher		Steppenwolf
If 6 Was 9		Jimi Hendrix
Ballad of Easy Rider		The Byrds
Deus Lhe Pague		Chico Buarque
Barco Negro		
Lenda de El Rei D. Sebastião		Quarteto 1111
I'm Missing You		Sheiks
Romance de um Dia na Estrada		Sérgio Godinho
Mudam-se os Tempos, Mudam-se as Vontades		José Mário Branco
Bom Conselho		Chico Buarque

Panis et Circenses	Caetano Veloso e Gilberto Gil
New York, New York	Last Poets
Wake up, nigger!	Last Poets
America	Paul Simon Simon and Garfunkel
MC5 Live!	
On s'aimera	Leo Ferré
Just Another Band From L.A.	Frank Zappa
Sometime in New York City	John Lennon
For the Roses	Joni Mitchell
Loudon Wainwright III	
La Chanson du Mal-Aimé	Leo Ferré
It's Delightful	Cole Porter
For Free	Joni Mitchell
Tubular Bells	Mike Oldfield
Songs In the Key of Life	Stevie Wonder
Un Homme, Une Femme	Francis Lai-Pierre Barrouh
Meu Mundo Caiu	Maysa Matarazzo
Laura	David Raskin-Johnny Mercer
This is the way to Amarillo	Christie
Yellow River	Christie
Tie a Yellow Ribbon	Christie
As Time Goes By	
Construção	Chico Buarque
Milho Verde	José Afonso
Milho Verde	Gal Costa
India	Gal Costa

Cantigas de Maio		**José Afonso**
A Montanha		**Roberto Carlos**
Jesus Cristo		**Roberto Carlos**
O Homem de Nazaré		**Antônio Marcos**
Cabaré	**João Bosco-Aldir Blanc**	**Elis**
Fascinación		
Trampolim **Caetano Veloso**		**Maria Bethânia**
Rosa dos Ventos		**Maria Bethânia**
E depois do adeus	**José Niza-José Calvário**	**Paulo de Carvalho**
Tu me acostumbraste		**Caetano Veloso**
Os Vampiros		**José Afonso**
Milho Verde		**José Afonso**
Gare d'Austerlitz		**José Mário Branco**
Grândola Vila Morena		**José Afonso**

Era uma vez a revolução

Grândola Vila Morena		José Afonso
Maré Alta		Sérgio Godinho
Álbum Branco		The Beatles
Marcha do Avante!		
W***alk on the Wild Side***		**Lou Reed**
I See You		**The Byrds**
Get To You		**The Byrds**
Mourrir pour des idées		**Georges Brassens**
The Rise and Fall of Ziggy Stardust		**David Bowie**

Vejam bem		José Afonso
Stormy Weather		Etta James
Tanto Mar		Chico Buarque
Mentiras	João Donato-Lysias Ênio	Nana Caymmi
Billy the Mountain	Frank Zappa	The Mothers of Invention
Voodoo Chile		Jimi Hendrix
For The Roses		Joni Mitchell
Stormy Weather		The Platters
The Best Of Chuck Berry		
Sticky Fingers		The Rolling Stones
Electric Ladyland		Jimi Hendrix
Bananamour		Kevin Ayers
A Coisa Mais Linda	Gilberto Gil-Torquato Neto	Gal Costa
4		Soft Machine
Amon Düul		
Can		
Magma		
Taking Tiger Mountain (By Strategy)		Brian Eno
Here Come The Warm Jets		Brian Eno
161 Ocean Boulevard		Eric Clapton
Legalize It		Peter Tosh
Borboleta		Santana
Sally Can't Dance		Lou Reed
Velvet Underground		
The Lamb Lies Down On Broadway		Genesis
Crime of the Century		Supertramp

Blonde on Blonde Bob Dylan

Dinner For One Please, James Nat King Cole

Chove Lá Fora Tito Madi Agostinho dos Santos

Some of them are old Brian Eno

Marcha do Avante!

Fado do Operário Leal Fernando Tordo e Ary dos Santos

A Cantiga é uma arma Grupo de Acção Cultural

In a Silent Way Miles Davis

Bitches Brew Miles Davis

Headhunters Mwandishi Herbie Hancock

Live-Evi Miles Davis

Inner Mounting Flame Mahavishnu Orchestra

Rope the Ladder to the Moon Jon Hiseman's Colosseum

Crosstown Traffic Jimi Hendrix

Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band The Beatles

Magical Mistery Tour The Beatles

My Old Flame Charlie Parker Miles Davis

Some of them are old Brian Eno

Baby's on Fire Brian Eno

Sympathy for the Devil The Rolling Stones

Crisis?... What Crisis? Supertramp

Songs In The Key Of Life Stevie Wonder

Illuminations Devadip Carlos Santana

Shakti Mahavishnu John McLaughlin

Droga, Loucura e Vagabundagem

Time Waits For No One	The Rolling Stones
It's Only Rock And Roll	The Rolling Stones
Crisis?... What Crisis?	Supertramp
Venus and Mars	Paul McCartney e Wings
In a Gadda-da-Vidda	Iron Butterfly
Overnite Sensation	Frank Zappa
In a Silent Way	Miles Davis
Rope the ladder to the moon	Jon Hiseman's Colosseum
Diamond Dogs	David Bowie
A Hard Rain's A-Gonna Fall	Bryan Ferry
Propaganda	Sparks
Born to Run	Bruce Springsteen
Os Alquimistas Estão Chegando	Jorge Ben
One Size Fits All	Frank Zappa
Inca Roads	Frank Zappa
Eram os Deuses Astronautas	Jorge Ben
(Come Up to See Me) Make Me Smile	Steve Harley and the Cockney Rebels
Paris 1919	John Cale
May I	Kevin Ayers
Rockbottom	Robert Wyatt
4	Soft Machine
Dark Horse	George Harrison
Bota-fora	Júlio Pereira
Joy of a Toy	Kevin Ayers
Shooting at the Moon	Kevin Ayers
Whatevershebringswesing	Kevin Ayers
S.F. Sorrow	Pretty Things

Natty Dread		Bob Marley and The Wailers
No Woman No Cry		Bob Marley and The Wailers
I Shot The Sheriff		Bob Marley and The Wailers
Desire		Bob Dylan
Mozambique		Bob Dylan
A Cantiga É Uma Arma		Grupo de Acção Cultural
Saturday Night Fever		Bee Gees
La Cumparsita		
Hasta Siempre		Carlos Puebla y Sus Tradicionales
Selfportrait		Bob Dylan
Blue moon	Rodgers-Hart	Bob Dylan
All the tired horses in the sun		Bob Dylan
Native Dancer		Wayne Shorter
Tarde	Milton Nascimento-Fernand Brant	Milton Nascimento
Minas		Milton Nascimento
Strange Days		The Doors
Riders on the Storm		The Doors
Ó patria mia non ti vedrò mai più...(Aida)		Giuseppe Verdi
The Gift		Velvet Underground
Heroin		Velvet Underground
Waiting for the Man		Velvet Underground
Sunday Morning		Velvet Underground
May I		Kevin Ayers
Paris 1919		John Cale
Frontera		Phil Manzanera
Pin Ups		David Bowie
Young Americans		David Bowie
Stairway to Heaven		Led Zeppelin
Moon in June		Soft Machine
Gabriela	Dorival Caymmi	Gal Costa

Tema de Atlântida **Fanfarra da Porra Louca**

And When I Die Laura Nyro **Blood Sweat & Tears**

Era uma vez as revoluções

Talking Old Soldiers Elton John-Bernie Taupin Elton John

Gimme Shelter Jagger-Richards The Rolling Stones

When I'm 64 Lennon-McCartney The Beatles

ERA UMA VEZ A REVOLUÇÃO

fotos capa: James Anhanguera, La Victoria, Santiago, Chile, 1993

James Anhanguera

www.revoluciomnibus.com

@jamesanhanguera

@revoluciomnibus

@revoluciomnibus

som A bra&aguafresca

2002-2026